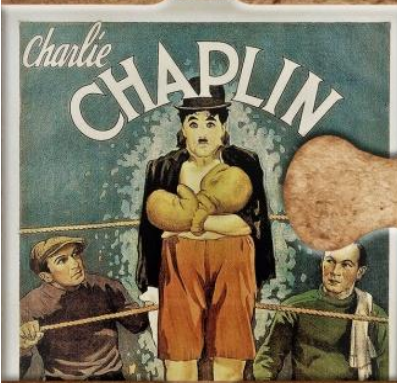
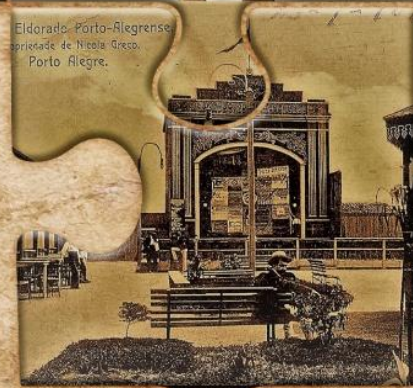


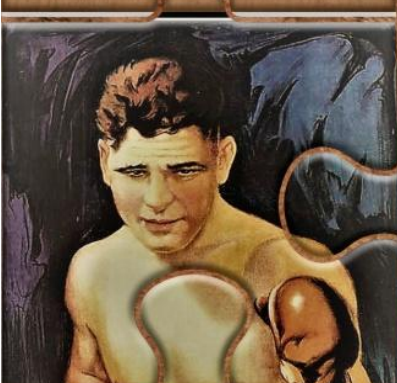
**DENTRO E FORA DOS RINGUES**

**O PROCESSO DE CONSTITUIÇÃO DO BOXE MODERNO E SUA DIFUSÃO E RECEPÇÃO NA AMÉRICA LATINA (SÉCULOS XVIII-XX)**

**JÔNATAS MARQUES CARATTI**

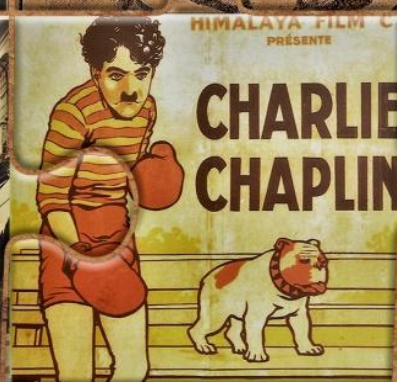
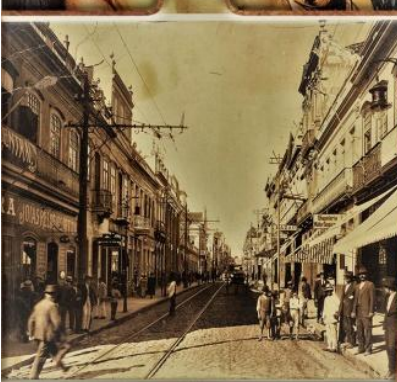


**Match de box**  
 PARIS, 25 — Realizou-se, hon-tem, nesta capital, um *match* de box entre os profissionais Marcel Thomas e Badoud.  
 O combate devia terminar ao 15º round, mas Thomas abandonou a luta á/...rise, por não poder aguen... o golpes formidáveis do adversário.



**Notas sportivas**

**Luta romana e box**  
 Um grupo de "sportsmen" enviou ao campeão arabe Leão Beduino Abdul Ass, actualmente em Buenos Aires, uma carta, convidando-o a vir a esta capital, jogar varios "matches" de box e luta romana com o campeão belga Joseph Beerens.  
 As condições dos torneios serão as usadas em todos os campeonatos.



JOHN L. SULLIVAN & GINNETTI Cigarettes

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA**

**JÔNATAS MARQUES CARATTI**

**DENTRO E FORA DOS RINGUES**

O processo de constituição do boxe moderno e sua difusão e recepção na  
América Latina (Séculos XVIII – XX)

PORTO ALEGRE  
2017

JÔNATAS MARQUES CARATTI

**DENTRO E FORA DOS RINGUES**

O processo de constituição do boxe moderno e sua difusão e recepção na América Latina (Séculos XVIII – XX)

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito para obtenção do título de Doutor em História.

**Orientador:** Dr. César Augusto Barcellos Guazzelli

**Linha de pesquisa:** Relações de dominação e resistência

PORTO ALEGRE  
2017

### CIP - Catalogação na Publicação

Caratti, Jônatas Marques

Dentro e Fora dos Ringues: o processo de constituição do boxe moderno e sua difusão e recepção na América Latina (Séculos XVIII-XX) / Jônatas Marques Caratti. -- 2017.

551 f.

Orientador: César Augusto Barcellos Guazzelli.

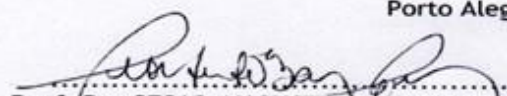
Tese (Doutorado) -- Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em História, Porto Alegre, BR-RS, 2017.

1. Boxe. 2. Pugilismo. 3. História. 4. Modernidade. 5. Espetacularização. I. Guazzelli, César Augusto Barcellos, orient. II. Título.

## ATA DE DEFESA Nº 12/2017 – DOUTORADO

Em 14 de zembreiro de 2017, reuniu-se a Banca Examinadora para, em sessão pública, avaliar a Tese de Doutorado intitulada “DENTRO E FORA DOS RINGUES: O PROCESSO DE ESPORTIVIZAÇÃO DO BOXE MODERNO E SUA DIFUSÃO E RECEPÇÃO NA AMÉRICA LATINA: UM ESTUDO COMPARATIVO (SÉCULOS XVIII-XX)” de JÔNATAS MARQUES CARATTI, realizada sob a orientação do(a) CESAR AUGUSTO BARCELLOS GUAZZELLI. Após a arguição do(a) aluno(a) para a obtenção do título de DOUTOR(A) EM HISTÓRIA, os examinadores reuniram-se e APROVARAM a Tese, atribuindo-lhe os seguintes conceitos: GILMAR MASCARENHAS DE JESUS, conceito ..A...; JANICE ZARPELLON MAZO, conceito..A...; ARLEI SANDER DAMO, conceito..A...; CLAUDIA MAUCH, conceito..A...; E por ser verdade, eu, Prof.<sup>(a)</sup> Dr.<sup>(a)</sup> CESAR AUGUSTO BARCELLOS GUAZZELLI, Presidente dos trabalhos da Banca Examinadora, lavrei a presente ata que vai assinada por mim e pelos demais membros da Comissão.

Porto Alegre, 14 de zembreiro de 2017.



.....  
Prof. Dr. CESAR AUGUSTO BARCELLOS GUAZZELLI  
Orientador (a), Presidente da Banca Examinadora  
PPG - História/UFRGS



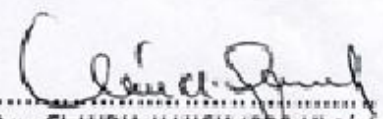
.....  
Dr. GILMAR MASCARENHAS DE JESUS



.....  
Profa. Dr. JANICE ZARPELLON MAZO (PPG)



.....  
Prof. Dr. ARLEI SANDER DAMO (PPG  
Antropologia - UFRGS)



.....  
Profa. Dra. CLAUDIA MAUCH (PRG História -  
UFRGS)

A banca recomenda a publicação da tese. *Janice*

*Reconhece o Senhor em todos os teus caminhos, e Ele endireitará as tuas veredas.  
Provérbios 3:6*

*Dedico este trabalho a minha esposa Marina  
e ao meu filho João Batista.*

## AGRADECIMENTOS!

Fazer uma tese pode levar quase uma vida. Por isso, nos últimos anos muitas coisas ocorreram de forma concomitante à pesquisa, análise e escrita deste trabalho. Sem dúvida o maior acontecimento foi conhecer a minha esposa: Marina. Namoramos, noivamos, casamos, nos mudamos duas vezes e até tivemos um filho. E durante todo este percurso, a fatídica pergunta se mantinha: quando vais entregar a tese? Fico feliz que hoje já tenho a resposta. Entreguei a tese. Logo haverá a banca. E depois espero que possamos, enfim, desfrutar de uma vida mansa e tranquila. Meu primeiro agradecimento vai para minha esposa Marina e meu filho João Batista. Obrigado pelo apoio, paciência e amor incondicional.

Agradeço também ao meu orientador, Prof. Dr. César Augusto Barcellos Guazzelli, ou apenas “Guazza”, por topar orientar este trabalho *ad eternum*. Lembro muito bem do dia em que aceitei entrar na peleja: estávamos no Rio de Janeiro para um evento na UNIRIO e caminhávamos do Aterro do Flamengo à Urca. Neste trajeto, tivemos um longo bate-papo sobre esporte, futebol e boxe. Obrigado pela paciência, incentivo e humanidade que sempre me trataste. Aproveito para dizer obrigado a todo corpo docente do Programa de Pós-Graduação em História da UFRGS. Em especial àquelas que mantive mais contato: Sílvia Regina Ferraz Petersen, Benito Bisso Schmidt, Carla Brandalise, Helen Osório, Fábio Kühn, Enrique Padrós e José Rivair Macedo.

Desde 2013 tenho atuado como professor do curso de Licenciatura em História, na Universidade Federal do Pampa, em Jaguarão/RS. De lá para cá, o grupo foi só aumentando e hoje somos praticamente um time de futebol – de campo. Um salve a todos: Rafael da Costa Campos, Ginter Tlajja Leipnitz, Caiuá Cardoso Al-Alam, Edison Bisso Cruxen, Letícia de Faria Ferreira, Cássia Daiane Macedo Silveira, Renata Dal Sasso Freitas, Vinícius Teixeira Pinto e Giane Vargas Escobar. Lembro também da arqueóloga Sara Teixeira Munaretto e da técnica em Educação, Cristiane Ricordi. As professoras e amigas Giane Santos e Geice Peres, do curso de Letras, contribuíram na tradução do espanhol-português.

Sou muito grato pelos jurados do *match*, a banca composta pelos professores Gilmar Mascarenhas, Arlei Damo, Janice Mazo e Cláudia Mauch, por concordarem em

participar desta banca de doutorado. Desculpo-me, de antemão, pelo extenso trabalho que apresento, fruto de minhas inquietações dos últimos cinco anos. Às professoras Janice Mazo e Cláudia Mauch, agradeço também pelos preciosos comentários compartilhados na qualificação. E à Janice, em especial, sou grato por me aceitar como aluno especial em sua disciplina sobre História do Esporte nos idos de 2012.

Este trabalho não poderia ser feito, sem a contribuição do senhor Vinícius Guariglia, presidente da Federação Rio-Grandense de Pugilismo. Foi no Acervo da FRGP que localizei as primeiras fontes primárias sobre o boxe em Porto Alegre. A simplicidade e franqueza do Seu Vinícius me permitiram adentrar no mundo do boxe, e compreender os meandros de um campo que até o momento desconhecia. Sua gentileza em passar contatos de boxeadores veteranos, além de emprestar liberalmente livros de sua própria biblioteca marcou profundamente este trabalho. Aos meus mestres da Nobre-Arte, José de Lima e Júlio Gonçalves, obrigado pela incursão no boxe amador. Lembro também de Henrique Licht e do Sr. Purper que abriram suas casas e compartilharam suas preciosas memórias sobre o pugilismo.

Algumas pessoas estiveram nos bastidores e colaboraram decisivamente para a finalização deste trabalho. A equipe da tradução: Gabriela Caldas Steintraesser, Letícia Gadens, Fernanda Milczarek e Cintia Alves. Ao amigo e irmão Anderson Trassi, por confeccionar a capa. À Ailime Davis pela formatação e editoração desta tese, mas também pela lealdade, disposição e por não medir esforços em fazer o melhor. Ao Ramon Correia Ferreira, do arquivo de jornais do Correio do Povo, reconheço tua ajuda e amizade. À Rosani Feron, do Arquivo Histórico Moisés Velinho e ao Francisco Carvalho Júnior, do Núcleo de Pesquisa em História da UFRGS, por facilitarem minha pesquisa.

Finalizo agradecendo a Deus, na pessoa de Jesus Cristo, meu Senhor e Salvador. Sei que não é comum entre os historiadores possuir fé no espiritual e no invisível. Mas eu só posso ter fé ao ver tantos milagres ao meu redor. Sinto-me privilegiado em poder chegar ao doutorado, mesmo depois de tantas adversidades na Educação Básica. Reconheço, também, a perseverança dos meus pais, Jorge e Marlene, e a amizade da minha irmã, Angela Thais. Gratidão é a palavra-chave deste texto.

**Jônatas Marques Caratti, dezembro de 2017.**





A parte mais apaixonante do trabalho do historiador consiste em levar as coisas silenciosas a se tornarem expressivas.

*Lucien Febvre, em Combates pela História*

*Fundo: Antiga sede da Federação Rio-Grandense de Pugilismo (FRGP), em Porto Alegre/RS*

## RESUMO

Esta tese tem como objetivo investigar o processo de constituição do boxe moderno na Inglaterra e nos Estados Unidos (séculos XVIII-XX) e perceber sua recepção e reelaboração na América Latina (século XX). Interessa-nos compreender qual modelo de boxe chegou a países como Cuba, Chile, Argentina, Uruguai e Brasil, e como estes resignificaram uma prática estrangeira não apenas “importando”, mas reelaborando a partir de sua própria cultura de lutas. Este trabalho assenta-se numa História Social da Cultura, buscando compreender os complexos significados das lutas, dando relevo aos processos e ao protagonismo dos sujeitos históricos. Selecionamos como *locus* de análise as seguintes capitais: Havana, Santiago, Buenos Aires, Montevideu, Rio de Janeiro, São Paulo e Porto Alegre. Consideramos que suas experiências com a modernidade foram híbridas, sendo constituída por elementos europeus mesclados a cultura latino-americana. Trabalhamos com a hipótese de que após *A Luta do Século*, entre James Jeffries e Jack Johnson, em 1910, o pugilismo norte-americano passou por uma forte recessão, devido o título de campeão mundial dos pesos pesados manter-se nas mãos do afro-americano Jack Johnson. Neste ínterim, empresários e promotores de lutas deixaram a América do Norte e passaram a investir no boxe na América Latina. Foi neste contexto que Cuba, Chile, Argentina, Uruguai e Brasil passaram a praticar o pugilismo de forma mais sistemática. Contudo, a forma como o boxe chegou a estes países obedecia à lógica do mercado de entretenimento: o boxe espetáculo. As fontes pesquisadas foram, em grande parte, da imprensa escrita. Utilizamos os jornais *Correio da Manhã* (RJ), *A Época* (RJ), *O Imparcial* (RJ), *Correio Paulistano* (SP), *A Gazeta* (SP), *A Federação* (RS) e *Correio do Povo* (RS), *Almanaque Esportivo do Rio Grande do Sul* (RS) e *Revista do Globo* (RS). Esta tese está dividida em duas partes: a primeira utiliza bibliografia nacional e estrangeira, com o fim de mapear o processo de constituição do boxe na Inglaterra e nos Estados Unidos. Os temas mais recorrentes foram: regulamentos, virilidade/força, repressão, ilegalidade, classe, nação, raça, etnia, gênero, amadorismo x profissionalismo e violência. Com isso, pudemos construir a segunda parte dessa tese, percebendo como estes elementos foram apreendidos na América Latina/Brasil a partir de fontes primárias da imprensa carioca, paulista e porto-alegrense. Defendemos a tese de que para compreender o processo de constituição do boxe moderno é preciso entendê-lo a partir de três dimensões: as lutas tradicionais (resoluções de conflitos e acertos de contas), os *sparring-match* (com fins ginásticos, praticado pela aristocracia inglesa, com uso de luvas) e as *prize-fighting/bare-knuckle* (com mãos nuas, com apostas e repressão da polícia). Somente a partir da conjugação e inter-relação entre elas, é possível compreender a formação do boxe amador e profissional. No Brasil o boxe teve dificuldade de se desenvolver, principalmente porque a vertente profissional teve maior espaço e investimento. As comissões e federações aparecem tardiamente no Brasil (no Rio Grande do Sul, apenas em 1944), o que comprometeu o pugilismo esportivo amador, e passou uma visão violenta e bárbara do boxe que se mantém até os dias atuais.

**Palavras-chave:** História; Pugilismo; Modernidade; Espetacularização; Reelaboração.

## RESUMEN

Esta tesis tiene por objetivo investigar el proceso de deportivización del boxeo moderno en Inglaterra y en Estados Unidos (siglos XVIII-XX) y percibir su recepción y reelaboración en América Latina (siglos XX). Nos interesa comprender cuál modelo de boxeo llegó a países como Cuba, Chile, Argentina, Uruguay y Brasil, y cómo estos resinificaron una práctica extranjera no apenas “importando”, pero reelaborando a partir de su propia cultura de luchas. Este trabajo se asienta en una Historia Social da Cultura, buscando comprender los complejos significados de las luchas, dando relieve a los procesos y al protagonismo de los sujetos históricos. Seleccionamos como *locus* de análisis las siguientes capitales: Habana, Santiago, Buenos Aires, Montevideo, Rio de Janeiro, São Paulo y Porto Alegre. Consideramos que sus experiencias con la modernidad fueron híbridas, siendo constituidas por elementos europeos mezclados a la cultura latino-americana. Trabajamos con la hipótesis de que tras *A Luta do Século*, entre James Jeffries y Jack Johnson, en 1910, el pugilato norte-americano pasó por un fuerte receso, debido al título de campeón mundial de los pesos pesados mantenerse en las manos del afroamericano Jack Johnson. En este ínterin, empresarios y promotores de luchas dejaron América del Norte y pasaron a invertir en el boxeo en América Latina. Fue en este contexto que Cuba, Chile, Argentina, Uruguay y Brasil pasaron a practicar el pugilato de modo más sistemático. Mientras tanto, la forma como el boxeo llegó a estos países obedecía a la lógica del mercado de entretenimiento: el boxeo espectáculo. Las fuentes pesquisadas fueron, en grande parte, de la imprenta escrita. Utilizamos los periódicos *Correio da Manhã* (RJ), *A Época* (RJ), *O Imparcial* (RJ), *Correio Paulistano* (SP), *A Gazeta* (SP), *A Federação* (RS) y *Correio do Povo* (RS), *Almanaque Esportivo do Rio Grande do Sul* (RS) y *Revista do Globo* (RS). Esta tesis está dividida en dos partes: la primera utiliza bibliografía nacional y extranjera, con el fin de mapear el proceso de deportivización del boxeo en Inglaterra y en Estados Unidos. Los temas más recurrentes fueron: reglamentos, virilidad/fuerza, represión, ilegalidad, clase, nación, raza, etnia, género, amadorismo x profesionalismo y violencia. Con eso, pudimos construir la segunda parte de esa tesis, percibiendo cómo estos elementos fueron aprehendidos en América Latina/Brasil a partir de fuentes primarias de la imprenta carioca, paulista y porto-alegrense. Defendemos la tesis de que para comprender el proceso de deportivización del boxeo moderno es necesario entenderlo a partir de tres dimensiones: las luchas tradicionales (resolución de conflictos y aciertos de cuentas), los *sparrring-match* (con fines gimnásticos, practicado por la aristocracia inglesa, con uso de guantes) y las *prize-fighting/bare-knuckle* (con manos nudas, con apuestas y represión de la policía). Solamente a partir de la conjugación e inter-relación entre ellas, es posible comprender la formación del boxeo amateur y profesional. En Brasil el boxeo tuvo dificultades en desarrollarse, principalmente porque la vertiente profesional tuvo mayor espacio e inversión. Las comisiones y federaciones aparecen tardíamente en Brasil (en Rio Grande del Sur, solamente en 1944), lo que comprometió el pugilato deportivo amateur, y pasó una visión violenta y bárbara del boxeo que se mantuvo hasta los días actuales.

**Palabras-clave:** Historia; Pugilismo; Modernidad; Espectacularización; Reelaboración.

## ABSTRACT

This work aims to investigate the sportifying process of modern boxing in England and in the United States (18th-20th centuries) and to understand its reception and re-elaboration in Latin America (20th century). It is in our interest to understand which boxing model arrived to countries such as Cuba, Chile, Argentina, Uruguay and Brazil and how these countries gave a new meaning to a foreign practice by not only “importing” it, but by redesigning it from their own fighting culture. This work is based on a Social History of Culture, seeking to understand the complex meanings of the struggles, highlighting the processes and protagonism of the historical subjects. The following capital cities were selected as the locus of analysis: Havana, Santiago, Buenos Aires, Montevideo, Rio de Janeiro, São Paulo and Porto Alegre. We consider that they had a hybrid experience with modernity, which was built based on European elements mixed with Latin America culture. We work with the hypothesis that the North American pugilism struggled with a severe recession after The Fight of the Century, between James Jeffries and Jack Johnson in 1910, once the title of heavyweight world champion had been kept in the Jack Johnson’s Afro-American hands. In the meantime, businessmen and fight promoters have left North America and have started investing in Latin America boxing. Under these circumstances, Cuba, Chile, Argentina, Uruguay and Brazil have begun to practice pugilism in a more systematically matter. Notwithstanding, boxing arrival in these countries followed the entertainment market logic: the boxing show. The written press was one of the main research sources. The following newspapers were consulted: *Correio da Manhã* (RJ), *A Época* (RJ), *O Imparcial* (RJ), *Correio Paulistano* (SP), *A Gazeta* (SP), *A Federação* (RS) e *Correio do Povo* (RS), *Almanaque Esportivo do Rio Grande do Sul* (RS) and *Revista do Globo* (RS). This work is divided in two parts. The first one uses national and foreign bibliography, in order to map the boxing sportifying process in England and the United States. The most recurrent themes were: regulations, virility/strength, repression, illegality, class, nation, race, ethnicity, gender, amateurism x professionalism and violence. Therefore, it was possible to develop the second part of this thesis and to understand the assimilation of these elements in Latin America/ Brazil from primary sources of Rio de Janeiro, São Paulo and Porto Alegre press. We argue that the comprehension of modern boxing sportifying is possible by understanding it from three dimensions: traditional fighting (conflict resolution and settling of scores), sparring-matches (practiced by English aristocracy with gymnastic purposes, wearing gloves) and prize-fighting / bare-knuckle (fighting with bare hands, betting and police repression). Only the combination and interrelationship of them allow the understanding of amateur and professional boxing development. In Brazil, boxing struggled to develop, mainly due the higher space and investing towards the professional side. Commissions and federations emerged late in Brazil (For instance, only in 1944 in Rio Grande do Sul), which harmed the amateur boxing and gave boxing a violent and barbaric impression that lasts until today.

**Key Words:** History; Boxing; Modernity; Spectacularization; Re-elaboration.

## **LISTA DE ABREVIATURAS**

**AHPAMV** – Arquivo Histórico de Porto Alegre Moisés Velhinho.

**AJPCP** – Arquivo de Jornais e Pesquisa do Correio do Povo.

**ALJ** – Memorial da Associação Leopoldina Juvenil.

**BIBESEF** – Biblioteca Edgar Sperb da Escola de Educação Física.

**MCSHJC** – Museu de Comunicação Social Hipólito José da Costa.

**NPH** - Núcleo de Pesquisa Histórica da UFRGS.

**FRGP** – Federação Rio-Grandense de Pugilismo.

**Y.M.C.A** – Youn Men’s Christian Association.

**PRR** – Partido Republicano Rio-Grandense.

**SP** – São Paulo.

**RJ** – Rio de Janeiro.

**RS** – Rio Grande do Sul.

**\$** -Mil réis.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Anexo 1 – <i>Prizefighting</i> .....	484
Figura 2 - Anexo 2 - <i>Sparring match</i> .....	485
Figura 3 - Anexo 3 – Feira de <i>Soutwark</i> .....	486
Figura 4 - Anexo 4 – Arena de <i>Figg</i> .....	487
Figura 5 - Anexo 9 - Mapa atual da Inglaterra .....	502
Figura 6 - Anexo 10 – Mapa da Inglaterra 1800 .....	503
Figura 7 – Anexo 11 - Mapa da Inglaterra - Colorido.....	504
Figura 8 - Anexo 13 - Processo de esportivização do boxe moderno, Inglaterra/Estados Unidos (Séculos XVIII, XIX e XX). .....	506
Figura 9 - Anexo 14 – Mãos de um Lutador de <i>Eye-Gouging</i> .....	507
Figura 10 - Anexo 15 – <i>Rough-and-Tumble</i> No Sul dos Estados Unidos (Início do Século XIX).....	508
Figura 11 - Anexo 16 – Mapa das Lutas entre 1820 – 1860 (Destaque para os Estados do Norte).....	509
Figura 12 - Anexo 17 - Capa do Livro <i>Fistiana</i> (1849).....	510
Figura 13 – Anexo 19 – Cartaz de divulgação da luta entre POOLE x MORRISSEY (1854).....	512
Figura 14 - Anexo 20 – Mapeamento de Lutas de <i>Bare-Knuckle</i> nos Estados Unidos (1824-1892) .....	513
Figura 15 - Anexo 21 – Luta entre John Heenan x Jhon Morrisson / <i>Long Point</i> , Canadá (1858).....	514
Figura 16 - Anexo 22 – Mapa dos Estados Unidos com destaque para <i>bare-knucle</i> entre 1860-1890.....	515
Figura 17 - Anexo 23 - John Sullivan em dois momentos (1882).....	516
Figura 18 - Anexo 23 - John Sullivan em dois momentos (1887).....	516
Figura 19 - Anexo 24 – James Corbett em dois momentos (1893) .....	517
Figura 20 - Anexo 24 – James Corbett em dois momentos (1894) .....	517
Figura 21 – Anexo 25 - Mapa dos Estados Unidos com Destaque para as Lutas de Boxe 1892 - 1926.....	518
Figura 22 – Anexo 27 – Jack Johnson (1900) .....	520
Figura 23 - Anexo 27 - Jack Johnson (1909).....	520
Figura 24 - Anexo 28 – Jack Dempsey (1921).....	521
Figura 25 - Anexo 28 – Jack Dempsey (1925).....	521
Figura 26 – Anexo 29 - Mapa da América Latina .....	522
Figura 27 - Anexo 30 – Boxeador Chileno Heriberto Rojas .....	523
Figura 28 - Anexo 31 - Periódico Chileno “El Ring” (19170 .....	524
Figura 29 - Anexo 32- Boxeador Argentino Luís Ángel Firpo .....	525
Figura 30 - Anexo 33 – Boxeador Uruguaio Ángel Daniel Rodriguez .....	526
Figura 31 - Anexo 34 – José Floriano Peixoto, Campão de Boxe e Luta Romana .....	527
Figura 32 - Anexo 35 – Jack Murray x Bill Jackson .....	528

Figura 33 - Anexo 36 – Jack Murray x Armstrong .....	529
Figura 34 - Anexo 35 - Spalla .....	530
Figura 35 - Anexo 37 - Benedicto .....	530
Figura 36 - Anexo 39 - Rua dos Andradas .....	532
Figura 37 - Anexo 40 - Mapeamento de cinemas, teatros e clubes que divulgavam o boxe. ....	533
Figura 38 - Anexo 41 - Cine-Teatro Coliseu .....	534
Figura 39 - Anexo 42 - Cine-Teatro Eldorado .....	535
Figura 40 - Anexo 43 - Jardim Zoológico .....	536
Figura 41 - Anexo 44 - Armínio Purper .....	537
Figura 42 - Anexo 45 - Fachada da antiga sede da Sociedade Leopoldina. ....	538
Figura 43 - Anexo 46 - Medalha do campeonato de Boxe de 1926 .....	539
Figura 44 - Anexo 46 - Medalha do campeonato de Boxe de 1926 [2] .....	539

## SUMÁRIO

<b>AGRADECIMENTOS</b> .....	7
<b>RESUMO</b> .....	10
<b>RESUMEN</b> .....	11
<b>ABSTRACT</b> .....	12
<b>LISTA DE ABREVIATURAS</b> .....	13
<b>LISTA DE FIGURAS</b> .....	14

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	18
I - Delimitação do objeto .....	20
II - Revisão Bibliográfica ou o estado da arte.....	24
III - Quadro teórico: reflexões conceituais .....	45
IV - Fontes e Metodologia .....	59
V - Composição dos capítulos .....	65

### **PARTE I - O PROCESSO DE CONSTITUIÇÃO DO BOXE MODERNO (INGLATERRA E ESTADOS UNIDOS, SÉCULOS XVIII-XX)**

<b>CAPÍTULO I - O PROCESSO DE CONSTITUIÇÃO DO BOXE MODERNO ...</b>	67
1.1 – Pugilato Antigo, <i>Prize-fighting</i> , <i>Sparring-Mach</i> e o Boxe Moderno: características conceituais e suas particularidades.....	71
1.2 - Ao redor dos ringues: o processo de constituição do boxe inglês no contexto histórico das eras georgiana e vitoriana (Inglaterra, 1714-1901) .....	81
1.3 - As <i>Prize-fights</i> e os <i>Sparring-Match</i> na Era Georgiana: tensionamentos entre as práticas de lutas a prêmio e o boxe de treinamento (1714-1830) .....	98
1.4 - O declínio das <i>prize-fights</i> na Era Vitoriana: a repressão das lutas premiadas e sua transformação em boxe amador (1837-1901).....	134
 <b>CAPÍTULO II - EXPERIÊNCIAS PUGILÍSTICAS NOS ESTADOS UNIDOS</b>	162
2.1 – Entre os ajustes de contas, a defesa da honra e as lutas premiadas americanas: <i>Rough-and-Tumble</i> e <i>Bare-Knuckle Prize-Fighting</i> (Séculos XVIII até meados do XIX) .....	165



2.2 – Entre John Heenan e John Sullivan: o pugilismo na Guerra Civil Americana e o último combate de <i>bare-knuckle</i> (1860-1889).....	201
2.3 As Lutas do Século: Jack Johnson, Jack Dempsey e os discursos de raça e nacionalidade no boxe profissional norte-americano (1892-1926) .....	231

**PARTE II - A DIFUSÃO E RECEPÇÃO DO PUGILISMO NA AMÉRICA LATINA: CUBA, CHILE, ARGENTINA, URUGUAI E BRASIL (SÉCULOS XIX & XX)**

**CAPÍTULO III - A DIFUSÃO DO PUGILISMO E SUA RECEPÇÃO NA AMÉRICA LATINA:.....** 268

3.1 – Do processo de esportivização inglês a difusão das práticas esportivas no Brasil. ....	273
3.2 – Experiências pugilísticas na América Latina - Cuba, Chile, Argentina e Uruguai (fins do século XIX e início do XX).....	287
3.3 – “As contendidas entre cariocas e paulistas fazem sempre grande barulho”: A constituição do pugilismo amador e profissional no Rio de Janeiro e São Paulo (Primeiras décadas do Século XX). ....	348

**CAPÍTULO IV - ESPETÁCULOS E DESAFIOS PUGILÍSTICOS: OS PRIMÓRDIOS DO BOXE NO SUL DO BRASIL.....** 407

4.1 - Uma cidade em transformação: o processo de modernização e a prática esportiva em Porto Alegre (Séculos XIX e XX). ....	412
4.2 - Do picadeiro às salas de cinema: influência e contribuição dos filmes e das <i>tournée</i> dos circos para os primórdios do boxe em Porto Alegre .....	426
4.3 – Entre profissionais e amadores: do boxe espetáculo aos primeiros clubes de pugilismo em Porto Alegre/RS (1912-1926).....	447

**CONSIDERAÇÕES FINAIS.....** 458

**REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....** 463

**GLOSSÁRIO .....** 481

**ANEXOS.....** 483

**APÊNDICES .....** 540

## INTRODUÇÃO

Cada combate de boxe é uma história – um drama único e extremamente condensado, sem palavras. Mesmo quando nada de sensacional acontece; nesse caso, o drama é “meramente” psicológico. **Joyce Carol Oates. O Boxe.**

A história aprende-se como a marcenaria: por um aprendizado na oficina. Ao fazer história é que alguém se torna historiador. **Antoine Prost. Doze lições sobre a história.**

Há alguns meses atrás, mais especificamente no dia vinte e sete de agosto de dois mil e dezessete, ocorreu uma das lutas mais esperadas dos últimos anos: Floyd Mayweather, um dos maiores pugilistas de todos os tempos, contra Mc Gregor, maior nome do MMA mundial da atualidade. A peleja ficou conhecida como *The Money Fight*, devido os altos valores envolvidos. Só em bilheteria foram arrecadados 55 milhões de dólares. As bolsas também foram extremamente generosas: o vencedor saiu com 300 milhões e o perdedor com 100 milhões de dólares. Mayweather venceu Mc Gregor com nocaute técnico no décimo assalto. Aposentou-se invicto, com cinquenta combates e cinquenta vitórias, com o mesmo cartel de outro grande boxeador, Rocky Marciano. Como pode uma luta de boxe chamar tanta atenção e ao mesmo tempo envolver tanto dinheiro?

Consideramos o boxe um fenômeno construído socialmente. Por isso, a pergunta pretérita não foi mera ingenuidade. Conhecemos o longo percurso histórico do pugilismo e de como o mesmo foi apropriado por diversos agentes financeiros. Isso pode ser exemplificado com a luta entre Mayweather VS Mc Gregor, que foi muito bem planejada por seus empresários e promotores. Como na época em que o boxe era um dos esportes mais populares do mundo, os *managers* souberam explorar elementos como raça, etnia e nação. Mayweather como pugilista afro-americano simbolizava todos aqueles grandes nomes do boxe estadunidense: Jack Johnson, Joe Louis, Sugar Ray Robinson, Muhammad Ali e George Foreman. Mc Gregor, herdeiro dos temidos

pugilistas irlandeses, como Yankee Sullivan, John Mossissey e Paddy Ryan, revivia a época em que imigrantes irlandeses dominavam as gangues de Nova York. Além disso, outro elemento tornou o embate mais emocionante. A disputa nos ringues de duas modalidades: o boxe contra MMA.

O MMA (*Mixed Martial Arts*) surgiu na década de 1990, mas somente nos últimos anos tem se consolidado como espetáculo de entretenimento. Para alguns, a decadência do pugilismo está diretamente relacionada a ascensão das Artes Marciais Mistas, como sugere o documentário “*MMA, a luta que levou o boxe à lona*”, produzido pela SPORTV em 2011. Não queremos entrar na discussão em torno da decadência ou não do pugilismo, pois em alguns países, ou mesmo para alguns grupos, o boxe ainda possui muita influência social, econômica e cultural. Contudo, não podemos negar que o MMA tem conseguido atenção dos amantes das artes marciais, inclusive de fãs de boxe.

Esta tese se propõe a estudar o processo de constituição do boxe moderno e sua recepção e reelaboração na América Latina. Nosso objetivo será investigar como se constituiu o boxe na Inglaterra, Estados Unidos, países latino-americanos e Brasil. Nosso esforço se justifica por considerar que o pugilismo é um objeto de investigação com muito potencial, que infelizmente tem sido marginalizado e excluído de trabalhos de historiadores, inclusive da área do esporte. É fato que a geração de adolescentes e jovens nascidos nos anos 2000 se quer sabem da popularidade do boxe do início do século XX. Desconhecem que o boxe foi o primeiro esporte nacional nos Estados Unidos. E que grandes romancistas e cineastas escreveram obras magníficas sobre o jogo do soco. Justamente por isso, queremos contribuir na construção de uma das muitas possibilidades de se escrever a histórias do boxe. Afinal, o trabalho do historiador é lembrar aquilo que os homens querem em esquecer.

A partir de agora iremos apresentar, de forma mais sistemática, o passo a passo de nosso trabalho. A citação de Antoine Prost, no início desta introdução, exemplifica um pouco como conduziremos esta tese: no aprendizado da oficina (PROST, 2015, p. 134). Nesta oficina, tivemos certa autonomia para criar e recriar percursos históricos a partir do material que foi coletado - as fontes primárias. Foi necessário raciocínio, reflexão, visão crítica, mas também paixão e sensibilidade. E com estas atitudes e

sentimentos queremos compartilhar com os leitores as noites em claro do trabalho na oficina. Em outras palavras, como construímos um conhecimento que até a pouco tempo não existia.

### **I - Delimitação do objeto**

Esta tese de doutorado tem como seu objeto de investigação o esporte de combate conhecido como boxe. Ao longo deste trabalho ele poderá também ser chamado de pugilismo ou de Nobre-Arte. Para nós, o boxe que apareceu no início dos noventa no Brasil foi herança de um hibridismo, uma reelaboração de boxe inglês, norte-americano e francês, influenciados também pela cultura da capoeira.<sup>1</sup> Contudo, para este trabalho estaremos analisando as experiências do pugilismo inglês e norte-americano e como suas práticas foram recepcionadas e reelaboradas em países como Cuba, Chile, Argentina, Uruguai e Brasil. Em Porto Alegre, esta prática corporal chegou como parte dos programas de espetáculos da capital (cinemas, teatros e circos), obtendo uma conotação mais exótica e curiosa para os expectadores, e só posteriormente experimentou um processo de constituição (federação, regras, campeonatos, etc) que resultou na fundação da Federação Rio-Grandense de Pugilismo (FRGP), em 24 de março 1944.

A experiência pugilística em Porto Alegre foi marcada pelo constante movimento (entrada, permanência e saída) de circos, *troupes* e companhias artísticas, das fitas cinematográficas chegadas da Europa e do Rio de Janeiro, mas principalmente pela passagem de lutadores estrangeiros pela capital. Por todos estes motivos, os primórdios da história do boxe porto-alegrense possui um traço essencialmente espetacularizado. Pesquisas apontam que este intenso fluxo cultural, social e esportivo, também ocorria em outras cidades do país, atentando, obviamente, para suas especificidades locais.<sup>2</sup>

---

<sup>1</sup> Não tivemos fôlego para analisar a capoeira e sua influência na cultura de lutas no Brasil. Há muitos textos que abordam a formação da capoeira desde o período colonial brasileiro, contudo pela extensão do trabalho e de temas que foram sendo incorporados ao longo do tese, resolvemos deixar esse assunto para pesquisas futuras.

<sup>2</sup> Como exemplo citamos a obra organizada por Victor Andrade de Melo, “Os Sports e as cidades brasileiras: transição dos séculos XIX e XX”, em que vários pesquisadores estudam a história do esporte em cidades como São Paulo, Santos, Belo Horizonte, Juiz de Fora, Curitiba, Porto Alegre, Florianópolis, Salvador, Aracaju, Recife, Natal e Belém do Pará (MELO, 2010, p. 4).

Inicialmente, o boxe em Porto Alegre era praticado por lutadores que não eram, de fato, especialistas na arte do soco. Eram atletas que combinavam exercícios de força muscular com luta romana e boxe. Eram andarilhos, viajantes, que buscavam viver de suas apresentações e de desafios pelas principais cidades do país. Como exemplo, podemos citar o campeão de boxe, luta romana e remo, José Floriano Peixoto, filho do ex-presidente Marechal Floriano Peixoto, e conhecido *sportman* carioca. José Floriano era um amante e praticante de vários esportes por isso recebia tal designação. Inclusive, havia em Porto Alegre um *Restaurant Sportman*, situado no Mercado Público, e que era local de *palestra* de esportistas, jornalistas e entusiastas dos exercícios físicos.<sup>3</sup>

Escolhemos dialogar o boxe constantemente com temas afins, como “esportes” e “esportes de combate”. Não há como dissociar a história do pugilismo da experiência de outras práticas corporais, como a luta-romana, o jiu-jitsu e a capoeira - esta última perseguida institucionalmente - com demais esportes praticados em Porto Alegre como futebol, remo, natação, ciclismo, ginástica, etc. Todos estes fenômenos esportivos (que tiveram cada um seu processo próprio de formação) estiveram marcados por um mesmo contexto de transformação e euforia presentes no fim do século XIX e o começo do XX: a chamada *Belle Époque*. Os esportes de combate ainda passaram por uma experiência comum, pois envolviam características como a defesa da honra, a virilidade, a masculinidade (elementos moralmente aceitos pela sociedade da época), mas em contrapartida eram associados à violência e à marginalidade. Por este motivo, as lutas eram vistas com maus olhos, especialmente pelas autoridades policiais.

De fato, o boxe era um esporte que mexia dubiamente com os ânimos dos expectadores. Por um lado, contagiava pela emoção resultante da peleja; por outro, manifestava os instintos mais selvagens e brutais que um indivíduo poderia conceber. Em razão disso, a presença desta temática é recorrente tanto no cinema como na literatura. Pode-se dizer que muitos cineastas se serviram do capital simbólico do boxe. Igualmente, muitos romancistas utilizaram como pano de fundo o cotidiano sofrido de um pugilista que buscava vencer na vida e nos ringues. Assim sendo, nosso objeto de pesquisa torna-se rico, complexo, e ao mesmo tempo farto de possibilidades e perspectivas temáticas.

---

<sup>3</sup> AJCP, Correio do Povo, Diversas, 18 de outubro de 1908.

A constituição e os primórdios do desenvolvimento do boxe em Porto Alegre serão abordados no último capítulo. Inicialmente, ainda no projeto de tese (2011), começamos a pesquisa com o foco na compreensão do pugilismo na capital rio-grandense. O rico acervo da Federação Rio-Grandense de Pugilismo nos conquistou: as inúmeras reportagens e fotografias que revelavam o cenário do pugilismo em Porto Alegre na metade do século XX eram as fontes que poderiam nos ajudar a escrever essa história. Entretanto, com o andamento da pesquisa, percebemos que era impossível olhar este fenômeno esportivo apenas em uma cidade específica, por se tratar de uma experiência mais ampla, itinerante, que envolvia outras cidades do Brasil e até outros países da América Latina. Ao mesmo tempo em que nosso objeto foi se delineando e tomando forma, sentimos falta de uma bibliografia que caracterizasse com mais propriedade a história do pugilismo na Inglaterra e nos Estados Unidos, duas nações que foram fundamentais no processo de formação do boxe moderno.

Foi assim, observando as fontes primárias e dialogando com a bibliografia nacional e estrangeira, que passamos a perseguir o tema que se tornou o ponto central de nossa tese: o processo de constituição do boxe moderno na Inglaterra e nos Estados Unidos e sua difusão e recepção na América Latina. Nosso interesse é analisar tanto a fase da ilegalidade do pugilismo, como seu processo de legalização. Sua perseguição e criminalização, mas também o papel das regras no contexto da modernidade. Aliás, o trabalho do historiador é justamente compreender um fato específico em suas dimensões de mudanças e permanências. Nosso problema de pesquisa envolve responder uma pergunta geral: como se constituiu o pugilismo na Inglaterra, Estados Unidos e países latino-americanos, levando em conta o constante conflito entre o amadorismo e profissionalismo? Como essas duas tipologias de boxe, praticados por personagens diferentes, pertencentes a classes distintas, contribuíram para a prática do boxe que conhecemos na atualidade?

Queremos apresentar neste momento algumas justificativas que nos fizeram escrever esta tese. Em primeiro lugar, uma das funções do historiador é preencher lacunas historiográficas. Segundo Antoine Prost “as questões mais legítimas são as que fazem avançar sua disciplina. Entre as várias maneiras de fazer avançar a história, a mais simples consiste em preencher as lacunas de nossos conhecimentos” (PROST, 2015, p. 80). Assim, o tema dos esportes, das lutas e, especificamente, do pugilismo,

têm sido pouco investigado por historiadores. É preciso dizer que sociólogos, antropólogos e pesquisadores da Educação Física são responsáveis pela maior parte da produção acadêmica sobre o tema. Entretanto, a primeira fase, o surgimento e as condições deste início ainda não foram abordados. Assim, nossa intenção é contribuir para a história do boxe e dos esportes de combate, ao mesmo tempo, oferecer um trabalho que possa suscitar novos questionamentos.

Nossa justificativa social engloba algumas experiências que tivemos antes da elaboração do projeto e ao longo da produção desta tese. Conforme Lucien Febvre, “o historiador parte do presente – e é sempre através dele que conhece, que interpreta o passado (FEBVRE, 1985, p. 26)”. Foi em 12 de março de 2011, ano que submetemos nosso projeto à seleção de doutorado, que um jovem boxeador negro, Tairone Silva, foi morto por um policial militar em Osório/RS. Tairone tinha 17 anos e já era campeão brasileiro e sul-americano. Este fato nos fez refletir sobre como jovens negros praticantes do boxe e de condição humilde ainda são alvo da repressão social e racial da polícia em pleno século XXI. Esta experiência nos levou a fazer aulas de boxe - porque pessoalmente sempre admiramos este esporte - e a conhecer a sede da Federação Rio-Grandense de Pugilismo (FRGP). Na federação tivemos acesso a um rico acervo iconográfico sobre o boxe, o que nos despertou interesse e curiosidade sobre o tema.<sup>4</sup>

Fomos motivados também a contribuirmos para a construção de uma história sobre boxe gaúcho, pois há pouco conhecimento sobre a experiência pugilística em nossa cidade. Os professores de boxe, quando querem dar ensinamentos a seus pupilos, acabam por utilizar grandes nomes do boxe mundial (Joe Louis, Muhammad Ali, George Foreman, por exemplo) por desconhecerem a história dos nossos lutadores. cremos que compreender melhor essa história contribuirá para a formação da identidade e pertencimento destes jovens – o que talvez nos leve a entender porque hoje este esporte ainda é marginalizado.

---

<sup>4</sup> Não pudemos utilizar grande parte do acervo iconográfico do Arquivo da Federação Rio-Grandense de Pugilismo por se tratar de imagens da década de 1930 em diante. Fomos suscitados ao longo da pesquisa a investigar a fase inicial do boxe. Mesmo sendo a etapa mais difícil, devido a localização de fontes primárias, nos dedicamos a este serviço.

## **II - Revisão Bibliográfica ou o estado da arte**

Nos últimos cinco anos, realizamos um amplo mapeamento em livros, artigos, monografias, dissertações e teses que abordassem o pugilismo. Nossa procura foi motivada por não nos contentarmos com os poucos textos localizados ainda na escrita do projeto. Muitas obras não apresentavam bibliografia, o que nos impedia de sabermos as origens dos dados – ou sua própria veracidade. Como até o momento não existem trabalhos de fôlego que investiguem a história do boxe no Brasil, sentimos falta de um balanço bibliográfico que nos servisse de orientação. Por tudo isso, optamos por apresentar uma revisão bibliográfica ampliada, que abranja as diversas categorias de análise, partindo de questões pré-formuladas, para assim enxergar o que já foi investigado e o que está ainda encoberto.

Questionamo-nos o seguinte: o que já foi investigado sobre o boxe, tanto nacional como internacionalmente? A que tipo de categorias estas informações pertence? Como o boxe foi tratado nestes trabalhos? Quantos abordaram a história do boxe enquanto fenômeno esportivo, cultural e social? Destes, quais obras podem nos auxiliar a compreender o percurso do pugilismo? Enfim, estas perguntas nortearam nossa análise bibliográfica, pois desta forma podemos conhecer melhor o objeto a ser pesquisado, bem como conhecer o que tem se produzido sobre o boxe nos últimos anos.

Pois bem, vamos aos números. Localizamos cento e trinta e sete referências sobre o boxe na literatura nacional e estrangeira.<sup>5</sup> Obviamente, existem trabalhos que não tivemos acesso, porém, nosso objetivo não foi fazer um mapeamento exaustivo e conclusivo. Nossa amostra pode servir para apontar alguns caminhos que esta temática vem tomando nas últimas décadas. Começando com a bibliografia estrangeira, encontramos sessenta e uma citações sobre o pugilismo, entre livros, artigos e teses de doutorado. A maior parte dos trabalhos foi publicada nos Estados Unidos e a respeito de pugilistas norte-americanos, totalizando vinte e seis obras. Deste número, parte considerável tratou o boxe academicamente. Como exemplos, listamos as obras de

---

<sup>5</sup> Utilizamos para escrita dessa tese, duzentos e quarenta e três referências bibliográficas. No que se refere ao nosso objeto de pesquisa, o boxe, mapeamos cento e trinta e sete referências, o que significa que cerca de 60% de nosso trabalho foi feito especificamente com bibliografia sobre o pugilismo (nacional e internacional).



Elliot Gorn (1986), Loic Wacquant (1995, 1998, 2002, 2011, 2012 e 2013) e Gregory Ross (2014).

Elliot Gorn (1986), em *The Manly Art – Bare-Knuckle, Prize-Fighting in America*, é um clássico sobre a história das primeiras *prize-fights* nos Estados Unidos. Loic Wacquant (2002) já é conhecido entre os brasileiros por seu livro *Corpo e Alma – etnografia de um aprendiz de boxe*. Nesta obra, o autor investigou por meio do olhar etnográfico o cotidiano de pugilistas em uma academia de boxe em Chicago. Wacquant utilizou o boxe como ferramenta para entender questões de identidade, etnia e pertencimento. Já Gregory Ross (2014) investigou em sua tese, *Boxing the Union Blue*, a prática das lutas premiadas na época da Guerra Civil Americana, dando relevo aos conflitos sociais entre os soldados e as suas afirmações de classe, masculinidade e raça. Estes exemplos, somados a muitos outros, apontam que o pugilismo já encontrou seu espaço no cenário acadêmico norte-americano há pelo menos desde a década de 1980<sup>6</sup>.

Entretanto, há uma presença considerável de obras escritas por não acadêmicos. São estes jornalistas, romancistas, esportistas e entusiastas da Nobre Arte. De fato, os norte-americanos têm uma ligação forte e íntima com esportes e o boxe não poderia fugir disso. Obras como a de Ferdie Pacheco (2000), *The 12 greatest rounds of boxing*, e *Classic Boxing Stories*, de Paul Staudohar (2013) apresentam o boxe de maneira mais linear, tradicional, por vezes, estereotipada. Contam “a história do boxe”, como se houvesse apenas uma história possível, e limitando-se apenas aos minutos em cima do ringue. Pacheco, por exemplo, dividiu seu livro em doze rounds e em cada um deles, ao seu critério e preferência, enaltecendo um memorável combate pugilístico.

Depois dos norte-americanos, os ingleses foram os que mais escreveram sobre o boxe. Localizamos vinte e três obras, com destaque para os trabalhos acadêmicos. Kenneth Sheard (1997) em seu texto, *Aspects of boxing in the western civilizing process*, foi o primeiro a investigar o processo de constituição do boxe na Inglaterra à luz das contribuições do sociólogo Norbert Elias. Kasia Boddy (2008), em seu clássico e conhecido *Boxing, a cultural history*, mostrou o boxe como um esporte universal,

---

<sup>6</sup> É importante nos lembrarmos dos trabalhos de Randy Roberts. Entre eles, *Papa Jack: Jack Johnson and the Era of White Hopes*, de 1977, e *Jack Dempsey: the Manassa Mauler*, de 1984.

presente em várias linguagens, desde poesias, imagens, peças de teatro, além de músicas e cinema.

Ruti Ungar (2010), em sua tese *The boxing discourse in Late Georgian England*, analisou os discursos de civilidade e barbárie presentes nas representações sobre o boxe inglês dos séculos XVIII e XIX. Ungar percebeu, por exemplo, que os embates geravam ampla tensão nos impressos periódicos da época, sendo que uns apoiavam o boxe como esporte corporal saudável e demonstração de força e virilidade, e outros o percebiam como uma luta violenta, brutal e imoral. Entre os textos não acadêmicos, a obra de Graeme Kent (2015), *Boxing's strangest fights*, abordou o boxe na Inglaterra por meio de uma narrativa histórica factual e linear, focada nos grandes lutadores e nas curiosidades dos embates.

Encontramos também livros sobre o boxe publicados pelos países ibéricos. Ao todo foram seis. O português Rafael Barradas (1944) publicou o *ABC do Pugilismo*, obra que dá maior relevo ao treinamento de um boxeador. Inclusive, este é uma tipologia muito presente em vários países: textos que buscavam instrumentalizar o lutador na Nobre Arte, mostrando os golpes, treinamento, equipamentos, regras, etc. O jornalista Fernando Ferreira (1970) escreveu *O Boxe, negação do desporto*, livro que faz imensas críticas ao boxe, listando todos os pugilistas já mortos em combate e salienta a falta de moral e conduta presentes neste “antiesporte”. Já Joyce Carol Oates (1987), a famosa romancista norte-americana, publicou *O boxe*, um livro que possui uma narrativa eclética, que engloba desde a história do pugilismo, bem como as impressões da autora sobre este esporte, além de brilhantes reflexões sobre questões de gênero, corpo e identidade.

Os espanhóis também escreveram sobre a nobre arte. Fabrício Valserra (1945) publicou *Pugilismo, técnica y regulamenctación del boxeo*. Esta obra é muito semelhante a outras encontradas em Portugal e também no Brasil. Mescla um pouco de história do boxe, associando ao pugilato antigo, depois passa pela história do boxe moderno (começando com James Figg, em 1719), dando apenas um parágrafo sobre o lutador espanhol Paulino Uzcundun. Para finalizar, mais da metade do livro aborda métodos e técnicas do boxe. Raymond Meyer e Claude Girard (1966), em seu *El boxeo*, já nos oferecem dois capítulos sobre o pugilismo na Espanha. O boxe teria começado no

porto de Barcelona com trânsito de marinheiros ingleses. Porém, teria sido em Madri, séculos mais tarde, com a chegada do campeão negro Jack Johnson, que o pugilismo teria se desenvolvido. Finalmente, a obra do ex-pugilista e preparador físico, Francisco Rodríguez Feu (1987), *El boxeo, como deporte y profesión*. Este é mais um livro de memórias, que envolve um pouco de história do boxe e métodos de lutas.

Por fim, ainda referente ao boxe na literatura estrangeira, temos obras publicadas em vários países da América Central e do Sul: México, Cuba, Chile, Argentina e Uruguai. O país mais representativo foi o Chile, com seis trabalhos. Os artigos acadêmicos foram os mais encontrados, principalmente como anais de eventos sobre história e esporte, como é o caso de Hernán Herrera (2013), com *Trabajo y Disciplina*, Felipe Fernandez (2015), com *Fuerza, Vigor y Consumo* e Alex Letelier (2015), em seu artigo *El Ring en papel*. De fato, nos últimos anos o tema do boxe tem florescido. Na Argentina encontramos os trabalhos de Eduardo Archetti (2001 e 2005), *Boxeo, lós puños de La nacion*. No Uruguai, o livro de César Jones Mazaíte (2006), *Historia Del boxeo uruguayo*. Em Cuba, com Jesús Dominguez (1985), o livro *Boxeo Cubano*, e Anju Nandlal Reejhsinghani (2009), com *For Blood or for Glory: A History of Cuban Boxing, 1898-1962*. No México, os textos de Richard Mc Gehee (1996 e 2000), *El pugilismo em Centroamerica y México* e *The Dandy and the Mauler in Mexico*.

Esta breve apresentação da literatura estrangeira não substituirá a utilização dessa bibliografia durante o desenvolvimento desta tese. Na verdade, nos dois primeiros capítulos estaremos concentrados na discussão historiográfica e análise bibliográfica. No momento oportuno, iremos dialogar e analisar mais profundamente essas referências. Nossa escolha em ampliar a bibliografia do boxe para outros países latinos se deu porque vários pugilistas que estiveram lutando no Brasil – e em Porto Alegre/RS - chegavam destas regiões, o que nos sugere a necessidade de compreender estas rotas esportivas de forma dinâmica e concomitante.

É importante enfatizar também que grande parte desta bibliografia estrangeira (sessenta e uma menções não é pouco!) não é referenciada pelos trabalhos escritos sobre o boxe no Brasil.<sup>7</sup> Este foi nosso primeiro e maior estranhamento. Como não dialogar com a literatura estrangeira (inglesa e estadunidense) se o boxe surgiu na Europa, mais

---

<sup>7</sup> Com raríssimas exceções, tais como Luigi Zanetti (2014) e Fabricio Monteiro (2017).

especificamente da Inglaterra? Como não buscar referências sobre o pugilismo nos Estados Unidos, sendo que foi neste país que o boxe se popularizou para todo o mundo? Para compreendermos a história do boxe em Porto Alegre, sentimos necessidade de discutirmos mais afundo essas questões. Agora vamos observar as referências ao boxe na bibliografia brasileira.

Encontramos setenta e seis referências sobre o boxe em língua portuguesa, todos estes editados no Brasil<sup>8</sup>. Nossa primeira ação foi separar os textos entre acadêmicos e não acadêmicos. Não que as obras acadêmicas sejam superiores, apenas cremos que cada trabalho possui objetivos diferentes, bem como um público distinto a ser alcançado. Desta divisão, localizamos quarenta e uma de produção científica, entre artigos, trabalhos de conclusão de curso, dissertações, teses e livros. É importante salientar que o boxe não foi objeto de pesquisa somente dos historiadores. Jornalistas, antropólogos, sociólogos e pesquisadores da Educação Física também se envolveram neste trabalho.

Das quarenta e uma referências acadêmicas mapeamos o seguinte: uma tese de doutorado, de Marilita Rodrigues (2006), *Constituição e enraizamento do esporte na cidade*, em que a autora trata em poucas páginas a experiência do boxe e da Luta Romana em Belo Horizonte/MG. Seis dissertações de mestrado, duas na área de História, duas em Antropologia e outras duas na Educação Física. Jorge Artur dos Santos (2000) analisou a resistência de cronistas e intelectuais brasileiros à prática do boxe, principalmente por sua brutalidade e violência. Já Liane Assef (2006), em *Memórias Boêmias*, investigou as sociabilidades e a vida noturna dos fronteiriços (Rivera-Livramento) no início do século XX (mais especificamente em 1930), abordando as noitadas pugilísticas como parte da diversão daquela sociedade.

Cristina Pedroza Faria (2005), em *Corpos no Ringue*, acompanhou um projeto social na Maré (RJ), percebendo discursos, práticas e representações sobre o boxe e a violência. Flávio Mariante Neto (2010), em *Academia de boxe ao boxe de academia*,

---

<sup>8</sup> Dos 76 trabalhos mapeados que tratam sobre o boxe (central ou marginalmente), 14 deles foram traduzidos do inglês ou do espanhol para o português. São eles: Bernard Shaw (1945), Floyd Patterson e Bert Sugar (1981), Loïc Wacquant (2002), Jack London (2006), George Foreman (2007), Jeremy Schapp (2007), Jéssica Graham (2008), T. J. Desch Obi (2011), Norman Mailer (2011), Martin Kohan (2012), Jack London (2013), Robert Sharenow (2013) e Arthur Conan Doyle (2015) e Cathy Van Ingen (2016).

observou a prática do boxe e suas motivações em academias de Porto Alegre. Riqueldi Lise (2014), em *Entre direitos, ceintures avant, chaves de braço e rabos de arraia*, tratou de analisar o surgimento das lutas intermodalidades na cidade do Rio de Janeiro entre os anos de 1909 e 1929. E, por fim, Pedro Pio Azevedo Filho (2011), em *Ringues de Gênero*, analisou as diversas formas de construção de feminilidade em um esporte hegemonicamente masculino.

Entre os trabalhos de conclusão de curso localizamos nove referências: quatro de História, quatro de Educação Física e um em Ciências da Comunicação. Éderson Santos (2009), em *A nobre arte no Rio Grande do Sul*, traça um panorama da história do boxe, mostrando especificamente as dificuldades passadas pelo pugilismo gaúcho, direcionando sua análise para o boxe profissional. Luigi Zanetti (2014), em *Boxe moderno e o processo civilizador*, pontua os percalços e os desafios do boxe frente à modernidade, e a constante necessidade de regulação da violência. Micali Júnior (2014) investigou três academias de boxe da década de 1970 em Londrina. A partir da História Oral, o autor analisou o que motivava a prática do pugilismo naquela cidade. Por fim, entre os trabalhos de História, temos o de Ramon Rivas (2015), *História, Esporte e Cinema*, que se inclinou a analisar a película *Rocky IV (1985)*, filme este produzido no contexto da Guerra Fria.

Entre os pesquisadores da área de Educação Física, temos os trabalhos de Guilherme Sant'Anna de Souza (2006), Lucas Soltermann (2009), Natália Pereira de Souza (2010) e Tirzah Berni de Souza (2012). Guilherme Souza (2006), em *Preparação Física para boxeadores*, tratou do treinamento e da condição física dos boxeadores, dando ênfase também ao histórico do pugilismo. Já Lucas Soltermann (2009), em *História do boxe como esporte moderno*, investigou o surgimento do boxe moderno, dialogando com a obra, *Em busca da Excitação*, de Norbert Elias e Eric Dunning (1992). Seu trabalho destaca a diferença entre o pugilato antigo e o boxe atual. Natália Souza (2010), em *Qual é o gênero das lutas?* abordou questões de gênero no boxe Olímpico, percebendo que as atletas sofriam estigmas e preconceito por terem escolhido um esporte considerado masculino. Tirzah Souza (2012), em *A organização da prática do boxe no Rio Grande do Sul (1920-1960)*, analisou o surgimento do pugilismo nas cidades de Porto Alegre e Pelotas, utilizando jornais e documentos do arquivo da Federação Rio-Grandense de Pugilismo.

Finalmente, o trabalho de Arthur Nonin (2014), *Construindo Ali*, que foi apresentado no curso de Comunicação Social/Jornalismo. Este trabalho analisou o livro *O rei do Mundo: Muhammad Ali e a ascensão de um herói americano*, de David Remnick. Nonin percebeu que a constituição da biografia de Ali por Remnick evidencia o ecletismo de narrativas e métodos empregados para construir o personagem. É importante dizer que entre os livros que mapeamos, sem dúvida Cassius Clay, o Muhammad Ali, foi o mais biografado, como veremos a seguir.

Além das teses, dissertações e trabalhos de conclusão de curso, que juntos somam dezesseis menções, ainda restam os artigos para formar nosso corpo bibliográfico acadêmico. Mais uma vez se percebe várias áreas de estudo investigando o boxe, o que só vem a enriquecer o tema, já que o conhecimento é por natureza interdisciplinar. Na área da Educação Física, mapeamos catorze artigos: Melo e Vaz (2006), Vaz (2007), Souza e Assumpção (2007), Melo (2008 e 2011), Mariante Neto, Miranda e Myskiw (2010), Santos e Pinheiro (2011), Mariante Neto, Myskiw e Stigger (2012), Stecanela e Chiarada (2012), Assmann, Carmona e Mazo (2014) e Silva e Freitas (2014), Cardoso, Sampaio e Santos (2015), Silva, Cavichioli e Capraro (2015) e Van Ingen (2016).

Melo e Vaz (2006), em *Cinema, Corpo e Boxe*, realiza uma interessante análise mostrando como o esporte e o cinema são frutos da modernidade. O artigo faz um amplo histórico sobre as fitas cinematográficas estrangeiras e nacionais que passaram nos cinemas do Rio de Janeiro. Vaz (2007), em *A nobre arte do soco*, continua seu interesse sobre o boxe. Além da estreita relação com o cinema, o autor também mostra a proximidade com a literatura como, por exemplo, as obras de Jorge Luis Borges e Julio Cortázar. Souza e Assumpção (2007) preocuparam-se em perceber como se deu a construção da memória do campeão mundial Éder Jofre, momento este que fortaleceu a prática do boxe no Brasil.

Victor Melo (2008 e 2011) retorna novamente ao tema do boxe, nos artigos *Rocky Balboa 6: o último suspiro do velho herói norte-americano?* e *O boxe como metáfora da nação: Belarmino*. No primeiro, o autor relaciona a película cinematográfica *Rocky Balboa* como resultado de um contexto de guerra, entre Estados Unidos e Iraque. No último, Melo analisa a relação entre o cinema português (utilizando

o filme *Belarmino*, de 1964) e a situação política e econômica do país na época da produção do filme. O artigo de Mariante Neto, Miranda e Myskiw (2010), intitulado *Muhammad Ali, um outsider na sociedade americana?* debruçou-se sobre a trajetória de Ali a partir de um olhar sociológico e buscando compreender como o mesmo se tornou um representante ideal da sociedade americana – apesar de todas as polêmicas em que se envolveu. Em seguida, no texto de Mariante Neto, Myskiw e Stigger (2012), *Entre a academia de boxe e o boxe da academia: um estudo etnográfico*, os autores apresentam as contribuições da dissertação de Flávio Mariante Neto, em que o mesmo investigou os diversos sentidos que levavam as pessoas comuns buscarem a prática do boxe.

Stecanela e Chiaradia (2012), em *Do boxe ao ballet: os percursos de Billy Elliot*, analisaram o filme *Billy Elliot*, de 1999. Ao avaliarem a película, as autoras dão destaque às luvas de boxe que Billy ganhou de seu avô, e as aulas que fazia num ginásio, pago com o salário de seu pai, que era um operário. No filme, o boxe é representado como uma prática essencialmente inglesa e masculina. Porém, Billy Elliot fica fascinado com as aulas de *ballet* e encontra resistência em seu pai, irmãos e amigos para poder se entregar à dança. Elisabete Santos e Mona Lisa Pinheiro (2011), em *Billy Elliot: das luvas de boxe às sapatilhas de balé, uma análise sociológica*, também trataram do filme *Billy Elliot*, mas ao contrário das autoras anteriores, que abordaram questões de gênero, estas buscaram fazer uma interpretação sociológica, a partir dos conceitos de *habitus*, campo e capital cultural de Pierre Bourdieu.

Já o texto de Assmann, Carmona e Mazo (2014), *Para além dos ringues: vestígios de uma história do boxe sul-rio-grandense*, é um dos trabalhos que mais nos identificamos, principalmente por buscar de forma objetiva e central construir uma história do boxe em Porto Alegre. Kim Silva e Débora Freitas (2016), em seu artigo *Rounds de uma memória esportiva*, procuram investigar a prática do boxe em meados dos anos 1980 na cidade de Rio Grande/RS, por meio da metodologia da História Oral. Os autores perceberam a importância do boxeador e professor Samir, que a partir de 1996 passou a lecionar aulas de pugilismo ao público rio-grandino. Infelizmente, os autores não citam os primórdios das lutas de boxe em Rio Grande. Berta Cardoso, Tânia Sampaio e Doaria Santos (2015), em *Dimensões Socioculturais do boxe: percepção e trajetória de mulheres atletas*, também deram relevo a participação feminina no boxe. O

objetivo da pesquisa foi compreender as percepções das próprias atletas em relação a sua escolha pelo pugilismo.

O tema das mulheres no pugilismo se fez presente também no *artigo Adesão e permanência de mulheres no boxe em Curitiba-PR*, de Bruna Silva, Fernando Cavichioli e André Capraro (2015). Os autores se aproximaram bastante do trabalho anterior, porém, o seu lócus de análise não foi Salvador, Bahia, e sim Curitiba, Paraná. A partir de entrevistas, os pesquisadores problematizaram questões de saúde/estética, escolha do esporte, incentivo e socialização, esporte para homens, etc. Este assunto se fez muito presente nas pesquisas acadêmicas. Até aqui temos a dissertação de mestrado de Pedro Pio Azevedo Filho (2011), o trabalho de conclusão de curso de Natália Souza (2010), e estes dois últimos artigos. A questão do gênero e os discursos e padrões de masculinidade não foram tão investigadas à toa. Na verdade, o boxe se apropriou destes conceitos e construiu certo perfil de lutador a ser reconhecido pela sociedade.

Finalmente, em relação aos artigos sobre boxe na área de Educação Física, temos da pesquisadora canadense Cathy Van Ingen. A autora, em seu texto “*Perceber o que enquadra o nosso olhar*”: *procurando histórias sobre lutadoras negras nos primórdios do boxe*, analisa a ausência das mulheres na história do pugilismo e questiona ainda mais a invisibilidade das mulheres negras no boxe. Van Ingen demonstra que o pugilismo feminino sempre foi estigmatizado e que muitos jornalistas e cronistas esportivos são responsáveis em não dar destaque as mesmas. A pesquisadora também aponta que o próprio boxe tem sido um tema negligenciado.

Na área de História, localizamos nove artigos: Denise Sant’Anna (2000), Jéssica Graham (2008), T. J. Desch Obi (2011), Christina Abreu (2015), Micalí Júnior (2015 e 2016), além de nossos três textos (Caratti, 2012a, 2012b e 2016). Sant’Anna, em *Entre o corpo e a técnica: antigas e novas concepções*, não chegou a abordar o boxe como tema central de seu artigo, porém, fez importantes reflexões a respeito de como o pugilismo passou por uma “progressiva domesticação da violência” (SANT’ANNA, 2000, p. 5). Jéssica Graham escreveu *Joe Louis contra Max Schmeling e a nova ideologia da democracia racial*, em que tratou de comparar os casos de racismo nos embates de Jack Johnson e Joe Louis. O primeiro foi vítima de várias formas de racismo, porém, o segundo foi mais bem aceito entre os norte-americanos devido o



contexto de guerra mundial e ascensão do nazismo, que fez nascer entre os mesmos sentimentos patrióticos.

No artigo *A defesa dançada de Bill Richmond*, T. J. Desh Obi (2011) buscou analisar a trajetória do primeiro pugilista afro-americano, Bill Richmond. O ponto forte de seu texto está em relacionar o sucesso de Richmond nos ringues estadunidenses e ingleses com a sua cultura de luta advinda de suas experiências em Angola. Richmond venceu diversos combatentes não por sua força, característica básica das *prize-fights*, mas de seu jogo de pernas, sua esquiva, sua dança. Elementos esses adquiridos no Atlântico Negro. Christina Abreu teve seu texto traduzido e publicado pela Revista Recorde (UFRJ), assim como os textos de Cathy Van Ingen (2016) e T. J. Desh Obi (2011). É interessante notar que estes três textos abordam histórias de pugilistas negros (as). Christina Abreu (2015), por exemplo, investigou o percurso do boxeador cubano (e negro) Benny “Kid” Paret no contexto dos conflitos entre Estados Unidos e Cuba. Kid faleceu dias depois de seu confronto contra o pugilista norte-americano Emile Griffith.

Micali Júnior (2015), em *Estudo historiográfico acerca da prática esportiva do boxe em Londrina*, apresentou neste artigo basicamente os resultados de seu trabalho de conclusão de curso, já mencionado acima. Porém, em seu segundo artigo, *Escrever também é um esporte de contato*, escrito enquanto o autor já fazia o mestrado, Miceli Júnior (2016) aprofundou as relações entre a imprensa (o cronista) e o tema do pugilismo, ou seja, o ponto de intersecção entre o sujeito e seu objeto. O único artigo que localizamos da área de Jornalismo foi escrito por William Douglas de Almeida. Almeida (2016), em *Boxe: os atletas e a luta olimpismo x profissionalismo*, faz uma comparação sobre os sentidos que os termos olimpismo, amadorismo e profissionalismo possuem para o boxe. Os atletas que treinam para as Olimpíadas, por exemplo, não podem lutar por dinheiro, ou seja, profissionalmente. Assim, os boxeadores vivem cheios de incertezas, pois precisam apostar em uma destas duas carreiras.<sup>9</sup>

Passando para as obras não acadêmicas, encontramos uma grande diversidade de tipologias. Dividimos entre biografias, literatura/romances/contos, jornalísticos, institucionais e manuais de boxe. Os institucionais são livros escritos por confederações

---

<sup>9</sup> Entre os 41 trabalhos acadêmicos somamos o livro de Loïc Wacquant (2002), *Corpo e Alma – notas de um aprendiz de boxe*. Localizamos 1 tese de doutorado; 6 dissertações de mestrado; 9 trabalhos de conclusão de curso; 24 artigos (14 em Educação Física, 9 em História e 1 em Jornalismo).

ou federações de boxe, órgãos responsáveis pela regulação do esporte. E os manuais de boxe são livros editados por lutadores, treinadores e entusiastas que visam instrumentalizar os novatos na nobre arte. Normalmente, possuem um breve histórico do boxe mundial e brasileiro e depois apresentam dicas de treinamento, condicionamento físico, alimentação, golpes, dentre outros assuntos.

Vamos começar pelas biografias. Encontramos nove biografias de boxeadores em língua portuguesa. A começar por Paulo Mendonça (1975), sobre Muhammad Ali; Henrique Matteucci (1979), sobre Eder Jofre; Carlos Alencar (1997), sobre o Maguila; José Flores Júnior (2001), Muhammad Ali, novamente; George Foreman (2007), sobre ele próprio; Jeremmy Schaap (2007), sobre James Braddock; Eduardo Suplicy (2007), sobre ele próprio; Wagner Sarmiento (2013), sobre Acelino Popó Freitas, e Marcello Campos (2013), sobre Orlando Johnson, o “boxeur-cantor”.

É interessante perceber o fetiche pelas biografias, afinal, foi a tipologia mais representativa da bibliografia não acadêmica. Em outras palavras, a forma como boxe tem chegado ao público brasileiro, tem se dado, essencialmente, pelas biografias. E isso não ocorre somente na temática do boxe. Histórias de vida são atrativas, principalmente porque envolvem escolhas, desafios, emoções, tornando-se exemplos de inspiração e de luta. Não é preciso dizer que as editoras querem vender livros e a melhor forma de fazer isso é obedecendo a demanda do mercado. Dito isso, passemos a apresentação da primeira obra.

A obra coordenada por Paulo Mendonça (1975), *Cassius Clay, o boxe como arte e promoção pessoal*, é datada. Ou seja, foi publicada no período em que o pugilista estava na ativa, conquistando títulos, mas também vivendo muitas polêmicas. Assim, o livro de Mendonça é uma síntese do percurso de Cassius Clay, desde sua origem pobre, as primeiras lutas como profissional, até sua conversão ao islamismo e a vitória sobre George Foreman no Zaire, em 1974.

Já a obra de Henrique Matteucci (1979), *O Galo de Ouro, a história de Eder Jofre*, conta a história do maior nome do boxe brasileiro. O livro é interessante, pois possui ricas informações, em virtude da proximidade do autor com seu biografado. É, de certa maneira, um livro de memórias, mas também cita fontes, como jornais e colunas esportivas, além de testemunhos oculares de boxeadores, treinadores e

jornalistas. Matteucci era ele mesmo um jornalista e cronista esportivo. Sua biografia envolve histórias desde as décadas de 1930 e 1940, até os campeonatos nacionais e internacionais, de 1950 a 1970.

Carlos Alencar, em *Maguila, a saga de um cabra macho campeão*, apresenta a história de outro grande boxeador brasileiro, Adilson Rodrigues dos Santos, o Maguila. Sua trajetória se inicia na década de 1980, treinado por Ralph Zumbano, tio de Eder Jofre. Maguila chegou a enfrentar pugilistas do calibre de Georges Foreman e Evander Holyfield. Parou de lutar em 1995. O livro é rico em imagens e depoimentos do próprio lutador. O período abordado pelo livro vai das décadas de 1960 até 1990.

José Elias Flores Júnior (2001), em *A luta além dos ringues*, analisa a trajetória de Muhammad Ali. Diferente de Mendonça (1975), Flores Júnior preocupou-se em situar Ali dentro do contexto histórico do boxe. Dedicou um capítulo sobre a história do pugilismo, desde a antiguidade, passando pela modernidade e até os tempos do seu biografado. O trabalho de Flores Júnior possui muitas referências, inclusive de livros e artigos em inglês, além de o próprio autor ter pesquisado nos Estados Unidos.

O jornalista esportivo, Jeremy Schaap (2007), escreveu o livro *Homem Cinderela, James Braddock. Max Baer e a maior reviravolta da história do boxe*. James Braddock viveu no contexto da Crise de 1929 e viu de perto a miséria e o desespero. As lutas de boxe eram sua alternativa para alimentar os filhos e pagar as contas. Recebeu o apelido de “Homem Cinderela” por ter enfrentado, de um dia para o outro, o campeão mundial dos peso-pesados, Max Bauer. Sua história está retratada também no filme “A Luta pela Esperança” (2005), estrelado por Russel Crowe. Esta biografia foi publicada nos Estados Unidos no mesmo ano do lançamento do filme.

*Sem nunca jogar a toalha*, é uma autobiografia escrita pelo campeão mundial dos pesos pesados (por duas vezes), George Foreman (2007). Neste livro de autoconhecimento, Foreman escreve sua trajetória como boxeador, mas também compartilha suas experiências de empreendedor de sucesso e sua conversão ao cristianismo. Sua biografia envolve as décadas de 1960 a 1990. Dirigindo-nos para o Brasil, temos a autobiografia do ex-pugilista e ex-senador, Eduardo Suplicy (2007), em seu livro *Um Notável Aprendizado*. Não é um livro sobre boxe, mas que possui artigos que cercam esta temática. Suplicy conheceu o boxe com oito anos e foi treinado por

Higino Zumbano. Chegou a disputar campeonatos locais, como o organizado pela Gazeta Esportiva, porém, após uma derrota, trocou as luvas pelos livros de Direito. O período abordado é o boxe dos anos 1950 e 1960.

Wagner Sarmiento (2013), em *Com as próprias mãos*, descreve a trajetória do boxeador Acelino “Popó” de Freitas. Popó foi tetra campeão mundial em duas categorias diferentes, peso leve e super-pena. Sua história se soma a de outros biografados, pois Popó também nasceu em uma família pobre, e apostou no boxe, “com as próprias mãos”, para construir sua carreira pessoal e profissional. Marcelo Campos (2013), em *Johnson, o boxeur-cantor*, publicou a única biografia sobre um pugilista nascido em Porto Alegre. Johnson se dividia entre o samba e os embates de boxe. Sua primeira luta foi em 1927 e a última em 1939. Essas duas esferas, a música e o pugilismo, também foram percebidos na dissertação de Liane Assef (2006), em que investigou a boêmia na fronteira Livramento-Rivera.

Outra categoria significativa foi a dos romances e dos contos de boxe. Localizamos pelo menos seis obras que tratam do pugilismo: Bernard Shaw (1945), Jack London (2011 e 2013), Martín Kohan (2012), Robert Sharenow (2013) e o conhecido Arthur Conan Doyle (2015). Segundo Victor de Melo (2006), há outros romancistas e contistas que escreveram ou consideraram o boxe em seus trabalhos: Ernest Hemingway, Ezra Pound, Jorge Luís Borges, Bertold Brecht e Júlio Cortázar (MELO, 2006, p. 143). Entretanto, não tivemos acesso a algumas dessas obras, o que impossibilitou a análise de seu conteúdo.

O romance de Bernard Shaw (1945), *O famoso ídolo*, foi publicado pela primeira vez em 1898. Trata-se da história do jovem Cashel, foragido de um internato inglês, e que conheceu na Austrália o ex-pugilista e campeão das colônias inglesas, Ned Skene. O boxe foi representado neste livro como um esporte menor, praticado em terrenos baldios. Quem se interessava pelo boxe? No livro são os preguiçosos, sem emprego, rapazes de maus hábitos e sem estudo. Em certo momento da trama, um dos personagens chega a dizer: “Lutar é um hábito insuportável”. Mais tarde, Bernard Shaw se arrependeu de ter escrito este livro, por suas posições contra o boxe.

Martín Kohan, em *Segundos Fora*, retrata o fabuloso combate entre Luís Ángel Firpo e Jack Dempsey, pelo cinturão dos pesados no ano de 1923. Firpo era um

boxeador argentino, conhecido como *El Toro Salvaje de las Pampas*. Ele conseguiu a façanha de derrubar para fora do ringue o campeão mundial Jack Dempsey, ainda no segundo *round*. Apesar disso, Firpo perdeu a luta. O romance mostra o boxe como parte de uma cultura popular, enquanto a sinfonia de Gustav Mahler, apresentada no mesmo ano no Teatro Colón em Buenos Aires, foi vista como uma cultura erudita. O boxe é representado também como uma luta em que o objetivo é “derrubar o outro, machucar o outro”, e em outra passagem, “não entendo como não proibem a rinha de galos, e como não proibem o boxe, afinal de contas é a mesma coisa só com seres humanos”.

Jack London (2011 e 2013) se diferencia um pouco dos romancistas anteriores. Ele não só apreciava o boxe, como teria praticado na universidade e durante suas viagens carregava sempre consigo um par de luvas para desafiar algum lutador que aparecesse. Alguns de seus contos foram compilados em dois livros: *Nocaute, cinco histórias de boxe* e *Por um bife e outras histórias de boxeadores*. Porém, estes dois livros editaram os mesmos contos. Existem vários elementos interessantes representados nestas obras. Entre eles, o respeito que um boxeador possuía entre seus amigos, por ser uma luta que envolve força, coragem e masculinidade. Os apelidos recebidos como, “fera humana”, “olhos de tigre”, e “corpo mais forte que um boi”, enalteciam a virilidade. Em um dos contos, O bife, o personagem principal, um velho boxeador chamado Tom King, enfrenta dificuldades financeiras, e volta as lutas de boxe para sustentar sua família e sobreviver. O boxe como metáfora da luta pela vida foi percebida em diversos romances.

Robert Sharenow (2013), em seu livro *O clube de boxe de Berlim*, aborda a história de um menino judeu, Karl Stern, perseguido na escola por seus colegas pró-Hitler. Apesar de não praticar a religião judaica e jamais ter ido à sinagoga, Stern torna-se saco de pancadas por ter sangue judeu. Para se defender da Juventude Hitleriana, seu pai procura treinamento de boxe para o menino. O treinador era nada mais, nada menos, que o ex-campeão Max Schmeling (que lutou duas vezes contra Joe Louis). Apesar de ser uma obra de ficção, o autor afirma que o pano de fundo é real e que de fato Schmeling resgatou e treinou dois meninos judeus. Destacamos também as questões étnico-religiosas, que também se percebe em outras obras, em que se abordam o patriotismo, nacionalismos e casos de racismo no boxe.

Por fim, Arthur Conan Doyle (2015), escreveu o romance *Rodney Stone*, título publicado originalmente em 1896. No Brasil, foi editado pela primeira vez em 1956, com o mesmo título da edição norte-americana, mas em 2015 mudou para *Soco na cara*. Neste romance, Conan Doyle conta a história de Rodney Stone, filho de um marinheiro inglês, que teve contato com o pugilismo através de seu tio aristocrata, em Londres. A trama acontece entre os séculos XVIII e XIX, período em que o boxe era apoiado por representar “o pendor guerreiro dos britânicos”, mas também criticado e perseguido por ser praticado por lutadores “desleais e mal-intencionados”. Obviamente, um texto de Arthur Conan Doyle se inclinaria por temas como investigação, mistério e assassinato. E é este o cenário do romance

Da literatura, partimos para as últimas três categorias: textos jornalísticos, institucionais e manuais de boxe. Começamos pelos jornalísticos. Seleccionamos seis trabalhos: Henrique Matteucci (1988), Juvenal Queiroz (1989), Henrique Nicolini (2001), Norman Mailer (2011), Cássio Carlos (2012), Freitas e Dehó (2014). Já mencionamos anteriormente a importância dos trabalhos de Henrique Matteucci. No livro *Boxe – mitos e história*, Matteucci (1988) abordou a história do boxe nacional. Esta é sua importante contribuição. Enquanto outros textos apenas citam uma breve história do boxe brasileiro, Matteucci busca as origens do boxe em São Paulo, no porto de Santos, em 1913, passando pelas primeiras comissões de boxe, na década de 1920, as primeiras federações a partir de 1930, e os tempos dourados, com Kaled Curi, Ralf Zumbano, Vicentão (o touro de Osasco), Guilherme Martins, Paulo Sacomã (o martelador do Bom Retiro), Luisão e Servílio de Oliveira. Este livro foi publicado também com o título *Luzes do Ringue*.

Juvenal Queiroz (1989), em *No mundo do boxe*, trata da história do boxe, desde seus primórdios na antiguidade clássica ocidental, citando os períodos áureos na Inglaterra (século XVIII) e nos Estados Unidos (século XIX). Apenas da metade do livro, o autor apresenta a história do boxe brasileiro, porém, a partir de suas próprias experiências como boxeador na década de 1950. O livro possui referências bibliográficas e algumas fontes consultadas pelo autor. Como outros textos já referenciados, percebe o boxe como herdeiro do pugilato e o pancrácio antigo, questão que será mais bem abordada em seguida.

A obra do professor e jornalista Henrique Nicolini (2001), *Tietê -O Rio do Esporte*, apresenta um histórico da prática esportiva em São Paulo, entre eles o boxe. Segundo Nicolini, os portos de Santos e do Rio de Janeiro recebiam navios ingleses, e com eles vinham os marinheiros que já conheciam o boxe de longa data. A primeira tentativa de praticar o boxe se deu pelo Clube Espéria, entre os anos de 1914 e 1915, porém, sem muito resultado. A obra de Nicolini aponta que a luta de Jack Dempsey e George Carpentier em 1921, fez ressurgir o gosto pelo boxe no Brasil, inaugurando na época muitas academias.

Norman Mailer (2011) escreveu um dos livros mais famosos sobre boxe: *A luta, a história da maior luta do século XX*. De nossa lista bibliográfica, este é o quinto trabalho que aborda o boxeador Muhammad Ali. O próprio autor explica o porquê deste fenômeno. Suas atitudes e convicções polêmicas, sua forma de boxear, sua rapidez e inteligência, enfim, para muitos o maior e mais completo pugilista da história. Apesar de muitos escritores biografarem Muhammad Ali, Mailer destacou o contexto histórico, social e político da luta de Ali contra Foreman. O que em todos os sentidos, foi um evento simbólico e extraordinário, retratado com riqueza no documentário “Quando éramos reis” (1996).

Os jornalistas da Folha de São Paulo, Cássio Carlos e Pedro Maciel Guimarães (2012) organizaram uma obra sobre o *Campeão de boxe*, famosa fita cinematográfica de Charles Chaplin de 1915. É interessante, pois justamente este filme foi exibido em vários cinemas da cidade de Porto Alegre. Podemos pensar porque Chaplin, diretor, roteirista e ator, resolveu fazer um curta sobre o boxe. Um dos motivos levantado pelos autores é que o boxe era um esporte popular, conhecido por todos, e também envolvia sentimentos e emoções. Além disso, para Chaplin que havia começado sua carreira no circo e estava acostumado a exercícios de elasticidade, era simples encenar os golpes e esquives de boxe. O pugilismo foi um esporte recorrente no cinema mudo de Chaplin. Além do *Campeão de boxe*, há cenas de luta em *O Nocaute* (1914), *O Vagabundo* (1915) e *Luzes da Cidade* (1931)

O livro mais recente sobre a história do boxe foi escrito pelos jornalistas Bruno Freitas e Maurício Dehó (2014), intitulado *Em 12 rounds, histórias do boxe no Brasil, de Jofre a Popó, dos Zumbano a Tyson*. Os autores realizaram diversas entrevistas,

compondo detalhadas informações a respeito dos ex-boxeadores Eduardo Suplicy, Eder Jofre, Raphael Zumbano, Adilson Maguila, Acelino Popó, dentre outros. Freitas e Dehó trataram também das experiências de Muhammad Ali e Mike Tyson no Brasil, mas no geral o livro dá destaque a história dos pugilistas brasileiros. A data mais recuada corresponde a década de 1950.

Diferente dos jornalísticos, os livros institucionais eram editados por órgãos que possuíam legitimidade na constituição de regras do boxe. A Confederação Brasileira de Pugilismo (1987), por exemplo, ao publicar *Boxe, regras oficiais*, deu relevo principalmente aos regulamentos de boxe amador e profissional. Há um pequeno histórico no início do livro, porém, o destaque maior está estabelecer parâmetros para os campeonatos de boxe realizados no país. Caso semelhante é o livro *O que é boxe? História, Regras e Curiosidades*, de Silvia Vieira e Armando Freitas (2007). Apesar de um breve relato sobre o percurso do boxe, o livro tem como foco divulgar os parâmetros estabelecidos pelo Comitê Olímpico Brasileiro. O verbete *Boxe*, foi elaborado por Mário Feitosa, Nívea Leite e Amanda Lima, e teve espaço no Atlas do Esporte no Brasil, organizado e editado pelo Conselho Federal de Educação Física (CONFEF).

Para finalizar, temos os chamados manuais de boxe: Taciano Oliveira e Dirceu Miranda Rosa (1924), Antônio Rodrigues Alves e R. Coutinho (1929), Mário Marques Ramos (1941), Waldemar Zumbano (1951), Ernani Nogueira (1954), Latorre Faria (1960), Floyd Patterson e Bert Sugar (1981) e Ricardo Unanian e Luiz Caetano Silva (2006). Estes livros foram escritos por aficionados pelo pugilismo. São obras pragmáticas, pois apresentam o “o quê” e o “como fazer”, compreendendo tanto a história do boxe, como ensinando o novato a lutar boxe. Selecionamos essas obras, algumas muito antigas, porque apresentam dados raros tanto sobre o boxe na Inglaterra, nos Estados Unidos e no Brasil. Mais a frente defenderemos o argumento de que na primeira metade do século XX livros de boxe tinham demanda, vendiam bastante, pois ainda era um esporte muito popular.

Oliveira e Miranda Rosa (1924), por exemplo, escreveram o primeiro livro nacional sobre o boxe que se tem notícia, intitulado *Pugilismo*. E a obra foi escrita no tempo que Jack Dempsey, o Tigre de Utah, era o campeão mundial de pesos pesados. Foi o ano das primeiras comissões de boxe em São Paulo e Rio de Janeiro. Traz



informações sobre o boxe mundial, mas também no Brasil. Se divide também com notas sobre treinamentos, principais golpes, as regras a serem seguidas, etc. O livro de Rodrigues Alves e Coutinho (1929) é outra preciosidade. Rodrigues Alves era sobrinho do ex-presidente Francisco Rodrigues Alves. Ele foi citado em algumas obras como o responsável por ajudar a divulgar o esporte. Em *O boxe sem mestre – a cultura física para todos*, os autores apresentam os primeiros passos da Comissão de Boxe do Rio de Janeiro, fundada em 1925, pelo Major Evaristo Marques da Silva.

Alguns anos depois foi publicado o livro *Pugilismo – Boxe, Jiu-Jitsu, Luta-Livre e Catch-as-cacht-can*, de Tenório D’ Albuquerque. Albuquerque (1939), fazia parte da direção da Comissão de Boxe do Rio de Janeiro. Nos agradecimentos de seu livro citou o fundador Evaristo Marques da Silva, bem como o Dr. Paulo Hasslocker, segundo presidente da mesma comissão. É uma obra que tem como destaque informações sobre os primórdios do pugilismo brasileiro. Mário Marques Ramos (1941) publicou pela Editora do Globo, em Porto Alegre, o trabalho intitulado *Boxe*. Ramos era professor da Escola Superior de Educação Física do Rio Grande do Sul (o que hoje seria a UFRGS). Outro amante da Nobre Arte foi Waldemar Zumbano, irmão de Antônio e Ralf, membro de uma família de boxeadores, parente de Eder Jofre. Zumbano escreveu *O Boxe ao alcance de todos*, mais um livro com as características de manuais de boxe. Deu importância a história do pugilismo, da antiguidade até os dias atuais.

Ernani Nogueira (1954) dividiu seu trabalho em “regras, técnicas, principais golpes, nocautes, golpes proibidos e exercícios próprios do boxe”. Latorre Faria (1960), organizou seu livro em “defesa pessoal, ataques, ginástica, histórico e regulamento”. Patterson e Sugar (1981), em “postura, ataque, defesa, estratégia, treinos e condicionamento físico”. Finalmente, Unanian e Silva (2006) “um pouco de história, equipamentos, golpes, defesa e treinamento”. Os manuais de boxe possuem um papel importante, pois mostram a difusão deste esporte de combate.

\*\*\*

Queremos neste momento sintetizar algumas ideias que percebemos a partir da revisão bibliográfica exposta acima. Em primeiro lugar, muito tem se escrito sobre o boxe, porém, pouco tem se pesquisado a respeito do pugilismo. Poucas vezes o boxe foi, de fato, objeto central de investigação. Sentimos na pele as palavras de Lucien

Febvre, que diz “não encorajamos aqueles que amontoam fatos para depois, de braços cruzados, esperarem eternamente que venha um homem capaz de os reuni-los” (FEBVRE, 1985, p. 19) Em outras palavras, pouco tem se questionado a respeito da constituição do boxe, já que muitos autores preferem usar referências como algo dado, conclusivo. Edward Carr, por exemplo, afirma que “os historiadores já não desejam uma história definitiva. Eles esperam que seu trabalho seja superado muitas e muitas vezes” (CARR, 1982, p. 44). Portanto, não há no método científico ou em História, verdades absolutas. Todas são “verdades temporárias”, a espera de novas perguntas. Assim, pontuaremos algumas questões que julgamos merecerem espaço de crítica e reflexão.

Na bibliografia analisada, foi recorrente encontrarmos que o boxe surgiu na antiguidade, a partir das experiências do pugilato antigo. Este argumento de ancestralidade comum entre o boxe e as lutas antigas foi defendido por Latorre Faria (1960), Juvenal Queiroz (1988), Henrique Nicolini (2001), José Flores Júnior (2001), Feitosa, Leite e Lima (2006) e Vieira e Freitas (2007). Muitos trabalhos acadêmicos também defenderam essa posição. Porém, para Norbert Elias e Eric Dunning (1992), não há relação alguma entre estas duas práticas.

O pugilato possuía caráter militar, ritualístico e religioso. Era comum que a vitória de um lutador só ocorresse após a morte do outro. O senso de violência era muito alto. Para Elias & Dunning, o “boxe talvez não seja o termo apropriado para a prática corporal praticada na Grécia Antiga, pois tanto o modo de lutar quanto a finalidade e a estética distintiva dessa classe de luta era diferente das do boxe moderno” (ELIAS & DUNNING, 1992, p. 169). Assim, cremos que não houve ressurgimento do boxe no período moderno como alguns autores defendem. A modernidade, o crescimento e a transformação das urbes, além do processo de esportivização, tornaram o boxe fruto de um novo tempo, com regras específicas, moldadas por uma sociedade burguesa. Por isso, segundo Elias & Dunning, o boxe teria surgido, assim como outros esportes, num contexto de processo de civilização.

Outra questão percebida foi a concepção de história utilizada por quem se debruçou sobre o boxe: uma história passiva, linear e factual. Muitos livros ao tratarem do pugilismo o perceberam como uma longa linha histórica, sem tensões ou conflitos.

Como se as datas fossem colocadas lado a lado, como um grande dominó humano. Por isso, há muito que se pesquisar e escrever sobre o boxe, já que a maior parte das informações sobre o pugilismo brasileiro foi adquirida por meio de memórias (e as memórias, como documento histórico, devem ser analisadas). Já é hora de recolhermos mais fontes primárias e somarmos outros elementos, já que a vida dos homens é feita assim, de constantes tensões, de intenso movimento e permanente reesignificação.

Também nos chamou a atenção o fato de que muitos trabalhos - principalmente nacionais - escolheram tratar a história recente do boxe. São os casos de Micali Júnior (2014, 2015 e 2016), que investigou academias de boxe em Londrina/PR na década de 1970; de Silva & Freitas (2014), que analisaram o resurgimento do boxe em Rio Grande/RS na década de 1980; de Freitas & Dehó (2014), que elegeram Eduardo Suplicy, Eder Jofre, Henrique Matteucci e Ralf Zumbano, como pugilistas mais antigos para seu trabalho, contudo, o período histórico de suas trajetórias foi da década de 1950. Além das dissertações de Cristina Faria (2005), que investigou o projeto social de boxe na Maré/RJ e de Flávio Mariante Neto (2010), que analisou os sentidos do pugilismo praticado nas academias e escolas de boxe em Porto Alegre nos dias atuais. Nem é preciso falar que as biografias também acompanham esta escolha pelo período recente: Eder Jofre (décadas de 1950 a 1970), Adilson Maguila (décadas de 1980 e 1990) e Acelino Popó (décadas de 1990 a 2000).

Outra característica marcante, tanto na bibliografia nacional como na estrangeira, é o aumento de trabalhos sobre o boxe nas últimas duas décadas. Das sessenta e uma obras estrangeiras, mais da metade foram publicadas entre os anos de 2000 e 2016. E no que se refere à literatura nacional, dos setenta e seis trabalhos publicados no Brasil, sessenta deles foram editados nos últimos dezesseis anos. Sem dúvida o boxe tem se tornado objeto nas mais variadas áreas de conhecimento, como já evidenciamos anteriormente.

Mas afinal, quantos destes trabalhos contribuíram para conhecermos a história do boxe gaúcho e porto-alegrense? Na verdade, poucos. Sobre o boxe no Rio Grande do Sul temos a dissertação de Lilian Assef (2006), sobre as noitadas pugilísticas em Santana do Livramento; Éderson Santos (2009), que escreveu seu trabalho de conclusão sobre o pugilismo profissional em Uruguaiana nas décadas de 1950 e 1960; Kim Silva e

Débora Freitas (2014) analisaram as memórias sobre o boxe em Rio Grande na década de 1980. Sobre o boxe em Porto Alegre temos os trabalhos de Flávio Mariante Neto (2010), Tirzah Souza (2012), Marcelo Campus (2013) e Alice Assmann, Eduardo Carmona e Janice Mazo (2014).

De 2012 para cá temos escritos alguns artigos, compartilhando resultados de nossa pesquisa sobre o boxe. Inicialmente, publicamos *Calçando as luvas: primeiros comentários sobre a formação do boxe gaúcho (Porto Alegre, 1920)*, em que apresentamos basicamente os objetivos de nossa tese de doutorado (CARATTI, 2012a). Primeiramente, queríamos estudar o boxe em suas três fases: formação (1920), consolidação (1930-1940) e declínio (1950). Como o recorte temporal era muito amplo, decidimos que seria mais oportuno focarmos na formação do boxe, já que havia esta lacuna historiográfica.

Dentro deste período inicial – que na época considerávamos a data de 1920, mas hoje sabemos que a prática do boxe já existia no início da década anterior – nos interessamos pela contribuição dos pugilistas negros neste processo. Surgiu o segundo artigo, *A participação de pugilistas negros no boxe gaúcho (Porto Alegre, primeira metade do século XX)*. A ideia inicial era investigar o impacto da vitória do pugilista negro e campeão mundial dos pesos pesados Jack Johnson – e suas experiências com o preconceito racial – para a população negra de Porto Alegre (CARATTI, 2012b). Contudo, mais uma vez foi necessário delimitar e repensar o tema de nossa tese. A leitura e análise das fontes primárias foram responsáveis, em grande parte, por esta mudança. Este percurso lembra-nos Marc Bloch quando afirma que “o explorador sabe muito bem, previamente, que o itinerário que ele estabelece, no começo, não será seguido ponto a ponto. Não ter um, no entanto, implicaria o risco de errar eternamente ao acaso” (BLOCH, 2011, p. 79).

As transformações de nosso trabalho ficaram evidentes no artigo, “*Quando o boxe era caso de polícia*”: *espetáculo, violência e repressão em tempos do surgimento do pugilismo em Porto Alegre/RS (1908-1922)*. As fontes primárias nos alertaram – obviamente, quando indagadas – que o boxe sofria perseguição e repressão da polícia por ser uma luta violenta e perigosa, que não era normatizada e que era associada pela população a outros problemas sociais da época: jogos de azar, vadiagem, prostituição e

proliferação de doenças (CARATTI, 2016). Assim, passamos a dar um olhar mais social para a história do boxe em Porto Alegre, buscando entender as tensões e conflitos entre pugilistas, treinadores, empresários, autoridades policiais, cronistas esportivos, bem como as representações suscitadas por esta luta entre a população.

Esta revisão bibliográfica buscou evidenciar o momento atual da historiografia sobre o boxe. Isso foi necessário porque não temos conhecimento de textos que façam este balanço, que mostrem o que já foi escrito e o que ainda está por se fazer. Nosso objetivo principal foi informar o leitor do nosso ponto de partida. Mesmo que de forma extensa, esperamos ter conseguido. Logo abaixo dissertaremos sobre nossas reflexões teóricas, parte fundamental desta tese, pois consistirá em construir nossas ideias sobre o campo histórico em que estamos inseridos, bem como os principais conceitos que darão sustento a este trabalho.

### **III - Quadro teórico: reflexões conceituais**

Esta tese não aborda apenas o processo de constituição do boxe moderno e sua recepção e reelaboração na América Latina. Este trabalho também envolve reflexão sobre sua investigação e escrita. Muitos historiadores confessam que raramente pensam sobre a constituição de seu trabalho. Lucien Febvre afirma: os historiadores fazem geralmente história sem meditar nos limites e nas condições de história (FEBVRE, 1985, p.16). Edward Carr também faz esta provocação: os historiadores refletem pouco sobre a natureza de seus próprios assuntos (CARR, 1982, p.55). Assim, um texto que assume uma postura crítica sobre sua própria produção pode contribuir, para além do seu próprio objeto, para outras formas possíveis de fazer história.

De fato, a escrita da história é uma criação intelectual. O que escrevemos é fruto de nossas leituras e reflexões. Segundo Edward Carr, “o historiador pertence à sua época e ela se liga pelas condições de existência humana” (CARR, 1982, p. 60). Assim, o historiador coloca muito de sua personalidade, de suas posições políticas e suas impressões sobre a história. Desta forma, se este é um trabalho de pesquisa histórica, que não preza apenas pela empiria, o que fundamenta nossa reflexão? É sobre isso que queremos tratar neste momento.

Fomos muito instigados com o excerto de Antoine Prost, ao afirmar que a “honestidade científica exige que o historiador defina a orientação de seu pensamento e explicita seus postulados. Que ele mostre na ação e nos faça assistir à gênese de sua obra” (PROST, 2015, p. 91). Portanto, explicitar nosso quadro teórico é compartilhar com os leitores o processo de constituição da pesquisa, exteriorizando nossas escolhas e orientações. Percebemos também que o conceito sobre a história influencia diretamente em nossos resultados empíricos e interpretativos. Por isso, resolvemos apresentar algumas reflexões teóricas que consideramos importantes.

O valor da teoria – ou do quadro teórico – em História tem relação com a presença de técnicas básicas de nossa profissão, como: observação crítica, interpretação, análise e síntese. Segundo Michel de Certeau, “uma prática sem teoria leva necessariamente, num momento ou noutro, ao dogmatismo de “valores eternos” ou à apologia de um “intemporal”” (DE CERTEAU, 1995 p. 18). Em outras palavras, sem reflexão teórica um trabalho pode inclinar-se ao dogmatismo ou ao anacronismo, dois erros que para os historiadores são indesculpáveis.

Um dos conceitos sobre história mais conhecidos foi escrito por Marc Bloch: é a ciência que estuda os homens no tempo (BLOCH, 2001, p.55). O próprio Bloch relativizou a cientificidade da história, considerando-a “uma ciência na infância” ou “a mais difíceis de todas as ciências” (BLOCH, 2001, p.47). Já Edward Carr, parece não ter se importado muito com esta discussão: não me preocupo excessivamente quando me asseguram que a história não é uma ciência (CARR, 1982 p. 91). Nesta direção, Antoine Prost afirma que a história não tem a pretensão de ser uma ciência (PROST, 2015, p. 140). Porém, o posicionamento de Jacques Le Goff nos chama a atenção: qualifico a história de estudo cientificamente orientado e não de ciência (LE GOFF, 2013 p.104).

A posição de Jacques Le Goff é muito semelhante à de Lucien Febvre, que disse, muito antes, que a “história é o estudo, cientificamente conduzido, das diversas atividades e das diversas criações dos homens de outrora tomados na sua data, no quadro de sociedades extremamente variadas” (FEBVRE, 1985, p.30). Cremos na perspectiva que a história “poderá no máximo aspirar e atingir certas zonas de cientificidade em meio à caótica totalidade dos acontecimentos históricos”

(CARDOSO, 1981, p. 10). Afinal, não há dúvida que ao concebermos este trabalho fizemos uso de técnicas do método científico para pensarmos e organizarmos nosso texto. No entanto, existem questões que dificultam a constituição da história enquanto ciência. Por exemplo, Prost afirma que “não existe regra que possa ser aplicada de uma forma automática e sistemática, que tudo é questão de dosagem, tato e compreensão” (PROST, 2015, p. 135). Desta maneira, a utilização do método científico convive com a experiência da sensibilidade do historiador, já que a humanidade não pode ser explicada somente por números, mas com a tentativa de compreender suas atitudes, pensamentos e decisões.

Ciro Flamarion Cardoso, ao tratar dos sentidos da História, afirmou que “História é um termo polissêmico, o que significa que possui significados variados. Devido a isto, convém deixar sempre bem claro em qual sentido está sendo empregado e cada contexto do seu uso” (CARDOSO, 1981, p.25). Pensamos a história como um “processo contínuo de interação entre o historiador e seus fatos, um diálogo interminável entre o presente e o passado” (CARR, 1982, p.65). O historiador não estuda somente o passado. Aliás, como disse Lucien Febvre, “o homem não se lembra do passado. Reconstrói sempre. Parte do presente – e é sempre através dele que conhece, que interpreta o passado. (FEBVRE, 1985, p. 25). O passado já passou. O que o historiador estuda são os vestígios do passado. E estes vestígios serão questionados pelo historiador do presente, com questões contemporâneas, por isso a “interação entre o historiador e seus fatos [...] entre o presente e o passado”.

Sobre o objeto de estudo da história, Peter Burke evidencia que “a História é mais bem definida como o estudo de sociedades humanas no plural, destacando as diferenças entre elas e mudanças ocorridas com o passar do tempo” (BURKE, 2002, p.12) Marc Bloch dizia insistentemente que “o objeto da história era, por natureza, o homem” (BLOCH, 2011, p.47). E Eric Hobsbawm, observa que “o problema para o historiador é analisar a natureza [...] do passado na sociedade e localizar suas mudanças e transformações” (HOBSBAWM, 1998, p.25). Portanto, o historiador não pode perder seu foco. São os homens, ou melhor, “a humanidade”, em todos seus gêneros, idades, etnias, religiões, que ele quer alcançar. E não somente isso: suas transformações no decorrer do tempo. No caso de nossa pesquisa, são os pugilistas que se desafiavam na Inglaterra do século XVIII, nos Estados Unidos do século XIX, ou nos países latino-

americanos do XX; suas vidas, seus movimentos, são eles, sim, nosso objeto primordial de análise.

Quem escreve um trabalho de história sabe muito bem que não há total objetividade, muito menos imparcialidade. Segundo Lucien Febvre, “o trabalho de historiador não se faz com insensibilidade ou indiferença” (FEBVRE, 1985, p. 94). Existe sentimento, emoção e afetividade. Antoine Prost declara que é impossível “ser um bom historiador sem um pouco de paixão, sinal de relevantes desafios pessoais” (PROST, 2015, P.88). Porém, o fato de fazer uma história mais humana e apaixonante, não nos dá direito de dar meras opiniões. Nosso trabalho precisa ser teoricamente embasado e documentado. Além disso, há também um compromisso ético e social, pois o historiador crê que o objeto que investiga é real (HOBSBAWM, 1998, p.8).

Como já mencionamos anteriormente, nos identificamos com uma história pautada pelo questionamento. Em outras palavras, por uma história-problema. Prost afirma que “é impossível encontrar resposta para questões que não chegaram a ser formuladas” (PROST, 2015, p.71). Isso significa que é impraticável conduzir um trabalho sem ter se perguntado sobre o que se quer investigar. Portanto, o primeiro passo é formular perguntas às fontes pesquisadas. Foi isso que fizemos no início desta introdução, ao demonstrar o problema de pesquisa que queremos analisar.

Uma técnica fundamental que demarca a pesquisa histórica é aplicação do método crítico. Não existe um método propriamente histórico, mas certamente a história tem sido reconhecida pelos seus pares por sua postura crítica (PROST, 2015, p.144). Segundo Michel de Certeau, “a história não deixa de manter aí a função que exerceu através dos séculos, com relação a razões bem diferentes, e que interessa a cada uma das ciências construídas: a de ser uma crítica” (DE CERTEAU, 1995, p. 38). Esta crítica é necessária e essencial porque o historiador sabe da complexidade das fontes que trabalha. Ele tria, interpreta, compara, analisa. Porém, é prudente e não faz o papel de ingênuo. Para Jacques Le Goff, o documento é o “resultado de uma montagem, consciente ou inconsciente, da história, da época, da sociedade que o produziram”. (LE GOFF, 2013, P. 497). Sobre o uso de fontes primárias falaremos mais adiante.

Um dos objetivos da investigação histórica é compreender as sociedades no tempo. Para Edward Carr, “a função da história é promover uma compreensão mais



profunda de ambos – o passado e o presente – através da inter-relação entre eles” (CARR, 1982, p. 97). Carr ainda declara: a função do historiador não é amar o passado ou emancipar-se do passado, mas dominá-lo e entendê-lo como chave para compreensão do presente (CARR, 1982, p. 61). Marc Bloch afirma que “uma palavra, para resumir, domina e ilumina nossos estudos: compreender” (BLOCH, 2001, p.128)

Para Lucien Febvre o objetivo da história não é apenas saber, menos ainda julgar ou prever, é sim, compreender. Para este autor, “compreender é complicar. É enriquecer em profundidade. É ampliar gradualmente” (FEBVRE, 1985, p. 81). Este desejo de compreender leva-nos mais longe, pois não nos contentamos com simples respostas a problemas deveras complexos. Antoine Prost sugere uma interessante maneira de entender a história, ao apostar no conceito de compreensão. Para o autor é impossível explicar cientificamente a experiência humana na história, mas o pesquisador pode tentar compreendê-la (PROST, 2015, p. 140).

O fato de a história ter um modelo particular de interpretação, não a torna menos legítima, ou menos rigorosa, nem menos verdadeira (PROST, 2015, p.141). Para Prost, “a compreensão acaba especificando, de forma mais abrangente o modo de inteligibilidade da história enquanto ela incide sobre comportamentos investidos de sentidos e de valores” (PROST, 2015, p. 147). Assim, o historiador acessa a inteligibilidade da história e de seus sujeitos, compreendendo e se colocando no lugar daqueles que são objeto da história.

Os historiadores não devem ser autossuficientes, ao ponto de trabalharem de “janelas fechadas e de cortinas corridas” (FEBVRE, 1985, p.17). Por muito tempo a História se fechou para seus pares. De fato, o trabalho do historiador do século XIX e do começo do XX, era mais parecido com o de um colecionador – o chamado fetiche dos fatos e dos documentos (CARR, 1982, p. 55). Com a criação da *Revista dos Annales*, em 1929, por Marc Bloch e Lucien Febvre, ficou evidente a aproximação com as demais ciências humanas. Para Febvre este contato trouxe enriquecimento ao conhecimento histórico e também seu alargamento. Segundo Febvre, “a primeira coisa a se fazer é aproveitar o conselho dos outros. Informar-se das realizações já feitas. Apoiar-se nos que organizaram a Investigação Coletiva.” (FEBVRE, 1985, P. 66). Por

isso, a importância de levar em conta as pesquisas dos outros, em outras palavras, a interdisciplinaridade.

A aproximação com a Geografia, a Psicologia, Sociologia, Linguística, a Antropologia, dentre outras, contribuiu para que os historiadores tivessem um olhar mais amplo e complexo sobre seus próprios temas de pesquisa. Nesta tese, por exemplo, nos amparamos em trabalhos de outras áreas, pois acreditamos que, de fato, o conhecimento é interdisciplinar. Utilizamos as leituras dos sociólogos Norbert Elias e Eric Dunning para pensar o processo de civilização e a modernidade; e também usamos o livro de sociólogo Loïc Wacquant, que trata da etnografia de um aprendiz de boxe.

Obviamente, o estudo do passado apresenta algumas dificuldades epistemológicas para o historiador. O primeiro deles já foi mostrado acima: o passado para nós é necessariamente indireto (BLOCH, 2011, p.69). Se não temos contato diretamente com o passado, as fontes primárias são nossa porta de acesso a ele. Entretanto, as fontes não são a história. As fontes são o material do historiador. Devem ser criticadas e analisadas. Assim, surgem os fatos históricos, que são o resultado prático deste conjunto de técnicas. Estes fatos, para Antoine Prost, são construídos pelo historiador (PROST, 2015, p.75). Ou podemos também utilizar a expressão de Michel de Certeau: os fatos são fabricados, pela operação histórica (CERTEAU, 1995, p. p.29)

Outra dificuldade está ligada ao problema da totalidade e abrangência da história. Segundo Edward Carr, “o historiador é um selecionador. Faz escolhas” (CARR, 1982, p. 47). Não existe a possibilidade de o historiador estudar toda história. Primeiro, porque mesmo se este tentasse, estudaria somente os vestígios que chegaram até ele. Assim, o trabalho do historiador é selecionar, entre as fontes que estuda, aquelas que lhe ajudam a compreender os fenômenos humanos. Nosso trabalho foi construído por escolhas do início ao fim. Escolhas de abordagem, escolhas de problemas de investigação e escolhas de fontes. Por isso, não nos admiremos que futuramente outros historiadores pesquisem a história do boxe e obtenham resultados diferentes. Até porque não estamos preocupados em oferecer uma verdadeira história do boxe, já que cremos que a mesma não existe. Segundo Marc Bloch, “o passado é, por definição, um dado que nada mais se modificará. Mas o conhecimento do passado é uma coisa em progresso, que incessantemente se transforma e aperfeiçoa” (BLOCH, 2001, p. 75).

Usando a metáfora de Antoine Prost, de que o trabalho do historiador é semelhante ao de um marceneiro que na oficina fabrica suas obras-primas, podemos afirmar que cada postura, posicionamento, pensamento, conceito, enfim, teoria, possui uma interação dialógica com seus materiais. São estes pensamentos que orientam sua interpretação e análise, que o levam a escolher um documento e não o outro, que insere o trabalho num campo histórico e não em outro. Assim, o que buscamos nesta breve reflexão foi apresentar aos leitores parte de nossas ferramentas conceituais, nossa visão de mundo e de pesquisa. Estas servirão de guia para nosso trabalho de investigação. Abaixo iremos discutir nossa incursão no campo da História Social, que confere a linha de pesquisa “Relações de Dominação e Resistência” em que se insere este trabalho.

\*\*\*

Esta tese de doutorado está inserida na dimensão historiográfica chamada de História Social (BARROS, 2005, p.10).<sup>10</sup> É consenso entre os historiadores que a caracterização desta dimensão é de extrema complexidade. Eric Hobsbawm afirmou que “o termo história social sempre foi de difícil definição” (HOBSBAWM, 1998, p. 106). José D’ Assunção Barros declarou, igualmente, que “a História Social abre-se de fato a variáveis possibilidades de definição” (BARROS, 2005, p. 2). Assim, parece essencial compreender de qual História Social estamos falando. Obviamente, a busca por esta definição – ou definições – não deve ser feita arbitrariamente. Lucien Febvre declarou certa vez que “toda definição é uma prisão. E porque as ciências, tal como os homens, têm a necessidade de liberdade” (FEBVRE, 1985, p. 246). Desta maneira, ao mesmo tempo em que queremos entender as diversas posições a respeito da História Social, estaremos atentos para identificar àquela que mais se aproxime de nosso trabalho.

Eric Hobsbawm (1998) contribuiu para este debate em seu capítulo *Da história social à história da sociedade*, em sua coletânea de ensaios intitulado *Sobre História*. Hobsbawm apresentou três apropriações do termo História Social: primeiramente, uma história social voltada para as classes pobres, à história social do trabalho, dos

---

<sup>10</sup> Os livros do historiador Sidney Chalhou, como *Trabalho Lar e Botequim* (1986), *Visões da Liberdade* (1990) e *Cidade Febril* (1996), são um bom exemplo de história social da cultura, pois o autor se afasta de respostas simples, para compreender a complexidade das vidas dos sujeitos históricos.

movimentos sociais e das ideias e organizações socialistas (HOBSBAWM, 1998, p.106); em segundo, uma história social vinculada a uma abordagem culturalista, conservadora, influenciada pelo modelo rankiano e à margem da academia (MATTOS, 2011, p. 42); e, por fim, uma história social combinada com a história econômica, incentivada pelo movimento dos *Annales* (Marc Bloch e Lucien Febvre, primeira geração), que se opunha à velha História Política, valorizando os fenômenos coletivos e apostando numa visão científica e interdisciplinar da história (HOBSBAWM, 1998, p.107).

Em relação à História Social praticada pelos *Annales*, houve desdobramentos nas décadas posteriores. Segundo Barros, “na primeira geração a História Social é vista como uma especialidade, e na segunda com Braudel assume a perspectiva de História Total ou História Síntese” (BARROS, 2005, p. 15). A primeira geração buscava contrastar com o modelo de história feita anteriormente. Por isso, dava importância a novos sujeitos (grupos sociais, não somente indivíduos), o uso ampliado de fontes (revolução documental, uso de fontes não oficiais), o diálogo com as demais ciências humanas (a interdisciplinaridade) e o questionamento como motor que move a pesquisa histórica (e não os fatos puros e verdadeiros). Ou seja, percebia a história como a inter-relação entre os sujeitos em sociedade. Segundo Hebe Mattos, a definição de história social “se construía, assim, a partir de uma prática historiográfica que afirmava a prioridade dos fenômenos coletivos sobre os indivíduos e das tendências em longo prazo sobre os eventos na explicação histórica” (MATTOS, 2011, p. 43).

Na segunda geração, com Fernand Braudel e Ernest Labrousse, priorizou-se a análise serial-quantitativa. Estes historiadores eram de orientação marxista, alinhados ao materialismo histórico e davam relevo ao fator econômico na investigação histórica. Segundo Braudel, “como a geometria descritiva, é sobre um e sobre o outro plano que é preciso projetar o corpo inteiro da história” (BRAUDEL, 1978, p. 173). Em outras palavras, compreender o “corpo inteiro da história” seria relacionar os diversos campos (político, econômico, cultural), tendo à história social a função de sintetizá-los.

A História Social como uma especialidade foi defendida, porém, também criticada por diversos historiadores. Para Hebe Mattos, por exemplo, a expressão história social era uma demarcação de espaço em relação à historiografia tradicional.

Porém, a autora questiona o porquê de utilizarmos este termo na atualidade, sendo que hoje nenhum historiador sério faz uso dos termos da escola metódica (MATTOS, 2011, p.42). Eric Hobsbawm sugere que a necessidade em definir esta especialidade teve relação com “interesses institucionais e profissionais” (HOBSBAWM, 1998, p.106). Aliás, muitos historiadores sociais sentiam-se incomodados com este termo e preferiam ser chamados apenas de historiadores “que buscavam integrar as contribuições de todas as ciências sociais relevantes à história” (HOBSBAWM, 1998, p.111).

Nas décadas de 1950 e 1960 começou-se a utilização do termo História Social. Segundo Ciro Cardoso e Héctor Brignoli “foi no Congresso de Ciências Históricas de Roma, em 1955, [que] foi colocada pela primeira vez uma metodologia de pesquisa relacionada com o estudo da estrutura e das relações sociais” (CARDOSO & BRIGNOLI, 2002, p.353) Para Hobsbawm, “a história social a partir de 1950 foi moldada e estimulada pela estrutura profissional das outras ciências sociais, pelos seus métodos e técnicas, mas também por suas questões” (HOBSBAWM, 1998, p.112). Hobsbawm também aponta a importância de observar o contexto da época: descolonizações africanas, revoluções na América Latina, movimento negro e feminista, etc. Estes eventos mostram o papel da ação humana na história, elementos estes presentes na abordagem marxista (luta, resistência, transformação e utopia) (MATTOS, 2011, p. 44).

O grande debate em torno da História Social é se ela deve ser considerada uma especialidade, “com objetos próprios e definidos, ou se o social que ao seu nome se agrega como adjetivo [...] torna-se [...] uma categoria transcendente que acaba perpassando todas as outras especialidades” (BARROS, 2005, p. 12). A História Social é uma especialidade, assim como a História Econômica e a História Cultural? Ou a História Social é a síntese da história, em outras palavras, é a própria história? Vamos ver o que diversos historiadores dizem a respeito.

Começando pela defesa da história como especialidade, avaliemos os objetos estudados por estes pesquisadores. Segundo Barros, estão as classes sociais, as relações sociais, os processos de transformação da sociedade como a industrialização, a modernização, a colonização, os movimentos sociais e as revoluções (BARROS, 2005, p. 12 e 13). Hebe Mattos completa: categorias sócio-profissionais, estruturas sociais,

hierarquias e comportamentos sociais. Segundo Mattos, a história social “em sentido restrito como abordagem que buscava formular problemas históricos específicos quanto ao comportamento e às relações entre os diversos grupos sociais” (MATTOS, 2011, p.44).

Assim, o que torna a história social uma especialidade são os objetos de interesse do historiador, que estão intimamente conectados com sua visão dialógica, em que os indivíduos (objeto da história) se relacionam com a sociedade em que estão inseridos. Também podemos destacar, para além do diálogo, a tensão, o conflito, a resistência e a opressão/repressão. Segundo Barros, não é “o tipo de fato – político, econômico, social ou cultural por definição – o que define uma sub-especialidade da História, mas sim o enfoque que o historiador dá a cada um destes tipos de fatos” (BARROS, 2005, p.14). Portanto, o historiador social possui um enfoque específico, e busca objetos específicos, que lhe permitam analisar profundamente seus fatos.

Outro elemento que identifica o historiador social são suas fontes de trabalho. Segundo Barros, “os historiadores sociais da atualidade têm prestado muita atenção a um vasto manancial de fontes que por muito tempo foi esquecido: os registros de polícia e os processos criminais” (BARROS, 2005, p.19). Qualquer historiador pode fazer sua pesquisa com estes documentos, porém, a abordagem social busca especificamente a voz dos excluídos. “Das massas iletradas oprimidas pelo domínio social. Camponeses, operários, escravos, índios, bandoleiros sociais, etc”. (CARDOSO & BRIGNOLI, 2002, p. 383). Assim, além das fontes, os próprios personagens de análise fazem estes investigadores se interessarem pela história social.

É importante considerar que nas primeiras décadas dos *Annales*, passando por Fernand Braudel e Ernest Labrousse, a história social manteve-se com estreita relação com a Sociologia, a Economia e a Demografia. Foi nesta época em que o marxismo e o estruturalismo estavam em alta. Porém, com a crise da modernidade e o giro linguístico (*linguist turn*), a história social se aproximou da antropologia e da psicologia. O grande representante deste movimento foi o historiador inglês Edward Thompson. Seus estudos sobre os costumes foram revolucionários, principalmente por sua visão de que a classe era uma formação social e cultural. Além, é claro, do conhecido conceito “economia moral da multidão” (THOMPSON, 1999). Na Itália, o historiador italiano Giovanni

Levi buscou respostas para o grande problema da dicotomia indivíduo *versus* estrutura. O micro-historiador analisou trajetórias de vida – pouco comuns, diga-se de passagem – e buscou a partir dos jogos de escalas remediosar os complexos pensamentos dos sujeitos que, na sua margem de autonomia, construíam suas próprias visões de mundo (LEVI, 2000).

Como vimos anteriormente, foram muitas as posições que sustentam a história social como especialidade. Contudo, não foram poucos os historiadores que se opuseram e se opõem a ela. Vamos ver alguns deles agora. Para Eric Hobsbawm, “os aspectos sociais ou societários da essência do homem não podem ser separados dos outros aspectos de seu ser, exceto à custa – da tautologia ou da extrema banalização” (HOBSBAWM, 1998, p.112). Ainda segundo Burke, “todas as esferas da atividade humana devem ser consideradas. Nenhum setor da vida social pode ser entendido isoladamente dos outros” (BURKE, 2002, p.29). Ou seja, a história é absolutamente social. Não pode ser separada, pois o homem se manifesta de diferentes formas. Hobsbawm, por exemplo, prefere a expressão “história da sociedade”, já que o homem em sociedade é o objeto primordial da história (HOBSBAWM, 1998, p. 135).

Outro argumento utilizado foi de que a história social possui a função de síntese. Segundo Barros, “a História Social [estaria] encarregada de realizar uma grande síntese da diversidade de dimensões e enfoques pertinentes ao estudo de uma determinada comunidade” (BARROS, 2005, p.15). A história social deveria criar as relações entre os campos político, econômico, cultural, dentre outros. O pesquisador social ficaria com o trabalho de somar as contribuições dos outros historiadores e formar uma síntese. A expressão História Total está vinculada a este argumento. Para Cardoso & Brignoli, “a história possuía vocação própria de síntese [...], pois reunia em unidade, numa visão global” (CARDOSO & BRIGNOLI, 2002, p. 351).

Para finalizar, alguns historiadores consideram impossível identificar os limites da história social. Segundo Cardoso & Brignoli, “a história social em seu sentido mais restrito – o de um campo de estudos históricos comparável aos outros (história econômica, demográfica, política, etc), apresenta contornos menos precisos, quanto a seus objetivos, conceitos e metodologia” (CARDOSO & BRIGNOLI, 2002, P. 406). Assim, não há dúvida quais são os campos de interesse da história econômica ou

cultural, porém, não se pode dizer o mesmo da história social, que é mais abrangente e se mescla com os próprios propósitos da história.

Bom, a esta altura os leitores devem estar se perguntando qual História Social esta tese se aproxima. Os argumentos foram variados e as preocupações dos autores nos parecem sábias e prudentes. Concordamos com Barros, quando diz que “é também verdade que nem toda História é necessariamente social” e que “pode ser questionada aquela ideia de que toda história é social. É social, podemos corrigir, se o historiador tiver efetivamente preocupações sociais na sua maneira de examinar o passado” (BARROS, 2005, p. 16).

Creemos que o historiador precisa escolher um enfoque para sua pesquisa. Não é possível investigar toda história – nem abordá-la de todas as maneiras. Mas também não se pode negligenciar a variedade de experiências e manifestações históricas dos sujeitos. É uma questão de sensibilidade. Ainda bem que a história social não se estagnou, nem ficou presa a suas racionalidades. Evoluiu e abriu espaço para a autonomia dos sujeitos. Para Antoine Prost, atualmente “é impossível fazer história social sem levar em consideração o universo das práticas sociais concretas e o das representações, criações simbólicas rituais, costumes e atitudes diante da vida e do mundo” (PROST, 2015, p.206). As contribuições do marxista Edward Thompson e da Micro-História de Giovanni Levi mostram a renovação da história social nas últimas décadas.

Não estamos aqui querendo defender uma definição correta de história social. Nem argumentar que é imprescindível a existência desta abordagem. Creemos que ela existe e existirá independente da defesa de sua especialidade. Se os próprios historiadores sociais não gostam de ser assim denominados, isto significa que para eles o mais importante são os debates em torno de uma temática comum. Se nosso trabalho é uma pesquisa orientada pela história social? Sim, caso isso signifique que estamos vinculados a um grupo de pesquisa, a uma linha de pesquisa (Dominação e Resistência) que discuta problemas em comum. Por outro lado, história social para nós não é engessamento temático, não é esquecer-se dos outros campos e domínios, muito menos a pretensão de síntese



\*\*\*

Antes de finalizarmos nossas reflexões teóricas, torna-se essencial apresentar quatro conceitos importantes para este trabalho: modernidade, constituição, espetáculo e reelaboração. O primeiro deles, o de modernidade, é o cenário de fundo tanto das transformações urbanas ocorridas em várias cidades da América Latina, como a chegada das diversas práticas esportivas na cidade. Marshall Berman nos ajuda pensar as consequências da modernidade:

A experiência ambiental da modernidade anula todas as fronteiras geográficas e raciais, de classe e nacionalidade, religião e ideologia: nesse sentido, pode-se dizer que a modernidade une a espécie humana. Porém, é uma unidade paradoxal, uma unidade de desunidade: ela nos despeja a todos num turbilhão de permanente desintegração e mudança, de luta e contradição, de ambiguidade e angústia (BERMAN, 2007, p. 15).

É como se todos os países de fora da Europa – ou grande parte deles – recebessem uma enxurrada de notícias, informações, padrões sociais, que afetasse diretamente a relação dos indivíduos na sociedade. Basta lembrar a chegada da luz elétrica, a primeira ferrovia, os bondes e os cinemas, que alteraram a vida dos porto-alegrenses. Ao mesmo tempo, a modernidade advinda da Europa não chegava em sua essência. Para Eduardo Kersting, a sociedade brasileira possuía uma visão incipiente de modernização. Havia um ideal, entretanto, a realidade da periferia (a posição que Porto Alegre estava em relação a Nova York e Paris, por exemplo) estava longe de ser real (KERSTING, 1998, p. 15). São as contradições que Marshall Berman apontou acima.

A modernidade traz junto de si outro conceito, o de exclusão. Kersting aponta que “a exclusão é aqui considerada como sendo uma das bases dessa modernidade, pois ela se estruturava sobre a condenação de diferentes modos de vida em nome da civilização e progresso” (KERSTING, 1998, p. 15). Assim, todos aqueles sujeitos que não se adequavam à ordem, ao progresso e à civilidade, eram reprimidos, chamados de “vagabundos”, “ociosos”, entre outras expressões menos dignas. Eduardo Kersting percebe isso em sua pesquisa, quando nota os discursos e representações da elite sobre o bairro negro Colônia Africana, em Porto Alegre.

Além do conceito de modernidade, consideramos fundamental explicar o que significa para nós a construção o “processo de constituição do boxe”. Inicialmente,

fomos atraídos pelo termo “esportização”, cunhado por Norbert Elias em seu livro “Em busca da Excitação”. Para este autor, esportivização pode ser definida da seguinte forma:

A transição dos passatempos a desportos, a desportivização, se é que posso utilizar esta expressão como abreviatura da transformação dos passatempos em desportos, ocorrida na sociedade inglesa, e a exportação de alguns em escala quase global, é outro exemplo de um avanço de civilização”. (ELIAS E DUNNING, 1992, p. 43)

Elias e Dunning afirmam que os esportes passam por um processo de esportivização, ou seja, os passatempos e divertimentos praticados sem regras, nem técnicas, vão se desenvolvendo até chegarem a esportes modernos. É um conceito interessante e que tem sido utilizado em muitos trabalhos de mestrado e doutorado nos últimos anos. Contudo, consideramos que a expressão “processo de constituição” tem maior relação com a história do boxe. As tensões entre a modalidade amadora (acadêmica, científica, de elite) e a modalidade profissional (de rua, cultura popular de lutas) aponta que o conceito elisiano é limitado. Pois cada prática possui sua própria trajetória e está construída dentro de contextos específicos. O boxe, como parte de uma cultura de lutas, foi se constituindo para muito além que um esporte. Aliás, o próprio termo esporte nem sempre pode explicar a luta pela defesa da honra entre dois homens, por exemplo.

Desde o início de nossa pesquisa, percebemos o percurso histórico do boxe era acompanhado por seu próprio poder de espetacularização. Tanto as fitas cinematográficas como os números circenses e as lutas dos boxeadores estrangeiros nos apontavam para a ideia do espetáculo. A própria ideia de se utilizar luvas de boxe e lutar num ringue, como aconteceu após as Regras do Marquês de Queensberry, apresenta o potencial da luta para ganhar popularidade. Encontramos em Paulo César Montager e E. F. Rodrigues o conceito de Esporte-Espetáculo. Para estes autores:

O Esporte-Espetáculo, ou seja, a mercadorização do esporte tem influenciado nas outras manifestações esportivas presentes na sociedade. O Esporte-Espetáculo é um fenômeno inserido em uma sociedade de consumo e comunicação de massa organizada de tal maneira a difundir sons, imagens e informações, configurando-se meio de reproduzir a sociedade de consumo. (MONTAGER & RODRIGUES, 2006, p. 54)

Ou seja, o boxe foi o grande símbolo da sociedade de consumo dos séculos XIX e XX. Antes mesmo de se popularizar nos Estados Unidos, na Inglaterra as lutas de boxe já envolvia grande número de público (até 20 mil pessoas) e grandes somas de apostas. Não há como negar que a popularidade do boxe esteve alinhada à construção de um espetáculo rentável, tanto para os lutadores, como para os donos de cinemas e teatros. O boxe era um espetáculo porque também envolvia um poder simbólico, de envolver as massas, em torno de conceitos de masculinidade, virilidade e nação. No Brasil, em São Paulo, Rio de Janeiro e Porto Alegre, percebemos que o boxe chegou ao formato do espetáculo e do entretenimento. Diferente dos casos da Inglaterra e dos Estados Unidos, que o boxe se desenvolveu pela força das guerras, o pugilismo brasileiro se apropriou de outra realidade.

Para entender isso, é preciso pensar que o boxe foi reelaborado a partir de uma cultura de lutas local. Para Néstor Canclini “a modernização cultural em países latino-americanos não se trata de um transplante [...] mas de reelaborações desejosas de contribuir para a mudança social” (CANCLINI, 1992, p. 78). Isso significa que a recepção do boxe inglês e norte-americano no Brasil passou por um processo de reelaboração a partir das experiências dos próprios sujeitos históricos. A modernidade latino-americana foi diferente da europeia, por isso os comportamentos e práticas esportivas foram re-significados.

#### **IV - Fontes e Metodologia**

A capa deste trabalho não faz apenas o dever estético de convencer o leitor a se entregar à leitura desta tese. Faz, também, alusão entre o jogo de quebra-cabeças e a pesquisa histórica. Pois, a pesquisa, assim como o jogo, por vezes possui peças faltantes e/ou perdidas. Deste modo, não é possível obter a totalidade da imagem, pois a investigação histórica é feita somente a partir das peças que restaram (CARR, 1982, p.29). Ainda assim, podemos potencializar e explorar ao máximo nossas fontes, conhecendo suas características (origem, data, tipologia, etc.), sabendo também o que pode ser indagado, lendo-as nas entrelinhas e reconhecendo-as quando silenciam. É mais ou menos por este caminho que queremos trilhar.

Diversos historiadores se debruçaram sobre como conduzir uma pesquisa histórica a partir de fontes primárias. Segundo Marc Bloch, “o conhecimento de todos os fatos humanos no passado, [...] deve ser um conhecimento através de vestígios” (BLOCH, 2001, p. 73). Por isso, o valor e apreço que temos pelos documentos. Evidentemente, cremos que as tipologias documentais são vastas e numerosas. (BURKE, 1997, p. 37). Não são apenas registros oficiais, mas os documentos do historiador podem ser jornais, atas, fotografias, filmes, correspondências, enfim, tudo que o homem faz e toca reflete sobre sua época e sobre sua própria história.

Durante muito tempo os documentos foram tratados como monumentos. Edward Carr ressalta que “os documentos são essenciais para o historiador, [...] mas que não podem ser fetiches. [...] Eles por si mesmos não constituem a história, não fornecem em si mesmo respostas prontas” (CARR, 1982, p.55). No século XIX, os historiadores (ou melhor, colecionadores de fatos) não interpretavam nem analisavam documentos. Em sua visão, os vestígios do passado eram o próprio passado. O historiador deveria contar como aconteceu. Entretanto, Jacques Le Goff aponta que “nenhum documento é inocente. [...] Todo documento é um monumento que deve ser desestruturado, desmontado” (LE GOFF, 2011, p.108).

O que queremos argumentar é que se os documentos são essenciais para o historiador (como afirma Marc Bloch, Edward Carr e tantos outros), estes devem passar por um tratamento refinado de análise e crítica a fim de se tornarem registros históricos. Nas palavras de Jacques Le Goff, “desestruturá-los” e “desmontá-los”. Antoine Prost nos dá alguns caminhos, a partir de seus próprios questionamentos: de onde vem o documento? Como foi transmitido e conservado? O autor é sincero? Terá razões, conscientes ou não, para deformar seu testemunho? (PROST, 2015, p. 59). Poderíamos acrescentar mais questões, entretanto, o que queremos enfatizar é a postura de questionamento e desconfiança diante dos documentos. Marc Bloch alerta que “as testemunhas podem se enganar ou mentir”, ou ainda, “que a palavra das testemunhas não deve ser obrigatoriamente digna de crédito” (BLOCH, 2001, p.96). Com estas ponderações, queremos apresentar as fontes primárias que serão utilizadas e analisadas ao decorrer desta tese de doutoramento. Igualmente, apontaremos a metodologia, o uso, os cuidados que iremos preservar diante das mesmas.

\*\*\*

A Federação Rio-Grandense de Pugilismo, situada no CETE (Centro Estadual de Treinamento Esportivo), sito à Rua Gonçalves Dias n° 628, bairro Menino Deus, Porto Alegre/RS, poderia ser o local ideal para encontrar registros sobre a história do boxe gaúcho. Infelizmente, um incêndio na primeira sede da federação, à Rua Siqueira Campos, no centro de Porto Alegre, impossibilitou este feito. O tal incêndio permanece vivo nas memórias do atual presidente da federação, Vinícios Guariglia. Hoje, a FRGP possui um modesto acervo, organizado por pesquisadores voluntários e aficionados pela história do boxe. Contudo, entre estes documentos não há nada que faça referência ao período inicial da Nobre Arte em Porto Alegre. Assim, não existem registros sobre o período anterior à regulação do esporte. Portanto, o primeiro desafio posto à investigação e escrita dessa tese foi a localização destes vestígios.

Este trabalho utiliza quase unicamente fontes da imprensa periódica. Observando os registros e procedimentos de outros colegas que pesquisaram o boxe, percebemos o uso frequente de fontes orais, ou seja, de entrevistas semiestruturadas (FARIA, 2005; ASSEF, 2006; MARIANTE NETO, 2010; MICALI JÚNIOR, 2014; SILVA & FREITAS, 2014). Seus objetivos de investigação envolveram um período mais contemporâneo, não tratando em seus recortes espaciais das origens do boxe. Entretanto, àqueles que se debruçaram na investigação dos primórdios do pugilismo empregaram – em todos os casos citados - a imprensa periódica (RODRIGUES, 2006; SOUZA, 2012; LISE, 2014; ASSMANN, CARMONA & MAZO, 2014).

Os historiadores demoraram a considerar a imprensa como fonte histórica para suas pesquisas. Certamente, com a revolução documental ocorrida na França, pelo movimento dos *Annales*, em 1929, se iniciou o processo de ampliação de uso de fontes e também sua precaução metodológica. Tânia Regina de Luca, nos alerta para “os aspectos que envolvem a materialidade dos impressos e seus suportes, que nada têm de natural” e que “historicizar a fonte requer ter em conta, portanto condições técnicas de produção vigentes e a averiguação, dentre tudo que se dispunha, do que escolhido e por que” (LUCA, 2010, p.132). Assim, todo documento possui elementos que o definem e que os diferenciam de outros. Entender as características da imprensa periódica, é

compreender o que há por trás do processo de produção das notícias, em outras palavras, é o que Tânia de Luca chama de historicizar a fonte.

Os jornais do final do século XIX e início do XX possuíam variado número de profissionais, desde repórteres, desenhistas, fotógrafos, articulistas, redatores, críticos, revisores, e operários responsáveis pela impressão (LUCA, 2010, p. 138). O historiador que lida com esta fonte também precisa estar atento a outros detalhes, por exemplo, “como os impressos chegaram às mãos dos leitores, sua aparência física, a estruturação e divisão do conteúdo, as relações que manteve (ou não) com o mercado, a publicidade, o público que visava atingir, os objetivos propostos” (LUCA, 2010, p.138). O historiador deve ter consciência da complexidade da fonte, para saber interrogá-la com inteligência e originalidade.

A imprensa periódica é uma fonte riquíssima para analisar o surgimento da prática esportiva. Segundo Victor de Melo, “os jornais e revistas ocupavam a função de mediadores entre as agremiações e o grande público” (MELO, 2012, p.23). Assim, os primeiros cronistas esportivos contribuíam para a divulgação do esporte, levando já que muitas práticas eram desconhecidas pela população. Para Melo, esta divulgação não era voluntária, nem retilínea. Os jornalistas, como mediadores, “negociaram sempre o meio do caminho entre os interesses da imprensa, os seus interesses próprios e o que consideraram interesses públicos” (MELO, 2012, p.24). Assim, as notícias que chegavam ao público leitor transcendiam diversos filtros como, valores, opiniões e interesses.

Os eventos esportivos divulgados pela imprensa no início do século XX possuíam um padrão de conteúdo específico. Segundo Melo, “os periódicos contribuíram criando uma expectativa e ambiência, quanto no dia do evento, quando a convocação aumentava de intensidade, bem como nos dias seguintes, com a narração sobre o que ocorrera” (MELO, 2012, p. 25). Percebemos isso principalmente nas corridas de cavalo ou em jogos de futebol, mas também no boxe, em casos específicos como a luta de Jack Johnson contra James Jeffries em 1910, ou de Jack Dempsey *versus* George Carpentier, em 1921. Em ambas as lutas, a imprensa tratou do tema durante pelo menos uma semana.

Apesar de a imprensa contribuir para divulgação do esporte, o que dava exposição e crédito aos clubes, os jornalistas, de modo geral, não deixavam de informar a respeito de casos menos inglórios. Segundo Melo, “os jornais não publicavam apenas as informações que as agremiações consideravam adequadas [...] Fofocas, escândalos e problemas diversos também eram comunicados, por vezes instados pelo próprio público” (MELO, 2012, p. 30). Neste caso, a fonte imprensa torna-se privilegiada para se perceber os conflitos e tensões entre as federações, clubes e esportistas. Em nossa documentação, encontramos diversas reclamações a respeito de janelas quebradas por jogadores amadores de futebol, ou de animais de particulares sendo mortos por caçadores, ou ainda de boxeadores que, em volta do ringue, reuniam expectadores que representavam o pior da “escória” dos moradores de Porto Alegre.

Vamos tratar, neste momento, de apresentar a documentação que será utilizada como matéria prima desta tese. O excerto de Antoine Prost, ao afirmar “que o historiador nunca consegue exaurir completamente seus documentos” parece fazer muito sentido em se tratando da imprensa periódica (PROST, 2015, p. 77). Os jornais abordam os mais variados assuntos. Desde política, economia, até obituário, vida cultural e esportiva. Escolhemos os dois maiores jornais de Porto Alegre do início do século XX: *A Federação* e o *Correio do Povo*. Dois jornais muito diferentes, com concepções ideológicas antagônicas. Enquanto *A Federação*, órgão do Partido Republicano Rio-Grandense (PRR), era uma folha política partidária que legitimava o poder republicano (DUARTE, 2007, p.60), o *Correio do Povo* se enquadrava em um jornalismo informativo, mais moderno e vendia a ideia de ser um veículo imparcial de informações (STEYER, 2001, p. 167).

O jornal *A Federação* foi fundado em 1884 por jovens com ideais republicanos. Seus criadores foram Júlio de Castilhos, Ramiro Barcellos, Ernesto Alves, Barros Cassal, Borges de Medeiros, Fernando Abott, Carlos Barbosa, Germano Hasslocher, Venâncio Ayres e Joaquim Assis Brasil (DUARTE, 2007, p. 59). Todos estes nomes foram homenageados como nome de ruas em vários bairros da cidade de Porto Alegre (como Bom-Fim, Floresta, Azenha, Cidade Baixa, dentre outros). Segundo Francisco Rüdiger, o jornal *A Federação* era o maior representante do jornalismo político-partidário (RÜDIGER apud STEYER, 2001, p.160).

Por vários anos o jornal *A Federação* fez forte disputa com o seu maior rival e concorrente: o *Correio do Povo*. O *Correio do Povo* foi fundado por Francisco Caldas Júnior, Mário Totta e Paulino Azurenha no ano de 1895. Segundo Walter Galvani, era um jornal “sem partidarismos, livre, independente, que [poderia] ser lido por todo mundo” (GALVANI, 1994, p. 27). Em poucos anos o *Correio do Povo* ampliou seu maquinário e as medidas de seu jornal também se expandiram. Além disso, entre seus colaboradores havia um importante número de intelectuais que eram responsáveis por crônicas e colunas opinativas (STEYER, 2001, p. 168). Em fins do século XIX possuía a maior tiragem de exemplares e era o mais moderno jornal de Porto Alegre.

Tanto *A Federação* como o *Correio do Povo*, apesar de suas particularidades, deram relevo ao esporte. Havia colunas como *Sport's* ou *Notas Sportivas* que apresentavam informações da vida esportiva tanto na cidade, no Estado, Brasil e no mundo. Contudo, os esportes também podiam ser encontrados em outras partes do jornal. Para isso foi necessária percepção e sensibilidade. Por exemplo, *A Federação* dispunha a coluna “Teatro e Diversões” e o *Correio do Povo*, “Teatros e Artistas”. Em alguns casos a ginástica, ou a patinação, ou mesmo alguns combates de luta greco-romana e boxe eram apresentados como parte da vida cultural e não esportiva. Por que isso acontecia? Nossa hipótese é que no início do século XX, o esporte, assim como bonde elétrico e o cinema era novidade, frutos da modernidade. Muitos esportes, por passarem por processos próprios de constituição, ainda eram vistos como lazer ou entretenimento.

Desta forma, os registros localizados nos jornais *A Federação* e *Correio do Povo* foram coletados em vários lugares. No periódico *A Federação*, “Teatros e Diversões”, “Cinematógrafos” e “Notas Sportivas”. No *Correio do Povo*, em “Teatros e Artistas”, “Diversas”, “Diversões e Reuniões” e “Telegramas”. Procuramos nos jornais qualquer pista sobre a prática do boxe. Por isso, selecionamos desde divulgação e lançamento de fitas cinematográficas sobre pugilismo, convites para combates de boxe em circos e teatros, além de casos de pugilatos e brigas de rua que chegavam à polícia.

Para *A Federação*, entre os anos de 1908 e 1924, localizamos 177 registros. E para o *Correio do Povo*, entre 1908 e 1914, encontramos 165 documentos. Além destes dois jornais, que aplicamos análises quantitativa e qualitativa, utilizamos a *Revista do*



*Globo*, o *Almanaque Esportivo* (periódico nacional), o *Almanaque Esportivo do Rio Grande do Sul* e a *Revista Nocaute* (periódico nacional sobre boxe). Apesar de estes boletins serem editados posteriormente ao nosso recorte temporal, alguns cronistas relembavam o período inicial do boxe no Brasil e, em alguns casos, em Porto Alegre/RS. Nestes casos, estas revistas tornam-se fontes preciosas sobre a história do pugilismo.

Em relação aos arquivos e acervos, pesquisamos o jornal *Correio do Povo* no Acervo de Jornais e Pesquisa do *Correio do Povo* (AJCP) e nos microfílmes disponíveis no NPH (Núcleo de Pesquisa Histórica) da UFRGS. As séries de *A Federação* foram consultadas no Arquivo Histórico Municipal Moisés Velinho (AHMMV) e na Hemeroteca Digital Brasileira da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro (Sítio: [www.bndigital.bn.gov.br](http://www.bndigital.bn.gov.br)). O *Almanaque Esportivo* e o *Almanaque Esportivo do Rio Grande do Sul* foram consultados no Acervo Histórico da Biblioteca Edgar Sperb (ESEF/UFRGS). Já a *Revista do Globo*, utilizamos o catálogo “Fontes Documentais para a Pesquisa em Esporte e Educação Física” organizado pela Professora Janice Mazo.

## **V - Composição dos capítulos**

Esta tese de doutorado está dividida em duas partes. Na primeira parte, investigaremos o processo de constituição do boxe moderno na Inglaterra e Estados Unidos, entre os séculos XVIII e XX. O primeiro capítulo busca caracterizar a constituição das *prize-fighting* e dos *sparring-match*, no contexto da Era Georgiana e da Era Vitoriana. No segundo capítulo, *Experiências Pugilísticas nos Estados Unidos*, investigaremos as diversas formas de lutas como as *rough-and-tumble*, *bare-knuckle* e o boxe profissional. Estes dois primeiros capítulos são de discussão bibliográfica, onde utilizamos em grande parte literatura estrangeira (inglesa e norte-americana).

Já na segunda parte da tese, passaremos a analisar a recepção e reelaboração do boxe na América Latina. No capítulo três daremos atenção ao percurso do boxe nos países latino-americanos: Cuba, Chile, Argentina, Uruguai. Além disso, analisaremos os casos de Rio de Janeiro e São Paulo, percebendo a trajetória do profissionalismo e do

amadorismo nessas cidades. Por fim, o último capítulo investiga o boxe em Porto Alegre, buscando relacionar com as demais experiências já nomeadas.

## **PARTE I**

### **O PROCESSO DE CONSTITUIÇÃO DO BOXE MODERNO (INGLATERRA E ESTADOS UNIDOS, SÉCULOS XVIII-XX)**

## CAPÍTULO I - O PROCESSO DE CONSTITUIÇÃO DO BOXE MODERNO

### ENTRE AS *PRIZE-FIGHTS* E OS *SPARRING-MATCH'S* NAS ERAS GEORGIANA E VITORIANA (INGLATERRA, 1719 a 1898)<sup>11</sup>

Pensava-se, com razoabilidade, que uma luta entre dois rivais indomáveis diante de uma plateia de trinta mil, com mais de três milhões depois comentando sobre a peleja, ajudava, de fato, a estabelecer um padrão nacional de resistência. Era brutal, sem dúvida, e a brutalidade era o objetivo final; mas não tão brutal quanto a própria guerra que, sabemos, sobreviverá às lutas nos ringues. **Arthur Conan Doyle em *Rodney Stone*, publicado originalmente em 1896.**

Arthur Conan Doyle (1859-1930) é amplamente conhecido pelas famosas histórias do detetive Sherlock Holmes. Contudo, poucos sabem, que além de ter escrito um romance sobre boxe o próprio autor foi pugilista (BODDY, 2008, p. 108)<sup>12</sup>. *Rodney Stone* foi publicado pela primeira vez em 1896, ao fim da Era Vitoriana (1837-1901). Nesta época, o boxe já havia perdido o posto do esporte mais famoso da Inglaterra, porém, no imaginário popular o pugilismo ainda trazia à memória dos ingleses sentimentos de bravura, patriotismo e masculinidade. No Brasil, *Rodney Stone* foi publicado sob o título *A curiosa história de Rodney Stone*, em 1959, e reeditado recentemente, em 2015, sob o nome *Soco na Cara*.

---

<sup>11</sup> Para T. J Desch Obi, o termo *Prize-fighters* “refere-se aos lutadores da década inicial do boxe – portanto, anteriores às categorias *amador* e *profissional*. Os *prize-fighters* não eram profissionais, mas recebiam dinheiro quando lutavam [...] No caso das palavras *prizefights* e *prizefighting*, que se referem às lutas que envolviam pagamentos aos combatentes, pode ser traduzido como ‘boxe a dinheiro’ ou ‘luta a dinheiro’” (OBI, 2011, p. 1). Já existiam *prizefighters* na Inglaterra desde o século XVII, mas seu período de maior popularidade foi entre os anos de 1780 e 1820. Entretanto, com a criação das Regras do Marquês de Queensberry, em 1867, a luta com as mãos nuas passou a ser proibida e perseguida. Já o *sparring-match* se traduz como ‘boxe de treinamento’, uma espécie de simulação de combate, utilizando-se luvas, feito para a nobreza e a aristocracia inglesa. Pode ser chamado também de ‘*simulated boxing ring*’ (ANDERSON, 2001, p. 44). É importante destacar que as expressões *prizefighting* e *sparring-match* indicam a tensão entre dois tipos de lutas diferentes e contribuíram para o surgimento do boxe profissional que conhecemos hoje. Todos os/as autores estrangeiros utilizados para essa tese se valeram desses termos. A saber: Elliott Gorn (1986), Kennety Sheard (1997), John Welshman (1997), Jack Anderson (2001), Kasia Boddy (2008), Ruti Ungar (2010), Chris Cozzone (2013), Ian Carey (2013), Lindy Lindell (2014), Gene Aguilera (2014), Gregory Ross (2014) e Graeme Kent (2015).

<sup>12</sup> Tradução nossa. Original: “Conan Doyle was reputed to have been a fine boxer himself, and an interest in the sport seeps into works in several different genres.”

O excerto acima, que dá abertura a este capítulo, apresenta o boxe como uma metáfora da guerra. Assim como nos ringues, países como França, Inglaterra, Estados Unidos, dentre outros, se digladiavam por interesses políticos, econômicos, comerciais e territoriais. Pode-se dizer que as guerras em que a Inglaterra se envolveu, influenciaram o surgimento dos combates de boxe que, de certa forma, simulavam o confronto militar. As *prize-fighting* apesar de terem sido perseguidas, de forma mais sistemática na Era Vitoriana, foram amplamente apoiadas e patrocinadas por nobres (*gentry*) e aristocratas que viam no pugilismo o valor da honra e lealdade à pátria. Evidentemente, este assunto não passou despercebido de Arthur Conan Doyle que, neste romance, apresentou o boxe como um esporte de combate prestigiado por diversas classes sociais, desde a nobreza e a aristocracia, até a burguesia e a classe trabalhadora.

Contudo, muito antes de *Rodney Stone*, o pugilismo já havia sido abordado por outro autor e num contexto bem diferente do escrito por Doyle. No início do século XIX, surgiu *Boxiana - Sketches of Modern Pugilism*, o primeiro livro sobre boxe que se tem notícia (INGEN, 2016, p. 5). Foi escrito pelo jornalista esportivo irlandês Pierce Egan em 1813. Neste período, o boxe vivia sua época de ouro, graças o apoio da nobreza e da aristocracia somado a instabilidade causada pela guerra com a França e os Estados Unidos. Além, obviamente, do relevo dado pela imprensa, pois a profissão de jornalista surgida no final do século XVIII dava ampla divulgação ao pugilismo.

*Boxiana*, de Pierce Egan, teve outros tomos publicados nos anos de 1818, 1821, 1824, 1828 e 1829 (ao todo foram seis partes). Sua obra abordou os costumes, a alimentação, o treinamento, a estética da guarda, a efetividade dos golpes, e em formato de compêndio tratou de traçar uma cronologia dos pugilistas desde James Figg (1719) até os lutadores do início do século XIX, como Harry Pearce e Tom Cribb (contemporâneos do autor). Apesar da bibliografia nacional sobre o boxe silenciar a respeito desta obra, ela foi muito utilizada pela historiografia estrangeira, principalmente como fonte primária.<sup>13</sup>

---

<sup>13</sup> Com excessão do livro de Waldemar Zumbano (1951). Este autor afirma que “É de se notar que no “Boxiana” vimos, pela primeira vez, a descrição da posição inicial do boxeador: perna à esquerda à frente, a uma certa distância da direita, dando ao adversário o flanco esquerdo; o braço direito, servindo de escudo para aparar ou bloquear os golpes, mantido por dentro, apoiado na lateral do corpo, serve também para atacar ou responder a um ataque. Segundo o “Boxiana”, os golpes mais perigosos são: sobre as orelhas, os supercílios e a boca do estômago” (ZUMBANO, 1951, p. 19).

O desconhecimento da existência do trabalho *Boxiana*, por parte dos historiadores brasileiros não é uma simples casualidade. O próprio contexto europeu não é abordado ou explicado pelas obras que discutem o boxe no Brasil. O tímido avanço que a história do pugilismo tem obtido nas últimas duas décadas não foi o suficiente para que encorajasse os pesquisadores a considerar todo um contexto peculiar e específico da história inglesa que influenciou, em vários aspectos, o boxe moderno que chegou e foi praticado no Brasil.

Dito isso, parece óbvio e necessário fazermos essa incursão no contexto histórico inglês, atentando para a importância da restauração da monarquia e o relaxamento da modalidade pública, que tornou as lutas de boxe possíveis no início do século XVIII; o incentivo dos reis da Era Georgiana, principalmente George I (1660-1727), que construiu um dos primeiros ringues da Inglaterra; o patrocínio de nobres e aristocratas às lutas a prêmio, além da perseguição policial e judiciária ao boxe ao decorrer do século XIX, período de reformas no contexto da Era Vitoriana. Estes e tantos outros fatos que merecem nossa atenção contribuem para a compreensão da trajetória do processo de constituição do boxe moderno na Inglaterra.

Duas questões ainda merecem ser elucidadas. Primeiro, ao nos determos no contexto inglês em que surgiu o boxe moderno, não queremos afirmar que as origens do pugilismo praticado no Brasil obedeceram a regras e percurso semelhante ao europeu. Não estamos propondo uma análise eurocêntrica. Cremos na especificidade local, bem como na autonomia e inteligibilidade dos sujeitos históricos. Todavia, a comparação entre realidades diferentes (Londres como centro e Porto Alegre como periferia, por exemplo) pode nos suscitar questões para debate, principalmente para identificarmos semelhanças e diferenças em nosso recorte espacial específico.

Segundo, este é um capítulo em que se fará uso de extensa bibliografia nacional e estrangeira, já comentada de forma sucinta na introdução desta tese. A ideia é percebermos ausências/lacunas na bibliografia editada no Brasil e complementarmos/problematizarmos com as referências estrangeiras, que ao longo deste trabalho, se demonstrarão ricas e indispensáveis. Portanto, este é um capítulo tanto de análise historiográfica como de discussão bibliográfica, com objetivo de realizar uma síntese sobre o boxe inglês que auxilie em nossa percepção sobre o pugilismo gaúcho.

Somente na segunda parte desta tese, trataremos de apresentar e analisar as fontes primárias.

Este primeiro capítulo será dividido em quatro seções. Em *Pugilato Antigo, Prize-fighting, Sparring-Mach e o Boxe Moderno: características conceituais e suas particularidades*, exploraremos a questão abordada sumariamente na introdução, referente às diferenças entre as expressões acima citadas. Por exemplo, muitos historiadores iniciam a trajetória do boxe pelas lutas da antiguidade, denominadas pugilato e pancrácio. Demonstraremos apoiados nas reflexões de Elias & Dunning (1992) e Kennety Sheard (1997), que estas lutas primitivas não podem ser comparadas ao boxe moderno, devido suas características militares, rituais e religiosas.

Ao longo destes dois séculos a forma como o boxe foi praticado se alterou principalmente pelo próprio contexto do processo de civilização e também pelo avanço da repressão e perseguição das autoridades policiais e judiciais, de forma mais sistemática na Era Vitoriana. O boxe moderno passou por um longo processo de constituição desde a primeira academia de James Figg (1719), passando pelas Regras de Broughton (1743), as Leis do Ringue de Londres (1838) e, finalmente, as Leis do Marquês de Queensberry (1867). No início do pugilismo moderno existiam várias lutas (urbanas e rurais) que tensionavam suas práticas umas com as outras. As *prize-fights* (lutas a prêmio) são um bom exemplo disso. Enquanto os trabalhadores envolviam-se em lutas por apostas, membros da *gentry* e da aristocracia praticavam o boxe de treinamento (*sparring match*) em escolas de renomados lutadores em Londres. O boxe moderno, iniciado a partir do novo regulamento de 1867, foi uma soma das tensões já referidas entre as práticas das *prizefighting* e dos *sparring-mach*.

Na segunda seção, *Ao redor dos ringues: o processo de constituição do boxe inglês no contexto histórico das eras georgiana e vitoriana (1719-1898)* buscaremos contextualizar o percurso do boxe entre os séculos XVIII e XIX, dando relevo a elementos políticos, econômicos e sociais das Era Georgiana (1719-1820) e Era Vitoriana (1837-1901), buscando compreender a conjuntura que favoreceu e também perseguiu o boxe ao longo destes dois séculos. O objetivo é entrelaçar a história nacional inglesa (suas guerras, seus conflitos e suas revoluções) com os espaços de entretenimento (teatros e *pub's*) que permitiram sua gênese.

Na terceira seção, *As Prize-Fights e os Sparring Match na Era Georgiana: tensionamentos entre as lutas a prêmio e o boxe de treinamento (1714-1830)*, queremos tratar das *prize-fighting* (ou também conhecidas como lutas a prêmio, ou a dinheiro), denominação inicial do boxe referente a existência das apostas, alto grau de violência e regulamentação precária. Ganha ênfase nesta seção a valorização e patrocínio por parte da nobreza e aristocracia, os primeiros momentos do boxe em Londres, os anfiteatros e escolas de boxe, além das Regras de Broughton, de 1743, espécie de regulamento primitivo. Daremos relevo também a pretensa ilegalidade do pugilismo e os intensos debates públicos a respeito da aprovação ou oposição ao boxe através de discursos de classe, gênero, raça e nação.

A quarta e última seção deste capítulo, *O declínio das prize-fights na Era Vitoriana: a repressão das lutas premiadas e sua transformação em boxe amador (1837-1901)*, queremos compreender o declínio das *prize-fighting* na Inglaterra ao longo do século XIX. A Era Vitoriana sinalizou um retorno ao antigo puritanismo e início de várias reformas urbanas sociais que deram as lutas premiadas um *status* inapropriado. Queremos problematizar este caráter de ilegalidade e buscar perceber como as várias classes sociais (aristocracia, nobreza, burguesia, trabalhadores) representavam as lutas a dinheiro. Queremos também argumentar que tanto a *London Prize Ring Rules* como as Regras do Marquês de Queensberry (mas principalmente esta última) foram produzidas tanto como forma de pressão para tornar o boxe amador, moderno e civilizado, como para tentar dar ânimo e sobrevida as *prize-fighting* em um momento específico de crise.

### **1.1 – Pugilato Antigo, Prize-fighting, Sparring-Mach e o Boxe Moderno: características conceituais e suas particularidades.**

Cada palavra possui significados e interpretações diversas, que sofrem mudança de conteúdo com o passar do tempo. Utilizar um mesmo termo para descrever fenômenos históricos distintos em tempo e espaço, pode nos levar a um anacronismo ingênuo. Por isso, o historiador não pode cair nesta armadilha. Como tratar do boxe como tema principal de uma tese de doutorado (que leva tanto tempo para ser pensada e escrita!) sem, antes, refletir sobre que tipo de luta/esporte está se tratando? Esta atitude de historicizar conceitos é uma das principais marcas do trabalho do historiador.

Pois bem, para diferenciar o boxe moderno atual do pugilato antigo é necessário caracterizá-lo e compará-lo. Obviamente, não com a função de remeter a um antecessor longínquo do boxe, mas exatamente o contrário. Nos trabalhos sobre o boxe publicados no Brasil se percebeu uma forte inclinação em aproximar o pugilato praticado na Grécia e na Roma Antiga com o boxe moderno. Foram poucos livros que mantiveram uma postura mais crítica, problematizando e diferenciando suas práticas.

É importante salientar também que ao longo dos séculos XVIII e XIX o boxe que conhecemos hoje passou por um processo de constituição resultante das tensões entre duas formas de pugilismo: as *prize-fighting* (lutas profissionais, em áreas abertas, com apostas) e as *sparring-match* (lutas simuladas, como exercício físico, em recintos fechados, com uso de luvas). Assim, nosso objetivo neste momento é discutir conceitualmente cada tipo de prática para assim elucidarmos suas particularidades.

\*\*\*

Como não é possível utilizar a palavra boxe (do inglês, *to box*, bater) em qualquer contexto histórico, vamos diferenciar os termos “pugilato” e “boxe moderno” entre si. Para perceber como a bibliografia brasileira tratou e representou a história do boxe em seus textos, partimos de três categorias de análise: silenciamento, reprodução e problematização. Das setenta e seis obras localizadas, quarenta e cinco delas (60%) silenciaram a respeito da cronologia histórica do boxe. Os motivos foram variados. Alguns trabalhos, de cunho antropológico ou sociológico, como Loïc Wacquant (2002) e Flávio Mariante Neto (2010), não tinham por objetivo tratar da história do boxe, mas percebê-lo a partir de outra abordagem. As biografias também seguiram este mesmo raciocínio, a exemplo de Paulo Mendonça (1975), Carlos Alencar (1997) e George Foreman (2007).

Apesar dos literatos utilizarem conhecimentos históricos para construir suas narrativas, não localizamos nenhum deles, a exemplo de Bernard Shaw (1945), Martin Kohan (2012) ou Arthur Conan Doyle (2015), que tenham se baseado na continuidade entre o pugilato antigo e o boxe como estratégia de relato. Alguns trabalhos acadêmicos, mesmo tratando da história do pugilismo, como Liane Assef (2006), Victor Andrade de Melo (2008) e Alice Assmann, Eduardo Carmona e Janice Mazo (2014)



optaram em analisar seus próprios contextos, não reproduzindo nem problematizando a origem do pugilismo.

Em relação aos textos que reproduziram o percurso do boxe a partir do pugilato antigo encontramos vinte e quatro trabalhos nesta condição. Ou seja, 32% destas obras partiram desta ideia. Isso ocorreu tanto em textos mais antigos como, Oliveira e Miranda Rosa (1924) e Albuquerque (1939), como em livros ou artigos recentes como Vieira e Freitas (2007) e Almeida (2016). O que prova que a reprodução tem ocorrido desde o primeiro livro escrito sobre boxe no Brasil até os últimos artigos acadêmicos. Em outras palavras, com raríssimas exceções, não houve muita alteração em relação à forma como a história do boxe tem sido escrita. Em suma, boa parte da bibliografia ainda encara o boxe moderno como descendente do pugilato antigo.

Oliveira e Miranda Rosa, por exemplo, apontam que o pugilismo surgiu na “Grécia Antiga com Theseu, filho de Egeu, rei de Atenas” (OLIVEIRA & MIRANDA ROSA, 1924, p. 13). Para Tenório de Albuquerque, “os combates pugilísticos ocorriam com os punhos nus e posteriormente com luvas de chumbo, os terríveis *cestus*” (ALBUQUERQUE, 1939, p. 25). Walter Zumbano indica os dois primeiros pugilistas conhecidos, “Amico, rei da Bitínia, príncipe indelicado e feroz [...] e Epeu, famoso guerreiro de Tróia”. Segundo Zumbano, as obras de Platão e Homero trazem inúmeras informações da prática do pugilato na antiguidade (ZUMBANO, 1951, p. 8).

A. Latorre Faria, apresenta uma visão naturalizada sobre o pugilato. Segundo o autor, “o uso dos punhos cerrados, como meio natural de ataque e defesa, deve ter sido largamente utilizado pelo homem primitivo, tão logo percebeu sua eficiência” (FARIA, 1960, p.13). Semelhantemente, Juvenal Queiróz afirma que “a origem do pugilismo se confunde com a origem do homem, pois, assim como um cavalo dá um coice, o homem também dá uma pernada ou um soco” (QUEIROZ, 1989, p.10). Segundo Martins e Altmann, esta é uma “concepção universalista e continuísta que reconhece a existência do esporte em todas as culturas antigas e contemporâneas” (MARTINS & ALTMANN, 2007, p.1). Em outras palavras, o que queremos argumentar é que a visão de Faria e Queiróz (dois autores entre muitos outros) não levam em conta os contextos históricos específicos. Além de considerar o boxe como uma continuidade do pugilato, propõe o

universalismo, isto é, que as práticas humanas foram sempre as mesmas ao decorrer da história – e a essência da história são as transformações, as mudanças.

Atualmente, muitos livros, artigos, trabalhos de conclusão e até dissertações de mestrado adotam ainda a postura de reprodução. O que para nós é um indicativo de que o objeto de pesquisa aqui analisado ainda está em estágio embrionário. Por exemplo, um livro muito citado e que foi bastante divulgado, especialmente por ser patrocinado pelo Comitê Olímpico Brasileiro (COB), intitulado *O que é boxe?*, de Silvia Vieira e Armando Freitas, declara que “o boxe está no grupo dos esportes mais antigos do planeta” e que “o boxe teria surgido formalmente cerca de 4 mil ou 3 mil anos antes da era cristã” (VIEIRA & FREITAS, 2007, p. 10).

Em artigos recentes, como é o caso de Almeida, o autor afirma que “o boxe é praticado desde a Antiguidade. [...] o pugilismo passou a fazer parte do programa dos Jogos Olímpicos na edição número XXIII, no ano de 668 a.C [...] e o primeiro campeão olímpico foi Onomasto de Esmirna” (ALMEIDA, 2016, p. 203). Ou no trabalho de conclusão de Souza, que afirma “que o uso dos punhos como arma em brigas também remonta aos primórdios da humanidade [...] e que os mais antigos documentos evidenciam a prática de pugilismo na Suméria e no Egito” (SOUZA, 2012, p. 9). E, por fim, na dissertação de Faria, que declara: o surgimento da atividade que, nas arenas de lutas greco-romanas, deu origem à forma como o boxe é praticado atualmente pelo mundo (FARIA, 2005, p. 28). É preciso dizer que em nosso primeiro artigo também adotamos essa perspectiva (CARATTI, 2012, p. 512). Assim, cremos que este é um fenômeno que aponta tanto para a comum reprodução de uma visão universalista e continuísta da história do boxe, como para evidenciar sua fase inicial como objeto de estudo.

Por último, com apenas seis casos, totalizando 8%, estão os trabalhos que problematizam a história do boxe. Os autores Victor Melo & Alexandre Vaz (2006), Alexandre Vaz (2007), Lucas Soltermann (2009), Luigi Zanetti (2014) Riqueldi Lise (2014) e Jônatas Caratti (2016) têm algo em comum: o uso da obra *Em busca da Excitação*, de Norbert Elias e Eric Dunning (1992), como referência. Todos estes autores questionam o uso do pugilato antigo como antecessor do boxe moderno, já que

o surgimento do boxe na Inglaterra do século XVIII tem relação mais com as sociedades modernas e a formação dos estados nacionais do que com a antiguidade.

Melo e Vaz afirmam, por exemplo, que “as lutas de boxe eram uma forma de violência permitida e regulada com níveis de sensibilidades diferentes da prática do pugilato da Grécia Antiga” (MELO & VAZ, 2006, p. 153). Vaz salienta, em um artigo posterior, que “nossa tolerância à violência diminuiu na medida do processo civilizador” (VAZ, 2007, p. 1). Soltermann, conhecedor da historiografia do boxe, declarou que é “comum alguns pesquisadores e divulgadores colocarem o pugilato como o ancestral direto do boxe, e não raramente como sendo a própria prática do “boxe” nas cidades-estados gregas”. Segundo este autor, citando Norbert Elias, “boxe talvez não seja o termo apropriado para a prática corporal praticada na Grécia antiga, pois tanto o modo de lutar quanto a finalidade e a ética distintiva desta classe de luta era diferente” (SOLTERMANN, 2009, p. 8 *Apud* ELIAS & DUNNING, 1995, p. 169 ).

Lise (2014), Zanetti (2014) e Caratti (2016) escreveram seus textos nesta mesma direção, mostrando que é impossível dizer que o pugilato antigo é antecessor do boxe. Luigi Zanetti, por exemplo, pontua algumas questões, como a “discrepância no que diz respeito ao nível de sensibilidade à violência” e o “viés altamente marcial dessas práticas na Antiguidade, que visavam a formação do guerreiro [...] enquanto o *ethos* inglês advinha da civilidade” (ZANETTI, 2014, p. 8). Ou seja, todos estes elementos trazidos acima corroboram para diferenciação e especificidade do boxe moderno, o que nos leva a concluir que entre este último e o pugilato há mais diferenças do que semelhanças.

Para além dos elementos trazidos acima – como o aumento da sensibilidade à violência e a diferença entre *ethos* guerreiro da antiguidade e a arte marcial de defesa na sociedade moderna - Norbert Elias e Eric Dunning apresentam outras questões que julgamos importantes. Para estes autores, o pugilato “era muito menos limitado por regras e, por esta razão, dependia em grau mais elevado de força física, da força espontânea, da paixão, e da resistência, do que o boxe” (ELIAS & DUNNING, 1992, p. 202). No pugilato antigo não havia distinções de faixa etária, apenas se separavam os homens dos rapazes. Os punhos não eram os únicos instrumentos de combate. Era permitido usar as pernas, pois segundo os autores, “dar pontapés, nas pernas do

adversário, constituía um elemento normal na tradição do pugilato na Antiguidade” (ELIAS & DUNNING, 1992, p. 202).

Além do mais, “não existia nenhum recinto quadrangular para combates de boxe, os assaltos realizavam-se no estádio, numa parcela de terreno ao ar livre” e “a luta decorria até que um dos adversários não fosse capaz de se defender ou se admitia a derrota” (ELIAS & DUNNING, 1992, p. 205). Em relação aos comportamentos dos lutadores, Elias & Dunning afirmam que “na Grécia Antiga, deslocar-se para trás ou esquivar-se dos socos do inimigo de acordo com o código dos guerreiros, era um sinal de covardia” (ELIAS & DUNNING, 1992, p. 206).

Assim, o que fica evidente é que o boxe foi um esporte fruto da modernidade e que o pugilato era uma luta ritual e guerreira da Antiguidade. Percebe-se, também, que o resgate do pugilato na modernidade, com seus elementos de bravura guerreira, coragem e força, assemelha-se com o que Eric Hobsbawm chamou de tradições inventadas. Segundo Hobsbawm, tradições inventadas são “práticas de natureza ritual ou simbólica, que visam inculcar certos valores e normas de comportamento através da repetição, o que implica automaticamente em uma continuidade em relação ao passado” (HOBSBAWM, 2008, p. 9).

Elementos da antiguidade foram percebidos nos discursos de Jack Broughton, criador das primeiras regras do boxe, quando inaugurou sua escola de pugilismo sob o nome de “Anfiteatro”, ou ainda quando o mesmo anunciou sua academia com uma citação do poema “Eneida” de Virgílio, pedindo que os britânicos “que se orgulham de serem herdeiros das virtudes grega e romana, seguissem o exemplo deles e [encorajassem] conflitos deste tipo magnânimo” (BODDY, 2008, p.32)<sup>14</sup>. Percebe-se que os pugilistas modernos buscaram nas origens clássicas elementos de legitimação para sua prática. Entretanto, esta busca a partir de uma tradição inventada, “com certos valores e normas de comportamento”, entre eles a coragem, a força e a virilidade, apesar de simbólica não pode ser confundida com novo contexto vivenciado naquele momento.

---

<sup>14</sup> Tradução nossa. Original: “Broughton advertised his academy with a quotation from the *Aeneid*, urging that Britons who ‘boast themselves inheritors of the *Greek* and *Roman* virtues, should follow their example and [encourage] conflicts of this magnanimous kind”.

\*\*\*

O que chamamos nesta tese de boxe moderno foi uma prática de luta e autodefesa que passou por um longo processo de constituição entre os séculos XVIII e XIX. Na verdade, o boxe moderno como esporte amador surgiu na década de 1860, por isso, nos dois séculos anteriores, sua prática foi chamada de, ora *prize-fighting*<sup>15</sup>, ora *sparring-match*.<sup>16</sup> As regras escritas em 1865 pelo jornalista e pugilista Arthur Chambers, mas financiadas pelo oitavo Marquês de Queensberry, de nome John Douglas, previam uma série de preceitos que visavam proteger os lutadores e diminuir a violência dos combates (BODDY, 2008, p. 91)<sup>17</sup>. Entretanto, tais regras como o uso obrigatório de luvas e *rounds* de três minutos com um minuto de descanso, entre outros, não estiveram presentes no início da história do pugilismo moderno.

As primeiras lutas intituladas de *prize-fighting* (também chamadas de luta a prêmio ou luta com mãos nuas) ocorreram em famosas feiras de Londres, na margem do Rio Tâmisa. A Feira de *Southwark* sem dúvida é a mais conhecida delas.<sup>18</sup> Segundo Feitosa, Leite & Lima, esta feira “promovia enorme aglomeração de pessoas e, assim, atraía todos os tipos de jogos, espetáculos circenses e negociantes” (FEITOSA, LEITE & LIMA, 2006, p. 889). Surgiu daí o pugilismo vale-tudo, que consistia mais na força dos lutadores do que em sua técnica. As apostas davam o tom do espetáculo que com o passar do tempo tornou-se muito popular.

Não se sabe o quanto deste tipo de luta foi apropriado por James Figg, considerado o criador da primeira arena de combate para a prática de esgrima, bastão e boxe.<sup>19</sup> O que se pode afirmar é que as primeiras lutas eram “uma atividade violenta, brutal e sangrenta” (SHEARD, 1997, p. 35).<sup>20</sup> Sem regras formais, a luta com mãos nuas permitia uma série de golpes que seriam futuramente proibidos com as Regras de

<sup>15</sup> ANEXO 1 – Exemplo de uma luta Prize-Fighter. Luta entre Tom Cribb versus Jem Belcher. Abril de 1807. QUEIRÓZ, 1989, p. 20.

<sup>16</sup> ANEXO 2 – Exemplo de um treinamento de Sparring-Match. Clube de John Jackson, em 1824. Nobres, utilizando luvas de boxe se exercitam sob as vistas de dois esgrimistas. FERREIRA, 1970, p. 33.

<sup>17</sup> Tradução nossa. Original: “Under the Queensberry rules, there would be a set number of rounds (usually no more than twenty), limited to three minutes each, with one minute between rounds; a man who was knocked down was allowed ten seconds to get to his feet or lose the fight by a knockout) ”.

<sup>18</sup> ANEXO 3 – Feira de Soutwark, por William Hogarth, pintura de 1734.

<sup>19</sup> ANEXO 4 – Imagem do Anfiteatro de lutas de James Figg. FERREIRA, 1970, p. 30.

<sup>20</sup> Tradução nossa. Original: “Boxing in the early period of its development was by present standars na extremely violent, brutal and bloody activity”.

Queensberry. Ao mesmo tempo, tanto James Figg como seu discípulo, Jack Broughton, possuíam fortes vínculos com a nobreza e a aristocracia (UNGAR, 2010, p. 24).<sup>21</sup> Assim, o uso de luvas por estes indivíduos (*sparring-match*) nos sugere que a prática sucedida em arenas e escolas de boxe diferenciava-se, em muito, das lutas a prêmio realizadas nas ruas e nos condados do interior da Inglaterra.

Se no início da história das *prize-fighting* eram permitidas tanto bofetadas (mão aberta), como puxões de cabelo, rasteiras e joelhadas, houve a necessidade de uma regulamentação que tornasse a prática pugilista mais civilizada e menos violenta (SHEARD, 1997, p. 36)<sup>22</sup>. As Regras de Broughton foram escritas em 1743 e eram bem sucintas<sup>23</sup>. Segundo Boddy, as regras especificavam “quando um assalto devia começar e terminar, como os segundos e árbitros deveriam se comportar, como o dinheiro seria dividido e que uma briga estaria terminada quando um homem não pudesse ser trazido novamente à linha presente no centro do ringue” (BODDY, 2008, p. 29).<sup>24</sup>

As Regras de Broughton imperaram por quase cem anos. Neste tempo, houve a constante transgressão da regra. Segundo Luigi Zanetti, muitos lutadores “raspavam intencionalmente o cabelo, pois havia o risco de puxões maldosos” (ZANETTI, 2014, p. 10). Foi o que aconteceu com o boxeador Daniel Mendonza, de origem judia, que ao lutar em 1795 contra John Jackson pelo campeonato mundial, teve seu cabelo puxado e seu título perdido (BODDY, 2008, p. 49)<sup>25</sup>. Como as lutas eram a prêmio existiam muitos fatores envoltos no combate, desde os investidores nobres e aristocratas, até os envolvidos diretamente na luta, como *corner's* (chamados também de segundos) e

---

<sup>21</sup> Tradução nossa. Original: “Although there was a gradual withdrawal of the aristocracy’s involvement in popular recreations in the eighteenth and nineteenth centuries, there remained a very strong element of upper class patronage of boxing. Pugilism enjoyed a wide variety of upper-class patrons, including royalty, aristocracy and gentry”.

<sup>22</sup> Tradução nossa. Original: “For example, the cross-buttock throw, in which the opponent could be thrown over one’s hip to the ground, was allowed. This could then followed by a leap upon the fallen adversary, smashing one’s kness into this exposed ribcage. Eyes could be gouged, hair pulled, and the testicles attacked”.

<sup>23</sup> ANEXO 5 - Regras de Broughton, de 1743.

<sup>24</sup> Tradução nossa. Original: “The rules specified how a round would begin and end; how the seconds and umpires should conduct themselves; how the money should be divided; and that a fight was over when one man could not be brought back to the scratch line in the centre of the ring”.

<sup>25</sup> Tradução nossa. Original: “John Jackson became Champion of the Prize Ring in 1795 when, in a clear breach of the rules – grabbing and pulling an opponent’s hair was not permitted – he defeated Daniel Mendoza”.

lutadores. As apostas além de conferirem excitação ao combate também o tornavam cheio de fraudes e conflito de interesses.

As *London Prize Ring Rules* (ou Regras do Ringue Premiado de Londres) foram elaboradas em 1838 já num contexto de perseguição ao boxe em plena Era Vitoriana.<sup>26</sup> Segundo Jack Anderson, “dentro do ringue a autoridade de longa data das Regras de Broughton estava começando a desaparecer. Na década de 1830 a luta premiada era uma farsa. A desqualificação e a trapaça flagrante eram comuns no esporte.” (ANDERSON, 2001, p. 38).<sup>27</sup> As sete Regras de Broughton foram substituídas por vinte e três regras da *London Prize Ring Rules*. Entre as novidades, estavam a construção de um ringue sobre uma plataforma obedecendo a medidas determinadas e a presença de assistência para atender os lutadores (SOLTERMANN, 2009, p.19). Estas regras foram escritas pela *British Pugilists Protective Association* (Associação Britânica de Proteção aos Pugilistas).

As *London Prize Ring Rules* tentaram especificar e proibir alguns comportamentos recorrentes nas lutas a prêmio, como “trapaças, mordidas, arranhões, chutes e o uso de pedras nas mãos” (ANDERSON, 2001, p. 39).<sup>28</sup> Entretanto, parece que essas regras, mesmo minuciosas e detalhadas, não surtiram tanto efeito. Segundo Kennety Sheard, citando o testemunho do boxeador James L. Sullivan, o último a combater com as mãos nuas, “as Regras do Prêmio de Londres permitem demasiada margem para o elemento turbulento entrar em suas práticas, tais truques como espetar, morder, arrancar, estrangular, bater com a cabeça, arranhar com unhas, chutar [...]” (SHEARD, 1997, p. 50)<sup>29</sup>. Assim, mesmo com o esforço da *Pugilistic Benevolent Society*, criada em 1852, e nova revisão das regras, “o esporte em si estava decadente com a diminuição dos atendimentos, a diminuição das apostas e a má qualidade dos campeonatos” e, além disso, “a má administração do esporte, combinada com o declínio

---

<sup>26</sup> ANEXO 6 – Regras do Ringue Premiado de Londres, 1838.

<sup>27</sup> Tradução nossa. Original: “By the 1830s prize fighting was a farce. [...] This fatality overshadowed the introduction in the same year of the London Prize Ring Rules, which were a detailed effort to update the clearly inadequate Broughton Rules of 1743”.

<sup>28</sup> Tradução nossa. Original: In particular, the range of fouls was specified in greater detail with foulssuchas butting, gouging, biting, scratching, kicking, theuse of stones in the hand, being prohibited”

<sup>29</sup> Tradução nossa. Original: “The London Prize-Ring Rules allow too much leeway for the rowdy element to indulge in their practises. Such mean tricks as spiking, biting, gouging, concealing snuff in one’s mouth to blind na oponent, strangling, butting with the head, falling down without being struck, scratching with nails, kicking, falling on antagonist with kness”.

da base de apoio aristocrática tradicional e a mudança da ordem social aceleraram seu declínio” (ANDERSON, 2001, p. 38).<sup>30</sup>

Foi neste contexto específico que surgiram as Regras de Queensberry citadas no início desta seção.<sup>31</sup> Estas tinham por objetivo “tornar o boxe um espetáculo suficientemente seguro para ser considerado legal” (ANDERSON, 2001, p. 43).<sup>32</sup> Assim, mesmo tendo sido escritas na segunda metade do século XIX, ainda são válidas atualmente, utilizadas tanto pelo boxe amador como pelo profissional, com apenas algumas mudanças. Com as Regras de Queensberry surgiram o “uso de luvas, os *rounds* de três minutos por um de descanso, a proibição de abraçar o oponente e a contagem dos dez segundos para o boxeador caído se levantar e apresentar-se em condições de combate” (SOLTERMANN, 2009, p. 21).

Esta seção teve por objetivo mostrar as diferenças entre o pugilato antigo, as *prize-fighting*, os *sparring-match* e o boxe moderno, evidenciando que o processo de civilização e o surgimento da sociedade moderna contextualizam um novo tipo de luta e que, por estes motivos, não há como comparar as práticas entre si. A dificuldade em compreendermos e diferenciarmos as diversas lutas apresentadas acima, na verdade é um indicativo de que estamos tratando de um fenômeno histórico, humano, cheio de contradições, tensões e conflitos. Obviamente, não seria fácil entendê-lo.

A própria tese de que o boxe passou por um processo de constituição, desde as primeiras regras de Broughton (1743) até as regras de Queensberry (1867) apontam também para essa complexidade<sup>33</sup>. Este longo percurso, cheio de desafios e particularidades, tornou o boxe menos violento e mais seguro, podendo ser praticado, finalmente, como um esporte. Contudo, este percurso não foi linear, nem factual ou previsível. Interesses e personagens dos mais variados estiveram envolvidos. Em seguida nos dedicaremos a contextualizar de forma mais aprofundada a situação da Europa e da Inglaterra entre os séculos que passam este trabalho.

---

<sup>30</sup> Tradução nossa. Original: “Simply put, the misadministration of the sport, combined with the decline of prize fighting’s traditional aristocratic support base and the changing social order hastened the decline of the Sport”.

<sup>31</sup> ANEXO 7 – Regras do Marquês de Queensberry, 1867.

<sup>32</sup> Tradução nossa. Original: “In fact, it could be argued that the Queensberry rules were specifically framed with the object of making boxing a sufficiently safe spectacle to be accounted legal”.

<sup>33</sup> ANEXO 8 – Quadro comparativo temático com as Regras de Broughton (1743), Regras do Ringue Premiada de Londres (1868) e Regras do Marquês de Queensberry (1867).



## 1.2 - Ao redor dos ringues: o processo de constituição do boxe inglês no contexto histórico das eras georgiana e vitoriana (Inglaterra, 1714-1901)

A Inglaterra passou por muitas transformações econômicas, políticas, sociais e culturais ao longo dos dois séculos em que se insere essa pesquisa. Pode-se dizer que o modo de pensar e de se comportar dos ingleses também influenciou milhares de pessoas ao redor do mundo. Muitos termos como *sport*, *box*, *ring*, *match*, dentre outros, vieram dos ingleses. Por isso, parece óbvio que seja do nosso interesse compreender um pouco da história da Inglaterra, pois para além de ser pano de fundo das histórias aqui apresentadas e analisadas, foi lá que James Figg e Jack Broughton viveram, praticaram as *prize-fighting* e os *sparring-match* e desenvolveram as primeiras técnicas da Nobre Arte.

Infelizmente, no tocante a bibliografia nacional, poucos são os trabalhos que levam em conta o contexto do surgimento do boxe moderno. As poucas informações retratam apenas nomes dos lutadores, datas dos combates e resultados da peleja. Porém, como a monarquia britânica tratava o pugilismo, quem assistia e patrocinava os eventos de boxe, se existia fiscalização ou repressão aos combates, dentre outros questionamentos, não fizeram parte das preocupações dos pesquisadores brasileiros. Foi apenas tendo contato com bibliografia estrangeira (principalmente inglesa e norte-americana) que pudemos compreender um pouco mais dos desafios e percalços por qual passou o boxe em seu processo de constituição.

Esta seção tem por objetivo familiarizar o leitor com o percurso do boxe na Inglaterra nos séculos XVIII e XIX. Diferente das duas próximas seções, neste momento não se focará as *prize-fighting*, mas o lugar de seu surgimento. A partir de uma bibliografia especializada, iremos construir um cenário possível para compreender melhor como o boxe se tornou um dos esportes mais populares e famosos da Inglaterra.

\*\*\*

Pouco se conhece sobre o contexto das lutas premiadas na Inglaterra do século XVIII e XIX. Saber onde (lugar) e quando (tempo) o pugilismo surgiu é imprescindível. Entretanto, não são os únicos dados importantes numa pesquisa. Aliás, longe disso. É

por isso que neste momento iremos analisar algumas informações buscando aprofundar nosso conhecimento sobre esta conjuntura específica. Este exercício – semelhante ao realizado sobre a relação aos conceitos de pugilato antigo, *prize-fighting*, *sparring-match* e o boxe moderno – pode nos ajudar a estabelecer nosso ponto de partida.

Das setenta e seis referências publicadas no Brasil sobre a temática do boxe, quarenta e sete delas, 60%, não referenciam, nem abordam o contexto histórico do início da prática pugilista na Europa. Como já tratamos anteriormente, são obras que não se tinham por objetivo analisar a história do pugilismo, principalmente por adotarem outras abordagens, outras formas de expor o conhecimento (biografias, romances, trabalhos sociológicos ou antropológicos). Porém, vinte e nove obras (40%) que tivemos acesso fizeram alguma menção ao contexto. A princípio estes números parecem animadores. Entretanto, é necessário saber o conteúdo do texto para saber quais foram as informações compartilhadas.

Pois bem, dos vinte e nove textos que trazem alguma informação sobre a conjuntura histórica do boxe, dezessete deles, 58%, reproduzem informações a partir das primeiras obras publicadas no Brasil, como as de Taciano Oliveira e Dirceu Miranda Rosa (1924), de Tenório Albuquerque (1939) e de Mário Marques Ramos (1941). Estes três livros trazem dados que são encontrados em outras obras, porém, nem sempre referenciados. Relatos como o primeiro campeão de pugilismo, James Figg (1719), as primeiras regras com Jack Broughton (1743), a atualização destas com as Regras do Ringue de Londres (1838) e, por fim, as Regras do Marquês de Queensberry (1865) são percebidas com frequência nestes livros. Entretanto, não há nenhuma discussão mais profunda sobre o contexto-histórico e é disso que sentimos falta.

Com apenas doze referências, contabilizando 41% dos livros que contribuem para o contexto, mas também 16% do número total de obras, estão aqueles autores que apresentam algum diferencial, informações novas, que nos apontam para compreender com mais profundidade a conjuntura a ser analisada. Por exemplo, com o texto de Mário Feitosa, Nívea Leite e Amanda Lima, ficamos sabendo da importância das feiras londrinas, como a de *Southwark*, para a propagação do pugilismo (FEITOSA, LEITE & LIMA, 2006, p. 889). José Elias Flores Júnior destaca as

primeiras lutas, ainda no século XVII, no *Royal Theatre*, mostrando o início deste entretenimento popular no cenário urbano britânico (FLORES JÚNIOR, 2001, p. 21).

Riqueldi Lise contribui para compreender o contexto histórico com informações obtidas nos textos de Norbert Elias e Eric Dunning (1992) e Edward Thompson (1998). Segundo Lise, “O processo de unificação e pacificação do Estado inglês ao longo do século XVIII, só foi possibilitado pelo advento de um sistema de governo centralizado e consistente” (LISE, 2014, p.19). Ou seja, a Inglaterra possuía um tipo de parlamentarismo que influenciava também as relações sociais, os esportes e as lutas. Muitos autores utilizaram as reflexões de Elias & Dunning para pensar o contexto do processo de civilização. São eles Soltermann (2009), Mariante Neto, Myskiw, Marco Stigger (2010) e Zanneti (2014).

Dois autores mais tradicionais, Walter Zumbano (1951) e Ernani Nogueira (1954), colaboraram para a compreensão de que o boxe surgiu na era georgiana. Zumbano afirma que “os combates a espadas começaram a declinar sob o reino de George I. O pugilismo, em aparência inofensiva, conquistou o público” (ZUMBANO, 1951, p. 16). E Ernani Nogueira também aponta que “George I (1714-1727) começou o que se pode chamar o verdadeiro boxe” (NOGUEIRA, 1954, p. 52). Estes dois autores afirmam que George I - e todos os reis que compõem a era georgiana, até 1830 – tiveram importante impacto no investimento e aposta nas *prize-fighting*. Pois bem, estes são os fatos conhecidos no que se refere ao contexto.

Como se percebe, poucos historiadores profissionais se dedicaram a pesquisar o boxe. E isso é perceptível tanto nos números (29% levaram em conta o contexto), como nas informações qualitativas (16% trouxeram novas contribuições para a conjuntura histórica do boxe inglês). No Brasil pouco tem se explorado as circunstâncias do surgimento e desenvolvimento do pugilismo na Inglaterra. Aliás, a postura de muitos pesquisadores foi de excluir qualquer discussão que buscasse compreender a prática das lutas na Europa. Contudo, foi a partir de algumas leituras estrangeiras que conseguimos visualizar com nitidez outros contextos possíveis. Para isso nos valem das obras de Kennety Sheard (1997), Kasia Boddy (2008) e Ruti Ungar (2010). O objetivo aqui é, a título de exemplo, apontar alguns elementos que serão logo em seguida analisados com

mais profundidade. Estes três autores dão acesso a um contexto específico que precisa ser levado em conta para quem quer compreender a história das lutas premiadas.

É de Kennety Sheard a ideia que a prática do boxe, bem como as apostas e os espetáculos, tinha relação direta com a situação política e econômica da Inglaterra. Segundo Sheard, em tempos de guerra “foram, naturalmente, os períodos em que as artes marciais e a bravura e resistência eram mais suscetíveis de serem altamente valorizados do que eram durante tempos relativamente mais pacíficos” (SHEARD, 1997, p. 45).<sup>34</sup> Este autor foi um dos primeiros a diferenciar a prática do pugilismo em períodos históricos: Era Georgiana e Era Vitoriana. Em meados do século XIX as *prize-fighting* já eram perseguidas, inclusive sofrendo repressão policial e de tribunais britânicos. Portanto, de acordo com Sheard houve um lugar e um tempo propício para o desenvolvimento do boxe inglês.

Já Kasia Boddy sugere que no início da era georgiana houve um “relaxamento da moralidade pública” e que isso permitiu que muitos jogos tradicionais e populares se desenvolvessem na Inglaterra (BODDY, 2008, p. 26).<sup>35</sup> Além disso, para esta autora, nem a Arena Figg, nem a Arena Broughton existiriam se não fosse pelo amplo patrocínio da *gentry* (nobreza). Boa parte da aristocracia londrina também fazia aulas de *sparring-match* com estes lutadores. Boddy também foi a primeira a relacionar as primeiras regras do boxe (1743) com o “grande projeto iluminista de sistematização e elaboração de leis que se estendeu, assim, ao pugilismo” (BODDY, 2008, p. 29)

Portanto, acrescentado a ideia do parlamentarismo inglês, o iluminismo também fazia parte do contexto que tornaria possível a constituição do boxe. Para finalizar, esta autora também coloca outro contexto interessante: que as lutas de *prize-fighting*, mesmo violentas e agressivas, eram bem recebidas porque era um tipo de combate “inerente ao

---

<sup>34</sup> Tradução nossa. Original: “These periods of popularity apperarity to be connected with the support for prizefighting from Royalty and from those influential sections of the aristocracy and gentry Who offered in their protection. Its popularity also tended to coincide with Britain’s involvement in wars abroad”.

<sup>35</sup> Tradução nossa. Original: “When the Restoration brought a relaxation of public morality, many traditional rural sports became popular in the expanding cities, ‘supported by city nobles, local squires migrating to the commercial centers, and growing numbers of workingclass men”.

sangue inglês” (BODDY, 2008, p. 37).<sup>36</sup> Em outras palavras, que marcava a identidade do homem inglês: forte, destemido, viril e corajoso.

Ruti Ungar afirma que ao longo da Era Georgiana (1714-1830) as lutas premiadas receberam tanto apoio da nobreza e da aristocracia, como perseguição de moralistas, magistrados e pregadores (principalmente metodistas). Portanto, era um tema de constante disputa e tensão. Segundo Ungar, o boxe “se tornou um dos esportes mais populares da Inglaterra georgiana: arrastou grandes multidões, envolvendo grande soma de dinheiro e gozava de apoio fervoroso” (UNGAR, 2010, p.7).<sup>37</sup> Entretanto, era verdade também que “diversos reformadores, humanitários, moralistas, religiosos [...] cada vez mais ansiosos pela ordem social, opuseram-se a uma variedade de recreações populares” (UNGAR, 2010, p. 23).<sup>38</sup> As lutas premiadas eram consideradas, para além de uma luta de combate, uma recreação popular, da ordem dos “esportes sangrentos”. Havia, portanto, muitos motivos para que ele sofresse repressão.

É fato que estes excertos anteriores nos brindaram com notáveis informações sobre o contexto do processo de constituição do boxe moderno. As contribuições de Kenney Sheard (1997), Kasia Boddy (2008) e Ruti Ungar (2010) ainda serão percebidas mais adiante. O que queremos destacar é que a bibliografia aqui apresentada, tanto a nacional como a estrangeira, nos abre novos contextos possíveis para se compreender o surgimento do pugilismo na Inglaterra. É por isso que iremos dialogar também com outros trabalhos, que igualmente colaborarão para se ter uma visão mais crítica e problematizada das circunstâncias que levaram os primórdios do boxe inglês. Para tanto, vamos nos servir dos textos de E. L. Woodward (1964), Perry Anderson (1989), George Rudé (1991), Norbert Elias e Eric Dunning (1992), Edward Thompson (1998), Ellen Wood (2001), Eric Hobsbawm (2003), Alberto Passos Guimarães (2008) e Peter Burke/Maria Lúcia Garcia Pallares-Burke (2016).

---

<sup>36</sup> Tradução nossa. Original: After a visit to London in 1766, during which he seemed to trip over ‘street-scufflers’ at every corner, Pierre Jean Grosley recorded that boxing was a ‘species of combat’ not merely ‘congenial to the character of the English’ but ‘inherent in English blood’.

<sup>37</sup> Tradução nossa. Original: In the eighteenth century boxing, or pugilism, as it was called at that time, “was winning a central and cherished place in everyday English culture, which it has never quite lost”.<sup>2</sup> It became one of the most popular sports in Georgian England: it drew huge crowds, involved vast sums of money, and enjoyed fervent support”.

<sup>38</sup> Tradução nossa. Original: “Section four describes the opposition to blood sports, showing that it was a coalition of disparate people who had various religious, economic or social objections to these sports”.

\*\*\*

Não é possível tratar a história política da Inglaterra sem nomear a importância dos primeiros parlamentos no início da era moderna<sup>39</sup>. Os ingleses certamente possuíam uma política diferenciada e nada convencional, comparada a outros reinos da Europa. Segundo Perry Anderson, “o poder pessoal do monarca logo foi seguido por precoces instituições de caráter coletivo da classe dominante feudal, com características singularmente unitárias: os Parlamentos” (ANDERSON, 1989, p. 113). Estes parlamentos contribuíram para a centralização da política inglesa. Desde pelo menos o século XIII “passou a ser aceito que nenhum monarca poderia decretar novos estatutos sem o consentimento do Parlamento” (ANDERSON, 1989, p. 114).

A militarização e o poder marítimo têm sido apontados como características que permitiram a supremacia inglesa na Guerra dos Cem Anos (1337-1453). Porém, Perry Anderson afirma que o motivo principal foi sua “solidez política [...] e sua capacidade administrativa para explorar seu patrimônio” (ANDERSON, 1989, p. 117). Entretanto, é fundamental enfatizar que em alguns momentos o parlamento foi convocado minimamente, como ocorreu na época do reinado de Henrique VII, ou ainda usado para fins pessoais do rei, como aconteceu com Henrique VIII. Mesmo assim, nesse período “os domínios reais foram muito ampliados pela retomada de terras, cuja receita forneceu à monarquia um total quadruplicado durante o reinado” (ANDERSON, 1989, p. 118).

Outro fator importante, que explica um tom mais “progressista” da política inglesa, foi sua “desmilitarização excepcionalmente precoce da própria classe nobre” e a “conversão gradual da aristocracia às atividades comerciais, muito antes do que qualquer outra classe rural europeia” (ANDERSON, 1989, p. 124 e 125). Contudo, Perry Anderson não foi o único a considerar um “setor capitalista rural” na Inglaterra. Ellen Wood também defende um “capitalismo agrário [...] com leis de movimentos característicos”. Mesmo sem uma classe trabalhadora assalariada, necessária para pensar as relações de exploração do capitalismo, Wood salienta que “a dinâmica específica do capitalismo já estava instaurada na agricultura inglesa antes da proletarianização do trabalho na Inglaterra (WOOD, 2001, p.104)

---

<sup>39</sup>ANEXO 9 – Mapa da Inglaterra dividida em Condados. BURKE & PALLARES-BURKE, 2016, p. 52. Sugerimos conferir este mapa, pois apesar de ser atual, ajuda-nos a identificar os condados que aparecerão no anexo seguinte.

O parlamento inglês passou por uma série de tensões no século XVII. Segundo Woodward, “a divisão dos partidos era, sensivelmente, geográfica. O sul e o leste, mais ricos, apoiavam o parlamento; o norte e o ocidente, mais pobres, o rei” (WOODWARD, 1964, p.124). A Guerra Civil Inglesa (1642-51) foi um destes eventos que exemplifica bem a situação. Por mais que houvesse conflitos religiosos, entre ingleses católicos, anglicanos e protestantes, sabemos que este acontecimento trouxe desdobramentos essencialmente políticos. Oliver Cromwell, com apoio do exército e do parlamento, liderou a guerra civil que teve como consequência final o julgamento e morte do rei Carlos I e a instituição da República (BURKE & PALLARES-BURKE, 2016, p. 352).

Entretanto, a experiência republicana inglesa durou pouco. Após a morte do Lorde Protetor Oliver Cromwell, em 1658, seu filho Ricardo, que E L. Woodward afirma ter sido “simpático, bem humorado e desportivo *gentleman*, que não tinha vontade nem capacidade de governar”, foi forçado pelo exército a se retirar, assim abrindo espaço para o retorno da monarquia com Carlos II em 1660 (WOODWARD, 1964, 131). O parlamento (composto principalmente por proprietários rurais e homens de negócios) ganhou experiência nesse processo de guerra civil e nova transição para a monarquia, evidenciando sua força e amadurecimento. Um vestígio disso foi quando o parlamento “impôs um anglicanismo rígido e formal, que resultou na expulsão de um quinto dos clérigos [...] e as tentativas de Carlos para neutralizar essa legislação falharam” (WOODWARD, 1964, p.139).

Após a morte de Carlos II, em 1685, seu irmão Jaime II assumiu o trono. Este mantinha uma relação tensa e conflituosa tanto com o parlamento como com a Igreja. Não demorou muito para que sua filha, Maria II e seu esposo Guilherme de Orange o depusessem. Segundo Burke & Pallares-Burke, a Revolução Gloriosa (1688) “terminou com a monarquia absolutista na Inglaterra [...] e a Declaração de Direitos de 1689, restringiu o poder do monarca, ampliou enormemente o poder do Parlamento” (BURKE & PALLARES-BURKE, 2016, p. 355).

O que queremos argumentar até este momento é que houve um contexto muito específico que permitiu o desenvolvimento de vários esportes – entre eles o pugilismo – na Inglaterra do século XVIII. Percebe-se, ao realizarmos este percurso, que o parlamento teve um papel fundamental na normatização e também no processo de

esportivização de várias práticas populares que outrora eram realizadas como passatempos. Segundo Norbert Elias e Eric Dunning “o regime parlamentar apresenta certas afinidades com os jogos esportivos. Esta aproximação não é acidental” (ELIAS & DUNNING, 1992, p. 51). O Parlamento era um lugar de tensão e conflito entre as classes como, proprietários de terras, aristocratas e pequena nobreza. Lá se debatiam e digladiavam-se sobre vários assuntos de seus interesses. Sobre isso, Elias e Dunning afirmam que “esperava-se que os cavalheiros nunca perdessem a serenidade e nunca recorressem à violência entre iguais, mas que agissem de acordo com as normas regulamentadas de um duelo” (ELIAS & DUNNING, 1992, p. 64).

Essas “normas regulamentadas de um duelo” nos fazem lembrar as regras criadas para as *prize-fights* entre os séculos XVIII e XIX. É importante recordar que a nobreza inglesa desmilitarizou-se precocemente. Assim, num contexto de monarquia parlamentar e de um processo de civilização, o pugilismo torna-se uma “expressão de violência física socialmente aceitável” (ELIAS & DUNNING, 1992, p. 331). Uma “simulação de combate” ou “confronto simulado” com regras definidas que permitia “o monopólio do Estado sobre a violência física” (ELIAS & DUNNING, 1992, p. 346). É curioso que as lutas premiadas tenham sido um dos esportes mais populares da Inglaterra, já que havia todo um imaginário de que o mesmo preparava os homens para a guerra, moldando-os com coragem, habilidade e força (UNGAR, 2010, p. 43).<sup>40</sup>

Este contexto político nos permite entender o papel do rei e o lugar do parlamento no jogo de forças pelo governo da Inglaterra. O boxe moderno em sua fase inicial se desenvolveu no contexto da Era Georgiana (1714-1830). Guilherme de Orange (ou Guilherme III) morreu em 1702, e como não teve filhos deixou o trono para Ana da Grã-Bretanha. A rainha Ana foi a última da linhagem nobre dos Stuart. Reinou até 1714, quando se iniciou o governo da Casa Hanôver, com o rei George I (WOODWARD, 1964, p.150). Aliás, foi o próprio rei George I que mandou construir em 1723 um ringue de lutas em *Hyde Park*, um famoso parque no centro de Londres (UNGAR, 2010, p. 23 e 24).<sup>41</sup>

---

<sup>40</sup> Tradução nossa. Original: “They are manly diversions, they tend to give strength, skill, and activity, and may fit people for defence, public as well as personal in time of need.”

<sup>41</sup> Tradução nossa. Original: Perceiving the sport as a means to preparing the lower orders for war, in 1723 King George I erected a ring in Hyde Park for public use.



Ao longo do século XVIII a Inglaterra se mostrou mergulhada em diversos conflitos internos e externos.<sup>42</sup> O rei George III sofria de transtornos mentais e seu filho George IV assumiu como príncipe regente (1811-1820). Segundo a historiadora Ruti Ungar, “os recursos do Estado estavam esticados ao limite [...] havia rivalidade com a França e com a Espanha, além das perdas das colônias americanas [...] e a dívida nacional crescia exponencialmente” (UNGAR, 2010, p. 15)<sup>43</sup>. Somando a isso, também houve grande aumento populacional, com alta no preço dos alimentos, fome e agitação social (UNGAR, 2010, p. 15).<sup>44</sup> De fato foi, em vários sentidos, um período turbulento, com instabilidade política e social. Porém, foi justamente nesta época que o pugilismo se desenvolveu como arte de defesa, mas também como esporte e entretenimento popular. Seu desenvolvimento foi, obviamente, complexo e cheio de tensionamentos. Elliot Gorn afirmou que “as lutas premiadas faziam parte de uma cultura urbana híbrida e colorida que apelava para ambas as classes alta e baixa por diferentes motivos” (GORN, 1986, p. 27).<sup>45</sup>

Durante a era georgiana o boxe não era ilegal, mas não havia um consenso sobre sua prática. Porém, esta fase foi muito importante para o pugilismo, especialmente pelo apoio da nobreza e da aristocracia. Algumas arenas recebiam gente da alta corte para treinamentos de defesa pessoal. Não era incomum que pugilistas fossem contratados como guardas particulares do rei. O príncipe de Gales e futuro George IV chegou a “patrocinar pugilistas e arranjar pessoalmente várias lutas” (UNGAR, 2010, p. 27).<sup>46</sup>

---

<sup>42</sup>ANEXO 10 – Mapa da Inglaterra no século XVIII. BRAUDEL, Fernand. *Civilização material, economia e capitalismo: séculos XV-XVIII*. São Paulo: Martins Fontes, 2009. P. 533

<sup>43</sup> Tradução nossa. Original: “Between 1780 and 1820 England experienced almost constant war abroad and great social, economic and political instability at home. The American Revolution and the wars with revolutionary and Napoleonic France (1793-1815) were a transformative period in British history”.

<sup>44</sup> Tradução nossa. Original: “Large sums of money were going to foreign countries or being spent on the war, and the national debt grew exponentially, leaving the country with a £900 million deficit. A rise in population, which precipitated anxieties about the capacity of the nation to feed itself, together with wars and bad harvests (1795-1800, 1808-12) resulted in high food prices, hunger and social unrest. Many labourers experienced deterioration in their standard of living as a result of enclosures, unemployment and the decline of the moral economy, which had protected certain”.

<sup>45</sup> “Prize fighting was thus part of a hybrid culture that appealed to the highest and the lowest in the English social structure, combined some of the ancient recreations brought from the countryside with new sports and games, and fitted them all into emergent patterns of commercialization and industrial rhythms of work”. Tradução nossa.

<sup>46</sup> “The most prestigious figure known for his love of boxing was the Prince of Wales, the future King George IV, who patronized boxers and was said to have personally arranged several fights”. Tradução nossa.

O período conhecido como “idade de ouro” do boxe começou em 1780 e terminou em 1830, ano do início da era vitoriana (BODDY, 2008, p. 8).<sup>47</sup>

No século XIX, a Inglaterra vivia um novo cenário. Os parâmetros vitorianos não aceitavam a violência e agressividade das *prize-fighting*. Segundo Ruti Ungar, “no final do século XVIII e início do século XIX viu-se o surgimento de um novo espírito de reforma [...] de tendências puritanas” (UNGAR, 2010, p. 35).<sup>48</sup> Assim, o pugilismo não era bem visto, principalmente porque suas regras eram defasadas (As Regras de Broughton eram de 1743) e permitiam uma série de golpes e comportamentos que eram justamente perseguidos no contexto de reforma moralista.

Desta maneira, a busca por uma maior regulamentação pode ser percebida com as Regras de Londres (1838 e atualizadas em 1853 e 1866) e as Regras do Marquês de Queensberry (1867). Segundo Kennety Sheard, “a política vitoriana acerca do esporte centrou-se principalmente em transformar esportes tradicionais em eventos regulados e controlados com o uso de apito de fábrica” (ANDERSON, 2001, p. 44).<sup>49</sup> Diferente da Era Georgiana, em que muitos aristocratas apoavam financeiramente e culturalmente o boxe, na Era Vitoriana o patrocínio foi retirado.

A Rainha Vitória reinou entre os anos de 1837 a 1901. Segundo Rafael Montoito e Antônio Garnica, este período “foi caracterizado por uma euforia advinda do crescimento industrial que deslocou o estilo de vida inglês, até então baseado na agricultura, para uma economia urbana, moderna e baseada no comércio e na indústria” (MONTOITO & GARNICA, 2015, p. 13 *APUD* MORAIS, 2004). Este longo século XIX foi também de muita contradição, pois ao mesmo tempo em que trouxe avanços tecnológicos, fez emergir uma excluída e precária classe operária que havia deixado o campo por meio do êxodo rural (GUIMARÃES, 2008, p. 47).

O resultado do processo de industrialização na Inglaterra já é conhecido: trabalhadores sub-remunerados, famintos, doentes, vivendo em bairros operários

---

<sup>47</sup> “The golden age of English boxing was over by 1830. Nevertheless, the Sport continued to hold sway over the popular imagination throughout the nineteenth century”. Tradução nossa.

<sup>48</sup> “The late eighteenth- and early nineteenth century saw the rise of a new spirit of reform. This reformation of manners movement was in some ways a continuation of earlier Puritan tendencies.” Tradução nossa.

<sup>49</sup> Tradução nossa. Original: “The Victorian policy on sport centred mainly on transforming traditional sports into events as regulated and centrally controlled as the factory whistle”.

longínquos em péssimas condições de higiene, cercados de uma alta taxa de criminalidade e com pouca ou nenhuma segurança policial (SOARES, 2010, p. 3). Além disso, eram explorados (principalmente mulheres e crianças) e não possuíam direitos trabalhistas. A multidão de miseráveis era vista como promiscua, violenta, preguiçosa, viciada em jogos e prostituição (SOARES, 2010, p.5).

É curioso perceber esta contradição da Era Vitoriana. Em 1833, por exemplo, “houve o primeiro investimento do governo na educação pública, quando o Parlamento decidiu aprovar um crédito de 20.000 libras para a construção de edifícios escolares, valor que em 1839 atingiu a marca de 30.000 libras” (MONTITO & GARNICA, 2015, p. 15). Entretanto, em 1839 surgiu a primeira lei de repressão a prostituição em Londres, que “previa o afastamento da prostituição dos bairros nobres, mas as empurrava para outros locais” (SOARES, 2010, p. 5). Assim, percebe-se que, ao mesmo tempo em que a burguesia construía seu *status-quo* baseado em princípios liberais, as classes populares eram excluídas deste processo, ou quando incluídas, somente como mão de obra barata dispensável.

Portanto, é de se compreender o motivo das lutas premiadas não terem sido bem vistas pelas classes mais abastadas e terem passado, naquele momento – Era Vitoriana, meados do século XIX -, a serem associadas pela primeira vez como um divertimento popular da classe operária. Fica evidente, igualmente, a necessidade de novas legislações e também o uso dos tribunais de Londres para julgar e condenar, de forma inédita, crimes cometidos dentro ou fora do tablado de boxe (ANDERSON, 2001, p. 49).<sup>50</sup> Estes fatos serão explorados e analisados na última seção deste capítulo. Por agora, o que queremos argumentar é que a sociedade inglesa do século XIX vivia outro contexto, e que esta conjuntura influenciou o declínio das lutas na Inglaterra e, possivelmente, favoreceu a sua exportação para a América, em específico, para os Estados Unidos.

---

<sup>50</sup> Tradução nossa. Original: “It wasn’t until the end of the century that the courts felt the need to elaborate on the reasons why prize fighting should be declared illegal and dangerous, as opposed to an initial desire to simply keep the lower classes, and their disruptive activities, in their place. Finally, it will be demonstrated that in attempting to reconcile prize fighting with basic principles of criminal law, the courts of the nineteenth century may have sown the seeds for the eventual prohibition of the sport of boxing”.

Se politicamente o parlamento inglês permitiu maior centralidade e poder aos aristocratas e a burguesia, bem como a regulação e desenvolvimento de regras para os esportes (práticas de lazer essas das próprias classes abastadas), economicamente a Inglaterra passou por grandes transformações antes e durante a Revolução Industrial. Ellen Wood, ao analisar as origens do desenvolvimento industrial na Inglaterra, aposta na existência de um capitalismo agrário predecessor ao capitalismo industrial inglês. Em outras palavras, este capitalismo agrário fortaleceu sua economia, permitindo o acúmulo de capital para investimentos posteriores (WOOD, 2001, p.103).

Segundo a autora, “a agricultura inglesa tinha uma produtividade ímpar [...] sendo a líder na exportação de grãos e cereais ao longo do século XVIII” (WOOD, 2001, p. 104). Portanto, a transição da Inglaterra para o capitalismo teve suas origens mais ligadas a este fenômeno, do que ao comércio e a indústria, já que o mercado interno era mais importante para a econômica britânica do que o comércio internacional (WOOD, 2001, p. 108). Assim, Ellen Wood conclui que “sem a riqueza criada pelo capitalismo agrário [...] o imperialismo britânico teria sido algo muito diferente do motor do capitalismo industrial que veio a se transformar” (WOOD, 2001, p. 110).

Obviamente, que para além das origens do capitalismo industrial, Wood salienta que a Revolução Industrial trouxe inúmeros desdobramentos, a exemplo do aumento demográfico, já que a população urbana da Inglaterra duplicou entre 1500 e 1700 (WOOD, 2001, p. 104). Poucos países conseguiram este incremento populacional urbano. Enquanto a França possuía 14% de sua população em urbes, a Inglaterra tinha cerca de 40%. Entretanto, não pode se dizer que isso ocorreu em todo território inglês. Londres era a maior cidade da Europa, sendo símbolo do capitalismo emergente, tendo passado de 60 mil almas em 1550 para 575 mil habitantes em 1700 (WOOD, 2001, p.105). De acordo com Alberto Passos Guimarães, “Londres em 1750 contava com 676 mil habitantes e já em 1820 chegava a contar quase o dobro, ou 1,274 milhão” (GUIMARÃES, 2008, p. 48).

Eric Hobsbawm, ao tratar da Revolução Industrial a separou em dois momentos: primeira fase (1780-1840) e segunda fase (1840-1895). A primeira fase foi, conforme Hobsbawm, “tecnicamente primitiva [...], pois eram ideias conhecidas havia séculos, pouco dispendiosas, e que eram capazes de produzir resultados espetaculares”

(HOBSBAWM, 2003, p. 57). No início, as técnicas não eram tão modernas como se pensava. A extração de carvão, por exemplo, era feita com “um homem de cócoras, trabalhando com uma picareta numa passagem subterrânea”, ou seja, limitadas e relativamente baratas (HOBSBAWM, 2003, p.70).

Apesar de Eric Hobsbawm afirmar que “a Revolução Industrial não foi apenas algodão”, declara mais adiante que “o algodão deu o tom da mudança industrial” e que “na primeira fase da industrialização britânica, nenhuma outra atividade podia ser comparada, em importância, à do algodão” (HOBSBAWM, 2003, p.53 e 64). A partir do início do século XVIII, a Inglaterra conseguiu desbancar as companhias orientais que fabricavam e vendiam algodão puro, proibindo sua importação e comprando a matéria prima da Índia e mais tarde dos Estados Unidos. Assim, protegendo seu mercado interno e possibilitando uma multiplicação de teares manuais e mecânicos, os ingleses tornaram-se a maior indústria têxtil do mundo. Segundo Hobsbawm, “o número de teares mecânicos na Inglaterra cresceu de 2 mil e 400 unidades, em 1813, para 55 mil, em 1829, 85 mil em 1833, e 224 mil em 1850” (HOBSBAWM, 2003, p. 60).

Com os números acima, percebe-se que no início do século XIX o maquinário mecânico já era realidade para a indústria têxtil inglesa. Mas se olharmos para além das técnicas primitivas dos primórdios da Revolução Industrial, se vê que “ela representava uma nova relação econômica entre os homens, um novo sistema de produção, um novo ritmo de vida, uma nova sociedade, uma nova era histórica” (HOBSBAWM, 2003, p. 61). Assim, independente das técnicas utilizadas, se primitivas ou não, o cerne do argumento de Hobsbawm estava na mudança de pensamento do homem moderno e na sua forma de estabelecer novas relações sociais e econômicas com outros homens.

Para este autor “a fábrica era realmente uma forma revolucionária de trabalho, com seu fluxo lógico de processos, cada qual uma máquina especializada a cargo de um braço especializado, todos ligados pelo ritmo constante e desumano do motor” (HOBSBAWM, 2003, p. 64). Este tipo de conceito de sociedade capitalista e industrial não se limitou a produção e exportação do algodão. Na primeira fase, já havia experimentação de outros produtos, como o carvão, o ferro e o aço. Entretanto, só com “o advento da estrada de ferro que fez triplicar a produção de carvão e de ferro em vinte anos e que virtualmente criou uma indústria de aço” (HOBSBAWM, 2003, p.67).

Portanto, a segunda fase de industrialização (1840-1895) só foi possível por meio da elaboração e construção de inúmeras estradas de ferro na Inglaterra que chegaram ao seu ápice entre os anos de 1845 e 1847.

Ao final da primeira fase de industrialização (1780-1840) houve um conturbado momento político e social na Inglaterra. Tanto a classe trabalhadora como a classe média exigiam mudanças fundamentais. Sua insatisfação foi simbolizada na Reforma Parlamentar (*Great Reform Act*) de 1832, que acrescentou mais representantes à Câmara dos Comuns, principalmente de cidades que surgiram com a Revolução Industrial, e também o acesso ao voto, aumentando a massa do eleitorado. De acordo com Hobsbawm, grande parte dessa tensão “deveu-se a essa soma de angústias: as classes trabalhadoras desesperavam-se porque não tinham o suficiente para comer, enquanto os empresários desesperavam-se [...] com os métodos políticos que sufocavam a economia”. (HOBSBAWM, 2003, p. 73).

Os conflitos sociais, principalmente entre patrões e operários, passaram por uma sensível transformação no início da Era Vitoriana (1837-1901) e da segunda fase de industrialização inglesa (1840-1895). Referimos-nos a alterações em relação às estratégias patronais. Segundo Hobsbawm, “os empregadores começaram a abandonar os métodos de exploração, como o aumento de horas de trabalho e a redução dos salários” optando por outras estratégias como “a semana inglesa, diminuição da coerção extra-econômica e [...] supervisão legal das condições de trabalho” (HOBSBAWM, 2003, p.114). Estes métodos resultaram na legislação fabril, de 1867, a extinção da servidão nas minas de carvão, em 1872, e as leis de 1871 e 1875, que davam maior liberdade jurídica aos sindicatos.

Esta segunda fase de industrialização teve como base a exploração do carvão, do ferro e do aço. Este novo contexto trouxe importante impacto nas taxas de crescimento das exportações britânicas. De acordo com Hobsbawm, “entre 1840 e 1860 [...] a venda de produtos britânicos cresceu a uma taxa de 7,3% ao ano” (HOBSBAWM, 2003, p. 101). As estradas de ferro, responsáveis por este crescimento, tiveram um impacto não só econômico, mas social e cultural. Conforme o historiador inglês, as estradas de ferro foram uma transformação revolucionária, pois “alterou a velocidade do movimento – na verdade, da vida humana – [...] e fez surgir o conceito de uma rotina entrelaçadora que

era ao mesmo tempo gigantesca, nacional, complexa e exata” (HOBSBAWM, 2003, p. 102).

O principal objetivo das estradas de ferro era o transporte, primeiramente, de mercadorias. Segundo Hobsbawm, “fazia sentido ligar uma mina de carvão, distante de rios, até a costa por meio de uma longa ferrovia” (HOBSBAWM, 2003, p.104). A construção de ferrovias foi o maior investimento de capital dos empresários no século XIX. Embora, em alguns casos, mesmo que não tenham rendido os lucros prometidos por projetistas e empreiteiros, “produziu algo mais valioso: um novo sistema de transportes, um novo meio de mobilizar a acumulação de capital de todos os tipos para fins industriais [...] e uma nova e vasta fonte de emprego” (HOBSBAWM, 2003, p. 105).

A construção de ferrovias continuou em grande escala até a década de 1880, em grande parte “pelos processos paralelos de industrialização nos países adiantados e a abertura econômica das áreas subdesenvolvidas” (HOBSBAWM, 2003, p. 107). Porém, o cenário estava mudando novamente. Entre os anos de 1873 e 1896 ocorreu a Grande Depressão inglesa. De acordo com Hobsbawm, com a “palavra depressão pretendemos designar um estado de espírito generalizado de inquietude e temor quando as perspectivas da economia britânica” (HOBSBAWM, 2003, p. 117). Desta forma, a Grande Depressão marcava o fim da fase de desenvolvimento econômico e o início do colapso das áreas agrícolas e do crescimento de exportações de outros países concorrentes, como Estados Unidos e Alemanha (HOBSBAWM, 2003, p. 120).

Assim, a Inglaterra precisou se posicionar com certa rapidez e astúcia diante desses obstáculos, propondo uma saída menos indesejada para a crise. Sua escolha foi “a conquista econômica das áreas do mundo até então inexplorada. Em outras palavras, o imperialismo” (HOBSBAWM, 2003, p.121). O fim das duas fases de industrialização na Inglaterra deram espaço para uma nova delimitação de regiões de influência, novos mercados de consumidores e possibilidade de manter sua glória como “rainha dos mares” ou “oficina do mundo” conseguido nos últimos séculos de sua história.

Para finalizar, as transformações políticas e econômicas passadas pela Inglaterra nos séculos XVIII e XIX também incidiram e permearam as relações sociais de dominação e resistência entre nobreza, aristocracia, burguesia e trabalhadores. George

Rudé ao estudar os movimentos populares na Inglaterra dividiu-os entre motins no campo e motins urbanos. Segundo Rudé, “os motins mais numerosos do século XVIII foram ocasionados pela escassez ou súbito aumento nos preços de alimentos” (RUDÉ, 1991, p. 36). Segundo o autor, os motins de fome eram responsáveis por 2/3 das perturbações ocorridas entre 1735 e 1800.

Entre os alimentos mais consumidos pelos ingleses, estava o pão, a carne e a manteiga. Entretanto, o pão era de fato a base da dieta dos trabalhadores e a garantia desse sustento ocasionou grande parte dos motins rurais da Inglaterra do século XVIII. Conforme Rudé, “quando as colheitas eram más, quando as necessidades da guerra esgotavam os estoques, ou quando o trigo era exportado em épocas de crescente escassez, os preços subiam nos mercados [...] e o medo da fome provocava agitações” (RUDÉ, 1991, p. 36). Diante disso, “agricultores e comerciantes eram forçados a vender o trigo ao preço normal ou justo”, e quando isso não ocorria muitos moinhos eram incendiados. Até a pequena nobreza para evitar os motins comprava e vendia grandes quantidades de farinha para os pobres (RUDÉ, 1991, p. 36).

Porém, como George Rudé salienta, “os motins de fome não foram todos iguais” (RUDÉ, 1991, p. 38). Os motins urbanos abarcavam outros elementos, específicos do contexto das cidades. Para Rudé, “os motins de Londres estavam ligados a uma causa política” (RUDÉ, 1991, p. 53). Os casos encontrados pelo autor indicam que alguns movimentos populares estavam relacionados a questões de identidade (como “impedir o uso de mão-de-obra irlandesa barata”), de tensão política (como “a volta de Wilkes ao Parlamento, em 1780”) ou religiosa (“Forçar o Parlamento Revogar a lei que eliminou as restrições aos católicos”) (RUDÉ, 1991, p. 64).

Sobre os variados motivos para a organização popular em torno dos motins, Edward Thompson vai além do “reducionismo econômico crasso” e da “visão espasmódica da história popular”, para compreender o que estava em jogo para os operários no tocante a sua alimentação e sobrevivência (THOMPSON, 1998, p. 151). Para Thompson, “os homens e mulheres da multidão estavam imbuídos da crença de que estavam defendendo direitos ou costumes tradicionais e de que, em geral, tinham apoio do consenso mais amplo da comunidade” (THOMPSON, 1998, p. 152). Assim,



Thompson problematiza questões tratadas por Rudé e busca compreender a complexidade dos conflitos entre trabalhadores e fazendeiros.

Como já foi aventado anteriormente, o pão era parte essencial da dieta dos trabalhadores. Em momentos de crise de cereais, as autoridades tentavam “impor a fabricação de qualidades mais grosseiras de pão” (THOMPSON, 1998, p. 154). Os habitantes pobres não aceitavam isso, já que em “tempos de preços altos, mais da metade do orçamento da família de um trabalhador poderia ser gasto em pão” (THOMPSON, 1998, p. 155). O costume dos desfavorecidos era comprar grãos no mercado, levar aos moinhos para serem moídos e depois assarem seu próprio pão. Entretanto, isso mudou quando os fazendeiros passaram a evitar o mercado e começaram a negociar com intermediários e atravessadores em sua própria casa (THOMPSON, 1998, p. 157).

Pode-se então compreender os motins e sedições no contexto da alteração de antigas práticas do mercado. Para Thompson, “a medida que o século avançava, os procedimentos do mercado se tornavam menos transparentes, pois os cereais passavam pelas mãos de uma rede mais complexa de intermediários” (THOMPSON, 1998, p.163). Dessa forma, a regulação do mercado e a liberdade irrestrita do comércio de cereais foram sentidas pelos trabalhadores, que se organizaram e buscaram resistir diante deste novo cenário. De acordo com Thompson, “a economia moral da multidão rompia decisivamente com o modelo paternalista”, pois o “consumidor defendia suas antigas noções de direito tão teimosamente quanto o seu status profissional como artesão” (THOMPSON, 1998, p. 167 e 198). Assim, apreendemos a agência e o protagonismo dos trabalhadores da Inglaterra do século XVIII e XIX, que apesar de inseridos num contexto de transformação política e econômica, lutaram e resistiram por seus interesses, suas crenças e visões de mundo.

É no mínimo inquietante pensar que as lutas a dinheiro tenham surgido e se desenvolvido em contextos tão ricos e específicos, e ao mesmo tempo solapados historicamente pelos autores que se debruçaram em sua análise. Em outras palavras, todo este contexto histórico – não determinante, mas condicionante – precisa ser pensado e repensado como cenário imprescindível para compreender a trajetória do

pugilismo, pois a cada palavra, parágrafo e página que escrevemos nos convenceu da necessidade urgente de compreendemos de forma dialógica sua conjuntura.

### **1.3 - As *Prize-fights* e os *Sparring-Match* na Era Georgiana: tensionamentos entre as práticas de lutas a prêmio e o boxe de treinamento (1714-1830)**

Na seção anterior compreendemos porque a Inglaterra foi o berço do pugilismo moderno. O parlamento permitiu tanto o nascimento e a manutenção de uma classe aristocrática e burguesa no poder, como buscou regular – ao longo dos séculos XVIII e XIX - diversas práticas sociais e esportivas, entre elas as *prize-fighting*. O capitalismo rural serviu de base para a industrialização inglesa, e esta alterou significativamente a maneira que os britânicos sociabilizavam e se divertiam nas grandes cidades. Os dois séculos que abrangem esta pesquisa não podem ser percebidos de forma continuísta, pois cada período possui suas especificidades, o que influenciou o progresso ou o declínio da prática das lutas premiadas, em seus respectivos momentos.

A divisão que estabelecemos nestas duas próximas sessões não é visivelmente percebida na bibliografia brasileira. Foi a partir da produção estrangeira, principalmente por meio dos trabalhos de Kennety Sheard (1997), John Welshman (1997), Jack Anderson (2001), Kasia Boddy (2008) e Ruti Ungar (2010), que percebemos dois momentos singulares na história do boxe moderno. Em primeiro lugar, as lutas a prêmio, com regras precárias, forte patrocínio da aristocracia inglesa, praticadas num período em que a Inglaterra travou diversas guerras com a França, a Espanha e os Estados Unidos, no contexto da Era Georgiana (1714-1830). E em segundo, com as Regras do Ringue de Londres (1838) e as Regras do Marquês de Queensberry (1867), o pugilismo recebeu uma roupagem mais moderna e civilizada, como resultado da repressão da polícia e dos tribunais britânicos, numa conjuntura de avanço do moralismo e do puritanismo em plena Era Vitoriana (1830-1901).

O objetivo nesta seção é basear-se nos apontamentos da bibliografia nacional sobre a gênese das *prize-fights*<sup>51</sup> na Inglaterra ao longo da Era Georgiana (1714-1830), e problematizar a partir das lacunas existentes nessa produção, buscando preenchê-la

---

<sup>51</sup> APÊNDICE 1 – Informações dos *prize-fighting* ingleses (1719-1870).

com as contribuições de pesquisadores ingleses e norte-americanos que tem se debruçado mais a fundo sobre essa temática. Num primeiro momento iremos apresentar informações obtidas pela bibliografia nacional. Posteriormente, com estes dados vamos nos interrogar sobre este período específico (1714-1830) a partir dos autores de referência estrangeira. Um dos objetivos é também entender como se organizou o pugilismo inglês desta época e quais suas principais características, para nos ajudar a pensar, de maneira comparativa, a prática pugilística no Brasil, particularmente em Porto Alegre/RS.

\*\*\*

Manteremos a mesma estratégia. Números não falam tudo, mas números quando questionados e problematizados nos indicam caminhos significativos. Das setenta e seis obras sobre boxe publicadas no Brasil, cinquenta e duas (68%) não abordaram a história do boxe na Era Georgiana (1714-1830). Estes números já não nos impressionam. Faríamos parte desta porcentagem, se não tivéssemos como apoio importantes livros e artigos em língua inglesa. Nosso argumento é que sua invisibilidade denota a própria precariedade de tratamento dado ao tema em questão. Com vinte e quatro livros (32%), pudemos contar com algumas informações para entender nosso objeto em específico. É com este material que tivemos o primeiro acesso a história do pugilismo na Inglaterra. E é com ele que vamos começar esta seção.

Cada um dos vinte e quatro textos mencionados auxiliou ao seu modo. Uns mais, outros menos. As referências que mais informaram sobre este período foram Taciano de Oliveira e Miranda Rosa (1924), Mário Marques Ramos (1941), Waldemar Zumbano (1951), Ernani Nogueira (1954), Juvenal Queiroz (1989), Feitosa, Leite e Lima (2006), Lucas Soltermann (2009), Deshi Obi (2011) e Luigi Zanetti (2014). É curioso perceber que algumas obras antigas trouxeram mais dados sobre o boxe do que as atuais. Nossas hipóteses para isso são: a) essas obras são raras, ou seja, de difícil acesso, assim sendo, pouco citadas e incorporadas; b) foram escritas em um momento em que o boxe era mais prestigiado e, portanto, circulava mais material sobre pugilismo; c) era o mesmo período em que surgiram as primeiras comissões e federações de boxe no Brasil, ou seja, havia demanda de interessados.

Em geral, parece que o boxe da Era Georgiana foi mais referenciado do que da Era Vitoriana. Talvez por ser o tempo de sua gênese, mas também por compor o período de ouro do pugilismo, entre os anos de 1780 e 1820. A maior parte dos textos, a exemplo de Latorre Faria (1960), José Elias Flores Júnior (2001), Henrique Nicolini (2001), abordaram apenas dois lutadores para todo este período: James Figg, primeiro campeão de *prize-fighting* e Jack Broughton, criador das primeiras regras de boxe. Já Taciano de Oliveira e Miranda Rosa (1924), Mário Marques Ramos (1941), Ernani Nogueira (1954) e Juvenal Queiroz (1989), apresentam mais de quarenta lutadores entre 1719 e 1830, entre eles, Jack Slack (campeão de 1750), Daniel Mendoza (campeão de 1794 e criador do boxe científico), John Jackson (campeão de 1795) e Tom Cribb (campeão de 1808).

Pois bem, vamos sintetizar e problematizar os dados obtidos pela bibliografia nacional sobre a primeira fase do pugilismo inglês. É consenso entre todos os autores que James Figg foi o primeiro a lecionar e incentivar o *sparring-match* em sua Arena Figg, ou também chamada de *English School of Arms* ou *Art of Self-Defense Academy* (ZANETTI, 2014, p. 23). Anteriormente, havia registros de uma espécie de luta livre, ou também chamada de luta premiada, em feiras de Londres. Segundo Feitosa, Leite e Lima, “açougueiros e ferreiros que tinham barracas nessas feiras – tradicionalmente homens fortes pelo exercício físico de sua profissão – desenvolviam o hábito de apostar dinheiro em lutas na base de socos, num pugilismo vale-tudo” (FEITOSA, LEITE & LIMA, 2006, p. 889)

Este tipo de luta, muito popular entre os feirantes e negociantes de Londres, era tanto um divertimento como também uma forma de ajuste de contas entre seus participantes. Os ingleses gostavam de apostar em qualquer coisa que possuísse potencial para uma boa disputa, especialmente aquelas que levavam a sua excitação e catarse. Estes combates tornaram-se tão apreciados que há registros de *prize-fighting* no famoso *Royal Theatre* de Londres em 1681 (FLORES JÚNIOR, 2001, p. 22). Entretanto, muitos autores concordam que somente no século XVIII com James Figg se inicia o processo de constituição do boxe (NOGUEIRA, 1954; FARIA, 1960; FLORES JÚNIOR, 2001; SOLTERMANN, 2009).

James Figg nasceu no condado de *Oxfordshire* em 1695. Possuía 1m e 83cm e 84 kg, podendo ser considerado um peso pesado para a época. Dominou várias modalidades: espada, adaga, bastão e pugilismo. Com 24 anos, em 1719, já se autoproclamava campeão, tendo neste ano criado sua arena de combates em Londres. Foi invicto até o ano de 1730, tendo falecido subitamente em 1734 (SOLTERMANN, 2009, p. 15). Segundo seus contemporâneos, como o capitão John Godfrey, “James era o lutador com a técnica mais charmosa e refinada, o que fazia dele um completo “Mestre da Arte”” (GODFREY, 1747, p.27 APUD ZANETTI, 2014, p. 23) O pugilismo que Figg praticava fora influenciado pela esgrima italiana que aprendeu quando viveu em Veneza na adolescência. Talvez este seja um ponto que diferenciava sua luta das *prize-fights* populares nas feiras de Londres, já que o primeiro priorizava golpes retos e uma postura mais defensiva e equilibrada diante do oponente.

Outra característica que denota certa transição entre as lutas a dinheiro pugilismo e o *sparring-match* de Figg é o fato de que este lecionou aulas para “intelectuais e aristocratas em sua própria escola, sem objetivo de formar profissionais, estas aulas tinham a pretensão de dar noções de defesa pessoal em duelos e assaltos comuns á época” (SOLTERMANN, 2009, p. 16). Obviamente as *prize-fighting* não sucumbiram, aliás, sugerimos que ambas tenham coexistido, porém, em ambientes diferentes e com objetivos opostos. Mesmo assim, percebe-se certa elitização do *sparring-match*, como uma espécie de lazer ou “nobre distração”. Alguns autores como Nogueira (1954) e Flores Júnior (2001) defendem que James Figg foi o pai do boxe moderno. Entretanto, outros pesquisadores, como Feitosa, Leite e Lima (2006) e Soltermann (2009), questionam esta informação, pois Figg não teria se dedicado exclusivamente ao pugilismo, mas também a outras artes marciais. Segundo Soltermann, “por esta e outras razões não seria coerente dizer que Figg foi o mentor do boxe” (SOLTERMANN, 2009, p. 15)

Jack Broughton, campeão entre 1734 e 1750, teria sido o primeiro pugilista a se dedicar a Nobre-Arte. Prova disso foi a criação das primeiras regras em 1743. Broughton era respeitado e como Figg possuía apoio da nobreza. Segundo Zanetti, a criação do regulamento “foi motivado pelo fato de [Broughton] ter matado um adversário em uma luta” (ZANETTI, 2014, p. 14). Conforme Mário Marques Ramos, trinta dos pugilistas mais importantes do período concordaram e adotaram as Regras de

Broughton (RAMOS, 1941, p.19). Para Zanetti, “as regras de Jack Broughton são exatamente a expressão da sensibilidade à violência advinda do processo civilizador” (ZANETTI, 2014, p. 22). Com isso, de acordo com T. J. Desch Obi, o regulamento de Broughton, colaborou para que o pugilismo se tornasse “a principal modalidade de luta dos grandes centros urbanos da Grã-Bretanha” (OBI, 2011, p. 7).

A academia de Jack Broughton se localizava em Londres e foi lá que recebeu uma carta desafio do lutador Jack Slack. Por ser um pugilista desconhecido, Broughton não se preparou fisicamente para o confronto, crendo que seria certa sua vitória. Chegou até a enviar dez *guinéus* (moeda de ouro britânica) para que Slack treinasse e não faltasse a luta (ZUMBANO, 1951, p. 17). No dia da peleja, 10 de abril de 1750, as apostas eram 10 contra 1, a favor de Jack Broughton. Entretanto, sua arrogância e má condição física lhe custaram caro. Em poucos minutos Jack Slack lhe acertou um soco sobre os olhos que lhe levou ao chão. Seu manager, Duque de Cumberland, “perdeu milhares de libras esterlinas e os espectadores passaram da admiração ao desprezo” (ZUMBANO, 1951, p. 18). Jack Broughton faleceu em oito de janeiro de 1789, tendo se apresentando poucas vezes após o famigerado confronto.

Como falamos anteriormente, o conhecimento dessa primeira fase do boxe inglês foi restritiva, muitas vezes, as figuras de James Figg (1695-1734) e Jack Broughton (1704-1789). De fato, numa perspectiva de história mais tradicional, em que alguns personagens são eivados a heróis e acontecimentos hierarquizados, toda uma complexa teia histórica acaba ficando invisibilizada. Segundo Juvenal Queiroz, entre 1719 e 1750, outros lutadores se destacaram no boxe, como Bill Greeting, Ned Sutton, Tom Pipes, George Taylor, Jack Hammersmith, Tom Smallwood e George Stevenson (QUEIROZ, 1989, p. 16). Sugerimos três fatos que influenciaram a ausência de outros pugilistas: primeiramente, Figg e Broughton foram os campeões genuínos e popularmente reconhecidos da primeira metade do século XVIII, ou seja, outros lutadores ficaram em segundo plano; além disso, ambos tinham seus anfiteatros de lutas, o que favorecia a propagação do seu nome associado tanto as *prize-fighting* como os *sparring-match*; e por fim, cremos que o patrocínio da nobreza e da aristocracia legitimou seus nomes, pois permitiram patrocínio e visibilidade.

Em relação ao anfiteatro de Jack Broughton é importante salientar que após sua derrota em 1750 para Jack Slack, o Duque de Cumberland, segundo filho do rei George II, retirou sua proteção e investimento (*His Royal Highness*, traduzido como “Sua Alteza Real”), e o *sparring-match* passou por um período obscuro. (ZUMBANO, 1951, p. 17). É no mínimo interessante que a partir de 1760 as lutas premiadas tenham se deslocado de Londres (ou de burgos próximos) para outros condados do sul da Inglaterra. Foi o caso do embate entre George Milsom e George Meggs, tendo o primeiro vencido a peleja em 40 minutos (QUEIROZ, 1989, p. 17). O local da disputa foi no vilarejo de *Calne*, Condado de *Wiltshire*. Diversos confrontos pelo título de campeão mundial foram realizados nas décadas seguintes em condados fora da Grande Londres como, por exemplo, em *Hertfordshire*, *Suffolk* e *Surrey*.

Na primeira seção deste capítulo diferenciamos o pugilato antigo praticado pelos gregos e romanos do boxe moderno, resultado das tensões entre as *prize-fighting* e os *sparring-match*. Justamente por isso, muitos autores não usam a palavra boxe, mas lutas premiadas, para tratar da fase inicial do pugilismo. O fato é que uma luta mais técnica, científica e de auto-defesa, *os sparring-match*, era ensinado nas arenas de James Figg e Jack Broughton, na primeira metade do século XVIII, para a aristocracia que buscava fortalecer elementos como honra, coragem e bravura. Broughton inclusive utilizava luvas primitivas nos treinamentos da nobreza.

O que queremos sugerir é que, ao longo do século XVIII e em boa parte do século XIX, o pugilismo vale-tudo, ou *prize-fights*, que consistia em lutas baseadas em apostas, foi mais praticado e afamado que o boxe de treinamento (*sparring match*). Ou melhor, ambas as práticas estavam em constante conflito e tensionamento, influenciando e sendo influenciadas por questões mais amplas, como o processo de modernização. Para Feitosa, Leite e Lima, “ao patrocinarem um *prize-fighter* de valor, tinham a oportunidade de fazer apostas mais seguras e ainda a chance de aparentar o valor guerreiro de seus antepassados, ao simularem a função de general”. (FEITOSA, LEITE & LIMA, 2006, p. 889).

Apesar da existência das Regras de Broughton (eram apenas sete artigos), para alguns pesquisadores, “a violência era a tônica e a vitória era dada aquele que resistia em pé enquanto seu adversário estava prostrado ao chão” (CONFEDERAÇÃO

BRASILEIRA DE PUGULISMO, 1987, p.1). Para Taciano de Oliveira e Miranda Rosa, “o jogo pernas não existia. A ciência era letra morta. [...] Os assaltos podiam durar uma hora, como um minuto” (OLIVEIRA & MIRANDA ROSA, 1924, p. 17). Segundo Nogueira, “as lutas eram disputadas sem luvas (a punhos nus) e permitia-se a utilização de golpes e chaves de luta livre para derrubar o adversário” (NOGUEIRA, 1954, p. 136). O que fica evidente é que certa parcela do pugilismo arcaico praticado nos séculos anteriores como divertimento popular nas feiras de Londres foi reesignificado pelos *prize-fights*.

Apesar da existência de arenas de lutas em Londres, eram frequentes combates ao ar livre em fazendas do interior da Inglaterra. Por exemplo, no romance de Arthur Conan Doyle, *Soco na Cara* (ou *A história de Rodney Stone*), as disputas só tinham locais definidos a poucos momentos da peleja, com o objetivo de evitar intromissão das autoridades policiais, mas também de permitir maior número de espectadores (DOYLE, 2015, p. 125). Os ringues eram montados parcamente, o que representava o esporte rude e grosseiro que estava prestes a ocorrer. Segundo Queiroz, “os ringues para as lutas eram formados por estacas de madeira que eram ligadas a ripas, sarrafos ou tábuas que demarcavam o quadrilátero” e usavam também “cordas que eram amarradas diretamente nas estacadas” (QUEIROZ, 1989, p. 18).

Alguns autores, como Juvenal Queiroz, chegam afirmar a ilegalidade do pugilismo já no século XVIII. Segundo este autor, “a atividade passou a ser considerada ilegal, mas sobrevivera devido o grande apoio popular e de personalidades influentes, como membros da imprensa e da aristocracia britânica” (QUEIROZ, 1989, p. 19). Para Mário Marques Ramos, “sua prática não era permitida pela polícia, e lutadores e assistentes, não raro, eram presos sendo obrigados a pagar multas pesadas por terem infringido a lei” (RAMOS, 1941, p. 18). É interessante pensar que justamente quando a nobreza retirou seu patrocínio e apoio, no contexto da Era Vitoriana, foi quando as *prize-fighting* passaram a ser perseguidas sistematicamente, inclusive pela recente criação da polícia londrina (década de 1830) e do aparelho judiciário inglês.

Porém, as lutas premiadas não se limitavam a dois indivíduos trocando socos. Aliás, algumas pessoas chegam a “torcer o nariz” quando falamos sobre nosso tema de pesquisa. “Você estuda a história do boxe?”, alguns perguntam com desdém. No senso



comum, o pugilismo não passa de uma prática brutal, degradante e marginal. Entretanto, uma leitura mais sensível e problematizada aponta para uma prática repleta de representações sociais e questões de complexa compreensão. De acordo com Luigi Zanetti, para os pugilistas sua profissão era a maneira de “ascender socialmente” e de “ganharem reconhecimento material e simbólico” (ZANETTI, 2014, p. 14). Neste reconhecimento simbólico estavam diversos elementos importantes: a honra, a integridade, a preocupação com a saúde física e a alimentação, a coragem, etc.

Em outras palavras, o pugilismo não era só pancadaria. Para ser um bom lutador eram necessários vários requisitos. Para o capitão Godfrey, contemporâneo de Figg e Broughton, um combatente precisava “observar o posicionamento das pernas, a postura do tronco [...] controlar o corpo da forma mais eficiente e dessa forma dominar a arte” (GODFREY, 1747, p. 31 APUD ZANETTI, 2014, p. 19). Além disso, cuidar a alimentação, “não comer em excesso antes de uma peleja para não estar de barriga cheia durante a batalha” e também encontrar dentro de si o “Vento” ou “Espírito”, que dito de outra maneira seria a motivação interna do boxeador, ou seja, o seu coração (GODFREY, 1747, p. 32 APUD ZANETTI, 2014, p. 20). O capitão Godfrey finaliza lembrando que muitos pugilistas foram derrotados por falta de disciplina, por mau condicionamento físico e alimentar, e que o *prize-fighter* mais confiável para se apostar dinheiro era aquele que conseguia equilibrar suas qualidades.

Para além dos precários locais em que as lutas ocorriam, a postura dos pugilistas diante do combate nos abrem possibilidades para pensarmos diversas representações sobre esta prática. Por exemplo, o *prize-fighting* do século XVIII era fundamentado no conceito de “chão”. Para T. J. Desch Obi, o “chão” (uma marca no meio do ringue chamado *scratch*) era a “habilidade de posicionar-se frente aos golpes recebidos, sem recuar independentemente da adversidade que o sujeito encarasse” (OBI, 2011, p. 16). Para este autor, “cada lutador começava face a face, cada um com um pé no *scratch*, ou linha de partida, e idealmente lutavam um confronto direto e próximo até que um fosse nocauteado com um soco ou um golpe de luta, finalizando o *round*.” (OBI, 2011, p. 20). Ou seja, não se valorizava as esquivas, a dança, nem trabalho de pernas, já que esta prática estava permeada de conceitos bem estabelecidos e que faziam parte da própria identidade inglesa: Era a força e resistência sobrepondo a arte e a técnica.

A valorização do pugilista corajoso que sofria o dano dos socos e que não recuava diante do ataque, não foi um padrão ao longo da Era Georgiana (1714-1830). Alguns lutadores fizeram escola por adaptarem técnicas diferentes, a exemplo de Daniel Mendonza (1764-1836) e Bill Richmond (1763-1829). Daniel Mendonza era um judeu nascido em Londres, que possuía 1m e 70cm e 72kg (QUEIROZ, 1989, p. 19). Tornou-se campeão da Inglaterra em 1792, tendo perdido o título pra John Jackson em 1795 (OLIVEIRA & MIRANDA ROSA, 1924, p. 18). Foi chamado por muitos de pai do boxe científico. Segundo Mário Marques Ramos, “Daniel Mendoza era um pugilista de notável inteligência, boa educação e aparência. Reuniu à boa prática uma rápida concepção científica” (RAMOS, 1941, p. 20). Mário Ramos ainda salienta que “sua maneira elegante de jogar (estilo) contribuiu muitíssimo para que o boxe fosse adotado pelas classes aristocráticas, o que lhe valeu grande popularidade” (RAMOS, 1941, p. 20).

A história do pugilista afro-americano Bill Richmond também contribui para pensar a tensão entre o *sparring-match* e o estilo *prize-fights*. Richmond nasceu em cinco de agosto de 1763, em *Cuckhold, Port Richmond* (hoje Nova York). Cresceu em cativeiro e obteve a liberdade no contexto das guerras entre a Grã-Bretanha e as colônias norte-americanas. Serviu de cavaliço (estribeiro) do exército britânico e se tornou pajem pessoal de Hugh Percy, 2º Duque de Northumberland (OBI, 2011, p. 2) O duque o levou para a Inglaterra e em pouco tempo Richmond lhe mostrou sua habilidade em lutas com apostas. Após vencer inúmeros lutadores maiores e mais experientes, recebeu o convite do próprio príncipe regente para se apresentar no palácio real. Era o ano de 1814 e os espectadores faziam parte de uma comitiva especial, “o rei da Prússia, o Czar da Rússia e um general prussiano de nome Blücher” (OBI, 2011, p.3).

A tese de T. J. Desch Obi para o sucesso de Bill Richmond em terras britânicas se explica com as experiências de Bill no Atlântico Negro. Richmond lutava de forma muito diferente dos ingleses. Assim como Daniel Mendonza, não apenas socava, mas recuava, se movimentava no ringue. No caso de Richmond, Desch Obi chama de “defesa dançada” (OBI, 2011, p. 4). Grupos étnicos da região de Angola praticavam “bate e chuta” e “luta de cabeçadas”, em que “o lutador mais admirado não era o que aplicava os golpes mais devastadores, mas aquele com as defesas mais graciosas”. Segundo Obi,

essas lutas “ajudavam a desenvolver essa aparentemente fantástica habilidade de esquiva lateral” (OBI, 2011, p. 5).

No início do século XIX, Bill Richmond já contradizia o mito da inferioridade negra. Seu sucesso como pugilista estava relacionado justamente ao seu estilo revolucionário de luta (e de defesa) compartilhado também por outros lutadores do Atlântico Negro (OBI, 2011, p. 25). Era isso que o diferenciava, em outras palavras, que o tornava habilidoso. Segundo Desch Obi, Richmond representou “um “terror negro” pelo soco cultural que seus oponentes levavam por meio de seu estilo único de boxear”, e, obviamente, por “desafiar não apenas as noções de hierarquia racial e nacionalismo inglês, mas também para as presunções a respeito dos estilos de lutar” (OBI, 2011, p.20)

Anteriormente comentamos que alguns autores, como Taciano de Oliveira e Dirceu de Miranda Rosa (1924), Mário Marques Ramos (1941) e Juvenal Queiroz (1989) apresentam histórias de outros pugilistas, para além de James Figg e Jack Broughton. Entretanto, as informações são insuficientes. Não passam de nomes, datas de confrontos e resultados. A bibliografia nacional é precária nesse sentido. É precário também em problematizar questões específicas, por isso que neste momento queremos analisar alguns elementos a partir da produção estrangeira.

\*\*\*

Com exceção do texto de T. J. Desh Obi, originalmente publicado no *Journal of Sport History* em 2009, sob o título *Black Terror: Bill Richmond's Revolutionary Boxing*, e traduzido e divulgado pela Revista Recorde (UFRJ) em 2011, boa parte dos textos utilizados acima não problematizam de forma mais intensa relações de classe, gênero, raça e nacionalidade, além da pretensa ilegalidade do pugilismo inglês. Para compreender o processo de constituição do boxe é preciso obter um olhar sensível e externo, buscando apreender as próprias percepções, escolhas e emoções dos envolvidos no esporte. Em outras palavras, é fundamental superar a visão binária e antagônica do boxe, do vencedor e do derrotado, e partir para compreender relações mais complexas

entre os sujeitos históricos analisados (BODDY, 2008, p. 7).<sup>52</sup> Kennety Sheard alerta que é necessário “uma abordagem que não envolva fazer julgamentos morais sobre a adequação do boxe [na sociedade atual]” (SHEARD, 1997, p. 53).<sup>53</sup>

O sociólogo Loïc Wacquant (2002), por exemplo, em seu livro *Corpo e Alma: etnografia de um aprendiz de boxe*, superou a visão negativa do boxe (do por que as pessoas não devem lutar) e se interessou em investigar como o pugilismo foi vivenciado e interpretado por seus participantes dentro da subcultura do boxe. Assim, as observações de Kennety Sheard (1997) e Loïc Wacquant (2002) nos são úteis para compreendermos “por que as pessoas gostavam e se envolviam no boxe” e não “por que o pugilismo não deveria ser praticado”.

A bibliografia nacional que a pouco apresentamos deu grande destaque a James Figg na origem do pugilismo moderno. Seu nome é informação recorrente em qualquer obra de boxe. Entretanto, qual a real contribuição de Figg para o surgimento de um tipo de luta diferente dos praticados anteriormente? Quais as classes sociais dos praticantes? Quais foram suas influências e seus patrocinadores? Para além do que já foi compartilhado, os historiadores Kennety Sheard (1997), Jack Anderson (2001), Kasia Boddy (2008) e Ruti Ungar (2010) nos brindam com dados que ampliam nossa percepção sobre o envolvimento de James Figg no desenvolvimento do boxe inglês. Por exemplo, para Kennety Sheard, “Figg foi a primeira pessoa a comercializar o boxe e desenvolvê-lo como um negócio” (SHEARD, 1997, p. 39).<sup>54</sup> Figg abriu sua escola de lutas com ajuda financeira de Charles Mordaunt, Conde de Peterborough. Neste local, além de ensinar variadas artes marciais, fez “amizade com os ricos, os poderosos e famosos”, como o primeiro ministro inglês Robert Walpole e o poeta Alexander Pope

---

<sup>52</sup> Tradução nossa. Original: “More than anything, the boxing match has served as a metaphor for opposition – the struggle between two bodies before an audience, usually for money, representing struggles between opposing qualities, ideas and values”.

<sup>53</sup> Tradução nossa. Original: “It is na approach which does not involve making moral judgements about the suitability of boxing for the late twentieth century”.

<sup>54</sup> Tradução nossa. Original: “It would appear, then, that Figg was one of the firt men to plance boxing on anything like a business footng”.

(SHEARD, 1997, p. 39).<sup>55</sup> Percebe-se, portanto, que suas relações com a *gentry* eram antigas e que estas foram sua base para o sucesso de seu negócio.

No entanto, a fama de James Figg – e talvez o fato de seu nome chegar até nós tanto tempo depois – não foi apenas por sua escola de lutas. Figg possuía um estande na célebre Feira de *Southwark*, onde fazia demonstrações de pugilismo. Acredita-se que ele tenha sido o primeiro a vender seu entretenimento e utilizar a publicidade ao seu favor. Por este motivo, ele foi chamado também de “lutador empreendedor” (UNGAR, 2010, p. 24).<sup>56</sup> Conforme Kennety Sheard, o pintor e ilustrador William Hogarth desenhou o mais antigo anúncio sobre apresentações de boxe que se tem notícia (SHEARD, 1997, p. 39).<sup>57</sup> O trabalho foi feito a pedido de James Figg em 1737, e isso contribuiu para tornar o “pugilismo popular entre todas as classes e patrocinado pelos mais ricos donos de terra” (UNGAR, 2010, p. 23).<sup>58</sup>

Segundo Boddy, “o estande foi montado da maneira mais cômoda o possível para melhor recepção dos cavalheiros” (BODDY, 2008, p. 27)<sup>59</sup>. Portanto, os autores sugerem que Figg tornou as *prize-fighting* um negócio lucrativo (oferecendo como *sparring-match*), tanto economicamente como de forma simbólica, pois lhe permitiu circulação e aproximação com a alta sociedade. É o que conclui Sheard quando afirma que “foi como professor e expositor que Figg fez seu nome, e foi entre os membros mais novos da aristocracia e da *gentry* que aparentemente extraiu a maioria de sua clientela” (SHEARD, 1997, p. 40)<sup>60</sup>. Assim, Figg estaria comercializando muito mais uma arte de defesa (ou um boxe civilizado) para a nobreza e a aristocracia, do que uma

---

<sup>55</sup> Tradução nossa. Original: “It is the Earl, it is claimed, Who provided him with enough Money to open a School of Arms in Tottenham Court Road, London, where He apparently made friends with the rich, the powerful and the famous”.

<sup>56</sup> Tradução nossa. Original: “The process of transforming boxing into a profession began with the contributions of several enterprising fighters. James Figg (c. 1695-1734), initiated the boxing booth business at fairs, gave aristocrats lessons in the arts of self-defence and introduced the first steps in codifying the sport”.

<sup>57</sup> Tradução nossa. Original: “Not only did he have his friend Hogarth design a business card to publicize his permanent establishment in Oxford Road (London), but his handbill which He distributed in 1738 to “sell” his entertainment”.

<sup>58</sup> Tradução nossa. Original: “Boxing became increasingly more popular among all classes and was patronized by the highest in the land”.

<sup>59</sup> Tradução nossa. Original: A promotional card (once attributed to Hogarth) was distributed at Figg’s booth at Southwark Fair, and his advertisements promised that the booth was ‘fitted up in a most commodious manner for the better reception of gentlemen”.

<sup>60</sup> Tradução nossa. Original: “It was as a teacher and exhibitor that Figg made his name, and it was from among the younger members of the aristocracy and gentry that he apparently drew the majority of his clientele”.

luta brutal e sanguinária, herdeira de passatempos rurais da velha Inglaterra – a exemplo das *prize-fights*.

Jack Broughton foi citado, igualmente, como um dos precursores das *prize-fighting*. Na bibliografia brasileira os fatos mais citados são os seguintes: a) Se dedicou especialmente ao pugilismo, mais do que seu mestre, James Figg; b) Criou as Regras de Broughton em 1743; c) Como Figg, possuía um anfiteatro de lutas em Londres, na *Oxford Street*, onde também lecionava; d) Broughton perdeu o título em 1750, tendo que fechar sua escola de lutas após a retirada de patrocínio do Duque de Cumberland. A partir disso, fazemos alguns questionamentos: qual foi o papel e a contribuição de Broughton para as *prize-fights* da primeira metade do século XVIII? Qual a origem e a motivação de suas regras para o pugilismo? Qual seu discurso sobre a função das lutas na sociedade?

Pode-se dizer que o barqueiro de Tâmis, Jack Broughton, de certa forma continuou e especializou o trabalho realizado por James Figg nas primeiras três décadas do século XVIII. A historiadora Ruti Ungar o chamou de “boxeador carismático, homem de negócios astuto e liderança na comercialização do esporte e seu desenvolvimento e regulação” (UNGAR, 2010, p. 24).<sup>61</sup> Portanto, não seria incorreto dizer que Figg e Broughton popularizam as *prize-fights*, criando um tipo de luta e defesa pessoal coerente com os desejos de civilidade do período. Prova disso está no argumento de Kasia Boddy que declara que Broughton “ofereceu aulas para pessoas de qualidade e distinção”, e que nestes locais “estavam excluídos mulheres, jogos de azar e intervenção policial” (BODDY, 2008, p. 31)<sup>62</sup>.

As aulas de boxe de Broughton levavam os nobres cavalheiros a “acreditarem que estavam em contato com uma Inglaterra mais antiga e, de alguma forma, mais

---

<sup>61</sup> Tradução nossa. Original: “After Figg’s death Jack Broughton (c. 1703-1789), a charismatic boxer and an astute businessman, took the lead and did much both for the commercialisation of the sport and for its development and regulation”.

<sup>62</sup> Tradução nossa. Original: “Broughton capitalized on the popularity of prize-fighting with the upper classes by offering tuition for ‘persons of quality and distinction’ at his school in the Haymarket. What was offered differed from prize-fighting in many respects: the exclusion of women, the absence of gambling, and the lack of police intervention”.

autêntica” (BODDY, 2008, p. 32)<sup>63</sup>. Desse modo, entende-se a criação das Regras de Broughton (1743), no contexto do “grande projeto iluminista de sistematização e elaboração de leis” (BODDY, 2008, p. 29)<sup>64</sup>, bem como a criação das primeiras luvas de boxe (*mufflers*), “que incentivam os cavalheiros a ter aulas de boxe porque preveniam o rosto das cicatrizes” (UNGAR, 2010, p. 24)<sup>65</sup>.

As Regras de Broughton foram produzidas, entre outros motivos, para “gerar e prolongar um equilíbrio de tensão que é prazerosamente excitante e que tem uma boa chance de acabar em uma catarse prazerosa – uma libertação da tensão” (SHEARD, 1997, p. 33).<sup>66</sup> Em outras palavras, como ocorre em outras práticas – como o futebol, o *rugby*, e a caça à raposa - o ponto alto de uma luta estava no equilíbrio da disputa, na expectativa de vitória ou derrota dos competidores. As *prize-fights* eram “extremamente, violentas, brutais e sangrentas”, mas, de acordo com Kennedy Sheard, “este aspecto do esporte tornou-se desde então cada vez mais regulamentado por um conjunto complexo de regras escritas e formais [...] que controlavam os tipos de violências permitidas” (SHEARD, 1997, p. 35).<sup>67</sup>

Evidentemente, o regulamento só seria cumprido se houvesse fiscalização. Por isso, as próprias Regras de Broughton especificavam “a introdução de pessoal de controle externo, cujo trabalho era garantir que um concurso fosse gerido adequadamente e as regras observadas” (SHEARD, 1997, p. 37).<sup>68</sup> Estes indivíduos que supervisionavam as lutas eram os segundos (assistentes), juízes, e os responsáveis por guardar o dinheiro das apostas. Com isso, desejava-se que a luta fosse baseada no *far-play* (jogo justo), e que o pugilista fosse declarado vencedor sem a presença de armas de

---

<sup>63</sup> Tradução nossa. Original: “Whether or not he attended prize-fights, a modern urban gentleman who exercised gently with his padded gloves could believe himself in touch with an older, and somehow more authentic, England”.

<sup>64</sup> Tradução nossa. Original: The great Enlightenment project of systemization and law-making thus extended to pugilism, with the first written rules of prize-fighting published under Broughton’s name in 1743.

<sup>65</sup> Tradução nossa. Original: ...and encouraged gentlemen to take up boxing lessons because it preserved the face from scars”.

<sup>66</sup> Tradução nossa. Original: “That is, rules are developed which serve the function of generating and prolonging a tension-equilibrium that is pleasurable exciting and which has a good chance of ending in a pleasurable catharsis – a release from tension”.

<sup>67</sup> Tradução nossa. Original: “Boxing in the early period of its development was by present standards an extremely violent, brutal and bloody activity. However, this aspect of the Sport has since become increasingly regulated by a complex set of formal written rules”.

<sup>68</sup> Tradução nossa. Original: “The sport of boxing has also been civilized by the introduction of outside controlling personnel whose job it is to ensure that a contest is properly managed and rules observed”.

fogo ou outras artimanhas. Na prática as regras eram, de fato, insuficientes, pouco específicas, e resultava a morte de muitos pugilistas.

Assim, por trás das regras que eram consideradas pelos pugilistas da época, havia uma hierarquização de interesses. Por exemplo, as Regras de Broughton “foram introduzidas para proteger os interesses do jogo em vez da saúde dos lutadores” (SHEARD, 1997, p. 48).<sup>69</sup> Isso ocorreu também com os regulamentos posteriores, como a *London Prize Ring Rules* (1838) e as Regras do Marquês de Queensberry (1867). A questão comercial (as apostas) e o resguardo da repressão policial eram mais importantes do que vida dos combatentes.

Além de suas conhecidas regras, Jack Broughton “propagandeou o boxe como uma verdadeira arte britânica [...] um antídoto para a efeminação estrangeira (principalmente francesa)” (BODDY, 2008, p. 36).<sup>70</sup> Broughton prometia que a prática do pugilismo ressaltaria a masculinidade e a virilidade, fazendo com que seus praticantes tivessem sucesso com as mulheres (BODDY, 2008, p. 35).<sup>71</sup> Aqui as intenções e motivações de Broughton são percebidas, pois o mesmo compactuou e incentivou o pugilismo por questões de masculinidade e patriotismo. Talvez estes fatores diferenciem sua participação no início das *sparring-match* em relação a James Figg. Mesmo porque Broughton participou de mais lutas que Figg que, depois de 1719, combateu apenas duas vezes até sua morte.

Além de questões de gênero e nação, Broughton contribuiu para delinear as funções do boxe. Na década de 1740, o pugilismo já tinha atribuições bem específicas, como “entretenimento, exercício e uma forma de resolver disputas entre homens de classe baixa ou entre homens de classes diferentes” (UNGAR, 2010, p. 24)<sup>72</sup>. De acordo com Kennety Sheard “os cavalheiros poderiam desenvolver as habilidades necessárias

<sup>69</sup> Tradução nossa. Original: “Almost all Broughton’s Rules, for example, were introduced to protect gambling interests rather than the health of the fighters”.

<sup>70</sup> Tradução nossa. Original: “Broughton advertised boxing as a ‘truly *British Art*’, claiming that its study would prove an antidote to ‘*foreign Effeminacy*’, as well as, of course, enabling practitioners to be able ‘to boast themselves Inheritors of the *Greek and Roman Virtues*’.

<sup>71</sup> Tradução nossa. Original: Broughton promised that learning to box would bring his pupils success with women, evoking his exhibition sparring partner, the famously ugly Buckhorse, whose ‘ruling passions’ were said to be ‘love and boxing, in both of which he was equally formidable’.

<sup>72</sup> Tradução nossa. Original: “By the 1740s boxing had already achieved its three main functions: entertainment, exercise and a way of settling disputes between lower-class men or between men of different classes”.



do boxe para resolver rancores privados, podendo ter a certeza estariam protegidos” (SHEARD, 1997, p. 41)<sup>73</sup>. Assim, o boxe foi se especializando e se popularizando muito mais que as artes de defesa ensinadas e praticadas por James Figg, como esgrima e o bastão (*quarterstaff*). Nosso argumento, baseado nos autores já citados, é que a popularização das *prize-fighting* não foi à toa. Ele, de fato, parecia ter funções bem definidas e necessárias para as variadas classes sociais da Inglaterra do século XVIII.

Muito antes de Daniel Mendonza e Bill Richimond, Jack Broughton já era conhecido por sua habilidade e técnica. Para Kasia Boddy, Broughton contribuiu para um novo estilo de luta (BODDY, 2008, p. 31).<sup>74</sup> Era um lutador inteligente, que não sustentava o combate apenas com a força e a resistência, mas também com agilidade e velocidade (UNGAR, 2010, p. 24).<sup>75</sup> Kennedy Sheard declara, igualmente, que no anfiteatro de Broughton havia preocupação com a habilidade e treinamento dos pugilistas (SHEARD, 1997, p. 42).<sup>76</sup> Os *prize-fighters* tinham uma postura diferente, pois acreditavam que a força era mais importante, pois a potência fazia parte da essência da identidade inglesa. É interessante que Broughton tenha se aproveitado da popularidade das *prize-fighting* para admitir novos alunos, tanto da *gentry* como da aristocracia, e ensinar o *sparring-match*, um boxe regulado, disciplinado e civilizado.

Mas a popularidade do criador das primeiras regras da luta premiada teve, também, seu fim. Jack Broughton foi derrotado, em 1750, pelo açougueiro de *Norfolk*, Jack Slack. Segundo Kasia Boddy, “a derrota de Broughton foi uma calamidade pública” e seus alunos e/ou admiradores “voltaram-se para o crime [...] exercitando sua arte derrubando pedestres em becos e esquinas escuras, enquanto outros aprenderam a abrir os punhos e usaram os dedos para bater carteiras” (BODDY, 2008, p. 38).<sup>77</sup> De

---

<sup>73</sup> Tradução nossa. Original: “However, they could develop the required boxing skills for settling private grudges if they could develop be assured that their features would be protected”.

<sup>74</sup> Tradução nossa. Original: “The most important difference, however, was the style of fighting involved, and in particular the introduction of large padded gloves, or muffers”.

<sup>75</sup> Tradução nossa. Original: He invented or popularised the use of the ‘muffers’ (gloves), which both helped improve fighting techniques for professional boxers.

<sup>76</sup> Tradução nossa. Original: “However, they could develop the required boxing skills for settling private grudges if they could be assured that their features would be protected”.

<sup>77</sup> Tradução nossa. Original: “In 1754, ‘Mr Town’ (Bonnell Thornton and George Colman, members of the satirical Nonsense Club) joshed that Broughton’s defeat was a ‘public calamity’. They imagined the ‘professors of the noble art of Boxing’ forming a ‘kind of disbanded army’ and inevitably turning to crime. ‘Some have been forced to exercise their art in knocking down passengers in dark alleys and corners; while others have learned to open their fists and ply their fingers in picking pockets”.

fato, o período entre 1750 e 1780 foi nebuloso para a historiografia do boxe, pois as lutas antes ocorridas em Londres (e, portanto, mais documentadas) passaram a condados distantes, principalmente em fazendas privadas de aristocratas que apoiavam as lutas a dinheiro<sup>78</sup>.

Alguns autores colocam a derrota de Jack Broughton – e o fechamento de sua escola de pugilismo – como o principal motivo para o declínio das lutas na segunda metade do século XVIII. Porém, Kennety Sheard aponta o problema da “teatralização”. Segundo o autor, o pugilismo estava correndo “o risco de se tornar relativamente previsível e potencialmente chato para os espectadores – quase um ramo do “show business”” (SHEARD, 1997, p. 41).<sup>79</sup> O desejo dos presentes era assistir uma luta genuína, porém, as *prize-fighting* precisavam ser tanto um entretenimento autêntico como também “uma carreira que oferecesse a oportunidade [aos pugilistas] de ganhar dinheiro durante um período mais longo e que fosse menos prejudicial fisicamente” (SHEARD, 1997, p. 44).<sup>80</sup>

Além do problema da “teatralização”, indicado por Kennety Sheard, Kasia Boddy lembra que o pintor e ilustrador inglês, William Hogarth notou uma diferença entre as práticas de *sparring-match* e da *prize-fighting* a partir do ano de 1751. Segundo Boddy, Hogarth que percebia o pugilismo como “uma das muitas manifestações de exuberância inglesa”, viu posteriormente “emparelhar o boxe com as crueldades da briga de galos” (BODDY, 2008, p. 38).<sup>81</sup> Será que o período dos *sparring-match* de Figg e Broughton chegara ao fim? O fato é que tanto Kasia Boddy como Ruti Ungar afirmam que a popularidade deste tipo de pugilismo entrou em colapso na década de

---

<sup>78</sup> ANEXO 11 – Mapeamento das prize-fighters em condados da Inglaterra (Séculos XVIII e XIX). Fizemos um pequeno exercício anotando os locais das lutas indicadas pela bibliografia nacional e estrangeira. Temos consciência que os números estão longe de representar a totalidade dos embates. Localizamos 52 confrontos em vários condados e observamos que a região conhecida como *home counties* (condados da casa), região perto de Londres, ao sudeste do país, foi o palco principal das pejejas.

<sup>79</sup> Tradução nossa. Original: “The type of exhibition boxing which was starting to develop in the eighteenth century, with the Odd ‘serious’ championship thrown in, provided a safer foundation for the development of the Sport, but also ran the risk of becoming relatively predictable and potentially boring for spectators – almost a branch of show business.”

<sup>80</sup> Tradução nossa. Original: A career structure which offered more boxers the opportunity to make money over a longer time period and which was less physically damaging required prize-fighting to be legalized and that it should be superseded by a more respectable, regulated form of fighting – by boxing.

<sup>81</sup> Tradução nossa. Original: “Boxing had changed its meaning for Hogarth. Whereas previously he had presented the sport as one of many manifestations of exuberant Englishness, in 1751 he aligns it with the cruelties of cock-fighting, execution and dissection”.

1750 (UNGAR, 2010, p. 25)<sup>82</sup> e que “os ringues e anfiteatros urbanos, mais vulneráveis ao controle das forças emergentes da lei e da ordem deram lugar as lutas a prêmio em áreas rurais” (SHEARD, 1997, p. 43)<sup>83</sup>.

Neste período, a questão da ilegalidade das *prize-fights* foi mais presente, mas ao mesmo tempo muito controversa. Muitos pesquisadores – tanto brasileiros como estrangeiros – afirmam as lutas premiadas eram ilegais. Anteriormente, citamos autores brasileiros como Juvenal Queiroz que reconheceu que os combates de pugilismo “ocorriam em recintos fechados ou nos arrabaldes das cidades, porque as lutas de boxe eram proibidas por lei” (QUEIROZ, 1989, p. 23) e Mário Marques Ramos que declarou que o pugilismo “não era permitido pela polícia” (RAMOS, 1941, p. 18).

Entretanto, a historiadora Ruti Ungar apresenta dados para refutar a questão da ilegalidade das lutas a prêmio. Segundo Ungar, não havia uma lei que proibia a realização de *prize-fights*, já que “nunca foi o caso que houvesse um crime designado como luta com premiação reconhecido na lei” (UNGAR, 2010, p. 39).<sup>84</sup> Pelo contrário, as acusações para envolvidos em lutas a prêmio versavam entre agressão, tumulto ou violação de paz. O fato é que uma *prize-fights* reunia milhares de pessoas e com isso o evento tendia a gerar outros tipos de conflitos. Kennedy Sheard afirma que a pretensa “ilegalidade podia ter adicionado tempero à participação no esporte” (SHEARD, 1997, p. 43).<sup>85</sup> Ou seja, sua condição de clandestinidade dava certa atração aos seus espectadores.

Portanto, o argumento de Ruti Ungar é que as autoridades locais e o sistema legal “permaneceram inerentemente ambivalentes quanto à questão da legalidade do

---

<sup>82</sup> Tradução nossa. Original: “The popularity of boxing declined in the 1750s, but the sport regained its status in the 1780s and 90s”.

<sup>83</sup> Tradução nossa. Original: “I have already suggested that the urban boxing booths and amphitheatres were much more vulnerable to control by the nascent forces of Law and order than was the case with prize-fights in rural areas”.

<sup>84</sup> Tradução nossa. Original: “The research literature has long assumed that pugilism was prohibited by law in early modern England. However, this was not the case. Pugilism was not mentioned specifically under the law, and in the words of a legal authority “it has never been the case that there has been an offence designated as ‘prize-fighting’ recognised at common Law”.

<sup>85</sup> Tradução nossa. Original: “[...]does admit that this illegality may have added to the spice that taking part in the Sport provided for some people”.

esporte” (UNGAR, 2010, p. 40)<sup>86</sup>. Não houve até meados do século XIX pressões do parlamento ou do aparelho judiciário para tornar as *prizefighting* ilegais. Jack Anderson também lembra que desde 1715 havia a Lei do Tumulto, definida como “uma perturbação da paz quando três ou mais pessoas reuniam-se, sob sua própria autoridade, com a intenção mútua de executar atos violentos para o terror do povo” (ANDERSON, 2001, p. 40)<sup>87</sup>. Mais uma vez não há especificidade legal em relação ao pugilismo.

Em outras palavras, não havia consenso sobre a proibição dos combates de pugilismo, principalmente porque muitos parlamentares e juízes gostavam das pelejas, e também porque muitos acreditavam que as lutas premiadas eram uma prática masculina e inglesa, que preparava os homens para a guerra. Apesar das autoridades locais serem responsáveis por cancelarem a luta, em muitos casos, era justamente os grandes proprietários rurais e aristocratas que organizavam o evento.

Outro ponto importante para a anulação ou não de uma luta era o valor das apostas. Segundo Ungar, “as considerações comerciais também eram um fator importante” (UNGAR, 2010, p. 41).<sup>88</sup> A lei e a ordem (além da própria saúde dos pugilistas) não superavam a preocupação com os ganhos financeiros esperados com a peleja. Assim, todos esses fatores contribuía para a continuidade dos combates, apesar de muitos não aprovarem e argumentarem contra o sua presença.

É verdade que alguns lutadores ou envolvidos no jogo precisaram pagar multa ou tiveram prisões decretadas. Porém, nunca inscrito como o crime de *prize-fights*, e sim, como de agressão, tumulto ou violação de paz. Ruti Ungar afirma que “os juízes, geralmente membros dos altos escalões da sociedade, não eram claramente unânimes em condenar o esporte” (UNGAR, 2010, p. 41).<sup>89</sup> Os vereditos variavam de juiz para juiz, sendo que alguns absolviam e outros culpavam os pugilistas. O que é importante destacar é que apesar de não existir uma lei explícita contra a organização das lutas

---

<sup>86</sup> Tradução nossa. Original: “However, I would like to argue that court records and newspaper reports prove that the local authorities and the legal system remained inherently ambivalent about the question of the sport’s legality”.

<sup>87</sup> Tradução nossa. Original: “[...]defined riot as a tumultuous disturbance of the peace by three or more persons assembling together, of their own authority, with intent mutually to execute a violent enterprise to the terror of the people”.

<sup>88</sup> Tradução nossa. Original: “Although law and order were primary concerns for local authorities, commercial considerations were also an important factor

<sup>89</sup> Tradução nossa. Original: “Judges, usually members of the upper ranks of society, were clearly not unanimous in condemning the Sport”.

premiadas, havia, sim, um grande debate na sociedade sobre os benefícios ou malefícios do esporte. E a classe burguesa era a principal a se opor ao pugilismo, por questões que iremos tratar mais adiante.

Entre 1750 e 1780 pouco se sabe sobre o desenvolvimento das lutas, para além de seu deslocamento de Londres (e *Great London*) e sua migração para áreas rurais. Tanto a bibliografia brasileira como estrangeira silencia sobre este período, possivelmente pela ausência de fontes primárias. De acordo com Ruti Ungar, uma série de fatores contribuiu para seu retorno (em 1780): um novo estilo de boxe, novos lutadores e o surgimento do jornalismo esportivo (UNGAR, 2010, p. 25).<sup>90</sup> Neste final do século XVIII o pugilismo tornou-se um esporte regularizado, profissional, comercial e muito popular. É importante enfatizar que “os boxeadores profissionais vinham de um contexto socioeconômico pobre e pouquíssimos conseguiam subir acima de suas origens. A maioria trabalhava com tarefas braçais antes de começar no boxe” (UNGAR, 2010, p. 31).<sup>91</sup>

Alguns lutadores como James Figg, Jack Broughton, Daniel Mendonza e John Jackson, foram exceções à regra. Estes conseguiram tanto abrir suas escolas, como realizar turnês pela Grã-Bretanha e escrever autobiografias. Para Ruti Ungar, “um fim considerado bem sucedido à carreira de um pugilista era a abertura de um *pub*. Essa era a forma de ficar em contato com a multidão do boxe tendo uma forma relativamente segura de subsistência” (UNGAR, 2010, p. 30).<sup>92</sup> No entanto, a grande parte dos lutadores pertencia a classe trabalhadora e se arriscavam muito nas pelejas. Conforme Ungar, muitos eram “conhecidos como gastadores e alcoólatras, [...] muitos terminavam

---

<sup>90</sup> Tradução nossa. Original: “A number of factors contributed to the renewal of its popularity: a new style of boxing, new performers, and the rise of sports journalism. The late eighteenth century saw a gradual change in the style of boxing. A smaller ring was adopted which resulted in faster boxing. The sport became gradually more refined: rules became more systematic, skill and tactics became more important, parrying, blocking and feinting came to be accepted as legitimate tactic rather than perceived as cowardice”.

<sup>91</sup> Tradução nossa. Original: “Cups, jugs, figurines and various other memorabilia testify to the momentary glory of these men who came from poor families and started their lives as manual labourers”.

<sup>92</sup> Tradução nossa. Original: “Many earned extra money by teaching boxing. A successful end to a boxer’s career was considered opening a pub. It was a way of staying in touch with the boxing crowd while having a relatively secure base of subsistence”.

sua carreira nos ringues com pouco dinheiro, morreram jovens ou terminavam suas vidas em casas pobres ou na cadeia” (UNGAR, 2010, p. 30).<sup>93</sup>

Entretanto, apesar de todos estes riscos, diversas circunstâncias levavam os boxeadores a se exporem a esta dura realidade. Por exemplo, de acordo com Ruti Ungar, “a maioria dos pugilistas carecia de educação ou conexões; eles usavam o único recurso que tinham, seu corpo, para ganhar dinheiro” (UNGAR, 2010, p. 31).<sup>94</sup> Além do capital econômico, o capital simbólico era muito importante, porque o boxe “era uma profissão altamente respeitada no meio da classe trabalhadora” e também porque a “fama dos pugilistas ia muito além de seus próprios bairros: conversavam com aristocratas, tinham multidões de seguidores, seus retratos eram pintados e canções cantadas em sua honra” (UNGAR, 2010, p. 32).<sup>95</sup> Ruti Ungar conclui que o pugilismo, principalmente para aqueles trabalhadores braçais, era uma forma de ascender socialmente, ganhar popularidade, respeito, além de torna-se modelo de masculinidade e bravura física.

Em relação a outros lutadores da Era Georgiana (1714-1830), os pesquisadores Kennety Sheard (1997), Kasia Boddy (2008) e Ruti Ungar (2010) deram atenção a outros boxeadores e combates que foram significativos. Os mais destacados foram Daniel Mendonza, Richard Humphries, Bill Richmond, John Jackson, Tom Cribb e Tom Molineaux. Mendonza era judeu e Richmond e Molineaux eram afro-americanos. É interessante notar que as lutas mais marcantes tiveram como pano de fundo, discursos de etnia, raça e nacionalidade. Parece que lutadores representantes de certas classes sociais, ou de grupos notadamente excluídos tornavam o confronto ainda mais excitante.

A luta entre Daniel Mendonza “Judeu” e Martin “O Açogueiro do banhado” foi significativa por um motivo impar. O embate foi marcado pra dia 27 de março de 1787

---

<sup>93</sup> Tradução nossa. Original: “However, most boxers spent their money faster than they earned it. Many were known as spendthrifts and alcoholics, and most had difficulty in readjusting themselves first to a life of fame, then to life out of the ring.<sup>92</sup> Moreover, boxing was closely connected with the criminal underworld, and boxers were often involved in criminal activities. Even the famous boxers finished their ring career with little money; many died young or ended their lives in poor houses or in jail.”

<sup>94</sup> Tradução nossa. Original: “Coming from a lower class background, most boxers lacked education or connections; they used the only resource they had, their body, to earn money.”

<sup>95</sup> Tradução nossa. Original: “Because boxing was a highly regarded profession in working-class milieus, boxers earned the respect of their communities [...] Boxers’ fame reached well beyond their own neighbourhoods: they conversed with aristocrats, enjoyed crowds of followers, their portraits were painted and songs were sung in their honour”.

e contava uma multidão de quase dez mil pessoas vindas de vários lugares da Grã-Bretanha. (UNGAR, 2010, p. 22)<sup>96</sup>. Entre os ilustres expectadores estava o Príncipe de Gales, futuro George IV. Segundo Ruti Ungar, “antes de os lutadores tivessem tempo de entrar no ringue improvisado, um magistrado chegou com uma escolta militar e a multidão que incluía o Príncipe, dispersou-se” (UNGAR, 2010, p. 22)<sup>97</sup>. Este fato da trajetória pugilística de Mendonza indica tanto a popularidade do pugilismo como a repressão e a construção de discursos de ilegalidade sobre o boxe.

A denominação de Daniel Mendonza como “o judeu”, dá ênfase a sua religião e seu lugar na sociedade londrina. É bom lembrar que a religião foi palco de diversas disputas no parlamento e até guerras em internas na Inglaterra. Católicos, anglicanos e protestantes constantemente se digladiavam por costumes e por suas variadas concepções de mundo, que obviamente envolvia também questões políticas e econômicas. Sua luta descrita acima (de 1787) foi o primeiro combate “comercializado com êxito em termos de hostilidade étnica” (BODDY, 2008, p. 39).<sup>98</sup> Mendonza enfrentou três vezes Martin “O Açougueiro do banhado”, vencendo a segunda e a terceira luta. Com a vitória Mendonza teve “seu rosto reproduzido em moedas comemorativas e canecas de cerveja e seu nome foi incluído nos textos de peças contemporâneas” (BODDY, 2008, p. 39).<sup>99</sup>

Mendonza foi um daqueles pugilistas que alcançaram certa popularidade e não terminaram mortos, presos ou pobres (como ocorria com a maioria). Segundo Kasia Boddy, “Mendonza utilizou suas vitórias como catapulta para outros empreendimentos mais lucrativos – exhibições nos teatros de Londres, turnês na Grã-Bretanha e Irlanda e

---

<sup>96</sup> Tradução nossa. Original: “On 27 March 1787 a prize fight was supposed to have taken place between two famous pugilists: Martin ‘the Bath Butcher’ and Mendoza ‘the Jew’. The fight drew a crowd of almost ten thousand people, including the Prince of Wales (the future George IV)”.

<sup>97</sup> Tradução nossa. Original: “However, before the fighters had time to enter the makeshift ring, a magistrate arrived with a military escort, and the crowd, including the Prince, dispersed demurely. Ironically, the newspapers reported that the soldiers sent to disperse the crowd were a party from the Prince of Wales’s own regiment of dragoons”.

<sup>98</sup> Tradução nossa. Original: “Mendoza and Humphries were the first boxers whose careers were successfully marketed in terms of ethnic hostility”.

<sup>99</sup> Tradução nossa. Original: “Mendoza decisively won the second and third fights and became a celebrity; his face was reproduced on commemorative coins and beer mugs and his name was incorporated into the texts of contemporary plays”.

uma escola de boxe bem sucedida” (BODDY, 2008, p. 40).<sup>100</sup> Em sua escola, Mendonza permitia que “os homens cuidassem da sua própria defesa (e de sua propriedade) nas ruas das crescentes metrópoles [...] além de defender sua honra sem recorrer a prática potencialmente mais letal de duelo [armas de fogo ou espada]” (BODDY, 2008, p. 41)<sup>101</sup>. Daniel Mendonza escreveu também em 1816 a primeira autobiografia esportiva que se tem notícia (BODDY, 2008, p. 38).<sup>102</sup> Kennety Sheard afirma que pugilistas como Mendonza “ganhavam muito mais dinheiro vendendo ou exibindo suas habilidades em suas próprias escolas ou viajando pelos teatros do país, muitas vezes na companhia de comediantes e atores” (SHEARD, 1997, p. 42).<sup>103</sup> Assim, uma das estratégias desses lutadores era vender um entretenimento baseado em sua reputação enquanto campeões mundiais de *prize-fights* (naquela época ser o campeão inglês tornava-o campeão mundial).

Outro lutador muito destacado foi Tom Cribb (1781-1848). Cribb, como Mendonza, possuía “habilidades técnicas maiores que seus antepassados e aprenderam a projetar mais de sua personalidade no esporte” (UNGAR, 2010, p. 25 e 26)<sup>104</sup>. As suas duas lutas mais simbólicas foram contra o afro-americano Tom Molineaux, um escravidado da Virgínia, que desafiou Cribb exatamente num momento em que Inglaterra e Estados Unidos estavam em guerra. Como é evidente, a questão da nacionalidade, ao lado da superioridade da força e da raça, foram elementos disputados

---

<sup>100</sup> Tradução nossa. Original: “One of the most interesting aspects of Mendoza’s memoirs is the light it sheds on the commercial side of pugilism. Like most prize-fighters then (and since), Mendoza used his high-profile victories as a springboard to other, more lucrative, enterprises – exhibitions at London’s Lyceum theatre, tours of Britain and Ireland, and a successful boxing academy. He eventually became a publican”.

<sup>101</sup> Tradução nossa. Original: “But more importantly, Mendoza promised, it would enable ‘men to stand in their own defence’ (and that of their property) on the streets of the growing metropolis [...] Furthermore, it would enable them to defend their honour without resorting to the potentially more deadly practice of duelling which was, in any case, considered French”.

<sup>102</sup> Tradução nossa. Original: “Daniel Mendoza’s *Memoirs* (1816) may have been the first ghost-written sports autobiography”.

<sup>103</sup> Tradução nossa. Original: “By the end of the century people like Daniel Mendonza (1766-1836), the first Jewish fighter to win a championship, were making a good deal of money by either selling or exhibiting their skills at their own schools or by travelling the country on the theatre circuit, often in the company of comedians and actors”.

<sup>104</sup> Tradução nossa. Original: “Men like Richard Humphries (c. 1760-1827) and Tom Cribb (1781-1848) displayed higher technical skills than their forefathers, and learned to project more of their character into the sport; some were flamboyant, others were more “folksy”. Although their personal lives and personalities might have been less than stellar, boxers served an important role in embodying a certain manly ideal”.



tanto fisicamente no ringue como retórica e discursivamente nos jornais (BODDY, 2008, p. 44).<sup>105</sup>

O primeiro confronto ocorreu dia 18 de dezembro de 1810, no Condado de Sussex. Segundo Boddy, Tom Molineaux queria vingar seu instrutor, Bill Richmond, também afro-americano, pois este havia perdido para Tom Cribb em 1805 (BODDY, 2008, p. 44)<sup>106</sup>. De acordo com Kasia Boddy, “após dezenove rodadas embaixo de uma torrencial chuva gelada, os espectadores fizeram mais do que gritar: invadiram o ringue e quebraram um dos dedos de Molineaux” (BODDY, 2008, p. 45)<sup>107</sup>. A peleja ainda continuou até 39ª rodada, com a derrota do afro-americano.

No ano seguinte, em 1811, entre dez a quinze mil pessoas estiveram presentes no segundo encontro entre Cribb-Molineaux. Tom Cribb venceu facilmente, principalmente pela falta de preparo e má alimentação de Molineaux. Segundo Jack Anderson, “o café da manhã de Molineaux foi um cozido de galinha, uma torta de maçã e uma caneca de cerveja – claramente não era de valor nutritivo suficiente (ANDERSON, 2001, p. 36)<sup>108</sup>. A vitória de Cribb trouxe aos ingleses mais uma vez o imaginário da superioridade inglesa e, obviamente, discursos de masculinidade, virilidade, raça e patriotismo foram defendidos. Há em Londres até hoje, na *36 Panton Street, Haymarket*, um *pub* em homenagem a Tom Cribb.

Tanto as lutas de Daniel Mendonza, como as de Tom Cribb, ocorreram no período conhecido como fase de ouro do pugilismo (1780-1820). Segundo Ruti Ungar, “entre 1793 e 1815, houve um aumento de 64% no número de prêmios e 85,6% nas despesas com esses eventos [...] e envolveu uma gama de pessoas de todas as classes

---

<sup>105</sup> Tradução nossa. Original: “It is in the context of these events that the championship fights between Tom Cribb and Tom Molineaux in 1810 and 1811 should be understood. 89 Rounds one and two of Britain versus the United States were complicated only by the fact that Molineaux was black, a former slave from Virginia”.

<sup>106</sup> Tradução nossa. Original: “Before Molineaux, the most famous was Bill Richmond. Brought to England in 1777 at the age of fourteen as a servant to the Duke of Northumberland, Richmond first trained as a cabinet maker and, after a reasonably successful career as a pugilist, continued to promote fights and train fighters while managing a tavern next door to the Fives Court”.

<sup>107</sup> Tradução nossa. Original: “After nineteen rounds in driving icy rain those spectators did more than exclaim; they rushed into the ring and broke one of Molineaux’s fingers in the scrimmage [...] Molineaux’s bad luck continued when he hit his head on one of the stakes at the corner of the ring, and in the 39th round he conceded the fight”.

<sup>108</sup> Tradução nossa. Original: “Molyneux’s breakfast – boiled fowl, apple tart and a tankard of porter - was clearly not of sufficient nutrient value”.

sociais que se beneficiaram comercialmente do seu envolvimento” (UNGAR, 2010, p. 32).<sup>109</sup> A comercialização das *prize-fights* abarcou diversas classes sociais e os beneficiou economicamente de várias formas. Até o final do século XVIII “os ingressos não eram cobrados, principalmente porque as peijas ocorriam em campos abertos e em ringues improvisados” (UNGAR, 2010, p. 32).<sup>110</sup> Entretanto, os milhares de indivíduos que se deslocavam para assistir uma luta precisavam de transporte, acomodações e refeições. Para Ruti Ungar, “as lutas provavam-se rentáveis não só para os boxeadores e apostadores, mas também para o bairro” (UNGAR, 2010, p. 33).<sup>111</sup> Além disso, a comunidade que residia próxima local do combate confeccionava lembrancinhas como “gravuras, canecas, copos, jarras, figurinhas e pratos [...] objetos caros como a cerâmica, destinado aos patrocinadores do esporte, até objetos mais baratos, como moedinhas” (UNGAR, 2010, p. 33).<sup>112</sup>

O jornalismo esportivo, que surgiu na segunda metade do século XVIII, também teve um papel importante. Ruti Ungar declara que “a imprensa ampliou a audiência de uma luta com premiação para incluir aqueles que não estavam realmente presentes, tornando a luta um evento nacional” (UNGAR, 2010, p. 34)<sup>113</sup>. A imprensa contribuiu para “moldar a imagem do boxe como um mundo glamoroso e elegante [...] ajudando o pugilismo a se tornar mais popular a cobertura do pugilismo ajudou os jornais a aumentar a sua venda” (UNGAR, 2010, p. 34)<sup>114</sup>. Entretanto, nem sempre a imprensa se demonstrou positiva às *prize-fighting*. Aliás, a imprensa foi um bom exemplo dos

---

<sup>109</sup> Tradução nossa. Original: “Harvey calculated that between 1793 and 1815 there was a rise of 64.5% in the number of prize-fights and 85.6% in the expenditure on these events”.

<sup>110</sup> Tradução nossa. Original: “Entrance fees were generally not collected till the end of the eighteenth-century because prize-fights took place in the open countryside in makeshift rings”.

<sup>111</sup> Tradução nossa. Original: “Fights thus proved profitable not only for the boxers and bettors but also for the neighbourhood”.

<sup>112</sup> Tradução nossa. Original: “Much money was also to be made from various paraphernalia such as prints, mugs, jugs, pitchers, figurines, and plates.104 These memorabilia could range from expensive objects such as pottery, which was meant for upper- and middle-class patrons of the sport, to cheaper objects such as tokens and crude prints”.

<sup>113</sup> Tradução nossa. Original: “The press was instrumental in shaping the image of the sport: it portrayed boxing as a glamorous and fashionable world, produced histories of the sport, built up the public character of the boxers, and presented them as public persona, thus helping boxers become national sporting heroes”.

<sup>114</sup> Tradução nossa. Original: “Thus, newspapers helped pugilism become more popular and coverage of pugilism helped newspapers raise their sale. However, as will be shown in the next chapter, the coverage of boxing in the press was not always positive”.

embates – principalmente no nível do discurso – entre os grupos “pró-boxe” e “anti-boxe”.

\*\*\*

O pugilismo foi um esporte que atraiu milhares de pessoas não só pelas emocionantes disputas dentro dos ringues, mas pelo seu poder de comercialização, que trouxe benefícios financeiros para diversas classes sociais (UNGAR, 2010, p. 32)<sup>115</sup>. Além disso, o imaginário popular se apropriava de discursos de masculinidade, virilidade, patriotismo, entre outros. Era, portanto, um esporte que tinha uma função social evidente – obviamente que tensionada e disputada.

Queremos finalizar essa seção sobre o pugilismo na Era Georgiana (1714-1830) tratando de dois temas fundamentais para compreensão do boxe: o primeiro, em relação as variadas classes que apoiavam o boxe (por motivos econômicos, sociais, culturais, simbólicos, etc) e também aqueles que o perseguiam, se apropriando de discursos de moralidade, civilidade, decência e cortesia (conceitos esses apropriados principalmente dos franceses). Por fim, os debates sobre a pertinência do boxe na sociedade inglesa invadiram o Parlamento por meio das vozes de membros da pequena nobreza, aristocracia e da burguesia. É justamente aqui que queremos dar atenção aos conceitos de classe, gênero, raça e nação a partir das contribuições da tese de doutorado da historiadora Ruti Ungar.

Que o boxe foi um esporte popular na Inglaterra ninguém pode negar. Como prova disso, ele se expandiu para todos os continentes e chegou ao Brasil no início do século XX. Entretanto, será que todos os ingleses apoiavam as *prize-fights*? Existiam classes descontentes com sua prática e, principalmente, com sua fama? Quais eram seus discursos de aprovação e reprovação ao pugilismo? O que essas tramas podem nos ajudar a compreender a reesignificação (e seus tensionamentos) do boxe no Brasil e, especificamente, em Porto Alegre/RS? Essas são algumas perguntas que queremos responder nesse momento.

---

<sup>115</sup> Tradução nossa. Original: “I argue, involved a range of people from all social classes who stood to benefit commercially from their involvement. Some, like the boxers, patrons, and spectators, participated directly; while others, such as publicans, merchants, and communities in which bouts took place, were involved indirectly”.

Como mostramos anteriormente, as lutas eram uma espécie de simulacro do guerreiro em campo de batalha (notoriamente com regras definidas num contexto de modernidade e civilidade), mas também era um esporte comercialmente rentável. Quem ganhava com as lutas a dinheiro? Ricos donos de terra, aristocratas com mentes patriarcais, donos de cervejarias e *pub's*, comerciantes da classe média, editores de jornais, além dos boxeadores e seus assistentes. Indiretamente, até prostitutas e pequenos criminosos ganhavam com as multidões que assistiam a peleja (UNGAR, 2010, p. 22)<sup>116</sup>.

Quem era contrário às lutas premiadas? Reformadores, humanitários, moralistas, religiosos, proprietários de fábricas, líderes da classe operária e até membros da classe alta. Como ressalta Ungar, as classes que apoiavam ou perseguiam o boxe não eram homogêneas (UNGAR, 2010, p. 23)<sup>117</sup>. Parte dos trabalhadores e até membros da *gentry* e da aristocracia eram contrários ao boxe, por motivos que ficarão mais evidentes ao analisarmos as tensões entre classes em relação as lutas.

É preciso relacionar o contexto de perseguição ao boxe a uma conjuntura mais ampla, de reforma dos costumes, com tendências puritanas. Para os moralistas, o boxe era “promíscuo, violento e imoral, mas também uma ameaça à eficiência econômica” (UNGAR, 2010, p. 35)<sup>118</sup>. O pugilismo não foi a única prática de cultura popular condenada. Segundo Ruti Ungar, “os reformadores [...] atacavam vários males sociais: os maus-tratos de crianças, doentes e insanos; crueldade com os animais; castigos corporais e execuções públicas” (UNGAR, 2010, p. 35)<sup>119</sup>.

A burguesia, classe que comandou estas reformas, foi tornando-se poderosa economicamente e buscou principalmente “disciplinar o trabalho, erradicar o

---

<sup>116</sup> Tradução nossa. Original: “Although it was mostly working and upper-class men who actively participated in the sport (in one form or another), its spectators came from all ranks of society”.

<sup>117</sup> Tradução nossa. Original: “Although class issues certainly played a role in the struggle over boxing, class was not the only fault line between opponents and proponents of the sport.”

<sup>118</sup> Tradução nossa. Original: “It was not only seen as promiscuous, violent and immoral but also as a threat to the economic efficiency of the lower orders (and hence to the economic strength of the nation) as well as to the social order as a whole”.

<sup>119</sup> Tradução nossa. Original: “Reformers, concerned with both morality and respectability, attacked various social ills: the mistreatment of children, the sick and the insane; cruelty to animals; corporeal punishment and public executions; imprisonment for debt and slavery”.

comportamento vulgar e irracional” (UNGAR, 2010, p. 35).<sup>120</sup> Para os empresários capitalistas o esporte e o lazer em geral, mas principalmente o pugilismo, era prejudicial à classe trabalhadora, pois os distraiam, além de incliná-los aos maus costumes, como tumultos, brigas, alcoolismo e vadiagem (UNGAR, 2010, p. 36).<sup>121</sup> É pertinente salientar, entretanto, que o movimento burguês e moralista não alcançou seus objetivos facilmente, pois encontrou muita “oposição e resistência de todos os níveis da sociedade” (UNGAR, 2010, p. 38).<sup>122</sup>

O pugilismo não foi tema de debate apenas no Parlamento. Ou seja, não restringiu a “grupos sociais ou políticos, mas fazia parte da esfera pública, na qual ocorreu discussão aberta sobre questões de interesse geral e formou-se a opinião pública” (UNGAR, 2010, p. 46).<sup>123</sup> Jornais, livros e lugares de sociabilidades como *pub's* e associações foram ambientes onde o pugilismo foi discutido por seus aficionados defensores ou por seus “civilizados” opositores. Nos *pub's*, por exemplo, além de discutirem sobre as *prize-fights*, aproveitavam para arranjarem lutas, escolherem lutadores, marcavam-se as datas e os lugares do combate, além das apostas. Era, também, o lugar que os boxeadores se dirigiam após a vitória.

A obra de Pierce Egan (1772-1849), *Boxiana or Sketches of ancient and modern pugilism*, editada em seis volumes, “ajudou a moldar a imagem do esporte, [...] celebrando os boxeadores como heróis, moldando suas imagens e celebrando seus feitos” (UNGAR, 2010, p. 49).<sup>124</sup> Além disso, caricaturas e pinturas sobre as lutas premiadas também ajudaram a divulgar o pugilismo tanto “enobrecendo o esporte,

---

<sup>120</sup> Tradução nossa. Original: “Having become economically powerful, they sought to shape the national agenda by their own aims and ideals; they wished to enforce work discipline, eradicate vulgar and irrational behaviour and enact humanitarian and moralistic reforms”.

<sup>121</sup> Tradução nossa. Original: “Religious considerations still played an important role in the opposition to sports, and religious reformers often attacked sports like boxing as irreligious activities which occasioned sexual promiscuity, drunkenness, violence and other vices”.

<sup>122</sup> Tradução nossa. Original: “Indeed, as will be shown in the next chapter, the movement encountered opposition from all levels of society. People saw the activities of the reformation societies as hypocritical as well as “incompatible with English liberties and oppressive to the poor”.

<sup>123</sup> Tradução nossa. Original: “The debate on boxing was not restricted to certain social or political groups; it was part of the public sphere, in which open discussion on issues of general concern took place and public opinion was formed”.

<sup>124</sup> Tradução nossa. Original: “Egan helped shape the image of the sport, by establishing its antique heritage, by celebrating the boxers as heroes, shaping their images and celebrating their feats. His books and articles had an important role in constructing what Bilodeau called the “pugilistic rhetoric”, in shaping the defence of boxing, emphasizing it’s link to patriotism, manliness, and a certain homosocial subculture, and in constructing the image of the boxers as heroes”.

ênfatisando a masculinidade, beleza e herança clássica, [...] como ressaltava a crueldade, a baixeza do esporte e seus participantes de classe inferior” (UNGAR, 2010, p. 50).<sup>125</sup>

Mas o que estava, de fato, em jogo nos discursos antagônicos sobre o pugilismo? Quais elementos constituíram a construção de seus posicionamentos? De acordo com a historiadora Ruti Ungar, “a escolha era entre a liberdade, coragem e masculinidade, por um lado, e efeminação, corrupção e escravidão por outro” (UNGAR, 2010, p. 53).<sup>126</sup> Em outras palavras, as *prize-fights* eram percebidas como um direito (o direito de defesa) e uma virtude masculina e guerreira que era essência dos ingleses. Em contrapartida, a efeminação era uma influência francesa, que confrontaria com o conceito de virilidade, masculinidade e nação. Além disso, a “corrupção e escravidão” significaria que os ingleses estariam abrindo mão de sua história e identidade por um ideal estrangeiro (UNGAR, 2010, p. 55).<sup>127</sup>

Adentrando de forma mais específica nos discursos contrários à prática do pugilismo, percebe-se “que os argumentos relacionavam-se a quatro categorias centrais: lei, ordem, moral (decência), e maneiras (decoro)” (UNGAR, 2010, p. 59).<sup>128</sup> Apesar de mostrarmos anteriormente que não havia leis que pudessem ser aplicadas exclusivamente contra *as prize-fights*, a campanha contrária utilizava-se deste artifício. Na imprensa, “o boxe foi muitas vezes condenado como um esporte ilegal” e muitos “adversários do boxe exigiam uma legislação específica contra o boxe” (UNGAR, 2010, p. 60).<sup>129</sup> Para além de ilegal, ele contribuía para a desordem, pois os combates afluíam milhares de pessoas e não era incomum que muitos espectadores entrassem em conflito ou invadissem o ringue. Assim, seus opositores “defendiam o monopólio estatal sobre o

---

<sup>125</sup> Tradução nossa. Original: “Pictorial sources depicting boxing swung between two poles: one which tried to ennoble the sport, emphasized masculinity, beauty, and classical heritage; and the other which underscored the cruelty and baseness of the sport, and its lower class participants”.

<sup>126</sup> Tradução nossa. Original: “Proponents of boxing opposed both the style and the values of politeness and sensibility. The choice, as they put it, was between liberty, courage and manliness on the one hand, and effeminacy, corruption and slavery on the other”.

<sup>127</sup> Tradução nossa. Original: “However, as Emma Clery has shown, civic humanism had some generic characteristics: it was a masculinist and patrician tradition, it was a moral code, and it was based on certain historical and economic modes of thinking”.

<sup>128</sup> Tradução nossa. Original: “These arguments related to four central categories: law, order, morals (humanity and decency) and manners (decorum). Boxing was subversive to the social order, it was immoral and indecent and it was impolite, unrefined and uncivilized”.

<sup>129</sup> Tradução nossa. Original: “Other opponents of boxing called for specific anti-boxing legislation”.

uso da força física especialmente sobre o pugilismo, pois estava se tornando cada vez mais inaceitável” (UNGAR, 2010, p. 60).<sup>130</sup> É essencial lembrarmos que o “espaço da classe média estava sendo refinado e remodelado [...] e a facção anti-boxe estava particularmente preocupada com as grandes multidões” (UNGAR, 2010, p. 61).<sup>131</sup>

Moralmente as lutas premiadas também eram criticadas, pois eram consideradas “uma cultura vulgar, insolente e insensível” além ser uma prática que “desafiava padrões educados de decência, propriedade e bom gosto” (UNGAR, 2010, p. 62).<sup>132</sup>. Evidentemente, as lutas influenciavam e “ensinava outros homens a serem antinaturalmente cruéis e brutais [...] e contemplarem com prazer os corpos ensanguentados dos combatentes [...] tornando-s insensíveis ao sofrimento humano” (UNGAR, 2010, p. 63).<sup>133</sup> Em outras palavras, os pugilistas, seus agenciadores, apostadores e demais participantes envolviam-no num esporte que “contribuía para a degradação humana” (UNGAR, 2010, p.64)<sup>134</sup>. Apesar de Ruti Ungar também identificar argumentos econômicos e religiosos, os discursos mais utilizados na imprensa, nos livros, no Parlamento, enfim, na opinião pública em geral, foram relacionados a ilegalidade, imoralidade e indecência das lutas premiadas.

Por outro lado, os apaixonados pela Nobre Arte possuíam também seus argumentos e os defendiam amplamente. A grande preocupação dos ingleses durante o século XVIII e início do XIX foi com a guerra – principalmente com a França. Este motivo alimentou a necessidade de elementos que contribuíssem para o caráter militar dos ingleses. A ameaça de uma possível invasão da França fez com que os britânicos

<sup>130</sup> Tradução nossa. Original: “Critics of pugilism argued that the state had the sole authority over the use of force and that boxing was undermining this authority [...]Opponents of boxing argued for a state monopoly on use of physical force”.

<sup>131</sup> Tradução nossa. Original: “Working-class families usually lived and worked in confined and cramped places, and thus spent much time in public spaces such as streets, pubs and taverns [...]At a time when middle-class space was being refined and reshaped, and separate spheres were demarcated for different activities and for the two genders, the mixing of the private and the public in working class spaces was a thorn in the eye of reformers”.

<sup>132</sup> Tradução nossa. Original: Indeed, the most frequent complaint against the practice was that boxing defied polite standards of decency, propriety and good taste. Opponents berated the effects which the popular practice had on morals, manners and even posture”.

<sup>133</sup> Tradução nossa. Original: “Boxers thus contributed to strife in society and taught other men to be unnaturally cruel and brutal [...]One of the main arguments of the anti-boxing faction was that viewing prize-fights would harden the hearts of the spectators and make them insensible to human suffering, or even induce them to rejoice in it”.

<sup>134</sup> Tradução nossa. Original: “Knox objected to boxing on the grounds that it “contributed to the degradation of human nature”.

justificassem a importância da *prize-fights* como arte-marcial. Obviamente, o argumento pró-boxe não se sustentava somente pelas “noções tradicionais de honra, cavalheirismo, coragem e no patriotismo e na necessidade de defender o país” (UNGAR, 2010, p. 66).<sup>135</sup> A ideologia do humanismo cívico foi muito utilizada para sustentar a prática das lutas na Inglaterra georgiana. Isso significou “defender as liberdades civis e as formas comunitárias de justiça” (UNGAR, 2010, p. 66)<sup>136</sup>. Defender a si mesmo, “com as armas que a natureza nos deu [os punhos]”, e a proteção da nação era um direito que não poderia ser retirado ou negado aos ingleses (UNGAR, 2010, p. 70).<sup>137</sup>

Além de o pugilismo ter sido descrito muitas vezes como “o velho e nobre costume inglês”, ele era um exercício que tinha “efeitos saudáveis sobre o corpo, um bom treinamento para a guerra e preparava os homens para defender seu país” (UNGAR, 2010, p. 67).<sup>138</sup> Defender a Inglaterra não era somente evitar uma invasão física da França em seu território, mas impedir que seus costumes (dos franceses) fossem adotados, como a polidez, cortesia, a sensibilidade, o luxo e a corrupção. Era comum também adotar uma justificativa “pró-boxe” que o pugilismo “era uma forma de conter a violência [...] pois era um sistema prático de ética [...] e uma maneira justa de resolver conflitos dentro de regras vinculadas” (UNGAR, 2010, p.71).<sup>139</sup> Os ingleses sempre se diferenciavam dos franceses e italianos <sup>140</sup>, dizendo que sua maneira de resolver conflitos era mais humana e natural, pois o segundo utilizava pistolas e o terceiro, punhais e espadas (UNGAR, 2010, p. 77).<sup>141</sup>

---

<sup>135</sup> Tradução nossa. Original: “According to Gorn the ideological defence of boxing was based on traditional notions of honour, chivalry and courage, and on patriotism and the need to defend the country”.

<sup>136</sup> Tradução nossa. Original: “It defended civil liberties and community forms of justice, it heralded boxing as a manly English sport that restricted the negative ebullitions of human nature and it promoted the practice as an imperative for the defence of the nation and the preservation of its liberty”.

<sup>137</sup> Tradução nossa. Original: “While people of other nations used knives, stiletos or swords, “John Bull manfully enters the lists and uses those weapons only *which nature has given him*, and with which indeed he seems gifted in a manner superior to all the world.”

<sup>138</sup> Tradução nossa. Original: “He provides a list of reasons for encouraging manly sports such as boxing: they have salubrious effects on the body; they invigorate and strengthen it, are a good training for war and prepare men to defend their country”.

<sup>139</sup> Tradução nossa. Original: “The boxing code of honour was not the sole preserve of the lower classes. The *Sporting Magazine*, for example, recommended teaching boxing “and the laws of honour by which it is regulated” in public schools and factories [...]One of pugilism’s strongest defences was that the practice was a national characteristic. While people of other nations used knives, stiletos or swords”.

<sup>140</sup> ANEXO 12 - Tradução da música “A Boxing We Will Go”, em que se percebe discursos de classe, gênero, raça e nacionalidade.

<sup>141</sup> Tradução nossa. Original: “A Boxing We Will Go - Italians stab their friends behind,



A masculinidade e a virilidade também foram argumentos utilizados com frequência. Segundo Ruti Ungar, era um “antídoto para os modos efeminizantes estrangeiros (especialmente franceses)” (UNGAR, 2010, p.73).<sup>142</sup> Portanto, as *prize-fights* ocupavam uma função primordial na cultura e sociedade britânica, e era difícil de refutar principalmente em tempos de guerra. Os defensores e opositores das lutas a dinheiro utilizaram diversos argumentos para justificar seus posicionamentos. Repetidamente alguns discursos estiveram presentes: classe, gênero, raça e nação. Finalizaremos essa seção apresentando como estas ideias foram disputadas nos ringues dos discursos.

Havia classes que apoiavam a prática do pugilismo, enquanto outras buscavam sua extinção. Ficou evidente, como apontamos logo acima, que muitas pessoas ganhavam comercialmente com as *prize-fighting*. Entretanto, para donos de fábricas, pequenos comerciantes, em geral a classe média, “as lutas com premiações passavam se tornar atividades inapropriadas para pessoas participantes de uma sociedade civilizada” (UNGAR, 2010, p. 10).<sup>143</sup> Neste contexto específico, o pugilismo foi incorporado e reinterpretado de diversas formas pelos sujeitos históricos. Segundo Ruti Ungar, existiam “relações hierárquicas de patronagem” entre lutadores (trabalhadores braçais, em suma) e patrocinadores e grandes apostadores (*gentry* e aristocracia) (UNGAR, 2010, p. 11).<sup>144</sup> Ou seja, os *prize-fighters* eram populares porque havia toda uma estrutura de apoio, desde a indicação para uma luta, o treinamento, até o pagamento de bolsas (auxílio para o treinamento) e parte das apostas caso vencesse. Muitos nobres escolhiam pugilistas e apostam grande soma de dinheiro. Era uma diversão, porém, também envolvia vitória simbólica sobre outros nobres, além de ganhos financeiros.

---

In darkest shades of night; But Britons they are bold and kind, And box their friends by light. [...]The sons of France their pistols use, Pop, pop and they have done: But Britons with their hands will bruise, And scorn away to run Throw pistols, poniards, swords, aside, And all such deadly tools; Let boxing be the Briton's pride, The science of their schools! ”

<sup>142</sup> Tradução nossa. Original: “It celebrated the fact that in such degenerate days young people were returning to those activities “by which the national character [would] be preserved in all its masculine properties [...]The *Sporting Magazine*, too, called for the end of the “effeminate cant about maintaining order and decorum, by the suppression of the public exhibition of manly exercises. ”

<sup>143</sup> Tradução nossa. Original: “In the centre of most of these work stood the cultural struggle between a traditional, autonomous, organic popular culture and a modern, individualistic commercial culture”.

<sup>144</sup> Tradução nossa. Original: “Although boxing upheld pre-modern notions of honour and was based on hierarchical relationships of patronage, it also exhibited modern”.

Isso ficou muito evidente na relação entre Jack Broughton e o Duque de Cumberland, mostrado no início desta seção.

Ainda em relação às classes e o boxe, Ruti Ungar afirmou que “observadores estrangeiros [...] fizeram muito do fato de que a aristocracia estava ombro a ombro com limpadores de chaminés e açougueiros em combates de boxe” (UNGAR, 2010, p. 27).<sup>145</sup> Esta foi uma impressão retórica e artificial, pois o pugilismo era “baseado em um sistema de patrocínio com uma clara estrutura hierárquica” (UNGAR, 2010, p. 27).<sup>146</sup> Assim, entre um ringue parcamente montado numa distante fazenda de um aristocrata dono de terras, mesmo com milhares espectadores de todas as classes, as relações de hierarquia e patronagem continuavam evidentes.

O próprio contato com o pugilismo tinha práticas específicas para cada classe.<sup>147</sup> De acordo com Ungar, “os homens da classe alta normalmente não lutavam boxe, mas sim lutavam como *sparring* [...] tinham corpos magros, estavam completamente vestidos e usavam luvas [...] assim criavam uma distância entre os corpos dos adversários” (UNGAR, 2010, 97).<sup>148</sup> Já os trabalhadores praticavam a *prize-fighting*, normalmente em campo aberto, com muitos espectadores e apostas, não como treinamento, mas como profissão. Ou seja, bem diferente das escolas de boxe de James Figg, Jack Broughton, Daniel Mendonza e John Jackson que eram ambientes direcionados para as classes mais altas. Por fim, cada classe tinha um motivo e dava um significado para sua participação as lutas, “a classe alta tentava manter as prerrogativas patriarcais que começavam a diminuir [...] e para a classe operária, o boxe simbolizava

---

<sup>145</sup> Tradução nossa. Original: “Foreign observers also made much of the fact that the aristocracy stood shoulder to shoulder with chimney sweeps and butchers at boxing bouts”.

<sup>146</sup> Tradução nossa. Original: “This appearance of equality and its egalitarian rhetoric notwithstanding, boxing was in fact based on a system of patronage with a clear hierarchical structure”.

<sup>147</sup> Ao longo deste capítulo temos sustentado essa diferença: *prize-fights* e *sparring-match*. Cremos que ambas as práticas tiveram importância no processo de esportivização do boxe moderno.

<sup>148</sup> Tradução nossa. Original: “Upper class men also fought, but matches were conducted in a completely different setting and had different connotations. Upper class men usually did not box, but rather sparred, which meant fighting with gloves, with an emphasis on speed and agility. Upper class boxers had slim bodies, were fully dressed, and wore gloves. The gloves, their clothes and their stance all created a distance between the bodies of the antagonists that was more “suitable” to an upper class sport. Upper class men boxed as exercise, in order to improve their health and treated the body as an end in itself”.

um jogo que envolvia virtudes como coragem, a bravura e a cultura física” (UNGAR, 2010, 27).<sup>149</sup>

Obviamente, não podemos ser ingênuos em achar que as classes sociais disputavam o uso do pugilismo de forma antagônica, sendo separadas apenas por quesitos econômicos. O ser humano, complexo por natureza, é mais plural do que isso. Os fluxos são mais intensos, porosos e fluídos. Conceitos como gênero, raça e nação podem ajudar a entender outros elementos que estavam em debate para além da classe. Ficaremos, neste momento, com as questões de gênero e nação.

As lutas premiadas foram consideradas pelos ingleses um esporte especificamente masculino, pois “todos no ringue, os boxeadores, os segundos, os assistentes e os árbitros eram homens” (UNGAR, 2010, p. 99)<sup>150</sup>. Disputava-se, neste caso, um ideal de masculinidade “em contraste com as mulheres, homossexuais, operários, minorias como judeus e negros” (UNGAR, 2010, p. 19).<sup>151</sup> Em razão de diversas guerras, “um certo ideal viril se tornou cada vez mais importante no final do século XVIII” (UNGAR, 2010, p. 77).<sup>152</sup> A heterossexualidade e a virilidade eram trazidas como parte do caráter do inglês e padrão desejado para o país. Em outras palavras, o ser masculino, na visão dos ingleses, possuía um arquétipo específico (forte, viril, corajoso, potente) que se diferenciava de outras formas de ser masculino, como os franceses que tinham “conversas educadas, eram sensíveis e moderados, [...] que passavam tempo em ambientes refinados (passeios e parques), bebendo chá, conhecedores da literatura e da cortesia” (UNGAR, 2010, p. 79).<sup>153</sup>

---

<sup>149</sup> Tradução nossa. Original: “Although there was a gradual withdrawal of the aristocracy’s involvement in popular recreations in the eighteenth and nineteenth centuries, there remained a very strong element of upper class patronage of boxing”.

<sup>150</sup> Tradução nossa. Original: “Boxing discourse helped construct and sustain a masculine sphere. For the proponents of boxing the ring was the masculine place *par excellence*. Everybody in the ring – the boxers, the seconds, the bottle-holders and the referees – were men”.

<sup>151</sup> Tradução nossa. Original: “This ideal was constructed in contrast to women, homosexuals, working-class men and minorities, e.g. Jews and Blacks”.

<sup>152</sup> Tradução nossa. Original: “Proponents of boxing denigrated the effeminate ‘man of feeling’ while glorifying the male body and the manly traits attributed to the masculinist ideal: physical beauty, strength, virility, honour, courage, honesty, and independence. Although in the first half of the eighteenth century the ‘man of feeling’ was the norm, by the later decades of the century this ideal was rejected in favour of the masculinist model embodied in boxing”.

<sup>153</sup> Tradução nossa. Original: “According to Carter, sociability was the mainstay of the polite man. He could easily engage in polite conversation and was compassionate, sensitive and moderate. He spent his time in refined, heterosocial settings (e.g. coffee-houses, promenades or parks), drinking tea instead of

O imaginário social em relação a masculinidade do *prize-fighter* envolvia também sua potência sexual. De acordo com Ruti Ungar, “retratos de boxeadores mostrava-os em suas calças apertadas que delineavam e enfatizavam seu órgão sexual. [...] Pensava-se que os pugilistas fossem muito férteis” (UNGAR, 2010, p. 85).<sup>154</sup> O ideal de masculinidade também abrangia a coragem do boxeador. Relatos como de um pugilista que “resgatou uma menina presa em uma casa em chamas” ou de Tom Johnson (1750-1797) “que carregou uma carga dupla em seu trabalho, a fim de ajudar a família de um colega doente” contribuíram para uma representação de humanidade e benevolência. (UNGAR, 2010, p. 88).<sup>155</sup> O discurso de masculinidade do boxe também ajudou na “construção da hierarquia de gênero porque funcionou como um local para a ligação masculina que excluía mulheres e homens “efeminados” e “naturalizava” o poder masculino sobre as mulheres” (UNGAR, 2010, p. 97).<sup>156</sup>

Os discursos de classe e gênero, mostrados anteriormente, se somam com o de nação. Foi muito presente ao longo deste capítulo mostrar o desejo dos ingleses em proteger seus territórios e também sua cultura e identidade. Segundo Ruti Ungar, “ideias francesas de igualitarismo e direitos naturais” começaram a ganhar força na Inglaterra no início do século XIX (UNGAR, 2010, p. 105).<sup>157</sup> Contra isso, “o boxe foi inestimável para a defesa da nação, para combater o jacobinismo e para inculcar o

alcohol. He was a connoisseur of *literature and politeness*, and had mastered various genteel accomplishments [...] Theories of politeness did not, as a whole, pay much attention to the form of the masculine body, and if they did, they associated refinement with a delicate, soft and slender body, which”.

<sup>154</sup> Tradução nossa. Original: “The sexual innuendo of the quote is not accidental. It was hinted, and often explicitly stated, that boxers were very potent. Portraits of boxers showed them in their tight-fitting pants which outlined and emphasized their sexual organ. Boxers were believed to be very fertile”.

<sup>155</sup> Tradução nossa. Original: [...]described numerous incidents of a chivalrous boxer, who “proved himself almost more than mortal” when he rescued a girl captured in a burning house or saved a woman from an assault by three “athletically built gamekeepers” and then admonished them for their unmanly conduct. Many newspapers reported the story about the boxer Tom Johnson (c. 1750-1797), who carried a double load in his work in order to help the family of a sick colleague”.

<sup>156</sup> Tradução nossa. Original: “Boxing played an important role in providing symbolic proof of the “natural” superiority of men over women. The boxing discourse emphasised the biological differences between men and women, and exaggerated sexual characteristics. By “naturalizing” activity, strength and aggressiveness as masculine characteristics it implicitly ascribed passivity, weakness and dependence to women”.

<sup>157</sup> Tradução nossa. Original: “The 1810s saw the revival of a form of radicalism, to which William Cobbett came to belong, which put less emphasis on French ideas of egalitarianism and natural rights, and more on the English language of the Country Party”.

lealismo” (UNGAR, 2010, p. 110).<sup>158</sup> E a Inglaterra realmente tinha o que se preocupar. A França possuía maior número de soldados, era uma nação territorialmente maior e comandada pelo grande estrategista Napoleão Bonaparte. De acordo com Ungar, “a população britânica era fortemente avessa ao serviço militar” (UNGAR, 2010, p. 111).<sup>159</sup>

Desta maneira, o secretário de Estado para Guerra e das Colônias (*Secretary of State for War and the Colonies*) William Windham (1750-1810), chegou a introduzir uma lei de treinamento, em que a cada ano 200 mil britânicos da população masculina adulta se submetiam a exercícios militares (UNGAR, 2010, p. 112).<sup>160</sup> William Windham pensava que “o boxe não só preparava fisicamente as classes mais baixas para os encontros com o inimigo, como também inculcava nelas as virtudes corretas (coragem, resistência e capacidade de suportar o sofrimento e a dor)” (UNGAR, 2010, p. 113).<sup>161</sup> Para Windham o boxe poderia tanto ajudar a formar o espírito guerreiro e condicionamento físico dos soldados para uma possível invasão francesa, como impedir que ideias jacobinas se espalhassem pelo país. Ou seja, “o boxe era central para o pensamento político de Windham” (UNGAR, 2010, p. 119).<sup>162</sup>

Contudo, o discurso de nação não era homogêneo. Nem todo mundo pensava como William Windham. Havia opiniões radicais como a do jornalista e político, William Cobbett (1763-1835). Uma de suas principais preocupações era a condição de vida dos trabalhadores. Apesar de concordar, em partes, com a visão de que as *prize-fighting* eram um bom esporte para preparar soldados para a guerra, Cobbett enfatizava que o pugilismo desempenhava “um papel na capacidade das pessoas em resistir a um

---

<sup>158</sup> Tradução nossa. Original: “For Windham, boxing was invaluable for the defence of the nation, for countering Jacobinism and for inculcating loyalism”.

<sup>159</sup> Tradução nossa. Original: “The need for manpower was always greater than the number of volunteer enlistees because the British populace was strongly averse to military service”.

<sup>160</sup> Tradução nossa. Original: “Windham introduced the Training Act, which decreed that every year 200,000 men be selected from the adult male population to undergo twenty-four days of annual training for which they would be reimbursed”.

<sup>161</sup> Tradução nossa. Original: “Thus Windham thought that boxing did not only prepare the lower classes physically for encounters with the enemy, it also instilled in them the right military virtues (courage, stamina and the ability to bear hardship and pain) which were pertinent for men engaged in modern warfare”.

<sup>162</sup> Tradução nossa. Original: “Boxing was central to Windham's political thought: it was a useful measure for preparing the lower classes for defence against France, it was also a counterrevolutionary measure against Jacobinism, and it infused loyalism in the established social and political orders”.

governo tirânico” dentro de seu próprio país (UNGAR, 2010, p. 120)<sup>163</sup>. Assim, o pugilismo seria uma boa maneira de preparar mentes e corpos para resistir às injustiças sociais. William Cobbett considerava os trabalhadores “pedra fundamental sobre a qual descansava a construção da nação” (UNGAR, 2010, p. 124)<sup>164</sup>.

Mesmo com algumas diferenças, tanto William Windham como William Cobbett acreditavam que o pugilismo era uma luta que favorecia a unidade da Inglaterra, protegia seu território e sua cultura e que deveria ser incentivado pelo Estado. Portanto, percebe-se que ao longo da Era Georgiana o boxe foi muito praticado pelos ingleses. Mas não só isso. Foi utilizado como discurso para defesa ou crítica em relação a ideais de sociedade defendidos por grupos e indivíduos de variadas posições. O fato de autoridades locais e juízes não terem um consenso, nem mesmo um padrão para condenação ou absolvição dos envolvidos em *prize-fighting*, mostra que a história do pugilismo ainda teria um novo capítulo pela frente. Na próxima seção, “O declínio das *prize-fights* na Era Vitoriana”, queremos tratar do percurso do pugilismo ao longo do século XIX, a criação de novos regulamentos, sua perseguição pelas autoridades oficiais, além de sua transição para o esporte amador.

#### **1.4 - O declínio das *prize-fights* na Era Vitoriana: a repressão das lutas premiadas e sua transformação em boxe amador (1837-1901).**

A Era Georgiana foi também conhecida como a Era de ouro do pugilismo, especialmente pela participação e patrocínio do Rei George IV, que já estava envolvido em lutas de boxe na condição de Príncipe de Gales desde pelo menos 1787 (UNGAR, 2010, p. 22).<sup>165</sup> De acordo com Kasia Boddy, em 1821 “o príncipe solicitou a John Jackson e mais dezoito lutadores [de boxe] para presenciarem sua coroação” (BODDY,

---

<sup>163</sup> Tradução nossa. Original: “However, for Cobbett boxing also played a role in people’s ability to resist an unjust tyrannical government, it was this later goal that underscored the radical element of his ideology”.

<sup>164</sup> Tradução nossa. Original: “For Cobbett boxing was not only a matter of the individual male, but also a means of empowering the labourer, who was the foundation stone on which the building of the nation rested; empowering the labourer (literally and mentally) would therefore produce a stronger nation”.

<sup>165</sup> Tradução nossa. Original: “On 27 March 1787 a prize fight was supposed to have taken place between two famous pugilists: Martin ‘the Bath Butcher’ and Mendoza ‘the Jew’. The fight drew a crowd of almost ten thousand people, including the Prince of Wales (the future George IV)”.

2008, p. 50).<sup>166</sup> George IV passou de príncipe regente a rei e fez questão de ter os mais famosos pugilistas ao seu lado (como Tom Cribb, Bill Richmond e Tom Spring), guardando as portas da Abadia de *Westminster* (ANDERSON, 2001, p. 36).<sup>167</sup> O rei morreu em 1830 e deixou seu trono para o irmão mais novo, Guilherme IV, que teve curta passagem pelo Castelo de *Windsor*. Sua morte, em 1837, deu fim ao longo domínio da Casa Hanôver e o início de uma nova fase: a Era Vitoriana.

Na seção anterior, concentramo-nos em compreender o surgimento e o desenvolvimento das lutas premiadas dentro de um contexto específico, o da Era Georgiana (1714-1837). Foram cento e vinte e três anos de domínio entre os cinco monarcas. Bem diferente da Rainha Vitória que foi a única soberana de sua época e comandou a Grã-Bretanha por sessenta e quatro anos. Neste período, muitas transformações ocorreram na sociedade britânica e o mesmo aconteceu na história do pugilismo. A criação da *British Pugilists Protective Association*, em 1838, da *Pugilistic Benevolent Society*, em 1852, e da *Amateur Boxing Association*, em 1880, são exemplos destas mudanças (ANDERSON, 2001, p. 38).<sup>168</sup>

Nosso objetivo neste momento é analisar o processo de constituição do boxe moderno ao longo do século XIX. Daremos atenção para o declínio das *prize-fights*, a perseguição da polícia londrina e dos tribunais britânicos aos lutadores, o desejo dos reformadores em civilizar ainda mais o pugilismo, utilizando para isso associações de cavalheiros que regulamentaram a *London Prize Ring Rules* (1838) e *Marques of Queensberry Rules* (1867), além da própria prática do *sparring-matches*. A passagem do boxe profissional para o amador, bem como a expansão do pugilismo para os Estados Unidos, foram acontecimentos que revelam os desdobramentos do processo de constituição do boxe na Inglaterra. Inicialmente, apresentaremos uma discussão bibliográfica a partir da produção nacional sobre este período e, posteriormente, a partir destas lacunas problematizaremos com apoio da historiografia estrangeira.

---

<sup>166</sup> Tradução nossa. Original: “In 1821, the Prince turned to Jackson to provide eighteen prize-fighters as ushers at his coronation”.

<sup>167</sup> Tradução nossa. Original: “In practice these pageboys were to keep order during the coronation at Westminster Abbey. Fighters such as Jackson, Cribb, Bill Richmond and Toni Spring, completed their role competently despite some melodramatics from the King’s estranged wife, Caroline”.

<sup>168</sup> Tradução nossa. Original: “Moreover, despite the best efforts of the Pugilistic Benevolent Society, set up in 1852, the sport itself was rotten to the core with falling attendances, diminishing stakes and poor quality championships”.

\*\*\*

Comentamos na seção anterior da nossa hipótese de que a bibliografia do boxe na Era Vitoriana recebeu menos destaque do que da Era Georgiana. De certa maneira, nossa suspeita se mostrou acertada. Houve menor ênfase na bibliografia nacional sobre a história do pugilismo inglês entre os anos 1837 e 1901. Das setenta e seis obras analisadas, cinquenta e seis destas, ou seja, 73%, não trataram do boxe da Era Vitoriana. E apenas vinte trabalhos, isto é, 27%, (entre livros, artigos e monografias) evidenciaram esta segunda fase do pugilismo<sup>169</sup>. Textos importantes como Walter Zumbano (1951), T. J. Desch Obi (2011) e Luigi Zanneti (2014), que abordaram a fase inicial do boxe, não mencionaram o período seguinte.

É verdade que os trabalhos de Luigi Zanneti e de T. J. Desch Obi, por exemplo, trataram de uma época específica da história da Nobre Arte. Ambos trabalharam principalmente com as *prize-fighting* do século XVIII. Entretanto, as escolhas destes autores não podem passar despercebidas. Por que há mais interesse para este momento introdutório do pugilismo? Durante a Era Georgiana, como já enfatizamos, a Inglaterra envolveu-se em diversos conflitos externos (contra França, Estados Unidos e Espanha) e a soma de tudo isso foi um ambiente propício para o desenvolvimento de uma arte britânica, masculina e viril (UNGAR, 2010). As fontes primárias, tanto livros, como pinturas, caricaturas, poemas e canções, foram em maior número para este período.

O fato é que os vinte textos que mencionam o pugilismo vitoriano apresentam também menor capacidade analítica (a exemplo de RAMOS, 1941 e SANTOS, 2009). Selecionamos alguns temas que apareceram com mais recorrência, entre eles: as Regras do Marquês de Queensberry (dezessete vezes), as Regras do Ringue de Londres (sete ocorrências), a Perseguição da polícia ao boxe (seis vezes), a Ilegalidade do pugilismo (quatro ocorrências), o Boxe Amador (duas vezes), o Boxe como esporte (duas ocorrências) e, finalmente, as Reformas Moralistas (uma vez) e a Criminalização do boxe (uma ocorrência). No caso das Regras do Marquês de Queensberry, muitas obras salientam que as mesmas foram criadas para “diminuição da violência e brutalidade”

---

<sup>169</sup> A título de comparação, os dados da bibliografia nacional da Era Georgiana: dos setenta e cinco textos, cinquenta e um (68%) não abordaram a história do boxe deste período específico. E vinte e quatro livros (32%) trouxeram alguma informação.



(ZANETTI, 2014, p. 15) e para “humanizar e civilizar o boxe” (MICALI JÚNIOR, 2014, p. 10).

Metodologicamente, podemos agregar algumas ocorrências que trataram de um mesmo assunto. Por exemplo, “perseguição da polícia ao boxe”, a “ilegalidade do pugilismo”, a “criminalização do boxe” e as “reformas moralistas”, em conjunto, significam em síntese que a perseguição ao pugilismo e sua ilegalidade (ao todo doze ocorrências) foram temas abordados de maneira significativa, ficando atrás apenas para os regulamentos.

Por fim, pode-se dizer que a transição das *prize-fighting* para o boxe moderno (percebido em “Boxe como esporte” e “Boxe Amador”, ao todo quatro ocorrências) também foi um dos elementos presentes nessa bibliografia. Entre ausências e presenças, portanto, podemos destacar que os assuntos mais levantados foram: as regras (Ringue de Londres e Queensberry, ao todo 24 citações), a situação de ilegalidade e repressão das autoridades a sua prática e o surgimento do boxe amador como um esporte.

Neste momento, vamos nos aprofundar um pouco mais nas contribuições da bibliografia nacional, observando os temas que foram privilegiados e quais foram negligenciados. Para tanto, iremos analisar as informações das vinte obras selecionadas, buscando, igualmente, fazer uma síntese para, a partir disso, apreendermos alguns dados para nossas futuras problematizações. Como já ficou evidente, nossa opção em analisar a historiografia tem nos permitido verificar não só o conteúdo em si, mas as tendências, ausências, presenças e as opções pessoais dos próprios autores.

\*\*\*

A história das lutas a dinheiro na Inglaterra, entre os séculos XVIII e XIX, pode ser compreendida por momentos de surgimento e desaparecimento. No vocabulário historiográfico: permanências e mudanças. Para Kennety Sheard, “a popularidade da luta a prêmios flutuou muito durante este período” (SHEARD, 1997, p.45).<sup>170</sup> Entre 1719 e 1750 o *sparring-match* (boxe de treinamento), nas figuras de James Figg e Jack Broughton, foi muito popular entre os nobres e aristocratas. Ao mesmo tempo, as *prize-*

---

<sup>170</sup> Tradução nossa. Original: “The ways in which prize-fighting/boxing was affected by the changing Power balances of British society in the late eighteenth and early nineteenth centuries”.

*fighths*, que já existiam desde o século XVII, concorriam com a prática do pugilismo de Figg, principalmente em feiras às margens de Londres. Aliás, James Figg foi um grande campeão de *prize-fighting* e como Jack Broughton, e mais tarde Daniel Mendonza e John Jackson, utilizaram sua reputação para popularizar a Nobre Arte e, igualmente, comercializar sua imagem como professores.

Como mostramos na seção anterior, o conceito de classe nos ajudou a entender os diversos tipos de lutas existentes, bem como seus participantes. Os trabalhadores eram em sua grande maioria *prize-fighters*. Já os nobres e aristocratas eram tanto aqueles que patrocinavam, apostavam e faziam dinheiro com seus pugilistas, como os que praticavam o boxe como exercício (*sparring-match*). O esporte foi tão popular que podia ser reesignificado com objetivos que satisfizessem ambas as classes.

Houve um tempo pouco conhecido, entre 1750 e 1780, em que as escolas e arenas de *sparring-match* foram fechadas, porém, aos poucos reapareceram *prize-fighting* em zonas rurais, longe dos olhos do Exército (não havia polícia ainda), principalmente em fazendas particulares de aristocratas. Milhares de pessoas se deslocavam para essas lutas, o que gerava um lucro imenso para as mais variadas classes sociais. Entretanto, somente a partir de 1787 grandes lutadores começam a reaparecer e as lutas se tornaram mais emocionantes e rentáveis. Foi a conhecida fase de ouro de boxe (OLIVEIRA & MIRANDA ROSA, 1924, p. 20), que coincidiu com o surgimento do jornalismo esportivo, os grandes investimentos da aristocracia e apoio irrestrito do Príncipe de Gales, o futuro George IV.

Todas essas circunstâncias não estiveram presentes na Era Vitoriana. Obviamente, o contexto histórico era outro. Porém, o processo de mudanças passado pelas lutas premiadas na década 1830 tem sido pouco ou nada abordado por pesquisadores brasileiros. A. Latorre Faria (1960), Confederação Brasileira de Pugilismo (1987), Mário Feitosa, Nívea Leite e Amanda Lima (2006), Ricardo Unanian e Luiz Silva (2006), Tírzah Souza (2012) e Paulo Micalí Júnior (2014), todos estes trataram apenas das Regras do Marquês de Queensberry (1867), desconsiderando as Regras de Londres publicadas pela *British Pugilists Protective Association* no ano de 1838 e revisadas mais duas vezes, em 1853 e 1866 (NOGUEIRA, 1954, p. 136).

Em outras palavras, os autores citados acima, por desconhecimento ou por omissão, invisibilizaram um momento importante da história do boxe: a tentativa, por seus aficionados, principalmente aristocratas, de responder as críticas da opinião pública em relação a violência e criminalidade das *prize-fights*. De acordo com William Almeida, no início do século XIX, “o pugilismo passou a ser pressionado para a ilegalidade na Inglaterra, principalmente devido a violência [...] um novo conjunto de regras passou a ser adotado em 1838 e ficou conhecido como “As Regras de Londres” (ALMEIDA, 2016, p. 204). Se o contexto histórico havia mudado e o desamparo de nobres e aristocratas não garantia a sobrevivência das *prize-fighting* algo precisava ser feito para reverter seu provável declínio. Este foi o papel da *British Pugilists Protective Association* (Associação Britânica de Proteção aos Pugilistas).

De fato, como já foi mencionado, as Regras de Broughton (1743) estavam defasadas. Por isso, segundo Ernani Nogueira “tinha essa regulamentação como principal essência a conduta dos boxeadores e do público, e consistia em estabelecer ligeiras modificações, com as ‘Regras do Pugilismo de Londres’, elaboradas em 1838” (NOGUEIRA, 1954, p. 136). Para a Associação Britânica de Proteção aos Pugilistas era deveras necessário revisar a “conduta dos boxeadores e do público”, pois as lutas premiadas, ao envolverem a emoção da peleja e o dinheiro das apostas, faziam com que os combates, não poucas vezes, saíssem dos ringues e se disseminassem entre os expectadores. Como vimos na seção anterior, não era crime praticar o pugilismo inglês nem assisti-lo. Mas em decorrência disso, poderiam ocorrer tumultos, assaltos, agressões e até homicídios.

Lucas Soltermann talvez tenha sido o único pesquisador a se dedicar a analisar as Regras do Ringue de Londres com mais afinco. Enquanto alguns omitem tal regra, outros apenas citam sem dar alguma explicação, como é o caso de Henrique Nicolini (2001) e José Elias Flores Júnior (2001). De acordo com Soltermann, as Regras do Ringue Londres estavam integradas por 23 normas, entre elas, as que traziam as medidas corretas para o ringue (feito em um gramado), a presença de assistentes com funções específicas (como o segundo, que fornecia a esponja, e o porta-garrafa com água), além de proibições de alguns golpes (como bater com a cabeça) (SOLTERMANN, 2009, p. 18). Entretanto, as *prize-fighting* continuavam com a utilização das mãos nuas (sem luvas) e *rounds* sem limites de tempo.

Questionamos se as Regras do Ringue de Londres de 1838, de fato, trouxeram mudanças significativas, já que foram revisadas mais duas vezes, em 1853 e 1866. E, igualmente, nos perguntamos se ao longo dos anos a Regra de Broughton não foi adaptada (na prática), devido os novos contextos e realidades do esporte.<sup>171</sup> Esta questão surgiu ao observarmos a regra n° 3 das *London Prize Ring Rules* que afirma que “cada homem deve ser fornecido um lenço com a mesma cor de sua vestimenta e os segundos devem proceder entrelaçando estes lenços na extremidade superior de um dos postes centrais” (KIM, 2010, p. 453).<sup>172</sup> Ora. Pinturas dos combates de Tom Cribb *versus* Jem Belcher, ocorrido em 1807, e entre Tom Spring e Jack Langan, em 1824, apresentam tais lenços, exigidos somente no ano de 1838 (QUEIRÓZ, 1989, p. 22). Fica, portanto, nossa provocação.

Entre o período das *London Prize Ring Rules* (1838) e das *Marques of Queensberry Rules* (1867), poucos autores abordaram algum fato do pugilismo vitoriano. Apenas Taciano Oliveira e Miranda Rosa (1924), Tenório Albuquerque (1939), Ernani Nogueira (1954) e Juvenal Queiroz (1989) trazem um determinado tipo de informação. Mesmo assim, trata-se de quatro autores de um universo de vinte obras. O queremos argumentar é que existem muitas lacunas sobre este período específico, o que dificulta nosso trabalho e nos deixa – possivelmente outros colegas também – sem compreender certos desdobramentos, inclusive para relacionar com o percurso do boxe na América. Talvez aqui fique evidente nossa opção em dialogar com a bibliografia estrangeira, bem como conhecer a trajetória do pugilismo inglês.

A contribuição de Ernani Nogueira foi pontual. Aponta para os campeões mundiais da Era Vitoriana (1837-1901), como Jean Ward (1833), James Burke (1839), William Thompson (1839 e 1849), Tom Sayers (1860), Jem Mace (1863 e 1865), entre outros (NOGUEIRA, 1954, p. 53). Os livros de Taciano de Oliveira e Miranda Rosa (1924) e Tenório Albuquerque (1939), apesar de anteriores, não foram apropriados por

---

<sup>171</sup> Sugerimos retornar ao ANEXO 8 - Quadro comparativo temático com as Regras de Broughton (1743), Regras do Ringue Premiado de Londres (1868) e Regras do Marquês de Queensberry (1867).

<sup>172</sup> Tivemos muita dificuldade em encontrar as Regras do Ringue Londres em português. Obtemos somente no apêndice da tese de doutorado de Jeokum Kim, “Boxing Fighting, Masculinities, and Shifting Social and Cultural Boundaries in the United State (1882-1913)” pela University of Kansas. Tradução nossa. Original: “That each man shall be provided with a handkerchief of a colour suitable to his own fancy, and that the seconds proceed to entwine these handkerchiefs at the upper end of one of the centre stakes”.

Ernani Nogueira. Tanto Oliveira e Miranda Rosa quanto Albuquerque avançaram, em partes, ao apresentarem alguns dados mais particulares dos confrontos.

Citemos, por exemplo, os meandros de uma luta. Em 1841 um combate entre Charley Freeman e Bill Perry “foi por duas vezes recomeçado, em três dias – 14, 16, 20 de dezembro de 1841, com três tablados diferentes” (OLIVEIRA & MIRANDA ROSA, 1924, p. 22). Segundo as Regras do Ringue de Londres, que regiam esta luta, o artigo n° 21 afirmava que “em caso de interferência magistral, caberá aos árbitros e ao juiz nomear a hora e local da próxima reunião, se possível no mesmo dia” (KIM, 2010, p. 455).<sup>173</sup> Era comum, ainda mais em meados do século XIX, a interferência de autoridades locais nas disputas de *prize-fighting*, quer fossem magistrados ou chefes de polícia. A multidão se deslocava para outros locais para acompanhar o desfecho da peleja. Em alguns casos a luta era transferida em razão do anoitecer que atrapalhava a visão dos lutadores e dos espectadores.

Um combate que reacendeu a curiosidade dos ingleses pelo boxe foi o confronto entre John Heenan (campeão norte-americano) contra Tom Sayers (campeão inglês). A luta ocorreu no Condado de *Hampshire* em 1860. De acordo com Albuquerque, “ao 37° assalto o juiz se retirou do tablado de modo que durante sete assaltos não houve juiz [...] assim uma multidão invadiu o ringue gritando: Jogo nulo! Jogo nulo!” (ALBUQUERQUE, 1939, p. 30). Juvenal Queiróz, completa que “nessa altura, alguém cortou a corda, os dois rolaram no chão [os pugilistas] e houve tumulto na assistência. Logo em seguida, a polícia e a multidão dispersou-se em várias direções” (QUEIRÓZ, 1989, p. 25)

Lutas que envolviam disputas de raça, nacionalidade e territorialidade causavam muito sucesso entre a assistência. John Heenan não era apenas norte-americano, um ex-servo da Coroa Britânica, mas nasceu do outro lado do Atlântico. Por isso, havia todo um imaginário social, que abrangia representações de ex-Metrólope e ex-Colônia, mas principalmente de Velho Mundo e Novo Mundo, da civilização e barbárie. A luta de Heenan-Sayers foi muito divulgada pela imprensa, porém, não conseguiu recolocar as *prize-fighting* na sua posição de maior esporte da Inglaterra.

---

<sup>173</sup> Tradução nossa. Original: “That in the event of magisterial interference, it shall be the duty of the umpires and referee to name the time and place for the next meeting, if possible on the same day.” Tradução nossa.

Entretanto, esse combate supracitado torna-se um bom exemplo para mostrar o declínio e a situação precária das lutas premiadas em meados de 1860, década esta da criação das Regras de Queensberry, que transformaram o boxe e permitiu a categoria de amador. Segundo Queiróz, “mesmo sendo o boxe proibido por lei, e sendo a polícia obrigada a dar perseguição a ele, compareceram ao espetáculo doze mil espectadores. Hennan foi preso antes da luta, mas foi liberado sob fiança de 50 libras” (QUEIRÓZ, 1989, p. 25). Como mostramos na seção anterior, não havia até 1860 uma lei contra as lutas premiadas, e sim sobre os conflitos diversos que ocorriam numa peleja. Perguntamo-nos: quando surgiram as leis que a criminalizaram? Elas eram aplicadas na prática? Ou ficaram no nível dos discursos da opinião pública? A prisão do pugilista norte-americano John Hennan não impediu que o confronto ocorresse. O valor da fiança era ínfimo perto das apostas já recolhidas. Este conflito entre legalidade e interesses financeiros de certa forma já ocorria desde o século XVIII.

Como ficou evidente, Juvenal Queiróz foi o autor que mais destacou a pretensa ilegalidade e perseguição ao pugilismo. O autor exemplifica que em 1833, na cidade de St. Albans, Condado de *Hertfordshire*, ocorreu uma luta entre James Burke e Simon Byrne. Segundo Queiróz, “Simon Byrne ficou tão afetado pelo castigo da derrota que morreu, após permanecer três dias em estado de coma. [...] Burke o causador da morte de Simon Byrne [...] foi perseguido pela polícia e fugiu para os Estados Unidos” (QUEIRÓZ, 1989, p. 21).

As mortes entre os *prize-fights* eram frequentes desde o século XVIII. Contudo, em meados do século XIX, diversas regras buscavam evitar tais fatídicos acontecimentos. O que na prática pareceu não ter dado muito resultado. James Burke não foi o primeiro nem o último pugilista a atravessar o Atlântico em busca de melhores condições para treinar e lutar. Pelo menos desde 1816, já existiam estes confrontos em terras norte-americanas (QUEIRÓZ, 1989, p. 23).

Por fim, como já mapeamos logo no início, o tema mais discutido na bibliografia brasileira foram as Regras do Marquês de Queensberry. Muitos autores, ao versarem sobre a história do boxe inglês, apenas relataram dados da trajetória de James Figg e Jack Broughton, além, da criação das regras que estamos tratando neste momento. Nosso argumento, defendido logo na introdução desta tese, é que há muito para ser

escrito sobre a Nobre Arte. Tanto na Inglaterra, nos Estados Unidos, na América Central e do Sul, como no Brasil. É um assunto ainda muito marginalizado, pouco estudado e, conseqüentemente, mal interpretado e insuficientemente analisado.

Como as Regras de Queensberry fazem parte do regulamento mais comentado na bibliografia nacional sobre o boxe e, como vimos, a produção sobre este tema tem tipologias vastas, variadas e, por vezes, paradoxais, há muitas informações discordantes uma das outras. Dados básicos, como a própria data da criação da regra são inconsistentes. Para William Almeida as Regras do Marquês de Queensberry são de 1867 (ALMEIDA, 2016, p. 204). É preciso dizer que a maioria dos autores defende essa data (NOGUEIRA, 1954; NICOLINI, 2001; FEITOSA, 2006; MICALI JÚNIOR, 2014; CARATTI, 2016). Entretanto, para Latorre Faria, “só a partir de 1880, com a adoção das regras bem simples e explícitas do Marquês de Queensberry, o uso das luvas (gloves) generaliza-se” (LATORRE, 1960, p. 15).

O caso é que apesar de terem sido formuladas em 1867, sua adesão não foi imediata. Segundo Nogueira, “a transformação em esporte definitivamente regulamentado ocorreu com a adoção universal em 1892 das Regras do Marquês Queensberry” (NOGUEIRA, 1954, p. 136). Houve resistência dos *prize-fighters* em lutar pelas Regras de Queensberry, pois o amadorismo não era bem visto, principalmente por sua raiz nobre e aristocrata. Contudo, aos poucos as regras foram sendo utilizadas principalmente porque era cada vez mais difícil obter lutas a prêmio sem sofrer repressão das autoridades.

Mas, afinal, quem foi o Marquês de Queensberry? É consenso entre os historiadores que as regras não foram elaboradas pelo nobre John Douglas, mas sim por um jornalista, aficionado e dono de uma academia de boxe em Londres, chamado John Graham Chambers (NOGUEIRA, 1954, p. 136; LATORRE FARIA, 1960, p. 15; QUEIRÓZ, 1989, p. 28). Alguns autores chamaram o Marquês de Queensberry de “entusiasta do boxe” (FEITOSA, LEITE E LIMA, 2006, p. 889), “juiz destacado pela honestidade” (RAMOS, 1941, p. 26) e “aristocrata inglês” (MICALI JÚNIOR, 2014, p. 13). Pelo que parece John Douglas, o VIII Marquês de Queensberry, era reconhecido como um especialista dos regulamentos e, quiçá, até crítico destas regras, já que era um

*sportman* respeitado e próximo de grandes lutadores como John L. Sullivan, James Corbett e Bob Fitzsimmons (RAMOS, 1941, p. 26).

Todos os autores que realçaram as Regras do Marques de Queensberry salientaram com bastante ênfase as novidades e progresso de suas normas. Os elementos mais presentes foram: a) os assaltos pré-determinados antes de seu início; b) o tempo máximo para cada assalto, bem como o minuto de descanso e a contagem de dez segundos para que o pugilista se reerguesse; c) o uso de luvas de boxe novas e de boa qualidade. Por este motivo alguns pesquisadores afirmam que as “regras tornaram o boxe mais justo, equilibrado e menos violento (CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE PUGILISMO, 1987, p. 1)

O imaginário em torno das luvas de boxe parece ter chamado atenção de muitos pesquisadores. Por exemplo, Henrique Nicolini afirmou que as luvas “amenizavam o dano causado por um soco [...] e a diminuição do nível de brutalidade [...] valeu posteriormente a alcunha de Nobre Arte (NICOLINI, 2001, p. 172). Em alguns casos, dos doze artigos que compõem as *Marques of Queensberry Rules*, apenas três são mais lembrados: o número de assaltos, os três minutos para cada *round* e as luvas acolchoadas. Questionamos-nos se este imaginário não estaria superestimando as transformações entre as *prize-fighting* (regidas pelas Regras de Broughton e Ringue de Londres) e o boxe moderno. De fato, o boxe diminuiu sua violência e agressividade depois da aquisição das luvas? Por que as Regras do Marquês de Queensberry são apropriadas como a transição entre as *prize-fighting* e o boxe moderno? Com efeito, o que mudou em relação as regras anteriores?

Finalmente, um ponto que está entrelaçado com as Regras do Marquês de Queensberry refere-se ao boxe amador, seu reconhecimento como um esporte e sua primeira aparição nas Olimpíadas Modernas de 1904, nos Estados Unidos. Parece que as regras de John Douglas fizeram a transição da ilegalidade para o esporte amador. Assim, com essas mudanças, “o boxe passou a ser considerado pelo mundo ocidental como um verdadeiro esporte” (CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE PUGILISMO, 1987, p. 1). É interessante observar também o imaginário em torno da última *prize-fighting* (mãos nuas). Segundo Latorre Faria, “o último combate realizado sem luvas foi disputado em 8 de junho de 1889, nos EUA, entre John Sullivan e Jack Kilrain



(LATORRE FARIA, 1960, p. 15). Mais uma vez as luvas de boxe funcionam como uma transição simbólica, da barbárie para a civilidade. Estas e outras questões aqui levantadas serão mais bem exploradas na parte final desta seção.

\*\*\*

Não é necessária uma análise profunda para perceber diferenças marcantes entre as abordagens históricas da bibliografia nacional e a estrangeira. Enquanto a produção brasileira evoca mais os fatos, os textos internacionais adotaram uma postura mais investigativa e questionadora. O motivo para este fenômeno está essencialmente ligado a fase de maturidade das pesquisas estrangeiras sobre o boxe, iniciadas pelo menos desde as décadas de 1970 e 1980. A partir do que já foi exposto no início dessa seção elencamos algumas perguntas. Como encaminhamento a essas questões, propomos algumas reflexões através dos textos de Kennety Sheard (1997), John Welshman (1997), Jack Anderson (2001), Kasia Boddy (2008) e Graeme Kent (2015).

Quando a Rainha Vitória assumiu o trono da coroa britânica em 1837 o boxe já estava em franco declínio (BODDY, 2008, p. 76).<sup>174</sup> Como já salientamos, a era de ouro do pugilismo se deu entre os anos de 1780 e 1820. A fase da Regência, entre os anos de 1811 e 1820, foi marcada pelo auge da organização de *prize-fighting*, com o príncipe a frente deste processo. Entretanto, mesmo com apoio de George IV, um apaixonado pelos combates, as lutas a prêmio pareciam inapropriadas para aquele período histórico (SHEARD, 1997, p. 46).<sup>175</sup> Alguns fatores, tanto internos como externos, contribuíram para isso. Talvez um dos mais importantes tenha sido a criação da Polícia Metropolitana, em 1829. Como já mencionamos, ao longo do processo de constituição do boxe as autoridades locais nem sempre interrompiam as lutas porque as mesmas estavam envolvidas nas apostas. Entretanto, com a “Nova Polícia de Robert Peel em

---

<sup>174</sup> Tradução nossa. Original: “By the time of Victoria’s accession in 1837, prize-fighting was firmly in decline”.

<sup>175</sup> Tradução nossa. Original: “Prize-fighting was coming to be regarded as an inappropriate activity for people in what was coming increasingly to be seen as a civilized society as the ideas of a more controlled and disciplined middle class gradually gained the ascendancy”.

1829 gradualmente se fez o possível para executar uma série de sentenças judiciais para proibir as lutas” (BODDY, 2008, p. 76).<sup>176</sup>

A organização de uma polícia metropolitana, inicialmente em Londres, depois expandida para outros condados, permitiu fiscalizar com maior eficiência diversos tipos de divertimentos populares. Nesta época as *prizefighting* eram associadas a touradas e brigas de galos, vistas como “baixas e desmoralizantes” (BODDY, 2008, p. 76).<sup>177</sup> Desde o início do século XIX as lutas a prêmio foram muito criticadas, vistas como praticas brutais e imorais, e também como um esporte indisciplinado que trazia graves perigos físicos para os envolvidos. Contudo, as lutas a dinheiro não foram confrontadas apenas com esses discursos. Segundo Kennety Sheard, “eles também se depararam com um aparelho de Estado local e nacional cada vez mais eficiente, capaz de colocar normas mais civilizadas em ação efetiva” (SHEARD, 1997, p. 46).<sup>178</sup>

Juntamente com a criação do policiamento foi aprovada pelo Parlamento a Lei de Reforma Municipal de 1835. A partir desta lei, “o controle do governo local da Inglaterra, especialmente nas cidades, foi transferido às classes médias respeitáveis cuja oposição às lutas premiadas foi sempre mais intensa e vociferante” (SHEARD, 1997, p. 46).<sup>179</sup> A participação da burguesia inglesa nesse cenário foi a base de reorganização dos espaços urbanos da Inglaterra vitoriana. Somam-se também mais alguns fatores que contribuíram para o declínio das *prizefighting*: a) uma crítica mais contundente por parte da imprensa, principalmente por optarem invisibilizar as lutas em suas páginas; b) a morte de grandes jornalistas e ex-lutadores símbolos da fase da Regência (a exemplo de Pierce Egan, em 1849, John Jackson, em 1845, Tom Cribb, em 1848 e Tom Spring, em 1851) c) a diminuição do apoio da *gentry* e da aristocracia; d) a saída de lutadores britânicos para a América (BODDY, 2008, p. 77 e 78).<sup>180</sup>

---

<sup>176</sup> Tradução nossa. Original: “The establishment of Robert Peel’s New Police in 1829 had gradually made it possible to enforce a series of legal judgments to outlaw the prize-ring.”

<sup>177</sup> Tradução nossa. Original: “Surtees in 1834, announced in its prospectus that ‘prize-fighting, Bull-baiting and Cock-fighting’ were ‘low and demoralizing pursuits’ and would be excluded from its pages”.

<sup>178</sup> Tradução nossa. Original: “They also came up against na increasingly efficient local and national state apparatus able to put more civilized Standards into effective action”.

<sup>179</sup> Tradução nossa. Original: “Under this Act, controlo f local government in England, especially in the towns and cities, was transferred to those people – the ‘respectable middle classes’ – whose opposition to prize-fights had always been the most intense and vociferous”.

<sup>180</sup> Tradução nossa. Original: “The era of the great boxers also seemed to be over. [...]The great fighters, and commentators, of the Regency died soon afterwards: ‘Gentleman John’ Jackson in 1845; Tom Cribb

Obviamente, que todo esse processo não ocorreu de um dia para o outro. Houve uma tentativa por parte dos *fancy's* (aristocratas amadores) em reverter a derrocada das lutas premiadas. De acordo com Anderson, “os partidários da classe média e alta do boxe perceberam que uma maior codificação das lutas levaria a uma maior respeitabilidade para o esporte e, em última instância, sua legitimação” (ANDERSON, 2001, p. 43).<sup>181</sup> Um exemplo disso foi a criação do *Fair Play Club* (Clube do Jogo Limpo), que buscava, já em 1828, revisar as antigas Regras de Broughton (1743) e impedir a farsa e a corrupção entre os patrocinadores e lutadores (BOODY, 2008, p. 77).<sup>182</sup> Um dos seus participantes foi o ex-pugilista Tom Spring, proprietário de um *pub* no centro de Londres, o *Castle Tavern* (WELSHMAN, 1997, p. 196).<sup>183</sup>

Na década seguinte a *British Pugilists Protective Association* (Associação de Proteção dos Pugilistas Britânicos), elaborou um novo regulamento para as lutas de dinheiro e a denominou de *London Prize Ring Rules*. Segundo Jack Anderson, no ano de 1838 o pugilista Owen Swift agrediu um lutador chamado Brighton Bill até a morte e “esta fatalidade ofuscou a introdução no mesmo ano das Regras do Ringue Premiada de Londres, o qual foi um esforço detalhado para atualizar as regras de Broughton” (ANDERSON, 2001, p. 37 e 38).<sup>184</sup>

Fazendo um quadro comparativo entre as duas regras existentes até aquele momento, percebe-se uma maior especificação e extensão de informações referente a *London Prize*. De acordo com Anderson, “uma gama de infrações foi especificada em maior detalhe, tais como interrupções, trapaças, mordidas, arranhões, chutes e o uso de pedras nas mãos” (ANDERSON, 2001, p. 38)<sup>185</sup>. Porém, para Jack Anderson o impacto dessas regras foi limitado e não se obteve êxito em transformar as lutas premiadas num

in 1848; Pierce Egan in 1849; and Tom Spring in 1851, the year in which, in *Lavengro*, George Borrow lamented the passing of the great days of prize-fighting”.

<sup>181</sup> Tradução nossa. Original: “Upper and middle class supporters of boxing realised that the greater codification of sparring niatches would led greaterrespectability for the sport and ultimately its legitimisation”

<sup>182</sup> Tradução nossa. Original: “Spring, for example, set up the Fair Play Club in 1828 – but without aristocratic backing and finance, the boxers lacked the necessary authority to regulate their sport.”

<sup>183</sup> Tradução nossa. Original: “Tom Spring succeeded Tom Belcher as the landlord of the Castle Tavern, Holborn, and on the night before a prize-fight the pub was full of customers keen to learn the venue”.

<sup>184</sup> Tradução nossa. Original: “while in 1838 Owen Swift puminelled a fighter called Brighton Bill to death. This fatality overshadowed the introduction in the same year of”.

<sup>185</sup> Tradução nossa. Original: “In particular, the range of fouls was specified in greater detail with foulssuchas butting, gouging, biting, scratching, kicking, theuse of stones in the hand, being prohibited”.

esporte aceito e autorizado pela sociedade vitoriana. Sugerimos que a permanência do uso das mãos nuas nos combates, o número ilimitado de rounds, além de uma regulamentação detalhada sobre as apostas podem ter impedido tal mudança.

O insuficiente alcance das *London Prize Ring Rules* em transformar as lutas premiadas em um esporte justo e limpo, foi perceptível observando diversos casos em que pugilistas, assistentes e até espectadores acabaram presos ou tiveram que pagar multas mesmo após a criação do regulamento. As tentativas do *Fair Play Club* e da *British Pugilists Protective Association* em evitar o declínio das lutas não ocorreram como se esperava. Contudo, sociedades de cavalheiros continuaram revisando essas normas, como aconteceu em 1853 e 1866 (SHEARD, 1997, p. 38).<sup>186</sup> Enquanto isso, as “lutas a prêmios estavam sendo cada vez mais atacadas” (WELSHMAN, 1997, p. 196).<sup>187</sup>

Entretanto, houve uma alteração significativa na forma como as autoridades policiais e jurídicas passaram a criminalizar e perseguir as *prizefighting*. Se no início do século XIX a repressão se dava sobre a ilegalidade da luta, enquanto divertimento impróprio, propício a assaltos e tumultos, em meados do século XIX as autoridades se concentraram em outros argumentos. Por exemplo, a integridade física dos lutadores nunca foi, até aquele momento, o foco específico da repressão (ANDERSON, 2001, p. 35).<sup>188</sup> Nenhum juiz havia se preocupado em “regulamentar o grau de dano que as pessoas poderiam consentir em uma luta” (ANDERSON, 2001, p. 42)<sup>189</sup>. Outras situações pareciam ser mais graves para as autoridades, principalmente no que se refere aos ajuntamentos.

No entanto, em meados do século XIX os envolvidos nas lutas a dinheiro (pugilistas, organizadores, patrocinadores e espectadores) passaram a ser acusados por crime de agressão, homicídio culposo e até assassinato. De acordo com Jack Anderson,

---

<sup>186</sup> Tradução nossa. Original: “The Pugilistic Benevolent Association, for example, produced a relatively detailed set of rules – 28 in all – which formalized the size of the ring, its flooring, and how the fight was to be contained”.

<sup>187</sup> Tradução nossa. Original: “He noted that pugilism had become more systematized by 1750, and that fifty years later prize-fighting had become big business, but argued that it created public order problems and was increasingly prosecuted by magistrates after 1800”.

<sup>188</sup> Tradução nossa. Original: “The paperainis todemonstrate that the illegality ofprizefighting wasbased initially on charges of unlawful assembly, riot and tumult and not on the question of physical risk”.

<sup>189</sup> Tradução nossa. Original: “And from here on the courts become more concerned with regulating the degree of harm that people could consent to in a fight”.

“a luta premiada era ilegal, e a lei criminal estava lentamente hostilizando a briga de “punhos sem proteção” ao esquecimento” (ANDERSON, 2001, p. 38).<sup>190</sup> Houve casos concretos desse tipo de criminalização. Por exemplo, em 1833 o juiz Patteson condenou um lutador por homicídio culposo e o sentenciou a catorze anos de exílio (ANDERSON, 2001, p. 41).<sup>191</sup>

Um dos maiores adversários das lutas a prêmio, o juiz James Burrough, foi muito enfático ao declarar que o aumento da criminalidade em Londres estava relacionado aos combates de *prizefighting*. Por isso, o juiz foi um dos primeiros a afirmar que “todas as pessoas que saíam pra ver esses homens investindo um contra o outros, estando presentes quando eles fizeram isso, todos eles são, em matéria da lei, culpados de agressão” (ANDERSON, 2001, p. 40)<sup>192</sup>. Pode-se dizer que o novo argumento trazido pelo juiz Burrough confrontou a ilegalidade das lutas de forma mais incisiva. Assim, mesmo que os combates ocorressem em lugares privados, sem confusões ou ajuntamentos, os tribunais podiam acusar a peleja de “agressões mútuas, mesmo que não houvesse nem morte, nem tumultos” (ANDERSON, 2001, p. 42).<sup>193</sup>

O que fica evidente é que ao longo do século XIX novas estratégias foram sendo compostas para criminalizar e acabar com a prática das lutas premiadas. Contudo, de acordo com Kenney Sheard “seria incorreto sugerir que esses novos atos e as novas forças policiais fossem instantaneamente efetivos na eliminação da luta com preamiação [...] as novas forças da lei e da ordem não erradicaram o pugilismo” (SHEARD, 1997, p. 46)<sup>194</sup>. A presença dos argumentos jurídicos e das ações policiais foram importantes, porém, a luta como manifestação da cultura popular dos trabalhadores resistiu e precisou reconfigurar seus espaços de lazer e diversão.

---

<sup>190</sup> Tradução nossa. Original: “In short, prize fighting \vas illegal and the criminal law was slowly harassing the bare fisted fight into oblivion”.

<sup>191</sup> Tradução nossa. Original: “In this case a fighter had died as a result of a prizefight and Hargrave, who was present and assisted in the management of the fight, was convicted of manslaughter and sentenced to fourteen years transportation”.

<sup>192</sup> Tradução nossa. Original: “The ubiquitous Mr. Justice Burrough found the prisoners guilty on the ground that such fights were unlawful assemblies and that everyone going to them was guilty of an offence”.

<sup>193</sup> Tradução nossa. Original: “In sum, the courts began to hold that bare fisted fighting was indictable not only as an unlawful assembly (and in the case of death, as manslaughter) but as mutual assaults; even though there was neither death nor rioting”.

<sup>194</sup> Tradução nossa. Original: “It would be incorrect to suggest that these new acts and the new police forces that they facilitared were instantly effective in eliminating prize-fighting.”

Entre 1838 e 1865, fase que abrangeu a Regra do Ringue de Londres e a criação das Regras de Queensberry, as *prizefighting* não desapareceram. No entanto, muitas coisas haviam mudado. Para Kenney Sheard, as lutas premiadas foram conduzidas “mais ao subterrâneo, o que levou a novos estratagemas para evitar interferências” (SHEARD, 1997, p. 46)<sup>195</sup>. Ou seja, para resistir a repressão das autoridades as lutas tornaram-se mais clandestinas, talvez mais brutais devido a precária utilização dos regulamentos. O autor ainda faz uma importante declaração: [o pugilismo] tornou-se mais popular entre certos grupos, [...] sobrevivendo em áreas relativamente remotas e isoladas [...] deslocado nos bastidores (SHEARD, 1997, p. 46).<sup>196</sup> Essa era a condição das lutas a dinheiro na Era Vitoriana. Foi neste período que o gosto e o interesse pelas lutas tornou-se uma subcultura das classes trabalhadoras (ANDERSON, 2001, p. 44).<sup>197</sup> Conforme Kenney Sheard, “durante as décadas de 1830 e 1840, os combates começaram a se tornar cada vez mais de classe trabalhadora” (SHEARD, 1997, p. 47).<sup>198</sup> John Welshman também afirma que “na década de 1840 as usinas ficavam meio vazias quando os trabalhadores iam assistir as lutas premiadas” (WELSHMAN, 1997, p. 197).<sup>199</sup>

Dois combates foram muito lembrados pela bibliografia estrangeira. O de James Burke *versus* William Thompson (apelidado de Bendigo), em 1839, no condado de *Lelicestershire*. E o de Tom Sayer contra John Heenan, em 1860, no condado de *Hampshire*. Outro pugilista bastante apontado foi Jem Mace, campeão mundial em 1861 e novamente em 1870 (KENT, 2015, p. 42).<sup>200</sup> Vamos iniciar com a primeira peleja. James Burke foi um daqueles pugilistas que se retirou para a América na década de

---

<sup>195</sup> Tradução nossa. Original: “[...] but it did drive it further underground and prompt it to new stratagems to avoid interference”.

<sup>196</sup> Tradução nossa. Original: “[...]still survives on what it is probably safe to say are relatively isolated occasions and in relatively remote and isolated áreas to the present day as na underground activity”.

<sup>197</sup> Tradução nossa. Original: “Forthe middle classes, this meant that boxing events couldnow be held in exclusive gentlemen’s clubs and for the urbaiiised workkiiig classes it”. meant that boxing could be easily facilitated in various local halls.

<sup>198</sup> Tradução nossa. Original: “During the 1830 and 1840s, prize-fighting had started to become increasingly working class, but a feature of the revival of the 1860s was na attempt to exclude this same working class”.

<sup>199</sup> Tradução nossa. Original: “[...]included prize-fighting in his account of the rationalization of leisure; he claimed that in the 1840s mills were left half-empty when the workers went to watch prize-fights

<sup>200</sup> Tradução nossa. Original: “Jem Mace discovered this as a Young bare-knuckle fighter trying to make his way in the world”.

1830 (BODDY, 2008, p. 78).<sup>201</sup> Dizia-se que não havia mais concorrentes britânicos para enfrentá-lo, mas o fato era que após a morte de seu oponente, Simon Byne, a polícia estava em seu encalço.

William Thompson foi campeão mundial de pugilismo em dois momentos, em 1839 e em 1845. Na luta contra James Burke, Bendigo, como era chamado, recebeu uma cabeçada e o primeiro foi desqualificado (BODDY, 2008, p. 78).<sup>202</sup> Este confronto foi citado pela aplicação da regra nº 13, da *London Prize Ring Rules*: golpes de cabeça serão considerados sujos, e a parte que recorre a esta prática considerada como tendo perdido a luta (KIM, 2010, p. 454).<sup>203</sup> De fato, o regulamento havia sido elaborado um ano antes do combate e a regra, neste caso, foi executada. Alguns anos depois, em 1845, William Thompson enfrentou o pugilista Ben Caunt. Foi uma luta num lugar remoto, mas que reuniu milhares de espectadores, por dois motivos principais: o local da luta era na fronteira de dois condados, numa região que ninguém sabia ao certo de quem pertencia muito menos a polícia; e segundo, devido a malha ferroviária que permitiu o uso de trens como forma de deslocamento para os espectadores (WELSHMAN, 1997, p.197).<sup>204</sup> Segundo Kasia Boddy, “em 1850, William Thompson aposentou-se dos ringues e, em um desenvolvimento considerado um sinal dos tempos, tornou-se pregador metodista” (BODDY, 2008, p. 78).<sup>205</sup>

Enquanto as *prizefighting* sofriam repressão das autoridades, alguns aristocratas buscaram manter a prática de lutas dentro de recintos fechados, próximas da legalidade. Eram justamente esses sujeitos que criaram a *British Pugilists Protective Association* (1838) e a *Pugilistic Benevolent Association* (1852). Essas associações de cavalheiros tinham por objetivo “estabelecer algum controle central sobre as lutas premiadas”

<sup>201</sup> Tradução nossa. Original: “During the 1830s, some British fighters, facing ever-more limited opportunities at home, decided to cross the Atlantic to capitalize on budding American interest in bare-knuckle bouts. The first to make the journey was James (‘Deaf’) Burke[...]”.

<sup>202</sup> Tradução nossa. Original: “Burke fought Bendigo on his return to England in 1839, but was disqualified for head-butting”.

<sup>203</sup> Tradução nossa. Original: “That butting with the head shall be deemed foul, and the party resorting to this practice shall be deemed to have lost the battle”.

<sup>204</sup> Tradução nossa. Original: “[...]changing leisure patterns to developments in transport, so that spectators who had formerly walked to prize-fights now went by train”.

<sup>205</sup> Tradução nossa. Original: “In 1850, he retired from the ring and, in a development considered to be a sign of the times, became a Methodist preacher”.

(SHEARD, 1997, p. 37).<sup>206</sup> A trajetória do pugilista Jem Mace pode ser compreendida neste cenário. Em 1855, Mace foi convidado para fazer um teste perante os membros *Rum-pum-pus Club*, no centro de Londres. Segundo Graeme Kent, “era uma organização patrocinada pelos abastados e bem nascidos que possuíam uma afinidade pelo ringue” (KENT, 2015, p. 42).<sup>207</sup>

Quando Jem Mace chegou ao clube, “os membros jantavam carne assada, pudim de ameixa e vinho do porto em uma mesa dentro das cordas<sup>208</sup> de um ringue de boxe simulado” (KENT, 2015, p. 42).<sup>209</sup> O tal boxe simulado poderia ser chamado também de *sparring-match*. Era uma forma lutar aparentando certa civilidade. Os próprios tribunais que julgavam a prática do pugilismo em meados do século XIX tiveram que demarcar, com certa dificuldade, as diferenças entre uma *prizefighting* (ao ar livre, em formato de combate declarado, com regulamentos precários e profissional) das *sparring match* (em locais fechados, uma luta doméstica, exibicionista e amadora).

Segundo Jack Anderson, para a polícia e para os tribunais era o “estado de exaustão” do pugilista que diferenciava (ANDERSON, 2001, p. 46).<sup>210</sup> Ou seja, se a luta era amadora, uma espécie de treinamento e exibição, ninguém se machucaria, pois não seria necessário lutar até que um dos pugilistas caísse em esgotamento. Do contrário, as lutas premiadas envolviam apostas, e apesar de adotarem as Regras de Broughton (1743) ou do Ringue de Londres (1838), trapaças e certos golpes proibidos eram frequentes. Segundo Kennety Sheard, “uma atividade mais civilizada e desportiva, na qual os cavalheiros participavam diretamente, desenvolveu-se paralelamente à luta com prêmios mais brutal, reservada aos trabalhadores” (SHEARD, 1997, p. 41).<sup>211</sup>

---

<sup>206</sup> Tradução nossa. Original: “Limited attempts were made to establish some central control over prize-fighting”.

<sup>207</sup> Tradução nossa. Original: “This was na organization patronized by the wealthy and well-born Who had affinity with he ring.

<sup>208</sup> Neste momento lembramos a expressão de Joyce Carol Oates, “o ringue de boxe é uma espécie de altar, um daqueles espaços lendários, onde as leis de uma nação são suspensas”. (OATES, 1987, p. 27)

<sup>209</sup> Tradução nossa. Original: “The members dined off roast beef, plum pudding and porta t a table inside the ropes of a simulated boxing ring”.

<sup>210</sup> Tradução nossa. Original: “but that if the parties met intending to fight till one gave in from exhaustion or injury received it was a breach of the law and a prizefight, whether the combatants fought in gloves or not”.

<sup>211</sup> Tradução nossa. Original: “Hence, a more civilized, Sport-like activity in which gentlemen directly participated, developed alongside the more brutal prize-fighting reserved for working men”.



Assim, Jame Mace foi convidado para apresentar-se diante daquele grupo de aristocratas que, possivelmente, viveram a época da Regência, a fase de ouro do pugilismo, e queriam reviver suas glórias. Lembrando que as *prizefighting* eram símbolo de uma estrutura de classes, baseada em “hierarquia e patronagem” (UNGAR, 2010, p. 27).<sup>212</sup> Isso fica evidente quando Kent afirma que “os patronos aristocráticos eram genericamente chamados de *Fancy* [...] e se estes homens gostassem de um lutador, eles o apoiariam com milhares de libras e recompensariam seu representante generosamente” (KENT, 2015, p. 42).<sup>213</sup> Na década de 1850 as lutas premiadas estavam em declínio, porém, as relações sociais entre patrocinadores e pugilistas ainda se mostravam vivas e permanentes. Para Anderson, “o patrocínio de lutadores premiados temporariamente sustentou a autoridade da elite entre as massas” (ANDERSON, 2001, p. 37).<sup>214</sup>

Depois dos aristocratas terem jantado “cortesmente, o nobre pediu a Mace que lutasse usando luvas, mas enquanto as luvas eram trazidas [...] o oponente o atacou vigorosamente, contudo, Mace respondeu espirituosamente e venceu o confronto” (KENT, 2015, p. 44).<sup>215</sup> O que era para ser um *sparring match* tornou-se potencialmente uma luta premiada, primeiro pelas “mãos nuas” e segundo porque o derrotado “desejou o melhor a Mace e o entregou algumas moedas” (KENT, 2015, p. 44).<sup>216</sup> Este exemplo deixa perceptível a tensão e ao mesmo tempo a fluidez entre as práticas de lutas em meados do século XIX. Por isso, o processo de constituição do boxe moderno precisa ser entendido como a coexistência de suas práticas, correlacionadas entre as *prizefighting* e os *sparring match*.

---

<sup>212</sup> Tradução nossa. Original: “This appearance of equality and its egalitarian rhetoric notwithstanding, boxing was in fact based on a system of patronage with a clear hierarchical structure”.

<sup>213</sup> Tradução nossa. Original: “The prize-ring in 19th-century Britain owed its survival to those aristocratic patrons Who were given the generic title of the *Fancy*. If these noblemen liked a fighter they would back him to the tune of thousands of pounds and reward their representative generously”.

<sup>214</sup> Tradução nossa. Original: “Indeed, prize fighting could even have been said to be a safety valve in the promotion of class harmony as during this period attendance at and sponsorship of prize fights temporarily sustained the authority of the elite among the masses”.

<sup>215</sup> Tradução nossa. Original: “Courteously the nobleman asked Mace to spar with him using the muffers, as the sparring mittens were called [...] Drumlring settled the matter for him by attacking the Young professional vigorously [...] Mace replied with spirit”.

<sup>216</sup> Tradução nossa. Original: “Gracefully the peer gave Mace Best and handed him a couple of sovereigns for his trouble”.

Entretanto, a noite de Jem Mace no *Rum-pum-pus Club* não havia terminado. O oponente que fora derrotado era o Lorde Drumlaring, um aristocrata acostumado com o boxe de treinamento (*sparring-match*). Foi quando o proprietário do clube resolveu colocar para a peleja um de seus lutadores profissionais (*prize-fighter*). Segundo relato de Graeme Kent, “o próximo desafiante a testar Mace era um verdadeiro veterano das lutas premiadas chamado Jonny Walker. [...] Mace pôs o homem mais velho em submissão após 30 minutos” (KENT, 2015, p. 45).<sup>217</sup> Jem Mace ainda lutou com mais dois pugilistas profissionais naquela noite, tendo vencido a ambos. De acordo com Kent, “os patronos do clube aprovaram sua nova descoberta e previam um futuro brilhante para o jovem lutador. Para colocá-lo no rumo certo deram uma bolsa de cinco libras” (KENT, 2015, p. 47).<sup>218</sup>

Alguns anos depois Jem Mace tornou-se campeão de *prizefigthing*. Mas foi assim que sua história começou: se apresentando em um clube de cavalheiros, vencendo vários lutadores e recebendo sua primeira bolsa como pugilista. O ano era 1855, a classe burguesa buscava criminalizar e reprimir as lutas premiadas, mas ainda haviam aqueles que consideravam as lutas premiadas parte da identidade inglesa, um esporte que preparava para a guerra, evitava a efeminação e o estrangeirismo francês e poderia ser uma boa forma de ganhar dinheiro. Em outras palavras, havia todo um imaginário popular advindo da era de ouro do pugilismo e que ainda estava presente nas décadas de 1850 e 1860. O combate entre Sayers *versus* Heenan é um bom exemplo disso.

A luta entre Tom Sayers e John Heenan, ocorrida em 17 de abril de 1860, foi considerada importante e simbólica para o processo de constituição do boxe moderno. Os motivos foram diversos. Tom Sayers era o atual campeão inglês, desde que havia vencido William Perry em dez assaltos, em 1857, no condado de *Kent*. John Heenan era campeão norte-americano, media 1 metro e 88 centímetros e quase 90 quilos. Considerado um peso pesado perto de Tom Sayers (1 metro e 72 centímetros e 70

---

<sup>217</sup> Tradução nossa. Original: “The next challenger to be wheeled out to test. Mace was a veteran prize-fighter called Jonny Walker. Mace hammered the older man into submission after thirty brisk minutes”.

<sup>218</sup> Tradução nossa. Original: “After the members had dined, it was Langham’s custom to announce that he had two good boys ready to fight for their entertainment, IF only the mebers could put up a purse of Five libres for the winner”.

quilos), entretanto, na época não havia distinção de categorias. Mas o que demarcava o confronto eram, realmente, “questões étnicas e nacionais” (BODDY, 2008, p. 79).<sup>219</sup>

Por isso, entusiastas britânicos saudavam tal combate como “o começo de um Grande Reavivamento Pugilístico” (BODDY, 2008, p. 79).<sup>220</sup> Entretanto, a realidade foi bem diferente. Enquanto os Estados Unidos cresciam na prática das *prizefighting*, os ingleses já viviam o contexto há pouco apresentado: criminalização, perseguição, prisões e multas. Isso fica evidente na forma como a imprensa viu a peleja. Segundo Boddy, “enquanto grande parte da imprensa americana esperava um teste de supremacia nacional, a imprensa britânica tratou o evento como um brutal anacronismo e fez campanha para que não acontecesse” (BODDY, 2008, p. 79).<sup>221</sup> Quatro dias antes da luta até o Parlamento britânico tornou-se palco de disputas. De acordo com o autor, “um parlamentar convocou o Ministro do Interior e o Primeiro Ministro para intervir e parar o que era claramente uma violação meditada da paz” (BODDY, 2008, p. 80).<sup>222</sup>

Porém, o combate aconteceu. E o local foi estratégico: o condado de *Hampshire* “possuía excelentes ligações ferroviárias” (BODDY, 2008, p. 80).<sup>223</sup> Milhares de pessoas foram assistir o combate que durou 37 rounds, mais de duas horas. E só acabou porque “uma multidão invadiu o ringue e a luta terminou em um empate” (ANDERSON, 2001, p. 38).<sup>224</sup> Ambos os pugilistas saíram lesionados. John Heenan quase perdeu um olho e Tom Sayers quebrou um braço (BODDY, 2008, p. 80; ANDERSON, 2001, p. 38).<sup>225</sup> Os lutadores receberam cinturões comemorativos e foram

---

<sup>219</sup> Tradução nossa. Original: “He appealed to both ethnic and national loyalties – to Irish- Americans, he was fighting as ‘a son of Erin’, to American-born nativists (many of whom had supported his opponents at home), Heenan was now a representative of ‘Uncle Sammy’, a defender of ‘dear Columbia’s pride”.

<sup>220</sup> Tradução nossa. Original: “In England, meanwhile, the Heenan-Sayers fight was greeted as the beginning of a ‘Great Pugilistic Revival’; in truth, however, it represented old-style English pugilism’s last stand”.

<sup>221</sup> Tradução nossa. Original: “While much of the American press looked forward to a test of national supremacy, the British press treated the event as a brutal anachronism and campaigned to stop it taking place”.

<sup>222</sup> Tradução nossa. Original: “One mp called for the Home Secretary and the Prime Minister to intervene and stop what was clearly a ‘meditated breach of the peace’”.

<sup>223</sup> Tradução nossa. Original: “[...]the town having been chosen partly because of its excellent rail links”.

<sup>224</sup> Tradução nossa. Original: “Heenan appeared to be the superior but the crowd rallied to Sayers assistance i.e., they invaded the ring, and the bout ended in a draw. Heenan was clearly disorientated after the fight while Sayers sustained a broken arm”.

<sup>225</sup> Tradução nossa. Original: “After 37 rounds, over two hours, and many injuries – Heenan was reduced to near-blindness in his right eye – the contest ended in chaos and a draw was declared”.

declarados – ambos – campeões do mundo. Para Jack Anderson, “a luta foi um *boom* temporário para o esporte” (ANDERSON, 2001, p. 38).<sup>226</sup>

A luta entre Sayers-Heenan tornou-se simbólica porque foi considerado o fim da era dos combates a prêmio (WELSHMAN, 1997, p. 196).<sup>227</sup> Nunca mais uma *prizefighting* teve tanta repercussão na Inglaterra. Afinal, os tempos eram outros. De acordo com Kasia Boddy, “representava um estilo antigo e o último posto do pugilismo inglês” (BODDY, 2008, p. 79).<sup>228</sup> Para John Welshman, a peleja “simbolizou um ponto de virada entre o esporte reindustrial de luta premiada e a forma moderna de boxe” (WELSHMAN, 1997, p. 197).<sup>229</sup> Para sobreviver, as lutas a dinheiro teriam que passar por um processo de constituição e modernização. E é neste contexto que devemos pensar a criação das Regras do Marquês de Queensberry.

Queremos finalizar esta seção abordando dois temas que estão interligados entre si: a elaboração das Regras do Marquês de Queensberry, em 1867, e o início da prática do boxe amador. É curioso notar que ao longo dos séculos XVIII e XIX, as lutas com punhos tiveram práticas variadas e foram reesignificadas em contextos específicos. O longo processo de constituição pelo qual o boxe passou lhe agregou expressões variadas como, *prizefighting* (ou lutas premiadas ou lutas a dinheiro), *sparring-matches* (boxe de treinamento), e o próprio boxe moderno, dividido então em duas categorias: o amador e o profissional. Obviamente sua divisão não foi meramente classista, pois tanto aristocratas como trabalhadores podiam aprovar ou mesmo se opor ao pugilismo. Como demonstramos anteriormente, muitas pessoas ganhavam econômica e simbolicamente com as lutas premiadas.

É importante compreender o contexto da criação da *Marques Queensberry Rules*. Para Kasia Boddy a codificação de outros esportes pode ser um indicativo disso, pois tanto a Associação de Futebol (fundada em 1863) como as Regras da União de

---

<sup>226</sup> Tradução nossa. Original: “Yet, overall the fight was a temporary boom for the sport and if anything highlighted the paucity of competition that now existed within England”

<sup>227</sup> Tradução nossa. Original: “he claimed that in the 1840s mills were left half-empty when the workers went to watch prize-fights, but that the sport was increasingly under attack, and that the age of prize-fighting ended with the Sayers v. Heenan fight of 1860.”

<sup>228</sup> Tradução nossa. Original: “it represented old-style English pugilism’s last stand”.

<sup>229</sup> Tradução nossa. Original: “with the Sayers v. Heenan contest supposedly symbolizing a turning point between the preindustrial sport of prize-fighting and the modern form of boxing.”

Rugby (formuladas em 1871) são da mesma época (BODDY, 2008, p. 92).<sup>230</sup> Ou seja, regulamentar os passatempos e torná-los em esportes foi uma experiência frequente durante a segunda metade do século XIX. De acordo com Jack Anderson, com as lutas premiadas transformando-se em boxe moderno, “o esporte era agora uma expressão clássica da política vitoriana” (ANDERSON, 2001, p. 49).<sup>231</sup> É por isso que as Regras do Marquês de Queensberry são amplamente conhecidas. Ela foi um marco, “pois o boxe com luvas foi completamente diferente da velha luta sem proteção” (BODDY, 2008, p. 106).<sup>232</sup>

Mas quem eram os interessados nessa regulamentação? Quais forças estavam em jogo? Para começar, as Regras de Queensberry haviam sido elaboradas por uma associação, com apoio de um nobre (O Marquês John Douglas) e um pugilista (Arthur Chambers). Segundo Anderson, “as regras de Queensberry foram especificamente enquadradas com o objetivo de tornar o boxe um espetáculo suficientemente seguro para ser considerado legal” (ANDERSON, 2001, p.43).<sup>233</sup> As *prizefighting* estavam longe de conseguir essa realização. Porém, em plena década de 1860 ainda eram muito celebradas. Contudo, conforme Kennety Sheard, “as turmas que anteriormente se engajavam juntas em atividades esportivas e recreativas estavam cada vez mais seguindo seus caminhos separados” (SHEARD, 1997, p. 47).<sup>234</sup> Isso significava que nobres e aristocratas, que antes compartilhavam da preferência pelas lutas a dinheiro, precisavam escolher por um lado na sua legalidade, ou por outro, na sua cultura subterrânea e clandestina. Assim, segundo Boddy, com as Regras de Queensberry

---

<sup>230</sup> Tradução nossa. Original: “Common to both was the codification of sports. The Football Association was founded in 1863, the cricketing yearbook *Wisden* was first produced in 1864, the Rugby Union rules (based on the Rugby School rules) were formulated in 1871”.

<sup>231</sup> Tradução nossa. Original: “The sport was now a classic expression of the Victorian policy on sport such o it implicitly existed”.

<sup>232</sup> Tradução nossa. Original: “As the Queensberry rules took hold, it became clear that the new sport of gloved boxing was entirely different from the old bareknuckle prize-fighting”.

<sup>233</sup> Tradução nossa. Original: “In fact, it could be argued that the Queensberry rules were specifically framed with the object of making boxing a sufficiently safe spectacle to be accounted legal”.

<sup>234</sup> Tradução nossa. Original: “The classes which had earlier engaged in Sporting and recreational activities together were more and more going their separate ways”.

“todas as lutas agora associadas à luta livre foram desautorizadas” (BODDY, 2008, p. 92).<sup>235</sup>

É evidente que em relação aos regulamentos anteriores, as Regras do Marquês de Queensberry trouxeram inovações. Contudo, perguntamos: inovações para quem? Que tipo de luta acabou se sobrepondo? Enquanto as Regras de Broughton e as Regras do Ringue de Londres mantiveram certos costumes e tradições das *prizefighting* (que por um lado as tornaram tão populares), as *Marques Queensberry Rules* buscaram assegurar maior integridade física aos lutadores. Exemplos disso são os números limitados de *rounds*, de três minutos e um de descanso, o uso de luvas, além da posterior divisão de pesos (leve, médio e pesado). Parece que este regulamento foi justamente influenciado pelos praticantes do *sparring-match* (ANDERSON, 2001, p. 44).<sup>236</sup>

Entretanto, alguns autores como Kennety Sheard e Jack Anderson teceram críticas em relação a real civilidade do boxe moderno. Conforme Sheard, “as regras do Marquês de Queensberry foram saudadas na época como o mais importante passo no sentido de livrar-se do combate e de suas barbaridades mais óbvias” (SHEARD, 1997, p. 50).<sup>237</sup> Mas é possível afirmar que o pugilismo modernizou-se? Trouxe mais segurança para os lutadores? Jack Anderson problematiza essa questão quando afirma que “as mudanças introduzidas pelas Regras de Queensberry eram apenas superficiais e podiam até ter intensificado a brutalidade do esporte” (ANDERSON, 2001, p. 43).<sup>238</sup>

Anderson caracteriza alguns elementos que não resolveram a questão da violência e agressividade do boxe. Por exemplo, quando o lutador “estava cansado ele poderia ir para baixo em um joelho se recuperar até por um minuto” (ANDERSON,

---

<sup>235</sup> Tradução nossa. Original: “All the grappling holds now associated with wrestling were disallowed, thus ensuring a more upright contest; weight categories for boxers were to be strictly observed, and gloves, which had been used mainly in training, were now to be compulsory in fights”.

<sup>236</sup> Tradução nossa. Original: “First, the Queensberry rules, outwardly at least, sanitised the rougher edges of the sport and subjected the sport to greater uniformity hence popularity. Second, the new regulations permitted the ring to be built indoors on a stage or plinth, thus superseding the long held tradition that it be staked on turf only”.

<sup>237</sup> Tradução nossa. Original: “It is to say the ironic, then that the introduction of the Queensberry Rules and boxing gloves – which CUT down on the amount of blood and gore – not only, increased the popularity of boxing at a time when it was under sustained attack”.

<sup>238</sup> Tradução nossa. Original: “Yet, it can be argued that the changes introduced by the Queensberry rules were superficial only and may even have intensified the physicality of the Sport”.

2001, p. 43).<sup>239</sup> Com as Regras de Queensberry o pugilista teria que lutar num total de três minutos em cada *round*. Em relação às luvas, Anderson destaca as mesmas não foram feitas para proteger o oponente, mas as mãos do pugilista. Para o autor, as luvas “especialmente quando embebidas com suor, tornavam-se uma espécie de porrete e permitia que o lutador batesse em áreas do crânio do adversário, que anteriormente estavam fora dos limites por causa do perigo de quebrar uma junta dos dedos” (ANDERSON, 201, p. 43).<sup>240</sup> Conforme Sheard, “a introdução de luvas também levou mais emoção aos nocautes: o nocaute sendo um eufemismo para os danos cerebrais” (SHEARD, 1997, p. 52).<sup>241</sup> Assim, com a introdução das luvas os golpes concentraram-se mais na cabeça dos adversários.

É do pesquisador britânico Kennety Sheard a tese de que no percurso do processo de civilização inglês “não se tentou só controlar ou eliminar os danos físicos e a agressão excessiva nos esportes, mas também se tornou importante – senão mais importante – que eles pareçam eliminados, e pareçam estar sob controle rigoroso” (SHEARD, 1997, p. 48).<sup>242</sup> Dentro de um contexto de reorganização da sociedade britânica a partir de um modelo moralista, puritano e burguês, o avanço da regularização dos esportes não representava, efetivamente, um cuidado maior das autoridades com a segurança dos lutadores, mas sim um controle aparente, que servisse para justificar suas políticas autoritárias e centralizadoras.

As transformações vividas pelas *prizefighting* em direção a regulação da luta em si, do quanto de violência seria permitida, dos pugilistas, apostadores e espectadores, passava por um projeto político vitoriano que favoreceria certos indivíduos. A partir das Regras de Queensberry, os ringues deveriam ser construídos em ambientes fechados, “substituindo a longa tradição de ser estacado apenas no gramado” (ANDERSON,

---

<sup>239</sup> Tradução nossa. Original: “Under the old rules, if a boxer was tired he could go down on one knee and recover for up to a minute but now the fighter was required by the rules, and the referee, to fight for a full three minutes”.

<sup>240</sup> Tradução nossa. Original: “yet, gloves were soon seen to protect the fighter’s hands more than his head. In fact gloves, especially when soaked with sweat, in effect became a club and allowed the fighter to hit areas of the opponent’s skull, which previously were out of bounds because of the danger of breaking a knuckle or fingers”.

<sup>241</sup> Tradução nossa. Original: The introduction of gloves also led to more excitement in that there were more knock-outs: the knock-outs being a euphemism for brain damage.

<sup>242</sup> Grifos nossos. Tradução nossa. Original: “[...] all these developments would appear to make the Sport safer and would appear to protect the participants from undue damage and harm”.

2001, p. 44).<sup>243</sup> Os espaços fechados permitiriam que os eventos de boxe fossem realizados “em clubes de cavalheiros exclusivos e para as classes trabalhadoras urbanizadas, dessa forma o boxe poderia ser acessível em vários salões locais e controlados pela polícia” (ANDERSON, 2001, p. 44).<sup>244</sup> Por fim, o boxe tornar-se-ia uma “venda fácil”, porque as antigas *prizefighting* eram muito estimadas e celebradas pelos ingleses, principalmente entre os trabalhadores.

Quando o novo regulamento foi escrito em 1866 e publicado em 1867, as lutas premiadas tornaram-se ainda mais clandestinas. Pode-se dizer que o longo processo de perseguição e criminalização por parte das autoridades (Exército, Polícia, Juízes, etc), durou os séculos XVIII e XIX e se concluiu com as *Marques Queensberry Rules*. Outros países como França e Estados Unidos ainda demoraram pelo menos vinte anos para também adotá-las. O próximo passo foi fundação da Associação Britânica de Boxe Amador em 1880. É interessante que seu lema era “Lute boxe, não brigue”, baseado em interesses “de reformadores sociais e religiosos que incentivavam a criação desses clubes de boxe nas áreas da classe trabalhadora” (BODDY, 2008, p. 95).<sup>245</sup> Talvez fosse a primeira vez que se pensou que “a violência da rua poderia ser direcionada para o ginásio” (BODDY, 2008, p. 95).<sup>246</sup>

As *prizefighting* do início do século XIX, aquelas retratadas por Artur Conan Doyle no início deste capítulo, lutas que juntavam “plateia de trinta mil, com mais três milhões comentando sobre a peleja”, já não eram realidade na época em o autor escreveu seu livro *Rodney Stone*, em 1896 (DOYLE, 2015, p. 16). Nesta década o boxe era mais americano do que inglês. Prova disso foi que “o último campeão britânico dos

---

<sup>243</sup> Tradução nossa. Original: “Second, the new regulations permitted the ring to be built indoors on a stage or plinth, thus superseding the long held tradition that it be staked on turf only”.

<sup>244</sup> Tradução nossa. Original: “For the middle classes, this meant that boxing events could now be held in exclusive gentlemen’s clubs and for the urbanised working classes it meant that boxing could be easily facilitated in various local halls”.

<sup>245</sup> Tradução nossa. Original: “In 1880, the British Amateur Boxing Association was founded with the motto, ‘Box, don’t fight’, and with this in mind, social and religious reformers encouraged the setting up of boxing clubs in working-class areas”.

<sup>246</sup> Tradução nossa. Original: “The violence of the street, it was thought, could be redirected into the gym”.



pesos pesados (até Lennox Lewis em 2002) foi Robert Fitzsimmons que ganhou seu título de Jim Corbett em 1897” (BODDY, 2001, p. 107).<sup>247</sup>

No próximo capítulo analisaremos as experiências pugilísticas na América, focando primeiramente nos Estados Unidos, local importante de difusão do pugilismo e conhecido por ter incorporado características comerciais. Daremos relevo também as lutas tradicionais (*Rough-and-Tumble*), e como os ajustes de contas e a defesa da honra podem ser compreendidos como gênese das *Bare-Knuckle* (como eram chamadas as *prize-fighting* nos Estados Unidos). Interessa-nos, igualmente, estudar o próprio boxe profissional norte-americano e como questões raciais, étnicas e nacionais estiveram presentes nos grandes embates de Jack Johnson (1910) e Jack Dempsey (1921).

---

<sup>247</sup> Tradução nossa. Original: “By the 1890s boxing was not simply a modern sport, but increasingly an American one. The last British heavyweight champion (until Lennox Lewis in 2002) was Robert Fitzsimmons, who won his title from ‘Gentleman Jim’ Corbett in 1897, and lost it two years later to Jim Jeffries”.

## CAPÍTULO II - EXPERIÊNCIAS PUGILÍSTICAS NOS ESTADOS UNIDOS

### ***ROUGH-AND-TUMBLE, BARE-KNUCKLE E O BOXE PROFISSIONAL*** (SÉCULOS XVIII, XIX E XX)

Dinheiro farto – lutas rápidas e gloriosas – períodos de descanso e ócio entre elas – um séquito de puxa-sacos, os tapas nas costas, os apertos de mão, os sujeitos que ficavam felizes de lhe pagarem uma bebida em troca do privilégio de cinco minutos de conversa – e a glória de tudo aquilo, o público aos berros, o fim da luta com uma chuva de socos, o grito do juiz, “Vitória de King!”, e seu nome nas colunas do esporte do dia seguinte. **Jack London, em O Bife, publicado pela primeira vez na revista *Saturday Evening Post*, em 1909.**

Jack London (1876 – 1916) foi um romancista norte-americano que escreveu diversos contos e novelas envolvendo o boxe.<sup>248</sup> Assim como Conan Doyle, além de literato foi um exímio pugilista. Segundo Loïc Wacquant, Jack London tinha “a reputação de lutador em um bairro popular de São Francisco [...] e aprendeu a arte de golpear no Partido Socialista dos Trabalhadores” (WACQUANT, 2012, p. 168).<sup>249</sup> Jack London foi chamado de “etnólogo amador do pugilismo”, pois seus textos exibem sensibilidade, conseguindo capturar os detalhes “da estrutura temporal do drama pugilístico” (WACQUANT, 2012, p. 170).<sup>250</sup> Isso é perceptível no conto O bife (ou *A Piece of Steak*, em inglês) que retrata a última luta de um veterano boxeador, chamado Tom King, membro da classe trabalhadora, que vivia em um período de decadência

---

<sup>248</sup> Jack London nasceu em São Francisco, na Califórnia, em 1876. Teve uma infância pobre, começou a trabalhar em uma fábrica de conservas aos catorze anos e, antes de se tornar escritor, aventurou-se por terras longínquas, como Klondike e Japão. Amante inveterado do boxe, Jack praticou o esporte durante a universidade e sempre foi fascinado pelas histórias que circulavam ao redor dos ringues. Foi um dos primeiros escritores a viver da venda de contos para as então nascentes revistas literárias norte-americanas, como as que publicaram pela primeira vez os escritos desta coletânea. Faleceu em 1916, após complicações de uma infecção renal, e deixou 22 romances publicados, além de contos, ensaios e reportagens sobre os mais variados temas (LONDON, 2013).

<sup>249</sup> Tradução nossa. Original: “Chico inquieto que arrastraba con razón una reputación de rudo luchador callejero en su barrio popular de San Francisco, aprendió el arte de golpear en el Partido Socialista de los Trabajadores de la vecina ciudad de Oakland (al que se incorporó en 1896) ”.

<sup>250</sup> Tradução nossa. Original: “London hace un poderoso trampolín para llegar a lo esencial, a saber, *La estructura temporal del drama pugilístico* [...] Al salir del ring, Tom King no tiene nada, más que su cuerpo desgastado, golpeado, triturado, y el hambre que lo atormenta, como La vergüenza de regresar a su hogar despojado, y por lo tanto de faltar a sus deberes de marido y de padre”.

econômica, desempregado, oprimido pela fome, tendo esposa e filhos para alimentar e muitas contas a pagar (LONDON, 2013, p. 95-96).

A epígrafe acima, parte do conto “O bife”, de Jack London, relembra a juventude triunfante do lutador Tom King. Enquanto se encaminhava para seu último combate, King, que contava com mais de quarenta anos, recordava o período do “dinheiro farto, das lutas rápidas e gloriosas [...] dos puxa-sacos, os tapas nas costas, os apertos de mão [...] e seu nome nas colunas do esporte no dia seguinte” (LONDON, 2013, p. 100). Naquele tempo, King “lutava pela glória e pelo dinheiro fácil”, e não para sobreviver, nem comprar comida ou pagar contas (LONDON, 2013, p. 100). Contudo, a glória, o reconhecimento e o dinheiro haviam acabado. Agora só ficaram os “ossos esgotados e músculos rijos”. Segundo London, “Tom King estava velho, e o mundo não tratava bem os velhos” (LONDON, 2013, p. 100). King sabia que seu preparo para sua última peleja fora insuficiente, pois se alimentou pouco e não contou com um *sparring* para treinamento.

Por essas impressões foi que Loïc Wacquant afirmou que Jack London conseguiu recuperar “a estrutura temporal do drama pugilístico”. Ou seja, o autor exprimiu em seus contos, as difíceis e decadentes vidas dos pugilistas, o desgaste de seus corpos, todas suas ansiedades e preocupações com o fim da carreira, a defesa de sua honra e de sua masculinidade. Em suma, representou bem parte da história do boxe norte-americano. O boxe dos imigrantes, dos operários, o boxe que se tornava também a metáfora da vida, a luta pela sobrevivência. O conto, “O bife”, termina com a derrota do velho Tom King para o jovem Sandel. Ao apostar seu último golpe, “lembrou-se do bife e desejou tê-lo comido para dar sustento ao soco que precisava desferir” (LONDON, 2013, p. 113). Mais adiante Tom King exclamou: ah, um bife teria dado conta dele! Só faltara aquele golpe decisivo, e ele perdeu a luta. Tudo por causa de um bife. (LONDON, 2013, p. 115).

O conto de Jack London foi obra de ficção, porém, torna-se simbólico e representativo das diversas experiências pugilísticas vividas na América. Os Estados Unidos foram a primeira nação do continente a praticar o boxe. Algumas décadas depois, as lutas se propagaram para outros países da América. Jack London escreveu “O bife” no contexto do confronto entre Tommy Burns e Jack Johnson, pelo título de

campeão mundial dos pesos pesados em 1908, em Sidney, Austrália. London era um verdadeiro defensor da Nobre Arte. E como o jornalista britânico Pierce Egan, um século antes, muito contribuiu para divulgar as lutas na imprensa. O combate entre o afro-americano Johnson e o canadense Tommy Burns foi um marco na história do pugilismo. E London estava lá para testemunhar. Com a vitória de Jack Johnson, o esporte que foi ícone da aristocracia inglesa e o boxe que simbolizava a superioridade branca norte-americana tiveram que engolir em seco o triunfo do campeão negro. Por isso, os elementos literários de suas obras servem de janela para compreendermos alguns detalhes da história do pugilismo nos Estados Unidos.

Neste capítulo temos por objetivo analisar as características presentes no processo de constituição do boxe – assim como identificamos seu percurso na Inglaterra – para os Estados Unidos. Nosso objetivo é analisar a trajetória do boxe profissional, desde as lutas tradicionais do século XVIII (*Rogh-And-Tumble*), as semelhanças e diferenças entre as *prize-fighting* inglesas e as *bare-knuckle fighting*<sup>251</sup> norte-americanas e, por fim, o surgimento do boxe profissional com luvas até sua legalização na década de 1920.

Dividimos este capítulo em três partes. Na primeira seção iremos abordar como as resoluções de conflitos e ajustes de contas do cotidiano contribuíram para o surgimento de cultura popular de lutas no Sul dos Estados Unidos. A bibliografia base para esta primeira parte serão os textos do historiador Elliot Gorn (1985 e 1986), inéditos no Brasil. O recorte temporal será do século XVIII às três décadas do XIX. Na segunda seção, iremos analisar e diferenciar a chegada das *prize-fights* inglesas na América e sua influência para as *bare-knuckle* (mãos nuas) americanas, bem com alguns pugilistas em destaque: John Morrisson, John Heenan e John Sullivan. Nossa bibliografia de apoio terá Kasia Boddy (2008), Gregory Ross (2014) e Graeme Kent (2015). Como período de análise partiremos do ano de 1841, quando surgiu o campeonato americano, até a última luta *de bare-knuckle*, em 1889.

Encerraremos este capítulo com a seção número três, em que iremos investigar o boxe profissional com luvas, entre 1892 e 1926, dando prioridade de análise às trajetórias de Jack Johnson e Jack Dempsey. Ambos se envolveram nas “Lutas do

---

<sup>251</sup> Ver APÊNDICE 2: Mapeamento das Lutas *Bare-Knuckle* americanas entre 1820 e 1890.

Século”, e seus combates transcenderam o ringue e tornaram-se símbolos de lutas raciais e de construção de uma identidade nacional americana. Como referências, usaremos Kennety Sheard (1997), Victor de Melo (2006 e 2008), Jéssica Graham (2008) e Kasia Boddy (2008). Este capítulo tem por finalidade contribuir para a compreensão da constituição do boxe moderno, em específico nos Estados Unidos, mas também pela sua influência no início da prática pugilística no Brasil no início do século XX.

## **2.1 – Entre os ajustes de contas, a defesa da honra e as lutas premiadas americanas: *Rough-and-Tumble e Bare-Knuckle Prize-Fighting* (Séculos XVIII até meados do XIX)**

Não resta dúvida de que os Estados Unidos contribuíram imensamente ao desenvolvimento e ampliação do boxe profissional. A bibliografia norte-americana sobre pugilismo é superior em comparação a outros países (WELSHMANN, 1997, p. 198).<sup>252</sup> Dezenas de filmes têm sido produzidos em Hollywood, utilizando como cenário os combates de boxe. Há tempos o futebol-americano, o beisebol e o boxe são os esportes preferidos dos ianques (LINDELL, 2001, p. 7; MELO, 2008, p. 2).<sup>253</sup> Entre 1892 e 1937, dos quinze campeões mundiais dos pesos-pesados, onze deles (73%) foram estadunidenses (NOGUEIRA, 1954, p.54).

Buscaremos analisar nessa seção o percurso inicial do boxe norte-americano, desde as lutas tradicionais, baseadas em ajuste de contas e duelos de honra, como as lutas *Rough-and-Tumble* e *Eye Gouging*, até as *bare-knucke fighting*, inspiradas e ressignificadas por meio das *prize-fighting* inglesas. É importante destacar que a expressão *Bare-Knuckle*, que significa “mãos nuas”, não foi utilizada na Inglaterra. Faremos, como de costume, uma análise sobre a bibliografia nacional sobre o pugilismo, isto é, o que sabemos sobre sua prática, para posteriormente dialogarmos com a produção estrangeira.

---

<sup>252</sup> Tradução nossa. Original: “Much of this early work in the history of sport was produced by American historians, and they have shown slightly more interest in the history of prize-fighting and boxing”.

<sup>253</sup> Tradução nossa. Original: “Baseball and boxing were the two major sports in America for the first half the 20th century”.

Começamos com um mapeamento das obras publicadas no Brasil, observando o que as mesmas abordaram sobre o boxe estadunidense. Dos 76 trabalhos identificados, trinta e seis (47%) trataram do tema em questão. Se formos comparar com as porcentagens anteriores, como a presença de contexto histórico no surgimento e desenvolvimento do boxe (38,7%), e aparecimento de elementos das *prize-fighting* da Era Georgiana (32%) e Era Vitoriana (27%), concluímos que 47% é uma proporção positiva. Contudo, quem procura compreender o pugilismo estadunidense entre os séculos XVIII, XIX e nas primeiras duas décadas do XX, muitas referências não contemplaram nosso recorte temporal. Citamos, como exemplo, os trabalhos de Paulo Mendonça (1975), Loïc Wacquant (2002), George Foreman (2007), Alexandre Vaz (2007), Jeremy Schapp (2007), Flávio Mariante Neto, Carlos Miranda, Mauro Myskiw e Marco Stigger (2010b), Norman Mailer (2011), Arthur Nonin (2014) e Christina Abreu (2015). Todos estes autores abarcaram a história do boxe norte-americano, porém, analisando períodos mais contemporâneos, principalmente a partir de 1930, como as trajetórias de James Braddock, Muhammad Ali, George Foreman, entre outros.

Assim, se percebe que o editorial brasileiro concentrou-se mais em traduzir livros que retratam grandes pugilistas norte-americanos, envolvidos em batalhas memoráveis, que inclusive viraram filmes e documentários (como Muhammad Ali e George Foreman). É assim que nós, leitores da língua portuguesa, ficamos sabendo do boxe profissional norte-americano. A investigação acadêmica estatunidense é ainda pouco conhecida no Brasil. Como já citamos anteriormente, a Revista Recorde (UFRJ) tem sido uma das poucas que fizeram e fazem tal interlocução. Como exemplos, lembramo-nos dos textos traduzidos de T. J. Desch Obi (2011), Christina Abreu (2015) e Cathy Van Ingen (2016).

Portanto, as informações que possuímos sobre o processo de constituição do boxe norte-americano são tão limitadas quanto os demais temas bibliográficos já analisados. O que nos permite concluir que o conhecimento a respeito da história do boxe é diminuto e precário em todos os sentidos. Portanto, este é o argumento que sustentamos de forma geral. Assim, entre as vinte e seis obras que restaram (pois dez delas não contemplam o período), o que estes textos podem contribuir para uma primeira visão do boxe norte-americano? Quais temas foram mais abordados? E quais foram negligenciados? É isso que iremos fazer logo a seguir.

\*\*\*

Quando se fala em história do boxe nos Estados Unidos a imagem mais recorrente é a do épico combate entre John Sullivan e Jack Kilrain, disputado em 08 de junho de 1889, com duração de 75 *rounds* e mais de duas horas de peleja (FARIA, 1960, p. 15). O fato de ter sido a última luta com punhos nus (ao estilo *bare-knuckle prize-fighting*) e noticiada amplamente pela imprensa, pode explicar a habitual lembrança. A bibliografia nacional tem tratado o pugilismo norte-americano como um fenômeno do fim do século XIX e começo do século XX. Poucos textos buscaram compreender seu processo de constituição, aos moldes do que percebemos na Inglaterra, entre os séculos XVII a XIX. Ou seja, como diversas lutas populares e tradicionais tornaram-se reguladas – ou resistiram a esta regulação - com o passar do tempo num contexto específico de transformação, modernização e civilidade?

No capítulo anterior, mencionamos a luta entre Tom Sayers (campeão inglês) e John Heenan (campeão norte-americano) no ano de 1860. Foi o último grande confronto de *prize-fighting* em terras britânicas. A bibliografia nacional, em sua maioria, apontou para este período como sendo a consolidação das lutas premiadas nos Estados Unidos. Segundo Jéssica Graham, “nos anos entre a Guerra Civil e a Primeira Guerra Mundial, a chamada Época da Corporação, ampliou-se o sentido do boxe como ícone de masculinidade e coragem” (GRAHAM, 2008, p. 100). A Guerra de Secessão ocorreu entre os anos de 1861 e 1865, e como já salientamos épocas de confronto tornava o boxe mais popular, propício e desejável (KARNAL, 2011, p. 129).

Taciano de Oliveira e Dirceu Miranda Rosa, por exemplo, já apontavam importantes combates pugilísticos na década de 1850, citando as lutas de Braney Aaron e J. Monaghan, em 1858, em *Providence*, em *Rhode Island* (OLIVEIRA & MIRANDA ROSA, 1924, p. 24). De fato, segundo Feitosa, Leite & Lima, o boxe teria de centrado nos Estados Unidos entre os anos de 1850 e 1920 (FEITOSA, LEITE & LIMA, 2006, p. 889). Esta visão de transição, entre a decadência das *prize-fighting* na Grã-Bretanha e a ascensão do pugilismo nos Estados Unidos, foi muito presente em outros textos. Para Sílvia Vieira e Armando Freitas, “pouco a pouco, [os ingleses] começaram a dividir os louros de suas vitórias com os norte-americanos [...] já que estes foram colônia inglesa e sofreram influência direta da cultura britânica” (VIEIRA & FREITAS, 2007, p. 13).

Alguns autores não foram tão objetivos quanto às datas, apenas indicando o século XIX como fase da chegada ou surgimento do boxe na América. Lucas Soltermann afirmou que “ao longo do século XIX os Estados Unidos foram gradualmente substituindo a Inglaterra, tanto como o lugar principal dos combates, como a origem dos pugilistas mais destacados” (SOLTERMANN, 2009, p. 19). Para Henrique Nicolini, “o pugilismo emigrou da Inglaterra vitoriana para os Estados Unidos, onde a modalidade [...] foi recebida com grande entusiasmo e encontrou um terreno fértil para prosperar” (NICOLINI, 2001, p. 172).

No geral, portanto, observamos maior ênfase da bibliografia para a figura de John Sullivan, grande campeão de *bare-knuckle prize-fighting* entre os anos 1882 e 1892. Ernani Nogueira ao tratar do pugilismo norte-americano partiu das lutas de Sullivan, destacando seu embate contra o irlandês Paddy Ryan, que lhe concedeu o título de campeão, em 1882 (NOGUEIRA, 1954, P. 42). Juvenal Queiroz, igualmente, iniciou a história do boxe estadunidense partindo de John Sullivan, sendo este o último campeão de *prize-fighting* (mãos nuas), pelas Regras de Londres (1838), e o primeiro com uso de luvas, a partir das Regras de Queensberry (1867) (QUEIROZ, 1989, p. 30). Todos lutadores anteriores a Sullivan foram britânicos: Paddy Ryan, Joe Goss, Tom Allen, Jem Mace, Tom King, dentre outros. E Joe Goss e Jem Mace, ambos deixaram a Inglaterra para residir nos Estados Unidos, entre as décadas de 1860 e 1870, para trabalhar em circos e realizar turnês artísticas e esportivas.

Contudo, outros pesquisadores já mencionaram a presença do pugilismo norte-americano em fins do século XVIII e início do século XIX. José Flores Júnior, por exemplo, afirmou que nos Estados Unidos o boxe “era considerado ilegal na maioria dos estados americanos. Seus praticantes e fãs precisavam estar atentos à ação da polícia e de outras autoridades” (FLORES JÚNIOR, 2001, p. 22). Estas informações sobre a ilegalidade do pugilismo nos Estados Unidos não aparecem nos demais textos da produção nacional. Apenas José Flores Júnior dá relevo a este fato, destacando ainda que “as lutas eram de caráter brutal e selvagem, [além das] apostas que frequentemente causavam distúrbios de conduta nos combatentes. Assim, nos Estados Unidos, as primeiras lutas por títulos foram travadas em locais afastados” (FLORES JÚNIOR, 2001, p. 22). Por este relato, estes combates se assemelhavam as lutas premiadas inglesas. Entretanto, é preciso compará-las e diferenciá-las, o que o autor acima não o



fez. Corre-se o risco, assim, de apenas perceber semelhanças e cremos que ao longo dessa pesquisa veremos muitas divergências entre as experiências pugilísticas da Inglaterra e dos Estados Unidos.

Em síntese, os textos de Oliveira & Miranda Rosa (1924), Mário Ramos (1941), Waldemar Zumbano (1951), Juvenal Queiroz (1989), Lucas Soltermann (2009), Tirezah Souza (2012) e Vieira & Freitas (2007) apresentaram informações parecidas entre si, localizando o pugilismo americano em meados do século XIX, contudo, sem caracterizá-lo mais profundamente, não dando pistas sobre que tipo de luta era praticado (ou que regras eram obedecidas), em comparação *as prize-fighting* britânicas ou lutas locais tradicionais. Como já destacamos na introdução e no primeiro capítulo, a bibliografia nacional não considera o boxe como um objeto de pesquisa, não o analisa nem o investiga atentando para sua complexidade. É nesse ínterim que propomos a contribuição deste trabalho

T. J. Desch Obi foi o único autor que buscou investigar as origens das *bare-knuckle prize-fighting* nos Estados Unidos. Ao analisar a trajetória de Bill Richmond, “o primeiro astro afro-americano do boxe profissional”, Obi abordou algumas práticas de lutas desenvolvidas nas colônias americanas antes mesmo da chegada das *prize-fights* britânicas (OBI, 2011, p. 2). Afinal, quais foram as lutas que influenciaram o estilo de combate de Bill Richmond?

Para começar, o autor destaca vestígios de uma cultura angolana de luta intitulada *Kandeka* (boxe de tapa) e *Kick-boxing Engolo* (praticados em cerimônia de cura, ou como entretenimento e também para autodefesa) que priorizava a guarda, ao invés do ataque. Os cativos e ex-escravizados que vinham do continente africano por meio do tráfico negreiro, faziam usos de elementos dessas tradições em solo norte-americano (OBI, 2011, p. 6). Como havia uma relação de metrópole e colônia entre Inglaterra e Estados Unidos, possivelmente marujos ingleses praticaram as lutas premiadas na costa americana. Contudo, para Desch Obi, “a arte do boxe ao estilo inglês nunca se enraizou entre os euro-americanos da colônia” (OBI, 2011, p. 7). Ao contrário, segundo o autor havia um “violento boxe sem lei” praticado pelos colonos americanos. Conforme Desch Obi “esse estilo de combate mais tarde veio a se chamar *Arranca-Olho* [*Eye Gouging*] em reconhecimento a sua ênfase em mutilar o oponente

arrancando-lhe um olho (com os dedos) ou um pedaço da face (com os dentes)” (OBI, 2011, p. 7). Era também conhecido como *Rough-And-Tumble*.

Estes elementos se tornam interessantes, pois percebemos influências de outros tipos de lutas anteriores<sup>254</sup> às *prize-fighting* britânicas. Em outras palavras, é preciso levar em conta as tradições já existentes, como *Kandeka*, o *Engolo*, *Eye Gouging* (*Arranca-olhos*) e as *Rough-And-Tumble*, atentando para as formas como as mesmas se amalgamaram entre si. Da mesma forma, como os praticantes dessas lutas ressignificaram golpes e posturas de combate no que futuramente seria a luta premiada. Desch Obi também afirma que a luta entre escravizados em *plantations* norte-americanas eram muito comuns. Segundo o autor, eram “usados como gladiadores para diversão e potencial lucro dos proprietários das plantações” (OBI, 2011, p. 9)

Estes combates eram parecidos com o estilo “vale tudo”, em que “nada era proibido, exceto as facas e os porretes” (OBI, 2011, p. 11). Os lutadores podiam bater, chutar, morder e dar cabeçadas em qualquer parte do corpo do adversário. Porém, ao longo do século XIX a cidade de Nova York “tornou-se ponto de transição permitindo lutadores negros com conhecimento de “bate e chuta” se adaptarem as regras como as do boxe a dinheiro inglês” (OBI, 2011, p. 15). Assim, fica evidente pelo artigo de T. J. Desch Obi que o boxe norte-americano não surgiu em meados do século XIX, nem com as vitórias de John Sullivan em 1882, muito menos com as Olimpíadas de Saint Louis, em 1904. O pugilismo já vinha passando por um processo de constituição desde o século XVIII. É a partir dessa problematização que queremos investigar esse percurso.

\*\*\*

Se considerarmos o pugilismo uma prática de combate essencialmente inglesa não seria errado dizer que este chegou à América no século XIX. Contudo, ao nos debruçarmos sobre a trajetória da Nobre Arte nos Estados Unidos percebemos a importância das lutas tradicionais como ponto de partida para pensarmos o surgimento

---

<sup>254</sup> ANEXO 13 - Processo de constituição do boxe moderno, Inglaterra/Estados Unidos (Séculos XVIII, XIX e XX). Observação: Entendemos que a história das lutas, do pugilismo em específico, parte de uma inter-relação entre três dimensões: as lutas tradicionais (duelos, conflitos pela honra, vingança, defesa da masculinidade, etc), os esportes de combate (boxe enquanto prática esportiva, treinamento e ginástico) e o boxe profissional (com apostas, um negócio lucrativo). Assim, consideramos que nosso objeto só pode ser percebido no diálogo dessas dimensões, já que as lutas reguladas ou não, são fenômenos socialmente construídos. Iremos apresentar nosso argumento com detalhes ao longo da tese.

do boxe no Novo Mundo. Os historiadores que se dedicaram a pesquisar as *prize-fighting* na Inglaterra, como Robert Malcomson (1971 e 1984), Dennis Brailsford (1982 e 1985), Kennety Sheard (1997), Jack Anderson (2001) e Kasia Boddy (2008), entre outros, não chegaram a investigar o impacto da influência dos ajustes de contas ou das resoluções de conflitos do cotidiano para a criação de uma cultura popular de lutas. De fato, sabemos da existência de pugilismo vale-tudo, não regulado, como parte dos conflitos entre barqueiros, ferreiros, açougueiros, enfim, de feirantes que trabalhavam em Londres, próximos ao Rio Tâmis (FEITOSA, LEITE & LIMA, 2006, p. 890). Entretanto, o quanto essa cultura popular de acerto de contas influenciou as *prize-fighting*, é uma questão que ainda está em aberto.

Muito antes de o boxe inglês chegar à América, em parte pela imigração de pugilistas perseguidos ou descontentes com os desdobramentos da Era Vitoriana inglesa (1837-1901), os colonos americanos tinham formas “rudes” e tradicionais de resolver seus conflitos. Com isso, percebemos que aquilo que conhecemos atualmente como boxe (amador ou profissional) passou por um longo e complexo processo, envolvendo uma combinação entre as lutas tradicionais (constituídas no âmago da cultura popular, com rituais e simbolismos próprios), os primeiros regulamentos das *prize-fighting*, que futuramente dariam lugar ao boxe profissional e, concomitante, os *sparring-match*, um tipo de treinamento e exercício que seria o antecessor do boxe amador e olímpico.

A história de cada uma dessas lutas não pode ser observada em separado, mas sim como um processo de influências recíprocas, que contribuiu para a constituição do boxe como modalidade de luta. William Almeida, por exemplo, afirma que atualmente muitos jovens precisam decidir qual vertente do boxe seguir, o profissional ou o amador (ALMEIDA, 2016, p. 218).<sup>255</sup> O fato é que esta divisão é histórica, por vezes, artificial. São divisões conflituosas que acompanham a longa tensão do boxe, desde pelo menos o século XVIII, entre esporte e profissão, lazer e trabalho, e entre classes sociais: nobreza, aristocracia e trabalhadores.

---

<sup>255</sup> “A literatura analisada e os relatos dos atletas não deixam dúvidas que existe um conflito de poder: de um lado estão os empresários, que visam um boxe profissional e seus lucros. Do outro, estão as confederações e a AIBA, entidade que luta para manter a exclusividade do boxe olímpico e vê na criação de uma liga profissional com seus atletas a chance de atraí-los e evitar a perda de talentos para outras entidades” (ALMEIDA, 2016, p. 218).

Elliot Gorn foi um dos historiadores estadunidense a destacar as *Rough-And-Tumble* e o *Eye-Gouging* como práticas de combates tradicionais e usuais ao sul das colônias americanas. Elliot Gorn, em seu clássico artigo "*Gouge and Bite, Pull Hair and Scratch*": *The Social Significance of Fighting in the Southern Backcountry* observou que as lutas são reveladoras de uma cultura popular de honradez, vingança e ajuste de contas que antecedeu ao boxe moderno. Segundo Gorn, "como os homens lutam, seus participantes e espectadores, quais as regras eram seguidas, o que está em jogo no combate, os golpes permitidos, revela muito sobre culturas e sociedades passadas" (GORN, 1985, p. 18).<sup>256</sup> Isto é, ao se estudar o boxe busca-se compreender os significados, motivações, representações e simbolismos em torno da peleja (e não apenas o seu resultado).

Elliot Gorn utilizou o diário do missionário presbiteriano Philip Fithian (1747-1776), que foi professor particular dos filhos de Robert Carter III (1727-1804), um político e aristocrática da Virgínia, como fonte para compreender as lutas tradicionais da colônia. Este diário é considerado um dos primeiros registros sobre a história da Virgínia, contendo informações sobre a escravidão, a educação, a religião e o que mais nos interessa: as lutas e o entretenimento. Para Fithian, insultos e xingamentos, "e outros milhões de motivos insignificantes e ridículos eram aceitos como causas para uma disputa imediata" (GORN, 1985, p. 19).<sup>257</sup> Fithian não entendia como "tais ofensas triviais causavam uma batalha tão sangrenta". Obviamente, sua formação moral (evangélica) e intelectual (ele estudou em Princeton), somado ao fato que de ter nascido em New Jersey, não lhe permitia entender os reais motivos das contendas entre os colonos do Sul.

Philip Fithian descreveu as lutas como "*fist battles*" ("batalha de punhos"), e segundo Gorn, "elas geralmente começavam como lutas a prêmio inglesas, já que dois homens, cercados de espectadores, deram-se golpes, até que um derrubou ou foi

---

<sup>256</sup> Tradução nossa. Original: "Although historians are more likely to study people thinking, governing, worshipping, or working, how men fight-who participates, who observes, which rules are followed, what is at stake, what tactics are allowed-reveals much about past cultures and societies".

<sup>257</sup> Tradução nossa. Original: "Fithian could not understand how such trivial offenses caused the bloody battles".

derrubado” (GORN, 1985, p. 20).<sup>258</sup> É interessante que o diário de Fithian é do ano 1774, anterior a Era de ouro do pugilismo na Inglaterra (1780-1820), mas houve tempo suficiente para que os colonos americanos soubessem das *prize-fighting* inglesas, por mais que estas não tivessem se arraigado como cultura popular naquele momento.

Entretanto, o missionário presbiteriano pareceu bastante chocado com o que viu a seguir. De acordo com Gorn, “a semelhança cessou [em relação às *prize-fighting*]. Considerando que as “Regras de Broughton” indicavam que um *round* terminava quando o antagonista caía, os *bruisers* [homens fortes] do sul, apenas começavam a lutar nesse ponto” (GORN, 1985, p. 20).<sup>259</sup> Neste contexto compreendemos a essência das lutas *Rough-And-Tumble* e *Eye Gouging*, pois estes combates não tinham regras escritas, e o auge do confronto era a mutilação de olhos, lábios, narizes e testículos do oponente.

Obviamente, não é exatamente a violência destas lutas que nos interessa. Mas sim, a cultura e o imaginário popular local que lhe dava sentido. Por exemplo, as *Rough-And-Tumble*, que podem ser traduzidas também como lutas “sem regras ou organização” ou, ainda, “desordenadas”, surgiram não por questões econômicas, mas principalmente por motivos culturais e simbólicos que eram representativos para os moradores rurais ao sul das colônias americanas. Nestas lutas, podia-se chutar, morder, arranhar ou o puxar cabelo. Os lutadores afixavam suas unhas a fim de realizar o golpe final, o *Eye Gouging* (Arranca-olhos).<sup>260</sup> Segundo Elliot Gorn, “arrancar os olhos do oponente rapidamente se tornou o caminho mais seguro de um lutador para a vitória e sua realização trazia prestígio [...] [o globo ocular] era preservado como um troféu” (GORN, 1985, p. 20).<sup>261</sup> Assim, o *Eye Gouging* confundia-se, por vezes, com as *Rough-And-Tumble*, já que se tornou o “nocaute”, o golpe principal e mais aguardado pelos espectadores.

---

<sup>258</sup> Tradução nossa. Original: “[...] indicate that they generally began like English prize fights. Two men, surrounded by onlookers, parried blows until one was knocked or thrown down.”

<sup>259</sup> Tradução nossa. Original: “But there the similarity ceased. Whereas “Broughton's Rules” of the English ring specified that a round ended when either antagonist fell, southern bruizers only began fighting at this point”.

<sup>260</sup> ANEXO 14 - Mãos de um lutador de arranca olhos.

<sup>261</sup> Tradução nossa. Original: “Somne allegedly filed their teeth to bite off an enemy's appendages more efficiently. Still, liberating an eyeball quickly became a fighter's surest route to victory and his most prestigious accomplishment. To this end, celebrated heroes fired their fingernails hard, honed them-i sharp, and oiled them slick”.

As *Rough-And-Tumble* não eram lutas usuais em todas as colônias americanas. Por meio de diários e relatos de viajantes, ficamos sabendo que este tipo de duelo pela honra era mais presente no sul<sup>262</sup>, principalmente nas colônias da Carolina do Norte, Kentucky, Tennessee, Geórgia, Alabama e Mississipi (GORN, 1985, p. 21).<sup>263</sup> Nestas regiões, o estilo de vida rural dos colonos, baseado em caça, pesca e pastoreio, ou seja, em agricultura de semi-subsistência, formava um ambiente propício para que os “homens procurassem afirmar sua proeza [...] acima de tudo, recreações brutais endureciam os homens para uma vida social violenta na qual a luta feroz pelo *status* era sua realidade diária” (GORN, 1985, p. 22).<sup>264</sup>

Esta era uma experiência que cavalheiros como o missionário Pilhip Fithian não compreendiam. Segundo Elliot Gorn, homens como Fithian, nascidos em colônias centrais ou ao norte, buscavam “alternativas para brigas e as encontravam imitando a aristocracia inglesa. Alguns cavalheiros tomavam lições de boxe com professores de pugilismo ou assistiam exposições de *sparring*” (GORN, 1985, p. 22).<sup>265</sup> Os valores e conceitos de Fithian, de fato, contrastavam com os *bruisers* do sul, mas certamente as lutas e os ajustes de contas faziam sentido para aqueles indivíduos.

Outro jovem cavalheiro que passou pela região das *Rough-And-Tumble* foi o pastor presbiteriano Timothy Flint (1780-1840), nascido nas colônias do Norte, em Massachusetts. De acordo com Elliot Gorn, Timothy Flint ficou “perplexo ao ser dito que um homem de aspecto bárbaro era o melhor do lugar, [...] o melhor não significava o mais moral, próspero ou piedoso, mas o campeão local de arranca olhos” (GORN, 1985, p. 23).<sup>266</sup> Os conceitos caros ao pregador como moralidade, prosperidade e piedade, base de sua formação ministerial, eram divergentes dos moradores de

---

<sup>262</sup> ANEXO 15 – Mapa dos Estados Unidos, início do século XIX. Estados onde ocorreram as *rough-and-tumble*.

<sup>263</sup> Tradução nossa. Original: “Thus, the settlers of western Carolina, Kentucky, and Tennessee, as well as upland Mississippi, Alabama, and Georgia, became especially known for their pugnacity”.

<sup>264</sup> Tradução nossa. Original: “Above all, brutal recreations toughened men for a violent social life in which the exploitation of labor, the specter of poverty, and a fierce struggle for status were daily realities”.

<sup>265</sup> Tradução nossa. Original: They sought alternatives to brawling and found them by imitating the English aristocracy. A few gentlemen took boxing lessons from professors of pugilism or attended sparring exhibitions given by touring exponents of the manly art”.

<sup>266</sup> Tradução nossa. Original: “Flint was therefore perplexed when told that a barbarous-looking man was the “best” in one settlement, until he learned that best in this context meant not the most moral, prosperous, or pious but the local champion who had whipped all the rest, the man most dexterous at extracting eyes”.

Mississippi. Entretanto, por mais “incivilizados” e “bárbaros” que estes colonos fossem representados nos diários de viajantes, a prática das *Rough-And-Tumble* fazia parte de uma “tradição de vanguarda”, símbolo de luta, resistência e coragem, que foi posteriormente ressignificada pelos patriotas da Independência.

Entre os testemunhos de missionários e viajantes ingleses que passavam pelas colônias do Sul, alguns afirmavam, como o explorador Thomas Anburey (1759-1840), “que uma luta premiada inglesa era a própria humanidade em comparação com o combate da Virgínia” (GORN, 1985, p. 24).<sup>267</sup> “O combate da Virgínia”, aqui, é uma referência as *Rough-And-Tumble*. Estas práticas brutais não se comparavam as *prize-fighting*, que seguiam as Regras de Broughton. Outro explorador britânico, Thomas Ashe (1770-1835), relatou que os *gouging* (lutadores de *Rough-And-Tumble*), eram “especializados em beber, saquear propriedades indígenas, apostar em corridas de cavalo e em brigas de galo” (GORN, 1985, p. 25).<sup>268</sup> Thomas Ashe escreveu um interessante e precioso testemunho sobre a motivação e desencadeamento de uma luta entre arrancadores de olhos:

Dois homens bebendo em um *sallon* discutiram sobre os seus próprios cavalos. Fizeram apostas e galoparam para o campo de corrida. Dois terços da população seguiram: ferreiros, carpinteiros, todos os trabalhadores: a cidade apareceu um deserto. [...] Ashe dirigiu-se para a pista. Ele perdeu a parte inicial, mas chegou a tempo de ver a multidão aumentar as apostas para induzir uma revanche. Seis cavalos competiram, e os espectadores apostam uma pequena fortuna, mas os resultados não foram conclusivos. Opiniões dos árbitros foram dadas e rejeitadas. Começou uma discussão acarolada, então os punhos voaram. Logo, o corpo a corpo se estreitou para dois indivíduos, um colono de Virgínia e um de Kentucky. Como as lutas eram comuns, todos conheciam os procedimentos adequados, e os combatentes rapidamente decidiram “*tear and rend*” [rasgar violentamente], que se referia a luta *Rough-And-Tumble*, ao invés da luta justa [Regras de Broughton] [...] A batalha começou: tamanho e poder de um lado, com o combatente do Kentucky, e ciência e carpintaria naval com o lutador da Virgínia. [...] Eles trocaram golpes cautelosos, quando, de repente, o *Virginian* pulou contra o oponente com a ferocidade de uma pantera. A multidão gritou de aprovação quando a luta atingiu seu desenlace violento: o choque recebido pelo Kentucky e a falta de ar, trouxe imediatamente para o chão [...]. Mas a luta continuou. O *Kentuckian* agarrou seu oponente e segurou-o em um forte abraço de urso, forçando o *Virginian* a abandonar seu aperto facial. [...] O *Virginian* rapidamente se recuperou, agarrou o lábio inferior do *Kentuckian* nos dentes e o rasgou sobre o queixo do inimigo. Isso foi o suficiente: [...] O

---

<sup>267</sup> Tradução nossa. Original: “Anburey concluded that an English prize fight was humanity it self compared to Virginia combat”.

<sup>268</sup> Tradução nossa. Original: “Ashe attributed this backwardness to the town's frontier ways, which attracted men who specialized in drinking, plundering Indian property, racing horses, and watching cockfight”.

pobre miserável, cujos olhos iniciaram de suas esferas, e cujo lábio recusou seu ofício, retornou à cidade. Os cidadãos se refrescaram com whisky e biscoitos, depois retomaram a suas corridas (GORN, 1985, p. 25 e 26).<sup>269</sup>

A partir deste registro, percebe-se que os homens não iniciaram um confronto corporal de imediato. Ao discutirem sobre a quem pertencia o melhor cavalo, os colonos estavam disputando outras questões, muito além da raça ou qualidade do animal, mas elementos que envolviam a defesa de sua honra e identidade regional. A Virgínia foi a primeira colônia inglesa na América e a região de Kentucky foi disputada entre a Pensilvânia e a Virgínia, sendo que tornou-se estado americano independente apenas em 1792 (KARNAL, 2011, p. 42). Entre os anos de 1774 e 1792, o Kentucky pertencia a Virgínia, e o relato de Thomas Ashe foi de 1806. Ou seja, fazia pouco tempo que o Kentucky tinha se emancipado e as fronteiras e as identidades ainda estavam em jogo e sendo construídas.

Outro fato interessante é que “dois terços da população os seguiram”. As corridas de cavalo já eram tradicionais entre os colonos, mas cremos que a aposta foi o elemento atrativo. Ou seja, todos queriam ver as identidades regionais em tensão e disputa. Obviamente, nenhum dos dois queria perder a aposta, muito menos os apostadores desperdiçar seu dinheiro. Quem estava certo ou errado na corrida de cavalos, francamente, não nos interessa. Mas sim que a partir dali os homens de Kentucky e da Virgínia iniciaram uma “discussão acalorada” que se seguiu na luta descrita acima.

---

<sup>269</sup> Tradução nossa. Original: “Two men drinking at a public house argued over the merits of their respective horses. Wagers made, they galloped off to the race course. “Two thirds of the population followed: -blacksmiths, shipwrights, all left work: the town appeared a desert [...] Ashe headed for the track. He missed the initial heat but arrived in time to watch the crowd raise the stakes to induce a rematch. Six horses competed, and spectators bet a small fortune, but the results were inconclusive. Umpires' opinions were given and rejected. Heated words, then fists flew. Soon, the melee narrowed to two individuals, a Virginian and a Kentuckian. Because fights were common in such situations, everyone knew the proper procedures, and the combatants quickly decided to “tear and rend” one another-to rough-and-tumble rather than “fight fair [...] The battle began-size and power on the Kentuckian's side, science and craft on the Virginian's. They exchanged cautious throws and blows, when suddenly the Virginian lunged at his opponent with a panther's ferocity [...] But the fight continued. The Kentuckian grabbed his smaller opponent and held him in a tight bear hug, forcing the Virginian to relinquish his facial grip. Over and over the two rolled, until, getting the Virginian under him, the big man “snapt off his nose so close to his face that no manner of projection remained.” The Virginian quickly recovered, seized the Kentuckian's lower lip in his teeth, and ripped it down over his enemy's chin. This was enough: “The Kentuckian at length gave out, on which the people carried off the victor, and he preferring a triumph to a doctor, who came to cicatrize his face, suffered himself to be chaired round the ground as the champion of the times, and the first rougher-and-tumbler. [...] The citizens refreshed themselves with whiskey and biscuits, then resumed their races”.



Chamou-nos atenção o fato de que “todos conheciam os procedimentos adequados” e que “os combatentes rapidamente decidiram” pela *Rough-And-Tumble* (GORN, 1986, p. 26).<sup>270</sup> Talvez houvesse situações que poderiam ser resolvidas com as lutas premiadas, entretanto, naquele caso rapidamente se acordou que o conflito seria resolvido pelo modo “mais rude”. Thomas Ashe diferenciou os lutadores descrevendo suas qualidades: “tamanho” e “poder” para o homem de Kentucky; “ciência” e “carpinteiro naval [profissão especializada]” para o de Virgínia. É curioso que em nenhum momento os nomes dos lutadores foram revelados.

De fato, o que pareceu importar foi o lugar de nascimento e a herança cultural que cada um possuía. Segundo Karnal, “a Virgínia era a mais povoada das colônias inglesas na América, com 284 mil habitantes” (KARNAL, 2011, p. 66). Assim, parece que o homem da Virgínia, considerado científico, um profissional especializado e que vivia próximo da vida marítima, representava um grande centro urbano e cosmopolita, sendo que o sujeito de Kentucky era um indivíduo caracterizado por seu tamanho e força (“forte abraço de urso”), elementos fundamentais da vida dura e difícil do interior.

O combate foi intenso, mas terminou com a vitória do *Virginian*. O fato de ter rasgado o lábio do oponente significou a derrota do mesmo. Isso porque retirar com os dentes parte da carne do rival tinha o sentido de recuperar a honra que havia sido perdida ou afrontada (OBI, 2011, p 7). Por fim, após o combate servir de ajuste de contas, entretenimento e forma de ganhar – ou perder – dinheiro, os cidadãos voltaram ao *saloom* onde tudo havia começado. Lutas como essa descrita acima não foram incomuns. Nos diários de Thomas Ashe, o mesmo afirma que “poucas noites se passaram sem tais lutas. Poucas manhãs não traziam um novo cidadão com rosto mutilado. Era um gosto regional, sem restrições por lei ou autoridade” (GORN, 1985, p. 27).<sup>271</sup>

As *Rough-And-Tumble* também foram populares por fazerem parte do “rico folclore rural” dos sulistas. De acordo com Gorn, “conversas altas em torno de uma fogueira, em uma taberna, em frente a uma loja de esquina, ou em inúmeros outros locais, ajudaram a estabelecer vínculos comunais entre diversas pessoas” (GORN, 1985,

---

<sup>270</sup> Ver citação anterior.

<sup>271</sup> Tradução nossa. Original: “Few nights passed without such fights; few mornings failed to reveal a new citizen with mutilated features”.

p. 28).<sup>272</sup> A tradição oral foi responsável pela propagação e teatralização dos embates de *gouging*, pois os homens se gabavam e exibiam suas proezas nos combates, mostrando seu poder de dominação sobre o oponente. Mas ao mesmo tempo, as histórias contadas ao redor da fogueira, ou nos *saloons*, também dramatizavam e revelavam a ambiguidade e as tensões de quem vivia à margem da civilização. Por um lado destruíam florestas, abriam caminhos, enfrentavam os indígenas com o objetivo de colonizar e “civilizar” o Novo Mundo (GORN, 1985, p. 33).<sup>273</sup> Por outro, praticavam o *Eye Gouging* e as *Rough-And-Tumble*, como entretenimento e diversão, mas também como resolução de conflitos do cotidiano, envolvendo apostas, questões de honra e identidade, vingança, traição, roubo, etc.

Evidentemente, apesar de toda brutalidade das lutas tradicionais dos sulistas, o embate possuía também simbolismos que marcavam códigos informais, costumes e rituais que a diferenciavam de um “comportamento instintivo, equivalente a dois carneiros que disputavam o domínio” (GORN, 1985, p. 34).<sup>274</sup> Assim, de acordo com Gorn, “embora a luta pareça brusca e primitiva aos olhos modernos, não há dúvidas que suas origens estão relacionadas a rituais, técnicas e objetivos que foram enfaticamente condicionados pelo meio ambiente” (GORN, 1985, p. 34).<sup>275</sup> Assim, para o autor o *Eye Gouging* foi um comportamento aprendido, parte de uma cultura popular de acerto de contas, experimentado por caçadores, vendedores de peles, trabalhadores braçais e ribeirinhos, todos estes, homens que tinham como cultura resolver conflitos na modalidade *Rough-And-Tumble*.

A condição destes homens era muito diferente daqueles que habitavam as grandes cidades, como Filadélfia (40 mil habitantes), Nova York (25 mil habitantes) e

---

<sup>272</sup> Tradução nossa. Original: “Tall talk around a campfire, in a tavern, in front of a crossroads store, or at countless other meeting places on the southwestern frontier helped establish communal bonds between disparate person”.

<sup>273</sup> Tradução nossa. Original: “The legends were texts that allowed plain folk to dramatize the tensions and ambiguities of their lives: they hauled society's goods yet lived on its fringe; they destroyed forests and game while clearing the land for settlement; they killed Indians to make way for the white man's culture; they struggled for self-sufficiency only to become ensnared in economic dependency.”

<sup>274</sup> Tradução nossa. Original: “Observers often accused rough-and-tumblers of fighting like animals. But eye gouging was not instinctive behavior, the human equivalent of two rams vying for dominance”.

<sup>275</sup> Tradução nossa. Original: “Although rough-and-tumble fighting appears primitive [...], there can be little doubt that its origins, rituals, techniques, and goals were emphatically conditioned by environment; gouging was learned behavior. Humanistic social science more than sociobiology holds the keys to understanding this phenomenon”.

Boston (12 mil habitantes) (KARNAL, 2011, p. 67). Seu cotidiano era muito distante dos valores da burguesia. Enfrentavam as intempéries da natureza, viviam separados de esposa e filhos, tinham apenas seus companheiros de trabalho ao seu lado. Onde as instituições jurídicas eram primitivas e o Estado se ausentava, os sulistas encontravam sua própria maneira de resolver desavenças (GORN, 1985, p. 36).<sup>276</sup> Neste contexto, “a pedra de toque da masculinidade era a dureza implacável, não o cavalheirismo, o dever ou a piedade” (GORN, 1985, p. 36).<sup>277</sup> As *Rough-And-Tumble*, portanto, eram “para homens cuja vida era difícil, cujas funções eram imprevisíveis e cujas oportunidades eram limitadas” (GORN, 1985, p. 36).<sup>278</sup>

As motivações para o início de luta de *gouging* eram variadas. Contudo, em muitos casos algumas ofensas eram o suficiente para iniciar uma peleja. Para Elliot Gorn, “a jurisprudência americana oferecia recursos legais para a calúnia e a difamação porque envolviam danos materiais. Mas insultar – manchar o bom nome de um homem – não implicava ferimento palpável, portanto, não existia aos olhos da lei” (GORN, 1985, p. 39).<sup>279</sup> Assim, manter a reputação diante da comunidade, da família e dos compatriotas era, para estes indivíduos, de suma importância. Estes homens precisavam sustentar seu *status* em uma sociedade agrária repleta de complexas relações, em que discursos de masculinidade, coragem e força eram bastante considerados. Precisavam responder a altura qualquer tipo de afronta, principalmente num contexto de difícil e fluída definição de hierarquia, de quem ocupava certos lugares na sociedade. Portanto, para Elliot Gorn a luta de *Rough-And-Tumble* “era mais do que um duelo entre homens

---

<sup>276</sup> Tradução nossa. Original: “On the margins of a booming, modernizing society, they shared an intensely communal yet fiercely competitive way of life. Thus, where work was least rationalized and specialized, domesticity weakest, legal institutions primitive, and the market economy feeble, rough-and-tumble fighting found fertile soil”.

<sup>277</sup> Tradução. Original: “The touchstone of masculinity was unflinching toughness, not chivalry, duty, or piety.”

<sup>278</sup> Tradução. Original: “Violent sports, heavy drinking, and impulsive pleasure seeking were appropriate for men whose lives were hard, whose futures were unpredictable, and whose opportunities were limited”.

<sup>279</sup> Tradução nossa. Original: “American jurisprudence, for example, offers legal recourse for slander and libel because they involve material damages. But insult-publicly smearing a man's good name and besmirching his honor-implies no palpable injury and so does not exist in the eyes of the law.”

pobres [...] era um rito único de honra [...] uma forma dos homens do interior gritarem sua igualdade uns aos outros” (GORN, 1985, p. 41).<sup>280</sup>

Desta forma, o *Eye Gouging* e as *Rough-And-Tumble* “não representava o animal humano [...] nem a luta darwiniana, ou sobrevivência, [...] mas foi um comportamento ritualizado, produto de pressupostos culturais específicos” (GORN, 1985, p. 42).<sup>281</sup> Ou seja, havia significado em cada postura e golpe desferido nas lutas tradicionais. Estas estavam imersas em condições econômicas, sociais e culturais do interior das colônias sulistas. Os lutadores de *gouging* eram “leais às suas localidades, às suas ocupações e uns aos outros [...] eles desejavam reconhecimento”, mas também, “rejeitavam valores burgueses [...] A reputação era tudo e as cicatrizes eram emblemas de honra [...] tudo para definir a posição de alguém” (GORN, 1985, p. 42).<sup>282</sup> Mas como os colonos do Norte resolviam seus conflitos? Como se deu a chegada e a ressignificação das *prize-fighting* inglesas?

No conhecido trabalho *The Manly Art – Bare-Knuckle Prize Fighting in America*, também escrito por Elliot J. Gorn, o autor busca analisar o surgimento das lutas premiadas nas colônias do Norte.<sup>283</sup> Em 1733 ocorreu um confronto em Boston, contudo, as expressões que definiam essa luta foram *English Fight* (luta inglesa) e *Boxing Match* (luta de boxe), possivelmente fazendo referência aos *sparring-match* ensinados no anfiteatro de James Figg. Alguns anos depois, dois soldados ingleses entraram em confronto “para resolver uma alegada afronta” (GORN, 1986, p. 36).<sup>284</sup> Mas não temos nenhum indício que esta peleja tenha sido uma *prize-fighting*. De acordo com Gorn, “talvez alguns americanos até começassem disputas entre soldados e marinheiros ingleses, mas tais incidentes continuaram incomuns” (GORN, 1986, p.

---

<sup>280</sup> Tradução nossa. Original: “While the gentleman's code of honor insisted on cool restraint, eye gougers gloried in unvarnished brutality. In contrast to duelists' aloof silence, backwoods fighters screamed defiance to the world. As their own unique rites of honor, rough-and-tumble matches allowed backcountry men to shout their equality at each other”.

<sup>281</sup> Tradução nossa. Original: “Eye gouging represented neither the “real” human animal emerging on the frontier, nor nature acting through man in a Darwinian struggle for survival, nor anarchic disorder and communal breakdown. Rather, rough-and-tumble fighting was ritualized behavior—a product of specific cultural assumptions”.

<sup>282</sup> Tradução nossa. Original: Reputation was everything, and scars were badges of honor. Rough-and-tumble fighting demonstrated unflinching willingness to inflict pain while risking mutilation—all to defend one's standing among peers—and became a central expression of the all-male subculture”.

<sup>283</sup> ANEXO 16 – Mapa das lutas de bare-knuckle entre 1820-1860. Destaque para os estados do Norte.

<sup>284</sup> Tradução nossa. Original: “A generation later two English soldiers garrisoned at Castle William in Massachusetts engaged in about to settle an alleged affront”.

36).<sup>285</sup> Em outras palavras, tanto as *prize-fighting* como os *sparring-match* não ocupavam ainda lugar de destaque no entretenimento ou na cultura popular colonial.

As coisas mudaram um pouco no início do século XIX, quando ocorreram duas famosas lutas entre o pugilista afro-americano Tom Molineaux e o campeão inglês, Tom Cribb, em 1811 e 1812. Segundo Jack Anderson, estiveram presentes nesses embates cerca de vinte mil pessoas (ANDERSON, 2001, p. 36).<sup>286</sup> Mais uma vez o combate foi marcado por disputas de identidades, mas agora não somente locais ou regionais, mas também nacionais e continentais. Igualmente, era uma luta que envolvia questões raciais, o que foi muito explorado pela imprensa britânica.

Anos antes, em 1805, outro afro-americano havia chegado a Grã-Bretanha, seu nome era Bill Richmond. Um pouco de sua trajetória foi compartilhada em nosso primeiro capítulo. Richmond teve uma longa e vitoriosa carreira como pugilista – perdendo apenas para Tom Cribb - principalmente por agregar experiências do Atlântico Negro, baseando-se em lutas tradicionais africanas, que lhe davam mais habilidade e desenvoltura (OBI, 2011, p. 25). Apesar dos britânicos acumularem uma longa experiência nas *prize-fighting*, o que tornava o pugilismo quase um sinônimo da identidade inglesa, Tom Molineaux cruzou o Atlântico e desafiou Tom Cribb para uma luta premiada.

Confrontos tradicionais rurais como o *Eye Gouging* e as *Roug-And-Tumble*, além das lutas de origem africana, *Kandeka* e *Kick Boxing Engolo*, faziam parte da bagagem cultural dos colonos e escravizados norte-americanos. Tanto Bill Richmond como Tom Molineaux, obtiveram fama em Nova York, local que “sediava uma florescente subcultura pugilística negra [...] e guardava uma tradição cultural de disputas sob a forma de luta, incluindo boxe a dinheiro” (OBI, 2011, p. 13 e 14). Contudo, os embates de Richmond e Molineaux contra Cribb, no início do século XIX, não chegaram a impressionar os norte-americanos. De acordo com Gorn, “a luta de Molineaux não foi muito alardeada pela imprensa americana [...] poucos sabiam seu

---

<sup>285</sup> Tradução nossa. Original: “Perhaps some Americans even began to emulate English soldiers and sailors. But such incidents remained uncommon.”

<sup>286</sup> Tradução nossa. Original: “. Massive crowds continued to attend prizefights and it is estimated that up to 20,000 people attended the second Cribb v Molyneux fight of 1811”.

nome [...] o que nos leva à conclusão de que o interesse americano não era amplo nem profundo” (GORN, 1986, p. 34).<sup>287</sup>

Em relação às *prize-fighting* inglesas, os americanos conheciam as Regras de Broughton, no entanto, nem sempre as seguiam, pois adaptavam e ressignificavam conforme seus costumes e percepções. Por exemplo, enquanto os lutadores premiados britânicos respeitavam o adversário caído, os colonos americanos atacavam o oponente se o mesmo “fizesse o menor movimento para se levantar, tendo o outro direito de bater nele novamente e forçá-lo a permanecer no chão” (GORN, 1986, p. 37).<sup>288</sup> O fato de não “reproduzirem fielmente o ringue inglês”, não deslegitimava o pugilismo estadunidense, pelo contrário, pois o coloca numa posição privilegiada de análise, como um fenômeno socialmente e historicamente construído.

Alguns destes primeiros registros apontam que os encontros ocorriam por “rixas ocasionadas pela embriaguês, mas o início das brigas era como espetáculos ritualizados, regidos e repetitivos” (GORN, 1985, p. 38).<sup>289</sup> Diferente da Inglaterra, onde as *prize-fighting* aconteciam em lugares afastados, normalmente em fazendas de aristocratas, as *bare-knuckle* (mãos nuas) americanas organizavam pejejas na cidade, à noite, evitando chamar a atenção da polícia. Entretanto, isso não desqualificava o ritual dos combatentes. Parece que igualmente como ocorria nas colônias do Sul, os colonos do Norte que se envolviam em contendias tinham acordos já estabelecidos. Como aponta Gorn, “os homens concordavam onde eles iriam lutar antecipadamente [...] Eles lutavam sem interferência e os espectadores formavam um ringue humano do qual aplaudiam e apostavam [...] as batalhas eram assuntos estruturados” (GORN, 1986, p. 38).<sup>290</sup>

---

<sup>287</sup> Tradução nossa. Original: “While tens of thousands of Englishmen could recite Molineaux's exploits, relatively few Americans even knew his name.' No doubt word of his deeds circulated orally, but the sparseness of documentary evidence forces us to the conclusion that American interest was neither broad nor deep”.

<sup>288</sup> Tradução nossa. Original: “At each new clash, they draw back, and start again from the mark. If one of the two has fallen in one of these attacks, his adversary cannot touch him as long as he is on the ground; but if he makes the slightest movement to get up, the other has the right to hit him again and force him to remain on the ground.”

<sup>289</sup> Tradução nossa. Original: “He described not simply brawls occasioned by inebriation or quarrelsomeness but the beginning of fistfighting as ritualized, rule-bound, repeatable spectacles”.

<sup>290</sup> Tradução nossa. Original: “There was a strong element of ceremony here. The men agreed where they would fight ahead of time, stripped in a certain way, came up to the scratch, began with an agreed signal, refrained from hitting each other while down. They fought without interference, and the spectators formed a human ring from which to cheer and wager”.

A partir da segunda década do XIX, os marinheiros mercantes ingleses passaram a retomar seus negócios comerciais com os Estados Unidos. Segundo Gorn, a luta entre Jacob Hyer, marinheiro, e Tom Beasley, açougueiro, em 1816, “marcou um novo divisor de águas” (GORN, 1986, p. 38).<sup>291</sup> Apesar de não ter sido uma luta premiada, “pois não havia nenhum dinheiro de investimento envolvido”, ambos tentaram reproduzir o regulamento de Jack Broughton. A luta foi agressiva, o primeiro quebrou o braço e o segundo ficou gravemente ferido. Os amigos (no papel de assistentes) intervieram e declararam o combate empatado (GORN, 1986, p. 38).<sup>292</sup>

Um livro chamado *The American Fistiana: containing a history of prize-fighting in the United States*, de autor anônimo, foi publicado em Nova York em 1849 e registrava memórias das primeiras lutas nos Estados Unidos<sup>293</sup>. Sua estrutura é semelhante ao *Boxiana: or Sketches of Ancient and Modern Pugilism* (1824), do jornalista britânico Pierce Egan. De acordo com o *The American Fistiana* a luta entre Hyer e Beasley não deu início ao pugilismo na América, mas “foi um evento histórico digno de ser registrado, sendo a primeira luta americana mantida como memória viva” (GORN, 1986, p. 38).<sup>294</sup>

Alguns anos depois, em 1823, a imprensa americana cobriu pela primeira vez uma *bare-knuckle fighting*.<sup>295</sup> Não foi coincidência que a fase de ouro do pugilismo na Inglaterra tenha ocorrido justamente com o surgimento da imprensa esportiva. De fato, os jornalistas tinham um papel muito importante tanto na propagação dos embates, como na divulgação dos resultados. O *New York Evening Post*, um dos mais prestigiado e antigos jornais dos Estados Unidos, fundado pelo federalista Alexander Hamilton (1757-1804), deu destaque para uma luta entre “um rapaz de 18 anos, um açougueiro, e um homem a quem chamavam de campeão de *History Street*, ambos despojados, e cada

<sup>291</sup> Tradução nossa. Original: “Two decades later an 1816 fight between Jacob Hyer and Tom Beasley marked a new watershed”.

<sup>292</sup> Tradução nossa. Original: “The encounter was not a regular prize battle since no stake Money was involved, but the two men did attempt to observe Broughton’s rules Unfortunately, the bout degenerated into a brawl. Hyer broke his arm, Beasley was badly beaten, and mutual friends intervened, declaring the contest a draw”.

<sup>293</sup> ANEXO 17 - Capa do livro *American Fistiana* (1849), publicado nos Estados Unidos.

<sup>294</sup> Tradução nossa. Original: “The Hyer-Beasley match was not the first ring fight in this country, as *American Fistiana* would claim, nor was it the first match at which spectators were welcome. Rather, its significance lay in the *perception* that it was a historic event worth recording, in its being the earliest American fight kept alive as living memory of a heroic past”.

<sup>295</sup> APÊNDICE 2 - Sugerimos a leitura da listagem dos campeões americanos de *bare-knuckle*.

um tinha um segundo” (GORN, 1986, p. 39)<sup>296</sup>. A luta durou quarenta minutos, o jovem açougueiro com “ousadia e coragem de um *bulldog* [...] pavoneando-se ao redor ringue como um galo”, deu um nocaute no adversário no oitavo *round*. As figuras de linguagem, “bulldog” e “galo” foram muito utilizados para destacar a ferocidade dos combatentes. (GORN, 1986, p. 39).<sup>297</sup> Aliás, muitos indivíduos que participavam de rinhadas de galo apostavam em lutas de boxe, e os críticos aproveitavam para construir um discurso de oposição ao boxe a partir dessas relações.

Diferente da luta de 1816, esta batalha envolveu investimentos financeiros, pois “o montante de U\$ 200 forneceu a primeira evidência incontestável de uma luta “premiada” americana” (GORN, 1986, p. 39).<sup>298</sup> Ainda não existiam os *managers* ou *fancys* aristocratas que pudessem lucrar e proporcionar uma luta organizada e espetacularizada. Assim, de acordo com Gorn, “o dinheiro provavelmente veio de uma assinatura de base ampla recolhida em tabernas e lojas do bairro” (GORN, 1986, p. 39)<sup>299</sup>. Porém, como era comum em combates pugilísticos, não era somente o dinheiro que motivava ou gerava o confronto. Questões de identidade apareceram mais uma vez, já que “as batalhas surgiram de circunstâncias particulares, uma mistura de incentivos financeiros, honra pessoal, orgulho da vizinhança e antagonismos étnicos.” (GORN, 1986, p. 40).<sup>300</sup>

A presença de imigrantes irlandeses em solo americano também fez reacender conflitos e disputas que haviam se iniciado no Velho Mundo. Para Gorn, estes combates “reproduziam no microcosmo a inimizade de longa data entre irlandeses e ingleses” (GORN, 1986, p. 42).<sup>301</sup> A luta descrita anteriormente foi o início das hostilidades no ringue. Em seguida, alguns artigos das Regras do Ringue Premiada de Londres (1838)

<sup>296</sup> Tradução nossa. Original: “[...]found a lad about 18 years old, a butcher, and a man whom they called the champion of Hickory Street, both stripped, and each had a second. ”

<sup>297</sup> Tradução nossa. Original: “A round-by-round description followed. The fight lasted forty minutes, during which the young butcher showed the “boldness and courage of a bulldog,” “strutting around the ring like a game-cock,” until he finished his opponent in the eighth round”.

<sup>298</sup> Tradução nossa. Original: “Although previous American battles must have involved monetary stakes, the \$200 purse provides the first incontrovertible evidence of a regular American “prize-fight”.

<sup>299</sup> Tradução nossa. Original: “The ethnic community raised the money, chose a representative, and brought the match off inside four days, making the fight a comparatively spontaneous affair”.

<sup>300</sup> Tradução nossa. Original: “Above all, this and similar battles grew out of particular, local circumstances, and the motives behind them were a melange of financial incentives, personal honor, neighborhood pride, and ethnic antagonisms”.

<sup>301</sup> Tradução. Original: “Perhaps most significant, the Hammond-Kensett fights replicated in microcosm the long-standing enmity between Irish and English”.



foram incorporados, como a luta com cores “lenços pintados amarrados em torno da cintura dos lutadores e no poste em cada canto do homem, o vencedor ficava com o lenço do adversário perdedor como um troféu” (GORN, 1986, p.42). Entretanto, costumes como jogar uma moeda para a escolha do lado rapidamente tornaram-se regra, bem como o hábito dos lutadores de jogarem seus chapéus no ringue à medida que se aproximavam (GORN, 1986, p. 42)<sup>302</sup>. Isso é uma evidência da reelaboração da *prize-fighting* em solo americano.

Um diferencial foi a criação dos *Articles of Agreement*,<sup>303</sup> “uma espécie de estatuto de concordância, que especificava investimentos, penalidades, datas, assistentes e outros detalhes que regravam a maioria das lutas” (GORN, 1986, p. 42).<sup>304</sup> A primeira luta que utilizou o *Articles of Agreement* nos Estados Unidos foi entre Ned Hammond e George Kensett, em 1824 (GORN, 1986, p. 41).<sup>305</sup> Este documento formalizava o combate, de certa maneira fazia a função das Regras de Broughton (1743) e das futuras Regras do Ringue Premiado de Londres (de 1838 e 1853). Gorn defende que “as regras das lutas foram escritas na mesma linguagem legalista dos *Articles of Agreement*. Esses regulamentos codificaram práticas já reconhecidas, embora nem sempre sejam honradas” (GORN, 1986, p. 87).<sup>306</sup>

Assim como salientou José Flores Júnior (2001, p. 22), ao indicar perseguição às *bare-knuckle* ao longo do século XIX, Elliot Gorn também destaca que “os juízes processaram pugilistas sob leis, contra agressão, caos e tumulto, e que o combate a prêmio era considerado universalmente ilegal” (GORN, 1986, p. 41).<sup>307</sup> Ou seja, mesmo

<sup>302</sup> Tradução nossa. Original: “New customs appeared, such as the taking of battle colors—painted handkerchiefs tied around the fighters' waists and on the post in each man's corner, the winner seizing the loser's colors as a trophy. Flipping a coin for choice of side quickly became the rule, as did the fighters' habit of throwing their hats into the ring as they approached.”

<sup>303</sup> ANEXO 18 - Exemplo de um *Articles of Agreement*.

<sup>304</sup> Tradução nossa. Original: “Articles of Agreement, specifying stakes, forfeits, dates, locations, seconds, and other details now governed most bouts. And the amount of time separating the signing of articles from the fights themselves lengthened to accommodate larger crowds, higher stakes, and stricter training”.

<sup>305</sup> Tradução nossa. Original: “They drew up regular articles of agreement, a custom borrowed from the English ring”.

<sup>306</sup> Tradução nossa. Original: The fight rules were written in the same precise, legalistic language as the Articles of Agreement, further attempting to alleviate angry passions. These regulations codified practices already acknowledged though not always honored.

<sup>307</sup> Tradução nossa. Original: “Despite the fact that magistrates and judges prosecuted boxers under laws against assault, mayhem, and riot, and that prize fighting was universally regarded as an illegal activity,

que *prize-fighters* britânicos tenham imigrado para os Estados Unidos devido a repressão em seu país, os mesmos encontraram dificuldades semelhantes no Novo Mundo. Talvez em menor medida, já que as lutas não eram tão populares como na Inglaterra. Quando pugilistas como James “*Deaf (Surdo)*” Burke chegaram à América, por volta de 1830, “a maioria das lutas [...] terminavam com o ringue quebrado e espectadores lutando uns contra os outros [...] os encontros eram informais, pagando aleatoriamente, pela atenção desordenada às regras e costumes” (GORN, 1986, p. 45).<sup>308</sup>

Este cenário fez com as autoridades de cidades como Nova Jersey (1839), Massachusetts (1849) e Nova York (1859), importantes centros do pugilismo, criassem as primeiras legislações específicas contra *as prize-fighting* (BODDY, 2008, p. 93).<sup>309</sup> É curioso que, muito tempo antes da Inglaterra, que proibiu as lutas premiadas em 1880, os Estados Unidos já possuía leis específicas anti-boxe. Elliot Gorn salienta que “a América nunca teve uma poderosa aristocracia para combater a oposição da classe média” (GORN, 1986, p. 67).<sup>310</sup> Por isso, mal havia começado a prática do *bare-knuclke* e a classe média (protestante, moralista e burguesa) já criava, em meados de 1830, leis particulares contra o jogo do soco. Segundo Gorn, “nos primeiros anos do ringue americano apenas uma pitada de apoio da classe alta apareceu [...] se identificavam com o estilo cultural da nobreza inglesa defendia as recreações populares, ocasionalmente até mesmo o boxe” (GORN, 1986, p. 58).<sup>311</sup>

Creemos que sem o apoio da nobreza e aristocracia inglesa, as *prize-fighting* não teriam alcançado tanta popularidade. Assim, o pugilismo norte-americano enfrentou maior resistência por parte da elite, deixando as lutas mais vulneráveis diante de juizes e autoridades policiais. Ainda segundo Gorn, “pouca evidência existe de patrocínio nobre

these articles were contracts, signed by the principals, seconds, and witnesses, setting forth in legalistic detail the terms of the bout”.

<sup>308</sup> Tradução nossa. Original: “According to *American Fistiana*, many, probably most fights of this era ended with the ring broken and spectators fighting one another. ”

<sup>309</sup> Tradução nossa. Original: “The passing of legislation to outlaw prize-fighting (in Massachusetts in 1849; in New York in 1859) coincided with a boom in sparring academies and cheap boxing manuals. ”

<sup>310</sup> Tradução nossa. Original: “Simply put, America never had a powerful aristocracy to counter the opposition of the middle class”.

<sup>311</sup> Tradução nossa. Original: “In the early years of the American ring, then, only a hint of upper-class support appeared. A small coterie of men who identified with the cultural style of the English gentry defended popular recreations, occasionally even boxing”.

para a luta premiada [...] a maioria dos cavalheiros provavelmente estavam satisfeitos lendo sobre lutas inglesas ou escorregando para fora um treino de luta ocasional” (GORN, 1986, p. 59).<sup>312</sup>

Contudo, é preciso explicar que assim como na Inglaterra, as leis não conseguiram inibir completamente a prática subterrânea do pugilismo. Obviamente, cada país teve desdobramentos e estratégias próprias para este processo dialógico de repressão e resistência. Para Gorn, “as leis nunca foram bem-sucedidas em derrubar as cordas, mas refletiam a fé da classe média em preceitos morais bem definidos e impaciência vitoriana com os caminhos aleatórios da velha ordem” (GORN, 1986, p. 67).<sup>313</sup> Dessa forma, os combates a mãos nuas (*bare-knuckle*) ainda resistiriam até 1889, com a peleja entre John Sullivan e Jack Kilrain (QUEIROZ, 1989, p. 31). E, na verdade, só foram licenciados e legalizados nos Estados Unidos, como um todo, em 1920 (BODDY, 2008, p. 114).<sup>314</sup>

Mesmo assim, o percurso das *bare-knuckle prize-fighting* nos Estados Unidos, ao longo do século XIX, pode ser visto muito mais como uma recreação popular da classe trabalhadora, do que uma prática esportiva em constituição. Entre as décadas 1820 e 1830, poucos indivíduos se dedicaram profissionalmente as lutas.<sup>315</sup> Segundo Gorn, “A maioria dos homens que entraram no ringue nunca lutaram mais de uma ou duas lutas” (GORN, 1986, p. 45).<sup>316</sup> Havia uma infinidade de lutadores que tinham profissões ligadas a classe trabalhadora: açougueiros, carpinteiros, motoristas, ferreiros, sapateiros, tipógrafos, porteiros, feirantes. Muitos segundos e árbitros, pessoas envolvidas intimamente com as pelejas, trabalhavam em *saloons* e *tabernas* como seguranças. Estes, por vezes, “assumiam a liderança no patrocínio de lutas”, já que não

---

<sup>312</sup> Tradução nossa. Original: “But without an independent aristocracy, the American upper class was much more cautious than its English counterpart in partaking of raucous sporting life. Little evidence actually exists of gentry patronage for prize fighting, and most gentlemen, if they cared at all, were probably satisfied reading about English fights or slinking off to an occasional sparring match”.

<sup>313</sup> Tradução nossa. Original: “But laws or no laws, American prize fighting failed to claim a solid base of support among influential men until nearly the end of the century”.

<sup>314</sup> Tradução nossa. Original: “The status of athletic associations and saloon-based clubs shifted during the years that followed, until, in New York at least, boxing was finally legalized, and properly licensed, in 1920”.

<sup>315</sup> APÊNDICE 2 – Informações dos lutadores americanos de *bare-knuckle*.

<sup>316</sup> Tradução nossa. Original: “Most men who entered the ring never fought more than one or two bouts, and city directories reveal that pugilists engaged in a variety of preindustrial trades”.

havia uma elite disposta a tanto (GORN, 1986, p. 46).<sup>317</sup> Elliot Gorn explica que boa parte da população de imigrantes que chegavam à América, se viam diante “de uma crescente especialização do trabalho e da ascensão dos mercados nacionais” (GORN, 1986, p. 46).<sup>318</sup>

Gorn também defende que “o boxe não imigrou, os pugilistas, sim – o pugilismo prosperou onde as comunidades étnicas eram maiores, como em Nova York e Filadélfia, e em menor grau, Boston, Baltimore e Nova Orleans” (GORN, 1986, p. 46).<sup>319</sup> Assim, parece compreensível a estreita ligação do boxe com a questão étnica, em suas variadas expressões de linguagens – literatura, cinema, artes, etc. Trabalhadores braçais irlandeses, por exemplo, foram muito importantes na divulgação do pugilismo, mas ao mesmo tempo, os combates moldaram e construíam suas identidades. Portanto, Gorn conclui que “na década de 1840 a luta premiada americana permaneceu um fenômeno local, em grande parte étnica e decididamente da classe operária e tradicional em suas origens” (GORN, 1986, p. 46).<sup>320</sup>

Além de embates étnicos, com o tempo certas cidades começaram a promover seus próprios pugilistas preferidos. Por exemplo, Elliot Gorn aponta que lutadores como “Filadélfia McLane e New Yorker Harrington eram cada um heróis em suas respectivas cidades, e embora sua luta originou-se em uma disputa pessoal, alguns interpretaram como um concurso de superioridade urbana (GORN, 1986, p. 46).<sup>321</sup> Aqui percebemos quão fluídas e complexas eram as motivações que geravam uma *bare-knuckle prize-fighting*. O pugilismo, portanto, poderia ser um escape, um canal de resolução de conflitos, mas ao mesmo tempo contribuía para a construção de identidade local urbana.

---

<sup>317</sup> Tradução nossa. Original: “Compounding its fugitive nature, prize fighting, along with several other popular recreations, was supported by an underground economy of gamblers, hustlers, sportsmen, and most important, saloon owners, who took the lead in sponsoring matches”.

<sup>318</sup> Tradução nossa. Original: “More often of Irish than English or American ancestry, these individuals were part of a growing urban population cast adrift by increasing labor specialization and the rise of national markets, unskilled laborers who moved frequently in search of work”.

<sup>319</sup> Tradução nossa. Original: “Because Irish and English ancestries were so important—that is, *boxing* did not immigrate, *boxers* did—pugilism thrived where ethnic communities were largest, in New York and Philadelphia and, to a lesser degree, Boston, Baltimore, and New Orleans. ”

<sup>320</sup> Tradução nossa. Original: “What cannot be emphasized too strongly is that into the 1840s American prize fighting remained a local phenomenon, largely ethnic, decidedly working-class and traditional in origins”.

<sup>321</sup> Tradução nossa. Original: “Philadelphia McLane and New Yorker Harrington were each heroes in their respective towns, and although their fight originated in a personal dispute, some interpreted it as a contest for urban superiority”.

Como destacamos anteriormente, a partir da história do missionário Pilhip Fithian, o *sparring-match* nos Estados Unidos se desenvolveu em paralelo com as *bare-knuckle fighting*. Assim, como na Inglaterra de James Figg e Jack Broughton, professores ensinavam a ciência pugilística em seus ginásios. De acordo com Gorn, o pugilismo científico chegou à América juntamente com a esgrima e o bastão. Ao contrário dos lutadores premiados estadunidenses, os professores “ganhavam apoio e respeitabilidade” (GORN, 1986, p. 48).<sup>322</sup> Os motivos para a prática do *sparring match*, seguia os argumentos da nobreza inglesa. Para Gorn, os cavalheiros tinham a necessidade de se defenderem de ataques não provocados, de se exercitarem e evitarem doenças e o sedentarismo, além de provar sua força e masculinidade em um possível duelo a mãos nuas (GORN, 1986, p. 48).<sup>323</sup>

É interessante notar que a partir da terceira década do século XIX, lutadores premiados e professores de pugilismo passaram a fazer exposições em cidades onde *as bare-knuckle* eram conhecidas. Homens como George Kensett, Ned Hammond e James Sanford, fizeram um trabalho itinerante, de cidade em cidade, apresentando e demonstrando as lutas premiadas americanas. Entre os locais que passaram, estão Nova York, Baltimore, Boston, além “de uma rodada de exposições no sul”. Segundo Gorn, “por apenas cinquenta centavos – cerca de metade do salário diário de um operário – os indivíduos testemunhavam alguns episódios de luta de três *rounds*” (GORN, 1986, p. 50).<sup>324</sup>

Entretanto, sujeitos como James Roper, que possuíam ginásios de lutas na Filadélfia, porém, nunca foram lutadores premiados. O que denota um trabalho essencialmente espetacularizado. (GORN, 1986, p. 49).<sup>325</sup> Além de Roper, em 1836 John Sheridan instruiu entre quarenta e cinquenta dos “melhores rapazes” da cidade de Boston. Para Gorn, “agora era admitido que um cavalheiro saiba usar os punhos, e não

---

<sup>322</sup>Tradução nossa. Original: “Unlike prize fighters, “professors of pugilism” gained a toehold of respectability”.

<sup>323</sup> Tradução nossa. Original: Some sparring masters explicitly sought an elite clientele. Boxing lessons were healthful for individuals in sedentary—respectable—occupations, “opening the chest, strengthening the arms, and adding strength to the valetudinarians”.

<sup>324</sup> Tradução nossa. Original: “Ring fighters—George Kensett, Ned Hammond, James Sanford— itinerated from city to city, exhibiting and giving lessons. Among the very first men in this country to try making a living with nothing but their fists, they earned their money wherever they could”.

<sup>325</sup> Tradução nossa. Original: “Thus James Roper kept two gymnasiums in Philadelphia, and although he taught boxing along with other exercises for many years, he apparently never entered the prize ring”.

seja considerado, por isso, menos cavalheiro” (GORN, 1986, p. 49).<sup>326</sup> Obviamente, havia uma perceptível tensão entre os lutadores a prêmio e os professores de pugilismo com luvas. Diante da imprensa, por exemplo, ambos eram mencionados igualmente. Entretanto haviam diferenças importantes. Enquanto os primeiros (George Kensett, Ned Hammond e James Sanford) “tentavam ganhar a vida com nada além de seus punhos, ganhando dinheiro onde e como pudessem”, figuras como James Roper e John Sheridan tratavam com a elite, defendiam a ciência pugilística, o cuidado com o corpo, em outras palavras, o esporte (GORN, 1986, p. 50).<sup>327</sup>

Um caso bem documentado foi do inglês William Fuller, nascido no condado de *Norfolk*, que emigrou para os Estados Unidos em 1824. Segundo Gorn, Fuller chegou “com credenciais como um bom lutador premiado, um treinador científico, um empresário de sucesso e um cavalheiro no estilo do ringue inglês” (GORN, 1986, p. 51).<sup>328</sup> Fuller fez *tournée* por diversas cidades, entre Charleston, Carolina do Sul, e Montreal (Canadá), “ficando tempo suficiente para dar aulas, exhibir suas habilidades no palco e aparecer no teatro” (GORN, 1986, p. 51).<sup>329</sup> Chegou, inclusive a publicar uma cartilha sobre boxe, aos moldes do que fez Daniel Mendonza na Inglaterra, muito tempo antes. Mas William Fuller, como muitos outros professores de pugilismo, não estava interessado em lutas premiadas. Conforme Gorn, “Fuller evitou tais encontros e teve o cuidado de declarar que não tinha intenção de introduzir a luta premiada na América” (GORN, 1986, p. 53).<sup>330</sup>

William Fuller teve seu trabalho reconhecido por editores de jornais que destacavam a “conduta cuidadosa, modesta e respeitabilidade de seus alunos”, pondo as

---

<sup>326</sup> Tradução nossa. Original: “It is now admitted, that a gentleman may 'know how to use his fists,' and not be less a gentleman”.

<sup>327</sup> Tradução nossa. Original: “nothing but their fists, they earned their money wherever they could”.

<sup>328</sup> Tradução nossa. Original: “It remains unclear why Fuller, with his apparent success in England and France, emigrated to America in 1824. What can be said with certainty is that he arrived with credentials as a fine prize fighter, a master of scientific sparring, a successful businessman, and a gentleman in the style of the English ring”.

<sup>329</sup> Tradução nossa. Original: “[...] staying long enough in each to give lessons, exhibit his skills on stage, and appear in the theater”.

<sup>330</sup> Tradução nossa. Original: “Fuller's efforts to distance himself from the ring paid off. Even editors who refused to publish bare-knuckle news noted his "careful demeanor" and "modest conduct," and pointed out the "respectability" of his pupils”.

lutas ao lado “de outros esportes ginásticos de saúde” (GORN, 1986, p. 53).<sup>331</sup> Para Fuller o *sparring match* serviria para que o homem “repelisse o insulto, resista ao ataque, defenda seus direitos de agressão” e que “o conhecimento científico das técnicas de boxe permitiam a um cavalheiro castigar os insolentes, repelir os assaltos de bandidos e defender-se de abusadores” (GORN, 1986, p. 54).<sup>332</sup> Porém, estes argumentos nem sempre foram aceitos pela sociedade norte-americana. Segundo Gorn, “professores de pugilismo não foram inteiramente bem-sucedidos em convencer os americanos da utilidade ou moralidade de seu ofício” (GORN, 1986, p. 55).<sup>333</sup> Homens como o aristocrata Robert Wain rejeitavam as justificativas de que o pugilismo estimulavam a bravura e a coragem. Para Robert Wain, as *bare-knuclke prize-fighting* agitavam os populares, fazendo com que estes desrespeitassem a hierarquia. Conforme Gorn, “o surgimento de escolas de boxe sinalizou novas ansiedades que uma subclasse perigosa agora ameaçava a ordem social” (GORN, 1986, p. 55).<sup>334</sup>

A recepção do pugilismo na América foi ao mesmo tempo antagônica e conflituosa, mas também fluída e complexa. Havia aqueles se opunham às *bare-knuclke fighting*, sustentando que favoreciam a “insubordinação”, o “tumulto” e a “desordem”. Entretanto, existiam aqueles que “desejavam notícias de luta de prêmios e estavam dispostos a comprar jornais que continham essas informações” (GORN, 1986, p. 61).<sup>335</sup> A imprensa de certa forma foi ambígua em sua posição. Um bom exemplo disso foi o jornal de propriedade de William Porter (1809-1858), *Spirit of the Times*, fundado em 1831. De acordo com Gorn, “seu jornal continha uma coluna regular dando pequenas notícias de lutas inglesas e americanas [...] posteriormente o editor achou que a luta premiada estava muito aquém para estar em seu jornal” (GORN, 1986, p. 62).<sup>336</sup>

---

<sup>331</sup> Tradução nossa. Original: “Here was boxing in its most refined state, taking its place beside other health-giving gymnastic exercises”.

<sup>332</sup> Tradução nossa. Original: “Boxing lessons allowed a man to "support his dignity, repel insult, resist attack, and defend his rights from aggression”.

<sup>333</sup> Tradução nossa. Original: “Professors of pugilism were not wholly successful in convincing Americans of the utility or morality of their craft; there were never more than a handful of boxing schools in America at any time before the Civil War”.

<sup>334</sup> Tradução nossa. Original: “The rise of boxing schools signaled new anxieties that a dangerous underclass now threatened social order”.

<sup>335</sup> Tradução nossa. Original: “By the 1830s many Americans desired news of prize fighting and were willing to purchase papers that carried it”.

<sup>336</sup> Tradução nossa. Original: “For its first half-year his journal contained a regular column giving scraps of news on English and American matches [...]”we have today evinced our respect to the 'public voice' by expunging the 'Sports of the Ring' from our columns”.

A postura de Porter em retirar notícias de lutas premiadas de seu jornal pode ter ocorrido por conta de seus assinantes. A partir de algumas correspondências, percebemos que os leitores enxergavam as *bare-knuckle* como “uma ameaça a moralidade pública” e também sustentavam que “para cada dez pugilistas, um não era batedor de carteira, ladrão ou criminoso”(GORN, 1986, p. 62).<sup>337</sup> Esta impressão também foi destacada por Graeme Kent, quando afirmou que “os primeiros lutadores sem luva dos primórdios da América eram de um lote desagradável e difícil” (KENT, 2015, p. 23).<sup>338</sup>

Contudo, um ano depois William Porter fez uma grande divulgação em seu jornal sobre a luta entre James *Deaf* Burke contra Tom O’Connell, em 21 de agosto de 1837. Neste caso, por se tratar de uma luta importante e muito comentada Porter abriu uma exceção. Essa visão de certa forma contraditória sobre o pugilismo é mais uma evidência de que o debate envolvia questões mais amplas, tensões relacionadas a própria chegada da modernidade, as transformações nas urbes, a afirmação e amadurecimento do capitalismo, o controle das regras de convivência pela classe média. Segundo Elliot Gorn, “valores como piedade, diligência e progresso em uma nação onde a religião evangélica e o mercado estavam se tornando as fontes da ideologia” contrastavam diretamente com práticas populares de lutas (GORN, 1986, p. 67).<sup>339</sup>

Mas, afinal, por quê o pugilismo foi objeto de tanto debate e contradição? Por que tantas pessoas defendiam ou mesmo o atacavam? O que as lutas tinham de especial, de privilegiado, para fazerem parte de discursos tão enfáticos e raivosos? Elliot Gorn aponta que a *bare-knuckle* “era um fenômeno transitório, que incorporava valores velhos e novos. O ringue premiado era “moderno” - desempenho meritocrático, igualitário – mas seu conteúdo era “pré-moderno”, criativo, não racional, hierárquico”

---

<sup>337</sup> Tradução nossa. Original: “Ten to one that the pugilist was also a pickpocket or a burglar; if so, the ruffian could and did make converts, when and how he pleased, to his more secret and more nefarious calling”.

<sup>338</sup> Tradução nossa. Original: “The first *bare-knuckle* fighters in the early days of the American prize-ring were a hard and unpleasant lot”.

<sup>339</sup> Tradução nossa. Original: “of such values as piety, diligence, and progress in a nation where evangelical religion and the market place were becoming the fonts of ideology”.



(GORN, 1986, p. 66).<sup>340</sup> Talvez este seja, paralelamente, um dos elementos que cause tanto sua atração como repulsa.

Portanto, entendemos que o pugilismo representou uma mistura de componentes que nos ajudam a compreender os anseios da sociedade tradicional em transição. Ruti Ungar, igualmente, salientou a presença de “duas forças contrastantes que atuam na cultura do boxe inglês: a modernização e a economia capitalista por um lado, e os velhos valores atávicos de agressividade e companheirismo homosocial por outro” (UNGAR, 2010, p. 11).<sup>341</sup> Assim, o processo de constituição do boxe moderno torna-se uma chave importante para compreensão dos costumes, dos rituais e das regras que foram elaboradas e dos significados que haviam por trás de suas práticas.

Este “fenômeno transitório”, descrito por Gorn, que nos permite ver a constituição do boxe como uma soma ou integração de diversas práticas de combate entre si, é o que nos possibilita refletir sobre seu perímetro de influência e suas correlações. Por exemplo, nem sempre os pugilistas lutavam dentro do ringue. Nem sempre havia segundos, juízes e apostadores. Por vezes, enfrentamentos do cotidiano, na busca por firmar sua identidade e masculinidade, ocorriam em *pub's*, *saloons*, tavernas, ou mesmo na rua, ou seja, tanto em espaços públicos como privados.

Um exemplo disso foi a “lendária” briga entre John Morrissey e Tom McCann. Ambos brigaram em um bar chamado *Empire Club*, em Nova York, em 1853. Durante a luta, o adversário “atingiu um fogão a carvão, derrubando brasas por todo o chão [...] ele arremessou Morrissey em cima das brasas flamejantes [...] Ignorando a dor, Morrissey derrubou o outro homem antes mesmo de tirar a fuligem do ombro” (KENT, 2015, p. 23).<sup>342</sup> A partir daquele momento, ficou conhecido como *Old Smoke* (Velha Fumaça). Numa luta de bar, no conflito do cotidiano, Morrissey foi rebatizado e sua fama e seu novo nome o acompanhou em sua carreira como *bare-knuckle fighting*.

---

<sup>340</sup> Tradução nossa. Original: “Bare-knuckle fighting was thus a transitional phenomenon, incorporating old values and new. The prize ring's form was “modern”—achievement-oriented, meritocratic, egalitarian—but its content “premodern”—ascriptive, nonrational, hierarchical”.

<sup>341</sup> Tradução nossa. Original: “two contrasting forces at work within English boxing culture: modernisation and capitalist economy on the one hand, and the old “atavistic” values of aggressiveness and homosocial companionship on the other”.

<sup>342</sup> Tradução nossa. Original: “His adversary was a ruffian called Tom Mac Cann. In the course of the struggle Mc Cann knocked over a coal stove, spilling the embers all over the floor. In desperation he hurled Morrissey on top of the red-hot coals and held him down. [...] For the rest of his life John Morrissey was known as Old Smoke”.

A questão que levantamos se refere ao poder dos conflitos do cotidiano para a construção de uma futura imagem de lutador premiado. Na verdade, o que parece é que o pugilismo norte-americano ainda era tão precário que seus contornos parecem quase invisíveis. Como já afirmamos, não havia barreira entre a vida de um pugilista e sua profissão como marinheiro, açougueiro, ferreiro, entre outras atividades braçais, que por um lado eram consideradas menos prestigiosas pela burguesia, contudo, eram respeitados pelos demais operários. Aliás, sua profissão era exaltada e muitas vezes acompanhava o nome dos lutadores, porque os identificava com membros da classe trabalhadora, como pessoas fortes, corajosas e destemidas.

Por isso, a trajetória de John Morrissey (1831-1878) se torna um caso exemplar. Morrissey nasceu na Irlanda mas veio ainda pequeno para os Estados Unidos, mais especificamente para Nova York. Inicialmente tentou a sorte na Corrida do Ouro na Califórnia (1848-1855), mas ao ver seu fracasso passou a participar de *bare-knuckle prize-fighting*. Em Nova York, “seguia a dupla carreira de lutador por prêmios e oportunista”, o que o levou várias vezes a prisão (KENT, 2015, p. 24).<sup>343</sup> Um dos seus combates mais importantes foi contra Yankee Sullivan (1811-1856), que também teve uma vida de transgressões, pois “quando jovem foi transportado para *Botany Bay*, Austrália, por furto. Ele escapou entrando em um barco de carga para Nova York” (KENT, 2015, p. 27).<sup>344</sup> Nova York era uma cidade com tradição pugilística e rapidamente Sullivan ganhou dinheiro para “abrir um salão “desonroso” no distrito de Bowery”, local especializado em entretenimento, com teatros, circos além de muitos bares. (KENT, 2015, p. 27).<sup>345</sup>

Em um desses bares, Morrissey e Sullivan assinaram um contrato de combate (*Articles of Agreement*) a ser realizado no mesmo ano, em 1853. Ambos “construíram reputação como os melhores lutadores dos EUA. Era inevitável o encontro entre eles” (KENT, 2015, p. 27).<sup>346</sup> O embate ocorreu em “um campo cerca de um quarto de milha

---

<sup>343</sup> Tradução nossa. Original: “He also became the leader of a gang of delinquents and on several occasions was convicted of robbery na assault”.

<sup>344</sup> Tradução nossa. Original: “He was born near Cork but as a Young man was transported to Botany Bay in Austrália for the theft. He escaped by stowing away in a boat carrying cargo to NewYork”.

<sup>345</sup> Tradução nossa. Original: “For a time he scraped a living as a bare-knuckle fighter and earned enough to open a disreputable sallon in the Bowery”.

<sup>346</sup> Tradução nossa. Original: “It was inevitable that they should meet. Contracts were signed at na angry meeting in a New York saloon in Setember 1853”.

distante da estrada de ferro”, entre os estados de Massachussets e Connecticut, com jurisdição incerta, assim, evitando uma possível interferência da polícia (KENT, 2015, p. 27).<sup>347</sup> Estratégias como essa também foram recorrentes na Inglaterra. Em relação ao público, havia cerca cinco mil espectadores e os apostadores consideravam Morrissey o favorito. Yankee Sullivan começou melhor, vencendo todos os *rounds*, entretanto no 37º assalto “Morrissey pegou Sullivan pela garganta e começou a estrangulá-la nas cordas. A multidão foi a loucura e ameaçou invadir o ringue ao ver tamanha desonestidade” (KENT, 2015, p. 28).<sup>348</sup>

O golpe proibido de Morrissey não só mostra a comum transgressão aos regulamentos, mas também evidencia o estilo de luta dos combatentes, talvez muito próximo de uma briga de bar, a qual John *Old Smoke* Morrissey havia se envolvido anteriormente (ou das *Rough-And-Tumble*). O árbitro tentou retomar a luta e o cronometrista gritou para que ambos voltassem ao ringue. Apenas Morrissey escutou. Sullivan estava resolvendo uma luta particular fora das cordas, talvez com um espectador furioso, e não ouviu a chamada para iniciar o 38º *round*. Assim, Sullivan foi desclassificado e Morrissey tomou para si o título de campeão americano. Segundo Kent, “o veredicto em favor de Morrissey era mais uma mancha negra no histórico da luta por prêmios dos Estados Unidos” (KENT, 2015, p. 29).<sup>349</sup> Morrissey e Sullivan acabaram presos depois do confronto “por participarem de um embate ilegal”. Ambos pagaram a fiança, de US\$ 1.200 e US\$ 1.500, respectivamente. John Morrissey ainda defenderia seu título contra outros pugilistas, mas Yankee Sullivan foi para o Oeste, São Francisco, e iniciou “uma carreira de crimes [...] sendo preso por perturbação da paz e por ser líder de uma gangue organizada”, lamentavelmente foi encontrado morto na cela no dia seguinte (KENT, 2015, p. 33).<sup>350</sup>

---

<sup>347</sup> Tradução nossa. Original: “The venue selected was a field about a quarter of mile from the railway station [...] It had the great advantage of being situated at he meeting point of Massachussets, Connecticut and the Empire State. [...] No one was sure who had jurisdiction [...]”

<sup>348</sup> Tradução nossa. Original: “Morrissey took Sullivan by the throat and started throttlign him on the ropes. The crowd went wild and threatened to invade the ring at the sight of such chicanery”.

<sup>349</sup> Tradução nossa. Original: “The verdict in favour of Morrissey was yet another black Mark on the Record of *prize-fighting* in the USA”.

<sup>350</sup> Tradução nossa. Original: “Yankee Sullivan went West, embarking upon a career of crime in San Francisco. [...] Sullivan was sentenced to a termo of two years in prision, but such were his political affiliations that he soon received a governor’s pardon. [...] The largest gang became known as the Sydney Ducks”.

Após vencer a peleja contra Yankee Sullivan, John Morrissey lutou contra Bill Pool (1821-1855), em 27 de julho de 1958 (D' ALBUQUERQUE, 1939, p. 30). A derrota de Morrissey motivou uma rixa que só foi ser resolvida fora dos ringues.<sup>351</sup> Foi assim que Morrissey entrou em conflito com Bill Poole, dono de bar em Nova York e antigo açougueiro. Segundo Kent, “Poole considerava a luta por prêmios um refúgio para aqueles que tinham a natureza efeminada. Conforme Graeme Kent, “ele se gloriava no manto de ser o campeão de *Rough-And-Tumble* de Nova York” (KENT, 2015, p. 34).<sup>352</sup> Bill Poole considerava o título de “campeão de *Rough-And-Tumble* de Nova York” mais importante e honroso, talvez até mais respeitado do que o título dos embates premiados. Para mostrar que era superior ao campeão John Morrissey, o desafiou para um “combate de *anything goes* [Vale-Tudo], na *Amos Street Dock*, por 500 dólares.<sup>353</sup> Os telhados e janelas dos prédios adjacentes foram tomados por centenas de espectadores ansiosos” (KENT, 2015, p. 34).<sup>354</sup>

A questão que colocamos é a seguinte: podemos considerar esta uma luta premiada?<sup>355</sup> Havia dinheiro envolvido e muitos espectadores, mas não existia ringue, nem árbitros e juizes. Neste caso, é perceptível a tensão entre a *Rough-And-Tumble*, também chamada de Vale-Tudo (“*anything goes*”), e a *bare-knucke fighting*, que em 1855 já possuía *Agreement of Articles*, além de diversas regras influenciadas pelos ingleses e contratadas entre as partes. Bill Poole e John Morrissey chegaram, ambos, “com seus apoiadores fortemente armados [...] Houve uma guerra em plena rua” (KENT, 2015, p. 35).<sup>356</sup> Somente depois desse confronto os adversários se enfrentaram. Como não havia ringue, “um espaço foi aberto com pedras”, Morrissey começou perseguindo o oponente, “como a corrida de um touro”, mas Bill Poole, “experiente

---

<sup>351</sup> Gangues de Nova York (*Gangs of New York*) é um filme norte-americano de 2002, dirigido por Martin Scorsese. O filme foi inspirado no livro de 1928, As Gangues de Nova York, de Herbert Asbury. Neste filme o pugilista Bill Poole (O açougueiro), líder de uma gangue, é um dos personagens centrais. A questão da chegada de imigrantes irlandeses entre 1850 e 1860 é destaque no filme.

<sup>352</sup> Tradução nossa. Original: “He gloried in the mantle of the rough-and-tumble champion of New York”.

<sup>353</sup> ANEXO 19 - Cartaz da luta de *rough-and-tumble* entre John Morrissey e Bill Poole, em 1854.

<sup>354</sup> Tradução nossa. Original: “The roofs and windows of the adjacent buildings were packed with hundreds of eager spectators”.

<sup>355</sup> No site Cyber Boxing Zone, aparece a luta entre Morrissey e Poole em 26 de julho de 1853, na Amos Street Docks. Mas não é descrito qual tipo de luta foi realizada. Contudo, obtivemos uma imagem de cartaz de divulgação da luta, e na parte superior estava escrito “Rough-and-Tumble”.

<sup>356</sup> Tradução nossa. Original: “At once Poole gang closed in on Morrissey’s followers. There was a pitched battle in the street. Morrissey’s men came off the worse. They were beaten up and their revolvers were thrown into the river”.

lutador de rua [...] atirou Morrissey sobre sua cabeça e então sentou sobre seu oponente enquanto ele ficava sem ar no chão. Eles se bateram e se arranharam por mais dois ou três minutos, mas Morrissey não se recuperou” (KENT, 2015, p. 36).<sup>357</sup>

Contudo, o embate não havia terminado. Ele foi ampliado para as ruas de Nova York, onde ambos possuíam gangues ao seu comando. Segundo Graeme Kent, “a luta foi uma das mais pavorosas perturbações que Nova York testemunhou. Apoiadores de ambos os homens percorreram as ruas, lutando com qualquer pessoa que encontrassem” (KENT, 2015, p. 37).<sup>358</sup> O clímax desse confronto, que envolvia questões de honra e ajuste de contas, foi em fevereiro de 1855, quando “Poole e alguns amigos estavam bebendo em um bar quando Morrissey e alguns dos seus homens entraram no lugar. [...] Na hora, Poole e Morrissey começaram a discutir e tiveram que ser separados” (KENT, 2015, p. 37).<sup>359</sup>

Apesar de John Morrissey ter saído do bar e ter se dirigido para sua casa, alguns de seus homens resolveram voltar para “acertar as coisas”. Assim, os ânimos se exaltaram e “Jim Turner, um dos homens de Morrissey, sacou uma pistola e atirou em Poole [...] que foi encontrado mortalmente ferido no chão do bar” (KENT, 2015, p. 38).<sup>360</sup> Bill Poole morreu duas semanas depois. John Morrissey ainda lutaria por muitos anos, chegando a vencer o campeão da Califórnia, John Heenan, em 1858. Morrissey e seus homens chegaram a ser indiciados, mas ninguém foi punido e o caso foi arquivado.

O que podemos problematizar e analisar a partir dessa história? Lutadores de *bare-knuckle* não eram indivíduos isolados. Aliás, eram pessoas conhecidas, muito respeitadas em seus bairros e cidades. A grande maioria pertencia a classe operária. E Morrissey não fugia a esta regra, pois “trabalhou com uma variedade de serviços pesados

---

<sup>357</sup> Tradução nossa. Original: “There was no ring but space had been cleared on the cobbles The fight began with some light sparring and the Morrissey made a Bull-like rush at the other man. The experinced street-fighter ducked and seized Morrissey by the ankles.. With enormous strenght he threw Morrissey clear over his head and then leapt on his opponent as he lay breathless on the ground”.

<sup>358</sup> Tradução nossa. Original: “The figh was to be start of some of the most dreadful disturbances ever witnessed on the streets of New York. Supporters of both men roamed the streets, fighting whenever they met”.

<sup>359</sup> Tradução nossa. Original: “On the evening of 24 February, Poole and a few cronies were drinking in a saloon when in walked Morrissey and some os his to be separed”.

<sup>360</sup> Tradução nossa. Original: “There were no takers, but one of Morrissey’s men, Jim Turner, Who had recently been run out of San Francisco by the Vigilants, Drew a pistol and fired it at Poole”.

e em barcos” (KENT, 2015, p. 23).<sup>361</sup> Talvez Morrissey não precisasse aceitar o desafio de Bill Poole. Afinal, naquela altura, já tinha uma fortuna, “gerenciando uma casa de apostas, cuidando de uma pista de corrida e sendo eleito para o Congresso, como deputado distrital de Nova York” (KENT 2015, p. 25).<sup>362</sup> Contudo, a honra de um homem não tem preço, pelo contrário, tinha um valor imensurável e simbólico.

A briga entre Bill Poole e John Morrissey foi também por motivos políticos. Segundo Graeme Kent, “eles pertenciam a diferentes facções políticas e de qualquer forma, Nova York não era tão grande o bastante para dois personagens obstinados e impetuosos” (KENT, 2015, p. 34)<sup>363</sup>. Como deputado do quinto distrito, possivelmente os interesses de Morrissey iam de encontro aos de Bill Poole. Talvez um conflito territorial, uma disputa comercial, enfim, podemos apenas imaginar que por trás de um confronto tão agressivo, certamente existiam questões significativas e representativas para ambos.

O combate de *Rough-And-Tumble* proposto por Bill Poole, uma luta sem regulamentos mas que possuía certos rituais, prova-nos, mais uma vez, a combinação de de uma cultura popular de lutas. *Rough-And-Tumble* não passou por um processo de esportivização. Jamais foi regulado, pois sua essência era, afinal, o Vale-Tudo. Entretanto, como mencionamos no início dessa seção, o fato de ser uma luta brutal, “rude”, tradicional, não excluí os significados e códigos existentes no combate. Na verdade, essas qualidades dadas às lutas simbolizavam o ponto de vista da burguesia que buscava aplicar seu projeto de sociedade civilizada e ordenada.

Quando Kent afirma que o “experiente lutador de rua [...] atirou Morrissey sobre sua cabeça e então sentou sobre seu oponente”, ele está destacando técnicas tradicionais existentes nas *Rough-And-Tumble* e em resolução de conflitos do cotidiano

---

<sup>361</sup> Tradução nossa. Original: “He developed into a hulking youth and worked at a variety of labouring jobs and on the river boats”.

<sup>362</sup> Tradução nossa. Original: “Morrissey operated a gambling hall, founded Saratoga racetrack, was elected to Congress representing the Fifth New York district for two terms, and was then voted into the Senate”.

<sup>363</sup> Tradução nossa. Original: “It was inevitable that Poole and Morrissey would Clash. They belonged to different political factions, and anyway, New York was not big enough for two such strong-willed and fiery characters”.

(KENT, 2015, p. 34).<sup>364</sup> Enquanto Morrissey corria como um touro, o autor está salientando sua velocidade, habilidade importante para os pugilistas científicos. Kent afirma que Morrissey começou a luta com um “*light sparring*”, possivelmente com socos firmes e retos. Embora as *prize-fighting* inglesas já tivessem regulamentos desde meados do século XVIII, seu processo de construção ainda estava longe de acabar. A percepção e ressignificação destes regulamentos para os norte-americanos também foi um processo. Tanto as Regras de Broughton (1743) como as Regras do Ringue Premiado de Londres (1838 e 1853), segundo Kennety Sheard, deixavam brechas que permitam diversos golpes associados as *Rough-And-Tumble*, como arranhões ou mordidas (SHEARD, 1997, p. 50).<sup>365</sup>

No início dessa seção, tratamos das lutas tradicionais, como o *Eye Gouging* e as *Rough-And-Tumble* nas colônias americanas do sul ao longo do século XVIII e início do XIX. Entretanto, Bill Poole vivia em Nova York, havia iniciado sua carreira como açougueiro, mas progrediu rapidamente tornando-se uma liderança política urbana. Como Poole aprendeu e conservou as tradições das *Rough-And-Tumble* em uma das cidades mais populosas e importantes do Norte dos Estados Unidos? Bill Poole considerava a *prize-fighting* americana “efeminada”, e preferia o pugilismo vale-tudo como forma de defender sua honra e resolver conflitos. No meio urbano, portanto, as *bare-knucke* encontravam tensões com outras formas de luta, que não se dobravam às práticas e rituais colonizadores dos ingleses. Futuramente esses costumes herdados serão inclusive ressignificados, para representar as virtudes da nação americana.

Por fim, a experiência pugilística nos Estados Unidos na primeira metade do século XIX, é descrita por Elliot Gorn como diminuta, já que segundo a carta do lutador Andrew McLane, o mesmo afirma que o “corpo pugilístico da América, [...] não passava de apenas quinze lutadores, um numero bastante pequeno dado o fato de que centenas de ingleses tinham lutado por prêmios em dinheiro” (GORN, 1986, p. 47).<sup>366</sup>

---

<sup>364</sup> Tradução nossa. Original: “With enormous strenght he threw Morrissey clear over his head and then leapt on his opponet as he lay breathless on the ground”.

<sup>365</sup> Tradução nossa. Original: “The London Prize-Ring Rules allow too much leeway for the rowdy element to indulge in their practices. Such mean tricks as spiking, biting, gouging, concealling snuff in one mouth to blind na opponet [...]”.

<sup>366</sup> Tradução nossa. Original: “[...] but McLane mentioned only fifteen names, a rather small figure given the fact that hundreds, perhaps thousands of Englishmen had boxed for prize money during the past decade”.

Nas obras da *The American Fistiana* (1848), Elliot Gorn (1985 e 1986) e Kent Graeme (2015), contamos pelo menos dezoito embates de *bare-knuckle prize-fighting*, entre 1816 (entre Jacob Hyer, marinheiro, versus, Tom Beasley, açougueiro) e 1853 (entre John Morrissey, versus, Yankee Sullivan, ambos irlandeses)<sup>367</sup>. Obviamente, como já salientou Gorn, “sem dúvida, mais atividades de ringue aconteceram do que o registro de sobrevivência indica, alguns editores provavelmente censurando notícias do boxe como moralmente corruptivas” (GORN, 1986, p. 40).<sup>368</sup>

Resolvemos comparar com outras informações. Ao cruzarmos com dados obtidos pelo *Cyber Boxing Zone*, chegamos a um total de 396 combates de *bare-knuckle fighting* entre as décadas de 1820 e 1890<sup>369</sup>. Com efeito, nos primeiros anos os registros apontam para poucas pelejas. Entre 1820 e 1830, quatro; de 1830 a 1840, seis; entre 1850 e 1860, dezenove. Se somarmos o número de lutas entre 1820 e 1860, chegaremos a um valor de 10%, ou quarenta combates de um total de quase quatrocentos. Contudo, é interessante observar seu vertiginoso crescimento. Nova York se destacou em todas as décadas como a cidade que mais promoveu lutas premiadas. Sozinha foi responsável por 135 embates, isto é, 34%. Por isso, comparando com as décadas de 1870 e 1880, o período inicial do pugilismo foi, de fato, diminuto. O que vale destacar é que após 1860, com a chegada de muitos boxeadores britânicos, os Estados Unidos há uma diminuição das *bare-knuckle* e o crescimento cada vez maior de combates de boxe em formato de exibição, ou seja, uma perspectiva do mercado de entretenimento.

Em resumo, verificamos mudanças constantes na prática do pugilismo norte-americano. Segundo Elliot Gorn, entre os anos 1750 e 1850 as diversas expressões de

---

<sup>367</sup> 1ª - Jacob Hyer (marinheiro) e Tom Beasley (açougueiro), em 1816. / 2ª - Rapaz de 18 anos, açougueiro e o campeão de Hickory Street em 1823. / 3ª - James Sanford lutou contra Bill Hatfield em Elizabeth Point, Nova York, 1824. / 4ª - Ned Hammond, de Dublin, e George Kensett, Liverpool, em 14 de outubro de 1824. / 5ª - James Sanford e Andrew Mc Lane, em 1832. / 6ª Filadélfia McLane e New Yorker Harrington, em 1832. / 7ª - Pat O'Donnell e Jim O'Hagan lutaram fora de Newark, New Jersey, em 1832. / 8ª - James Burke e Sam O' Rouke, em 1837. / 9ª - James Burke e O'Connell, em 9 de maio de 1837. / 10ª Tom Hyer e Yankes Sullivan, em Roch Point, em 1839. 11ª - James Buke e O'Connell, 21 de agosto de 1837. (revanche) / 12ª - Jem Reed e “Long Tom” Burrett lutaram em Hart's Island, em 1835 / 13ª Tom Hyer e John Mc Closkey, em 1841; 14ª Billy Wilson e Ned Hughes, Louisiana, 1844. / 15ª Billy Wilson e James Stewart, em Connecticut, em 1846. / 16ª Tom Hyer e John Mc Closkey, em 101 assaltos, em 1849. / 17ª John Morrissen e George Thompson, em 11 assaltos em Mare Island, Califórnia, 31 de agosto de 1852. / 18ª John Morrissen e Yankee Sullivan, em 1853.

<sup>368</sup> Tradução nossa. Original: “No doubt more ring activities took place than the surviving record indicates; some editors probably censored boxing news as morally corrupting”.

<sup>369</sup> ANEXO 20 - Tabela com datas (décadas) e locais (estados) das *bare-knuckle*, entre 1820 e 1890.



lutas aqui demonstradas – ou seja, a tensão entre *Rough-And-Tumble*, *Eye-Gouging* e *Bare-Knuckle* – se mostraram “rudes, problemáticas [...] uma expressão da subcultura masculina” (GORN, 1985, p. 42).<sup>370</sup> Em meados do século XIX, em fins da década de 1850, as *bare-knucke* e as *rough-and-tumble* em Nova York sofrerão um período de repressão, que modificará significativamente a história das lutas nos Estados Unidos nas próximas décadas. Esta nova etapa do pugilismo será explorada ainda nessa seção, logo abaixo.

## 2.2 – Entre John Heenan e John Sullivan: o pugilismo na Guerra Civil Americana e o último combate de *bare-knuckle* (1860-1889)

Neste momento queremos analisar o processo de transição entre as *bare-knucke* e o boxe profissional, período este que abrange as décadas de 1860 e 1890, referente as lutas de John Hennan e Tom Sayers (1860) e John Sullivan e Jack Kilrain, (1889) o último combate com mãos nuas. Na década de 1890, mesmo que tardiamente, os Estados Unidos passaram a considerar as Regras do Marquês de Queensberry (1867), o que aproximou o pugilismo dos agentes de comercialização, bem como da recente indústria cinematográfica. Em outras palavras, segundo Kasia Boddy, “o boxe sem luvas estava dando forma ao boxe em sua forma moderna” (BODDY, 2008, p. 92).<sup>371</sup> Utilizaremos para esta parte as obras de Kasia Boddy (2008), Gregory Ross (2014) e Graeme Kent (2015).

A partir das décadas de 1840 e 1850 as *Rough-And-Tumble* e as *Bare-knuckle* passaram a ser perseguidas de forma mais sistemática em várias cidades dos Estados Unidos. De fato, como já mencionamos, a legislação não findou com as lutas, mas sem dúvida modificou suas relações. Nestas mesmas décadas, surgiram muitas academias de *sparring*, além da divulgação e comercialização de manuais de boxe baratos (BODDY, 2008, p. 93).<sup>372</sup> Enquanto lutadores premiados e praticantes de *gouging* eram

---

<sup>370</sup> Tradução nossa. Original: “Rough-and-tumble fighting demonstrated unflinching willingness to inflict pain while risking mutilation-all to defend one's standing among peers-and became a central expression of the all-nale subculture.”.

<sup>371</sup> Tradução nossa. Original: “knuckle boxing was giving way to boxing in its modern form”.

<sup>372</sup> Tradução nossa. Original: “coincided with a boom in sparring academies and cheap boxing manuals”.

considerados corruptos e deploráveis, “as lutas informais eram elegantes e bem recebidas como meio de restaurar o vigor” (BODDY, 2008, p. 93).<sup>373</sup>

A luta entre John Morrissey e Bill Poole, em 1854, foi representativa desse novo contexto. O embate tomou proporções muito maiores do que uma simples peleja. Ao se enfrentarem nas Docas, Bill Poole se mostrou mais perito na *rough-and-tumble* e venceu seu oponente. Poole que havia trabalhado como açougueiro no passado, era apelidado de “O Carniceiro” e após dominar Morrissey, seus homens “desceram sobre o irlandês, chutando e dilacerando o pugilista gravemente ferido” (ROSS, 2014, p. 125).<sup>374</sup> No dia seguinte, os camaradas de John Morrissey buscaram vingança. Encontraram seus inimigos em um bar e partiram para o confronto. Bill Poole levou um tiro de revólver e faleceu nas semanas seguintes. Um dos seus homens, Thomas Allen, “foi encontrado com os olhos arrancados algumas noites depois” (ROSS, 2014, p. 125).<sup>375</sup> Muitos ajustes de contas entre gangues terminavam assim.

É interessante compreender a luta entre Morrissey e Poole na conjuntura das disputas eleitorais entre republicanos e democratas em Nova York. Ambos apoiavam partidos distintos. James W. Barker (1815-1869), ao concorrer para o cargo de prefeito de Nova York, “alistou os serviços do lutador de *rough-and-tumble*, Bill Poole e do ex-campeão Tom Hyer” (ROSS, 2014, p. 122).<sup>376</sup> Possivelmente o papel destes lutadores foi influenciar, constranger e intimidar os eleitores, ou qualquer outro serviço que envolvesse ao “crime de rua politicamente motivado” (ROSS, 2014, p. 123).<sup>377</sup> Barker acabou derrotado nas urnas para o democrata Fernando Wood (1812-1881), que apoiava imigrantes irlandeses como John Morrissey, por ter ao seu lado parte da “subcultura

---

<sup>373</sup> Tradução nossa. Original: “From the antebellum period onwards, working-class prize-fighting was considered corrupt and deplorable, while genteel sparring was welcomed as a means of restoring ‘vigour’ (a popular word particularly by the end of the century) to middle-class men”.

<sup>374</sup> Tradução nossa. Original: “After Morrissey called “enough,” signaling his capitulation, Poole’s supporters descended upon the Irishman, kicking and tearing at the already severely wounded pugilist”.

<sup>375</sup> Tradução nossa. Original: “Allen escaped McLaughlin’s initial assault, but was found badly beaten, with his eyes plucked from their sockets, a few nights later”.

<sup>376</sup> Tradução nossa. Original: “American heavyweight champion John “Old Smoke” Morrissey, of Templemore, County Tipperary, Ireland, led Wood’s political muscle, recruiting brawlers from the ‘Five Points’ slum for the 1854 municipal election”.

<sup>377</sup> Tradução nossa. Original: “Those pugilists who, like John Morrissey, survived the antebellum era’s wild days of politically-motivated street crime, amassed significant political and underworld influence, using their saloons and gambling houses to accumulate large sums of money and powerful working-class followings”.

esportiva da classe trabalhadora” (ROSS, 2014, p. 122).<sup>378</sup> Assim, Wood protegeu os interesses de Morrissey e permitiu que seu *saloon* abrisse todos os dias da semana, instalando “leais irlandeses na força da Polícia Municipal, ordenando que seus nomeados ignorassem infrações legais nos salões irlandeses e alemães” (ROSS, 2014, p. 123).<sup>379</sup>

Desse modo, ao final da década de 1850, boa parte dos tumultos, assaltos, brigas de bar e crimes violentos foram associados as *rough-and-tumble* e as *bare-knuckle fighting*. A partir de 1857 a polícia metropolitana de Nova York passou a reprimir qualquer tipo de organização ou práticas de lutas. Enquanto Nova York fechava suas portas para as lutas premiadas, regiões mais ao Norte do Estados Unidos, como *Portland*, capital de *Maine*, e *Longueil*, província de *Quebec*, Canadá, surgiam como locais em potencial para as pelepas. As malhas ferroviárias recentemente construídas e que ligavam estes territórios entre si colaboraram decisivamente (ROSS, 2014, p. 34).<sup>380</sup> Prova disso foi o combate entre John Morrissey e John Heenan, em 1858, em *Long Point*, província de Ontário, Canadá (ROSS, 2014, p. 134).<sup>381</sup>

Neste embate, John Heenan acabou derrotado por John Morrissey, contudo, Morrissey abandonou os ringues em 1859, deixando vago o título de *Heavyweight Championship of America* (Campeão Americano de Pesos Pesados).<sup>382</sup> Segundo Juvenal Queiroz, “Heenan intitulava-se campeão americano, em virtude da retirada do ringue do seu último vencedor” (QUEIROZ, 1989, p. 24). Assim, no ano seguinte John Heenan “enviou um desafio através das águas [...] para o então campeão da Inglaterra, Tom Sayers” (BODDY, 2008, p. 79).<sup>383</sup> Enquanto os ingleses viviam os últimos dias das *prize-fighting* (o que se confirmou com a criação das Regras do Marquês de

---

<sup>378</sup> Tradução nossa. Original: “Amongst Manhattan’s prizefighters and ethnically-divided, working-class sporting subculture, however, the ethno-political competition was just beginning”.

<sup>379</sup> Tradução nossa. Original: “To protect the saloons of his immigrant voter base, Wood installed loyal Irishmen in the Municipal Police force, ordering his appointees to ignore legal infractions at Irish and German saloons”.

<sup>380</sup> Tradução nossa. Original: “The construction of a railway between Portland, Maine, and Longueuil, Canada East, became a “*favorise la venue de boxeurs Américains*. ”

<sup>381</sup> Tradução nossa. Original: “[...]in the ‘Queen City’ on October 19, 1858, when John Morrissey successfully defended his American heavyweight”. Championship against John C. Heenan at Point Abino, knocking the latter out in just thirteen minutes”.

<sup>382</sup> ANEXO 21 – Imagem da luta entre John Morrissey e John Heenan, em 1858, em Long Point, Canadá.

<sup>383</sup> Tradução nossa. Original: “In 1858, the Irish-American fighter John C. Heenan sent a real ‘challenge across the water’, not to Bendigo but to the then ‘Champion of England’, Tom Sayers”.

Queensberry em 1867 e a Associação de Boxe Amador em 1880), a imprensa americana “esperava um verdadeiro teste de supremacia nacional” (BODDY, 1989, p. 79).<sup>384</sup>

É interessante lembrarmos que os primeiros pugilistas americanos que enfrentaram os ingleses, no início do século XIX, foram Bill Richmond e Tom Molineaux. Ambos, afro-americanos que, apesar de sua força, velocidade e boa técnica, foram hostilizados e tratados com indiferença pela imprensa americana (GORN, 1986, p. 36). Para Ruti Ungar, “eles apareciam frequentemente em jornais ingleses [...] eram temas de retratos e músicas, e socializavam com a nobreza” (UNGAR, 2010, p. 21).<sup>385</sup> O que fica visível é que tanto Richmond como Molineaux foram mais considerados na Inglaterra do que nos Estados Unidos. Kasia Boddy também concorda que “esse *round* entre Inglaterra *versus* Estados Unidos diferiu em muitos aspectos do que tinha ocorrido 50 anos antes” (BODDY, 2008, p. 79).<sup>386</sup>

A luta entre John Heenan e Tom Sayers foi um acontecimento representativo para os estadunidenses, pois foi “saudado como símbolo do sentimento antibritânico americano” (BODDY, 2008, p. 166).<sup>387</sup> Se o conceito de nação não serviu para identificar Richmond e Molineaux como americanos no início do século, em 1860 Heenan era “um representante do “Tio Sam”, um defensor do orgulho da Colúmbia” (BODDY, 2008, p. 79).<sup>388</sup> Contudo, John Heenan não tinha a mesma experiência de seu oponente. Tom Sayers possuía um cartel de 15 lutas, no espaço de 10 anos. Enfrentou duras peijas, como a de 1856 contra Harry Poulson, que durou 109 assaltos (QUEIROZ, 1989, p. 25). Já John Heenan havia lutado poucas vezes (apenas quatro

---

<sup>384</sup> Tradução nossa. Original: “While much of the American press looked forward to a test of national supremacy, the British press treated the event as a brutal anachronism and campaigned to stop it taking place.”

<sup>385</sup> Tradução nossa. Original: “The Jewish boxer Daniel Mendoza as well as Black boxers Bill Richmond and Tom Molineaux, for example, were not only household names in their communities, their names appeared regularly in the newspapers”.

<sup>386</sup> Tradução nossa. Original: “This round of Britain vs. the United States differed in many ways from that which had taken place 50 years earlier”.

<sup>387</sup> Tradução nossa. Original: “[...]to be co-opted into the English battle against Napoleon in 1812, the Irish-born and California-bred John Heenan to be fêted as a symbol of both American and Irish anti-British sentiment in 1860”.

<sup>388</sup> Tradução nossa. Original: “Heenan was now a representative of ‘Uncle Sammy’, a defender of ‘dear Columbia’s pride”.

combates formais), entretanto era nove anos mais jovem, 10 cm maior e pesava 20kg mais que seu adversário. (BODDY, 2008, p. 79).<sup>389</sup>

Mesmo com o parlamento britânico tentando evitar o combate, a peleja ocorreu em 17 de abril de 1860, no condado em *Hampshire*. Doze mil pessoas compareceram ao espetáculo, um número avantajado para o período final *das prize-fighting* (QUEIROZ, 1989, p. 25). Possivelmente, John Heenan fez bem em “apelar para lealdades étnicas e nacionais”, pois era um pugilista irlandês-americano, que ao enaltecer suas origens suscitou aos espectadores lembranças da Era de Ouro do Pugilismo inglês, isto é, um período marcado por guerras e conflitos internacionais, que permitia as *prize-fighting* maior patrocínio e prestígio (BODDY, 2008, p. 79).<sup>390</sup> A luta entre Heenan e Sayers durou mais de duas horas, chegando ao 37<sup>a</sup> assalto, porém, Heenan que sangrava muito e mal podia enxergar “agarrou o inglês pela garganta e tentou esganá-lo [...] alguém cortou a corda, os dois rolaram no chão e houve tumulto na assistência. Logo em seguida chegou a polícia e a multidão dispersou-se em várias direções” (QUEIROZ, 1989, p. 25). Os juízes declararam que a luta terminou empatada, porém, o resultado favoreceu mais John Heenan, pois Tom Sayers aposentou-se dos ringues no mesmo ano.

Depois disso, John Heenan lutou oficialmente somente uma vez, contra Tom King, campeão inglês, sendo derrotado em 10 de dezembro de 1863. Outras lutas foram canceladas (uma revanche contra Tom King, e outra contra Mike Mc Coole, em 1864 e 1868, respectivamente) ou fizeram parte de sua *tournee* de exposições pela América, em parceria com Jem Mace em 1870. Entretanto, mesmo que a carreira de Heenan não tenha sido muito longa, muito menos bem sucedida, sua luta contra Sayers foi um evento nacional para os americanos. Heenan tornou-se uma celebridade (BODDY, 2008, p. 111).<sup>391</sup> Seu título de campeão mundial dos pesos pesados tornou “o boxe uma

---

<sup>389</sup> Tradução nossa. Original: “a shift in the balance of power reflected in the fact that it was now an English David (5ft 8in and 150 pounds) who was to face an American Goliath (4 inches taller and nearly 40 pounds heavier). Heenan, named for his hometown as the ‘Benicia Boy’, was also nine years younger than Sayers”.

<sup>390</sup> Tradução nossa. Original: He appealed to both ethnic and national loyalties – to Irish-Americans, he was fighting as ‘a son of Erin’, to American-born nativists (many of whom had supported his opponents at home”.

<sup>391</sup> Tradução nossa. Original: “Following his defeat of Kilrain, Sullivan did not simply become a celebrity; like Heenan and Sayers before him, he became a screen onto which a wide variety of feelings and attitudes could be projected”.

forma popular de recreação nos acampamentos durante a Guerra Civil Americana” (BODDY, 2008, p. 93).<sup>392</sup>

Assim, torna-se evidente que a luta Hennen-Sayers levou o pugilismo a outro patamar nos Estados Unidos. Talvez, tendo pela primeira vez um sentido mais profundo para o país, não como um briga de bar ou entre gangues, nem ajustes de contas ou resoluções de conflitos entre trabalhadores, mas como forma de mostrar superioridade nacional e o sentimento anti-britânico. Portanto, a luta que deu a John Heenan o título de campeão mundial acabou por influenciar toda uma geração que passou a praticar e se interessar pelas *bare-knuckle fighting*. Segundo Gregory Ross, “na década de 1860 a maioria dos homens compreendia os fundamentos da luta premiada, aprendendo sobre *rounds*, regras [...] a partir da cobertura detalhada de grandes lutas como Heenan-Sayers”. (ROSS, 2014, p. 62).<sup>393</sup>

A tese de doutorado de Gregory M. Ross, intitulada *Boxing in the Union Blue: A Social History of American Boxing in the Union States During the Late Antebellum and Civil War Years*, foi fundamental para nossa compreensão de que algo havia mudado na prática das lutas nos Estados Unidos em meados do século XIX. Ao analisar a participação da classe trabalhadora na Guerra Civil Americana, Gregory Ross percebe que “os soldados recriavam as lutas premiadas como existiam em sua subcultura esportiva” (ROSS, 2014, p. 61).<sup>394</sup> Ou seja, a experiência de combates desses indivíduos foi levada para os quartelamentos militares. Os soldados levantavam as apostas (ou o prêmio) entre os “irmãos de armas interessados”, e organizavam pejejas fora do perímetro do acampamento, “como um meio de resolução de disputas” (ROSS, 2014, p. 61).<sup>395</sup> Elliot Gorn complementa que nas lutas “os indivíduos liberavam seus

---

<sup>392</sup> Tradução nossa. Original: “In the late 1870s and ’80s, Henry James created American protagonists whose masculinity was directly shaped by the Civil War and its aftermath”.

<sup>393</sup> Tradução nossa. Original: “By the 1860s, most men comprehended the fundamentals of prizefighting, learning about rounds, rules, seconds, referees, and the sport’s other nuances from the detailed newspaper coverage of major fights like Morrissey-Heenan and Heenan-Sayers”.

<sup>394</sup> Tradução nossa. Original: “Through prizefighting, soldiers could temporarily throw off the communal obligations of camp life, expressing aggressive, competitive masculinities learned in the pre-war sporting subcultures”.

<sup>395</sup> Tradução nossa. Original: “In regiments that explicitly permitted prizefights, such contests served as a means of dispute resolution”.

rancores e deixavam o ringue com o equilíbrio social restaurado” (GORN, 1986, p. 163).<sup>396</sup>

Além de resolver conflitos do cotidiano, em algumas situações os soldados da União “organizavam lutas a prêmio como fonte de distração e entretenimento” (ROSS, 2014, p. 62).<sup>397</sup> Como mencionamos anteriormente, pugilistas como John Morrissey, Tom Hyer, John Heenan e Yankee Sullivan eram respeitados e conhecidos pela classe trabalhadora, portanto, estes homens “inspiraram muitos soldados a testar suas habilidades no ringue” (ROSS, 2014, p. 62).<sup>398</sup> Diferente do período anterior a guerra, quando as apostas chegavam até dez mil dólares, no Exército as *bare-knuckle prize-fighting* envolviam pequenos valores, entre dez e cinquenta dólares. Os momentos de maior tensão e conflito ocorriam quando regimentos distintos, de estados diferente da União, se encontravam e tinham que dividir a linha de guerra e o acampamento juntos.

Como já foi dito, para compreender a trajetória e a constituição das *bare-knuckle fighting* foi preciso levar em conta a influência das lutas tradicionais, como as *rough-and-tumble* e o *eye-gouging*. Diversas brigas entre os soldados tiveram por fim “narizes esfolados e ensanguentados”. As histórias de Bill Poole como um exímio arrancador de olhos e mordedor de narizes se propagavam rapidamente entre os soldados. Assim, para Gregory Ross “como a luta de prêmios, as *rough-and-tumble* entraram na bagagem cultural dos voluntários do Exército da União” (ROSS, 2014, p. 64).<sup>399</sup> Como muitos oficiais “se opunham veementemente ao ringue premiado”, os desafiantes procuravam um lugar afastado para realizar suas pejejas (ROSS, 2014, p. 61).<sup>400</sup> Isso foi permitido porque era impróprio e desonroso para os oficiais consentir tais confrontos dentro de um espaço que deveria ser ordenado.

---

<sup>396</sup> Tradução nossa. Original: “Individuals released their rancors in the ring and left the magic circle with social equilibrium restored”.

<sup>397</sup> Tradução nossa. Original: “During monotonous stretches of camp life, Union soldiers occasionally organized prizefights as a source of distraction and entertainment, reminiscent of the workingclass sporting subcultures of antebellum America”.

<sup>398</sup> Tradução nossa. Original: “As heroes of the working class, successful Irish heavyweights like John Morrissey and James Sullivan, and their American counterparts Tom Hyer and John C. Heenan, inspired numerous soldiers to test their skills in the ring.”

<sup>399</sup> Tradução nossa. Original: “Like prizefighting, rough and tumble entered the Union Army in the cultural baggage of volunteers”.

<sup>400</sup> Tradução nossa. Original: “regiments, however, middle-class officers vehemently opposed the prize ring, forcing the sport into remote areas outside of camp”.

Por outro lado, Gregory Ross apresentou informações em que soldados resolveram suas disputas nas lutas premiadas “apesar da desaprovação de seus respectivos oficiais, se esgueirando para um local remoto fora do acampamento para organizar tais competições” (ROSS, 2014, p. 66).<sup>401</sup> Isso evidencia certos problemas de hierarquia, mas também a discordância dos soldados voluntários às normas e protocolos de uma exigidos por seus oficiais (como a ordem e a disciplina). Em alguns casos, a própria polícia militar “impediu os homens de concluir decisivamente sua disputa” (ROSS, 2014, p. 66).<sup>402</sup>

A popularidade do pugilismo nos Estados Unidos, obtida por grande embates como os de John Morrissey e Yankee Sullivan (1853) e John Hennan e Tom Sayers (1860), que foram acompanhados pela imprensa *round a round*, levaram jornais como *The New York Clipper* relacionarem “o sucesso de um pugilista com potencial para um soldado” (ROSS, 2014, p. 67).<sup>403</sup> A Guerra Civil Americana, entre os Estados Confederados (Sul) e os Estados Unidos (Norte), iniciou em 12 de abril de 1861, com a Batalha de *Fort Sumter*, na Carolina do Sul (KARNAL, 2011, p. 132). Neste mesmo mês, um nortista publicou uma nota no jornal “oferecendo mil dólares para que se organizasse um regimento composto de homens de músculos, que podem bater de frente” (ROSS, 2014, p. 67).<sup>404</sup> Segundo Gregory Ross, a expressão “bater de frente [...] era a marca de um hábil boxeador do século XIX” (ROSS, 2014, p. 67).<sup>405</sup> É no mínimo curioso, pois alguns anos antes os lutadores de *bare-knuckle prize-fighter* foram considerados pela mesma imprensa como “criminosos”, “deploráveis”, “tumultuadores”

---

<sup>401</sup> Tradução nossa. Original: “In some instances, Union soldiers settled disputes with prizefights despite the disapproval of their respective officers, sneaking to a remote location outside of camp to stage such contests”.

<sup>402</sup> Tradução nossa. Original: “Once situated, Cliff and Fitzgerald fought eight rounds in 49 minutes before being located by military police, preventing the men from decisively concluding their dispute”.

<sup>403</sup> Tradução nossa. Original: “The *New York Clipper*, arguably the premier sporting periodical of the antebellum period, subscribed to this “tenuous logic,” conflating success as a pugilist with potential as a soldier”.

<sup>404</sup> Tradução nossa. Original: “As early as April 27, a Manhattanite named John R. Ford wrote the *Clipper* offering one thousand dollars to organize a regiment “composed of men of muscle, who can hit straight from the shoulder”.

<sup>405</sup> Tradução nossa. Original: “The ability to hit “straight from the shoulder,” rather than swing a fist wildly, was the mark of a skilled mid-nineteenth century boxer”.



e outras expressões menos dignas. Agora, eles poderiam servir à Nação e lutar “pelo prêmio mais valioso que poderia ser oferecido: a liberdade” (ROSS, 2014, p. 67).<sup>406</sup>

De certa forma a resposta ao convite foi positiva. Muitos pugilistas de renome se apresentaram como voluntários. E as expectativas de jornais como o *The New York Clipper* foi de contar com sua força, coragem e resistência no momento necessário. O coronel Elmer Ellsworth (1837-1861) ficou responsável de viajar à Nova York para montar um regimento de voluntários formado por *firefighting*<sup>407</sup> (bombeiros), entre eles muitos pugilistas “que carregavam o código de conduta da classe trabalhadora masculina para o Exército da União” (ROSS, 2014, p. 69).<sup>408</sup> Homens como Harry Lazarus, Michael Trainor e Denis Horrigan, “representavam encarnações ideais da masculinidade, servindo como heróis para muitos trabalhadores urbanos” (ROSS, 2014, p. 69).<sup>409</sup>

Contudo, o jovem Elmer Ellsworth percebeu em pouco tempo que o *11th New York Volunteers*, composto por homens vigorosos, fortes e acostumados com a dureza da vida, “eram totalmente incompatíveis para o serviço militar” (ROSS, 2014, p. 69 e 70).<sup>410</sup> Ellsworth bem que tentou disciplinar seu regimento, mas foram muitos os elementos que contrastavam com seu ideal inicial. Por exemplo, os lutadores que se voluntariaram para a Guerra de Secessão tinham um estilo de vida muito diferente no período anterior ao conflito. Para os trabalhadores braçais de Nova York, “beber e lutar eram componentes intrínsecos da masculinidade” (ROSS, 2014, p. 69).<sup>411</sup> Além disso,

---

<sup>406</sup> Tradução nossa. Original: “The *Clipper* supported Ford’s plan, encouraging “prize fighters” to “turn out and fight for the most valuable prize that could be offered – Liberty – and preserve the flag of our Union untarnished, even if the secession mob has cut the ropes”.

<sup>407</sup> “Ellsworth se concentrou principalmente no recrutamento de bombeiros voluntários, também conhecidos como “laddies fire”, assumindo que suas exibições de exuberância juvenil e coragem lutando contra incêndios poderiam ser transferidos para o seu serviço como soldados” (ROSS, 2014, p. 72).

<sup>408</sup> Tradução nossa. Original: “Within the working-class Sporting subculture, prizefighters represented ideal embodiments of masculinity, serving as heroes for many urban workers”.

<sup>409</sup> Tradução nossa. Original: “The spread of working-class masculine norms through Ellsworth’s regiment was also facilitated by a number of prizefighter enlistees, including Harry Lazarus, Johnny Lazarus, Michael Trainor, and Dennis Horrigan”.

<sup>410</sup> Tradução nossa. Original: “Aside from the violence expected of both pugilists and soldiers, the lifestyles of antebellum prizefighters and fire laddies were utterly incompatible with military service”.

<sup>411</sup> Tradução nossa. Original: “The social and cultural norms of the working-class sporting subculture, particularly heavy drinking and fighting, proved difficult for Ellsworth to stifle”.

os voluntários “não tinham o respeito pela autoridade e disciplina exigida dos soldados da União” (ROSS, 2014, p. 70).<sup>412</sup>

Ellsworth, apesar de jovem, já havia boa experiência militar, sendo apreciador de exercícios físicos, tendo aprendido esgrima e táticas de guerra com um antigo veterano da Guerra da Criméia (1853-1856). Suas virtudes e ambição despertaram a atenção de Abraham Lincoln, que o tornou Chefe do Escritório de Guerra, com apenas 24 anos (ROSS, 2014, p. 71).<sup>413</sup> Por ser um indivíduo da classe média nova-iorquina, estudante de Direito em *Illinois*, Ellsworth apreciava “noções de respeitabilidade [...] proibindo os soldados de beber, fumar e outros tipos de imoralidade” (ROSS, 2014, p. 71).<sup>414</sup> Em 1859, organizou seu primeiro regimento em Chicago, tendo como soldados advogados, comerciantes e funcionários administrativos. Entretanto, é preciso salientar que Ellsworth não levou em conta a própria cultura popular e de ajuste de contas da classe trabalhadora, que simbolizava a essência dos *11th New York Volunteers*.

Não havia passado nem mesmo um mês da publicação da nota no jornal *The New York Clipper*, de 27 de abril de 1861, e a imprensa americana já havia se posicionado contrariamente aos soldados do regimento de Ellsworth. Talvez se arrependendo de dar espaço em sua folha para o surreal projeto de transformar pugilistas em soldados. Segundo Gregory Ross, “os homens de Ellsworth ignoravam abertamente suas ordens de manter o posto, optando por ajudar um companheiro numa briga de rua” (ROSS, 2014, p. 74).<sup>415</sup> Esta é uma questão interessante, pois para os soldados pugilistas a honra a seus companheiros de classe era mais importante do que a lealdade a pátria. Apesar dos jornais denominarem “briga de rua”, usando a expressão com uma conotação negativa, sabemos que as lutas tradicionais tinham regras

---

<sup>412</sup> Tradução nossa. Original: “As their officers soon realized, many members of the 11th lacked the respect for authority and discipline demanded of Union soldiers”.

<sup>413</sup> Tradução nossa. Original: “Most importantly, however, the Zouaves performed in Washington, D.C., attracting the attention of President Abraham Lincoln, who stated: “I have never seen anything like it in any part of the world [...] Supporting the ambitious Ellsworth, Lincoln appealed to Simon Cameron, then Secretary of War, on March 5, 1861, to appoint Ellsworth as Chief Clerk of the War Office”.

<sup>414</sup> Tradução nossa. Original: “enforcing middle-class notions of respectability in his regiment of “lawyers, merchants, and clerks,” forbidding drinking, smoking, and other “sorts of immorality.”

<sup>415</sup> Tradução nossa. Original: “Prior to the Zouaves deployment in late April, for example, the *New York News* reported that Ellsworth’s men openly ignored his orders to keep rank, opting to assist a fellow Zouave in a street fight instead”.

costumeiras e códigos culturais próprios, obviamente, vistos com desdém pelos seus oficiais superiores.

Outros fatos continuavam a apontar problemas de conduta e de ordem do *11th New York Volunteers*. Em certa ocasião, “um esquadrão foi a uma loja de botas, jogou fora seus velhos coturnos, escolheu melhores e saiu” (ROSS, 2014, p. 76).<sup>416</sup> Para nós, que acompanhamos as trajetórias de John Morrisson e Bill Poole, pugilistas e líderes de gangues em Nova York na década de 1850, sabemos que suas atitudes manifestavam questões mais complexas, que envolviam domínio do espaço urbano, luta pela sobrevivência e a transgressão do ordenamento e da ideologia burguesa. Com a morte de Elmer Ellsworth, ainda no primeiro ano da guerra, os voluntários de Nova York foram liderados pelo tenente-coronel Noah Farnham, “um bombeiro voluntário de Manhattan [...] que apreciou o boxe, gostava de lutar com luvas, como exercício e legítima defesa” (ROSS, 2014, p. 77 e 78).<sup>417</sup>

Com a troca de liderança, os voluntários buscaram um meio para diversão e entretenimento e “procuraram o conforto das atividades da classe trabalhadora [...] e foram às margens do Rio Potomac [...] para testemunhar um combate entre dois soldados nomeados de Rooney e Riley, de *Massachusetts* e *Michigan*” (ROSS, 2014, p. 78).<sup>418</sup> O combate de dois pugilistas de estados diferentes, como já evidenciamos, se mostrou muito recorrente atrativo. Como o século XIX ainda era um período de construção de identidades, colocar suas diferenças num ringue, era uma forma de mostrar superioridade regional. A peleja entre Riley e Rooney durou trinta e nove minutos, com onze *rounds* e a aposta foi uma nota de dez dólares (ROSS, 2014, p. 78).<sup>419</sup>

---

<sup>416</sup> Tradução nossa. Original: “wrote a Washington correspondent to the *New York Times*, “and expounding to the terrified people of this city their very free and easy ideas about property. the best and walked off”.

<sup>417</sup> Tradução nossa. Original: “Like many members of the 7th Militia, Farnham enjoyed sparring with gloves. Although many middle-class men engaged in sparring for exercise and self-defence, Farnham enjoyed boxing for its martial expediency, foreshadowing the allied military’s dedication to the sport in World War One”.

<sup>418</sup> Tradução nossa. Original: “to witness a prizefight between two soldiers named Rooney and Riley, from Massachusetts and Michigan respectively [...]”

<sup>419</sup> Tradução nossa. Original: “Riley and Rooney fought a total of eleven rounds in thirty nine minutes for a ten dollar Bill”.

Porém, como a guerra era dinâmica e os regimentos se movimentavam constantemente, os *11th New York Volunteers* se dirigiram para a Virgínia, para enfrentar seu primeiro grande desafio: a Primeira Batalha de *Bull Run*. Ocorrida em 21 de julho de 1861, este conflito pôs a prova o regimento comandado por Noah Farnham. Os exércitos da União não resistiram a experiência e as excelentes táticas militares dos Confederados. Foi uma derrota esmagadora. Contudo, a culpa não caiu nas costas de Lincoln, nem mesmo dos oficiais superiores. Para Gregory Ross “embora os lutadores [...] estivessem acostumados à violência, [...] experimentando-a diariamente [...] a maioria não tinha experiência em combate em grande escala” (ROSS, 2014, p. 80).<sup>420</sup> Não demorou muito para que os jornais voltassem às críticas, afirmando que os soldados pugilistas “limitavam-se a marchar e a perfurar” (ROSS, 2014, p. 80).<sup>421</sup> Em outras palavras, eles não eram bons soldados.

O *11th New York Volunteers* perdeu 34 homens, entre eles seu comandante, que foi baleado na cabeça por um mosquete. O desempenho negativo dos voluntários já era, de certa forma, esperado. Contudo, a imprensa tratou o assunto depositando, inicialmente, esperança em seus soldados lutadores, modelos de masculinidade. Para Gregory Ross, embora a “imprensa encorajasse com confiança o alistamento de boxeadores, enquadrando-os como soldados ideais, a maioria dos pugilistas não estava preparado para a guerra” (ROSS, 2014, p. 81)<sup>422</sup>. *Bare-knuckle fighters* como Johnny Lazarus “passaram a maioria parte de suas vidas viajando pela América [...] atuando em shows de boxe no Nordeste desde a tenra idade, tornando-se lutadores profissionais” (ROSS, 2014, p. 80). Como fica evidente, a experiência de um pugilista nos ringues “era de pouco valor no combate armado contra os confederados” (ROSS, 2014, p. 81).<sup>423</sup>

Um dos desdobramentos da derrota dos unitários na Primeira Batalha de Bull foi um grande número de deserções por parte dos soldados da *11th New York Volunteers*.

---

<sup>420</sup> Tradução nossa. Original: “Although the prizefighters and fire laddies of the Zouaves were accustomed to violence, experiencing it daily in the working-class sporting subculture, most lacked any experience with combat on a grand scale”.

<sup>421</sup> Tradução nossa. Original: “Indeed, while Farnham and a smattering of others boasted a degree of militia training, the martial skills of most Fire Zouaves was limited to marching and drilling”.

<sup>422</sup> Tradução nossa. Original: “Although the sporting press confidently encouraged the enlistment of boxers, framing prizefighters as ideal soldiers, most pugilists were illprepared for war.”

<sup>423</sup> Tradução nossa. Original: “Despite the claims of the *New York Clipper*, the Zouave’s proficiency in boxing and volunteer firefighting was of little value in armed combat against the Confederacy.”

Para pugilistas como Johnny Lazarus e seu irmão Harry Lazarus a guerra “foi uma causa passageira, digna de um tempo, mas finalmente abandonada” (ROSS, 2014, p. 82).<sup>424</sup> De acordo com Gregory Ross, “as ideias de aventura e patriotismo promovidas por revistas, jornais e recrutadores [...] rapidamente evaporam-se no meio de armas trovejantes e derramamento de sangue generalizado” (ROSS, 2014, p. 82).<sup>425</sup> Fica evidente que para muitos dos pugilistas que se alistaram, não havia uma entrega à causa unitária, nem mesmo um senso de importância ao evento, muito menos qualquer dedicação a abolição da escravidão. Aliás, como afirma Leandro Karnal, apesar das muitas diferenças entre o Norte e o Sul dos Estados Unidos, “a ideia de superioridade do homem branco era comum e inquestionável para ambos” (KARNAL, 2011, p. 128).

Antes mesmo de um novo reagrupamento, os voluntários de Nova York se embrenharam em uma nova peleja, uma “luta disputada sem prêmio ou apostas, os homens se contentaram em 130 rounds, abrangendo duas horas e vinte e dois minutos, para simplesmente determinar o melhor pugilista” (ROSS, 2014, p. 83)<sup>426</sup>. Mais uma vez se observa que o dinheiro nem sempre motivava uma luta premiada. Neste caso, “determinar o melhor pugilista”, numa versão de competição esportiva, foi o suficiente para ambos. Talvez este embate possa mostrar mais uma vez a tensão entre as diversas formas de lutas existentes nos Estados Unidos em meados do século XIX. Como mencionamos, a perseguição as *rough-and-tumble* e as *bare-knuckle fighting* coincidiu com o surgimento de muitas escolas de *sparring*. Assim, na Guerra Civil Americana estes tipos de luta ocorriam em momentos e motivações diversas, e eram uma pequena amostra das tensões entre várias formas de lutas (umas mais agressivas e brutais que outras) nos Estados Unidos.

Outro enfrentamento ocorreu entre James Lavell e Michael O’Rooke, tendo como árbitro o pugilista Harry Lazarus. Neste confronto, “para desgosto dos lutadores e seus companheiros [...] um oficial acabou com o combate no *round 21*, exatamente

---

<sup>424</sup> Tradução nossa. Original: “For boxer Johnny Lazarus, the Civil War proved a fleeting cause, worthy for a time, but ultimately abandoned”.

<sup>425</sup> Tradução nossa. Original: “The idealized notions of adventure and patriotism promoted by magazines, newspapers, and recruiters, embraced by impressionable male northerners, promptly evaporated in the midst of thundering guns and widespread bloodshed.”

<sup>426</sup> Tradução nossa. Original: “Interestingly, and contrary to prevailing logic in the working-class sporting subcultures of New York and New Jersey, the McCabe-McCuff bout was fought for no monetary purse, the men content to battle 130 rounds, encompassing two hours and twenty-two minutes, to simply determine the better pugilist”.

quando parecia que O'Rooke colocaria Lavell na lona de vez" (ROSS, 2014, p. 84).<sup>427</sup> Não havia consenso entre os oficiais, representantes da classe média, sobre as lutas dentro ou fora do acampamento. O fato é que para estes indivíduos, "a agressividade, a competitividade e o individualismo frequentes na subcultura da classe operária" não era a melhor maneira de resolver conflitos, e por vezes "tentavam encorajar entedimentos mais comuns de masculinidade". (ROSS, 2014, p. 84).<sup>428</sup> O que estava em jogo, portanto, eram discursos de masculinidade que, obviamente, contrastavam entre si. A forma como os oficiais encaminham o fim da luta mostra também os diferentes conceitos de masculinidade entre os estados do Norte, mostrando que não havia consenso sobre isso.

Os *11th New York Volunteers*, sob a liderança de Elmer Ellsworth e, posteriormente de Noah Farnham, não foram os únicos a alistar pugilistas em seu regimento. Em 23 de abril de 1861, George Strong tornou-se responsável de formar um regimento "de trabalhadores famosos por dureza e violência em suas comunidades" (ROSS, 2014, p. 85).<sup>429</sup> Os *6th New York Volunteers* eram compostos por trabalhadores, muitos deles pugilistas, e tinham como liderança um ex-oficial e boxeador aposentado chamado Billy Wilson. Wilson, assim como Bill Poole e John Morrissey, era conhecido por suas relações políticas e intimidação de eleitores nas urnas (ROSS, 2014, p. 85).<sup>430</sup> Por isso, o Exército da União teve certa resistência em contar com sua participação e de seus voluntários.

Billy Wilson tinha sido "um dos maiores pugilistas peso leve da América na década de 1840" (ROSS, 2014, p. 86).<sup>431</sup> Nos anos seguintes, "colocou seus talentos pugilísticos em exibição durante a campanha do vereador First Ward, incitando um

---

<sup>427</sup> Tradução nossa. Original: "Much to the chagrin of the fighters and their fellow Zouaves, an officer broke up the prizefight in the twenty-first round, just as it seemed O'Rooke would put Lavell to the turf for good".

<sup>428</sup> Tradução nossa. Original: "The aggression, competitiveness, and individualism frequent in the working-class sporting subculture of New York City was suppressed in the Union Army as officers attempted to encourage more communal understandings of masculinity".

<sup>429</sup> Tradução nossa. Original: "Like Ellsworth's Zouaves, Wilson's 6th New York Volunteer Regiment recruited mostly unskilled and skilled laborers, particularly those renowned for toughness and violence in their communities."

<sup>430</sup> Tradução nossa. Original: "Wilson tended to incorporate his pugilistic talents into his political dealings, resorting to violence and intimidation at the ballot boxes."

<sup>431</sup> Tradução nossa. Original: "During the 1840s, Wilson established himself as one of the finest lightweight pugilists in America by defeating Ned Hughes in Louisiana in 1844 and James Stewart in Connecticut in 1846".

tumulto violento de trezentas pessoas” (ROSS, 2014, p. 86).<sup>432</sup> Como as lutas eram populares entre a classe trabalhadora, e os pugilistas considerados como modelos de masculinidade, as exibições de *sparring* foram uma boa propaganda política. Billy Wilson alistou-se ao lado da União, em 1861, mesmo com certas diferenças com a política do Partido Republicano de Abraham Lincoln. Com o apoio do vereador eleito de Nova York, First Ward, Wilson foi nomeado comandante-chefe da milícia e recrutou “homens que ele achava adequados para o combate, seguindo sua sensibilidade operária [...] patrulhou seções de *rough-and-tumble* em *Gotham* em busca de guerreiros experientes e esportistas pra o seu regimento” (ROSS, 2014, p. 89).<sup>433</sup>

Como já mencionamos, muitos destes lutadores que seguiram Billy Wilson (os *Wilson's Boys*), semelhantemente aos de Elmer Ellsworth, “consideravam a guerra uma rixa aventureira” (ROSS, 2014, p. 89).<sup>434</sup> Contudo, a diferença de Wilson para Ellsworth foi que o primeiro abraçou a cultura de classe trabalhadora. Inclusive, incentivando “seus homens a transferir seus conhecimentos de violência de rua e tavernas para seu serviço como soldados da União” (ROSS, 2014, p. 89).<sup>435</sup> Além de pugilistas, mercenários e veteranos da Guerra Mexicano-Americana (1846-1848) também faziam parte dos *6th New York Volunteers*. Billy Wilson também equipou “seu regimento com armas tipicamente usadas na violência relacionada a gangues de *Manhattan*, armando cada um deles com uma faca *bowie*, pistola e mini-rifle” (ROSS, 2014, p. 90).<sup>436</sup> A tentativa de Billy Wilson de “estimular o orgulho da classe trabalhadora”, foi bem diferente da forma que Ellsworth tratou seus soldados, tentando ordenar e disciplinar os pugilistas.

Contudo, o Exército da União manteve cautela e não chamou imediatamente os “meninos” de Bill Wilson para o confronto. Somente dois meses após o início da

---

<sup>432</sup> Tradução nossa. Original: “Wilson put his pugilistic talents on display during his 1856 campaign for First Ward alderman, inciting a violent, three-hundred-person riot at the polls.”

<sup>433</sup> Tradução nossa. Original: Billy Wilson recruited men he felt were aptly suited for combat, following his own working-class sensibilities [...] In April 1861, the prizefighter-colonel patrolled the rougher sections of Gotham in search of battlehardened brawlers and other sporting regulars to man his regiment

<sup>434</sup> Tradução nossa. Original: “As Burrows and Wallace eloquently suggest, Wilson’s followers considered the war, first and foremost, an “adventurous brawl-writ-large.”

<sup>435</sup> Tradução nossa. Original: Wilson fully understood his volunteers’ lot in life, encouraging his men to transfer their knowledge of street and tavern violence into their service as Union soldiers.

<sup>436</sup> Tradução nossa. Original: Attempting to spur working-class pride, Wilson equipped his regiment with weapons typically used in the gang-related violence of Manhattan, arming each with a bowie knife, pistol, and mini rifle.

guerra, o regimento que estava inativo em *Staten Island*, condado de Nova York, recebeu a notícia que iria para a linha de frente. Wilson anunciou uma licença de doze horas para os soldados relaxarem, contudo, depois da liberação boa parte deles “estava tão bêbado e desorganizado que não conseguiam embarcar no vapor para a partida no dia seguinte” (ROSS, 2014, p. 91).<sup>437</sup> Este fato foi amplamente divulgado pela imprensa confederada que anunciava o “brilhante” exército unitário, composto por marginais e condenados penitenciários (ROSS, 2014, p. 91).<sup>438</sup>

De fato, os próprios oficiais dos Estados do Norte desprezavam os voluntários, principalmente aqueles que vinham da classe trabalhadora urbana. O Coronel Harvey Brown, por exemplo, quando soube que receberia o apoio dos *6th New York Volunteers* “afirmou ser isso mais um fardo do que uma bênção” (ROSS, 2014, p. 92).<sup>439</sup> Os argumentos eram semelhantemente aplicados aos pugilistas de Elmer Ellsworth: careciam da experiência e da resolução necessária para o combate em larga escala com a Confederação (ROSS, 2014, p. 92).<sup>440</sup> Assim, os voluntários de Billy Wilson foram enviados para *o Fort Pickens, Pensacola, Florida*, “a ilha mais inóspita na face da terra [...] com abundância de cobras, lagartos e insetos” (ROSS, 2014, p. 93).<sup>441</sup>

Segundo Gregory Ross, “o tédio na vida de acampamento logo afligi os homens de Wilson [...] que organizaram uma série de entretenimentos consistentes com a subcultura de esporte da classe trabalhadora de Nova York” (ROSS, 2014, p. 95).<sup>442</sup> Com a chegada de outros regimentos, como o *75th e o 91th New York Volunteers*, “organizaram competições de luta para provar sua superioridade [...] os homens de Wilson demonstraram muito mais habilidade com as mãos do que os recém-chegados”

---

<sup>437</sup> Tradução nossa. Original: “Following the furlough, seventy-five of the 6th New York Volunteers were so drunk and disorganized they failed to board the steamship *Vanderbilt* for departure the next Day”.

<sup>438</sup> Tradução nossa. Original: “the New Orleans’ *Daily-Picayune* newspaper proudly stating: “Our ranks are not filled with penitentiary convicts, Billy Mulligans, Dan Sickleses, Ellsworths, Billy Wilsons and such likes”

<sup>439</sup> Tradução nossa. Original: “When informed he would be receiving assistance for the 6th New York Volunteers, Brown regarded Wilson and his men as more burden than blessing.”

<sup>440</sup> Tradução nossa. Original: “Many long-time members of the military institution felt volunteers, particularly urban working-class units, lacked the experience and resolve necessary for large-scale combat with the Confederacy”.

<sup>441</sup> Tradução nossa. Original: “Many of Wilson’s volunteers were also unhappy with their deployment to Fort Pickens, believing the Union Army intentionally sent them to “the most inhospitable island on the face of this earth.” The abundance of snakes, lizards, and insects,

<sup>442</sup> Tradução nossa. Original: “The boredom of camp life soon afflicted Wilson’s men. In efforts to occupy their time in Pensacola, the 6th New York Volunteers organized a series of entertainments consistent with the working-class Sporting subculture of New York City.”



(ROSS, 2014, p. 95).<sup>443</sup> O que fica evidente é que a organização de lutas premiadas entre os regimentos de soldados tinha vários objetivos, desde ajuste de contas, entretenimento, mas também provas de masculinidade.

As diversas derrotas da União para Confederação, “deixaram a população do Norte desanimada e desiludida” (ROSS, 2014, p. 100).<sup>444</sup> A guerra que seria resolvida segundo os unitários, em três meses, agora não tinha fim previsível (KARNAL, 2011, p. 132). Diante disso, muitos dos voluntários que se alistaram em 1861, movidos por sentimentos patrióticos, desertaram. Mas a deserção não foi o único motivo: as baixas de guerra e as doenças no acampamento também contribuíam para a desorganização do Exército do Norte. Conforme Ross, “na ausência da vitória rápida [...] a moral inicialmente elevada, patriótica entre soldados e cidadãos do norte caiu antecipadamente na guerra civil” (ROSS, 2014, p. 101).<sup>445</sup>

Toda essa conjuntura fez com que Abraham Lincoln convocasse, em dois de julho de 1862, “300 mil voluntários adicionais para servir os mandatos de três anos no Exército da União” (ROSS, 2014, p. 103).<sup>446</sup> Lincoln chegou “a convocar até os escravos para formar o exército” (KARNAL, 2011, p 133). Mesmo com este contexto delicado alguns pugilistas atenderam o chamado do presidente. Patrick “Scotty” Brannigan, por exemplo, um lutador britânico, foi comissionado como oficial no *158th New York Volunteers* em 1862 e chegou a primeiro tenente em 1864.

Mas este foi um caminho pouco comum. Ao verem que a guerra se estendia, muitos pugilistas tentaram evitá-la a qualquer custo. Uma dessas formas foi através da substituição. Segundo Ross, “a substituição era um processo que permitia que os homens recrutados fornecessem um substituto capaz de tomar seu lugar [...] e havia

---

<sup>443</sup> Tradução nossa. Original: “Initially, theatrical productions, dancing, and singing, dominated the leisure pursuits of Wilson’s men but, when the 75th and 91st New York Volunteers arrived at Fort Pickens as reinforcements, things took a more sporting turn”.

<sup>444</sup> Tradução nossa. Original: “Union defeats at Bull Run and Wilson’s Creek in 1861, followed by the costly Union victory at the Battle of Shiloh and gruesome defeat in the Seven Days Battle, left the Northern populace dejected and disillusioned.”

<sup>445</sup> Tradução nossa. Original: “In the absence of the prompt, glorious victory promised by Union politicians, the initially high, patriotic morale amongst Northern soldiers and citizens plummeted early in the Civil War.”

<sup>446</sup> Tradução nossa. Original: On July 2, 1862, Lincoln called for an additional 300,000 volunteers to serve three year terms in the Union Army

certo grau de compensação financeira” (ROSS, 2014, p. 104).<sup>447</sup> Valores entre cinquenta e cento e cinquenta dólares eram pagos ao substituto por aqueles que não estavam interessados em servir pelas causas da União. Outra estratégia utilizada foi a taxa de comutação. O ex-campeão John Morrissey, por exemplo, evitou o recrutamento desembolsando o valor de trezentos dólares. No entanto, era um valor alto que nem todos poderiam pagar (ROSS, 2014, p. 103).<sup>448</sup>

Uma forma bastante utilizada foi solicitar o *status* de estrangeiro. Conforme Ross, “a maioria dos pugilistas eram de nascimento irlandês ou inglês, muitos provavelmente reivindicaram status estrangeiro” (ROSS, 2014, p. 104).<sup>449</sup> Foi o caso do campeão americano John Heenan, que depois de enfrentar Tom Sayers em 1860, permaneceu na Inglaterra. Em último lugar, pugilistas como os irmãos Jim e Joe Coburn evitaram o alistamento militar por uma isenção física particular, que favorecia os “debilitados pugilisticamente - os desdentados [...] pois os dentes eram uma necessidade absoluta para o soldado [...] necessário para morder e abrir cartuchos de armas no campo de batalha” (ROSS, 2014, p. 104).<sup>450</sup>

Enfim, como destacamos no início dessa seção, as *bare-knuckle* já eram bem populares no início da década de 1860, principalmente pelo combate entre Heenan-Sayers, que foi representativo para os norte-americanos. Em período de confronto, como a Guerra Civil Americana, os unitários depositaram esperança na força e coragem dos pugilistas, contudo, não levaram em conta suas vidas pregressas, de criminalidade roubos e violência, que geraram indisciplina e certos desconfortos no acampamento e no campo de batalha, sem falar na falta de experiência em combates dessa magnitude. A imprensa que inicialmente exaltou as qualidades dos lutadores, inclusive mediando a constituição de um regimento “de homens de músculos, que podem bater de frente”, que pudessem vencer os confederados no corpo a corpo, logo refutou a ideia e passou a criticar a falta de experiência dos boxeadores. Independente de suas atuações, “o

---

<sup>447</sup> Tradução nossa. Original: “Since most men, by 1863, were not eager to march for the battlefield, some degree of financial compensation was typically required to obtain a substitute.”

<sup>448</sup> Tradução nossa. Original: “First of all, one could pay a commutation fee of three hundred dollars, like prizefighter John Morrissey”.

<sup>449</sup> Tradução nossa. Original: “As most pugilists were of either Irish or English birth, many likely claimed alien status.”

<sup>450</sup> Tradução nossa. Original: “Although an exemption for poor teeth, or lack of teeth, seems absurd by present day standards, teeth were an absolute necessity to the civil war soldier, required to bite open cartridges of gun powder on the field of battle”.

combate a prêmio como o com luvas [...] proporcionaram aos soldados uma importante fonte de entretenimento e desempenho masculino durante a guerra” (ROSS, 2014, p. 105).<sup>451</sup>

\*\*\*

A simples manifestação do pugilismo como uma prática de diversão ou de ajuste de contas nos acampamentos do Exército da União indica que, em meados do século XIX, as lutas faziam parte da cultura da classe trabalhadora norte-americana. Contudo, mais do que isso, verificamos que pelo menos dois regimentos, os *11th e 6th New York Volunteers*, tiveram exclusivamente lutadores, e tantos outros contaram com pugilistas em suas fileiras de guerra. O fato de a imprensa ter sugerido que boxeadores fossem convocados como soldados indica que os discursos de força e masculinidade eram marcas aceitas e reconhecidas pela população. Mas também podemos pensar que o alistamento dos pugilistas (muitos vistos como *gangsters* e criminosos) e de afro-americanos pode aparentar o desespero do Norte em vencer a guerra a qualquer custo (ROSS, 2014, p. 97)<sup>452</sup>.

Por outro lado, a partir das micro-relações, percebemos que os combatentes demonstravam conhecer e praticar diversas formas de pugilismo. Lutas tradicionais como a *rough-and-tumble*, os *bare-knuckle fighting* e os *sparring-match* com luvas, fizeram parte das pelepas entre soldados, dentro ou fora dos acampamentos militares. Parece-nos que não havia delimitação exata sobre o perímetro de influência e reciprocidade entre essas lutas. Entretanto, não demoraria muito para que nobres do outro lado do Atlântico criassem um novo regulamento para o boxe, mais moderno e civilizado.

---

<sup>451</sup> Tradução nossa. Original: In general, both prizefighting and gloved sparring continued within the Union ranks, providing soldiers with an important source of entertainment and masculine performance during the lingering war with the Confederacy”.

<sup>452</sup> “Em julho de 1862, o Congresso aprovou a Lei da Milícia, permitindo o alistamento de afro-americanos no Exército da União. Para grande consternação de Wilson e de alguns de seus homens, Louisiana era o lar do *1st Regiment Native Guards*, o primeiro regimento oficialmente reconhecido no Exército da União, formado em 27 de setembro de 1862”. Tradução nossa. Original: Wilson’s enhanced role in the Union Army in Louisiana was short lived. In July 1862, Congress passed the Militia Act, allowing for the enlistment of African Americans in the Union Army. Much to the dismay of Wilson and some of his men, Louisiana was home to the *1st Regiment Native Guards*, the first officially recognized black regiment in the Union Army, formed on September 27, 1862.

Na década de 1860 o boxe moderno foi regulamentado a partir das Regras do Marquês de Queensberry, de 1867. Estas regras foram utilizadas, primeiramente na Inglaterra e posteriormente nos Estados Unidos a partir na década de 1890. Segundo Kasia Boddy, “depois dos anos 1860, as lutas de estilo antigo continuaram clandestinamente, mas não eram mais os eventos nacionais que Sayers e Heenan tinham sido” (BODDY, 2008, p. 92).<sup>453</sup> As Regras do Marquês de Queensberry, que já analisamos em capítulo anterior, trouxeram a diferença entre o boxe amador e o profissional, ou seja, uma tentativa de legalizar tanto os *sparring-match*, que há tempos eram ensinados em academias e anfiteatros de lutas, como diminuir a violência e modernizar as *prize-fighting*. Ao mesmo tempo, “todas as lutas agora associadas à luta livre foram desautorizadas, garantindo assim uma competição mais vertical” (BODDY, 2008, p. 92).<sup>454</sup>

O que fica evidente é que tanto os combates de vale tudo e as lutas premiadas com mão nuas, na Inglaterra, como as lutas tradicionais, tais como as *rough-and-tumble* e *bare-knuckle fighting*, nos Estados Unidos, estavam na condição de “desautorizadas”. É interessante que na década de 1860, lutadores como Jem Mace (1831-1910), Joe Wormanld (1841-1871), Tom Allen (1839-1903) e Joe Gross (1837-1885), todos estes, deixaram a Inglaterra para seguirem a vida de pugilistas nos Estados Unidos (QUEIROZ, 1989, p. 26). Muitos deles foram divulgadores da prática do boxe, fizeram lutas de exibição (de 3 *rounds*) o que realça nosso argumento de que a partir de 1860, o boxe não só se tornou mais popular, mas também comerciável, inserido dentro de uma lógica do espetáculo<sup>455</sup> e do mercado de entretenimento (BODDY, 2008, p. 110).<sup>456</sup> Mas, afinal, por que estamos construindo todo esse raciocínio?

John Sullivan (1858-1918), nosso objeto de análise neste momento, foi o último campeão mundial dos pesos pesados de mãos nuas, ou seja, de *bare-knuckle*, obedecendo as Regras do Ringue Premiado de Londres (1838 e 1852), e foi também o

<sup>453</sup> Tradução nossa. Original: “After the 1860s old-style prize-fights continued clandestinely, but they were no longer the national events that Sayers vs. Heenan had been”.

<sup>454</sup> Tradução nossa. Original: “All the grappling holds now associated with wrestling were disallowed, thus ensuring a more upright contest; weight categories for boxers were to be strictly observed, and gloves, which had been used mainly in training, were now to be compulsory in fights”.

<sup>455</sup> ANEXO 22 - Mapa dos Estados Unidos com destaque para as lutas de *bare-knuckle* entre 1860 e 1890.

<sup>456</sup> Tradução nossa. Original: “One set of codes and regulations replaced another, British dominance collapsed in the face of new American prowess, and new audiences emerged through the development of popular mass media from magazines to film.”.

primeiro campeão dos pesos pesados de luvas, isto é, atentando as Regras do Marquês de Queensberry (1867). Ele simboliza o processo de transição entre as lutas tradicionais e as lutas modernas. Sua trajetória elucida que desde 1860 o boxe vivia um novo momento, não só na Inglaterra, mas também nos Estados Unidos. Prova disso foi a visita do 9º Marquês de Queensberry, John Douglas, juntamente com o jornalista Artur Chambers, à América na mesma década de 1860. Segundo Kasia Boddy, para Douglas “o acordo com os partidários americanos do jogo era essencial” (BODDY, 2008, p. 92).<sup>457</sup>

Em outras palavras, o nobre John Douglas queria saber se teria apoio dos esportistas norte-americanos em relação ao estabelecimento de novas regras para o boxe. Afinal, enquanto as *prize-fighting* diminuía na Grã-Bretanha, elas se tornavam mais populares nos Estados Unidos (BODDY, 2008, p. 79).<sup>458</sup> Ou seja, a concordância dos americanos era imprescindível. Assim, a segunda metade do século XIX foi um período de intensas mudanças para o boxe. Jack Anderson, por exemplo, aponta que as relações paternalistas, estabelecidas entre lutadores (em grande parte, trabalhadores) e seus patrocinadores (nobres e aristocratas), muito comuns na Inglaterra do início do século, não foram repetidas nos Estados Unidos (ANDERSON, 2001, p. 49).<sup>459</sup> Ao mesmo tempo, as *rough-and-tumble* as *bare-knuckle fighting*, muito populares como ajuste de contas entre imigrantes irlandeses não seriam tão recorrentes após a Guerra Civil Americana (BODDY, 2008, p. 92).<sup>460</sup>

Por isso, a trajetória do lutador John Sullivan foi ao mesmo tempo simbólica, por representar a transição das *bare-knuckle* (mão nuas) para o boxe profissional moderno (com luvas), mas igualmente exemplar do novo contexto histórico que o pugilismo estava inserido.<sup>461</sup> Para Juvenal Queiróz, Sullivan foi considerado o primeiro campeão

<sup>457</sup> Tradução nossa. Original: “Shortly after the end of the Civil War, the Marquess of Queensberry, accompanied by Arthur Chambers, visited the United States for, as his grandson notes, ‘agreement with American supporters of the game was essential’.”

<sup>458</sup> Tradução nossa. Original: “Steadily if slowly growing in the United States, prize-fighting had continued to decline in Britain”.

<sup>459</sup> Tradução nossa. Original: “Certain purists and prizefighters sought another, less paternalistic arena, in which to fight”.

<sup>460</sup> Tradução nossa. Original: “From the late 1840s until the Civil War, tension between ‘natives’ and the growing numbers of Irish immigrants found expression in a series of fiercely contested fights between various pairings of Tom Hyer, Yankee Sullivan, John Morrissey and John C. Heenan”.

<sup>461</sup> ANEXO 23 – Imagens do pugilista John Sullivan, campeão mundial entre 1882 e 1892.

mundial dos pesos pesados, ao vencer o irlandês Paddy Ryan em 1882 (QUEIRÓZ, 1989, p. 30). Porém, Mário Ramos aponta que Sullivan tornou-se apenas campeão da América ao vencer Ryan (RAMOS, 1941, p. 21). Já para Taciano de Oliveira e Miranda Rosa, Sullivan só foi apontado como campeão do mundo ao vencer Jack Kilrain, em 1889, na épica luta de 75 *rounds*, tornando-se “o primeiro campeão moderno de boxe” (OLIVEIRA & MIRANDA ROSA, 1924, p. 26).

Lembramos que no começo deste capítulo citamos a peleja entre Sullivan e Kilrain. John Sullivan é até hoje um dos mais lembrados pugilistas norte-americanos. Assim, para os estadunidenses ele tornou-se sinônimo de boxe e, igualmente, de nacionalismo, masculinidade e superioridade da raça branca. Autores como Michael T. Isenberg (1988), em *Jonh L. Sullivan and His Americana*, e mais recentemente Adam Pollack (2006), em *In the Ring with John L. Sullivan*, foram apenas alguns dos pesquisadores que dedicaram estudos sobre ele. Portanto, queremos aprofundar as questões que o tornaram tão popular e, ao mesmo tempo, compreender as diversas mudanças vividas pelo boxe em fins do século XIX.

Falamos a pouco que John Sullivan foi o primeiro campeão mundial dos pesos pesados. No entanto, os ingleses intitulavam-se campeões desde o século XVIII. Como entender esse processo? Entre 1719, com James Figg, até 1866, com Jem Mace, os lutadores de *prize-fighting* que venciam o oponente detentor do título eram vistos como campeões da Inglaterra. Nos Estados Unidos, o campeonato americano surgiu em 1841, com Tom Hyer (QUEIROZ, 1989, p. 23). Hyer foi campeão entre 1841 e 1851. Depois dele surgiram Frank Murray (1851-53), John Morrissey (1853-58), John Heenan (1859-1860), Joseph Coburn (1863-65), Jim Elliot (1865-69), Tom Allem (1869-70), Jem Mace (1870-71), Tom Allem (1873-76), Joe Goss (1876-80), Patrick Ryan (1880-82) e, finalmente, John Sullivan (1882-89).

Sobre estes campeões americanos queremos ressaltar alguns elementos que julgamos interessantes.<sup>462</sup> Murray, Morrissey, Coburn, Elliot e Ryan eram irlandeses, ou seja, dos doze campeões americanos de *bare-knuckle fighting*, cinco nasceram na Irlanda. Inclusive, o primeiro *prize-fighting* europeu que imigrou para os Estados Unidos foi o irlandês James “O Surdo” Burke. Elliot Gorn afirma que muitos irlandeses

---

<sup>462</sup> APÊNDICE 2 – Mapeamento dos lutadores de *bare-knuckle*, entre 1841 e 1889.

se animavam a imigrar para o Novo Mundo, “porque havia uma comunidade de base e apoio pronta” (GORN, 1986, p. 42).<sup>463</sup> Além disso, para Kasia Boddy “ser irlandês era quase sinônimo de combatividade” (BODDY, 2008, p. 169).<sup>464</sup> Aliás, os próprios pais de John Sullivan eram irlandeses. Somam-se também como campeões americanos três ingleses: Allem, Mace e Goss. Isto é, dos doze campeões americanos nove eram irlandeses ou ingleses. Assim, fica óbvio que o pugilismo norte-americano envolvia combates motivados por questões étnicas desde o século XIX.

Apesar de Mário Marques Ramos afirmar que a partir de 1857 surgiu “a supremacia do Estados Unidos sobre a Inglaterra”, cremos que John Sullivan, e não John Hennan, tenha feito esta divisão (RAMOS, 1941, p.21). Como já foi destacado, Hennan não teve uma carreira espetacular, pois empatou com Tom Sayers na Inglaterra em 1860, e somente por Sayers ter abandonado os ringues no mesmo ano tornou-se campeão americano e inglês, algo inédito para um pugilista. Porém, cremos que a influência da imprensa e do imaginário popular tenham tornado as vitórias de Hennan – e seus títulos - mais significativos do que aparentemente o foram. Com essas considerações, vamos conhecer um pouco mais da trajetória de Sullivan.

John Lawrence Sullivan nasceu em Boston, em 1858, e lutou entre os anos de 1877 e 1909. Media 1 metro e 80 centímetros de altura e 87 quilos (QUEIROZ, 1989, p. 31). Envolveu-se em cerca de 290 pelepas, grande parte delas em formato de divulgação e exibição (3 *rounds*)<sup>465</sup>. Oficialmente, lutou 42 vezes. Depois de John Heenan não houve um grande pugilista norte-americano até a chegada de John Sullivan. Segundo Kasia Boddy, após o fim da Guerra Civil Americana, literatos como Henry James (1843-1916), passaram a exaltar os veteranos de guerra como “tipos nacionais”, destacando qualidades para identificar o bom americano: poderoso, fisicamente apto,

---

<sup>463</sup> Tradução nossa. Original: “English and Irish pugilists migrated to the United States in part because growing immigrant communities provided ready-made bases of support”

<sup>464</sup> Tradução nossa. Original: “At the time, Irishness was almost synonymous with pugnacity, and pugnacity was almost synonymous with Americanness; ergo the Irish were the ‘real’ Americans, the immigrants who best performed the accepted version of national Identity”.

<sup>465</sup> Informações disponíveis em *The Cyber Boxing Zone Encyclopedia*. Site: <http://www.cyberboxingzone.com/boxing/sully.htm>. Acessado: 12.07.2017, às 15:55. Dados obtidos pela pesquisa de Adam Pollack (2006).

forte e vigoroso (BODDY, 2008, p. 93).<sup>466</sup> As guerras não criavam arquétipos apenas de teor nacionalista, mas também racial e de gênero.

Diferente da Inglaterra, que em fins do século XIX passava por um período de pessimismo e de depressão econômica, os Estados Unidos viviam “a era da iniciativa privada” (KARNAL, 2011, p. 151). A maior parte das vias férreas do mundo estava nos Estados Unidos. A mecanização da agricultura permitiu áreas de cultivo em grande escala. Os americanos aperfeiçoaram o telefone, criaram a máquina de escrever, a máquina registradora e a eletricidade (KARNAL, 2011, p. 152). Além disso, investiram também no “desenvolvimento das comunicações e de mídia popular” (BODDY, 2008, p. 110).<sup>467</sup> E foi assim, neste contexto de revoluções das comunicações, que John Sullivan tornou-se “o primeiro herói significativo da cultura de massa na vida dos americanos” (BODDY, 2008, p. 110).<sup>468</sup>

Apesar da comercialização do pugilismo não ser uma novidade, já que no século XVIII homens como James Figg, Daniel Mendoza e John Jackson se utilizaram da imprensa escrita, tanto livros, jornais e panfletos para divulgar e propagar seus anfiteatros, John Sullivan tornou-se “o primeiro esportista a tornar-se celebridade através dos serviços de imprensa nacional popular” (BODDY, 2008, p. 110).<sup>469</sup> Kasia Boddy afirma que o resultado da peleja entre Sullivan e Ryan, por exemplo, “foi imensamente mais interessante aos cidadãos do que o resultado da eleição presidencial entre James Garfield e Winfield Hancock” (BODDY, 2008, p. 110).<sup>470</sup> Assim, o boxe virou um negócio popular e ao mesmo tempo economicamente vantajoso. Apesar de John Heenan ter se transformado em uma celebridade em 1860, Sullivan “tornou-se uma tela na qual uma grande variedade de sentimentos e atitudes poderiam ser

---

<sup>466</sup> Tradução nossa. Original: “In the late 1870s and ’80s, Henry James created American protagonists whose masculinity was directly shaped by the Civil War and its aftermath [...] were ‘national types’ whose instinct for battle had been redirected into commercial and romantic ventures

<sup>467</sup> Tradução nossa. Original: “American prowess, and new audiences emerged through the development of popular mass media from magazines to film”.

<sup>468</sup> Tradução nossa. Original: “Described by his biographer as ‘the first significant mass cultural hero in American life’, Sullivan [...]”.

<sup>469</sup> Tradução nossa. Original: “Sullivan was one of the first sportsmen to become a celebrity through the services of the national popular press in general, and one magazine in particular”.

<sup>470</sup> Tradução nossa. Original: “made boxing big business and so popular that [in 1882] the result of a Sullivan-Ryan fight was of immensely more interest to citizens than the result of a Garfield-Hancock Presidential election”.



projetadas” (BODDY, 2008, p. 111).<sup>471</sup> A postura de Sullivan de não lutar contra negros, por exemplo, declarando-se abertamente racista, pode ser uma amostra desses sentimentos e atitudes que os norte-americanos identificavam no pugilista e entre si.

De certa forma, John Sullivan enxergava a luta como um esporte. Para Kennety Sheard, Sullivan tinha preferência pelas Regras do Marquês de Queensberry, pois “o homem podia demonstrar sua superioridade sem medo da lei, sem mostrar brutalidade desnecessária”. Sullivan fazia uma crítica aberta as Regras Premiadas do Ringue de Londres, pois estas davam “margem ao elemento turbulento” (SHEARD, 1997, p. 50).<sup>472</sup> Assim, percebe-se que Sullivan apesar de lutar sem luvas, já apoiava uma visão mais esportiva do boxe. Por este motivo, Sullivan foi considerado versátil, pois ao mesmo que era popularmente conhecido como *Boston Strong Boy* (O menino forte de Boston), “forte, extravagante e duro na queda”, também circulava por clubes e ambientes nobres e aristocráticos (KENT, 2015, p. 62).<sup>473</sup>

Em 1887, John Sullivan já estava cansado de ser questionado quanto à credibilidade de seu título mundial, por isso resolveu fazer sua primeira viagem à Europa (OLIVEIRA & MIRANDA ROSA, 1924, p. 28). Afinal, como se declarar campeão mundial sem nunca ter saído de seu país? Por isso, Sullivan tinha interesse de conhecer os pugilistas ingleses Charlie Mitchell e Jem Smith e, obviamente, sua visita era de extremo interesse para os britânicos. Sullivan conseguiu marcar uma turnê “em auditórios de Manchester, Newcastle, Derby, Glasgow, Dublin e uma dúzia de outras cidades, conseguindo manchetes aonde quer que fosse” (KENT, 2015, p. 62).<sup>474</sup> Em oito de dezembro de 1887, compareceu ao *Pelican Club*, para jantar como convidado de honra. Neste lugar, Sullivan recebeu um dos convites mais prestigiosos de sua vida. A

---

<sup>471</sup> Tradução nossa. Original: “Following his defeat of Kilrain, Sullivan did not simply become a celebrity; like Heenan and Sayers before him, he became a screen onto which a wide variety of feelings and attitudes could be projected”.

<sup>472</sup> Tradução nossa. Original: “The Marques of Queensberry rules are the best, for under these rules a man can demonstrate his superioty without fear of the Law [...] The London Prize-Ring Rules allow too much leeway for the rowdy element to indulge in their practices”.

<sup>473</sup> Tradução nossa. Original: “”John Sullivan, the flamboyant and hard-living heavyweight champion of the world The Champion[...]”.

<sup>474</sup> Tradução nossa. Original: “He stayed to tour the music-halls of Manchester, Newcastle, Derby, Glasgow, Dublin a dozen other cities”.

Alteza Real, o Príncipe de Gales, o futuro Eduardo VII, “havia expressado o desejo de conhecer o campeão mundial” (KENT, 2015, p. 63).<sup>475</sup>

No dia seguinte, depois de horas de espera, o Príncipe de Gales chegou ao *Fencing Club*, lugar famoso por concentrar homens aristocratas da Inglaterra que tinham interesse por esgrima e *sparring match*, além de terem patrocinado e apostado em pugilistas na Era das *prize-fighting*. Segundo Kent, o príncipe “era um homem baixo, gordo, barbado, de 46 anos [...] que estava mais nos círculos teatrais e esportivos do que em sua própria casa” (KENT, 2015, p. 64).<sup>476</sup> Sullivan ficou surpreso ao verificar que o príncipe havia preparado um ringue montado em uma ampla sala e que dois pugilistas convidados iriam iniciar sua exposição. Foi então que Sullivan se dirigiu ao vestiário e retornou logo em seguida “com roupas verde-esmeralda justas [...] seguido por seu parceiro de luta permanente, Jack Ashton [...] os dois fizeram uma luta espirituosa de quatro rodadas [...] sendo aplaudidos por quase cinco minutos” (KENT, 2015, p. 65).<sup>477</sup>

Este emblemático momento da trajetória de John Sullivan nos permite identificar o que muitos autores já têm afirmado. Os Estados Unidos estavam substituindo os ingleses na prática do boxe. E o príncipe de Gales e tantos outros condes, duques e militares de alta patente, concordavam com isso. A imprensa esportiva e os demais meios de comunicação norte-americanos também estavam fazendo seu papel. John Sullivan conseguiu acesso a clubes aristocráticos e a uma longa turnê nas principais cidades britânicas. Ele não era só uma celebridade nos Estados Unidos, mas era reconhecido no lugar onde as *prize-fighting* nasceram. Sullivan não se comportou como um antiquado ianque, mas em toda sua estada “provou que não era estranho à sociedade polida” (KENT, 2015, p. 63).<sup>478</sup> José Flores Júnior, afirma que Sullivan “divulgou o esporte tanto entre as camadas mais pobres como entre as mais abastadas (FLORES,

---

<sup>475</sup> Tradução nossa. Original: “[...] were he would be presented to His Royal Highness the Prince of Wales, Who had expressed a desire to meet the champion of the world”

<sup>476</sup> Tradução nossa. Original: “Edward the Prince of Wales was a short, plump, bearded man of forty-six, [...] He was more than at home in theatrical and Sporting circles”.

<sup>477</sup> Tradução nossa. Original: During the bout Sullivan excused himself and went to a dressing-room. Later he returned clad in emerald-green tights. He was followed by Jack Ashton, his permanent sparring partner, also stripped for action. Before a delighted audience the two men fought a spirited four-round exhibition bout [...] applauded for almost five minutes”.

<sup>478</sup> Tradução nossa. Original: “The Champion chatted pleasantly to everyone around him, eager to prove that he was no stranger to polite society”.

2001, p. 27). Ao se despedir de sua luta de exposição, John Sullivan deixou um recado ao Príncipe de Gales, “Adeus! A qualquer momento que você estiver em Boston eu quero que me procure. Verei se está sendo bem tratado” (KENT, 2015, p. 66).<sup>479</sup>

Ainda dentro de sua estada na Europa, que ao todo durou cinco meses, John Sullivan conseguiu a peleja tão esperada contra o inglês Charles Mitchell, em março de 1888. Ambos já se conheciam pessoalmente, pois disputaram uma luta no famoso *Madson Square Garden*, Nova York, 1883 (KENT, 2015, p. 70).<sup>480</sup> Neste combate, Sullivan levou a melhor, e desde aquela época Mitchell queria uma revanche. Em 1884, uma luta chegou a ser marcada entre eles, mas “Sullivan apareceu caindo de bêbado e sem condições de lutar [...] ele insistiu em cambalear até o palco e fazer um discurso incoerente para mais de 15 mil pessoas, pedindo desculpa por estar doente” (KENT, 2015, p. 71).<sup>481</sup> Graeme Kente destaca que “tal era a força de sua personalidade e tão atrelada sua popularidade, que ele se safou da situação” (KENT, 2015, p. 71).<sup>482</sup> Este é um exemplo relevante de como a sua imagem de “bom homem branco americano” foi construída e como a mesma foi representada pela imprensa. Era positivo que depois de uma guerra que quase separou a nação, surgisse um modelo de beleza, masculinidade e virilidade a ser seguido e reverenciado.

A luta entre Sullivan e Mitchell ocorreu em Chantilly, não muito longe de Paris, e obedeceu as Regras do Ringue Premiado de Londres. Nesta época, as *prize-fighting* já eram proibidas tanto na Inglaterra como na França. O empresário de Charlie Mitchell, Polly Moore, foi perspicaz e “providenciou um ringue que tivesse 24 pés, o que seria mais adequado ao inglês [...] eles lutariam na relva e não sobre tábuas, o que favorecia o lutador britânico, que era menor e mais rápido com os pés” (KENT, 2015, p. 72).<sup>483</sup> De forma estratégica, o confronto foi num campo aberto e afastado para evitar a

---

<sup>479</sup> Tradução nossa. Original: “Any time you’re in Boston I want you to look me up. I’ll see that you’re treated right!”

<sup>480</sup> Tradução nossa. Original: “They first met a Madison Square Garden in 1883. The much lighter Mitchell had caused a furore by flooring the world Champion, but Sullivan had recovered to batter Mitchell into insensibility”.

<sup>481</sup> Tradução nossa. Original: “Not so John L. Sullivan insisted on straggling down the aisle and making na incoherent speech from the ring to the 15.000 spectators, apologizing for being sick”.

<sup>482</sup> Tradução nossa. Original: “Such was the force of his personality and so firmly entrenched was his popularit, that he got away with it”.

<sup>483</sup> Tradução nossa. Original: “Moore saw to it that the ring measured twenty-four feet, which would suit the more elusive Mitchell, and that they would fight on turf, no boards, which should favour the smaller British fighter, who was lighter on his feet”.

intromissão da polícia. Entre os espectadores havia de tudo: cavalheiros, batedores de carteira, ex-pugilistas e jornalistas (KENT, 2015, p. 72)<sup>484</sup>

No início da luta, o ringue estava aparamentado segundo o terceiro artigo das Regras do Ringue Premiado de Londres. Segundo Kent, “uma bandeira decorava cada canto. A de Sullivan consistia de uma águia e um trevo, enquanto as iniciais de Mitchell estavam bordadas na dele, [...] que diziam ‘Apoiado por Polly Moore’”. (KENT, 2015, p. 73).<sup>485</sup> O ponto forte de Sullivan era sua força, resultado de trabalhos braçais em sua juventude. Já Mitchell era mais prudente, aguardava o melhor momento para desferir seus golpes, era rápido e astuto. Um de seus patrocinadores, após Mitchell receber dois potentes socos de Sullivan, chegou a dizer: pense nas crianças, Charlie, as queridas crianças em casa, contando com você para o pão (KENT, 2015, p. 74).<sup>486</sup>

Após quinze *rounds* de peleja, Charlie Mitchell fez um dos seus primeiros ataques e “atingiu Sullivan abaixo de seu cinto. [...] Gritos de “Falta” ecoaram pela plateia, mas Sullivan não tinha interesse: Sem falta! Eu não ganho lutas dessa maneira” (KENT, 2015, p. 75).<sup>487</sup> O combate seguiu até o trigésimo nono assalto, com uma chuva torrencial e lama por todo lado. A energia de Sullivan tinha ido embora, mas Mitchell, apesar de ter sido derrubado trinta e oito vezes, “parecia que ele podia balançar em câmera lenta a noite toda” (KENT, 2015, p. 76).<sup>488</sup> Após três horas de luta e muitos espectadores entediados, o empresário de Mitchell conversou com o árbitro, sugerindo um empate. E foi assim que famosa na luta terminou. Contra a vontade de Sullivan que “começou a se lamuriar e protestar amargamente. Ele implorou por apenas mais algumas rodadas, mas tudo estava acabado” (KENT, 2015, p. 77).<sup>489</sup>

Apesar da *prize-fighting* ter sido realizada em campo aberto, longe da atenção das autoridades, no final do combate “policiais armados cercaram os protagonistas do

<sup>484</sup> Tradução nossa. Original: “There were about seventy spectators, the usual motley collection of gentlemen, pickpockets, ex-pugs and journalists”.

<sup>485</sup> Tradução nossa. Original: “A flag decorated each corner. Sullivan’s consisted of a spread-eagle and a shamrock, while Mirchell’s bore his initials and, in rather larger letters, Backed by Pony Moore”.

<sup>486</sup> Tradução nossa. Original: “[...] swore that another second was imploring Mitchell, ‘Think of the kids, Charlie; the dear little kids at home, a-counting on you for bread’”.

<sup>487</sup> Tradução nossa. Original: “He darted forward and hit Sullivan below the belt. A cry of Foul! Went up from the crowd, but Sullivan would have none of it. No foul! I don’t win the fight that way!”

<sup>488</sup> Tradução nossa. Original: “Sullivan continued to lash out desperately, but Mitchell, his grin a blood-stained smear, danced Just out of his opponent’s reach”.

<sup>489</sup> Tradução nossa. Original: “At this point Sullivan began weeping and protesting bitterly. He begged for Just a few more rounds, but it was all over”.

melodrama, que foram presos. [...] eles colocaram Sullivan em uma cela próxima a de Mitchell [...] na manhã seguinte foram liberados sob fiança de 200 francos” (KENT, 2015, p. 77).<sup>490</sup> John Sullivan permaneceu na Europa de novembro de 1887 a março de 1888. Realizou cinquenta e uma lutas de exibição. Enfrentou ingleses e irlandeses, conheceu o Príncipe de Gales, mas não conseguiu vencer Charlie Mitchell, o mesmo homem que o havia derrubado em 1883 no *Madison Square Garden*. Sua presença no Velho Mundo lhe rendeu cerca de duzentos mil dólares ao todo. Mas no final de sua estada, segundo Graeme Kent, “Sullivan já estava cheio da Europa” (KENT, 2015, p. 77).<sup>491</sup>

A luta entre Sullivan e Mitchell em Chantilly, em 1888, como parte sua turnê pela Europa, também nos oferece elementos de suma importância analítica. O fato da peleja ter obedecido as *London Prize Ring Rules* em plena década de 1880, indica que o processo de transição entre os regulamentos demorou um pouco. Como já mencionamos, as Regras do Marquês de Queensberry foram acolhidas nos Estados Unidos na década de 1890. O próprio embate entre John Sullivan e James Corbett pelo título mundial, em 1892, foi prova disso. Ao mesmo tempo, a criação da Associação de Boxe Amador era recente (1880) e o boxe profissional inglês não havia incorporado, como um todo, as regras modernas do pugilismo. É fundamental lembrar que a cultura popular da *prize-fighting* não era assim tão fácil de abandonar. Fazia parte do estilo de vida dos britânicos e continuava sendo uma forma de lazer, entretenimento e de ajuste de contas. Além do mais, muitos que viveram a fase de ouro do pugilismo ainda estavam vivos.

O empresário de Charlie Mitchell organizou o ringue aos moldes antigos. A luta ocorreu “na relva” e não no tablado. Aqui não entra apenas a questão do estilo de luta de Mitchell, mas o simbolismo do local, da forma que os ingleses se batiam, diferente daquele ressignificado pelos norte-americanos, mais urbano, com ringue montado, cobrança de ingressos, caracterizado pela exibição e o entretenimento comercial. No ringue também havia bandeiras decorando os *corners* dos combatentes, “a de Sullivan

---

<sup>490</sup> Tradução nossa. Original: “Before they could reach the road, a squad of armed policemen surrounded the chief actors in the melodrama and arrested them [...] The rain continued to pour down as Sullivan trudged off to the nearest lock-up. The champion’s teeth were chattering”.

<sup>491</sup> Tradução nossa. Original: “He still jumped bail and returned to Britain. He had finished with Europe. He brooked a passage back home”.

consistia de uma águia e um trevo, enquanto as iniciais de Mitchell estavam bordadas na dele, junto com grandes letras que diziam Apoiado por Polly Moore”. É interessante notar o apelo nacionalista de John Sullivan, pois a águia-americana era um símbolo de patriotismo. O que talvez indique uma tentativa de afirmação da supremacia norte-americana sobre os britânicos, tanto na esfera do esporte e das lutas, como na política e na economia. O conceito de nação, portanto, parece ter sido invocado como motivação para a peleja.

O estilo de luta dos pugilistas também sustenta nosso argumento. Graeme Kent descreve que no início da peleja Sullivan partiu para cima de Mitchell “como um navio de guerra” (KENT, 2015, p. 73). John Sullivan era um pugilista que valorizava a força bruta. Era provocador e passou parte da peleja desafiando Mitchell: derrube-me de novo! Em 1883, Sullivan venceu Mitchell, mas este conseguiu vencer um assalto, fazendo o *Boston Strong Boy* beijar a lona. Sullivan, jamais esqueceu. O estilo de luta do britânico se assemelhava ao científico, muito jogo de pernas e esquivas, sem contar sua velocidade e resistência física. Portanto, não eram somente nacionalidades em disputa, mas também estilos de luta, além das desavenças pessoais existentes entre ambos.

Outro fator que nos chama a atenção foi quando Charlie Mitchell efetuou um golpe baixo, que poderia desclassificá-lo, assim, perdendo o combate. Na verdade, o fato mais curioso foi a resposta de Sullivan: Sem falta! Eu não ganho lutas dessa maneira. Sullivan não queria ganhar por uma falta técnica do oponente. Queria ganhar por nocaute, como um bom americano. Em outras palavras, com honra e defendendo sua masculinidade. Obviamente, o empate também não era suficiente para Sullivan. Pois, conforme Graeme Kent, protestou amargamente e implorou por mais algumas rodadas. Sullivan queria a vitória. A vitória não somente sua, mas que trouxesse a supremacia dos Estados Unidos e, igualmente, do estilo de vida de seu país.

### **2.3 As Lutas do Século: Jack Johnson, Jack Dempsey e os discursos de raça e nacionalidade no boxe profissional norte-americano (1892-1926)**

Ao longo do século passado, três memoráveis combates foram aclamados como “A Luta do Século”. O primeiro foi entre Jack Johnson e James Jeffries, tendo como cenário a tentativa de provar a supremacia da raça branca sobre a negra. O evento ocorreu em 04 de julho de 1910, contando com vinte e dois mil espectadores e uma bilheteria de duzentos e vinte e cinco mil dólares. A segunda peleja foi entre Jack Dempsey e Georges Carpentier, tendo como conjuntura a defesa do nacionalismo norte-americano e sua superioridade política e econômica no pós-guerra sobre a Europa. A luta ocorreu em 02 de julho de 1921, em Nova Jersey, havendo oitenta e duas mil pessoas e quase dois milhões de dólares entre apostas, ingressos e prêmios. Por fim, o embate entre Muhammad Ali e George Foreman, no contexto do movimento negro nos Estados Unidos, da Guerra do Vietnã e do pan-africanismo. O combate se deu no Zaire (atual Congo), em 30 de outubro de 1974, com a presença de sessenta mil pessoas, gerando cinco milhões de dólares para cada lutador.

Jack Johnson e Jack Dempsey, que estão inseridos dentro de nosso recorte temporal, foram dois lutadores que marcaram época, não somente por suas personalidades fortes e polêmicas, mas por representarem embates mais amplos. Suas performances, dentro e fora dos ringues, serviram para simbolizar conflitos existentes nas sociedades norte-americana e europeia, e suas vitórias trouxeram efeitos expressivos. O poder do resultado de uma luta de boxe transcendia o combate corporal, pois refletia sentimentos, atitudes e expectativas que eram projetadas pela sociedade norte-americana. Portanto, por meio do pugilismo foram defendidos no tablado ideais de coragem, honra, masculinidade, virilidade, nacionalidade, raça, isto é, diversos elementos podiam ser tensionados em uma luta de boxe, sendo o resultado considerado pela população como uma representação positiva ou negativa da realidade.

Nesta seção temos por objetivo tratar do período do boxe profissional com luvas, iniciado com o combate entre John Sullivan e James Corbett, em 1892, e seguir até a luta entre Jack Dempsey e George Carpentier, em 1921. Não queremos aqui apenas listar informações a respeito dos nove campeões mundiais dos pesos pesados que abrangem o período estudado. Na verdade, dois deles se destacam tanto na bibliografia

nacional e estrangeira, como nas fontes documentais da imprensa: o afro-americano Jack Johnson e o jovem e agressivo Jack Dempsey. Daremos, portanto, maior atenção a estes pugilistas, principalmente porque seus embates tiveram grande destaque nos jornais, mas também por permitirem analisar elementos como raça e nação.

\*\*\*

Como percebemos no início do capítulo, há um maior número de trabalhos que abordam a história do boxe nos Estados Unidos. Entretanto, para alguns períodos o material é mais escasso. Por exemplo, o texto de T. J. Desh Obi (2011) foi o único que abordou o pugilismo norte-americano no século XVIII. Para complementar, utilizamos as pesquisas de Elliot Gorn (1985 e 1986), ambas inéditas no Brasil. Das setenta e seis obras localizadas, trinta e seis versam sobre o pugilismo nos Estados Unidos. Como já mencionamos antes, 47% é uma porcentagem positiva, mas precisamos levar em conta as dez obras (isto é, 30% do montante) que tratam da Nobre Arte a partir da década de 1930, portanto, sem utilização direta para nossa pesquisa.

O fato é que apenas dezoito obras abordaram especificamente do período aqui analisado. Estes textos nem sempre aprofundaram ou trouxeram informações pertinentes ao tema, com exceção do artigo de Jéssica Graham (2008). Um dos acontecimentos mais lembrados pela historiografia foi a participação do boxe amador nas Olimpíadas de St. Louis, Missouri, Estados Unidos, em 1904. Os Jogos Olímpicos da Era Moderna iniciaram em 1896, em Atenas, Grécia. Entretanto, apenas a luta greco-romana teve espaço na primeira edição. Somente em 1920, com a criação das primeiras entidades como a NYSAC (*New York State Athletic Commission*) e a NBA (*National Boxing Association*), o boxe tornou-se, finalmente, esporte legalizado (ALMEIDA, 2016, p. 205). Outro fato repetido por diversos autores foi a difusão do pugilismo pelos Estados Unidos em fins do século XIX e começo do XX (FARIA, 1960, p. 15).

Especificamente, alguns autores demonstraram maior interesse pela história do boxe, muitos deles passaram pelos mesmos desafios que enfrentamos na tentativa de compreender o estado da arte atual da Nobre Arte. São eles: Taciano Oliveira e Dirceu Miranda Rosa (1924), Waldemar Zumbano (1951), Mário Ramos (1941), Ernani Nogueira (1954), Juvenal Queiroz (1989), José Flores Júnior (2001) e Jéssica Graham (2008). Estes pesquisadores trouxeram dados de grande relevância, tanto em relação ao



boxe na Inglaterra, como nos Estados Unidos. A partir deles vamos traçar um panorama do boxe profissional americano entre os anos 1892 e 1921, dando maior destaque aos lutadores Jack Johnson e Jack Dempsey. Como já temos feito desde o início, iremos cotejar as leituras da bibliografia nacional com a produção estrangeira, problematizando e analisando as informações apresentadas.

\*\*\*

Buscamos mostrar ao longo deste capítulo, que o boxe profissional norte-americano passou por um extenso processo histórico. Cremos que nossa estratégia de recuperar essas experiências pugilísticas não foi à toa. Se as lutas são fenômenos socialmente construídos, repletos de códigos e símbolos de honra e justiça, vivenciados e produzidos pelos próprios sujeitos que são por si mesmos históricos, compreender este percurso torna-se fundamental. Afinal, como procuramos argumentar, o boxe não surgiu como uma modalidade olímpica ou um tipo de lazer e esporte, mas ele já era praticado muito tempo antes, quando foi também readaptado e reesignificado tanto da cultura de lutas tradicionais americanas como pelas lutas premiadas inglesas.

Como evidenciamos na seção anterior, John Sullivan foi um pugilista que marcou a transição entre as *bare-knuckle fighting* e o boxe profissional com luvas. Após seu memorável embate contra Jake Kilrain, em 1889, Sullivan sustentou seu título mais alguns anos, até que em sete de setembro de 1892 bateu-se contra Jim Corbett, em Nova Orleans (QUEIROZ, 1989, p. 31). Sullivan tinha experiência em lutar tanto sob as Regras do Ringue Premiada de Londres como perante as Regras do Marquês de Queensberry, porém, seu título de campeão foi conquistado segundo as Regras de Londres (com as mãos nuas). As regras escritas por John Chambers e patrocinadas por John Douglas foram o sinal da modernidade, pois buscava, sobretudo, a igualdade no ringue, a pretensa proteção aos lutadores por meio de luvas, a divisão de pesos, *rounds* de três minutos e lutas com no máximo vinte assaltos. Ou seja, tudo mais regrado, definido e controlado.

Os anos 1890 representaram uma década de muitas mudanças para os Estados Unidos. As indústrias alavancavam suas produções com apoio das tecnologias. Os bancos continuaram crescendo, fruto dos investimentos centrados em *Wall Street*, em Nova York (KARNAL, 2011, p. 155). A fotografia e o cinema foram mais utilizados e

valorizados. Porém, o que mais nos chama a atenção foi o surgimento de um novo estilo de vida, com valores que foram representados na figura do pugilista James Corbett (1866-1933).<sup>492</sup> A luta entre Sullivan e Corbett também foi um marco histórico, pois este “foi o primeiro lutador com luvas a ser reconhecido como campeão de peso pesado” (BODDY, 2008, p. 113).<sup>493</sup> Segundo Kasia Boddy, o embate entre John Sullivan e James Corbett<sup>494</sup> “transmitiu o clássico antônimo de juventude contra idade, ciência contra força, mas também representou duas eras diferentes” (BODDY, 2008, p. 113).<sup>495</sup>

Sullivan possuía um estilo de luta baseado na força e no instinto colonizador de conquista. Pertencente a uma família de imigrantes irlandeses pobres, que iniciou sua carreira profissional moldando seus músculos em serviços braçais da classe trabalhadora, seu perfil contrastava e muito com o de *Gentleman Jim*, funcionário de banco, de boa aparência, engravatado, professor de boxe em Clube Olímpico de São Francisco, e que se tornou futuramente também uma celebridade, ator de teatro e de cinema (BODDY, 2008, p. 113).<sup>496</sup> Conforme Boddy, Corbett se questionava “por que um lutador não pode ser cuidadoso com sua aparência?” (BODDY, 2008, p. 113). Os tempos estavam mudando, o fim do século XIX representava “a conquista da última fronteira” e o início do XX simbolizava a “Era progressista” americana (KARNAL, 2011, p. 161 e 175).

James Corbett, por exemplo, começou a lutar no boxe amador, em 1880, com catoze anos (NOGUEIRA, 1954, p. 30). Nunca teve contato com a *bare-knuckle fighting*, apesar de conhecê-la. Já Sullivan foi herdeiro dos lutadores irlandeses, temidos e respeitados pela classe trabalhadora, sendo que muitos deles foram *gangsters*, como Bill Poole e John Morrissey. Neste contexto, Kasia Boddy afirma que “o forte poderoso soco sem luvas de Sullivan começou a parecer meio fora de moda” (BODDY, 2008, p.

---

<sup>492</sup> ANEXO 24 – Imagens do pugilista James Cornbett, campeão mundial entre 1892 e 1897.

<sup>493</sup> Tradução nossa. Original: “Corbett defeated Sullivan under the Queensberry rules in 1892, thus becoming the first gloved fighter to be recognized as heavyweight Champion”.

<sup>494</sup> Lembremos ao leitor, que no início deste capítulo apresentamos o conto “O bife”, de Jack London, de 1909, que trata justamente disso, de dois lutadores antagonicos: um pugilista velho na figura de Tom Kim, e de um boxeador jovem, rápido e científico, na imagem de Sandel (LONDON, 2013, p. 94).

<sup>495</sup> Tradução nossa. Original: “The fight played out the classic antimonies of youth versus age, and science versus strength, but it also represented two different eras”.

<sup>496</sup> Tradução nossa. Original: “the future came in the form of James J. Corbett, ‘Gentleman Jim’, a bank clerk who taught sparring at San Francisco’s Olympic Club”.

113).<sup>497</sup> Por um momento, a mesa virou e as famosas lutas de mãos nuas pareceram inconvenientes e pouco usuais para uma sociedade em progresso.<sup>498</sup> Portanto, James Corbett representava o futuro, o tipo de “pugilistas que vestiam traje de festa e bebericavam coquetéis” (BODDY, 2008, p. 113).<sup>499</sup> Para José Flores, Corbett “trazia para o boxe um estilo diferente de combater, muito mais pautado pela técnica e pela habilidade do que pela força propriamente dita” (FLORES, 2001, p. 28).

James Corbett e John Sullivan disputaram a primeira luta de boxe profissional<sup>500</sup> valendo o título mundial dos pesos pesados.<sup>501</sup> A peleja obedeceu as Regras de Queensberry e cada pugilista recebeu para entrar no ringue uma bolsa de vinte e cinco mil dólares (D’ALBUQUERQUE, 1939, p. 33). Depois de vinte e um assaltos, Corbett nocauteou *The Boston Strong Boy* e faturou mais vinte mil dólares como prêmio pela vitória.<sup>502</sup> Para os jornalistas, Sullivan declarou “se tive que perder, que bom que foi para um americano” (FLORES JÚNIOR, 2001, p. 28). Contudo, nem sempre os pugilistas faturavam tanto num combate. Segundo Boddy, “eles ganhavam pouco com as lutas. Qualquer lutador com um nome bem conhecido subia ao palco. Tudo isso mudaria com a inserção do filme no final dos anos 1890” (BODDY, 2008, p. 113).<sup>503</sup> Tanto James Corbett como seu futuro detentor do título, Robert Fitzsimmons, faturaram mais com o cinema do que com suas lutas. Inclusive, o combate entre ambos, que ocorreu no ano de 1897, foi filmado e vendido em formato de películas cinematográficas para cinemas da América e Europa.<sup>504</sup>

---

<sup>497</sup> Tradução nossa. Original: “But only three years after his defeat of Kilrain, Sullivan’s great bare-knuckled strength had begun to seem old-fashioned”.

<sup>498</sup> ANEXO 25 – Mapa dos Estados Unidos com destaque para os principais estados que sediaram espetáculos de boxe entre os anos de 1892 e 1926.

<sup>499</sup> Tradução nossa. Original: “into an age where even prizefighters wore evening dress and sipped cocktails”.

<sup>500</sup> ANEXO 26 – Tabela com datas e locais do boxe profissional (1892-1926)

<sup>501</sup> APÊNDICE 3 - Informações dos boxeadores profissionais norte-americanos (com luvas, Regras de Marquês de *Queensberry*) 1982 a 1926.

<sup>502</sup> Segundo Waldemar Zumbano, quando Sullivan se aposentou dos ringues “se candidatou a deputado pelo estado de Boston, tendo como plataforma: a proteção e o encorajamento aos jogos atléticos e muito especialmente o boxe” (ZUMBANO, 1951, p. 20). Este fato nos permite entender a forma como Sullivan utilizou seu capital simbólico como celebridade.

<sup>503</sup> Tradução nossa. Original: “All this would change with the introduction of film in the late 1890s, but until then Corbett toured the country, staging boxing exhibitions and appearing in a series of successful plays. ”

<sup>504</sup> Um ano antes de perder o título, James Corbett interpretou Cashel Byron, pugilista que protagonizou a obra de Bernard Shaw, *O famoso Ídolo* (1896). BODDY, 2008, p. 159. A obra de Shaw está em nossa referência bibliográfica, uma edição portuguesa de 1944.

O cinema surgiu na mesma época em que o boxe iniciou seu processo de expansão dos Estados Unidos para outros países. Thomas Edison, por exemplo, criou “o primeiro dispositivo produzido comercialmente para exibição de filmes e [...] marcou o nascimento da indústria do cinema” (BODDY, 2008, p. 152).<sup>505</sup> Segundo Victor de Melo, as primeiras empresas de exibição cinematográfica se especializaram em gravar lutas de boxe (MELO, 2006, p. 146). As razões para isso foram principalmente comerciais e técnicas. Conforme Kasia Boddy, “os filmes de luta eram bons negócios porque apelavam para a audiência da classe trabalhadora masculina [...] e tecnicamente as primeiras câmeras eram pesadas e tinham um ponto de vista restrito” (BODDY, 2008, p. 154).<sup>506</sup> Isto é, precisavam centralizar o foco de filmagem em um ponto só, por exemplo, em um ringue.

A primeira experiência cinematográfica ocorreu em 1894, com a filmagem de seis *rounds*, de um minuto cada, entre os pugilistas Mike Leonard e Jack Cushing. O curioso foi que “os espectadores pagavam dez centavos de dólar e, através do visor do cinescópio, viam um *round*, pagaram mais dez centavos e viam o próximo [...] mas algumas pessoas econômicas foram direto para o sexto, para ver apenas o fim da luta” (BODDY, 2008, p. 152).<sup>507</sup> O sucesso da primeira película levou a uma segunda experiência: filmar a peleja entre Peter Courtney e o campeão mundial James Corbett. O empresário sugeriu que Corbett virasse o rosto para a câmera a fim que pudesse interagir com os espectadores (BODDY, 2008, p. 152).<sup>508</sup>

O cinema também teve um papel importante em divulgar o boxe para a classe média, já que não era necessário frequentar lugares “desmoralizantes” para assistir uma

---

<sup>505</sup> Tradução nossa. Original: “It is unsurprising that Eden (and London) associated film with boxing. The very earliest films featured boxing matches, staged and choreographed in Edison’s ‘Black Maria’ Studio”.

<sup>506</sup> Tradução nossa. Original: “Early filmmakers were interested in filming boxing matches for a variety of reasons – personal, commercial and technical [...]Commercially, fight films were good business because they appealed to the male working-class audiences most likely to frequent kinoscope parlours. Technically, although early cinema was obsessed with ‘movement for movement’s sake’, early câmeras were heavy and had a restricted viewpoint; it was, however, quite simple to set cameras to cover the relatively small space of the boxing ring within which lots of movement took place”.

<sup>507</sup> Tradução nossa. Original: “The first boxing film was made in August 1894 and consisted of six rounds of a minute each between minor prize-fighters, Mike Leonard and Jack Cushing. There was a seven-minute interval between rounds as the film was changed. Viewers paid 10c and, through the kinoscope peephole, saw a round; paid another 10c, and saw the next”.

<sup>508</sup> Tradução nossa. Original: “The film was so popular that the following month another was made, this time featuring Peter Courtney against then champion Jim Corbett, who was repeatedly instructed to turn his face to the camera”.

peleja. Assim, conforme a historiadora Kasia Boddy “o impacto do filme sobre o desenvolvimento do boxe foi enorme - abrindo novos e lucrativos mercados - é justo dizer que o boxe também teve um impacto no desenvolvimento do filme” (BODDY, 2008, p. 154).<sup>509</sup> Em outras palavras, o cinema criou o boxe e o boxe criou o cinema.

Victor de Melo também concorda que o cinema e o boxe possuíam relações muito estreitas, e explica que isso foi possível porque o esporte, e especificamente o pugilismo, representavam símbolos culturais norte-americanos, frutos da modernidade e do progresso dos Estados Unidos (MELO, 2006, p. 147). Essa popularidade, entrelaçada com o contexto histórico já apresentado, permitiu que o boxe fosse exportado como parte do estilo de vida norte-americano - *american way of life* - possibilitando que muitos lutadores se utilizassem disso, tornando-se estrelas de cinema, como James Corbett e Jack Dempsey (MELO, 2008, p. 3). Destacamos, por exemplo, o filme da luta entre Corbett e Fitzsimmons em 17 de março de 1897, que foi “exibido em locais de luxo, como a Academia de Música de Nova York e o Teatro Imperial de Londres” (BODDY, 2008, p. 153).<sup>510</sup>

Construímos este raciocínio – a relação entre cinema e pugilismo - para evidenciar duas coisas importantes: primeiro, que o cinema foi essencial para a chegada e o desenvolvimento do boxe no Brasil, especificamente em Porto Alegre/RS. Segundo, as lutas de Jack Johnson contra James Jeffries, em Nevada, em 4 de julho de 1910, e Jack Dempsey contra George Carpentier, em Nova Jersey, em 2 de julho de 1921, ambas, foram muito divulgadas pela imprensa gaúcha. Tanto no jornal *Correio do Povo*, como no jornal *A Federação*, os cronistas esportivos dedicaram semanas para comentar a peleja. A primeira possuía o elemento racial, sendo Jeffries “a grande esperança branca”, que deixou sua aposentadoria para enfrentar o pugilista afro-americano Johnson. Os estadunidenses não podiam aceitar um negro como campeão mundial dos pesos pesados. Não, naquela época. O segundo embate, entre Dempsey e Carpentier, foi uma luta entre continentes, entre a América e a Europa, o Novo Mundo *versus* o Velho

---

<sup>509</sup> Tradução nossa. Original: “While the impact of film on the development of boxing was huge – opening up new and lucrative markets – it is fair to say that boxing also had an impact on the development of film”.

<sup>510</sup> Tradução nossa. Original: “Rector’s four-reel Nevada fight film was the longest film yet seen, and it was shown as a prize exhibit at such upmarket venues as New York’s Academy of Music (‘the first film invasion of the famous old Academy’) and London’s Imperial Theatre”.

Mundo, o Moderno contra o Antiquado. Assim, raça e nação foram dois discursos presentes em lutas de boxe ao longo século XX.

Não temos documentos que nos permitam afirmar que o boxe tenha chegado a Porto Alegre/RS por meio do cinema na década de 1890. Dizemos isso porque em 1896, “à Rua das Andradas, n° 230, ocorreu uma das primeiras exibições de cinema em Porto Alegre” (STEYER, 1998, p. 28). Contudo, os jornais da época não salientaram se filmes de boxe eram exibidos. Somente a partir de 1910, tanto no *Jornal A Federação*, como no *Correio do Povo*, apareceram registros de fitas cinematográficas contendo cenas de pugilismo nos principais cinemas da cidade. E essas primeiras fitas foram justamente a peleja entre Jack Johnson e James Jeffries. O que buscamos aqui foi relacionar o surgimento do cinema com a figura do campeão mundial James Corbett, porém, a influência do cinema para uma cultura do boxe em Porto Alegre será mais bem explorada no último capítulo.

Voltemos ao pugilismo nos Estados Unidos. Quando James Corbett perdeu o título para Bob Fitzsimmons, em 1897, ele deixou a fama novamente nas mãos de um inglês. Desde o início do século XIX, com as lutas do afro-americano Tom Molineaux e Tom Cribb, em 1811 e 1812, passando pelas pelejas de John Heenan e Tom Sayers, em 1860, e os combates entre John Sullivan e Charlie Mitchell, em 1888, norte-americanos e ingleses disputavam o título de campeão mundial de boxe. Na verdade, eles se enfrentavam para saber quem era o homem mais forte do mundo, que obviamente trazia os louros para seu país de origem. Segundo Jéssica Graham, “o título de peso pesado de masculinidade e bravura também refletiria a força e a superioridade nacional” (GRAHAM, 2008, p. 100).

Mesmo com sua derrota e a saída precoce dos ringues, James Corbett já tinha mudado de vez o cenário do boxe nos Estados Unidos. John Sullivan, por exemplo, era categórico em afirmar que “as lutas de boxe deveriam ser vistos apenas por homens” (BODDY, 2008, p. 157).<sup>511</sup> Já para Corbett “era natural as mulheres admirassem os lutadores”, e a partir de sua imagem principalmente nas telas do cinema, as mulheres

---

<sup>511</sup> Tradução nossa. Original: “While maintaining that it was natural for women to admire fighters, John L. Sullivan was adamant that fights themselves should be seen only by men”.

tornaram-se mais assíduas aos combates de pugilismo (BODDY, 2008, p. 157).<sup>512</sup> Alguns empresários aproveitaram a deixa de Corbett e “encorajaram ativamente a presença de mulheres espectadoras, acreditando que sua presença conferia respeitabilidade ao cinema [...] e um forte argumento a favor da legalização do pugilismo” (BODDY, 2008, p. 158).<sup>513</sup> Lembramos que a legalização do boxe nos Estados Unidos ocorreu somente em 1920 com entidades responsáveis por sua organização e regulação.

A trajetória do inglês Bob Fitzsimons foi pouco atípica comparando a outros pugilistas. Ele foi o único a ser campeão mundial em três categorias: intermediário (1882), médios (1891) e pesados (1897). Iniciou seu percurso ganhando campeonatos locais na Nova Zelândia e Austrália (QUEIROZ, 1989, p. 34). Em 1872, com apenas nove anos disputou suas primeiras pelepas. Imigrou para os Estados Unidos no início da década de 1890 com o objetivo de conquistar mais títulos. Esteve nos ringues até o ano de 1916, permanecendo na ativa durante trinta e quatro anos (NOGUEIRA, 1954, p. 32). Em seu cartel acumulou lutas com pugilistas de peso como John Sullivan, Charlie Mitchell, James Jeffries, Tommy Burns, Jack Johnson e Tom Sharkey.

Bob Fitzsimmons perdeu seu título para James Jeffries em Coney Island, Nova York, no ano de 1899 (RAMOS, 1941, p. 22). Fitzsimmons tinha trinta e sete anos e Jeffries, vinte e quatro. Além disso, Jeffries tinha mais altura (1m e 88cm) e era mais pesado (100 kg, contra 76kg). Fitzsimmons foi nocauteado no 11º assalto e teve duas costelas fraturadas (QUEIROZ, 1989, p. 36). Assim, o título de campeão dos pesos pesados voltou aos Estados Unidos. James Jeffries, apelidado de *The Boilerarker* (O Caldeireiro), foi campeão por um longo período, entre 1899 e 1905. Por todo esse tempo, Jeffries defendeu seu título até retirar-se dos tabladados “servindo de juiz na luta de dois candidatos ao título máximo, fazendo a entrega deste vencedor. Nesta luta, Marvin Hart derrotou Jack Root, em doze rounds no Reno” (RAMOS, 1941, p. 22).

---

<sup>512</sup> Tradução nossa. Original: “Indeed it seems that Corbett ‘calculatedly played on his awareness of his ‘ladies’ man’ image’ by dressing for his fight films in trunks that prominently display his bottom, ‘not often found on other fighters [...]’”.

<sup>513</sup> Tradução nossa. Original: “But some men – fight promoters and film-makers – actively encouraged the presence of women spectators, believing that their attendance would confer respectability on movie-going and provide a strong argument in favour of the legalization of prize-fighting”.

Alguns autores como Juvenal Queiroz e José Flores Júnior consideram o estadunidense Marvin Hart e o canadense Tommy Burns, ambos, como campeões impopulares. Pelo fato do incontestável James Jeffries ter deixado os ringues, a luta entre Hart e Root não foi considerada pelos aficionados como uma disputa significativa. Para Flores Júnior, “Marvin Hart foi um campeão medíocre, assim como Tommy Burns, que o sucedeu [...] Burns não tinha a capacidade de despertar o interesse no público, o que se traduzia em bilheterias” (FLORES JÚNIOR, 2001, p. 29). É curioso o fato de que nem Marvin Hart, nem Tommy Burns, tenham sido lutadores que simbolizavam conceitos caros para os americanos como, força, beleza, virilidade, raça e nacionalidade. Burns, por exemplo, foi o peso pesado mais leve (81kg), e talvez o mais baixo (1m e 69cm) de todos os tempos (QUEIROZ, 1989, p. 39; LINDELL, 2001, p. 21).<sup>514</sup>

Contudo, tanto Hart como Burns foram bons lutadores. Tommy Burns defendeu por onze vezes seu título até encarar o afro-americano Jack Johnson, em 1908. Por isso, pensamos que o boxe passava por uma fase em que os empresários se preocupavam em investir em embates que trouxessem bilheteria, emoção, que despertassem sentimentos de patriotismo e de superioridade racial. Foi exatamente o que aconteceu com as lutas entre Jack Johnson e James Jeffries, em 1910, e de Jack Dempsey e George Carpentier em 1921. Por isso, talvez Marvin Hart e Tommy Burns não tenham sido muito considerados, e nem mesmo muito estudados pelos pesquisadores do boxe.

Quando Marvin Hart tornou-se campeão mundial, em 1905, logo Tommy Burns quis enfrentá-lo. O embate entre Hart e Root havia sido indicado pelo ex-campeão James Jeffries, que inclusive atuou na peleja como juiz, possivelmente para tentar dar mais legitimidade ao evento. Contudo, segundo Juvenal Queiroz houve “excelentes pesos pesados que protestaram contra a opinião de Jeffries. Um deles foi Tommy Burns. Ele desafiou e venceu todos os que se apresentaram como candidatos ao título” (QUEIROZ, 1989, p. 39). Marvin Hart sustentou o título entre julho de 1905 e fevereiro de 1906. A luta entre Hart e Burns ocorreu em Los Angeles, em 23 de fevereiro de 1906, numa peleja de vinte *rounds*, onde Burns venceu por pontos (NOGUEIRA, 1954, p. 44).

---

<sup>514</sup> Tradução nossa. Original: “At 5 feet 7 inches and Just 175 pounds, Burns was the smallest heavyweight Champion in history”.



Tommy Burns, *The Little Giant of Hanover* (O pequeno gigante de Hanover), iniciou sua carreira pugilística em 1900, sendo campeão dos pesos médios do Estado de Michigan em 1902. Três anos depois, tornou-se o campeão dos pesos médios da Costa Pacífica (LINDEL, 2001, p. 21).<sup>515</sup> Sua última luta foi na Inglaterra, em Londres, no ano de 1920, contra Joe Beckett. Nesta ocasião perdeu o título de campeão dos pesos médios do Império Britânico, que esteve em suas mãos entre os anos de 1911 e 1920.<sup>516</sup> Contudo, sua luta mais importante foi contra Jack Johnson, em Sidney, Austrália, em 1908. Como na época os lutadores negros não conseguiam enfrentar os pugilistas brancos, havia o campeonato mundial dos negros pesos pesados. Jack Johnson, que já lutava desde o ano de 1894, tornou-se campeão nesta modalidade em 1903.<sup>517</sup> Por anos, Johnson tentou disputar o campeonato mundial de pugilismo, mas foi sempre evitado. Segundo Juvenal Queiroz, “devido ao preconceito racial [...] dificultaram-se a oportunidade de disputar o título máximo com Tommy Burns. Mas Johnson [...] acompanhou seu rival em todos os lugares, onde realizava lutas, para desafiá-lo” (QUEIROZ, 1989, p. 41).

Mas como Jack Johnson conseguiu tamanha visibilidade e disputar o maior título do boxe em um período de racismo científico e segregação entre brancos e negros? Por que Jack Johnson tornou-se tão conhecido, inclusive servindo de inspiração para lutadores do calibre de Muhammad Ali? Como agiu o primeiro negro campeão mundial de boxe, um esporte que fazia parte da cultura e do estilo de vida dos norte-americanos brancos? Essas são algumas questões que iremos aprofundar neste momento, pois a figura de Johnson nos permite investigar diversos fenômenos históricos que vão muito além de uma troca de socos no ringue. E também nos dá a possibilidade de argumentar, mais uma vez, que o boxe precisa ser visto “dentro e fora dos ringues”, transcender as cordas e entender os diversos embates presentes na sociedade analisada.

---

<sup>515</sup> Tradução nossa. Original: Burns went on to win the Michigan State Middleweight Title in 1902 and the World Heavyweight Title in 1906”.

<sup>516</sup> Site: <http://www.cyberboxingzone.com/boxing/burns.htm> . Acessado: 18/07/2017, às 15:33.

<sup>517</sup> ANEXO 27 – Imagens do pugilista afro-americano Jack Johnson, campeão mundial entre os anos de 1910 e 1915.

\*\*\*

Randy Roberts, um dos historiadores do boxe mais respeitados nos Estados Unidos, escreveu em 1983 o livro intitulado *Papa Jack: Jack Johnson and the Era of White Hopes*, uma das muitas obras já escritas sobre Jack Johnson. O destaque vai para contexto histórico – inserido no subtítulo - em que Johnson sagrou-se campeão mundial de boxe: a segregação racial, o darwinismo social e a superioridade da raça branca. A luta entre Johnson e Burns (1908), e posteriormente entre Johnson e Jeffries (1910), tiveram grande repercussão por representarem um debate mais amplo, que envolvia os lugares que cada raça poderia ocupar na sociedade.

Após a Guerra Civil Americana questões raça e nação foram elementos importantes para a constituição da identidade norte-americana. A história dos negros nos Estados Unidos se entrecruzou com a história da escravidão, e os primeiros pugilistas afro-americanos foram escravizados que lutavam em plantações para diversão ou lucro de seus senhores. (OBI, 2011, p. 9). Muitos cativos que possuíam experiências com lutas na África, tornaram-se exímios pugilistas, agregando várias formas de combate. Assim, na fase colonial os Estados Unidos, já existiam um bom número de lutadores, como Bill Richmond e Tom Molineaux. Apesar de estes últimos imigrarem para a Inglaterra e lá fazerem sucesso como *prize-fighters*, os Estados Unidos ainda estava fechado para este tipo de prática.

Ao longo do século XIX, mais especificamente entre as décadas de 1830 e 1850, as lutas tornaram-se mais regulares, ao ponto de surgir um campeonato nacional de *bare-knuckle fighting*. Contudo, entre os anos de 1841 e 1908, nenhum negro pode disputar o título mundial dos pesos pesados, apesar da existência de pugilistas muito experientes. Segundo Kasia Boddy, “embora os americanos negros tivessem lutado boxe antes da Guerra Civil, foi realmente só no último quarto do século XIX que eles começaram a fazer qualquer progresso no esporte” (BODDY, 2008, p. 175).<sup>518</sup> Boddy menciona “progresso do esporte”, porque em alguns estados do Norte os afro-americanos já disputavam corridas de cavalo, beisebol e boxe. Ou seja, o boxe está inserido no panorama esportivo, mas obviamente, por ser uma prática de “habilidade

---

<sup>518</sup> Tradução nossa. Original: “Although black Americans had boxed before the Civil War, it was really only in the last quarter of the nineteenth century that they began to make any headway in the Sport”.

individual e resistência”, o boxe deu aos negros maior destaque (BODDY, 2008, p. 174).<sup>519</sup>

Como mencionamos anteriormente, Jack Johnson não era o único boxeador negro de relevância no cenário internacional. Na década de 1880, Peter Jackson *The Black Prince* (O príncipe negro), campeão de boxe na Austrália, viajou aos Estados Unidos para enfrentar John Sullivan, mas este se recusou a encontrá-lo. Sullivan declarou “Não luto contra os *niggers*” (GRAHAM, 2008, p. 101). Peter Jackson chegou a lutar e empatar com James Corbett, mas isso não foi o bastante. John Sullivan preferiu bater-se contra Corbett. Em outras palavras, Sullivan escondeu-se atrás da justificativa de segregação racial para não enfrentar o príncipe negro, assim, protegendo a noção da superioridade branca (GRAHAM, 2008, p. 101)

É neste contexto que queremos analisar o percurso de Jack Johnson. Seu verdadeiro nome era John Arthur Johnson, conhecido também como *The Galveston Giant* (O gigante de Galveston). Jack Johnson nasceu na cidade de Galveston, Estado do Texas, no ano de 1878. Ele pertenceu a primeira geração de americanos negros livres. Começou trabalhando nas docas com treze anos e logo “desenvolveu a reputação de lutador, sendo que aos dezessete anos assumiu profissionalmente o boxe” (BODDY, 2008, p. 181).<sup>520</sup> Como em sua época negros não tinham a oportunidade de disputar o campeonato mundial de boxe, enfrentou todos os grandes pugilistas negros, como Sam Mc Vea, Joe Jeanette e Sam Langford (BODDY, 2008, p. 181).<sup>521</sup> Foi então que Jack Johnson obteve importantes vitórias contra o ex-campeão Bob Fitzsimmons e Jim Fireman Flynn, ambas em 1906. Com estes resultados, os empresários e a imprensa esportiva consideraram a peleja inter-racial uma boa aposta financeira (GRAHAM, 2008, p. 101).

---

<sup>519</sup> Tradução nossa. Original: “Johnson devotes most of his attention to boxing, the Sport which, he maintained, had the advantage of depending (at least more than the others) on ‘individual skill and stamina’”.

<sup>520</sup> Tradução nossa. Original: “Born in the port of Galveston, Texas in 1878, Arthur John Johnson was of the first generation of free black Americans. At thirteen he began working on the docks where he soon developed a reputation as a fighter, and, at seventeen, he took up boxing professionally”.

<sup>521</sup> Tradução nossa. Original: “After beating all the other good black heavyweights, including Joe Jeanette and Sam Langford, he secured a title fight in Australia, then one of the world’s boxing centres”.

É evidente que a bolsa de trinta mil dólares oferecida a Tommy Burns para entrar no tablado influenciou em sua decisão (BODDY, 2008, p. 181).<sup>522</sup> Assim, a disputa entre Johnson e Burns ocorreu em 26 de dezembro de 1908, em Sidney, Austrália. Foram catorze *round's* em que Johnson surrou o adversário do início ao fim, sendo que ainda no primeiro assalto já havia derrubado seu oponente (QUEIROZ, 1989, p. 40). Na décima quarta rodada, Burns voltou a cair e polícia impediu a continuação do espetáculo. (OLIVEIRA & MIRANDA ROSA, 1924, p. 33). Segundo Flores Júnior, “pela primeira vez na História um negro tornava-se campeão mundial dos pesos pesados. Com isso, Jack Johnson inverteu os papéis e renegou o status de pertencer a uma raça inferior” (FLORES JÚNIOR, 2001, p. 31). Este foi um dia importante para a comunidade negra, pois pelos golpes de Johnson o darwinismo social e a supremacia da raça branca foram colocados em xeque. E, finalmente, desacreditados.

A vitória de Johnson trouxe desdobramentos alarmantes tanto para a comunidade negra em específico, como para o início de tensões inter-raciais mais agudas nos Estados Unidos. O escritor Jack London chegou a declarar após assistir pessoalmente a luta na Austrália: (Burns) é um homem branco e eu também. Naturalmente eu queria ver o branco vencer (GRAHAM, 2008, p. 101). Essa postura racista foi naturalizada e considerada pelos americanos brancos como habitual. O mito dos pais peregrinos e fundadores da nação deixava a população negra à margem da história e da sociedade. Ser americano envolvia vários elementos, mas todos concordavam que a raça branca era uma característica que marcava a essência da identidade americana.

Mesmo antes de sua vitória contra Burns, Johnson já se destacava por sua postura de escárnio diante dos adversários brancos. De acordo com José Flores Júnior, “Johnson se negava a assumir o papel de bom negro ou de negro inferior, tanto dentro quanto fora dos ringues [...] derrotava os adversários brancos com facilidade debochando e zombando deles” (FLORES JÚNIOR, 2001, p. 31). A imprensa esportiva criticava não só sua postura como seu estilo de luta. Segundo a historiadora Kasia Boddy, “o que muitos críticos descreveram como a “preguiça” de Johnson era de fato

---

<sup>522</sup> Tradução nossa. Original: “The promoter’s guarantee of \$30,000 supposedly overcame the reluctance of then champion Tommy Burns (whose real name was Noah Brusso) to fight a black man.”.

um estilo defensivo cuidadosamente pensado. Ele lutou com as mãos baixas, apenas à altura do peito” (BODDY, 2008, p. 182).<sup>523</sup> Neste momento lembramos-nos do texto de T. J. Desch Obi (2011), a respeito da “defesa dançada de Bill Richmond”. No caso de Johnson, o que os brancos racistas chamavam de “preguiça”, com seus pré-conceitos estabelecidos, observamos como uma herança cultural africana presentes entre os escravizados e ex-cativos do Sul dos Estados Unidos.

Mas pra além de sua postura nos ringues e de seu estilo de luta, Johnson transgredia as normas sociais e o mundo estabelecido dos brancos de várias formas. Jack Johnson “dirigia automóveis caros, dominava com fluência o inglês, o francês e o espanhol e tocava baixo acústico” (FLORES JÚNIOR, 2001, p. 34). Além disso, possuía um estilo de vida excêntrico, vestia roupas caras e exóticas, tomava vinho de canudinho e todas suas esposas, namoradas e amantes foram brancas (REMNICK, 1998, p. 191). Foi proprietário de um Café chamado *The Champion*, que possuía “cuspidores de prata no local [...] servindo clientes brancos e negros juntos” (BODDY, 2008, p. 186).<sup>524</sup>

Desde o momento que Tommy Burns perdeu o título, a comunidade pugilística, que envolvia empresários, jornalistas e aficionados, buscava um lutador que pudesse derrotar Johnson (BODDY, 2008, p. 182).<sup>525</sup> Porém, em apenas um ano Johnson defendeu seu título por cinco vezes (FLORES JÚNIOR, 2001, p. 32). É importante lembrar que Burns era canadense, impopular e não foi considerado um verdadeiro representante da raça branca. Pelo contrário, Burns tornou-se “símbolo da derrota e da negação da supremacia branca no esporte e na sociedade” (FLORES JÚNIOR, 2001, p. 31). Por isso, muitos estadunidenses achavam que era necessário um novo confronto para que se provasse, por fim, a tese de sua superioridade sobre os negros.

James Jeffries, campeão mundial entre os anos 1899 e 1905, deixou os ringues após vencer todos os oponentes disponíveis, e também como cumprimento de uma promessa. Segundo Jéssica Graham, Jeffries declarou que “quando não houver mais

---

<sup>523</sup> Tradução nossa. Original: “But what many critics described as Johnson’s ‘laziness’ was in fact a carefully thought out defensive style”.

<sup>524</sup> Tradução nossa. Original: “Johnson instead opened the Café de Champion, serving black and white customers together”.

<sup>525</sup> Tradução nossa. Original: “In the months and years that followed, the search for a suitable white challenger Continued”.

brancos para lutar, vou deixar o boxe... Estou determinado a não dar a oportunidade de perder o campeonato para um negro” (GRAHAM, 2008, p. 101). Dois anos antes, Jack Johnson tornou-se o campeão mundial dos pesos pesados negros (*Colored Heavyweight Championship of the World*). E havia muitos bons lutadores como Jack Johnson, que se tivessem a oportunidade se bateriam contra Jeffries. Em pouco tempo, surgiu um “movimento generalizado para promover a volta do ex-campeão invicto” (FLORES JÚNIOR, 2001, p. 32). Para Kasia Boddy, “o ex-campeão James Jeffries foi a escolha popular para sair da aposentadoria e remover o sorriso dourado do rosto de Jack Johnson” (BODDY, 2008, p. 182).<sup>526</sup> Isso, porque Johnson possuía vários dentes de ouro que em pouco tempo tornaram-se a marca registrada de sua personalidade: provocadora e transgressora.

O retorno de James Jeffries aos tablados teve uma finalidade exclusiva. Segundo José Flores Júnior, Jeffries declarou que “vou para essa luta com o único objetivo de provar que um homem branco é melhor que um homem negro” (FLORES JÚNIOR, 2001, p. 32). Conforme Boddy, quando a luta foi anunciada “a retórica científica racista social darwiniana do dia intensificou-se” (BODDY, 2008, p. 182).<sup>527</sup> Como a imprensa havia imaginado, o combate entre Johnson e Jeffries suscitou sentimentos segregacionistas, que tornaram “A Luta do Século” um combate muito aguardado. A teoria de Charles Darwin, de que só os mais fortes sobrevivem, seria posta a prova dentro de um ringue, cercado por mais de vinte mil pessoas, trazendo efeitos a outros milhares, que saberiam do resultado rapidamente. O resultado tanto do combate, como da teoria.

A peleja entre Johnson e Jeffries ocorreu em quatro de julho de 1910, na cidade de Reno, Nevada. Reno estava localizado em uma região desértica, porém, em meados do século XIX, com a construção da primeira estrada de ferro transcontinental, a cidade teve um importante impulso econômico. Para termos uma ideia, a população que morava em Reno na época era de cerca de quinze mil pessoas, ou seja, havia mais pessoas presentes para assistir ao combate do que habitantes locais. O dia quatro de

---

<sup>526</sup> Tradução nossa. Original: “Former champion Jim Jeffries was the popular choice to come out of retirement and ‘remove the golden smile from Jack Johnson’s face’”.

<sup>527</sup> Tradução nossa. Original: “In the run-up to the Johnson-Jeffries fight, the Social Darwinian ‘scientific’ racist rhetoric of the day intensified”

julho de 1910 também foi representativo, era o Dia da Independência, uma das datas mais comemoradas pelos americanos (FLORES JÚNIOR, 2001, p. 33).

Segundo Jéssica Graham, “o combate foi discutido em quase todos os jornais do país e na mídia internacional” (GRAHAM, 2008, p. 102). A imprensa reconheceu a importância deste embate pugilístico em frases de efeito como “todo mundo civilizado aguarda a luta na qual Jim Jeffries [resgatará] o campeonato da raça negra”, ou ainda, “o interesse da maioria dos noventa milhões de pessoas hoje nos Estados Unidos está focado em Reno” (GRAHAM, 2008, p. 102).

Antes do início da luta houve o ritual de entrada, a preparação dos pugilistas e dos segundos para o combate. Ao lado do tablado estavam sentados todos os campeões mundiais do passado: John Sullivan, James Corbett, Bob Fitzsimmons, Marvin Hart e Tommy Burns (OLIVEIRA & MIRANDA ROSA, 1924, p. 34). Era uma grande celebração, um evento histórico, tendo como objetivo provar a superioridade da raça branca. Mal Jack Johnson entrou no ringue a multidão começou a gritar: Mate o negro! (REMNICK, 1998, p. 190).

Em seguida uma banda militar tocou uma música com teor racista. Porém, Johnson estava confiante e em ótima forma física. Diferente de James Jeffries, “que estava em medíocres condições, mais gordo, menos ágil” (RAMOS, 1941, p. 34). Segundo José Flores Júnior “por quase cinco anos Jeffries se dedicou apenas ao lazer, à fazenda e à bebida [...] não dispunha de mais nenhuma condição competitiva” (FLORES JÚNIOR, 2001, p. 32). Mas Jeffries era a esperança branca e os americanos em geral esperavam sua vitória. Já sobre o ringue Jeffries obteve vários privilégios: conseguiu o melhor canto, um protetor de sol, um novo tapete para o tablado, com uma cor que prejudicava a visão de Johnson (RAMOS, 1941, p. 34). Todas essas concessões ocorreram porque o embate teve início às 14 horas e 47 minutos da tarde, na cidade desértica do Reno.

Nada disso adiantou. Jack Johnson zombou de seu adversário, como havia feito com os oponentes pretéritos, demolindo-os aos poucos (FLORES JÚNIOR, 2001, p. 33). Conforme Juvenal Queiroz, “Jeffries sofreu severo castigo que terminou por nocaute técnico no décimo quinto assalto” (QUEIROZ, 1989, p. 42). Os segundos tiveram que jogar a toalha para que o juiz finalizasse a peleja, mas antes a multidão já

havia gritado pedindo que a polícia interferisse no combate, talvez o anulando, evitando um maior vexame (BODDY, 2008, p. 183).<sup>528</sup> Não foi o que aconteceu. Jack Johnson venceu “A Luta do Século” e tornou-se um símbolo de resistência e transgressão às normas estabelecidas pelo sistema racista. Segundo Flores Júnior, “agora um homem negro detinha o título simbólico de ser humano fisicamente mais poderoso do mundo” (FLORES JÚNIOR, 2001, p. 34).

O impacto do triunfo de Johnson foi imediato. A multidão ficou chocada e um senador de Nova York, Tim Sullivan, desmaiou (GRAHAM, 2008, p. 103). Mas os conflitos não ficaram apenas no Reno. O dia quatro de julho de 1910 também foi “A Luta do Século” por seus desdobramentos. Assim que os telégrafos informaram da vitória de Johnson, uma onda de “linchamentos, conflitos e tumultos em larga escala foram relatados” (BODDY, 2008, p. 183).<sup>529</sup> Naquele quatro de julho foram registrados a morte de dezenove negros, mais de duzentos e cinquenta feridos e cerca de cinco mil prisões. De acordo com David Remnick, “em Houston, um branco cortou a garganta de um negro chamado Charles Williams, que estava comemorando a vitória de Johnson com muito entusiasmo” (REMICK, 1998, p. 191). Jéssica Graham concluiu que “esses distúrbios raciais foram os piores que aconteceriam no país até o assassinato de Dr. Martin Luther King, Jr” (GRAHAM, 2008, p. 103).

Como falamos ainda nesta seção, o cinema teve papel importante na divulgação do esporte, especificamente, do boxe. Desde a década de 1890 os projetores de imagem seguiram evoluindo, graças aos avanços tecnológicos. Filmar grandes embates de pugilismo tornou-se uma importante maneira de propagar a cultura da luta, símbolo norte-americano, mas também de faturar com a venda e aluguel de rolos cinematográficos. Apesar do telégrafo, que informava com detalhes o andamento da luta, os amantes da Nobre Arte queriam mesmo era visualizar o combate. Contudo, a repercussão da peleja entre Johnson e Jeffries podia suscitar mais manifestações de violência entre brancos e negros. Por isso, conforme Kasia Boddy, “muitos estados agiram rapidamente para proibir as exibições do filme [...]. O filme não foi exibido no

---

<sup>528</sup> Tradução nossa. Original: “and ended in the fifteenth round when Jeffries’s seconds threw in the towel”.

<sup>529</sup> Tradução nossa. Original: “As the news spread by telegraph across America, lynchings, fights and full-scale riots were reported”.



sul ou na maioria das cidades americanas” (BODDY, 2008, p. 185).<sup>530</sup> Segundo Jéssica Graham, “no final, pelo menos 15 estados, Washington D.C., Inglaterra e África do Sul proibiram o filme da luta de Johnson contra Jeffries” (GRAHAM, 2008, p. 103).

Logo após a derrota de Jeffries, a busca por um pugilista branco que pudesse derrotar Johnson continuou. Contudo, Johnson prosseguiu batendo todos oponentes que lhe desafiavam. O jeito foi, para boa parte da população branca dos Estados Unidos, ignorar Johnson e desistir do boxe. O período entre os anos de 1910 e 1915 foi um tempo muito difícil para promotores de lutas como Tex Rickard (1870-1929), que deixou seu país para organizar eventos esportivos na América do Sul. O menosprezo por Johnson foi tamanho que surgiu nesta época uma disputa à parte, um Campeonato Mundial dos Brancos Pesos Pesados (*White World Heavy-Weight Championship*). A imprensa que antes exaltava o boxe como esporte viril, agora destacava sua brutalidade (BODDY, 2008, p. 185).<sup>531</sup> Essa posição influenciou também a própria imprensa gaúcha, que nesse período não via positivamente a prática do pugilismo em nossa cidade.

Jack Johnson enfrentaria ainda uma perseguição mais sistemática. Como frisamos anteriormente, Johnson vivia de forma extravagante, tendo diversos casos amorosos, inclusive gastando boa parte de sua fortuna com prostitutas brancas. Foi com esta tática que “a elite norte-americana se organizou para tirar Jack Johnson de circulação” (FLORES JÚNIOR, 2001, p. 34). Assim, em 1913, Johnson foi “indiciado e posteriormente condenado em onze acusações, tais como incentivo à prostituição, práticas sexuais ilícitas e sodomia” (REMNICK, 1998, p. 191; FLORES JÚNIOR, 2001, p. 35; BODDY, 2008, p. 186).<sup>532</sup>

Na verdade, a *Mann Act*, foi uma lei contra a prostituição e tráfico de mulheres brancas entre estados norte-americanos. Porém, para Jéssica Graham, “Johnson não havia feito nada ilegal, só cruzado fronteiras estaduais com sua namorada branca, a

---

<sup>530</sup> Tradução nossa. Original: “In 1910, many states acted quickly to ban showings of the Reno film, arguing that riots would necessarily follow. The film was not shown in the South or in most American cities”.

<sup>531</sup> Tradução nossa. Original: “Whites who had previously celebrated boxing as the sport of manly self-assertion, now remarked brutality”.

<sup>532</sup> Tradução nossa. Original: “In 1912 Johnson was charged with having violated the 1910 ‘White Slave Traffic Act’, also known by the name of its sponsor, Mann. The Act was designed to target commercial vice rings and it was rare that individuals were taken to court.”

quem tinha dado presentes e dinheiro” (GRAHAM, 2008, p. 104). O resultado destas acusações contra Johnson foi sua condenação “por um júri branco e sentenciado a um ano e um dia na prisão e uma multa de mil dólares” (BODDY, 2008, p. 186).<sup>533</sup> Para não cumprir a sentença, que anos mais tarde declarou ser “uma conspiração grosseira”, passou os anos seguintes “fazendo lutas de exibição e apresentando-se [...] na Europa, no Canadá e no México” (BODDY, 2008, p. 186).<sup>534</sup> José Flores Júnior ainda complementa que Johnson mesmo “mantendo o título, passou a lutar contra pugilistas obscuros por pequenas quantias” (FLORES JÚNIOR, 2001, p. 35).

Após muito tempo sem uma defesa de título, Jack Johnson aceitou desafiar o gigante Jess Willard (que media 1m e 98 cm e pesava 113 kg) e que vinha vencendo os melhores pesos pesados da época (QUEIROZ, 1989, p. 43). Contudo, a pugna não poderia acontecer nos Estados Unidos, pois Johnson estava impedido de entrar no país, por não ter cumprido sua sentença. Assim, a luta foi marcada para ocorrer em cinco de abril de 1915, em Havana, Cuba (OLIVEIRA & MIRANDA ROSA, 1924, p. 35). O boxe surgiu em Cuba a partir de 1898, com a ocupação estadunidense, sendo praticado inicialmente em clubes sociais (REEJHSINGHANI, 2009, p. 7).<sup>535</sup> O pugilismo era ilegal em Cuba até 1921, quando se formou a primeira comissão de boxe. Cremos que seu estado de ilegalidade permitiu que o combate tivesse 45 *rounds*, algo que transgredia as Regras de Queensberry.

A luta entre Johnson e Willard seu estendeu até o 26º assalto, quando o pugilista branco Jess Willard o derrotou por nocaute. José Flores Júnior afirma que Johnson “estava em franca decadência”, contudo, no filme da luta, que futuramente foi liberado, percebeu-se que Johnson deu tudo de si nas primeiras vinte rodadas (FLORES JÚNIOR, 2001, p.36). Jack Johnson deu muitas justificativas para sua derrota. Para Kasia Boddy, “ele fez um acordo com o FBI, a fim de ser autorizado a retornar aos Estados Unidos”

---

<sup>533</sup> Tradução nossa. Original: “But that made no odds. Convicted by a white jury and sentenced to a year and a day in prison and a \$1000 fine, he jumped bail and fled the country with Lucille in 1913”.

<sup>534</sup> Tradução nossa. Original: “He spent the next two years in giving exhibition fights and performing as the ‘agreeable gentleman with the settled smile and the shining white teeth’ in vaudeville in Europe, Canada, and Mexico”.

<sup>535</sup> Tradução nossa. Original: “Having fitfully emerged in public spaces during the years of U.S. military occupation (1898-1902 and 1906-1909) and in the decade since, boxing remained on the margins of both legality and respectability until 1921, when the state formed a boxing and wrestling commission.”

(BODDY, 2008, p. 186).<sup>536</sup> Esta tese também foi apresentada por José Flores Júnior, contudo, ambos afirmam que a luta entre Willard e Johnson foi limpa e justa. Taciano de Oliveira e Dirceu Miranda Rosa também declaram que “Jack Johnson entregou ao seu competidor” (OLIVEIRA & MIRANDA ROSA, 1924, p. 35).

O fato mais curioso sobre o desfecho da luta entre Jack Johnson e Jess Willard foi descrito por Tenório D’Albuquerque da seguinte forma:

Tinha ficado decidido que a mulher de Jack Johnson receberia a bolsa antes do desfecho. Tex Rickard, por essa ou aquela razão, não pagou o que combinara, isto é, antes do combate a esposa do famoso negro não lhe fez o sinal convencionado. Jack Johnson seguiu lutando. Somente depois do 26º assalto, ela fez o sinal ao marido, que se atirou no solo (D’ALBUQUERQUE, 1939, p. 69)

Concordamos com José Flores Júnior quando reconhece que “tal afirmativa é de difícil comprovação, e um tanto duvidosa” (FLORES JÚNIOR, 2001, p. 36). Preferimos nos concentrar em outro ângulo da história de Johnson. A forma como perdeu não nos interessa muito. Importa compreender o legado de Johnson, tanto para a comunidade negra como para os aficionados do pugilismo e do esporte em geral. Johnson mexeu muito com imaginário popular. Mexeu, igualmente, com a cabeça de jornalistas, escritores e artistas. O impacto de sua vitória foi muito mais lembrado do que o dia de sua derrota. Jack London, por exemplo, foi um dos primeiros a escrever uma crônica tendo como pano de fundo o combate inter-racial, a história de um garoto branco que só lutava contra outros meninos brancos (BODDY, 2008, p. 184).<sup>537</sup> Trata-se do conto *The Abysmal Brute* (A Fera do Abismo), de 1911, publicado no Brasil no livro “Por um bife” (2006) e “Nocaute” (2015).

Alguns anos depois Ernest Hemingway (1889-1961) escreveu *A Matter of Collor* (Uma questão de cor). Hemingway tinha apenas dezessete anos e era aluno do Ensino Médio na Califórnia, quando escreveu seu conto no contexto da derrota de Johnson. O enredo da história era “um treinador aposentado [...] que armou uma luta contratando um grande sueco para surrar o adversário negro [...] com um bastão de

---

<sup>536</sup> Tradução nossa. Original: “Most boxing historians, having studied the film footage, believe that it was a fair fight”.

<sup>537</sup> Tradução nossa. Original: “Just a few months after Jeffries’s defeat, Jack London began work on *The Abysmal Brute*, the story of a white boy, Pat Glendon, who only fights other white boys”.

beisebol” (BODDY, 2008, p. 195).<sup>538</sup> Posteriormente, Arthur Conan Doyle publicou em 1926, *The Adventure of the Three Gables* (A aventura dos três pórticos), em 1926, uma história sobre o encontro de “um boxeador negro que aparece no escritório de Sherlock Holmes, em Barker Street, e ofende o Dr. Watson e o detetive com sua boca hedionda e mal cheirosa” (BODDY, 2008, p. 194).<sup>539</sup> A lista de autores ainda continua: William Faulkner (1897-1962), James Joyce (1882-1941), dentre outros.

A luta inter-racial entre Johnson e Jeffries, que tinha como cenário a própria luta em defesa da superioridade branca sobre a negra, tornou-se tema de diversos artigos, contos, crônicas e romances. Entendemos que estes escritos foram maneiras do público geral expressar suas opiniões e discutir o tema racial. Alguns escritores como Jack London, de forma mais objetiva, e outros mais subjetivamente, como Hemingway e Doyle, concordavam com o discurso de inferioridade racial da população negra em suas produções literárias (REMNICK, 1998, p. 190). Para Jéssica Graham, “o nacionalismo branco e a superioridade branca foram tão intimamente entrelaçados que se tornaram indiferenciados, indissociáveis” (GRAHAM, 2008, p. 104). Assim, a primeira “Luta do Século” tornou-se um marco, uma referência, de embates raciais nos Estados Unidos, inclusive de empoderamento da população negra.

O percurso de Johnson no boxe profissional não trouxe apenas construções de discursos raciais entre a imprensa e os intelectuais da época. Segundo Kasia Boddy, quando Johnson chegou ao Harlem, bairro de Nova York, “foi recebido por milhares como um herói retornando [...] o Renascimento de Harlem, o estabeleceu como uma figura icônica” (BODDY, 2008, p. 187).<sup>540</sup> O Novo Movimento Negro, nascido no Harlem na década de 1920, contou com a participação de intelectuais, poetas, músicos, dançarinos e artistas-plásticos. Tinha por objetivo valorizar a raça afro-americana, por

---

<sup>538</sup> Tradução nossa. Original: “A Ring Lardner-style vernacular yarn with an O. Henry twist at the end, it presents a retired trainer telling the story of how he had once fixed a fight by hiring a ‘big Swede’ to clobber the Black opponent, the young Joe Gans no less, with a baseball bat through a curtain”.

<sup>539</sup> Tradução nossa. Original: “In Conan Doyle’s 1926 story, ‘The Adventure of the Three Gables’, a black boxer bursts into Sherlock Holmes’s rooms at Baker Street and offends Dr Watson and the detective with his ‘hideous mouth’ and ‘smell’”.

<sup>540</sup> Tradução nossa. Original: “The explosion of 1920s black urban culture, now known as the Harlem Renaissance, established him as an iconic figure.”.

meio da expressão criativa, porém, “tornou-se com o tempo um processo muito maior de mudança política e social” (BODDY, 2008, p. 187).<sup>541</sup>

Jack Johnson também influenciou a carreira de Cassius Clay, o Muhammad Ali. Na obra de David Remnick (1998), *O Rei do Mundo*, fica evidente sua importância para a consciência racial de Ali. Muhammad Ali buscava conhecer as histórias dos boxeadores negros que lutaram antes dele. Os dois mais mencionados foram Jack Johnson e Joe Louis. Ali gostava do “espírito” de Jack Johnson, da forma como perseguiu Tommy Burns, até que pudesse combatê-lo. Ali fez o mesmo ao provocar, insistentemente, Sonny Liston (REMNICK, 1998, p. 71). Cassius Clay também ergueu em seu campo de treinamento um monumento com “pedras enormes espalhadas [...] com os nomes de homens como Jack Johnson, Ray Robinson e Joe Louis” (REMNICK, 1998, p. 101).

Para além da própria história, e da forma como Johnson se comportou diante da segregação e do racismo explícito, Muhammad Ali copiava o estilo e “a exuberância de Jack Johnson” e seu “famoso soco âncora” (REMNICK, 1998, p. 190). Em uma entrevista Ali declarou: “cresci admirando a imagem de Jack Johnson”, ele disse. “Eu queria ser duro, forte, arrogante, o tipo de negro do qual os brancos não gostavam.” (REMNICK, 1998, p. 191). Dessa forma, Jack Johnson tornou-se exemplo para Ali em vários sentidos. Ele também admirava muito Joe Louis, que tinha postura bem diferente de Johnson (a do “bom negro”). Mas pelo que parece Ali assimilava as melhores virtudes e qualidades dos lutadores negros para construir sua própria identidade.

Mesmo citando exemplos tão distantes, descobrimos que Jack Johnson deixou um legado próximo de nós. Para Marcello Campos, o cantor de samba Orlando Silva chegou a disputar lutas de boxe em Porto Alegre na década de 1920. O negro Orlando Silva nasceu em 1910, escolhendo Johnson como seu codinome pugilístico. Segundo Marcello Campos, Orlando Silva podia ser um bom nome para artista, mas “para um esmurrador não combinava [...] A inspiração acabara vindo do ídolo afro-americano Jack Johnson (1878-1946), cujas fitas com resumos de combates eletrizavam a moçada” (CAMPOS, 2013, p. 40). As “fitas com resumos de combates” que Orlando Johnson

---

<sup>541</sup> Tradução nossa. Original: “The Harlem Renaissance of the 1920s was not simply a flowering of black art, but part of a much larger process of political and social change. ”

assistia, foram exibidas nos principais cinemas da Rua dos Andradas, em Porto Alegre. No último capítulo iremos recorrer às fontes da imprensa para mostrar a influência das fitas cinematográficas, de Jack Johnson e de outros lutadores, para o surgimento do pugilismo na capital rio-grandense.

\*\*\*

“Alguma vez houve um lutador semelhante ao jovem Dempsey?”. Esta pergunta foi feita pela escritora Joyce Carol Oates, em seu livro *O Boxe*, sobre a personalidade e o estilo de luta de Jack Dempsey (OATES, 1987, p. 83). Joyce Oates não se surpreendeu com a trajetória de Dempsey como pugilista pobre da região de Manassa, Colorado, nem com sua meteórica ascensão à celebridade, como ator de Hollywood e símbolo sexual norte-americano. Talvez o que mais surpreendente foi como seus empresários, utilizando técnicas de *marketing* e de cultura de consumo em massa (jornais, cinema e rádio), apresentaram aos norte-americanos um boxeador com “instinto assassino”, “agressivo”, “cruel”, e mesmo assim, o elegeram “o lutador perfeito da América” (BODDY, 2008, p. 209).<sup>542</sup>

Randy Roberts (1984), o mesmo autor que escreveu a respeito de Jack Johnson, publicou um ano depois o livro intitulado *Jack Dempsey: The Manassa Mauler* (O espancador de Manassa). Cremos que não foi pura coincidência. Johnson e Dempsey foram os dois principais nomes do boxe profissional nas primeiras duas décadas do século XX. E como falamos no início, ambos participaram das denominadas “Lutas do Século”. Suas peijas transcenderam as cordas e serviram tanto para refutar a superioridade racial como para legitimar discursos de nacionalidade, masculinidade e virilidade. Neste momento, analisaremos o percurso de Jack Dempsey e como um lutador *self-made-men* (alguém que com seu esforço faz seu próprio caminho) influenciou e representou o consumo em massa e o modo de vida americano (*American way of life*) ao decorrer da década de 1920.

O verdadeiro nome de Jack Dempsey<sup>543</sup> era William Harrison Dempsey, nascido em 24 de junho de 1895, na pequena Manassa, Colorado (OLIVEIRA & MIRANDA ROSA, 1924, p. 12). Localizado mais ao Oeste dos Estados Unidos, o estado de

---

<sup>542</sup> Tradução nossa. Original: “Between them Kearns and promoter Tex Rickard carefully cultivated the image of the ‘Manassa Mauler’ as ‘America’s perfect fighting man’”.

<sup>543</sup> ANEXO 28 – Imagens do pugilista Jack Dempsey, campeão mundial entre 1919 a 1926.

Colorado foi marcado por disputas regionais com o Novo México. Manassa foi fundada por mórmons no século XIX, e sua população era constituída principalmente por descendentes de espanhóis e mexicanos. Segundo Joyce Oates, “Dempsey era o nono dos onze filhos de um lavrador mórmon empobrecido, operário itinerante dos caminhos-de-ferro” (OATES, 1987, p. 83). Para Boddy “inicialmente foi um boxeador razoavelmente medíocre, lutando por cem dólares em bares *country* e vivendo esporadicamente como um vagabundo [...] em sua juventude vivia parasitando em ferrovias” (BODDY, 2008, p. 208 e 209).<sup>544</sup> William Dempsey saiu de casa cedo e com quinze anos já lutava em vários lugares dos Estados Unidos “sempre que havia oportunidade de ganhar alguns dólares” (QUEIROZ, 1989, p. 45).

Nos primeiros anos lutou com o codinome Kid Blackie, contudo, sem fazer muito sucesso. Conforme Juvenal Queiroz, “nas suas primeiras lutas foi derrubado várias vezes, sendo que, em uma delas, sofreu onze quedas e conseguiu vencer” (QUEIROZ, 1989, p. 45). Posteriormente, seus empresários souberam explorar bem seu ímpeto e determinação, construindo sua imagem como uma representação do estilo de vida americano, do homem que ultrapassa todas as dificuldades, que chega aonde deseja. Até o ano de 1917, William Dempsey era um incógnito que lutava em lugares inóspitos, contra qualquer oponente. No entanto, em 1918 passou a ser conhecido por seus rápidos nocautes no primeiro *round*. De acordo com Juvenal Queiroz, “em 27 de julho de 1918 venceu Fred Fulton, em Nova Jersey em dezoito segundos e, em 16 de dezembro do mesmo ano, venceu Carl Morris em Nova Orleans, em catorze segundos” (QUEIROZ, 1989, p. 45). Assim, suas rápidas vitórias despertaram atenção dos empresários (NOGUEIRA, 1954, p. 45).

Os rápidos nocautes de Jack Dempsey, que chamaram atenção dos *managers* e foram utilizados posteriormente como símbolo cultural de sua “competitividade e ferocidade”, também nos permitem tratar de um tema importante para o boxe profissional pós 1889: o uso das luvas (WELSHMAN, 1997, p. 200).<sup>545</sup> Como já

---

<sup>544</sup> Tradução nossa. Original: “Born into a poor Irish-American family in Manassa, Colorado, Dempsey was initially a fairly mediocre boxer, fighting for \$100 a time in Western bars and living sporadically as a hobo”.

<sup>545</sup> Tradução nossa. Original: “[...] on the one hand, even in its cruder and more violent cultural manifestations, and on the other hand, of New World brash commercialism competitiveness and ferocity”.

salientamos no capítulo anterior, as primeiras luvas foram introduzidas na Inglaterra, no ano de 1747, pelo *prize-fighter* e tutor Jack Broughton. Seu emprego era restrito aos *sparrring-match*, aulas que o mesmo lecionava para a nobreza e a aristocracia britânica. Contudo, as luvas que foram originalmente usadas para lazer e exercício físico, foram incorporadas no final do século XIX para “desarmar o movimento abolicionista e ajudar a estabelecer a legalidade do boxe” (SHEARD, 1997, p. 49).<sup>546</sup>

As luvas de boxe foram uma das contribuições das Regras do Marquês de Queensberry de 1867, e tinha por finalidade diminuir a violência no pugilismo. Foram recebidas “como um dos grandes avanços na civilização do boxe” (SHEARD, 1997, p. 49).<sup>547</sup> Para Kasia Boddy, as luvas tinham por fim proteger as mãos do pugilista e não o rosto do adversário, pois “era mais provável que um lutador quebrasse a mão com um grande golpe do que derrubasse seu oponente” (BODDY, 2008, p. 146).<sup>548</sup> Por outro lado, Jack Anderson argumenta que “luvas especialmente embebida com suor, tornaram-se uma espécie de porrete e permitia que o lutador batesse em áreas do crânio do adversário, que anteriormente estavam fora seus limites” (ANDERSON, 2001, p. 43).<sup>549</sup>

Kennety Sheard (1997), Jack Anderson (2001) e Kasia Boddy (2008) sustentam que o uso de luvas trouxe certa aparência de civilidade e segurança, no entanto, essas aparências foram enganosas e superficiais. Por exemplo, a introdução de luvas trouxe mais emoção às pelepas, principalmente com a inclusão do golpe nocaute. Kennety Sheard afirma que o nocaute tornou-se o soco mais aguardado, possuindo um significado importante e central no combate. Para este autor, o nocaute significa “um eufemismo para danos cerebrais” (SHEARD, 1997, p. 52).<sup>550</sup> Com as luvas, o estilo de

---

<sup>546</sup> Tradução nossa. Original: “Gloves were not accepted for Professional contests until late in the nineteenth century, and then only in order to defuse the abolitionist movement and to help establish the legality of boxing”.

<sup>547</sup> Tradução nossa. Original: “It is possible to argue that, in certain respects, boxing as a consequence of undergoing a civilizing process”.

<sup>548</sup> Tradução nossa. Original: “Indeed, without gloves, a big blow was as likely to break a fighter’s hands as knock down his opponent. Exhaustion was the usual reason for a man to lose.”

<sup>549</sup> Tradução nossa. Original: “**In** fact gloves, especially when soaked with sweat, in effect became a club and allowed the fighter to hit areas of the opponent’s skull, which previously were out of bounds because of the danger of breaking a knuckle or fingers.”.

<sup>550</sup> Tradução nossa. Original: “The dangers inherent in boxing gloves and headguards are only the two most obvious examples of innovations which apparently reduce injury but which may in reality contribute to more serious damage.”



jogo mudou e golpes como ganchos e cruzados, que antes não eram utilizados, agora se tornaram possíveis. Em outras palavras, as Regras de Queensberry não acabaram com a violência no boxe profissional. Conforme Fernando Ferreira, só em 1962 catorze pugilistas morreram dentro do ringue – sendo o mais conhecido deles, o cubano Kid Paret (FERREIRA, 1970, p. 15 e 17). Portanto, o uso de luvas foi efetivado mais para “se enquadrar em interesses e considerações comerciais” (SHEARD, 1997, p. 49).<sup>551</sup>

Antes de enfrentar o campeão mundial Jess Willard, Jack Dempsey já tinha registrado quarenta vitórias por nocaute (QUEIROZ, 1989, p. 45). Derrotar seus oponentes por *knockout* (K.O.) foi uma de suas marcas registradas. Conforme Kasia Boddy, “foi o sucesso instantâneo do golpe de nocaute [...] o soco anestésico” que trouxe sua notoriedade (BODDY, 2008, p. 210).<sup>552</sup> Antes de 1918, William Dempsey era apelidado de Kid Blackie, um lutador andarilho que sobrevivia com alguns dólares obtidos em pelepas locais. Contudo, sua carreira mudou quando conheceu os empresários Jack Kearns e Tex Rickard (OLIVEIRA & MIRANDA ROSA, 1924, p. 10). Ambos foram muito astutos, criando uma boa estratégia para que Jack Dempsey pudesse enfrentar em breve o campeão mundial (BODDY, 2008, p. 209).<sup>553</sup>

Seu treinador Jack “Doc” Kearns (1882-1963) “garantiu que Dempsey só encontrasse oponentes que ele poderia facilmente nocautear, e que ele passasse quase tanto tempo fazendo jornadas nos escritórios de jornais quanto ele fazia lutando” (BODDY, 2008, p. 209).<sup>554</sup> Kearns investiu no golpe nocaute de Dempsey, pois sabia que era uma boa forma de chamar atenção jornalistas e do público em geral. O fato de Dempsey visitar a imprensa tem relação tanto com a construção de uma imagem cativante e popular, como de resgatar o boxe como símbolo cultural norte-americano. Conforme Boddy, “Jess Willard não era a Grande Esperança Branca que tantos haviam

---

<sup>551</sup> Tradução nossa. Original: “[...] were primarily designed to fit in with commercial interests and considerations, particularly the interests [...]”

<sup>552</sup> Tradução nossa. Original: “But it was not merely success against all odds that Dempsey represented; it was the instant success of the knockout blow [...]the impatient Twenties favoured the ‘cocainizing punch

<sup>553</sup> Tradução nossa. Original: “And there was still more to the Dempsey image. In the passage above, he litters his description with metaphors drawn from his days working in the Colorado mines, and he was often promoted as a rugged Westerner”.

<sup>554</sup> Tradução nossa. Original: “He struck lucky when he met up with manager Jack Kearns, who carefully groomed him for a shot at the championship. Kearns ensured that Dempsey only encountered opponents whom he could easily knock out, and that ‘he spent nearly as much time making the rounds of newspaper offices as he did fighting”.

desejado [...] era grande, lento e pouco carismático, e o público não acolheu seu novo campeão branco” (BODDY, 2008, p. 209).<sup>555</sup> Os *managers* de Dempsey tinham entendido bem a fórmula: para produzir um campeão mundial de boxe seria necessário apelar para os sentimentos e expectativas da população norte-americana.

Tex Rickard, que havia deixado os Estados Unidos após as seguidas vitórias de Johnson, retornou em 1916 e estava disposto a cuidar da imagem de William Dempsey. Uma das primeiras mudanças foi seu novo codinome: Jack Dempsey, *The Manassa Mauler* (O espancador de Manassa). Se Jess Willard não era a Grande Esperança Branca, os *managers* queriam oferecer o “Sonho Americano: um campeão, branco, poderoso, carismático, bonito e vitorioso [...] Dempsey possuía segundo o sistema social vigente, todos os atributos necessários para ser considerado um grande campeão” (FLORES JÚNIOR, 2001, p. 38). Finalmente, um jornalista encorajou Jess Willard a enfrentar Jack Dempsey, principalmente pelos seus ótimos resultados, que em apenas um mês havia nocauteou vários pugilistas (BODDY, 2008, p. 209).<sup>556</sup>

A grande disputa pelo título mundial dos pesos pesados foi realizada na cidade de Toledo, Ohio, no dia 04 de julho de 1919 (QUEIROZ, 1989, p. 45). Na época Dempsey não ganhou crédito e “muitos pensaram que a luta seria lamentável” (BODDY, 2008, p. 209).<sup>557</sup> Jess Willard era mais experiente, medindo 1m e 98cm e 113 quilos. Jack Dempsey estava há pouco tempo no boxe profissional, media 1m e 85cm e pesava 81 kg. Apesar disso, Dempsey e seus empresários “estavam tão confiantes da vitória que apostaram oito mil dólares, da bolsa que receberam” (QUEIROZ, 1989, p. 45). Para a historiadora Kasia Boddy a peleja foi “um extraordinário excesso de violência [...] e uma das mais selvagens da história do boxe” (BODDY, 2008, p. 209).<sup>558</sup> Segundo Juvenal Queiroz, Jess Willard “foi duramente castigado [...] sendo que até o minuto final do primeiro assalto foi derrubado sete vezes” (QUEIROZ, 1989, p. 46).

---

<sup>555</sup> Tradução nossa. Original: “Jess Willard was not the Great White Hope that so many had longed for. Willard was large, slow and uncharismatic, and the public did not warm to their new White champion”.

<sup>556</sup> Tradução nossa. Original: “By 1918 Damon Runyon, a syndicated columnist for the Hearst newspapers, was urging Willard to meet the new challenger”.

<sup>557</sup> Tradução nossa. Original: “and many thought the fight likely to be a poor affair.”

<sup>558</sup> Tradução nossa. Original: “Nevertheless, Dempsey defeated Willard in three rounds, with what boxing historians agree was an extraordinary excess of violence [...] one of the most savage in boxing history”

No entanto, a luta duraria apenas mais um *round*. No banco do *corner*, rodeado por seus segundos, Willard estava sem “dois dentes da frente, sangrava muito pelo nariz e pela boca, seu olho estava quase fechado e sua testa muito inchada” (QUEIROZ, 1989, p. 46). Antes de iniciar o terceiro assalto, os segundos avisaram o árbitro que o gigante Jess Willard não tinha condições de voltar ao centro do ringue. Assim, Jack Dempsey venceu por nocaute técnico no terceiro *round*. Segundo Ernani Nogueira, “foi a mais rápida vitória de um desafiante sobre o detentor do título” (NOGUEIRA, 1954, p. 45). Somente dez minutos após o fim do combate, Jess Willard conseguiu ter forças para levantar-se.<sup>559</sup> O modo de Jack Dempsey lutar e vencer seus oponentes, fez com que Joyce Oates afirmasse que seu estilo de ringue “rápido, impiedoso, sempre direto e percussivo, mudou o boxe americano para sempre” (OATES, 1987, p. 84).

Jack Dempsey sustentou o título campeão mundial dos pesados por longos sete anos (1919-1926). Durante este tempo seus empresários proibiram que Dempsey se batesse com um lutador negro (REMNICK, 1998, p. 192). Segundo Kasia Boddy, “eles sabiam que na era pós-Johnson (e mais ainda nos anos vinte dominados pelo *Klan*) não haveria nenhum dinheiro a ser ganho nos confrontos de Dempsey contra oponentes negros” (BODDY, 2008, p. 209).<sup>560</sup> Para José Flores Júnior, Dempsey “levou consigo uma marca bastante constrangedora: a de nunca ter enfrentado o adversário mais difícil que teria em toda a sua carreira” (FLORES JÚNIOR, 2001, p. 38). Era Harry Wills, *The Black Panther* (A Pantera Negra) considerado um dos melhores pesos pesado da época. Fica evidente, com este exemplo, que a segregação racial no boxe permaneceu, sendo quebrada de vez em 1937, com a vitória de Joe Louis sobre James Braddock.

O boxe profissional podia dar muito dinheiro, mas somente em condições favoráveis. Os *managers* de Dempsey sabiam bem disso. E foi por isso que investiram na construção da imagem do *The Manassa Mauler*, principalmente depois do título de campeão dos pesados. Os norte-americanos gostavam de boxe, mas há tempos não viam um John Sullivan ou um James Corbett. Dempsey havia nascido no Oeste, e os

---

<sup>559</sup> Segundo David Remnick, “um dos grandes mitos do boxe, jamais provado, é que os segundos de Jack Dempsey puseram gesso nas ataduras, enrolaram os punhos do lutador e lhe disseram para cerrá-los. Depois, mergulharam as mãos na água, esperaram até secar e puseram as luvas. Graças ao estratagemas, Dempsey fraturou metade dos ossos da face de Jess Willard” (REMNICK, 1998, p. 168).

<sup>560</sup> Tradução nossa. Original: “They knew that in the post-Johnson era (and even more so in the Klan-dominated twenties), there would be no money to be made in matching Dempsey against black opponents such as Harry Wills who might actually beat him”.

empresários utilizaram “o espírito da velha fronteira”, para ressaltar o lugar que talhou seu físico e personalidade, bem como suas primeiras lutas, onde “não existiam *rounds*, intervalo de repouso, luvas, árbitros ou assistentes, não havia empates, não havia decisões em lutas duras e brutais” (BODDY, 2008, p. 210).<sup>561</sup> Ou seja, Dempsey era o “branquelo robusto” que representava o início, o surgimento da nação americana no contexto da conquista do Oeste.

É importante destacar que a vitória de Dempsey sobre Willard e seu próprio percurso como campeão mundial, se deu no contexto da legalização do boxe nos Estados Unidos. E a legalização permitiu tratar o pugilismo como um negócio. A construção do “enorme e intimidante” *Madison Square Garden* em Nova York, em 1925, disponibilizando mais de vinte mil assentos, foi um bom exemplo disso (BODDY, 2008, p. 211).<sup>562</sup> Parece-nos que a partir da legalização do boxe se consolidou uma nova época. Segundo Boddy, a década de 1920 foi a era de consumo em massa, com o crescimento de colunas esportivas nos jornais, a primeira revista especializada em boxe, *The Ring* (1922) e com as primeiras transmissões de luta pelo rádio. O combate entre Jack Dempsey e George Carpentier, em 1921, por exemplo, foi a primeira disputa pelo título transmitida pelo rádio (BODDY, 2008, p. 211).<sup>563</sup>

Durante seu reinado como campeão mundial dos pesos pesados, Dempsey colocou o título em jogo poucas vezes. Conforme Kasia Boddy, “boxe em si desempenhou um papel relativamente pequeno na história: em sete anos, Dempsey só defendeu o título seis vezes” (BODDY, 2008, p. 212).<sup>564</sup> O livro de Taciano de Oliveira e Dirceu Miranda Rosa, escrito na época em que Dempsey era detentor do título, também aponta para isso. Para estes autores, “Dempsey não tem lutado muitas vezes” (OLIVEIRA & MIRANDA ROSA, 1924, p. 35). Apenas três pelejas se destacaram: Dempsey versus Carpentier, em 1921; Dempsey contra Firpo, em 1923 e a luta entre

---

<sup>561</sup> Tradução nossa. Original: “Where Dempsey learned to fight, there were no rounds, rest intervals, gloves, referees, or attending seconds. There are no draws and no decisions in rough and tough fighting. You had to win. If you lost you went to the hospital or to the undertaking parlor”.

<sup>562</sup> Tradução nossa. Original: “At the heart of that business was Madison Square Garden, which in 1925 assumed its third incarnation on the corner of 49th and 50th Street on Eighth Avenue”.

<sup>563</sup> Tradução nossa. Original: “Radio broadcasts of fights began in 1920 and the first title fight to be broadcast live on the radio was the 1921”.

<sup>564</sup> Tradução nossa. Original: “Boxing itself played a relatively small part in the story; in seven years, Dempsey only defended his title six times”.

Dempsey e Tunney em 1926. Como um pugilista reconhecido como símbolo norte-americano pode lutar tão pouco?

Segundo Flores Júnior, “Dempsey se movimentava com desenvoltura fora dos ringues” (FLORES JÚNIOR, 2001, p. 39). Foi o primeiro campeão mundial recebido pelo presidente dos Estados Unidos na Casa Branca. Participou de filmes em Hollywood e casou com a atriz Estelle Taylor. E de acordo com Boddy, a imprensa teve um papel fundamental, tratando de Dempsey cotidianamente nos jornais, fazendo com que “você conhecesse Dempsey melhor do que um membro de sua própria família” (BODDY, 2008, p. 212).<sup>565</sup> Jack Dempsey era o pugilista do futuro, que representava os Estados Unidos como um país moderno, tanto nas comunicações e tecnologia de ponta, com um exemplo de estilo de vida a ser copiado pelas outras nações.

O primeiro grande desafio de Jack Dempsey foi contra o francês George Carpentier. Nos jornais *A Federação* e o *Correio do Povo*, por exemplo, ambos acompanharam os preparativos para a peleja com matérias especiais dando destaque àquela que seria a próxima “Luta do Século”. Segundo Tenório D’Albuquerque, o embate ocorreu em “02 de julho de 1921, em Jersey City, Nova Jersey, num estádio especialmente construído. Foi o primeiro combate a render mais de um milhão de dólares” (D’ALBUQUERQUE, 1939, p. 70). Mais de oitenta mil pessoas assistiram pessoalmente a luta. Outros milhares ouviram pelo rádio, ou leram nos jornais no dia seguinte (BODDY, 2008, p. 214).<sup>566</sup> Comparando com a luta entre Johnson e Jeffries (22 mil espectadores e 225 mil dólares de receita) percebemos que a legalização do boxe e a cultura de consumo em massa foram dois fatores que alavancaram o boxe profissional.

O boxe já tinha sido um bom negócio lá nos séculos XVIII e XIX na Inglaterra, com as *prize-fighting* que geravam apostas e patrocínio de nobres e aristocratas. Contudo, o que estava acontecendo nos Estados Unidos, principalmente na década de 1920, era lucrar com o esporte de uma maneira jamais vista. A luta entre Dempsey e Carpentier foi combinada pelos empresários principalmente pelo “forte contraste entre

---

<sup>565</sup> Tradução nossa. Original: “The press, and in particular the Hearst newspapers, saw to it that ‘you knew Dempsey better than a member of your own family’”.

<sup>566</sup> Tradução nossa. Original: “The 4 July Jersey City fight attracted 80,000 spectators and is remembered as the first million-dollar gate”.

os dois protagonistas, arranjados com muito cuidado [...] se conseguiu criar um frenesi jornalístico” (BODDY, 2008, p. 214).<sup>567</sup> Jack Dempsey era agressivo, rápido, impetuoso e preferia vencer rapidamente por nocaute. Já George Carpentier, o campeão meio-pesado europeu, fazia mais o estilo científico, era técnico, prudente e usava muito o jogo de pernas (D’ALBUQUERQUE, 1939, p. 70). Lembramos que empresários anteriores ganharam muito dinheiro apostando nos “contrastos”. A força contra ciência já tinha sido observado na luta entre Sullivan e Corbett. E a questão racial foi grande cerne da disputa entre o branco Jeffries e o negro Johnson.

A luta entre Jack Dempsey e George Carpentier foi quase tão rápida quanto à de Jess Willard. No quarto assalto, Dempsey “acertou uma direita no tórax de Carpentier seguida de outra pancada no queixo, enviando-o para a lona” (QUEIROZ, 1989, p. 46). George Carpentier chegou a se levantar, porém, o *The Manassa Mauler* respondeu com outra esquerda no corpo e uma direita no queixo. Conforme Juvenal Queiroz, “Carpentier estatelou-se no chão, não ouviu a contagem do juiz e só foi acordar com o auxílio das massagens dos seus ajudantes” (QUEIROZ, 1989, p. 46). A vitória de Dempsey e seu nocaute bravio foi o triunfo dos Estados Unidos e do estilo de vida americano sobre a Europa, ainda destruída pela Primeira Guerra Mundial. Segundo Boddy, “a imprensa descreveu a luta como uma vitória para o espírito da fronteira (e os velhos dias sem luvas) contra decadente modernidade europeia” (BODDY, 2008, p. 210).<sup>568</sup>

O segundo grande confronto de Dempsey foi contra o argentino Luís Angel Firpo, *El Toro de los Pampas*, em 14 de setembro de 1923 em Nova York (QUEIROZ, 1989, p. 47). Firpo media 1m e 90, pesava 100 kg e tinha um soco potente e extraordinário (NOGUEIRA, 1954, p. 48). O Touro Selvagem foi o primeiro latino-americano a disputar o título de campeão mundial de boxe dos pesados (OLIVEIRA & MIRANDA ROSA, 1924, p. 35). A luta tornou-se simbólica por um fato curioso: no primeiro assalto, Firpo beijou a lona sete vezes. Mas entre várias de suas caídas, *El Toro de los Pampas* “acertou uma poderosa direita no queixo de Dempsey, fazendo-o cair por

---

<sup>567</sup> Tradução nossa. Original: “The stark contrast between the two protagonists, arranged with great care once again by Rickard, succeeded in creating a journalistic frenzy.”

<sup>568</sup> Tradução nossa. Original: “Dempsey knocked out the European light heavyweight champion, Georges Carpentier, the press described the victory as one for the frontier spirit (and old bare-knuckle days) against decadent European modernity”

entre as cordas sobre os jornalistas ao lado do ringue” (QUEIROZ, 1989, p. 48). Dempsey voltou ao tablado rapidamente, mas a cena ficou na memória de muita gente. Um ano depois, o artista George Wesley Bellows (1882-1925) pintou o quadro “Dempsey e Firpo”, que retrata o momento que o campeão mundial foi atirado para fora do tablado. Mais recentemente o escritor Martin Kohan (2005) publicou *Segundos Fora*, um livro que descreve o olhar de um fotógrafo sobre o tombo histórico de Dempsey.

Apesar de tudo, Jack Dempsey venceu Luís Firpo no assalto seguinte, com “um perfeito direto de direita que atingiu a ponta do queixo do rival, encerrando esta luta dramática com um perfeito nocaute” (QUEIROZ, 1989, p. 48). A vitória de Dempsey sobre Firpo foi semelhante às pelejas contra Willard e Carpentier. Venceu por nocaute nos primeiros assaltos, tendo derrubado os adversários várias vezes. A luta contra Luís Firpo também foi simbólica, por se tratar de uma disputa entre América do Norte contra a América do Sul. Países como Chile, Argentina, Uruguai e Brasil iniciaram suas fases pugilísticas quase na mesma época, ou seja, nas primeiras duas décadas do século XX. Em todos estes países a influência norte-americana foi muito importante para a consolidação da prática do boxe. Segundo Juvenal Queiroz, “a luta foi assistida por oitenta e duas mil pessoas, que pagaram 1 milhão, 118 mil e 603 dólares pelo espetáculo” (QUEIROZ, 1989, p. 48).

Após vencer Jess Willard, Georges Carpentier e Luís Firpo, Dempsey passou um bom tempo sem colocar seu título em disputa. Segundo Kasia Boddy, “Depois de 1923, Dempsey não lutou por três anos [...] ele foi para Hollywood, viajou na Europa e manteve uma grande visibilidade pelas colunas de fofocas e pelos endossos de produtos” (BODDY, 2008, p. 215).<sup>569</sup> Este é um indicativo de que os pugilistas podiam ganhar mais dinheiro fora dos ringues, apenas publicizando e vendendo sua imagem, tanto em películas cinematográficas, como em entrevistas para jornais e revistas. Somente em 1926, “quando chegou a hora de ganhar mais dinheiro”, seu empresário

---

<sup>569</sup> Tradução nossa. Original: “Instead he went to Hollywood, travelled in Europe, and retained a high profile through the gossip columns and product endorsements”.

Tex Rickard marcou um novo confronto (BODDY, 2008, p. 215).<sup>570</sup> Como nos embates anteriores, os *managers* apostaram nas excentricidades e contrastes.

O oponente de Dempsey, o nova-iorquino Gene Tunney (1897-1978) foi retratado pela imprensa como “um ex-marinheiro, aspirante a ser o intelectual da *Greenwich Village*, o patriotismo personificado com uma vida honesta”. Tunney era visto também como “um lutador defensivo, que gradualmente desgastava seus oponentes [...] e era um estudante da ciência do ringue” (BODDY, 2008, p. 215).<sup>571</sup> Já Jack Dempsey foi representado como o ex- minerador do Colorado, “bruto, batedor agressivo, famoso por seus golpes de nocaute [...] instintivo, um nativo, assassino nato” (BODDY, 2008, p. 215).<sup>572</sup> Mas não foi só isso. Os empresários organizaram a peleja “explorando as ansiedades particulares contemporâneas” dos norte-americanos. Isto é, Tunney “representava o ideal de classe média de masculinidade auto-aperfeiçoada e autocontrolada”, e Dempsey era “o viril persistente e o indomável independente” (BODDY, 2008, p. 215).<sup>573</sup> O resultado foi um público de 120 mil e 757 espectadores e uma renda de quase dois milhões de dólares (QUEIROZ, 1989, p. 49). É isso que chamamos de boxe espetáculo.

Após três anos viajando e vivendo como celebridade, Jack Dempsey estava despreparado, não tendo a mesma velocidade e resistência. Gene Tunney não teve dificuldade de derrotá-lo, cansando seu oponente até vencer por pontos no décimo *round*. Um fato curioso foi que desde 1923, quando Dempsey venceu Firpo, algumas regras haviam mudado. Entre elas, uma em especial: quando um lutador fosse derrubado, seu adversário deveria se dirigir para seu canto e esperar a contagem dos dez segundos. Dempsey tinha um estilo agressivo e intempestivo e mal seu adversário levantava ele se aproximava e o abatia novamente. Isso se tornou proibido e alguns

---

<sup>570</sup> Tradução nossa. Original: “By 1926, however, it was time to make some more money, and Rickard’s next ‘big fight’ matched Dempsey against Gene Tunney as part of Philadelphia’s sesquicentennial celebration”.

<sup>571</sup> Tradução nossa. Original: “Dempsey was na aggressive slugger, famous for his knockout blows; Tunney, a defensive counterpuncher, Tunney a ‘synthetic’ boxer, a student of ‘ring science’. who gradually wore his opponents down”.

<sup>572</sup> Tradução nossa. Original: “Dempsey was once again portrayed as the Western ‘brute’ and ‘a slacker’”

<sup>573</sup> Tradução nossa. Original: “While Tunney represented the middle-class ideal of self-improving and self-controlling masculinity (like Scott Fitzgerald’s ‘advertisement of the man’), Dempsey appealed to a persistent fantasy of untameable virility and independence”.



estudiosos afirmam que quando houve a revanche, em 1927, o estilo de luta de Dempsey não mais o favorecia (BODDY, 2008, p. 216)<sup>574</sup>.

Jack Dempsey havia perdido o título, mas continuava sendo uma celebridade. O nocaute anestésico de Dempsey seria difícil de esquecer. Gene Tunney não era um lutador popular, lutava na defensiva e foi “representado pela imprensa como um esnobe que desprezava os fãs de boxe” (BODDY, 2008, p. 216).<sup>575</sup> Foi amigo de escritores como Bernard Shaw e Thornton Wilder e dizia-se que sua vitória sobre Dempsey tinha a exclusiva finalidade de ampliar sua biblioteca. Ministrou palestras sobre Shakespeare em *Yale University* e casou-se com uma *socialite* de Connecticut. Tunney sustentou o título por menos de dois anos e depois se aposentou. Se a carreira de Tunney não teve muito impacto por sua impopularidade, não se pode dizer o mesmo de Dempsey. *The Manassa Mauler*, durante os sete anos que defendeu o título, representou a consolidação de um processo iniciado em fins do XIX e começo do XX. Foi neste período que os Estados Unidos substituíram a Inglaterra como centro do boxe internacional (BODDY, 2008, p. 232).

O boxe foi um esporte que ajudou a divulgar o estilo de vida americano. Para Ernani Nogueira, “os Estados Unidos para um boxeador significa “*Jack Dempsey’s Land*”, a terra de Jack Dempsey. [...] Quando um fighter estrangeiro desembarca na pátria do Tio Sam, é recebido por Jack Dempsey em seu restaurante” (NOGUEIRA, 1954, p. 37). Jack Dempsey abriu um restaurante com o seu nome, em 1935, na *Broadway Street*, em Manhattan, Nova York, na frente do *Madson Square Garden*. A imagem de Dempsey, construída cuidadosamente por seus empresários, aproximou as pessoas do boxe depois da Era Jack Johnson. Teve papel fundamental na circulação da cultura de consumo em massa. Representou bem o ideal americano do *self-made-men*, o homem que supera todas as adversidades e alcança o sucesso. Dempsey também incentivou o cultivo da prática pugilística em várias partes do mundo. Max Schmeling,

---

<sup>574</sup> Tradução nossa. Original: “The referee refused to begin the count until Dempsey retired to the farthest neutral corner, and by the time he reached nine, Tunney had recovered. ‘ Enough running. Come on and fight, ’ the frustrated Dempsey shouted, but Tunney managed to hold him off and win again, by a clear decision. ”

<sup>575</sup> Tradução nossa. Original: “Tunney was not a popular champion, partly because his defensive style was rather dull and partly because he was represented by the press as a snob who despised the average boxing fan”.

por exemplo, tornou-se boxeador inspirado por Dempsey (BODDY, 2008, p. 228).<sup>576</sup> Na segunda década do século XX, havia uma academia de boxe em Porto Alegre chamada de “Jack Dempsey”. Iremos explorar a repercussão do percurso pugilístico de Dempsey em Porto Alegre/RS no último capítulo.

---

<sup>576</sup> Tradução nossa. Original: “Max Schmeling had taken up boxing after seeing the film of Dempsey’s fight against Carpentier (‘I saw it practically every evening for a week’, he recalled).”.

**PARTE II**

**A DIFUSÃO E RECEPÇÃO DO PUGILISMO NA AMÉRICA LATINA:  
CUBA, CHILE, ARGENTINA, URUGUAI E BRASIL (SÉCULOS XIX & XX)**

## CAPÍTULO III - A DIFUSÃO DO PUGILISMO E SUA RECEPÇÃO NA

### AMÉRICA LATINA:

#### CUBA, CHILE, ARGENTINA URUGUAI E BRASIL (SÉCULOS XIX E XX)

En los diarios salía que yo de pibe los peleaba a los carreros en la Quema. Puras macanas, che, nunca me agarré a trompadas en la calle. Una o dos veces, y no por mi culpa, te juro. Me podés creer. Esas que pasan, estàs con la barra, caen otros y en una de esas se arma. No me gustaba, pero cuando me meti la primera vez me di cuenta que era lindo. Claro, cómo no va a ser lindo si el que cobraba era el otro. De pibe yo peleaba de zurda, no sabés lo que me gustaba fajar de zurda. Mi vieja se descompuso la primera vez que me vio pelearme con uno que tenia corno treinta anos. Se creia que me iba a matar, pobre vieja. **Julio Cortázar na crônica *Torito*, publicado em seu livro *Final Del Juego*, em 1956.**<sup>577</sup>

Que eu e Oswald éramos tipos fora de série prova o ardor que devotávamos ao esporte. Tudo que fosse moderno e renovador nos atraíam. [...] Oswald entregava-se à ginástica sueca. [...] Quando a mim preferia o boxe. Míope que já era, boxeando sem óculos, tinha por adversário o Mota Filho que, pequenino e ágil, esquivava-se dos golpes das minhas luvas que, não raro, em lugar de atingir o parceiro, machucavam o escorço de alguma árvore, que cintava [cercava] a improvisada arena. Seja como for, por duas vezes estes treinos me foram úteis. Uma delas para acabar com uma sessão da Câmara Estadual ao ter que nocautear um atrevido jornalista em pleno recinto, com grande estridor da campanha do Presidente Aguiar Wilhaker e a intervenção providencial dos colegas horrorizados com esse sacrilégio democrático. **Paulo Menotti Del Picchia na crônica *Escritores Revolucionários e Esportistas*, publicado em seu livro de memórias, *A Longa Viagem - 2ª Etapa*, em 1972.**

Nos excertos acima destacamos dois fragmentos de textos de Julio Cortázar e de Paulo Menotti Del Picchia. O primeiro escritor, de nacionalidade argentina, é mais

---

<sup>577</sup> Tradução nossa. Original: “Nos jornais se dizia que eu quando era menino, brigava nas ruas em Quema [próximo ao ginásio do Clube Atlético Huracán, em Buenos Aires]. Puras mentiras, tchê, nunca me agarrei de porrada na rua. Uma ou duas vezes, e nem por culpa minha, te juro. Podes acreditar em mim. Coisas que passam e tu estàs no balcão do bar, cai em outros, e em uma dessas, se arma. Não gostava, mas me meti a primeira vez, claro, e me dei conta que era lindo. Claro como não vai ser lindo se o que apanhava era o outro. De guri eu lutava de esquerda, não sabes do que eu gostava de nocautear de esquerda. Minha mãe se desmoronou a primeira vez que me viu lutar com um que tinha cerca de trinta anos. Pensava que ia me matar, pobre mãe”.

popular; já o segundo, menos conhecido, representa a literatura modernista brasileira. O que estes autores têm em comum? Ambos escreveram textos a respeito do boxe, tanto por afinidade como por afeto ao tema. Como já temos mostrado ao longo desta tese, muitos escritores abordaram o boxe em seus trabalhos. Isso se deu principalmente pela popularidade do pugilismo nos séculos XVIII e XIX, mas principalmente no século XX, quando o mesmo foi incorporado a cultura dos trabalhadores como espetáculo de massas. Dessa forma, tendo como objetivo caracterizar o percurso do boxe na América Latina (Cuba, Chile, Argentina e Uruguai) e no Brasil (inicialmente, em São Paulo e Rio de Janeiro) esperamos que Cortázar e Del Picchia retratem um pouco desse capítulo.

Começamos com Julio Cortázar. Em sua crônica *Torito*, o autor relata a fantástica e também melancólica trajetória de Justo Antonio Suárez (1909-1938), conhecido como *Torito de Mataderos*, um boxeador dos pesos leves que foi muito popular na Argentina, tendo morrido aos 29 anos vítima de tuberculose. Suárez foi campeão argentino e chegou a disputar o título mundial dos pesos leves em Nova York, tendo perdido o combate para o americano Billy Petrolle. Recebeu muitas homenagens, desde letras de tangos, novelas até nomes de ruas. Este foi seu primeiro texto sobre o boxe. Sua paixão pela Nobre Arte resultou em outros trabalhos como *Ultimo round* (1969), em que recorda da luta entre Dempsey e Firpo, o primeiro combate de boxe transmitido na Argentina pelo rádio; e o conto *La noche de Mantequilla* (1977), sobre o campeão mundial de pesos médios Carlos Monzón. Com este conto, Cortázar ficou mundialmente conhecido pela frase “La novela siempre gana por puntos, mientras que el cuento debe ganar por nocaut”.<sup>578</sup>

Julio Cortázar (1914-1984) nasceu na embaixada da Argentina em Ixelles, Bélgica, e com três anos retornou a Buenos Aires, cidade de origem de seus pais. Professor de formação, Cortázar estudou na tradicional “Escuela Normal de Profesores Mariano Acosta”, onde aprendeu o boxe. Aliás, no conto “Torito” escreveu uma epígrafe ao seu professor: a la memoria de Don Jacinto Cúcaro, que en clases de pedagogia del Normal, allá por el año 30, nos contaba las peleas de Suárez

---

<sup>578</sup> Tradução nossa. Original: “O romance sempre se ganha por pontos, enquanto que o conto deve vencer por nocaute”.

(CORTÁZAR, 2013, p. 129). De 1951 até o ano de sua morte viveu na França, onde escreveu a maioria de seus livros. No trecho acima citado, Cortázar conta em primeira pessoa a história do boxeador Justo Suárez. Destacamos a preocupação de Suárez em ser comparado ou igualado a um lutador de rua. Contudo, o que fica evidente é que o próprio não omitiu que em certas circunstâncias, como em um bar, a briga era algo inevitável.

Como já mostramos anteriormente, muitos pugilistas pegavam gosto pela luta ao terem que demonstrar sua força publicamente para defender sua honra. A linha que separava o lutador profissional de um brigador de rua era, de fato, muito tênue. Mesmo assim, nas palavras de Cortázar, Suárez percebeu que lutar “era lindo”. A força de seus golpes e sua rapidez logo o colocou no mundo internacional do boxe. Décimo quinto filho de uma pobre e numerosa família aprendeu desde cedo a trabalhar nos mais diversos serviços (engraxate, vendedor de revistas, açougueiro e limpador de calhas). Porém, o boxe também foi um esporte que chamava atenção das classes médias, como foi o caso do intelectual Paulo Menotti Del Picchia.

Paulo Menotti Del Picchia (1892-1988) foi um jornalista, advogado, romancista e político paulista, conhecido por ter participado ativamente da Semana de Arte Moderna, ocorrida em São Paulo em 1922.<sup>579</sup> Como citado no excerto acima, foi amigo de outros modernistas como Oswald de Andrade e Mário de Andrade. Assim como seus contemporâneos, Del Picchia também devotava sua vida aos prazeres do esporte. Nesta mesma obra, o autor recorda sua admiração ao automobilismo, a caça, o remo e a ginástica (DEL PICCHIA, 1972, p. 68). Porém, de acordo com seu livro de memórias, o boxe tornou-se seu esporte preferido, principalmente por seu sentido utilitário, tendo Picchia nocauteado um atrevido jornalista em pleno recinto da Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo (DEL PICCHIA, 1972, p. 70). Não se sabe ao certo quando Del Picchia envolveu-se neste “sacrilégio democrático”, mas pensamos que tenha sido nos últimos anos da década de 1920.<sup>580</sup> Onde e quando Menotti Del Picchia aprendeu a

---

<sup>579</sup> Informações extraídas do verbete do CPDOC da Fundação Getúlio Vargas (FGV). Site: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/paulo-menotti-del-picchia> Acesso: 04.08.2017, sexta-feira, às 08:10.

<sup>580</sup> Conforme a base de dados do Acervo Histórico da Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo, o deputado estadual Arthur de Aguiar Whitaker, esteve representando o PRP em quatro mandatos seguidos: 10ª Legislatura - 1916/1918; 11ª Legislatura - 1919/1921; 12ª Legislatura - 1922/1924; 13ª

Nobre Arte? Qual era seu envolvimento com o pugilismo? Que estilo de luta foi apropriado por Del Picchia?

Podemos sugerir algumas respostas para essas primeiras indagações. Menotti Del Picchia era ítalo-brasileiro e possivelmente aprendeu o pugilismo no Clube Espéria (conhecido também como *Società dei Canottieri*), fundado por italianos às margens do Rio Tietê, no ano de 1899 (NICOLINI, 2001, p. 173). Este clube que priorizava a prática do remo acabou por criar um departamento de boxe entre os anos de 1914 e 1915. Segundo Henrique Nicolini, o projeto não vingou e somente em 1921, “após a grande divulgação da luta entre Jack Dempsey e George Carpentier ocorreu a reintrodução da Nobre Arte nos domínios do clube” (NICOLINI, 2001, p. 173). Assim, é provável que as experiências de Del Picchia com o boxe se deram partir de sua associação a um clube esportivo. O que iremos discutir ao longo deste capítulo é que os clubes não tiveram, necessariamente, uma grande participação na introdução do boxe no Brasil nos primeiros anos do século XX. Afinal, o departamento de pugilismo no Clube Esperia a princípio não prosperou.

Observando mais cuidadosamente alguns documentos da imprensa (*Correio Paulistano*, por exemplo) inferimos que as experiências dos paulistas com o boxe não foram inicialmente muito positivas. Como se verá na última seção deste capítulo, cidades como São Paulo e Rio de Janeiro receberam e reelaboraram o pugilismo de formas diferentes. Em São Paulo, ocorreram perseguições sistemáticas da polícia à prática do boxe; no Rio de Janeiro, porém, houve maior apoio e investimento do empresariado artístico, que contratava boxeadores estrangeiros para participarem de seus espetáculos. O público lotava os cines-teatro, mostrando que havia interesse em “consumir” este tipo de entretenimento, tão bruto, mas ao mesmo tempo tão fascinante. O que se mostrou frequente para ambas as cidades mencionadas foi uma constante crítica por parte da imprensa, que mantinha posturas ora de aprovação, ora de reprovação a respeito da prática do boxe.

Mas voltemos as nossas epígrafes. Os leitores devem ter percebido que escolhemos para o início de cada capítulo, citações de obras de romancistas. Estes tanto escreveram sobre o boxe em suas obras como praticaram o pugilismo ao longo de suas vidas. Arthur Conan Doyle e Jack London, por exemplo, eram fãs do jogo do soco e representaram em seus livros fases distintas do pugilismo: as *prize-fighting* na Inglaterra da Era Georgiana, no caso de Doyle; e o boxe espetacularizado e de consumo em massa dos Estados Unidos, no caso de London. Julio Cortázar e Menotti Del Picchia simbolizam outro período histórico: o desdobramento da difusão do boxe inglês e norte-americano em terras latino-americanas. Nestes países, o pugilismo chamava atenção tanto das classes médias como das classes trabalhadoras. Destes últimos, por se aproximar de seu imaginário popular, repleto de rixas, conflitos do cotidiano e necessidade constante de se fazer respeitado. Assim, o boxe foi reinterpretado ora como esporte amador, científico, atlético e viril, ora como prática profissional, violenta e de espetáculo das massas.

Nosso objetivo neste capítulo será analisar a difusão e a recepção do pugilismo inglês e norte-americano na América Latina (Cuba, Chile, Argentina, Uruguai) e no Brasil (Rio de Janeiro e São Paulo), bem como compreender a constituição do boxe nestes países e a forma como sua prática foi reelaborada, partindo do argumento que a modernização na América Latina foi diferente da europeia. A escolha por alguns países latino-americanos se deu principalmente pela possibilidade de comparação. Isso porque o pugilismo se expressou de forma itinerante, sendo habitual que lutadores estrangeiros passassem temporadas em cidades específicas, vivendo de suas exibições e desafios. Neste capítulo abordaremos especificamente as cidades de São Paulo e Rio de Janeiro, pois as mesmas tiveram participação importante no surgimento e desenvolvimento do boxe no Brasil, antes mesmo de Porto Alegre/RS.

No capítulo anterior mostramos que entre os anos 1910 e 1915 o boxe profissional norte-americano passou por uma forte recessão. Com as constantes vitórias de Jack Johnson sobre pugilistas brancos, o promotor de eventos Ted Rickard mudou-se para a América Latina onde dedicou-se a organizar combates de boxe. Foi exatamente neste período que o pugilismo latino-americano ganhou força. Por isso, cremos que há relação direta entre a passagem de vários pugilistas estrangeiros por Cuba, Chile, Argentina, Uruguai e Brasil no início da década de 1910, com a conjuntura de recessão



nos Estados Unidos. Portanto, iremos compreender o processo de difusão e recepção do boxe moderno na América Latina neste contexto. A segunda parte desta tese tem como objetivo principal analisar esse processo de deslocamento.

Este capítulo está dividido em três partes. No primeiro, pretendemos fazer uma breve análise da história do esporte na Inglaterra e no Brasil, já que a chegada do boxe em nosso país ocorreu no contexto dos demais esportes. Na segunda seção, abordaremos como o pugilismo se constituiu em alguns países da América Latina, buscando estabelecer comparações entre os mesmos. Por fim, daremos atenção a historiografia sobre o pugilismo no Brasil e análise dos casos de São Paulo e Rio de Janeiro, para podermos no próximo capítulo comparar e relacionar com as experiências pugilísticas em Porto Alegre/RS. Esperamos que este longo percurso na busca da compreensão da formação do pugilismo dê subsídios para pensarmos como o mesmo foi experimentado em terras brasileiras e, especificamente, na capital do Rio Grande do Sul.

### **3.1 – Do processo de esportivização inglês a difusão das práticas esportivas no Brasil.**

Hípico, Remo, Natação, Futebol, Ginástica, Tênis, Ciclismo. Foi entre as mais variadas práticas esportivas que localizamos vestígios do surgimento do boxe em Porto Alegre/RS. Isso nos fez pensar que para entender o fenômeno pugilístico precisamos estar atentos ao processo de esportivização de práticas que foram experimentadas no período temporal equivalente. Afinal, por mais diferentes que fossem entre si, o contexto histórico foi o mesmo: a urbanização e crescimento das cidades, o avanço das tecnologias e dos meios de comunicações, o aparecimento das indústrias e a formação da classe operária, todos estes, desdobramentos do desenvolvimento de um capitalismo que, mesmo incipiente e periférico, trouxe transformações importantes para a cidade.

Nos primeiros dois capítulos, examinamos o boxe no universo das lutas tradicionais e reguladas. Percebemos que o boxe incorporou vários elementos da cultura popular, como ajustes de contas e resoluções de conflitos, bem como das práticas de lazer da aristocracia (*sparring-match*). Entretanto, conjuntamente é necessário refletir sobre o boxe no âmbito da modernidade e do processo de esportivização europeu.

Localizamos a chegada do boxe no Brasil por meio das notas esportivas e dos programas artísticos presentes na imprensa. Isso significa, obviamente, que o boxe difundido em nosso país se deu juntamente com outras práticas esportivas. Qual a influência do boxe e suas diferentes reelaborações comparadas aos outros esportes praticados no Brasil?

Além disso, o pugilismo nem sempre se limitava ao esporte, mas estava presente também em espetáculos teatrais, circenses ou no cinema. Isso ocorreu porque o boxe era uma novidade e porque não havia no início do século entidades que regulassem e organizassem os combates. Por isso, sua prática foi confundida ora como expressão artística e corporal, ora como prática esportiva ou entretenimento. Nessa seção temos como objetivo compreender o surgimento das práticas esportivas na Europa e seus desdobramentos no Brasil. Escolhemos as cidades do Rio de Janeiro e São Paulo para perceber como os esportes foram difundidos e apropriados, comparativamente. Esta primeira seção também prepara o cenário para analisar o lugar do pugilismo no contexto esportivo brasileiro, pois encontramos sinais do boxe em cada uma das cidades escolhidas.<sup>581</sup>

\*\*\*

Dois autores contribuíram para a constituição do estudo do esporte na Europa: Pierre Bourdieu (1983) e Norbert Elias (1992). Seus modelos de análise podem ser muito úteis para pensarmos tanto o surgimento e o desenvolvimento da prática esportiva, como sua difusão e reesignificação para o continente americano. Como mencionamos no início deste trabalho, a Inglaterra passou por transformações políticas, econômicas e sociais que lhe permitiram protagonizar a transição de passatempos populares a esportes modernos (ELIAS & DUNNING, 1992, p. 42). Concordamos com Victor de Melo quando afirma que “a história do esporte não está desarticulada dos

---

<sup>581</sup> A título de exercício, apresentaremos alguns documentos da imprensa que nos oportunizam visualizar, mesmo de forma sumária, as experiências do boxe nas cidades do Rio de Janeiro, São Paulo e Belo Horizonte. Faremos uma análise qualitativa dos seguintes jornais: para o Rio de Janeiro *O Imparcial* (5 exemplares, entre 1913 e 1918), *A Época* (33 exemplares, entre 1912 e 1913) e *Correio da Manhã* (31 exemplares, entre 1910 e 1913); para São Paulo, *Correio Paulistano* (70 exemplares, entre 1910 e 1917). Para Belo Horizonte, seguiremos as pistas da Tese de Doutorado de Marilita que utilizou o jornal *A Tarde* (1913), *A Capital* (1913) e *A Gazeta* (1915). A dissertação de Riqueldi Straub Lise (2014) foi essencial para selecionarmos os jornais do Rio de Janeiro que se posicionavam a favor ou contra o pugilismo. Os jornais de São Paulo e Rio de Janeiro foram pesquisados por meio da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro. Site: <http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>

acontecimentos estruturais das sociedades, e estes esclarecem sobre seu desenvolvimento” (MELO, 2001, p. 21).

Quais foram as condições que contribuíram para o surgimento dos primeiros esportes modernos na Inglaterra? Os ingleses passaram por uma revolução política no século XVII que completou uma fase iniciada dois séculos antes: a maior autonomia da nobreza em relação ao rei e sua participação nas decisões políticas através do parlamento. Neste processo, ocorreu o que Norbert Elias e Eric Dunning conceituam como “ciclo da violência”. Segundo estes autores, em 1641 o rei Carlos I prendeu vários membros do parlamento por diferenças políticas e religiosas. Assim, “a tentativa do rei ao recorrer à violência arrastou consigo mais violência do outro lado” (ELIAS & DUNNING, 1992, p. 49).

Como resultado desse embate, em seguida o rei foi executado pelos puritanos, religiosos pertencentes a camadas médias. Oliver Cromwell não conseguiu frear o ciclo da violência, sendo que os traidores foram perseguidos e atacados violentamente. Alguns dos puritanos imigraram para as Treze Colônias americanas. Os que permaneceram na Inglaterra foram “considerados como possíveis conspiradores de uma rebelião”, principalmente pelos membros do parlamento que pertenciam a aristocracia rural (ELIAS & DUNNING, 1992, p. 50). O aumento da sensibilidade à violência favoreceu a busca pela regulação das tensões sociais a partir de regras definidas. O que mais adiante contribuiu na caracterização do esporte moderno. Isto é, regulamentos que mantêm as práticas esportivas sob controle, evitando a violência e oportunizando uma luta justa entre as partes (ELIAS & DUNNING, 1992, p. 40 e 42).

O “ciclo de violência” ocorrido no século XVII na Inglaterra conduziu a nobreza e a aristocracia a manterem cautela com todo tipo de revolta, principalmente das classes populares. Regular seus passatempos tradicionais foi uma forma de minimizar os possíveis conflitos. Vários tipos de jogos com bolas, o pugilismo, rinhas de galo e brigas de cachorros passaram a ser perseguidos, com o argumento de que estes passatempos eram rudes, grosseiros e estimulavam a violência. Ademais, a aristocracia rural também viu neste panorama uma ocasião favorável para fortalecer sua distinção social, atentando para práticas que representassem sua classe e sua posição privilegiada na sociedade. Para Norbert Elias e Eric Dunning, a caça à raposa foi um dos primeiros

passatempos que passaram por esse processo, pois “constituía um tipo altamente regulamentado de caça, bastante associada ao código específico de maneiras” (ELIAS & DUNNING, 1992, p. 46).

Mas afinal o que diferenciava a caça à raposa da caça de qualquer outro animal? A explicação está na maneira de realizar a caçada e dos atores envolvidos. A aristocracia rural não caçava para comer. Eles não precisavam disso. Segundo os autores, “o clímax da caça, a vitória sobre a raposa, só se tornou realmente um prazer quando se assegurava um período de antecipação suficientemente longo” (ELIAS & DUNNING, 1992, p. 48). A criação de regras específicas é que permitia o “período de antecipação suficientemente longo”. Ou seja, o prazer não estava em matar o animal, mas na perseguição, na excitação da caçada. Marco Paulo Stigger também lembra que “somente *gentlemen* ingleses caçavam por esporte; caçava-se somente raposas e nunca outros animais; era necessário seguir a primeira raposa avistada; era proibido usar armas de fogo; e matar a raposa era tarefa dos cães, que representavam, por procuração, seus donos (STIGGER, 2011, p. 26).

Fica evidente que a caça à raposa passou por um “processo de esportivização” a partir do momento que foi regulada (normatização), que ocupou um tempo específico da vida das pessoas (tempo livre, lazer) e que o prazer e a excitação tornaram-se elementos centrais, isto é, sentimentos a serem alcançados por seus praticantes.<sup>582</sup> Assim, a caça à raposa, uma atividade que aparentemente deslocada em relação ao nosso objeto, acabou por possuir características muito semelhantes a outros esportes modernos. Isto é, a excitação está presente no futebol com o gol, no boxe com o nocaute, no basquetebol com a cesta e no automobilismo ao se ultrapassar a linha de chegada.

Assim, a caça à raposa representa o primeiro estágio do processo de esportivização inglês, principalmente por suas características reguladoras e a busca da excitação. Segundo Norbert Elias e Eric Dunning, “a caça a raposa integra uma mudança na natureza do prazer que era — e continua a ser — algo característico de

---

<sup>582</sup> Realizamos aqui uma discussão sobre o surgimento dos esportes modernos a partir do conceito de esportivização. Cremos que para pensar a trajetória dos esportes (em geral) este conceito é apropriado. Contudo, para analisar o percurso histórico do boxe, consideramos que tal termo é limitado, pois não leva em conta sua complexidade, suas dimensões sociais e culturais, sua trajetória específica no contexto dos ajustes de contas, da afirmação da honradez, além da ideia da espetacularização e do pugilismo de consumo em massa.

muitas outras variedades de desporto” (ELIAS & DUNNING, 1992, p. 47). Não demorou muito para que essas práticas tomassem proporções mais específicas, ultrapassando sua função de lazer da elite para formação do caráter dos jovens das classes abastadas. Esta é a contribuição do artigo de Pierre Bourdieu (1983), apontando para a continuidade do processo de esportivização e o início de sua institucionalização. Neste artigo, o autor discorre a respeito da “passagem do jogo ao desporto efetuado nas grandes escolas reservadas às elites da sociedade burguesa, *as public schools*<sup>583</sup> inglesas onde os filhos da aristocracia ou da grande burguesia” ressignificavam passatempos antigos com o fim de se exercitarem (BOURDIEU, 1983, p. 185).

Nas *public schools*, os passatempos foram apropriados como esportes amadores, concebidos “como uma grande escola de coragem, virilidade, capaz de formar o caráter e de inculcar a vontade de vencer segundo as regras, o *fair play*” (BOURDIEU, 1983, p. 187). Em meados do século XIX, segundo Pierre Bourdieu, inicia a difusão da teoria amadorista, que remete ao *ethos* aristocrático, uma “a prática desinteressada e gratuita”, em oposição às apostas e ao o profissionalismo “vulgar” das classes populares. Praticar esportes numa perspectiva amadorista era uma forma de distinção (BOURDIEU, 1983, p. 1889 e 190). Para os dirigentes das *public schools* inglesas os esportes favoreciam a higiene e saúde dos alunos, além de proporcionar-lhes momentos de lazer e de liberação das tensões.

A segunda etapa de institucionalização do esporte na Inglaterra foi consequência direta das primeiras turmas de alunos que experimentaram o lazer e o esporte nas *public schools*. Segundo Marco Paulo Stigger, os ex-alunos destas escolas (os *old boys*) fundaram os primeiros clubes e ligas esportivas com o objetivo de manter seu *ethos* distintivo e prestígio social num contexto de ampliação do operariado e da classe média, mas também para conservar vínculos sociais com aqueles que compartilhavam um estilo de vida semelhante (STIGGER, 2011, p. 34). Assim, estudar em boas escolas e praticar esportes em clubes, já no século XIX, era modelo de privilégio e distinção e por vezes desejados por outras classes. Portanto, a defesa do amadorismo – inclusive no boxe,

---

<sup>583</sup> O termo *public school* no inglês britânico não significa escola pública. Segundo Marco Paulo Stigger, “as *public schools* inglesas eram tipos peculiares de escolas em que estudavam jovens das classes altas, cujos pais pagavam pela sua educação, na maior parte das vezes, em regime de internato” (VER CITAÇÃO)

com a Associação de Boxe Amador, em 1880 – deve ser vista neste contexto, de delimitação de um estilo de vida das classes abastadas, em contraposição com a democratização dos espetáculos esportivos.

O processo de esportivização ocorrido na Inglaterra do século XVIII, abordado por Norbert Elias e Eric Dunning (1992), e a institucionalização do esporte no século XIX, a partir das *public schools* e dos primeiros clubes e associações criados pelos *old boys*, tratado por Pierre Bourdieu (1983), prepararam terreno para compreendermos a difusão e a recepção da vida esportiva no Brasil. Segundo Marco Paulo Stigger, as tensões entre amadorismo e profissionalismo na Europa são “a chave para a compreensão do processo de democratização dessa prática, inicialmente reservada a amadores, mas posteriormente democratizada e transformada em espetáculo” (STIGGER, 2011, p. 36).

Os esportes chegaram ao Brasil na segunda metade do século XIX e início do século XX. Segundo Victor de Melo e Rafael Fortes, vieram “mantendo muito de seu caráter original, mas sempre dialogando com as peculiaridades locais” (MELO & FORTES, 2010, p. 12). Isto é algo que nos interessa em relação a chegada do boxe no Brasil, mais especificamente em Porto Alegre/RS. Saber como foi recepcionado e praticado na periferia, levando em conta seu histórico de popularidade, perseguição e repressão na Inglaterra e nos Estados Unidos. Algumas práticas chegaram antes do que outras. Porém, é importante compreendê-las dentro de um panorama maior. De acordo com Janice Mazo, “os primeiros anos da República caracterizaram-se pelas mudanças dos costumes da sociedade brasileira visando a adoção do modelo sociocultural inglês e francês em substituição ao estilo europeu português” (MAZO, 2003, p. 72).

Há algo que necessita ficar evidente nesse processo de difusão e chegada dos esportes europeus no Brasil. O choque cultural entre o centro e a periferia aponta para sociedades díspares, ou seja, a Europa se julgava civilizada e moderna, e o Brasil era representado como selvagem e atrasado em relação aos primeiros. Ao longo do século XIX o Brasil se aproximou economicamente da Inglaterra e isso lhe permitiu se avizinhar do sistema capitalista. Contudo, por trás desse processo aparentemente “benéfico”, as contradições de quatro séculos de desigualdade em nosso país não foram consideradas, e por resultado se encaminhou um processo de mudanças de caráter

político e econômico extremamente excludente (Abolição da Escravatura, em 1888, e Proclamação da República, em 1889), em que as classes populares foram violentadas – simbólica e fisicamente – sendo reprimidas, perseguidas e desalojadas por resistirem ao glorioso projeto da modernidade (FRANZINI, 2009, p. 111).

Ao pesquisarmos fontes da imprensa escrita nos deparamos com muitas propagandas de produtos europeus: chapéus, bengalas, relógios, automóveis, etc. Assim, os esportes são reflexos dessas mudanças, o que não nos autoriza a dizer que sua recepção tenha sido passiva. Janice Mazo afirma ainda que “o êxito industrial, econômico e colonial da Grã-Bretanha é associado à educação desportiva inglesa [...] o desporto clubístico inglês expandiu-se para o mundo” (MAZO, 2003, p. 27). Muitos estrangeiros, principalmente ingleses, contribuíram para trazer o gosto pelo esporte ao Brasil. Por isso, há uma estreita relação entre a influência do modelo econômico inglês e a difusão de sua cultura. Victor de Melo conclui que “assim com a importação dos modismos e bens culturais europeus, os esportes e as atividades físicas institucionalizadas chegaram ao Brasil” (MELO, 2001, p. 23).

Dessa forma, Victor de Melo salienta como os valores europeus contribuíram para a prática do esporte no país. O autor cita a “influência dos estudantes que retornavam da Europa e traziam para o Brasil os hábitos daqueles países”, aponta também a influência dos imigrantes franceses, artistas e arquitetos, ou ingleses, na área industrial, comercial, financeira e tecnológica. (MELO, 2001, p. 23). As grandes capitais ou àquelas que possuíam portos se favoreceram do intenso movimento de pessoas e mercadorias que chegavam e saíam do Brasil. Assim, não somente Rio de Janeiro e São Paulo, como cidades populosas e importantes política e economicamente, vivenciaram a febre do esporte, mas Salvador, Recife, Belo Horizonte, Curitiba, Porto Alegre também participaram desse contexto, evidentemente, ao seu modo.

Para exemplificar melhor este processo, iremos explorar algumas experiências esportivas de cidades onde posteriormente o boxe encontrou espaço: Rio de Janeiro e São Paulo foram os exemplos escolhidos. No entanto, estas duas cidades podem nos auxiliar a compreender as diferentes experiências de modernidade e de práticas esportivas, além de observar quais esportes se consolidaram inicialmente nestas regiões. Para o caso do Rio de Janeiro, usaremos os textos de Victor Andrade de Melo (2009 e

2010) e para São Paulo os trabalhos de Jorge dos Santos (2000) e Fábio Franzini (2009 e 2010).

O Rio de Janeiro, como outras capitais do país, vivenciou em fins do século XIX e começo do XX uma febre esportiva de ordem muito variada. Porém, para Victor de Melo existiram duas práticas que simbolizam bem essa diversidade: o turfe (corrida de cavalos) e o remo. Apesar de fatos importantes terem ocorrido no Rio de Janeiro nas primeiras duas décadas do século XIX – como a abertura do porto em 1808 e o processo de independência em 1822 - somente a partir de 1830 a então capital do Império experimentou um comércio crescente e uma melhor delimitação do espaço urbano (MELO, 2010, p. 20).

Embora existam vestígios de corridas de cavalos no início do século XIX, somente com a criação do Clube de Corridas, em 1849, pode-se afirmar que o turfe passou a se constituir um esporte, com a organização das primeiras competições e regulamentos herdados de clubes ingleses (MELO, 2010, p. 22). Como ocorreu na Inglaterra, este espaço de sociabilidade e divertimento serviu para que as famílias ricas ostentassem sua riqueza e preservassem seu *ethos* aristocrático. Não era um lugar para classes médias ou populares, sendo que seus participantes eram em sua maioria latifundiários, políticos, estadistas e grandes comerciantes. De acordo com Melo, “o turfe, as corridas de cavalo eram conduzidos pelas elites ligadas à economia agrícola e cafeeira” (MELO, 2010, p. 24).

Na segunda metade do século XIX, com a crise do sistema monárquico, a gradual abolição da escravatura, a chegada de milhares imigrantes europeus ao Brasil, o fortalecimento da indústria e o crescimento das cidades, percebe-se sinais de um novo tempo. Todas essas mudanças favoreceram novas práticas esportivas, mais adequadas com o que estava por vir. A própria classe urbana, formada por pequenos industriais, comerciantes, intelectuais e profissionais liberais, se apropriou do remo como esporte moderno e saudável (MELO, 2010, p. 25). Em 1895, o remo se consolidou no Rio de Janeiro com a fundação do Clube de Regatas do Flamengo.<sup>584</sup> Seus primeiros remadores

---

<sup>584</sup> O Clube de Regatas do Flamengo não foi o primeiro clube de remo do Rio de Janeiro. Contudo, sua fundação ocorreu num contexto em que a prática estava se consolidando na capital federal.



foram jovens de classe média, diferentemente dos praticantes do turfe de cerca de cinquenta anos antes.

Neste sentido, o esporte enquanto objeto de pesquisa se torna privilegiado para se perceber as tensões e conflitos entre discursos de “atraso” e “progresso”, bem como os próprios processos de continuidade e mudança entre a Monarquia e República (MELO, 2010, p. 31). Contudo, é preciso lembrar que ao longo da Primeira República a elite latifundiária teve importante papel na política brasileira. No início do século XX o turfe ainda era um esporte de muito prestígio e existiam diversos hipódromos no Rio de Janeiro. O que queremos salientar é que as tensões políticas, e porque não simbólicas e representativas da modernidade, se desdobraram também no campo esportivo. Porém, o que favoreceu o enfraquecimento do turfe foi a ampla crítica das classes médias em relação às apostas. Segundo Melo por este motivo “os clubes de remo passaram a desprezá-los e denunciá-los como responsáveis pela perda do caráter esportivo” (MELO, 2010, p. 32).

Com o surgimento de dezenas de clubes de remo no Rio de Janeiro, que divulgavam não apenas o esporte amador, mas os seus resultados, como o cuidado com a saúde, os exercícios físicos e a higiene, autoridades públicas como o prefeito Francisco Pereira Passos (1836-1913) perceberam o potencial do esporte, e especificamente do remo, para contribuir para um ideal de sociedade moderna e civilizada. Pereira Passos esteve em várias regatas no ano de 1903, com o estrito fim de usar o remo “para a difusão de imagens e a construção de um novo imaginário para a cidade” (MELO, 2010, p. 45). Assim, o turfe e o remo foram dois esportes que estiveram no centro de debates mais amplos, como nas tensões de projetos de cidade e de modernidade.

Se formos aplicar o modelo heurístico de Victor de Melo, veremos que os primeiros esportes foram “marcados pela presença de animais, um elo com a tradição do campo”; em seguida, nota-se que as práticas em destaque são aquelas que “o movimento humano é central, como o remo, a natação e atletismo”. No final do século XIX, surgem esportes que necessitam de “aparatos tecnológicos” como o ciclismo, o automobilismo e a aviação. Por último, aparecem os esportes coletivos como o futebol (MELO, 2009, p. 72). Como mencionamos, o turfe e o remo foram os dois esportes que se consolidaram

ao longo do século XIX. Mas havia outras práticas constituindo o campo esportivo carioca.

Da mesma forma que o remo valorizava os corpos rijos e musculosos, outras práticas como o atletismo faziam o mesmo. Segundo Melo, “o atletismo surgiu vinculado aos discursos de saúde e higiene” (MELO, 2009, p. 76). O cuidado com o corpo tornou-se comum na Europa em fins do século XVIII e começo do XIX. Como parte do pensamento científico e do discurso higienista, o corpo passa a ser “assimilado a um motor, órgãos que restituem mecanicamente a uma energia recebida [...] o chamado motor animal” (VIGARELLO & HOLT, 2009, p. 409). Este pensamento foi antagônico aos antigos hábitos coloniais, em que os corpos eram magros, enfermos e frágeis.

Concomitantemente a fase da valorização da higiene e do corpo saudável, o Rio de Janeiro vivenciou também a chegada das primeiras bicicletas e dos automóveis. E o papel do porto continuou, como desde muito cedo, essencial. De acordo com Melo, o porto do Rio foi “a principal entrada do país, local de chegada de produtos refinados do mundo civilizado” (MELO, 2010, p. 20). Assim, já na década de 1860 chegaram as primeiras bicicletas, contudo, somente na década de 1890 tornaram-se mais comuns entre a elite, considerados objeto de luxo. Em 1896, foi fundado o primeiro clube ciclístico: o *Velo Club*. A partir daí, foi possível construir o velódromo e organizar as primeiras corridas (MELO, 2009, p. 77).

A chegada dos primeiros automóveis encheu os cariocas de curiosidade. Em pouco tempo os carros se tornaram “símbolo na construção de um ideário e imaginário de modernidade [...], pois simbolizavam ciência, progresso, velocidade e mobilidade” (MELO, 2009, p. 95). Assim como as demais novidades modernas e esportivas, os automóveis foram adquiridos por membros da elite que haviam alcançado sucesso econômico. Apesar dos automóveis também serem utilizados para passeios e escoamento de mercadorias, eles foram apropriados principalmente para desafios de distâncias entre pilotos esportistas (MELO, 2009, p. 98). As primeiras corridas e campeonatos se deram em 1902, porém, em 1908 ocorreu a primeira prova de distância: o percurso entre São Paulo e Rio de Janeiro, que demorou ao todo trinta e cinco dias (MELO, 2009, p. 99).

Os automóveis, assim como as bicicletas, contribuíram para um sentimento de mudança e euforia na virada do século. Contudo, entre os jogos coletivos, o futebol foi ganhando espaço rapidamente.<sup>585</sup> Não somente no Rio de Janeiro, mas em vários estados do país. Segundo Fábio Franzini, sua introdução entre os cariocas se deu com o jovem Oscar Cox “que conhecera o futebol durante seus estudos no *Collège de La Ville*, em Lausanne, na Suíça e, ao retornar ao Brasil, em 1897, também não deixou de incluir uma bola em sua bagagem” (FRANZINI, 2009, p. 113). As primeiras partidas ocorreram entre britânicos membros de clubes como o *Paysandu Cricket Club* e o *Rio Cricket Athletic Association*. Apenas em 1901, quatro anos após a chegada de Oscar Cox com sua bola, os brasileiros passaram a valorizar o futebol. Isso ocorreu com a primeira partida interestadual entre paulistas e cariocas

Este evento fortaleceu a prática do futebol para ambos os estados, pois no mesmo ano surgiu a Liga Paulista de Futebol, e no ano seguinte o primeiro time de futebol carioca: o *Fluminense Futebol Club*. Oscar Cox foi seu primeiro presidente e assim o futebol ganhou legitimidade social como esporte da “juventude carioca bem nascida” (FRANZINI, 2009, p. 119). O futebol também foi um exemplo das contradições entre a modernidade europeia e modernidade periférica brasileira. Enquanto jovens da elite brasileira, estudantes das *public schools* inglesas ajudavam a difundir os esportes no país, rapazes operários criavam o futebol de várzea, praticados em terrenos baldios, de forma improvisada, sem semelhança “com a racionalidade esportiva e o espírito cavalheiresco” (FRANZINI, 2009, p. 121).

---

<sup>585</sup> Não buscamos aqui fazer um estudo aprofundado sobre a história do futebol no Brasil, pois afinal, nosso objeto central de análise o boxe. Contudo, para saber mais sugerimos as seguintes leituras: ANTUNES, F. M. R. **Futebol de fábrica em São Paulo**. São Paulo, 1992. Dissertação de mestrado – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo; AQUINO, R. S. L. de. **Futebol uma paixão nacional**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2002; DAMO, A. S. **Do dom à profissão: a formação de futebolistas no Brasil e na França**. São Paulo: Aderaldo & Rothschild, Anpocs, 2007; DRUMOND, M. **Nações em jogo: esporte e propaganda política em Vargas e Perón**. Rio de Janeiro: Apicuri, 2008. FIGUEIREDO, A. **História do foot—ball em São Paulo**. São Paulo: O Estado de São Paulo, 1918; FRANZINI, F. **Corações na ponta da chuteira: capítulos iniciais da história do futebol brasileiro (1919-1938)**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003; GUEDES, S. L. **O futebol brasileiro: instituição zero**. Rio de Janeiro, 1977. Dissertação de mestrado em Antropologia Social – Universidade Federal do Rio de Janeiro; MASCARENHAS, G. **A bola nas redes e o enredo do lugar: uma geografia do futebol e de seu advento no Rio Grande do Sul**. São Paulo, 2001. Tese de doutorado em Geografia Humana – Universidade de São Paulo; PEREIRA, L. A. de M. **Footballmania: uma história social do futebol no Rio de Janeiro (1902-1938)**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000; RODRIGUES FILHO, M. **O negro no futebol brasileiro**. 4 ed. Rio de Janeiro: Mauad, Faperj, 2003; TOLEDO, L. H. **Lógicas no futebol**. São Paulo: Hucitec, FAPESP, 2002; UNZELTE, C. **O livro de ouro do futebol**. São Paulo: Ediouro, 2002.

Passando para as experiências esportivas em São Paulo notam-se pelo menos duas coisas: primeiro, que havia uma constante rixa entre cariocas e paulistas; e em segundo, que a rivalidade se expressava na tentativa das cidades se superarem em relação à chegada dos primeiros esportes. As diferenças, contudo, também se davam na gestão do município e no projeto de urbanização da cidade. De acordo com Márcia Camargos, Antônio da Silva Prado não seguiu “o intervencionismo compulsório de Pereira Passos, o prefeito do bota abaixo do Rio de Janeiro, [...] mas buscava cientificamente manter sob um mínimo de controle, a formação de regiões desordenadas” (CAMARGOS, 2011, p. 23-24).

Há consenso na historiografia que na virada do século, São Paulo vivia um momento de otimismo e estabilidade econômica, graças à boa exportação do café nas últimas décadas. Mas assim como outras cidades do país, São Paulo era na realidade provinciana e sonhava em ser moderna. Famílias como os Paes de Barros e os Silva Prado tinham condições de manter uma vida luxuosa, mas na verdade eram exceções (FRANZINI, 2010, p. 52). Contudo, mesmo com boa parcela da população vivendo “com as tradições e os hábitos do mundo rural”, a elite paulistana tinha poder para efetuar algumas mudanças significativas. Estas mudanças se deram na melhoria da infraestrutura, “com água encanada, sistema de transportes, energia a gás e elétrica e [...] linhas telefônicas nas residências” (CAMARGOS, 2011, p. 27).

Este cenário de transformações obviamente não influenciou somente o espaço urbano, pelo contrário, foi retrato das ideias e expectativas de modernidade desejadas pela elite. Os esportes que chegaram ao Brasil como novidades, combinavam com o pensamento sofisticado dessa nova elite. Assim, em 1875 foi fundado o Clube de Corridas Paulistano, um lugar de sociabilidade frequentado justamente por famílias como os Paes de Barros e os Silva Prado, que por estarem próximo do poder e das decisões levavam a frente seus projetos pessoais de modernização. Alguns anos depois, em 1888, um grupo de jovens ingleses fundou o *São Paulo Athletic Club*, voltado para o críquete, corridas a pé, ciclismo e jogos atléticos (FRANZINI, 2010, p. 53).

Na década seguinte, foram fundados a beira do rio Tietê, o Clube Espéria, o Clube de Regatas de São Paulo e o Clube de Regatas Tietê. Todos nos últimos anos do século XIX, um fenômeno acompanhado também por cidades como Rio de Janeiro e Porto Alegre. A natação também ganhou espaço, justamente na época em que as

autoridades municipais proibiram os banhos de rio (FRANZINI, 2010, p. 53). É interessante perceber que as camadas populares possuíam poucos divertimentos, entre eles os banhos públicos. Contudo, a natação que era uma prática esportiva, associada a clubes e elitista foi permitida. Ou seja, até debaixo d'água ocorreram conflitos e tensões em relação ao domínio e legitimação do espaço, bem como sobre diferentes concepções de mundo.

Assim como no Rio de Janeiro, as bicicletas também fizeram sucesso em São Paulo. O ciclismo foi praticado principalmente por jovens que haviam estudado na Europa. Com a construção do Velódromo Paulistano pela família Prado em 1892, o ciclismo foi ainda mais difundido. Este local também foi utilizado para partidas de tênis e piscinas para natação (FRANZINI, 2010, p. 54). No entanto, o esporte mais popular em São Paulo foi o futebol. Apesar dos primeiros chutes em uma bola terem se dado por marinheiros ingleses na década de 1880, o jovem paulista Charles Miller teve importante papel no advento do futebol. De acordo com Fábio Franzini, após passar alguns anos estudando na Inglaterra, Miller “voltou para São Paulo munido de livro de regras do *association football*, duas bolas para sua prática, uma bomba de ar para enchê-las, um par de chuteiras e duas camisas” (FRANZINI, 2009, p. 113).

A primeira equipe de futebol surgiu de jogadores de críquete, pertencentes ao *São Paulo Athletic Club*. Não demorou muito para que outros clubes fossem motivados por Charles Miller. A Associação Atlética Mackenzie foi fundada em 1898, o *Sport Club Germânia* em 1899 e o *Club Athletico Paulistano*, em 1900. Como desdobramento desse movimento, os clubes citados fundaram a Liga Paulista de *Football* em 1901 (FRANZINI, 2010, p. 56). O que impressiona foi a rapidez com que o futebol se consolidou, principalmente se compararmos com outros esportes. Mesmo assim, experiências semelhantes foram vividas no Rio de Janeiro, com o carioca Oscar Cox, que “conheceu o futebol durante seus estudos no *Cóllege de La Ville* na Suíça, e ao retornar ao Brasil em 1897, incluiu uma bola em sua bagagem” (FRANZINI, 2009, p. 113). Curioso é o fato de que tanto Charles Miller como Oscar Cox, conheceram o futebol em escolas europeias, o que reafirma o argumento de Pierre Bourdieu de que a institucionalização do esporte se deu principalmente por meio das *public schools* (BOURDIEU, 1983, p. 185).

A chegada dos esportes em São Paulo e Rio de Janeiro ocorreram ao longo do processo de modernização e urbanização das cidades. Em outras palavras, as contradições e antagonismos dos quatro séculos de escravidão estavam presentes nas tentativas de reorganizar o espaço urbano e “civilizar” a população (FRANZINI, 2009, p. 111).

O que podemos sintetizar das experiências esportivas no Brasil, a partir dos casos de Rio de Janeiro e São Paulo? Estamos tratando de duas cidades que fizeram parte da elite política e econômica do país. Que estabeleceram, juntamente com Minas Gerais e Rio Grande do Sul, as principais lutas em torno do poder central ao longo da Primeira República. Mesmo assim, o que parece, é o processo de modernização e de recepção da vida esportiva foi periférica, incipiente, lenta e inicialmente praticada somente pelas elites, que poderiam dispor de tempo e equipamentos para tanto. O mesmo afirmamos em relação ao processo de esportivização no Brasil, pois poucos exercícios e diversões chegaram a tomar a forma do esporte moderno. Outro fator foi a imensa variedade de práticas de lazer que chegaram ao país. A lista é longa. Vamos explorar isso mais a frente, quando analisarmos as notas esportivas dos jornais de Porto Alegre. Contudo, vale dizer neste momento que a quantidade de passatempos que surgiram e em pouco desapareceram foi significativa.

No que se refere ao Rio de Janeiro, sua população de mais um milhão de almas num contexto portuário tornava-a uma cidade cosmopolita. Se por um lado estes fatores favoreciam o constante fluxo de pessoas e mercadorias, permitindo a chegada de vários imigrantes que traziam sua bagagem étnico-cultural, por outro lado a elite latifundiária era forte e poderosa no Rio de Janeiro. Sem falar do grande número de monarquistas que representavam ideias conservadoras e antiquadas para aqueles que queriam mudanças. Talvez isso tenha sido bem representado nas tensões entre o turfê e o remo. De fato, estes dois esportes, segundo Victor de Melo (2001, 2009 e 2010) foram símbolos das lutas políticas entre a classe média e a elite cafeicultora. Se no início do século XX o ciclismo e automobilismo passaram a ocupar certo espaço na sociedade, talvez seja possível dizer que estas transformações se tornavam inevitáveis, mesmo que lentamente.

No caso de São Paulo, também havia uma elite que enriqueceu pelas boas exportações de café ao longo do século XIX. Esta mesma elite que mandava seus filhos

estudarem na Europa, acabavam por experimentar as novidades do Velho Mundo. Por iniciativas pessoais, famílias como os Paes de Barros e os Silva Prado construíram espaços para a prática dos esportes, que contribuíram para seu surgimento. Os imigrantes italianos tiveram papel importante na criação de clubes e associações esportivas. Contudo, apesar do ciclismo e o remo terem valor no cenário paulista, o futebol se constituiu como o esporte mais popular. Foi no futebol que ocorreram as maiores rixas, entre paulistas e cariocas, incentivadas pela imprensa. Em pouco tempo diversos times foram criados e uma liga de futebol inaugurada. São Paulo e Rio de Janeiro foram duas capitais que receberam o esporte em tempos aproximados, contudo, as diferenças entre seus projetos de modernidade e a própria constituição das elites tornaram suas experiências diversificadas.

Ao compreendermos os elementos que constituíram a vida esportiva em São Paulo e Rio de Janeiro, podemos entender como o boxe foi percebido no meio desse cenário. Qual o lugar do boxe no contexto dos demais esportes praticados nessas duas cidades? Dezenas de notas esportivas evidenciam que muitos esportes se manifestaram de forma embrionária em nosso país. Sabemos que o pugilismo foi um destes esportes que não teve facilidade para se consolidar. Este, aliás, é um dos temas que nos interessa e que tanto apareceram nos capítulos precedentes como nas fontes primárias que iremos analisar ao longo da segunda parte dessa tese. Voltaremos na terceira seção a tratar da organização do boxe em São Paulo e Rio de Janeiro. Na seção seguinte, vamos dar destaque ao surgimento da prática pugilística em alguns países da América Latina que, como já apontamos, tiveram importante impacto para a história do boxe no Brasil.

### **3.2 – Experiências pugilísticas na América Latina - Cuba, Chile, Argentina e Uruguai (fins do século XIX e início do XX)**

A constante presença de informações sobre o boxe latino-americano nas notas esportivas dos jornais *A Federação* e *Correio do Povo*, ambos de Porto Alegre/RS, nos motivou a escrever este subcapítulo. Além disso, pensamos também na influência destes países para a formação de nosso pugilismo. Para nós, é impossível compreender a constituição do boxe brasileiro, tanto profissional como amador, deixando de lado seu

percurso continental e transnacional.<sup>586</sup> Afinal, a experiência pugilística em Porto Alegre não foi um caso isolado, pelo contrário, fez parte de movimentos mais amplos, apreendidos no contexto da expansão dos meios de transportes, comunicação e de entretenimentos.

É necessário explicar que nossa escolha por analisar os casos de Chile, Argentina e Uruguai se deu principalmente pela sua representatividade documental. Muitos lutadores que faziam turnês pelo Brasil vinham justamente destes países. Em alguns casos os próprios boxeadores – alguns se denominavam como instrutores - eram de nacionalidade chilena, argentina ou uruguaia. Contudo, era comum que norte-americanos, ingleses, franceses e belgas também escolhessem a América do Sul para fundar escolas de lutas. Neste sentido, o Chile foi o país que mais se organizou tendo a iniciativa de criar uma Confederação Sul-Americana de Boxe em 1920. O caso de Cuba é mais peculiar. Os cubanos são reconhecidos mundialmente por sua dedicação ao boxe, o que resulta seu número expressivo de medalhas nos Jogos Olímpicos: setenta e três, sendo mais da metade de ouro, ficando atrás somente dos Estados Unidos.

Outra questão se refere ao início da prática do boxe entre nossos vizinhos latinos. A bibliografia específica não nos deixa dúvidas: Cuba, Chile, Argentina e Uruguai começaram sua experiência pugilística muitos anos antes que o Brasil.<sup>587</sup> Enquanto São Paulo e Rio de Janeiro fundavam suas primeiras comissões locais no início da década de 1920, a Confederação Sul Americana de Boxe, criada neste mesmo ano, já organizava grandes disputas internacionais de pugilismo. Por serem os percussores do boxe na América Latina estes países sediaram todos os campeonatos (que eram anuais) até 1932, quando Rio de Janeiro recebeu o evento pela primeira vez. O mesmo se repetiu novamente somente em 1947, em São Paulo.

Portanto, argumentamos que para investigar o pugilismo no Brasil torna-se imprescindível compará-lo com a história do boxe latino-americano. A presença de lutadores estrangeiros no Brasil não foi mera coincidência. O início do século XX foi

---

<sup>586</sup> Neste sentido, queremos agradecer os comentários e sugestões do Prof. Dr. Luiz Carlos Ribeiro (UFPR) em nossa apresentação “Quando o boxe era caso de polícia”: o surgimento do pugilismo em Porto Alegre (1910-1930), no Simpósio “História do Esporte e das Práticas Corporais”, ocorrido no XVIII Simpósio Nacional de História em Florianópolis, Santa Catarina, em 2015.

<sup>587</sup> ANEXO 29 – Mapa da América Latina, com destaque para Cuba, Chile, Argentina e Uruguai, além das respectivas capitais.



propício para a transição de pessoas e a divulgação de ideias. Sem a presença destes primeiros lutadores o boxe nacional teria sucumbido. As exposições de cinema não conseguiram, unicamente, fazer o papel de popularizar o pugilismo. Da mesma forma que levamos em conta o percurso do boxe inglês para compreender o surgimento deste esporte nos Estados Unidos, obviamente não como uma cultura de lutas rígida e hierarquizada, mas como uma reelaboração por parte dos americanos, cremos que as trocas entre os países da América Latina contribuíram para sua constituição.

A bibliografia que fundamenta este subcapítulo, comparada a produção brasileira, se mostrou mais madura, instigante e problematizadora. Para Cuba utilizaremos os trabalhos de Jesus Dominguez (1985), Marcos Alfonso (2009) e Anju Reejhsinghani (2009). Para o Chile, os artigos de Héctor Carrasco (2012), Hernán Herrera (2013) Felipe Fernández (2015) e Alex Letelier (2015). Para a Argentina, os textos de Eduardo Archetti (2001), Enrique Martín (2006), Daniel Fridman e David Shenin (2008) e Javier Guiamet (2014). E, finalmente, para o Uruguai localizamos o livro de César Jones Mazaite (2006). Em conjunto com esta bibliografia estaremos apresentando algumas fontes primárias, com o objetivo de mostrar casos concretos destas vinculações.

\*\*\*

Antes de tratarmos especificamente do pugilismo nos países descritos acima, precisamos compreender um pouco do contexto histórico destes estados que se tornaram independentes de suas metrópoles ao longo de do século XIX. Suas experiências de emancipação foram limitadas e condicionadas, possuindo certas semelhanças entre si, parte pela administração em comum (Império Espanhol), parte pela interferência de nações poderosas como a Grã-Bretanha e os Estados Unidos. Estas últimas, aliás, estiveram em relevo nos capítulos anteriores. Acreditamos que o boxe, tanto como luta tradicional ou mesmo como esporte moderno, foi uma expressão de práticas exportadas e posteriormente reesignificada pelos latino-americanos.

Dois autores terão destaque neste momento: Olivier Dabène (2003) e Néstor Canclini (1990). A escolha por estes autores deve-se pela maneira como os mesmos abordam a formação dos estados latino-americanos, dando relevância a suas contradições, questionando como a modernização ocorrida na Europa chegou à América

Latina e de que forma a mesma foi reelaborada. cremos que Canclini e Dabène contribuem para pensarmos as condições políticas, econômicas e sociais vividas pelos latino-americanos na época que antecedeu a chegada do boxe. Além disso, queremos entender porque países como Cuba, Chile, Argentina e Uruguai praticaram o pugilismo antes do Brasil, e de que forma organizaram clubes, federações e campeonatos. Finalmente, buscamos também dar corpo a análise sobre as experiências pugilísticas na América Latina que virá a seguir. Estes são nossos objetivos antes de adentrarmos no universo do boxe brasileiro.

Nos séculos XVII e XVIII a Europa passou por profundas transformações políticas e econômicas (como a Revolução Inglesa e Revolução Francesa, além da própria Revolução Industrial). Naquele momento, a América Latina ainda vivia sob o domínio colonial, à sombra da exploração de suas metrópoles. Apenas no século XIX, com a consolidação do pensamento econômico liberal inglês, a Grã-Bretanha passou a influenciar e incentivar a independência de países que futuramente seriam “parceiros” econômicos e seus consumidores. Para Olivier Dabène, as nações latino-americanas, recentemente independentes, não possuíam ordem política estável, o que gerou certo descompasso na modernização destes países (DABÈNE, 2003, p. 7). Por exemplo, em nenhuma destas nações havia uma classe média significativa, muito menos uma taxa de alfabetização razoável, fatores fundamentais para o processo de modernização (CANCLINI, 1990, p. 66).

No entanto, isso não impediu que estes países se modernizassem e enriquecessem dentro de suas próprias lógicas de tempo e espaço. Para Dabène, “o impulso de modernização econômica da América Latina teve origem externa. O crescimento das economias europeia e estadunidense provocou uma rápida demanda de matérias prima que abundavam na América Latina” (DABÈNE, 2003, p. 17). Assim, mesmo longe de um padrão de desenvolvimento europeu, países como Chile, Argentina e Uruguai tornaram-se mais próximos do mundo industrializado, se integrando a economia mundial, exportando cereais, carne, trigo e minerais como cobre e nitrato (DABÈNE, 2003, p. 18).

Mas apesar de se integrarem a economia mundial, os países latino-americanos eram ainda dependentes economicamente da Grã-Bretanha (e mais tarde dos Estados

Unidos). Por este motivo, as mudanças estruturais que eram esperadas de países independentes não ocorreram. Boa parte das nações latinas caracterizava-se por um modelo de organização social clientelista, baseadas em relações verticais e personalizadas (DABÈNE, 2003, p. 9). A presença de caudilhos como chefes políticos aponta para uma política fragilizada e instável, como já mencionamos no início. Néstor Canclini lembra que enquanto na França havia, 90% de alfabetizados em 1890 e na Inglaterra, 97%, o Brasil possuía nesta mesma data 84% de analfabetos (CANCLINI, 1990, p. 66).

Na segunda metade do século XIX, os quadros populacionais dos países aqui estudados tiveram alterações significativas. Por exemplo, a Argentina tinha 1 milhão e 100 mil habitantes em 1850, já em 1900, 4 milhões e 693 mil almas. Este aumento foi observado também nos casos de Chile e Uruguai. O primeiro, teve sua população duplicada (de 1 milhão e 443 mil para 2 milhões e 959 mil) e o segundo, superou (em porcentagem) todos os anteriores: de 132 mil em 1850 para 915 mil em 1900 (DABÈNE, 2003, p. 26). É interessante notar que o quadro populacional evoluiu paralelamente a entrada em massa de imigrantes. Depois do Brasil, a Argentina foi o país mais populoso e também o que mais recebeu imigrantes: 2 milhões e 819 mil (DABÈNE, 2003, p. 27)

A imigração de europeus trouxe importantes mudanças à América Latina. Na Argentina, por exemplo, 64% dos trabalhadores eram estrangeiros. Estes trouxeram experiências de trabalho nas indústrias, além de suas ideologias políticas (como o socialismo e o anarquismo). Segundo Dabène, os imigrantes impulsionaram “o desenvolvimento das atividades econômicas [...] modificaram em profundidade as estruturas sociais, fazendo surgir novas classes [dando] um novo caráter aos embates políticos” (DABÈNE, 2003, p. 27). Pode-se dizer que os imigrantes ajudaram a compor o que seria chamada futuramente a classe média, composta por pequenos comerciantes, intelectuais e profissionais liberais, estes atentos às novidades da Europa e que valorizaram o lazer e a prática de esportes.

Portanto, ao longo do século XIX os países latino-americanos viveram tempos de mudanças marcantes e que afetaram suas sociedades como um todo. Porém, isso não significou que o processo civilizador tenha chegado “puro”, “intacto” neste lado do

Atlântico. Assim, questionamos: como os países aqui mencionados receberam e reelaboraram essas ideias de modernidade? E como isso afetou a prática de esportes o “consumo” de espetáculos? Nestor Canclini nos ajuda a pensar sobre isso quando faz a seguinte pergunta: é possível impulsionar a modernidade cultural quando a modernidade socioeconômica é tão desigual? (CANCLINI, 1990, p. 67). Em outras palavras, se Cuba, Chile Argentina e Uruguai possuíam economias dependentes da Grã-Bretanha e dos Estados Unidos, era possível que a cultura, o letramento, a educação, as artes-plásticas e, quem sabe, os esportes, se tornassem realidade nestes lugares?

Nestor Canclini refuta a expressão “atraso” da América Latina e busca uma compreensão mais complexa sobre essas relações entre o Velho e o Novo Mundo. Canclini utiliza o conceito de modernidade híbrida, “resultado da sedimentação, justaposição e entrecruzamento de tradições indígenas, da colonização católica e ações políticas, educativas e comunicacional modernas” (CANCLINI, 1990, p. 71). Obviamente, a chegada da modernidade na América Latina encontrou uma realidade muito diferente da Europa, além do fato que as tradições locais ainda eram muito vivas e as novidades chegavam a passos lentos. Por isso, o tradicional e o moderno, o popular e o culto, estiveram presentes ao mesmo tempo (CANCLINI, 1990, p. 79).

O autor exemplifica isso ao afirmar que para entender o desenvolvimento ambivalente da modernidade é “preciso analisar a estrutura sociocultural das contradições presentes em alianças entre grupos tradicionalistas (fundamentalistas culturais e religiosos) e renovadores (grupo tecnocráticos modernizadores)” (CANCLINI, 1990, p. 80). Assim, é numa perspectiva dialética, no conflito, na dominação e na resistência, que observamos como a modernidade foi gestada e seu impacto nos países latino-americanos. Canclini conclui que não se pode estabelecer “relações mecânicas entre modernização econômica e cultural. Nem tampouco ler esse processo como um simples atraso. Essa modernização insatisfatória deve ser interpretada em interação com as tradições que persistem” (CANCLINI, 1990, p. 353). Portanto, ao analisarmos as experiências pugilísticas na América Latina buscaremos nos amparar numa concepção de modernidade híbrida, que se reelabora a partir dos contatos entre o velho e o novo mundo. A partir dessas relações, passamos a analisar a história do boxe em Cuba, Chile, Argentina e Uruguai.

\*\*\*

A história do boxe cubano esteve associado ao contexto de ocupação norte-americana em seu processo de independência em fins do século XIX. Com a saída de sua antiga metrópole, a Espanha, os americanos tornaram-se muito influentes na Ilha. No tempo que permaneceram em solo cubano (1898-1902 e 1906-1909), adotaram estratégias de incentivo e divulgação do esporte, entre eles o baseball e o boxe. Nos primeiros anos conseguiram proibir as touradas, formas tradicionais de recreação espanhola, assim como as rinhas de gallo (REEJHSINGHANI, 2009, p. 18).<sup>588</sup> Contudo, sua prática ainda ocorria na clandestinidade, voltando a ser permitida com a desocupação americana em 1902. O processo de civilização em países da América Latina foi tenso e conflituoso, primeiro por alterar os costumes e tradições da população, mas principalmente por se tratar de uma modernidade híbrida, elaborada num contexto de dependência econômica e de instabilidade política.

O boxe também sofreu uma série de perseguições e proibições devido o mal-estar causado pelo profissionalismo, que por meio de apostas priorizava mais os ingressos e o espetáculo do que a integridade física dos lutadores. De acordo com Anju Reejhsinghani, o pugilismo cubano “permaneceu às margens da legalidade e da respeitabilidade até 1921, quando o Estado formou uma comissão de boxe e luta livre” (REEJHSINGHANI, 2009, p. 7).<sup>589</sup> É interessante notar que nas primeiras décadas do século XX muitos países buscaram legalizar o boxe, centralizando as regras que outrora eram locais em regulamentos de amplitude nacional.<sup>590</sup> Foi o que aconteceu com a *British Board of Boxing* (1918) e a *Nation Boxing Association* (1921). Essas associações criadas na Inglaterra e nos Estados Unidos certamente influenciaram as decisões de

---

<sup>588</sup> Tradução nossa. Original: “[...]celebrated the modernity and progress implied in baseball, associated with the United States, and denounced the inhumanity and backwardness suggested by bullfighting, associated with Spain”.

<sup>589</sup> Tradução nossa. Original: “Having fitfully emerged in public spaces during the years of U.S. military occupation (1898-1902 and 1906-1909) and in the decade since, boxing remained on the margins of both legality and respectability until 1921, when the state formed a boxing and wrestling commission”.

<sup>590</sup> Podemos também entender este fenômeno como uma tentativa de realizar uma transição entre o boxe profissional e o boxe amador, já que suas concepções eram bem diferentes e desde o século XVIII, na Inglaterra, estiveram em constante embate.

países latino-americanos, que procuravam igualmente legitimar o boxe, tornando-o mais acolhido por meio de associações (GEEMS, 2014, p. 48).<sup>591</sup>

A influência dos Estados Unidos no surgimento do boxe em Cuba é inquestionável. No entanto, a historiadora Anju Reejhsinghani aponta que devemos observar sua constituição numa versão propriamente cubana (REEJHSINGHANI, 2009, p. 14).<sup>592</sup> As tensões entre questões de classe, raça, gênero e nação, por exemplo, mostraram que os afro-cubanos não estavam dispostos a receber a visão racista, moralista e masculinizada do esporte como os americanos desejavam. É mais ou menos isso que queremos fazer para o caso do Brasil, levando em conta a cultura local e as lutas já existentes no país.

Dessa forma, não vemos o boxe como uma simples “importação”, mas como um esporte que possuiu um processo de formação e uma trajetória específica. Sobre a resistência dos cubanos ao imperialismo americano, o projeto da *Young Men’s Christian Association* (no Brasil, Associação Cristã de Moços) foi um bom exemplo disso. A *Y.M.C.A* tentou utilizar as práticas corporais institucionalizadas, entre eles o boxe amador, para criar uma consciência moral, cristã e saudável. Contudo, deixou Havana, onde era sua sede em Cuba, no ano de 1931 sem ter conseguido os resultados esperados.

O baseball e o boxe foram os dois esportes mais populares em Cuba nas primeiras décadas do século XX. Entretanto, seu surgimento se deu em contextos e condições diferentes, afetando de diversas formas a recepção por parte dos cubanos e sua futura legalização e regulamentação. O baseball coincidiu com as lutas de independência da Espanha, sendo recebido como um símbolo de modernidade e de novos tempos para Cuba. Isso ocorreu paralelamente ao abandono, por parte da população mais abastada, das touradas que eram vistas como práticas desumanas, atrasadas e que lembravam os séculos de dominação espanhola na Ilha

---

<sup>591</sup> Tradução nossa. Original: “The lack of any centralized boxing authority has led to a multitude of governing bodies, each operating in their own interests. The National Sporting Club that sponsored bouts in England evolved into the British Board of Boxing Control by 1918, and was restructured and renamed the British Boxing Board of Control in 1929. The old International Boxing Union formed in Belgium in 1913 became the European Boxing Union in 1946. In the United States, fifteen state athletic commissions formed the National Boxing Association (NBA) in 1921”.

<sup>592</sup> Tradução nossa. Original: Although most previous studies examined this relationship in light of politico-economic ties given the island’s former neocolonial status, the recent cultural turn, described above, has complicated the picture somewhat. Whether, how, and to what extent boxing became “Cuban” instead of simply an American import is at the heart of this dissertation”.

(REEJHSINGHANI, 2009, p. 19).<sup>593</sup> Dessa forma, o baseball foi adotado como um esporte nacional por excelência, visto como refinado, que desenvolvia o espírito de equipe e contribuía para a ordem social.

Já o boxe não teve tanta facilidade para se incorporar, já que não foi recebido como oposição às diversões e costumes tradicionais espanhóis, como as touradas e as rinhas de galo (REEJHSINGHANI, 2009, p. 18).<sup>594</sup> Mesmo o pugilismo sendo muito popular entre os cubanos, sua relação com o Estado sempre foi tensa. Segundo Anju Reejhsinghani, houve cinco fatores que dificultaram sua consolidação como esporte nacional em Cuba: a) sua conexão com a violência destrutiva; b) as fraudes entre juízes e árbitros nos resultados, além de sua associação aos jogos de azar e ao crime organizado; c) a natureza individual do boxe; d) a aplicação da linha de cores, ou seja, embates entre negros e negros, e brancos e brancos; e) por fim, a não valorização do boxe amador, utilizado apenas como trampolim para o boxe profissional (REEJHSINGHANI, 2009, p. 21).<sup>595</sup>

Como mencionamos anteriormente, o projeto imperialista norte-americano utilizou o esporte para transferir seus princípios culturais e morais para a nova nação independente. Obviamente, seus interesses extrapolavam a questão esportiva, já que seu objetivo maior era interferir na política e na economia cubana, através de uma independência tutelada. Por isso, nota-se que o envolvimento dos Estados Unidos na libertação do jugo espanhol acompanhou uma ideologia que foi também reproduzida em outros países da América Latina. Esta ideologia foi chamada de *Muscular Christianity* (ou Cristianismo Muscular) e foi definida como “um compromisso cristão com a saúde

---

<sup>593</sup> Tradução nossa. Original: “Although it took several decades longer for boxing to emerge as a Cuban pastime – thus, the national debate over boxing did not coincide with the independence struggle from Spain”.

<sup>594</sup> Tradução nossa. Original: “[...]celebrated the modernity and progress implied in baseball, associated with the United States, and denounced the inhumanity and backwardness suggested by bullfighting, associated with Spain”.

<sup>595</sup> Tradução nossa. Original: One, the sport’s inherent connection to destructive violence – of violence as not only its means, but its end – visibly contradicted the notion that its practice was civilized [...]Two, the reliance upon judges and referees to determine decisions meant that there was the potential for fraud or, simply, bad decision-making to affect a contest’s outcome [...]Third, the individual nature of the sport made it easier to distinguish between athlete and nation; not all fighters were well-liked or respected by knowledgeable audiences. Fourth, the prevalence of Afro-Cubans in the ring may have led to a further disjunction between (white) observers and (black) competitors. [...]Fifth, by the late 1930s, the close relationship that developed between amateur and professional boxing – with the former becoming a feeder system for the latter – meant that regional and international amateur tournaments, which might have brought prestige to the nation, were not a high priority in republic-era Cuba”.

e a masculinidade” (REEJHSINGHANI, 2009, p. 33).<sup>596</sup> Este movimento contribuiu tanto para divulgar a religião protestante, em uma ilha que experimentou séculos de catolicismo, como para fortalecer os ideais de virilidade e masculinidade entre os homens brancos de classe média que formavam parte da população cubana.

Este é um fato importante a ser destacado. O cristianismo muscular como modelo norte-americano de princípios e valores, favoreceu a classe média e alta ao possibilitar espaços de divertimento e práticas esportivas. Contudo, estes espaços não foram concedidos ao afro-cubanos, o que ajudou a consolidar as divisões raciais e a hegemonia americana existente ao longo do século XX (REEJHSINGHANI, 2009, p. 37).<sup>597</sup> Uma forma de compreender este processo foi com a chegada da *Young Men's Christian Association* em Cuba no ano de 1904. Embora o boxe não tenha chegado a Ilha por meio desta instituição, a *Y.M.C.A* deixou seu legado na consolidação do boxe amador. Levando em conta que o pugilismo em Cuba se desenvolveu a partir de duas variantes (amador e profissional), começamos primeiramente a tratar do boxe enquanto esporte.

A *Young Men's Christian Association* foi fundada na Inglaterra no ano de 1843, com o objetivo de resgatar os jovens das ruas e aproximá-los da religião protestante. Em poucos anos (1851), a *Y.M.C.A* chegou aos Estados Unidos onde encontrou terreno fértil. Não demorou muito para que grandes empresários e políticos (incluindo futuramente o presidente Theodore Roosevelt) se envolvessem na causa desta instituição que cresceu de forma extraordinária. Isso ocorreu porque sua ideologia mantinha certa harmonia com o pensamento de supremacia racial norte-americano. O objetivo da missão era “moldar uma raça de homens adequados para o combate real” (REEJHSINGHANI, 2009, p. 47).<sup>598</sup> A preocupação com a guerra num contexto do

---

<sup>596</sup> Tradução nossa. Original: Defined as “a Christian commitment to health and manliness,” the ideology of Muscular Christianity can be traced back to the New Testament, but did not become a clearly demarcated philosophy until the second half of the nineteenth century”.

<sup>597</sup> Tradução nossa. Original: “While YMCA leaders and other evangelical missionaries generally disavowed the pursuit of prizefighting for its associations with the lower classes, gambling, and interracial competition, other U.S. expatriates supported the commercial possibilities that prizefighting afforded and avidly sought out boxing spectacles as entertainment”.

<sup>598</sup> Tradução nossa. Original: “While Roosevelt and others felt that boxing, among other athletic endeavors, could help to mold a race of men suited for actual combat, disillusion with both the Spanish-Cuban-American War and World War I led to very different notions of boxing among pacifist ministers and theorists”.



imperialismo territorial, político, econômico e cultural fez com que os americanos resgatassem um argumento utilizado na defesa do pugilismo na Inglaterra no século XVIII: o imaginário de que o boxe podia forjar homens fortes, corajosos e prepará-los para o combate.

Em Cuba a missão chegou em 1904, tendo como estratégia fortalecer o caráter e a moral dos jovens das classes média e alta por meio do esporte. Por seu traço marcial o boxe se destacou e em sua variante amadora tendo sido praticado “como forma de recreação e autoaperfeiçoamento” (REEJHSINGHANI, 2009, p. 48).<sup>599</sup> Seus praticantes foram homens brancos, independente da classe ou religião. Não houve espaço para os afro-cubanos na *Young Men’s Christian Association*, e isso significou que negros não tiveram experiência com o boxe amador, tendo que vivenciar o pugilismo em ringues profissionais, onde a chance de fraturas ou mesmo de mortes eram maiores. Isso evidencia algo que Ruti Ungar (2010) já tinha percebido para a Grã-Bretanha e que Jéssica Graham (2007) viu para os Estados Unidos: a raça foi um fator prioritário para os norte-americanos. Inclusive ocupou o lugar mais alto da hierarquia de valores, acima da religião, da classe e de gênero.

A *Y.M.C.A* teve inicialmente boa aceitação em Havana, chegando ao número de quinhentas matrículas em poucas semanas. Em relação ao pugilismo, seu projeto inicial foi de construir uma ampla sala completa para os treinos de boxe, além de uma sala para esgrima. No início as aulas ocorriam três vezes por semana, contudo, em 1909 já havia lições diárias, o que nos indica maior interesse pelo esporte, o que futuramente resultou na popularização do boxe entre os cubanos (REEJHSINGHANI, 2009, p. 53).<sup>600</sup> O professor da missão cristã era o experiente Frank A. Fowler, que muito colaborou para a receptividade da Nobre-Arte na Ilha. Mais tarde chegou a ser árbitro oficial da Comissão Nacional Cubana de Boxe e Luta Livre, além de treinar os primeiros campeões cubanos. Segundo Anju Reejhsingani Frank Fowler “defendia o boxe

---

<sup>599</sup> Tradução nossa. Original: “As conducted by the YMCA and other athletic associations at the turn of the nineteenth century, the amateur variant of the sport was pursued by middle- and upper-class boys and men as a form of recreation and self-betterment

<sup>600</sup> Tradução nossa. Original: “Shortly after its opening, the Havana YMCA offered boxing classes three days a week, on Mondays, Wednesdays, and Fridays from 5:15 to 9:30 p.m. By 1909, boxing was offered every day at 5:15 p.m. and four nights a week – Mondays, Tuesdays, Thursdays, and Fridays – at 8 p.m”.

recreativo e amador [...] se opondo as lutas premiadas”, tendo inclusive tentado impedir a luta entre Jack Johnson e Jess Willard em 1915 (REEJHSINGHANI, 2009, p. 55).<sup>601</sup>

De 1904 a 1931 a *Y.M.C.A* manteve-se em Cuba, contribuindo para um projeto mais amplo, que envolvia a superação da religião católica pela protestante e a difusão do ideal esportivo por meio da ideologia do cristianismo muscular. Em outras palavras, o imperialismo norte-americano se desenvolveu em Cuba também pelo viés cultural e esportivo. Contudo, por diversas razões a *Y.M.C.A* teve que fechar suas portas. Os motivos foram variados: conflitos de ordem religiosa (protestante x católicos), instabilidade política, conflitos entre os dirigentes, mas principalmente pela falta de fundos, já que ao contrário do que a missão esperava, muitas famílias ricas continuaram a frequentar os clubes tradicionais da cidade (REEJHSINGHANI, 2009, p. 55 e 56).<sup>602</sup> Dessa forma, o Comitê Internacional observando os inúmeros problemas financeiros resolveu por finalizar a sede de Havana em 1931.

Entretanto, mesmo com a curta passagem da *Young Men’s Christian Association* em Cuba, a missão deixou um legado importante, mas igualmente ambíguo. Por um lado, a *Y.M.C.A* oportunizou um excelente e qualificado espaço para a prática do boxe amador para os jovens brancos de elite. Assim, tornando as lutas mais populares e também respeitadas, o que contribuiu para sua legalização e regulamentação (REEJHSINGHANI, 2009, p. 58).<sup>603</sup> Por outro lado, a maior parcela dos lutadores de boxe era composta por afro-cubanos, que foram totalmente excluídos desse aprendizado, sendo apenas incluídos no profissionalismo. Com a ideologia do cristianismo muscular e da supremacia racial a missão acabou por tensionar ainda mais

---

<sup>601</sup> Tradução nossa. Original: “During the lead-up to the Johnson-Willard bout in April 1915, Hubbard was one of a group of ministers who sent a letter to the *Havana Post* protesting its staging, and that of all other professional fights in Cuba”.

<sup>602</sup> Tradução nossa. Original: “Despite this limited success, however, the Havana YMCA was unable to recruit the wealthiest Cuban families, which instead opted to join more exclusive social clubs. [...] By December 1931, the International Committee – faced with the Havana branch’s insurmountable financial troubles – decided to close it down.

<sup>603</sup> Tradução nossa. Original: “Third, and more positively, by fostering the notion that boxing was a respectable pastime suitable for the children of U.S. expatriates and Cuban business and political elites, the YMCA helped to legitimize it as a sport and thus indirectly assisted in its ultimate legalization and regulation”.

as relações entre brancos e negros na Ilha (REEJHSINGHANI, 2009, p. 58)<sup>604</sup>. Isso foi ainda mais perceptível nos primeiros anos do boxe profissional cubano.

Ao longo do século XIX, Cuba teve pequenas experiências com o pugilismo, ocorrendo na maioria das vezes sem regularidade. A historiografia sobre o boxe cubano recorda de alguns destes acontecimentos: o primeiro a respeito de uma escola de boxe em 1843 em Santiago de Cuba (na ponta leste da Ilha); o segundo, a passagem de um instrutor norte-americano que em 1886 ensinou no Clube Ginástico, em Havana; e por último, o primeiro combate de boxe inglês ocorrido em 1892, entre dois jogadores de baseball estrangeiros (REEJHSINGHANI, 2009, p. 38 e 39).<sup>605</sup> Alguns anos depois, em 1899, soldados norte-americanos fizeram uma série de lutas de demonstração na província de *Matanzas*, ao Oeste de Cuba (região mais próxima da Flórida/EUA). Exibições semelhantes ocorreram no Teatro Fausto, inaugurado no ano de 1863 e localizado na mesma província (REEJHSINGHANI, 2009, p. 40).<sup>606</sup>

Como se vê, somente no início do século XX, com a chegada da *Young Men's Christian Association*, o boxe ocupou um espaço maior entre os cubanos, sendo praticado de forma mais regular. Ao lado da vertente amadora, o boxe profissional também teve maior relevância entre as diversões e entretenimentos oferecidos na Ilha. Logo em seus primeiros combates, as autoridades já se mostraram resistentes “vendo o boxe profissional como uma carnificina moderna, em que os pugilistas batalhavam inclusive até a morte, incentivados por dinheiro” (ALFONSO, 2009, p. 12).<sup>607</sup> Mesmo com a oposição do Secretário do Estado e de Governo “a proibição foi ineficaz na prevenção do boxe clandestino [...] sendo que em 1902 um *card* de luta no Teatro de

---

<sup>604</sup> Tradução nossa. Original: “Although the exclusivity and racism of the social clubs as well as the segregation of amateur athletic bodies were far more central to this process, the YMCA reinforced the existing tendency to push poor whites and blacks into the semipro or pro ranks with little or no prior amateur experience”.

<sup>605</sup> Tradução nossa. Original: “Using newspapers from the mid-to-late nineteenth century, Cuban sports historian Carlos Reig Romero has documented accounts of boxing classes on the island as early as 1843, presumably in Santiago de Cuba; the presence in 1886 of a North American boxing instructor at the Club Gimnástico, located on Havana’s Prado Street; and the first known English-style boxing match held in Cuba, an exhibition staged by two visiting baseball players from the United States, in December 1892”.

<sup>606</sup> Tradução nossa. Original: “On March 18, 1899, in the city of Matanzas, six U.S. soldiers from the 12th Regiment of Volunteers took part in what may have been the first fight card staged in Cuba”.

<sup>607</sup> Tradução nossa. Original: “[...] vasta propaganda y el patrocinio de firmas comerciales, el boxeo profesional constituye una carnicería moderna, en la cual los púgiles batallan incentivados por el dinero”.

Marianao [município de Havana], teve a presença de quinhentas pessoas” (REEJHSINGHANI, 2009, p. 40).<sup>608</sup>

Como veremos mais a frente, o Estado percebeu que era impossível acabar com a prática do boxe, ao menos que tentasse regulamentá-lo. Assim, colocando-o na legalidade seria mais fácil de fiscalizá-lo. Enquanto o boxe fosse praticado em formato de exibições teatrais, em demonstrações públicas, ou ainda, como resolução de conflitos, o pugilismo não teria condições de se tornar legalizado. É interessante que após o surgimento dos primeiros empreendedores e empresários, juntamente com construções de arenas de lutas e contratos com boxeadores estrangeiros de fama internacional, o boxe esteve em maior vantagem para se inserir – ou negociar sua inserção – como prática de entretenimento de massa diante do Estado.

A chegada de alguns instrutores de boxe em Cuba no ano de 1910 foi também foi um evento importante para o início das lutas premiadas. Um deles foi o chileno John Budinich Tabora, um dos primeiros lutadores de boxe profissional em seu país. Foi um boxeador itinerante, tendo morado no Panamá e nos Estados Unidos (ALFONSO, 2009, p. 14).<sup>609</sup> Ali chegou a realizar alguns combates, antes de se dirigir a Cuba aonde desembarcou em 1910. Budinich contribuiu para a formação dos primeiros campeões nacionais, além de incentivar a criação da primeira comissão de boxe em 1921. Já sobre Jack Connel não temos muitas informações, sabemos era de nacionalidade norte-americana, que fez sua estreia nos ringues profissionais em 1910, vencendo o cubano A. Fournier, além de sido professor de boxe e jiu-jitsu no *Athletic Club Cubano* (REEJHSINGHANI, 2009, p. 41).<sup>610</sup>

A presença de lutadores profissionais como John Budinich e Jack Connel em solo cubano, em paralelo com a vitória de Jack Johnson sobre James Jeffries nos Estados Unidos (e seus desdobramentos), fez com que no ano seguinte o Governo emitisse um decreto proibindo espetáculos públicos de boxe em Havana. Como

---

<sup>608</sup> Tradução nossa. Original: “This ban was ineffective at preventing underground boxing, as other, later prohibitions would be. In January 1902, for instance, a fight card was held at the Teatro de Marianao at which over 500 people attended”.

<sup>609</sup> Tradução nossa. Original: “[...] se plantea que en el año 1910 el chileno John Budinich, quien hizo Carrera pugilística en los Estados Unidos, llegó a La Habana para ofrecer sus servicios en la defensa personal”.

<sup>610</sup> Tradução nossa. Original: “The other instructor was Jack Connell, boxing and jiu-jitsu professor at the Cuban Athletic Club”.

salientamos no capítulo anterior, nesta época muitos países proibiram o boxe ou mesmo a exibição de filmes de pugilismo. Jonh Budinich que havia dado lições de boxe ao filho do presidente José Miguel Gómez, bem que tentou pedir a revogação do decreto, contudo, as lutas permaneceram ilegais na Ilha até o ano de 1915 (REEJHSINGHANI, 2009, p. 41).<sup>611</sup> No entanto, tais impedimentos foram em parte limitados. De acordo com Marcos Alfonso, “ainda que se proclamassem decretos e proibições por parte de algumas autoridades, a verdade é que nunca se deixou de boxear e os cartéis se mudavam para o interior do país” (ALFONSO, 2009, p. 14).<sup>612</sup>

Antes que houvesse uma arena de luta apropriada para o boxe (o que ocorreu somente em 1915), as pelepas se davam em alguns dos muitos teatros de Havana. De acordo com Anju Reejhsinghani, “sem o estabelecimento de instalações desportivas para o consumo público, o crescimento do boxe em Cuba teria sido severamente retardado, relegado a pequenos teatros e casas particulares (REEJHSINGHANI, 2009, p. 59).<sup>613</sup> Conseguimos mapear alguns destes teatros por meio do site *Boxing’s Official Record Keeper: Theater Molino Rojo, Theater Payret, Theater Actualidades, American Club*, Estádio Tropical e Teatro Politeama.<sup>614</sup> Nestes locais ocorreram lutas entre americanos, espanhóis, cubanos e chilenos. Destaque para as diversas lutas do americano

---

<sup>611</sup> Tradução nossa. Original: “Budinich requested President Gómez’s intervention to secure a repeal of the decree, but the matter was tabled for a time”.

<sup>612</sup> Tradução nossa. Original: Aunque se proclamaron decretos y prohibiciones por parte de algunas autoridades, la verdad es que nunca se dejó de boxear se arraigo en toda Cuba”.

<sup>613</sup> Tradução nossa. Original: “Without the establishment of sports facilities for its public consumption, boxing’s growth in Cuba would have been severely retarded, relegated to small theaters and private homes”.

<sup>614</sup> Todas essas lutas ocorreram em Havana/Cuba: 29 de junho de 1910 – Theater Molino Rojo / Jack Ryan (americano) x Alexandro Rodriguez (cubano); 04 de julho de 1910 - Theater Molino Rojo/ Jack Ryan (americano) x Desidério Llanes (cubano); 12 de julho de 1910 - Theater Molino Rojo, / Jack Ryan (americano) x Jose Riera (cubano); 13 de julho de 1910 - Theater Molino Rojo/ Jack Ryan x Cristobal Arias (cubano); 14 de julho de 1910 – Theatre Payret, / John Budinich (chileno) x Cuban Jack Johnson (cubano); 15 de julho de 1910 - Theatre Payret, / John Budinich (chileno) x El Catalan (espanhol); 17 de julho de 1910 - Theater Molino Rojo, / Jack Ryan (americano) x Teodoro Vives (cubano); 20 de julho de 1910 – Theater Actualidades / Jack Connell (americano) x A. Fournier (cubano); 21 de julho de 1910 – Theatre Payret / Jack Ryan x (americano) x John Budinich (chileno); 29 de julho de 1912 - Theater Molino Rojo / John Budinich (chileno) x Jose Riviera (cubano); 11 de agosto de 1912 - Theatre Payret, Havana / Jack Ryan (americano) x John Budinich (chileno); 18 de janeiro de 1913 – American Club / Victor Achan (cubano) x Bernardino San Martin (cubano); 10 de março de 1915 – Estádio Tropical / Ted Kid Lewis (britânico) x Frankie Mack (americano), Juan Lopez Gavilan (cubano) x Pipo Hoyos (cubano), Jack Sentell (americano) x Tommy Hopkins (americano); 30 de março de 1915 – Estádio [Grande Estádio de Havana?] / Willie Beecher (americano) x Harry Lenny (americano); 5 de abril de 1915 – Oriental Park / Jack Johnson (americano) x Jesse Willard (americano), Len Rowlands (americano) x Jimmy Fryer (americano); 25 de junho de 1915 -Teatro Politeama / John Budinich (chileno) x John Lester Johnson (americano). Site: <http://www.boxrec.com/> acessado em 09 de setembro de 2017, às 12:06.

Jack Ryan, do chileno John Budinich, do britânico Kid Ted Lewis (com mais de cem combates em seu cartel, tendo lutado na França, Austrália, Canadá e Estados Unidos), do americano Jack Connell e dos cubanos Alexandro Rodriguez e Juan Lopez Gavilán.

Até meados da década de 1910, o baseball e as corridas de cavalos recebiam maior atenção e investimento, contando com instalações específicas como o Clube de Baseball de Havana, o Clube Cubano-Americano de *Jockey* e o *Oriental Park Racetrack* (REEJHSINGHANI, 2009, p. 59).<sup>615</sup> No entanto, no ano de 1915 com a chegada dos promotores norte-americanos as lutas premiadas tornaram-se mais rentáveis e populares. Estes reconheceram a capital Havana como uma importante cidade turística, com um número considerável de americanos residentes na Ilha, além de hotéis, teatros e clubes sociais. Em outras palavras, um ótimo lugar para se divertir, investir em entretenimento e apostas. Nos primeiros dias do mês de janeiro, os promotores já trabalhavam em organizar combates com lutadores internacionais em Cuba. De acordo com Anju Reejhsinghani estes promotores “foram juntos à cidade de Nova York para assinar contratos com boxeadores norte-americanos e estrangeiros - entre eles, os pesos-pesados afro-americanos Sam Langford, Sam McVea, Joe Jeanette e Jim Johnson” (REEJHSINGHANI, 2009, p. 68).<sup>616</sup>

Contudo, mesmo com a participação dos norte-americanos na organização destes combates, houve objeção por parte das autoridades cubanas em autorizar as lutas. Isso ocorreu porque religiosos protestantes e esportistas que defendiam o boxe amador não concordavam com a exploração de lutas premiadas na Ilha, além da fama negativa que o pugilismo norte-americano representava para os cubanos (REEJHSINGHANI, 2009, p. 71). Argumentos contra e a favor a prática do boxe foram fenômenos percebidos também em outras localidades (como Inglaterra e Estados Unidos). O que percebemos neste caso foi que a força política e econômica dos promotores americanos, juntamente com a promessa de desenvolvimento local favoreceu a construção do Grande Estádio de

---

<sup>615</sup> Tradução nossa. Original: “The construction of athletic facilities had originated in the late nineteenth century with baseball parks, such as that in 1890 of a ten-thousand person park for the Habana Baseball Club.<sup>55</sup> In republic-era Cuba, thoroughbred racetracks were one of the earliest public recreation facilities built. The Oriental Park track, where the Johnson-Willard fight took place, was inaugurated in Marianao”.

<sup>616</sup> Tradução nossa. Original: “promoters Richard Klegin and George Lawrence, who had recently come to Havana and were working in concert with Bradt, left together for New York City to sign contracts with U.S. and foreign boxers among them, leading African American heavyweights Sam Langford, Sam McVea, Joe Jeanette, and Battling Jim Johnson, as well as top-notch smaller men such as lightweight champion Freddie Welsh of England”.

Havana. Este estádio seria levantado no “Malecón, chamado de Máceo Park”, entretanto com por questões estruturais foi construído “perto da Bateria de Santa Clara” (REEJHSINGHANI, 2009, p. 61 e 62).<sup>617</sup>

O Grande Estádio de Havana foi levantado em fevereiro de 1915, com aproximadamente catorze mil assentos ao redor do ringue. Este estádio foi a primeira arena construída especificamente para a realização de combates de boxe e de luta livre. Segundo Anju Reejhsinghani “os preços variaram de dois a cinco dólares na arquibancada e de dez a vinte e cinco dólares ao lado do ringue e com vista para a lona” (REEJHSINGHANI, 2009, p. 68 e 71).<sup>618</sup> A primeira luta foi entre Young Ahern, campeão europeu, e Willie Lewis, de Nova York. A vitória ficou com o britânico, que havia iniciado carreira no boxe profissional em 1909 e se retirando em 1924, após cinquenta combates oficiais.<sup>619</sup> Sobre as pelepas que ocorriam neste estádio, percebeu-se maior atenção e publicidade para atletas estrangeiros, sendo que pugilistas afro-cubanos apareciam apenas em lutas preliminares. Para Anju Reejhsinghani, a audiência dos espetáculos no Grande Estádio de Havana só não foi maior devido a falta de conexão entre o público e os lutadores, pois “os estrangeiros eram bem conhecidos no exterior, contudo tinham pouca conexão com Cuba” (REEJHSINGHANI, 2009, p. 65 e 66).<sup>620</sup>

Os promotores americanos levaram para Cuba um estilo de combates baseado em suas visões de supremacia racial. Em outras palavras, os brancos lutavam apenas com brancos (europeus, americanos e cubanos) e negros lutavam entre si (afro-americanos e afro-cubanos). Essa segregação, segundo Anju Reejhsinghani, “afetou o calibre das lutas, pois era mais importante, pelo menos inicialmente, que os lutadores fossem da mesma classe de peso e cor de pele do que [...] experientes e habilidosos” (REEJHSINGHANI, 2009, p. 75).<sup>621</sup> Outra questão que impactou negativamente os

---

<sup>617</sup> Tradução nossa. Original: “To conciliate Bradt, the following week the Cuban government, with President Menocal’s approval, granted him use of government land on the Malecón extension near the Santa Clara Battery, where he soon began building a permanent facility”.

<sup>618</sup> Tradução nossa. Original: “Prices ranged from \$2 to \$5 in the grandstand and from \$10 to \$25 for ringside and box viewing.”.

<sup>619</sup> Site: <http://boxrec.com/en/boxer/11269> . Acessado em 06 de setembro de 2017, às 10:51.

<sup>620</sup> Tradução nossa. Original: “Yet the promoters focused far less upon developing local boxing talent – which would have built up audience [...]loyalty and developed Cuba’s nascent prizefighting industry – than upon bringing in foreign boxers who were well-known abroad but had little connection to Cuba”.

<sup>621</sup> Tradução nossa. Original: This rigidity undoubtedly affected the caliber of the matches, as it was more important, at least initially, for fighters to be of the same weight class and skin hue than for them to complement each other’s ring experience, abilities, and shortcomings”.

primeiros anos do boxe profissional em Cuba foram as batalhas reais. Essas batalhas tornaram-se um rito de iniciação para os afro-cubanos sem experiência no ringue. Para os homens brancos, ao verem espancamentos entre negros, muitas vezes lutando nus ou com uma das mãos amarradas, era uma espécie de diversão. Para Anju Reejhsinghani, “a batalha real não destinava a exibir habilidades genuínas de boxe, em vez disso, era vista como uma batalha social darwiniana do mais forte, que deixou várias vítimas em seu rasto e pelo menos um sobrevivente” (REEJHSINGHANI, 2009, p. 77).<sup>622</sup>

Apesar da importância do Grande Estádio de Havana para a história do boxe cubano, a luta entre Jack Johnson e Jesse Willard não ocorreu neste lugar. A pista do Parque Oriental (também chamada de Hipódromo) estava localizada ao Oeste de Havana, num município conhecido como *Marianao*. No início do século XX, a população de *Marianao* cresceu consideravelmente (de 18.000 almas em 1907, para 37.000 residentes em 1919), tornando-se um subúrbio rico de Havana (REEJHSINGHANI, 2009, p. 60).<sup>623</sup> Se Havana era reconhecida como a parte turística da Ilha, *Marianao* passou a ser escolhida como lugar de lazer e diversão. Foi neste contexto que o americano Harry Brown inaugurou em janeiro de 1915 o Parque Oriental, “para atender a visitantes americanos e a elite cubana com dinheiro para gastar em corridas de puro-sangue” (REEJHSINGHANI, 2009, p. 60).<sup>624</sup>

Como o boxe profissional sempre foi movido a dinheiro nada mais apropriado do que disputar o importante título dos pesos pesados do boxe mundial em *Marianao*, moradia de grandes proprietários de terra e centro de entretenimento de Cuba. Além disso, o Parque Oriental era maior que o Grande Estádio de Havana, o que foi levado em conta pelo emblemático evento que seria ali sediado. O *Oriental Park*, com as devidas reformulações, conseguiu acomodar entre vinte e trinta mil pessoas naquele

---

<sup>622</sup> Tradução nossa. Original: “The battle royal was not intended to display genuine boxing skills; rather, it was viewed as a social Darwinian battle of the fittest, one that ideally left several victims in its wake and at least one survivor.”

<sup>623</sup> Tradução nossa. Original: “While central Havana experienced a hotel boom in the first two decades of the twentieth century, *Marianao* increasingly became the place where many tourists went to spend their leisure time.”

<sup>624</sup> Tradução nossa. Original: “[...] opened Oriental Park in January 1915 to cater to visiting Americans and elite Cubans with money to spend on thoroughbred racing.”



cinco de abril de 1915, quando Johnson beijou a lona no 26º assalto. (REEJHSINGHANI, 2009, p. 60).<sup>625</sup>

Sem dúvida o boxe tornou-se uma prática popular ao longo do primeiro semestre de 1915, principalmente por sediar o combate valendo o título de campeão dos pesos pesados. Contudo, de acordo com Anju Reejhsinghani “o boxe não era nem amplamente abraçado na sociedade cubana nem considerado uma carreira respeitável para rapazes nativos” (REEJHSINGHANI, 2009, p. 70).<sup>626</sup> Em outras palavras, havia ainda um longo percurso pela frente. Após a polêmica vitória de Jess Willard, o interesse pelo boxe profissional em Cuba diminuiu. Havia, sim, um considerável número de jovens lutadores que passou “a aprimorar suas habilidades em ginásios, parques, clubes esportivos e casas particulares” (REEJHSINGHANI, 2009, p. 136)<sup>627</sup>. Mas por outro lado, os grandes espetáculos de boxe profissional estavam agonizando, principalmente após o fechamento o Grande Estádio de Havana, devido a gestão pouco transparente do promotor e empresário Leo Farris.

Diante da ausência de espaços para a prática do pugilismo, jornalistas, aficionados, lutadores e patrocinadores resolveram criar em agosto de 1918 *o Ring Cuba*, localizado no pátio do “Periódico Cuba”, em Havana, e destinado ao boxe profissional (REEJHSINGHANI, 2009, p. 138).<sup>628</sup> Foi a primeira iniciativa de um ringue público, já que as entradas eram gratuitas.<sup>629</sup> É interessante perceber mais uma vez a presença da imprensa na valorização e divulgação de esportes, na falta de um apoio estatal. Isso se percebeu, com as devidas especificidades, nas primeiras lutas de boxe no Rio de Janeiro, São Paulo e Porto Alegre, que iremos abordar mais a frente. Aqui, neste caso, o Ringue de Cuba se tornou um lugar de estreia para lutadores de

---

<sup>625</sup> Tradução nossa. Original: “For the Johnson-Willard fight, for instance, the racetrack’s grandstand alone was said to accommodate between 20,000 and 30,000 people”.

<sup>626</sup> Tradução nossa. Original: “By 1915, boxing was neither widely embraced in Cuban society nor considered a respectable career path for young native males”.

<sup>627</sup> Tradução nossa. Original: “At the same time, a growing corpus of young Cuban fighters, most of them little known outside of their own small circles, began to hone their skills at gymnasiums, parks, athletic clubs, and private homes”.

<sup>628</sup> Tradução nossa. Original: “In 1918, a group of boxers, trainers, sportswriters, and would-be promoters – including Bernardino San Martín and Vicente Cubillas – formed the “Ring del ‘Cuba’,” named after the newspaper at which many of them Worked”

<sup>629</sup> Site: [www.ecured.cu/Ring\\_Cuba](http://www.ecured.cu/Ring_Cuba) Acesso: 08 de setembro de 2017, às 10:45.

calibre, como Mike Casto (campeão cubano do peso super mosca em 1922) e Abel Dominguez (campeão cubano de peso leve em 1922).<sup>630</sup>

Contudo, o *Ring Cuba*, fundado em agosto de 1918, teve que desmontar seu tablado poucos meses depois, devido o falecimento do lutador José Marroquín que recebeu um forte golpe de seu opositor, Alex Publes. Assim, o boxe ficou proibido em Havana por cerca de dois anos, sendo esta a primeira morte pugilismo profissional cubano (ALFONSO, 2009, p. 15).<sup>631</sup> O *alcade* municipal Manuel Varona Suárez foi o responsável por assinar a proibição do boxe profissional por considerá-lo selvagem e bárbaro. Para ele, os norte-americanos foram feitos para o boxe, mas os cubanos não sabiam praticá-lo muito bem. Curiosamente, o mesmo Manuel Varona Suárez foi Secretário de Saúde e Caridade entre os anos de 1909 e 1913, tendo participado na elaboração e execução do projeto de eugenia social iniciado em Cuba desde o início do XX (GONZÁLEZ & PELAEZ, 1999, p. 123).<sup>632</sup> Assim, suas percepções acerca de diversos temas como urbanização, higienização, imigração, classes populares, dentre outros, estavam de acordo com seu olhar precavido sobre as consequências sociais do jogo de boxe.

A proibição do boxe profissional em Havana não impediu que promotores e lutadores se encaminhassem para regiões interioranas de Cuba (REEJHSINGHANI, 2009, p. 138).<sup>633</sup> Mas eles não teriam que permanecer longe de capital por muito tempo. No início da década de 1920, o boxe já era reconhecido como prática saudável e divertimento popular. Quando Manuel Varona Suárez acabou seu mandado, logo em seguida as lutas de boxe voltaram com todo fôlego. Em 19 de dezembro de 1920, após vinte um meses de proibição, o pugilismo deixou seu segundo período de ilegalidade. Neste contexto, três patrocinadores organizaram o Comitê de Boxe de Havana (1920) e no ano seguinte a Agência Nacional de Boxe e Lutas (1921) (REEJHSINGHANI, 2009,

---

<sup>630</sup> Site: [www.ecured.cu/Mike\\_Casto](http://www.ecured.cu/Mike_Casto) e [www.ecured.cu/Abel\\_Dom%C3%ADnguez\\_\(Boxeador\)](http://www.ecured.cu/Abel_Dom%C3%ADnguez_(Boxeador)) Acesso: 08 de setembro de 2017. Às 10: 55.

<sup>631</sup> Tradução nossa. Original: “Em 1919, cuando falleció durante un pleito el púgil Joe Marroquín frente a Alex Publes, el alcade de la ciudad suspendió los carteles”.

<sup>632</sup> Tradução nossa. Original: “Somético dicho proyeto, en el mês de julio de 1910, al nuevo secretario de sanidad y beneficiencia, doctor Manuel Varona Suárez”.

<sup>633</sup> Tradução nossa. Original: “As a result, many boxers moved into the interior of the island, where, San Martín and Cubillas ironically noted, the *alcaldes* were not so “religious” as in the capital.”.

p. 140).<sup>634</sup> Essas instituições que passaram a cuidar e regulamentar o pugilismo foram fundamentais para seu desenvolvimento.

Nas duas primeiras décadas do século XX, a participação de países da América Central foi escassa nos Jogos Olímpicos Modernos. Isso incluiu também o boxe amador. Em uma das sessões dos Jogos Olímpicos de 1924 (em Paris, França), foi sugerida a organização de um evento que permitisse que estes países se enfrentassem entre si. Assim, possibilitando um melhoramento a médio e longo prazo na qualidade dos esportistas, entre eles, lutadores. Portanto, em 1926 ocorreu os 1º Jogos Esportivos Centro-Americanos, tendo como países sede Guatemala e Cuba (DOMÍNGUEZ, 1985, p. 2).<sup>635</sup> O fato de Cuba ter sido escolhida como país sede, já nos indica a importância que a Ilha possuía não somente no boxe, mas em outros esportes. Assim, não parece que a luta entre Johnson e Willard em 1915 em Cuba tenha sido obra do destino. Pelo contrário, desde o começo do século percebemos um engajamento pugilístico na Ilha.

Nesta época o boxe cubano já era muito considerado pelos aficionados por lutas em todo mundo. Não era tão antigo quanto o pugilismo chileno, mas por sua proximidade com os Estados Unidos e o incentivo de promotores, Cuba tornou-se um grande símbolo a ser seguido. Por exemplo, a luta entre Harry Wills (Pantera Negra) contra Gunboat Smith (Artilheiro), em 10 de outubro de 1921 teve dez mil espectadores e quinhentas pessoas ficam sem ingressos (REEJHSINGHANI, 2009, p. 140).<sup>636</sup> Parece que a intensa perseguição ao boxe nas primeiras duas décadas do século XX não abalou o gosto pela prática e pela assistência. Um fator que contribuiu para sua influência positiva no campo dos esportes de combate foi sua extensa e resguardada regulamentação, bem rara para a época.

Este regulamento foi aprovado em julho de 1922 e buscava organizar lutas legítimas, eliminando a influência dos apostadores nos resultados finais dos combates.

---

<sup>634</sup> Tradução nossa. Original: "In 1920, as well, a three-promoter organization named the Havana Boxing Committee was founded to promote major bouts in the capital, including those that were to settle the dispensation of national titles".

<sup>635</sup> Tradução nossa. Original: "En el año 1926 se celebraron, en México, los I Juegos Deportivos Centro-Americanos con la asistencia del país sede, Guatemala y Cuba".

<sup>636</sup> Tradução nossa. Original: "On October 10, 1921, the biggest prizefight on the island since Johnson-Willard, and likewise an interracial bout, took place between two U.S. heavyweights: Harry Wills, the "Black Panther," and "Gunner" Gunboat Smith. Ten thousand people flooded the new Stadium on Carlos III to watch the bout, leaving five hundred people outside without Tickets".

Além disso, proibia “lances de retorno” em menos de dois meses. Em outras palavras, os lutadores não poderiam se enfrentar antes do prazo estipulado, assim evitando que promotores e apostadores usassem o efeito revanche para lucrar com as lutas. (REEJHSINGHANI, 2009, p. 141 e 142).<sup>637</sup> A partir de 1922, os lutadores deveriam ter a idade mínima de dezoito anos e os espectadores, quinze. Em torno do ringue, todos os envolvidos com a luta deveriam carregar cartões de identificação: boxeadores, treinadores, gerentes, patrocinadores, árbitros, cronometristas e juízes. De acordo com Anju Rejhsinghani, “o boxe em Cuba começou a florescer logo após a criação da comissão, e o interesse no esporte parecia disparar durante a noite” (REJHSINGHANI, 2009, p. 142).<sup>638</sup>

Um ano depois da regulamentação, o boxe cubano tornou-se de melhor qualidade e foi se aperfeiçoando principalmente pelos diversos combates realizados com pugilistas norte-americanos. Não podemos esquecer dos primeiros professores de boxe que pisaram na Ilha, bem como a divulgação do pugilismo saudável pela *Y.M.C.A.* Assim, na década de 1920, com a organização de diversos campeonatos locais, regionais e nacionais, surgem os primeiros campeões cubanos e possíveis candidato ao título: o peso médio Kid Charol e o peso mosca Black Bill. Este último chegou a disputar o título, porém perdeu para o americano Mid Wolgast.

O grande nome do boxe cubano só surgiu na década seguinte com Elígio Sardiñas Montalvo, conhecido também como Kid Chocolate. Se no pugilismo profissional os cubanos conquistaram seu primeiro título com Kid Chocolate, em 15 de julho de 1931, no boxe amador isso ocorreu somente em 1968, com os lutadores Enrique Requeiferos (peso meio médio ligeiro) e Rolando Garbey (peso super-médio). Fulgencio Batista (1901-1973) ao longo de seu governo preferiu patrocinar o boxe profissional. Conforme Anju Rejhsinghani, “um ano e meio depois que Castro assumiu o poder, seu regime patrocinou a entrada do primeiro pugilista cubano nos Jogos

---

<sup>637</sup> Tradução nossa. Original: “taste.” Several of the rules were designed to protect competitors; others sought to encourage legitimate bouts; still others sought to eliminate the influence of gamblers. For instance, no return bouts (i.e., rematches) were permitted before sixty days had passed since the original match-up. The minimum age for boxers was eighteen, and gambling was “discouraged as much as possible.” Conte stated that, since gambling had been prohibited in boxing clubs, several promoters had stopped holding cards. Boxers, trainers, managers, promoters, referees, timekeepers, and judges had to purchase identification cards displaying their fingerprints and other personal informatio”.

<sup>638</sup> Tradução nossa. Original: “Boxing in Cuba began to flourish shortly after the commission was established, and interest in the sport seemed to soar overnight”.

Oímpicos de Verão” (REJHSINGHANI, 2009, p. 299)<sup>639</sup> Assim, somente após a Revolução, Cuba passou a enviar pugilistas amadores para os Jogos Olímpicos. A primeira medalha chegou em 1968, no México.

Em relação às fontes primárias, localizamos apenas uma notícia sobre o boxe cubano no jornal *A Federação*. Trata-se da disputa pelo título de campeão dos pesos pesados que ocorreu em Havana, em cinco de abril de 1915, entre Jack Johnson e Jess Willard. A luta teve, de fato, grande destaque na imprensa mundial, principalmente pela derrocada de Johnson que, como mostramos no capítulo anterior, foi um boxeador combativo dentro e fora dos ringues. O telégrafo do jornal *A Federação* registrou no dia 07 de abril de 1915 o seguinte: HAVANA, 6. Disputou-se nesta capital, um *match* de boxe entre os campeões Willard e Jack Johnson. Willard derrotou, no 2º round, o afamado campeão negro.<sup>640</sup> Como veremos adiante, Chile, Argentina e Uruguai estiveram mais representados nas fontes primárias. Cuba era um país distante de nossa realidade sul-americana, possuía mais relações os Estados Unidos e pouco se envolveu com o pugilismo brasileiro. O que não desfaz suas experiências no universo das lutas, muito pelo contrário, nos permite comparar duas realidades distintas.

\*\*\*

Vamos agora para a próxima nação latino-americana: o Chile. Como vimos a pouco, um dos primeiros professores de boxe a se instalar em Cuba foi o chileno John Budinich Taborga, precursor do pugilismo em seu país, tendo lutas registradas desde o ano de 1903. Ao que tudo indica, os chilenos incorporaram o jogo do soco mais precocemente. Mas este não foi o único diferencial. Ao longo de nossa análise estaremos comparando as experiências do pugilismo chileno com o boxe cubano, buscando relações que nos permitam entender como cada nação se organizou e reelaborou práticas esportivas importadas da Europa e dos Estados Unidos. Faremos o mesmo, posteriormente, com a Argentina e o Uruguai, o que nos dará uma visão ampla como o boxe se constituiu.

---

<sup>639</sup> Tradução nossa. Original: “A year and a half after Castro assumed power, his regime sponsored the entry of the first Cuban boxer in the Olympic Summer Games”.

<sup>640</sup> Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. Jornal *A Federação*, 07 de abril de 1915.

O boxe chileno surgiu no contexto portuário da baía de Valparaíso na década de 1880 (CARRASCO, 2012, p. 1).<sup>641</sup> O Chile possuía boas relações econômicas com Grã-Bretanha e Estados Unidos, principalmente por suas jazidas de prata, cobre e nitrato (DABÈNE, 2003, p. 20). Isso permitiu parcerias comerciais que transformaram seu cenário urbano, garantindo a chegada constante de estrangeiros em seu país. Entre 1880 e 1900, soldados norte-americanos exibiam o boxe entre as ruas de Valparaíso. E foi assim que ocorreu a primeira luta conhecida, entre dois estadunidenses, Joe Darly e Frank Jones, na taverna “Bodegón Skating Ring”. Segundo Héctor Carrasco, “cento e cinquenta pessoas pagaram cinco pesos cada e preencheram totalmente as instalações [...] problemas com a polícia que queriam impedir a luta obrigaram os contendores e os espectadores a fechar o local” (CARRASCO, 2012, p. 1).<sup>642</sup>

Dois elementos nos chamam atenção. Primeiro, tanto em Cuba como no Chile as primeiras lutas foram organizadas por estrangeiros. Estes estrangeiros trouxeram a luta premiada, ou seja, o boxe profissional. Em segundo lugar, os “problemas com a polícia” já estavam na gênese de seu surgimento. E aqui não devemos ser inocentes. O século XIX foi a era das inovações na área dos transportes e comunicações, permitindo que pessoas e periódicos circulassem com rapidez e intensidade. Por isso, não nos surpreendemos que a primeira peleja ocorrida em Valparaíso tenha necessitado da intervenção da polícia. O boxe a esta altura já era um esporte mundialmente conhecido. E, obviamente, as consequências dos nocautes também.

Naquele quatro de janeiro de 1900, Joe Darly venceu Frank Jones e repetiu seu bom desempenho em mais um encontro, em dezesseis de março de 1900.<sup>643</sup> As revanches eram muito comuns, porque além de contribuir para os empresários e as bolsas dos pugilistas, fomentava mais ainda o boxe. O fato de soldados norte-americanos lutarem também não é visto com estranhamento. Como percebemos no capítulo anterior, na Guerra Civil Norte-Americana (1861-1865) muitos boxeadores

---

<sup>641</sup> Tradução nossa. Original: “Dicen que el box llegó en esos veleros a nuestro primer puerto, aunque es de justicia decir que por 1880 había algunos militares que ya practicaban esta destreza física en nuestro ejército, claro que lo hacían a mano pelada o cuando mucho con algún vendaje que cubría los nudillos solamente”.

<sup>642</sup> Tradução nossa. Original: “. Por supuesto no fueron chilenos los contrincantes. Uno era el recio Tom Wilson y su oponente el negro Franck Jones. 150 Personas que pagaron cinco pesos cada una repletaron el local. En el centro de la pista se ubicó un ring, cuyo cuadrilátero fue cubierto con aserrín para proteger a los contendores; un débil chonchón a parafina era toda la iluminación”.

<sup>643</sup> Site: <http://boxrec.com/pl/boxer/208435%20> . Acessado em 04 de novembro de 2017, às 14:11.

fizeram parte dos regimentos da União, e quanto não estavam na frente de batalha o pugilismo foi considerado tanto como exercício e lazer, como forma de resolver conflitos entre si.

No início do século XX, já não eram somente norte-americanos que lutavam o pugilismo no Chile. Juan Budinich Tabora nasceu no ano de 1881 em Santiago<sup>644</sup>, e foi um boxeador cosmopolita, tendo viajado por diversos países. Nos Estados Unidos foi professor de boxe na Universidade de Colúmbia (CARRASCO, 2012, p. 1).<sup>645</sup> No Chile realizou diversos combates entre os anos de 1900 e 1904. Mas além de pugilista também ensinou a Nobre Arte a soldados da 6º Delegacia de Polícia no ano de 1903, tendo como seus melhores pupilos Juan Concha e Heriberto Rojas (CARRASCO, 2012, p. 2).<sup>646</sup> Juan Budinich partiu do Chile no ano seguinte, mas deixou a maior promessa do boxe chileno: Heriberto Rojas, também conhecido como “*Rey de los abofeteadores chilenos*”.<sup>647</sup>

Rojas fez parte da geração que elevou o boxe ao esporte preferido dos chilenos. Todas as classes sociais, desde aristocratas rançosos, até populares deliravam ao verem as pelejas, lotando os ginásios da capital (CARRASCO, 2012, p. 3).<sup>648</sup> Seu primeiro confronto internacional foi contra o afro-americano James Perry, em 13 de agosto de 1905, no *Fronton Club Atletico*.<sup>649</sup> Perry era mais alto e pesado, contudo, Rojas soube usar sua técnica e o derrubou por oito vezes à lona. Sua vitória foi conquistada ao 13º assalto, causando no público grande alvoroço, “tendo naquele momento se transformado em grande ídolo dos aficionados” (CARRASCO, 2012, p. 5).<sup>650</sup>

---

<sup>644</sup> Site: <http://boxrec.com/pl/boxer/89468> . Acessado em 04 de novembro de 2017, às 14:23.

<sup>645</sup> Tradução nossa. Original: “Junto con Daly destacaba el chileno Juan Budinich, que había peleado en Estados Unidos y donde años más tarde volvió convertido en maestro de box, llegando a ser profesor de este deporte en la misma universidad de Columbia, según recuerdan añejos recortes de diario de la época”.

<sup>646</sup> Tradução nossa. Original: “En agosto de 1903 la sexta comisaría de Policía abría un curso de box a cargo del maestro Budinich, entre cuyos integrantes sobresalían claramente los guardianes Juan Concha y Heriberto Rojas.”.

<sup>647</sup> ANEXO 30 – Boxeador chileno Heriberto Rojas.

<sup>648</sup> Tradução nossa. Original: “Hacia 1905, como se ha dicho, el box era el deporte de moda. A las justas deportivas asistían desde aristócratas de rancieros linajes hasta cargadores y carreteros de las inmediaciones del Mapocho, provocando un verdadero delirio entre los asistentes los combates que se realizaban en los diversos ring de la capital”.

<sup>649</sup> Site: <http://boxrec.com/es/boxer/137154> . Acessado em 04 de novembro de 2017.

<sup>650</sup> Tradução nossa. Original: “A partir de ese momento Rojas pasará a transformarse en un ídolo de la afición; eran los años en que el box tenía seguidores en todas las clases social”.

O triunfo do peso-pesado Heriberto Rojas teve um profundo impacto na recepção do boxe entre os chilenos. Grandes personagens da indústria, empresários e políticos passaram a frequentar academias de boxe, tanto em Santiago como em Valparaíso (CARRASCO, 2012, p. 5).<sup>651</sup> Em pouco tempo cidades do interior já tinham seus próprios campeões que sonhavam em enfrentar seu ídolo Heriberto Rojas. Logo após vencer o afro-americano James Perry, o britânico Kid Mitchell chegou a Santiago com o propósito de desafiar Rojas. Pela imprensa da cidade, Mitchell se vangloriava de suas vitórias e dizia que o venceria com uma só mão. O resultado não foi bem este, já que Rojas o nocauteou na segunda rodada, ganhando um prêmio de seis mil pesos (CARRASCO, 2012, p. 5).<sup>652</sup>

É interessante que após estes dois combates, Heriberto Rojas já era conhecido na Europa como “Campeão da América do Sul”. Foi assim que o lutador holandês Jorge Wernich o chamou quando afirmou que “venho de terras distantes para testar meus punhos com o Campeão da América do Sul” (CARRASCO, 2012, p. 6).<sup>653</sup> Inclusive as próprias revistas e jornais da época o denominavam assim, apesar de que naquele tempo não havia a Confederação Sul Americana de Boxe, criada somente em 1920. Muitos lutadores estrangeiros chegaram ao Chile com o intuito de enfrentar Rojas, contudo, os mesmos precisavam fazer lutas de exposição. Foi assim com os experientes pugilistas britânicos Thomas Dunn, Paddy Mc Carthy e Jack Palmer (CARRASCO, 2012, p. 7).<sup>654</sup>

Neste momento, é interessante perceber como o boxe chileno se diferenciou do cubano. Em Cuba, somente em fins da década de 1920 e início de 1930, surgiram lutadores de destaque. Nos dois primeiros decênios o que se percebeu foi a proibição e perseguição ao boxe (1910 a 1915/ 1918 a 1920), enquanto que no Chile o pugilismo

---

<sup>651</sup> Tradução nossa. Original: “[...]don Agustín Edwards, conocido hombre de negocios tomaba clases con el profesor Horacio Macuer en su residencia de Viña del Mar y numerosos personajes concurrían periódicamente a las academias de boxeo que funcionaban en Santiago y Valparaíso”.

<sup>652</sup> Tradução nossa. Original: “Por esos años apareció en la escena nacional un escocés llamado Kid Mitchell, quien antes de medirse con nuestro campeón se jactaba por la prensa que Rojas tendría que vérselas no con un muñeco, sino con hombre en todo el apogeo de sus fuerzas. La pelea se pactó a finish con un premio único de seis mil pesos”.

<sup>653</sup> Tradução nossa. Original: “La revista porteña “Sport y Variedades”, en su edición del 2 de noviembre de 1907 consigna un desafío por parte del campeón boer Jorge Wernich, el que solicitando un finish con Rojas dice: Yo he venido desde lejanas tierras a probar mis puños con e titulado Campeón de Sudamérica pero ya va medio mes y el señor Rojas no se digna contestar”.

<sup>654</sup> Tradução nossa. Original: “Los boxeadores foráneos que querían combatir con él tenían que hacer una exhibición previa de sus facultades. Así fueron cayendo en la lid Thomas Dunn, Paddy Mc Carthy, Jack Palmer y el maestro Santiago Jacquier”.



teve maior abertura. Sem falar, é claro, da própria questão racial que, em Cuba, dificultou a qualidade dos embates, além de favorecer confrontos raciais fora dos ringues. Como veremos a seguir, os chilenos não só percebiam o boxe como uma prática saudável, como o consideravam essencial para manter a unidade da nação.

Após vencer James Perry, Kid Michell, e tantos outros, Rojas enfrentou o norte-americano da Filadélfia, Charles Kelly, no Teatro Arturo Prat. Nesta peleja Rojas derrubou Kelly em apenas 49 segundos do primeiro assalto (CARRASCO, 2012, p. 7).<sup>655</sup> De 1905 a 1907, Heriberto Rojas colecionou somente vitórias. Apenas Charles Bradley, no ano seguinte, conseguiu tirar sua invencibilidade. A luta foi difícil e durou 29° *rounds*. O embate mais longo ocorrido no Chile por muito tempo. Rojas só abandonou o ringue porque sua mão estava fraturada, ficando impossibilitado de continuar. Após sua recuperação Rojas chegou a realizar algumas lutas, contudo, preferiu viajar e enfrentar boxeadores na Europa. Por algum tempo esteve também no Panamá, onde vivia seu ex-professor Juan Budinich (CARRASCO, 2012, p. 8).<sup>656</sup>

Quando retornou ao Chile, Rojas enfrentou o pugilista norte-americano, Bob Devere, que era dez anos mais novo que ele. Rojas já não tinha o mesmo ritmo e desempenho. Essa foi sua segunda derrota. A partir daí, iniciou seu processo de aposentadoria. Porém, nem a derrota para Michell ou para Devere tirou sua popularidade. Rojas disputou trinta e nove combates, tendo vencido trinta e sete e perdido apenas duas vezes. Sua última luta ocorreu em vinte de abril de 1918, com o Estádio Nacional totalmente lotado. A peleja contra o afro-americano Calvin Respress, que anos depois lutou contra Luis Angel Firpo (argentino) e Angel Rodriguez (uruguaio), foi transmitida via telefone e tendo a assistência da revista *El Ring* (CARRASCO, 2012, p. 9).<sup>657</sup>

---

<sup>655</sup> Tradução nossa. Original: “Sea por la calidad de los jurados o porque Rojas realmente tenía pasta de campeón, el hecho es que Kelly duró sólo 49 segundos, siendo la pelea más corta registrada durante muchos años en los ring nacionales”.

<sup>656</sup> Tradução nossa. Original: En 1914, acompañado del pugilista Manuel Sánchez, quien más tarde lograría conquistar el título sudamericano de los livianos, Rojas se traslada a Europa con el fin concertar algunos encuentros”.

<sup>657</sup> Tradução nossa. Original: “Por su parte la revista “Ring” publicaba los hechos sobresalientes de la pelea y por medio de una pizarra colocada en el Círculo de la Unión (Estado –Plaza de Armas), entregaba las incidencias del match, que le eran transmitidas por teléfono desde el Stadium”.

De acordo com Héctor Carrasco “a luta foi obstinada e tenaz; sua vitória difícil, porém, o encorajamento do público tornou-lhe um gigante, e por isso ele foi aclamado com saudações e aplausos” (CARRASCO, 2012, p. 9).<sup>658</sup> Após sua saída dos tabladros, Rojas foi homenageado pela Federação Chilena de Boxe, em nome de seu diretor Dom Alfonso Reveco. Tornou-se professor de boxe em cursos preparatórios da Polícia de Santiago, onde sua história havia começado (CARRASCO, 2012, p. 10).<sup>659</sup> A carreira de Heriberto Rojas, entre 1905 e 1918, aponta para o precoce surgimento e consolidação do boxe no Chile. Mas certamente outros fatores, para além da trajetória de Rojas, podem explicar este fenômeno.

Os historiadores Hernán Herrera (2013) e Ovalle Letelier (2015), abordam aspectos que os ajudam a entender porque o Chile conseguiu consolidar o boxe tão previamente. Ao analisar a prática do boxe no município de *El Teniente*, Herrera buscou compreender como o pugilismo tornou-se um esporte tão popular em uma cidade que baseava sua economia nas minas de cobre. Apesar de o Chile ter uma posição dominante no mercado mundial, mais da metade de seus capitais industriais eram britânicos (DABÈNE, 2003, p. 20 e 23). Portanto, as minas de *El Teniente*, como a *Braden Copper Company*, estavam em mãos de empresários ingleses que esperavam um perfil de trabalhador condizente com sua mentalidade. O fato é que os mineiros haviam se acostumado com “um regime de trabalho itinerante, dedicado principalmente a tarefas agrícolas pré-industriais” (HERRERA, 2013, p. 4).<sup>660</sup>

Além disso, os mineiros possuíam hábitos como o ócio, o alcoolismo, os jogos de cartas e a prostituição. Foi neste contexto que as empresas que exploravam os minérios no Chile resolveram apostar na regeneração de seus empregados por meio do esporte. Porém, as empresas não estavam sozinhas nisso. O Departamento de Bem-Estar ligado ao Governo criou diversos clubes de boxe, a fim de “desenvolver e disseminar a prática da Nobre Arte e as virtudes da cultura física entre a população mineira”

---

<sup>658</sup> Tradução nossa. Original: “. La lucha fue porfiada y tenaz; su victoria difícil, pero las voces de aliento lo agigantaron, pagando un precio elevadísimo por su triunfo, siendo por ello aclamado con vítores y aplausos”.

<sup>659</sup> Tradução nossa. Original: “El deportista siguió ejerciendo como profesor de box en los cursos periódicos que efectuaba la Policía de Santiago y más tarde también participó en algunas peleas de lucha romana, que también eran bastante populares en las primeras décadas del siglo XX”.

<sup>660</sup> Tradução nossa. Original: “A través de su práctica se buscó el fortalecimiento corporal, la moralización y la transformación de las conductas sexuales de una masa laboral acostumbrada a un régimen de trabajo itinerante, dedicado principalmente a faenas agrícolas preindustriales”.

(HERRERA, 2013, p. 2).<sup>661</sup> Acreditava-se, portanto, que o boxe poderia regenerar moralmente os trabalhadores. A elite nacional também se envolveu nesse processo e, ao lado dos empresários britânicos e norte-americanos e do próprio Estado, “entendiam o boxe como uma atividade privilegiada para a perpetuação da raça e, portanto, o engrandecimento da nação” (HERRERA, 2013, p. 3).<sup>662</sup>

É importante salientar que a partir de 1916 o boxe chileno passou por uma nova fase. No início o pugilismo profissional obteve maior sucesso, como mostra o caso de Heriberto Rojas que tratamos recentemente. Contudo, o boxe que os empresários queriam que seus “degenerados” empregados praticassem era o amador (ou também chamado de científico). Os discursos e representações por trás dessa modalidade poderiam trazer muitos benefícios aos donos das minas. Por exemplo, após se criar clubes de boxe em *El Teniente*, os trabalhadores tornaram-se mais disciplinados, mais fortes e segundo industriais da época “o desempenho de suas fábricas [teria aumentado] desde que deram trabalhadores os meios necessários para que possam praticar uma vida esportiva” (HERRERA, 2013, p. 7).<sup>663</sup>

O problema do alcoolismo também foi rapidamente superado, já que no Código de Honra do Atleta estava explícito que o esportista deveria perseguir uma vida saudável, longe das bebidas tóxicas ou alcoólicas (HERRERA, 2013, p. 6).<sup>664</sup> Todas essas mudanças vinham de um desejo inicial de “modelar um trabalhador industrial virtuoso, em correspondência com suas necessidades e para controlar as relações entre capital e trabalho” (HERRERA, 2013, p. 4).<sup>665</sup> É importante lembrar que o

<sup>661</sup> Tradução nossa. Original: “A partir de 1916, y al alero del apoyo de Departamento de Bienestar, se formaron cuatro clubes de box, junto a otras cuatro ramas de boxeo en clubes deportivos, cuyo principal interés fue desarrollar y difundir tanto la práctica del *noble arte* como las virtudes de la cultura física entre la población minera”.

<sup>662</sup> Tradução nossa. Original: “ [...] que entendió al boxeo como una actividad privilegiada para la perpetuación de la *raza* y, por ende, el engrandecimiento de la *nación*”.

<sup>663</sup> Tradução nossa. Original: “Un articulista mencionaba que, según un eminente industrial chileno, “el rendimiento de sus fábricas había aumentado desde que había dado a los obreros los medios necesarios para que pudiesen practicar una vida deportiva en plena naturaleza”.

<sup>664</sup> Tradução nossa. Original: “La principal transformación perseguida era la erradicación del consumo de bebidas alcohólicas. Un artículo de la sección deportes exponía el “Código de Honor del Deportista” en cuyo punto duodécimo hacía mención a que un verdadero deportista impedirá que en sus fiestas y reuniones degeneren la sana alegría que da la salud y la virilidad, con el uso de tóxicos o bebidas alcohólicas”.

<sup>665</sup> Tradução nossa. Original: “Fueron, por tanto, los industriales quienes ejecutaron acciones concretas tendientes hacia modelar un *trabajador industrial virtuoso*, en correspondencia con sus necesidades en tanto clase patronal, y con objeto de controlar las relaciones entre el capital y el trabajo”.

Departamento de Bem-Estar foi criado em 1916 após diversas greves de mineiros da *Braden Copper Company*. Seu objetivo era, portanto, “transformar hábitos de trabalho” dos grevistas. A forma encontrada foi apostar em uma nova forma de lazer, assentada em clubes sociais e esportivos. Em relação ao boxe, entre 1914 e 1916, três clubes foram criados em *El Teniente: Molino Boxing Club, Great Turner Boxing Club e Sewell Boxing Club* (HERRERA, 2013, p. 6).<sup>666</sup>

Os resultados obtidos dentro das empresas de extração de minério convenceram a elite nacional que era possível não só regenerar o ser humano fisicamente, como transformá-lo em um exemplo moral de cidadão para o país. Para Hernán Herrera, a elite considerou que a “prática esportiva era um feito patriótico de primeira ordem” (HERRERA, 2013, p. 8).<sup>667</sup> Assim, ao treinar e praticar o boxe amador, os chilenos estariam se tornando mais fortes, viris e sadios para desempenharem suas funções, longe dos vícios que os degeneravam. Para parte da elite nacional o pugilismo era uma escola moral, “a atividade certa, e até mesmo necessária, para sobrevivência racial” (HERRERA, 2013, p. 10).<sup>668</sup> Por isso, para além dos objetivos dos industriários internacionais o boxe acabou contribuindo na constituição da identidade nacional chilena, pois naquele momento o pugilismo já era popular em todas as classes sociais.

O mesmo jornal que cobriu a última luta de Heriberto Rojas, em 1918, fora criado em 1917 como resultado dos milhares de aficionados espalhados pelo Chile. *El Ring*<sup>669</sup>, segundo Ovalle Letelier, foi “um veículo que relacionou o boxe às práticas de regeneração da raça, a higiene e a disciplina do corpo” (LETELIER, 2015, p. 2).<sup>670</sup> Dessa forma, vemos certa aproximação entre os argumentos apresentados por Letelier (2015) e Herrera (2013). O periódico *El Ring* foi publicado ao longo do ano de 1917 e “promovia ideias e projetos políticos de acordo com os preceitos liberais” (LETELIER,

---

<sup>666</sup> Tradução nossa. Original: “Entre 1916 y 1940 funcionaron en El Teniente tres Clubes de Box -el *Molino Boxing Club, Great Turner Boxing Club* y el *Sewell Boxing Club*”.

<sup>667</sup> Tradução nossa. Original: “En suma, la práctica deportiva fue entendida como una *gesta patriótica de primer orden* que, lamentablemente, no había recibido suficiente atención por parte del Estado”.

<sup>668</sup> Tradução nossa. Original: “[...]que ésta es concebida como piedra angular en que descansa la defensa de la raza”.

<sup>669</sup> ANEXO 31 – Capa do periódico chileno ‘El Ring’, de 1917.

<sup>670</sup> Tradução nossa. Original: “[...]sino también como un vehículo para relacionar estas prácticas con ideas sobre la regeneración de la raza, la higiene y el disciplinamiento del cuerpo”.

2015, p. 5).<sup>671</sup> O jornal em tela tinha como propósito incentivar o boxe amador e argumentar que o pugilismo profissional era irracional, violento, desleal e causava brigas e desordens. (LETELIER, 2015, p. 9).<sup>672</sup> A Federação Chilena de Boxe criada em 1916 utilizava o espaço do jornal *El Ring* para divulgar seus ideais de civilidade e modernidade, ao afirmar que “se esperava que seus membros se comportassem de forma higiênica com base em banhos e sobriedade frequentes, podendo ser instruídos por um comitê médico de anatomia e fisiologia” (LETELIER, 2015, p. 10).<sup>673</sup>

Vemos que tanto a federação como os jornalistas do dito periódico ansiavam por um modelo de pugilismo diferente daquele que era praticado até então. De acordo com Letelier, estes “pretendiam limpar as más práticas que até aquele momento dominavam o boxe, um esporte tornado popular em circos e teatros, gerenciado por empresários que patrocinavam atletas destacados, disputavam brigas e cobravam por isso” (LETELIER, 2015, p. 11).<sup>674</sup> Nesse trecho fica evidente o conflito entre o amadorismo e o profissionalismo, presente também em todos os países até aqui analisados. Este fenômeno encontrou seu auge na segunda metade do século XIX na Inglaterra vitoriana, quando as Regras do Marquês de Queensberry foram adotadas. Nos chama a atenção também a expressão “um esporte tornado popular em circos e teatros”, pois foi justamente neste lugar que o boxe espetáculo se desenvolveu nos primeiros anos no Brasil.

Diferente do cenário cubano, em que o boxe amador foi cultivado primeiro pela *Y.M.C.A.*, os chilenos abraçaram inicialmente o profissionalismo, conseguindo um bom reconhecimento nesta vertente. Segundo a bibliografia, os chilenos não tiveram uma perseguição sistemática como aconteceu em Cuba. Por um lado, os chilenos

---

<sup>671</sup> Tradução nossa. Original: “además de informar, utilizó los medios escritos dedicados al ocio para divulgar e impulsar ideas políticas y proyectos de acorde a los preceptos liberales”.

<sup>672</sup> Tradução nossa. Original: “8Si bien se tenía la noción de que la mayor parte de los boxeadores profesionales tenían un nivel económico modesto, quienes estaban detrás de la publicación de la revista consideraban que el pugilismo sería beneficioso para quien lo practicara, eso sí, en un contexto en el que la violencia era considerada como una manifestación de la irracionalidad”.

<sup>673</sup> Tradução nossa. Original: “Junto a esto, la Federación debía promover la fundación de gimnasios, donde se esperaba que sus socios llevaran un comportamiento higiénico, basado en los baños frecuentes y la sobriedad, y pudiesen ser instruidos por una comisión médica sobre anatomía y fisiología”.

<sup>674</sup> Tradução nossa. Original: “De esa manera se pretendía “limpiar” malas prácticas que hasta ese minuto predominaban en el boxeo, un deporte que se había popularizado en circos y teatros, manejado por empresarios que patrocinaban a los deportistas sobresalientes, concertaban peleas y cobraban comisiones por ello”.

conseguiram tornar o boxe um esporte nacional quando obtiveram o apoio das empresas estrangeiras, da elite nacional e do Governo. Se considerarmos “legalidade” a criação de uma instituição promotora do pugilismo, responsável pela fiscalização dos combates, vemos que Cuba só atingiu isso entre 1920 e 1921. Já o Chile conseguiu alguns anos antes, em 1916, tendo posteriormente o protagonismo na criação da Confederação Sul-Americana de Boxe (1920).

Sobre as fontes primárias pesquisadas, localizamos dez registros sobre o pugilismo chileno, um número bem mais significativo do que encontrado para Cuba. O curioso foi que todos os dez registros são do mesmo ano: nos meses de fevereiro, maio e setembro de 1911. O primeiro deles, de fevereiro, veio do serviço de telégrafos que informou a respeito de lutadores estrangeiros que haviam chegado ao Chile. Entre eles, Paddy Mac Carthy e Charlie Kelley, que teriam desafiado o pugilista chileno Heriberto Rojas.<sup>675</sup> É curioso que o nome de Rojas não tenha aparecido no telégrafo do jornal. Talvez os lutadores não tivessem um oponente escolhido naquele momento. Em todo o caso, Rojas já havia enfrentado Mac Carthy em 1906 e Charlie Kelley em 1907, conseguindo a vitória em ambas.

Alguns meses depois, mais especificamente nos dias doze e treze de setembro de 1911, os jornais *Correio da Manhã* (RJ) e *Correio Paulistano* (SP) trouxeram a notícia da primeira morte nos ringues profissionais no Chile. Lembramos que em Cuba esta fatalidade ocorreu pela primeira vez em 1918 e que até 1920 o pugilismo foi proibido na Ilha. De acordo com jornal *Correio da Manhã*

um campeão de boxe morreu em consequência de um soco apanhado em luta, em Santiago, Chile. No Teatro Arturo Prata, nesta capital, realizava-se ontem à noite, uma luta de boxe entre os campeões Daly e Adolfo Morales. A certa altura de luta, esse apanhou tão forte soco no rosto, que caiu desmaiado. Socorrido pelos médicos presentes, foi depois transportado para o hospital, onde faleceu pela madrugada. Daly foi preso e vai ser processado.<sup>676</sup>

O afro-americano William Daly já havia lutado contra Adolfo Morales em 1910, tendo perdido para o chileno. Portanto, se tratava de uma revanche. Segundo outro jornal, o *Correio Paulistano*, “os noticiaristas lamentam que o boxe seja o esporte preferido dos chilenos e pedem que o governo que decrete quanto antes a sua

---

<sup>675</sup> Hemeroteca Digital da Biblioteca Digital. *Correio Paulistano*, 23 de fevereiro de 1911.

<sup>676</sup> Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. *Jornal Correio da Manhã*. 12 de setembro de 1911.

proibição”.<sup>677</sup> Mesmo que o jornal tenha afirmado que o lutador seria preso e processado não temos nenhum indício que isso tenha ocorrido, nem que o boxe fora proibido. Nem mesmo quando pediram um decreto para tal fim. Este fato pode ter enfraquecido ainda mais o profissionalismo que, anos depois, foi duramente criticado pela Federação Chilena de Boxe e pelo jornal “El Ring”. Não podemos deixar de dizer que notícias negativas sobre o boxe foram muito frequentes, principalmente por parte dos jornais que já tinham criticado abertamente o pugilismo.

Entre os meses de fevereiro e setembro de 1911, quando os jornais paulistas e cariocas noticiavam os acontecimentos acima, o jornal *Correio do Povo* fez intensa propaganda a respeito de uma Companhia Chilena de Variedades que estaria realizando várias atrações no mês de maio daquele ano. O que nos chamou atenção foi a aparição de “boxeadores acadêmicos” como parte da companhia que esteve por duas semanas no Teatro Coliseu em Porto Alegre. Segundo o jornal *Correio do Povo*,

Estrear-se-á, esta semana, nesse teatro, a companhia chilena de variedades e atrações, empresa Irmãos Petrelli. A companhia conta 40 figuras, entre cavalheiros e senhoritas. Eis o seu elenco: Família Pacheco – 8 acrobatas, saltadores; Os Rocheles, equilibristas – 4 pessoas sobre um arame; Irmãos Gibsson – bailados norte-americanos; **Santiago Jacquier – atleta romano, diretor do Instituto Sportivo, de Santiago do Chile, contratado expressamente para a torneio do Atlântico;** [...] José Jelui – ciclista e em exercícios de equilíbrio na sua escada bailante; miss Aldeé, educadora de uma coleção de 30 pombas mensageiras; Mr. Albertino, professor de cães e macacos sábios; Senhoritas Inês Júlia e Gláfira Pacheco, em trabalhos de ginástica, acrobacia e equilíbrio; José, Alberto e Fernandito, 3 meninos que fazem atos acrobáticos; **Irmãos Júlio e Enzo Jacquier, boxeadores acadêmicos, premiados pelo comitê de Jogos Olímpicos, do Chile; Joseph Beerens, belga, campeão de luta Greco-romana;** Senhorita Rita Franceschi, bailarina clássica italiana; Seyssel, clown cômico e musical; Frank, clown excêntrico modernista, Tip-Top clown criador especial da paródia A grande corrida de touros executada com cachorros amestrados; Fernando Lombaes, secretário da empresa; Carlos Vergara e Vergara, diretor da pista e administrador geral do circo [grifos nossos].<sup>678</sup>

No próximo capítulo iremos abordar a história do Teatro Coliseu e sua importância como espaço para espetáculos de lutas (tanto de boxe, luta romana e jiu-jitsu). No momento, o que nos interessa é mostrar como o boxe chileno teve uma participação importante no impacto e surgimento da prática do pugilismo em terras brasileiras. Neste caso, segundo a fonte primária, os lutadores e boxeadores chegaram

<sup>677</sup> Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. Jornal *Correio Paulistano*. 13 de setembro de 1911.

<sup>678</sup> AJPCP, Jornal *Correio do Povo*, 15 de maio de 1911.

compondo uma companhia que tornou “a casa de diversões transformada em um amplo circo”. Entre eles, Santiago Jacquier (como atleta romano e diretor do Instituto Sportivo) e seus filhos, Júlio e Enzo Jacquier (como boxeadores acadêmicos). A expressão “acadêmicos” parece ser um sinônimo para “científicos”, portanto, ambos eram lutadores amadores. Outro nome importante foi o do belga Joseph Beerens, que realizou diversos combates de boxe com o brasileiro José Floriano Peixoto Filho, no Rio de Janeiro.

Já Santiago Jacquier foi um atleta e esportista muito famoso no Chile. Iniciou-se no pugilismo em 1906 ao enfrentar o argentino Juan Britos. Antes de vir ao Brasil, chegou a encarar em 1909 o campeão Heriberto Rojas, sendo derrotado por nocaute. Jacquier podia ser considerado um *sportman*, se aventurando em vários esportes e valorizando sua forma física. De acordo com Joaquin Edwards Bello, Jacquier era um “boxeador musculoso, endurecido pelo sistema Sandow, servindo para ser modelo para escultor, mas não para campeão” (BELLO, 1969, p. 90)<sup>679</sup>. O sistema Sandow a quem o autor se refere foi inspirado pelo alemão Eugene Sandow, considerado o criador do fisiculturismo. Este viajou pelo mundo difundindo materiais e equipamentos que ajudariam a tornar o corpo musculoso. É interessante que no caso do Chile, a *Sandow's Magazine* “foi dedicada exclusivamente ao boxe” (FERNÁNDEZ, 2015, p. 8).<sup>680</sup> Portanto, no início do século XX havia uma relação estreita entre esportes em geral, o boxe, e o cuidado com o corpo.

O primeiro registro da chegada da Companhia Chilena de Variedades foi de quinze de maio de 1911. Alguns dias depois, em vinte e quatro de maio, os irmãos Júlio e Enzo Jacquier apresentaram-se pela primeira vez numa peleja de boxe. Não há muitos detalhes de como o público recebeu esta luta, contudo, em outros documentos há relatos de que “todos os trabalhos agradaram, sendo os artistas muito aplaudidos”.<sup>681</sup> Júlio e Enzo eram atletas premiados (pelo comitê dos Jogos Olímpicos) e se apresentaram num espetáculo de variedades, ao lado de outros artistas. Como iremos abordar no próximo

---

<sup>679</sup> Tradução nossa. Original: “Un boxeador musculoso, endurecido en el sistema Sandow, podía servir de modelo para el escultor, pero no para campeón”.

<sup>680</sup> Tradução nossa. Original: “En este sentido, la existencia de Sandow's Magazine se puede entender por los esfuerzos y vínculos generados entre empresarios y dirigentes deportivos para masificar la práctica del boxeo a través de un medio de comunicación de masas”.

<sup>681</sup> AJPCP, Jornal Correio do Povo, 27 de maio de 1911.



capítulo, o surgimento da prática do boxe em Porto Alegre/RS ocorreu nesse contexto, em meio a apresentações teatrais e circenses. O que nos aproxima de uma versão de espetáculo de massa, já tratado em capítulo anterior.

Apesar do franco sucesso da companhia, um fato acabou ganhando maior destaque nos dias seguintes: o desafio de luta romana entre o belga Joseph Beerens e o italiano residente em Porto Alegre, José Ricciardi. De acordo com Riqueldi Lise (2014) é preciso compreender o universo das lutas no contexto dos combates intermodalidades. Ou seja, os atletas que se apresentaram em circos e teatros não eram especialistas em uma única luta, mas praticavam paralelamente o boxe, a luta romana, o jiu-jitsu e até capoeira. Beerens se dirigiu ao escritório do *Correio do Povo* e disse “aceitar qualquer desafio para luta romana e a empresa anunciou dar o prêmio de 50 libras a quem vencer”. Assim que José Ricciardi soube do desafio resolveu aceitá-lo, tornando público por meio de uma nota esportiva que certamente atrairia maior assistência.

O embate foi marcado para o dia 30 de maio de 1911. No jornal, a luta foi divulgada na sessão “Teatros e Diversões” e não nas notas esportivas. Essa é uma questão que iremos explorar melhor em seguida, pois o surgimento do boxe em meio aos espetáculos lhe deu um caráter mais de divertimento e não de esporte. Segundo o noticiado no *Correio do Povo*:

A nota atraente do espetáculo foi a luta grego-romana, entre o campeão chileno José Beerens e o *sportman* italiano José Ricciardi, aqui residente. Este último, com algum esforço, venceu o campeão chileno, recebendo por esse motivo no recinto do teatro, estrondosa ovação. Depois do espetáculo, Ricciardi foi acompanhado, por muitos admiradores, ao som de uma banda de música, até o Café América, onde foi cumulado de muitas gentilezas.<sup>682</sup>

Este brilhante trecho extraído do dito periódico nos permite compreender diversos elementos importantes para a compreensão da gênese das lutas e – especificamente do boxe – em Porto Alegre. Primeiro, o atleta Joseph Beerens apesar de belga, era reconhecido como “campeão chileno”. Isso ocorreu tanto porque Beerens morou por algum tempo no Chile, tendo conquistado um campeonato, como por ter fundado uma academia em Santiago. Localizamos registros que mostraram Beerens inaugurando uma academia de boxe e luta romana em Porto Alegre no ano de 1912. Isso

---

<sup>682</sup> AJPCP, Correio do Povo, Teatros e Artistas, 01 de junho de 1911.

evidencia que este lutador criava raízes em lugares onde as lutas já eram conhecidas ou que estavam em processo de consolidação. Joseph Beerens foi um lutador itinerante que esteve em vários lugares da América Latina e que pode ser um bom exemplo desse exercício que estamos fazendo neste momento.

Voltando à fonte, percebemos como a luta foi aguardada, sendo que ao longo daquela semana foi anunciada no jornal *Correio do Povo* diversas vezes. A vitória de José Ricciardi provocou “estrondosa ovação” entre os porto-alegrenses, que já naquele momento se viam atraídos pelas lutas. Ricciardi, já tinha se apresentado outras vezes, se fazendo conhecido pelo público. Por este motivo, “foi acompanhado por muitos admiradores ao som de uma banda de música até o Café América”. Este café, localizado na Andradas com a Borges de Medeiros, era um importante local de sociabilidade. O fato de Ricciardi ter vencido o combate contra um experiente lutador europeu nos suscita muitas perguntas. Contudo, o que buscamos aqui foi sintetizar as experiências pugilísticas do Chile para nos servirem de parâmetro e também de referência para os demais países. Ter demonstrado que o boxe chileno se organizou precocemente – tendo seu primeiro campeão local em 1905 - e como se tornou conhecido em outros países da América Latina foi um dos nossos objetivos.

\*\*\*

O pugilismo apareceu na Argentina pela primeira vez em 1864, quando um inglês de nome Cox abriu um ginásio de boxe em Buenos Aires (MARTÍN, 2006, p. 81).<sup>683</sup> Contudo, somente no começo do século XX, com o apoio empreendedor de Jorge Newbery, um *sportman* argentino que estudou por vários anos nos Estados Unidos e trouxe sua experiência com esportes, o boxe pode entrar em cena. A primeira luta oficial conhecida foi em 1903, entre o inglês Paddy Mc Carthy e o italiano Abelardo Robassio, na sede da revista *El Gladiador*, num combate durou cinco assaltos (MARTÍN, 2006, p. 81).<sup>684</sup> Como no caso de Cuba e do Chile, mais uma vez os estrangeiros se mostraram fundamentais na difusão do pugilismo. Paddy Mc Carthy,

---

<sup>683</sup> Tradução nossa. Original: “Cox, un inglés, abrió sin suerte el primer gimnasio de boxeo porteño en 1864”.

<sup>684</sup> Tradução nossa. Original: El primer combate en serio se realizo una tarde de octubre de 1903 en la sede de la Revista Gladiador, y no es difícil adivinar que el inglés Paddy Mc Carthy le Dio una paliza al italiano Abelardo Robassio”.

inclusive, lutou alguns anos depois contra o chileno Heriberto Rojas, em 1906. Neste caso, é curioso perceber que boxeadores europeus e estadunidenses tenham apostado num pugilismo itinerante pela América Latina.

Um detalhe importante sobre este primeiro combate foi o perfil dos espectadores: “uma classe rica e aristocrática [...] de linhagem e boas maneiras” (MARTÍN, 2006, p. 81).<sup>685</sup> O próprio delegado de polícia autorizou e garantiu que a peleja ocorresse de forma civilizada. De acordo com Enrique Martín, os abonados que estiveram nessa primeira luta resolveram fundar anos mais tarde (1908) o *Boxing Club Buenos Aires*. Para Eduardo Archetti o boxe argentino começou de forma aristocrática e somente ao longo do século XX tornou-se popular (ARCHETTI, 2001, p. 97).<sup>686</sup> Neste ano, o irlandês Willie Gould enfrentou e venceu Paddy Mc Carthy e posteriormente teve uma emblemática luta com o colombiano Alfredo Culpin, que foi retratada pela imprensa com um embate selvagem e sanguinário. Com estas vitórias Willie Gould, que pesava apenas 57 quilos, foi “consagrado o primeiro campeão argentino de todos os pesos” (MARTÍN, 2006, p. 81).<sup>687</sup>

Enquanto o *Boxing Club Buenos Aires* figurava como um clube tradicional com sócios da elite portenha, a numerosa população italiana e de classe operária que residia na capital foi reivindicando o seu lugar no boxe. Em 1913 apareceu em Buenos Aires o *International Boxing Club*, “fundado por jovens socialistas e primeiro viveiro de grandes boxeadores como Luís Angel Firpo, Gustavo Lenevé, Luís Galtieri, Horácio Lavalle, os primeiros boxeadores argentinos do início do século” (ARCHETTI, 2001, p. 98).<sup>688</sup> Como resultado dessa investida, o suíço Gustavo Levené destronou o britânico Willie Gould, que manteve o título de campeão argentino por oito anos, numa luta que

---

<sup>685</sup> Tradução nossa. Original: Fuenos cinco rounds garantizados por el jefe de policia Beazley ante un perfumado público de galerita”.

<sup>686</sup> Tradução nossa. Original: “[...] y su práctica, originalmente aristocrática, se había popularizado”.

<sup>687</sup> Tradução nossa. Original: “Y ese mismo año, outro inglês obviamente, Willie Gould 57 quilos, fue consagrado como primer campeón argentino de todos los pesos”.

<sup>688</sup> Tradução nossa. Original: “El Internacional Boxing Club, fundado em Buenos Aires em 1913 por jóvenes socialistas, fue el primer semillero de grandes boxeadores ya que de allí surgieron Luís Angel Firpo, Gustavo Leneve, Luís Galtieri y Horácio Lavalle, plos primeros grandes boxeadores argentinos de comienzos de siglo”

ocorreu em vinte e oito de março de 1915, na *Plaza de Toros Real de San Carlos* (MARTÍN, 2006, p. 82).<sup>689</sup>

Dessa forma, percebemos que o boxe foi reelaborado pelas classes populares portenhas “dentro de um processo de modernização cultural, onde algumas conquistas políticas da classe trabalhadora como o aumento de salários ou a redução do dia útil permitiram que entrassem em um universo de consumo” (GUIAMET, 2014, p. 2)<sup>690</sup>. Praticar boxe ou assistir pelepas renhidas passou a fazer parte da realidade destes indivíduos. Foi assim que o campeão mundial de pesos pesados Jack Johnson marcou época no pugilismo argentino. Apesar de o boxe ser proibido em Buenos Aires até 1924, foram permitidas exibições autorizadas em formato de espetáculo (ARCHETTI, 2001, p. 97).<sup>691</sup> Em 1915, Johnson venceu todos os oponentes, tanto estrangeiros como argentinos. Sua passagem por Buenos Aires, assim como em Montevideú, impactou profundamente o pugilismo nestes dois países.

As exibições de Johnson não foram as únicas que, ao longo das primeiras duas décadas do século XX, contrariaram a proibição da prática do boxe em Buenos Aires. Segundo Eduardo Archetti, “isso não impediu a prática em clubes e lutas clandestinas” (ARCHETTI, 2001, p. 97).<sup>692</sup> O bairro de *Barracas* na periferia de Buenos Aires e a cidade de *Avellaneda*, na região metropolitana da capital, foram dois locais que se tornaram referência para lutas profissionais (GUIAMET, 2014, p. 4).<sup>693</sup> Já o boxe amador continuou a ser praticado em clubes e de certa forma foi até incentivado como parte da política higienista. Porém, combates profissionais, ao estilo das lutas premiadas, com apostas e bolsas para os lutadores, de fato foram reprimidas por um bom tempo.

---

<sup>689</sup> Tradução nossa. Original: “Reinó hasta el alterrizaje de Gustavo Lenevé, un suizo apodado El francês, que resulto al final el más experto, gran maestro y consejero”.

<sup>690</sup> Tradução nossa. Original: “En las primeras décadas del siglo XX, el crecimiento de un público con mayores posibilidades de consumo, integrado por sectores amplios de la sociedad que tenían mayor tiempo de ocio, coincidió con el auge de numerosos espectáculos que por sus dimensiones y por el impacto que tuvieron sobre la población argentina, llevaron a que diferentes autores señalaran la existencia de una temprana cultura de masas en el período”.

<sup>691</sup> Tradução nossa. Original: “[...] y la organización excepcional de exhibiciones autorizadas como, por ejemplo, durante la visita e 1915 del campeón mundial de peso pesado Jack Johnson”.

<sup>692</sup> Tradução nossa. Original: “Esto no impedía la práctica en clubes, lãs peleas clandestinas[...]”.

<sup>693</sup> Tradução nossa. Original: “Aunque prohibido en la ciudad de Buenos Aires el boxeo creció de modo veloz en las primeras dos décadas del siglo XX, ya fuese de modo clandestino, o saliendo de la capital para radicarse en Avellaneda o Barracas, donde sí era permitido”.

Neste contexto, surgiu em 23 de março de 1920 a Federação Argentina de Boxe que, de acordo com Daniel Fridman e David Shenin, foi um esforço das autoridades de boxe amador para “civilizar” o esporte que em sua variante profissional “representava o legado do combate de rua” (FRIDMAN & SHENIN, 2008, p. 188).<sup>694</sup> Estes autores completam que na “Argentina, Estados Unidos e outros países, o boxe amador e as regras do Marquês de Queensbury foram promovidos pelas elites em resposta ao boxe com um punho limpo, lutas de rua e duelos” (FRIDMAN & SHENIN, 2008, p. 188).<sup>695</sup> Assim, a criação da Federação buscou consolidar o amadorismo e ao mesmo tempo expandi-lo como estratégia para combater a prática profissional.

Conforme Enrique Martín, “o primeiro encontro oficial por um título organizado pela federação” ocorreu na *Confitería L’Aiglon* em quinze de outubro de 1921 entre Elio Plaisant, de Rosário, Santa Fé, contra o portenho Luís Galtieri, apelidado de *El Chiquito de Pompeya* (MARTÍN, 2006, p. 83).<sup>696</sup> A vitória ficou para Plaisant que se tornou o campeão dos pesos médios na Argentina. No início da década de 1920, Buenos Aires possuía diversas academias de boxe: *Boxing Club Buenos Aires* (1908), *International Boxing Club* (1913), *Metropolitan Club* (1922) e *Almagro Boxing Club* (1923). Assim, o resultado da expansão do amadorismo levou a conquista da primeira medalha olímpica nos Jogos de Paris, em 1924, com o pugilista Alfredo Porzio.

A história de Alfredo Porzio (1891-1987) é curiosa, pois mostra que os limites entre o boxe amador e profissional foram complexos e fluídos, bem como as motivações que levavam os pugilistas a entrar para o mundo das lutas. De acordo com Enrique Martín, Porzio era um “grandalhão de 1,90 de altura e 110 quilos que acertou o nariz de um de tantos tipos pesados (pelo peso e pelas brigas) que frequentava uma bodega perto do armazém de seu pai” (MARTÍN, 2006, p. 84).<sup>697</sup> Foi assim que Alfredo Porzio decidiu se apresentar ao treinador José Martínez e começar sua carreira no boxe.

---

<sup>694</sup> Tradução nossa. Original: “fueron promovidos por las elites en respuesta al boxeo a puño limpio, las peleas callejeras y los duelos”.

<sup>695</sup> Tradução nossa. Original: “A fines del siglo XIX y comienzos del XX, en Argentina, Estados Unidos, y otros países, el boxeo amateur y las reglas del Marqués de Queensbury fueron promovidos por las elites en respuesta al boxeo a puño limpio”.

<sup>696</sup> Tradução nossa. Original: “Pelemos en la confitería L’ Aiglon, de Florida y Cangallo. Fue el primer encuentro oficial por un título organizado por la Federación”.

<sup>697</sup> Tradução nossa. Original: “Algo así ocurrió un día cualquiera de 1920 cuando el grandoteno nacido con el siglo, casi una pared de 1,90 de alto y 110 kilos de buen puchero, le acertó un tremendo directo en el

Portanto, envolveu-se numa briga de rua depois dedicar-se ao amador. Porzio venceu o IV Campeonato Sul-Americano de pugilismo no Chile e, assim, foi classificado para os Jogos Olímpicos onde obteve a medalha de bronze (MARTÍN, 2006, p. 224).<sup>698</sup> Entre os anos de 1924 a 1952, a Argentina conquistou vinte medalhas nos Jogos Olímpicos, sendo que atualmente possui vinte e quatro (ARCHETTI, 2001, p. 101).<sup>699</sup> Ou seja, a força do boxe amador argentino se apresentou principalmente nas primeiras décadas do século XX.

Até o ano de 1924 o boxe profissional se manteve na ilegalidade. Alguns combates de exibição ocorreram, porém, com raríssimas exceções. Foi com Luís Angel Firpo (1894-1960),<sup>700</sup> *El Toro Selvaje de los Pampas*, e seu sucesso nos Estados Unidos, a partir da popularidade de seu embate contra o campeão mundial Jack Dempsey, que a luta premiada foi finalmente legalizada. Segundo Javier Guiamet, “a carreira de Firpo foi um caso muito interessante, pois transformou um ídolo de esporte em herói nacional” (GUIAMET, 2014, p. 3).<sup>701</sup> Luís Angel Firpo nasceu em Buenos Aires em 1894, mas seu contato com o boxe se deu vinte anos depois, ao ingressar no *Internacional Boxing Club* (ARCHETTI, 2001, p. 97).<sup>702</sup> Ao longo de sua carreira enfrentou trinta e nove competidores entre os anos de 1917 e 1936, sendo reconhecido como maior boxeador argentino de todos os tempos. Este fato se explica também por Firpo ter sido o primeiro latino-americano a disputar o título de campeão mundial dos pesos pesados (GUIAMET, 2014, p. 4).<sup>703</sup>

nariz a uno de tantos y típicos pesados (por el peso y por lo pendenciero) que frecuentaba el almacén y lógicamente el bodegón contiguo [...] Porzio era uno de los siete hijos del dueño de aquel comercio”.

<sup>698</sup> Tradução nossa. Original: “Su ascenso impetuoso terminó con la clasificación para representar al país en los Juegos de Paris, donde obtuvo la medalla de bronce, tras perder en semifinales con el noruego Von Porat, quien finalmente se alzó con la presea de oro”.

<sup>699</sup> Tradução nossa. Original: “Desde 1924 hasta 1952 la participación argentina en los Juegos Olímpicos siempre se salda con medallas: un total de 7 de oro, 7 de plata y 6 de bronce que convertían a la Argentina en una de la potencias mundiales en el box”.

<sup>700</sup> ANEXO 32 – Boxeador argentino Luís Angel Firpo.

<sup>701</sup> Tradução nossa. Original: “[...]la carrera de Firpo un caso muy interesante de transformación de un ídolo deportivo en héroe nacional y del deporte como espectáculo, si tenemos en cuenta las multitudes que reunían sus peleas”.

<sup>702</sup> Tradução nossa: ““El Internacional Boxing Club, fundado em Buenos Aires em 1913 por jóvenes socialistas, fue el primer semillero de grandes boxeadores ya que de allí surgieron Luís Angel Firpo[...]”.

<sup>703</sup> Tradução nossa. Original: “Fueron centrales para lograr esta importancia las campañas que realizó Firpo en el exterior. Primero por países latinoamericanos donde fue haciéndose un nombre y sumándole al título argentino que ya ostentaba, el título sudamericano, pero principalmente con sus peleas en Estados Unidos fue que Firpo logró erigirse en una figura de relevancia nacional”.

Até o ano de 1922, quando decidiu viajar aos Estados Unidos para uma temporada de lutas, Firpo possuía em seu cartel dezessete confrontos. Estes embates ocorreram tanto na Argentina, como no Chile o no Uruguai. O curioso foi que *El Toro* fez mais lutas no Chile do que em sua própria pátria. Foram sete pelepas entre os anos de 1918 e 1921. No Uruguai lutou três vezes, entre 1918 e 1919, e na Argentina combateu seis vezes.<sup>704</sup> Estes dados nos ajudam a pensar como estes países se relacionavam no âmbito dos esportes. Chile, Argentina e Uruguai aperfeiçoaram seus pugilistas a partir desse contato, que foi formalizado em 1920 quando se criou a Confederação Sul-Americana de Boxe. Retomaremos essa questão no fim dessa seção quando iremos fazer uma síntese da história desses países e suas experiências com o pugilismo amador e profissional.

Continuemos ainda com Luís Angel Firpo. Após realizar sua *tournee* pelos Estados Unidos, onde enfrentou e derrubou o campeão Jack Dempsey para fora do ringue, retorno à Argentina como herói nacional. Apesar de ter perdido a peleja o feito foi “um marco para o esporte argentino” (GUIAMET, 2006, p. 4).<sup>705</sup> O remo, o ciclismo e o futebol foram esportes muito praticados no início do século XX. Contudo, a década de 1920 foi a década do boxe. Firpo transformou o pugilismo no esporte mais adorado e praticado na Argentina (GUIAMET, 2006, p. 3).<sup>706</sup> Tornou-se também uma figura de relevância nacional. Seu apelido, *El Toro Selvaje de los Pampas*, não foi à toa. Firpo mexeu com o imaginário dos norte-americanos que o viam como um boxeador exótico, bruto e selvagem, representante dos longínquos pampas da América Latina (ARCHETTI, 2001, p. 99).<sup>707</sup>

O fato de Luís Firpo ter se destacado no cenário nacional e internacional do boxe, muitos autores se dedicaram a analisar sua trajetória e influência para o pugilismo argentino. Javier Guiamet (2014), por exemplo, investigou como a imprensa socialista de Buenos Aires se posicionou quando Firpo fez sua *tournee* pelos Estados Unidos e

<sup>704</sup> Site: <http://boxrec.com/en/boxer/10607/> Acessado em 09 de novembro de 2017, às 15:34.

<sup>705</sup> Tradução nossa. Original: “La posibilidad de enfrentar al campeón norteamericano Jack Dempsey, en una pelea donde se jugaba el título mundial de todos los pesos, significó un hito para el deporte argentino”.

<sup>706</sup> Tradução nossa. Original: “Aunque de un modo secundario con respecto al fútbol, el boxeo -sobre todo de la mano de Luis Angel Firpo- ocupa un lugar importante en los procesos aquí descriptos”.

<sup>707</sup> Tradução nossa. Original: “El hecho de Haber sido bautizado como “El Toro Salvaje de las Pampas” tenía que ver con el imaginario europeo e americano de la época. Este imaginario convertía en exóticos no solo a los boxeadores sino a los polistas e incluso a los bailarines y cantantes de tango”.

retornou como ídolo nacional. Já Daniel Fridman e David Sherin (2008), buscaram compreender como o imaginário em torno de Firpo contribuiu para a entrada nos Estados Unidos de outros boxeadores como Justo Suárez e Carlos Monzón. Portanto, antes de destacarmos os documentos da imprensa brasileira sobre o boxe argentino, queremos tratar destes dois temas: o olhar de nacionalistas e socialistas sobre o boxe profissional na década de 1920; e como os norte-americanos construíram um imaginário sobre o pugilismo argentino – e sobre a própria Argentina – a partir de estereótipos sobre Firpo criados pela imprensa.

Como mostramos anteriormente, a experiência de Luís Angel Firpo com o boxe se deu no *Internacional Boxing Club*. Este clube foi criado por socialistas que acreditavam que a prática do pugilismo resultava em “qualidade educacional, potencial para o desenvolvimento harmonioso do corpo, [...] promovia um estilo de vida mais saudável [...] e o espírito de camaradagem e companheirismo” (GUIAMET, 2014, p. 6).<sup>708</sup> Por estes motivos os jovens socialistas consideravam que este esporte podia fortalecer a identidade da classe trabalhadora. No entanto, a partir de 1917 Firpo passou a combater profissionalmente e assim começaram as desavenças entre a imprensa socialista e o futuro ídolo e campeão de boxe.

O jornal *La Vanguardia* foi um órgão oficial do Partido Socialista da Argentina, fundado no ano de 1894. Contudo, somente no ano de 1922, enquanto Firpo realizava diversas lutas nos Estados Unidos, o jornal passou a fazer duras críticas ao pugilismo profissional. Os socialistas reprovavam desde a própria concepção do espetáculo, “bárbaro e pernicioso para a educação popular”, as apostas e o dinheiro envolvidos nas lutas, até a constante exploração dos pugilistas pelos seus empresários (GUIAMET, 2014, p. 10).<sup>709</sup> Após seus embates na América do Norte, Luís Firpo passou a ser considerado um ídolo pela grande imprensa portenha. Neste contexto, os socialistas

---

<sup>708</sup> Tradução nossa. Original: “Este ideário sobre el deporte pareciera haber sido compartido también por socialistas de otras latitudes como señala Otero Carvajal para el socialismo español, al explicar que El deporte fue visto por los socialistas como un medio de canalizar y organizar la energía de la juventud obrera, de promover el espíritu de camaradería y compañerismo”.

<sup>709</sup> Tradução nossa. Original: “Allí aparte de señalar que no podía ser considerado un deporte el boxeo, ya que no tenía relación con ninguna necesidad natural de la humanidad [...] se cargaban las tintas nuevamente contra el carácter empresarial que asumía el espectáculo, donde los boxeadores eran apenas empleados y gran parte del atractivo pasaba por las apuestas, nuevo y poderoso elemento de corrupción del alma popular”.



atacaram não só a imagem de Firpo como “triumfo nacional”, mas também o uso de sua popularidade para reforçar o nacionalismo argentino.

O pugilista Luís Firpo não teve destaque somente em seu país natal como até agora demonstramos. Por ter sido o primeiro lutador latino-americano a enfrentar um campeão mundial de pesos pesados, seu desempenho chamou a atenção da imprensa norte-americana que logo associou seu físico e estilo de combate a qualidades de um “lutador selvagem das planícies argentinas” (FRIDMAN & SHENIN, 2008, p. 185).<sup>710</sup> Assim como irlandeses e afro-americanos, houve uma “construção cultural de um boxeador argentino exotizado, um ideal masculino de força bruta” (FRIDMAN & SHENIN, 2008, p. 181).<sup>711</sup> O imaginário em torno das características do boxeador argentino influenciou também o pensamento que os norte-americanos tinham sobre a Argentina. Em outras palavras, generalizou-se o “argentino” a partir da imagem estereotipada do “pugilista argentino”. Contudo, como os próprios autores salientam “a imagem norte-americana do boxeador argentino [foi] mais uma construção cultural do que uma avaliação realista de boxe praticada pelos argentinos” (FRIDMAN & SHENIN, 2008, p. 183).<sup>712</sup>

Entre 1920 e 1923 Luís Firpo manteve-se invicto, com dezesseis vitórias seguidas e muitas delas nos Estados Unidos. A imprensa acompanhou este percurso de inúmeras conquistas, registrando em suas páginas essa figura “estrangeira, exótica, violenta e etnicamente diferente” (FRIDMAN & SHENIN, 2008, p. 184).<sup>713</sup> A cada vitória, a imprensa comentava como seria o resultado de um embate entre Firpo e Dempsey. Após vencer o ex-campeão Jess Willard, a chamada de “batalha de gigantes”, Firpo se viu mais próximo da maior luta de sua carreira. Os jornais destacavam seus “golpes selvagens [...] seus seis pés de altura e seus cem quilos de peso e força bruta” e imaginavam se Jack Dempsey sobreviveria a peleja (FRIDMAN & SHENIN, 2008, p.

---

<sup>710</sup> Tradução nossa. Original: “el villano bestial dejó de ser el matón del Wild West para convertirse en el peleador salvaje de las llanuras argentinas”.

<sup>711</sup> Tradução nossa. Original: La llegada a este país de varias generaciones de boxeadores promovió la construcción cultural de un boxeador argentino exotizado, un ideal masculino de potencia y fuerza bruta, paralelo al imaginario sobre los boxeadores afroamericanos y de otros países extranjeros”.

<sup>712</sup> Tradução nossa. Original: “La imagen norteamericana del boxeador argentino es más una construcción cultural que una evaluación realista del boxeo practicado por los argentinos”.

<sup>713</sup> Tradução nossa. Original: “La visión norteamericana que sobrevivió del “toro salvaje” refleja la fascinación con el intruso extranjero, exótico, violento y étnicamente diferente”.

185).<sup>714</sup> O empresário Tex Rickard se mostrou muito animado em promover o combate, tanto pelo número da assistência como pelo dinheiro das apostas.

A luta ocorreu em catorze de setembro de 1923, com 75 mil e 712 espectadores lotando o *Madson Square Garden* em Nova York. Jack Dempsey venceu no segundo *round*, mas como a imprensa esperava, provou os violentos e selvagens golpes de Firpo ao cair para fora dos ringues em cima dos jornalistas. Firpo perdeu a luta, no entanto, para os argentinos foi considerado vencedor, já que Dempsey ficou quinze segundos fora do tablado (daí o nome do livro “Segundos Fora” de Martin Kohan) sendo ajudado por jornalistas que cercavam o ringue. O queremos destacar é que as lutas de Firpo no Estados Unidos, e suas próprias características que lhe conferiram o apelido *El Toro Selvaje de los Pampas*, abriram caminhos para outros lutadores argentinos serem aceitos e treinados na terra dos *yankes*.

A luta pelo título de campeão dos pesos pesados “abriu um novo canal entre a Argentina e os Estados Unidos”, mas, além disso, “contribuiu para forjar uma figura-chave na cultura popular americana: a América Latina selvagem” (FRIDMAN & SHENIN, 2008, p. 187).<sup>715</sup> Dos países latino-americanos, a Argentina foi o país que mais enviou pugilistas para os Estados Unidos. Obviamente que essa realidade não pode ser dissociada do próprio imperialismo e intervenção estadunidense na América Latina. Os estilos de boxe argentino e norte-americano estiveram em constante tensão e o pugilismo foi uma boa representação de como esse embate ocorreu culturalmente entre os dois países. Por fim, Daniel Fridman e David Sherin concluem que o imaginário construído em torno da figura de Luís Angel Firpo favoreceu a chegada de novos lutadores argentinos nas décadas seguintes, contudo, estes “raramente se assemelhavam a essa imagem [...] na maioria das vezes eles foram mortos fisicamente e economicamente” (FRIDMAN & SHERIN, 2008, p. 181).<sup>716</sup> Poucos lutadores – talvez

---

<sup>714</sup> Tradução nossa. Original: “Las noticias se concentraron en el tamaño de Firpo –equivalente al de Toro Moreno– como representación de su salvajismo –su metro noventa de altura y sus cien kilos de peso, su fuerza cruda y el inusual tamaño de sus manos y hombros. Grantland Rice consideró a Firpo el contendiente más peligroso que Dempsey había tenido, un “plesiosauro argentino” que “pudo Haber andado por la Tierra en los oscuros días de los confines de la historia”.

<sup>715</sup> Tradução nossa. Original: “[...]anunció las próximas décadas de contacto bilateral en el mundo de boxeo y contribuyó a forjar una figura clave en la cultura popular norteamericana: el latinoamericano salvaje”.

<sup>716</sup> Tradução nossa. Original: “Mientras el imaginario era el de un poderoso extranjero que desafiaba la supremacía del boxeo norteamericano, los boxeadores argentinos en Estados Unidos rara vez se parecían

apenas Justo Suarez e Carlos Monzón, aproximadamente – alcançaram a fama de Firpo e a atenção da imprensa americana.

Chegamos ao momento de mostrar e analisar as fontes da imprensa que destacam a história do boxe argentino. Foram dezoito registros localizados nos jornais *O Imparcial* (RJ), *Correio Paulistano* (SP), *A Federação* (RS) e *Correio do Povo* (RS). Nossa pesquisa centrou-se em investigar o pugilismo em Porto Alegre (e em alguns momentos relacionando com São Paulo e Rio de Janeiro), portanto, não realizamos uma investigação detalhada sobre o boxe latino-americano na imprensa brasileira, mas apenas aproveitamos a pesquisa que estava em curso. Os documentos correspondem aos anos de 1908 a 1912 e 1915 a 1916. O curioso foi que o primeiro registro que encontramos para jornais de Porto Alegre foi justamente de uma luta ocorrida na Argentina em 1908. Aliás, não encontramos em nossa imprensa informações do boxe antes disso, o que nos serviu de parâmetro para pesquisar a história do pugilismo em Porto Alegre/RS.

Em vinte cinco de agosto de 1908 o jornal *A Federação* informou sobre uma luta em Buenos Aires entre o irlandês Willie Gould e o colombiano Alfredo Culpin. Trata-se do mesmo embate relatado anteriormente, que acabou por transformar Gould “no primeiro campeão argentino de todos os pesos” (MARTÍN, 2006, p. 81).<sup>717</sup> Segundo o jornal, Alfredo Culpin “caiu ao solo sem sentidos, pondo sangue pelo nariz e ouvidos. Os jornais daquela capital referindo-se ao fato comentaram a selvageria de tal divertimento”.<sup>718</sup> É interessante que o primeiro registro de boxe que os porto-alegrenses tiveram contato tenha destacado a “selvageria de tal divertimento”. A luta que teve como juiz o *sportman* Jorge Newbery, ocorreu na *Sociedade Sportiva Argentina* e teve como desfecho a queda brusca de Culpin no quarto assalto. O serviço telegráfico de *A Federação*, em nenhum momento destacou que Gould tornara-se campeão argentino, apenas que Culpin “caiu sem sentidos, pondo sangue pelo nariz e ouvidos”.

Assim como observamos em outros países, a imprensa possuiu um importante papel na divulgação dos esportes, contudo, nem sempre apoiou os mesmos. O

---

a esa imagen. La mayoría de las veces eran abatidos física y económicamente en su estancia en Norteamérica”.

<sup>717</sup> Tradução nossa. Original: [...] fue consagrado como primer campeón argentino de todos los pesos”.

<sup>718</sup> Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, Jornal *A Federação*, 25 de agosto 1908.

pugilismo, desde a época das *prize-fighting* inglesas, já era criticado por jornalistas que o achavam brutal e perigoso. Isso também aconteceu no Brasil, levando em conta as nossas especificidades. Alguns jornais apoiavam o boxe, enquanto outros faziam críticas abertas. No caso do registro acima, o jornal *A Federação*, órgão do Partido Republicano Rio-Grandense manteve-se em oposição às lutas profissionais, e apenas quando fatalidades ocorriam os mesmos publicavam alguma notícia para seus assinantes. Ou seja, talvez não por acaso o primeiro documento localizado entre os periódicos porto-alegrenses tenha registrado os resultados refastos da dita peleja.

No ano seguinte *A Federação* publicou sua segunda nota sobre o boxe. Novamente, em destaque o pugilismo argentino. De acordo com o jornal, em catorze de setembro de 1909 ocorreu

num arrabalde da cidade de Buenos Aires, [...] com grande concorrência de espectadores pagantes, uma luta de boxe entre os campeões Gould e Maddau. Ao cabo de alguns minutos este caiu, escalavrado, sangrando. O público entusiasmado carregou o vencedor em triunfo, abandonando na arena Maddau quase morto. A polícia não se mexeu.<sup>719</sup>

Infelizmente, não localizamos referências sobre o pugilista “Maddau”. O que chama atenção foi o teor da notícia publicada pelo jornal por meio de seu serviço de telégrafo. Novamente um boxeador foi deixado “quase morto” na arena, e mesmo com a presença da polícia a notícia não informa se alguém foi preso ou processado. Desde 1903, com a primeira luta oficial de boxe na Argentina, passando pela fundação do *Boxing Club Buenos Aires*, o pugilismo agregava “grande concorrência”. A nova vitória de Gould, ainda no início da peleja, fez com que “o público entusiasmado [carregasse] o vencedor em triunfo”. Willie Gould era de nacionalidade britânica e trouxe sua experiência como pugilista do país que deu origem ao boxe moderno. Gould foi o primeiro grande nome do boxe argentino e manteve seu título por muitos anos (1908-1915).

Em 1910, dois anos depois da primeira luta oficial, o jornal *Correio Paulistano* divulgou um novo combate que “realizou-se na província de Buenos Aires em um *match* entre Gould campeão sul-americano contra Daly, campeão chileno. Saiu vencedor Gould, por quase pontos”.<sup>720</sup> Este confronto ocorreu na cidade *Lomas de*

---

<sup>719</sup> Hemeroteca da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro. Jornal *A Federação*, 14 de setembro de 1909.

<sup>720</sup> Hemeroteca da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro. *Correio Paulistano*, 10 de setembro de 1910.

*Zamora*, município da província de Buenos Aires, no *Cine-Teatro Espanol*. Seu oponente, Joe Daly foi um pugilista norte-americano precursor do boxe no Chile. Anteriormente comentamos que este participou da primeira peleja oficial, em Valparaíso, contra o lutador Frank Jones, também norte-americano. Portanto, a luta entre Willie Gould e Joe Darly pode ser vista também como o primeiro combate entre representantes de Chile e Argentina. Ambos faziam parte do início do boxe sul-americano, quando estrangeiros mantinham os títulos de campeões nacionais.

Estas três primeiras pelejas de Willie Gould foram cruciais para demarcar o lugar do boxe profissional na Argentina. Das três lutas realizadas, duas delas os oponentes saíram feridos (“caiu ao solo sem sentidos, pondo sangue pelo nariz e ouvidos” e “quase morto”). Não há registros que o boxe argentino tenha sido proibido a partir de 1910. Contudo, Gould passou alguns anos lutando na Europa justamente no período em que não há registros sobre o boxe argentino. É provável que o impacto da luta de Johnson-Jeffries, também em 1910, tenha trazido maior repressão ao pugilismo como vemos no seguinte documento:

Diversas – Os cinematógrafos e a polícia: o intendente municipal de Buenos Aires acaba de **proibir a exibição de fitas cinematográficas impressionantes**. Ficou estabelecido que os cinematógrafos, quando tiverem de exhibir um programa que o **submetam, previamente, à censura policial**.<sup>721</sup> [grifos nossos]

As “fitas cinematográficas impressionantes” são referência a filmes de boxe que eram passados nos principais cinemas de Buenos Aires. Essa foi a um experiência vivida, igualmente, em outras capitais da América Latina. No entanto, fica claro que o boxe argentino passou por um período de censura e repressão tanto pelos resultados de embates de Gould – que para a imprensa eram perigosos – como pelo cenário internacional que o pugilismo estava passando. Em 1912, localizamos um combate entre Willie Gould e o francês Charles Legrand, em Paris, onde “no décimo round, Legrand declarou que estava ferido, pois, desde o começo, estava sangrando abundantemente e dando provas de muita coragem. Gould Willie foi então proclamado vencedor”<sup>722</sup> Este registro é importante porque foi o primeiro que apareceu nas *Notas Sportivas* do jornal

---

<sup>721</sup> AJCP, Correio do Povo, 21 de novembro de 1911.

<sup>722</sup> AJPCP, Correio do Povo, 18 de janeiro de 1912.

Correio do Povo. Até 1912, qualquer assunto envolvendo boxe aparecia nos serviços telégrafos ou em Teatros e Diversos, coluna destinada ao entretenimento cultural da capital.

Novas notícias do boxe argentino apareceram na imprensa brasileira somente em 1915. Durante este período algumas companhias de teatro, compondo apresentações de boxe chegaram e saíram de Buenos Aires. Por exemplo, uma *troupe* que possuía atletas de luta romana e de boxe saiu de Porto Alegre em 21 de dezembro de 1909 com destino à Argentina.<sup>723</sup> Já em 1911 o campeão de luta romana Leo Beduino (de origem síria) depois de se apresentar no Teatro Coliseu “seguiu para Buenos Aires pela estrada de ferro”.<sup>724</sup> Estas notas indicam que as lutas – em nosso caso o boxe – ainda ocorriam, contudo, como parte de espetáculos. Depois de Willie Gould o primeiro grande evento de boxe na Argentina foi a chegada de Jack Johnson que, na época, ainda era campeão mundial dos pesos pesados. Segundo o jornal *Correio Paulistano* de 11 de janeiro de 1915:

Boxe. O campeão Jack Johnson. Buenos Aires, 10. Realizou-se hoje nesta cidade, com grande número de espectadores, o anunciado assalto de boxe entre o campeão mundial Jack Johnson e os profissionais Jack Murray e Segundo Guilarecha. Esse encontro efetuou-se na Sociedade de Sportiva Argentina.<sup>725</sup>

Jack Johnson realizava sua *tournee* pela Europa e América Latina desde que precisou deixar os Estados Unidos, acusado pelo crime de tráfico de mulheres. Na Argentina realizou apenas lutas de exibição, vencendo todos seus oponentes. Inclusive Jack Murray que passou por São Paulo, Rio de Janeiro e Porto Alegre e que daremos maior atenção adiante.<sup>726</sup> A passagem de Johnson, no entanto, foi de suma importância para o boxe argentino, pois permitiu que novas pelejas ocorressem naquele ano. Segundo Eduardo Archetti, as lutas de Johnson foram “exposições autorizadas” (ARCHETTI, 2001, p. 97).<sup>727</sup> Assim, significou uma pequena abertura que permitiu que

---

<sup>723</sup> Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro. A Federação, 21 de dezembro de 1909.

<sup>724</sup> AJPCP, Correio do Povo, 30 de novembro de 1911.

<sup>725</sup> Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro. Correio Paulistano, 11 de janeiro de 1915. No mês anterior, mais especificamente em 19 de dezembro de 1914, este jornal já divulgava a vinda do “afamado campeão de boxe”.

<sup>726</sup> Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro. Jornal O Imparcial, 21 de novembro de 1914. Correio Paulistano, 17 de dezembro de 1914.

<sup>727</sup> Tradução nossa. Original: “[...] y la organización excepcional de exhibiciones autorizadas”.

no mês seguinte que o campeão Willie Gould retornasse para a Argentina, onde enfrentou o suíço Gustavo Levene. De acordo com o jornal *A Federação* de 02 de fevereiro de 1915:

Nos últimos dias do próximo mês de fevereiro deverá ter lugar, em Buenos Aires, interessante assalto de boxe entre dois dos mais afamados *boxeurs* da América do Sul. É conhecida a carreira de Willie Gould que depois de uma série de afortunados encontros adquiriu o título do campeão sul americano de todas as categorias. Gustavo Levené contra Willie Gould.<sup>728</sup>

Este registro nos dá a entender que após Johnson deixar a Argentina o boxe passou a ser permitido – pelo menos por algum tempo. Eduardo Archetti (2001) e Javier Guiamet (2014) apenas afirmam que o boxe profissional foi proibido até o ano de 1924, porém, não analisam se dentro desse período (1903-1924) houve momentos de abertura. Os documentos apontam que ao longo das primeiras duas décadas do século XX ocorreram “embates”, fora das cordas, sobre a legalização do boxe. A influência do campeão sul-americano Luís Angel Firpo apenas completou esse processo. Contudo, a popularização do boxe – nacional e internacionalmente – tornou-se inevitável, pois havia um grande público interessado. Por exemplo, apesar de não haver registros de lutas profissionais entre 1910 e 1915 em Buenos Aires, isso não impediu que academias e clubes ensinassem a Nobre Arte. Jack Murray, que comentamos a pouco, era professor de boxe e possuía uma academia “na capital portenha à Avenida Florida, nº 525”.<sup>729</sup>

A abertura ao boxe profissional parece ter se mantido, pois em 1916 o *Jornal Correio Paulistano* divulgou uma nota sobre a chegada de pugilistas de várias nacionalidades (britânicos, norte-americanos e suíços) para um campeonato mundial de boxe na cidade de *Tucumán*. Naquele ano, 1916, *San Miguel de Tucumán* comemorava o centenário do Congresso de Tucumán, onde se havia escrito a Declaração de Independência da Argentina. Para celebrar este evento importante, os lutadores estrangeiros Bob Devere, Tex Kelly, Eddie Kelly, Augie Ratner (norte-americanos), Patrick Bradley (irlandês) e Albert Badoud (suíço) desembarcaram em Buenos Aires em 27 de junho de 1916. Além deles, os afro-americanos Sam Langford, Sam Mc Vea e Joe Jeannette também estiveram presentes. É interessante que estes boxeadores lutaram

---

<sup>728</sup> AJPCP, *Correio do Povo*, 02 de fevereiro de 1915.

<sup>729</sup> Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, *Jornal Correio Paulistano*, 17 de dezembro de 1914.

apenas uma vez na América do Sul, se apresentando somente no Chile e na Argentina. Dois países que no final da década de 1910 já tinham seus próprios campeões: o chileno Heriberto Rojas e os argentinos Elio Plaisant e José Lectoure (fundador do Luna Park, em 1932, o *Madison Square Garden* da Argentina).

\*\*\*

A presença do boxe no Uruguai foi tão remota quanto às demais nações latino-americanas. Em 1847 se registrou espetáculos de ginástica e de boxe realizados pelo Sr. Turner de nacionalidade norte-americana. Provavelmente foram números circenses com participação de palhaços da *troupe* (MAZAITE, 2006, p. 164).<sup>730</sup> É interessante que isso tenha ocorrido em países que após declararem sua independência, estabeleceram relações comerciais – e de dependência - com a Grã-Bretanha e Estados Unidos (DABÈNE, 2003, p. 17). Isso abriu espaço para rotas de artistas europeus e norte-americanos que buscavam público para suas apresentações. Cuba, Chile, Argentina e Uruguai tiveram experiências semelhantes neste sentido: escolas de boxe fundadas por europeus (ingleses, franceses, suíços e belgas) ou norte-americanos, ou ainda apresentações pontuais como parte de espetáculos teatrais ou circenses. Foi assim que tiveram suas primeiras experiências com o pugilismo. No caso do Brasil, como veremos a seguir, apenas na década de 1910 o boxe espetáculo chegou ao país.

O primeiro combate oficial de boxe no Uruguai ocorreu em 15 de agosto de 1876, na *Plaza de Toros de La Unión*. Localizada em Montevidéu, *La Unión* foi fundada em 1855 e com o tempo tornou-se conhecida como a maior arena de touradas do país. Neste lugar se enfrentaram os norte-americanos Gumboath Lewis (Filadélfia) e John Smith (Nova Orleans) (MAZAITE, 2006, p. 164).<sup>731</sup> Em Cuba, a primeira luta ocorreu em 1892, uma exibição entre dois norte-americanos; no Chile, John Budinich realizou suas primeiras pelepas entre os anos de 1900 e 1903; e na Argentina o britânico Paddy Mc Carthy enfrentou o italiano Abelardo Robassio em 1903. Ou seja, percebe-

---

<sup>730</sup> Tradução nossa. Original: “[...] en el establecimiento de gimnasio del Sr. Serino, sito en la calle del Ibicuy, al lado del Teatro del Progreso, un grana salto de box ‘trompis’ acompañado de juegos de ‘clum’ ejecutados por el Sr. D. John Turner de nacionalidad americano”.

<sup>731</sup> Tradução nossa. Original: “El primer match de box realizado en el Uruguay, se efectuó en el ruedo de la Plaza de Toros de la Unión, el 15 de agosto de 1876”.



se que apenas no final do século XIX e início do XX o pugilismo ganhou mais espaço e tornou-se oficialmente praticado. Em todo caso, tratando-se de um embate oficial, parece que o Uruguai foi o primeiro país a sediar um confronto de tal natureza.

Contudo, isso não significou que o pugilismo uruguaio tenha se consolidado antes das demais nações latino-americanas aqui analisadas. Não há registros de lutas profissionais ou de professores que tenham ensinado o pugilismo amador nas décadas de 1870 e 1880. Assim, parece que o combate a pouco referenciado foi um fenômeno pontual. Somente no início de 1890, com a *Sociedad de Gimnasia L'Avenir*, o boxe reaparece ao lado de outros esportes como ginástica, esgrima, atletismo e luta romana. Enquanto Cuba, Chile e Argentina começam a desenvolver o boxe no início do século XX, o Uruguai teve suas primeiras lutas premiadas somente na década seguinte. De acordo com César Jones Mazaite, foi possível perceber três fases para o boxe uruguaio: a época de ouro (1914-1925), a época de prata (1925-1930) e a época da decadência (a partir de 1930) (MAZAITE, 2006, p. 42).<sup>732</sup>

Porém, antes da “época de ouro” César Mazaite já registra que muitos boxeadores tiveram seu primeiro contato com o pugilismo “observando as lutas clandestinas que se efetuavam nos altos da rua *Convención*, onde um grupo de marinheiros lutavam até a morte, nada sabiam de regras, nem minuto de intervalo” (MAZAITE, 2006, p. 253).<sup>733</sup> Assim, uma reelaboração popular de boxe já era visível em Montevideu no início do século XX. Uma espécie de “luta livre” ou o *Rough-And-Tumble*, que mencionamos no capítulo anterior, sustentada por questões de defesa da honra, vingança ou acerto de contas. Não localizamos esse tipo de combate no Chile e na Argentina, apesar de crermos que este foi fenômeno comum e parte da própria constituição do boxe moderno. Mazaite complementa que muitos marinheiros eram

---

<sup>732</sup> Tradução nossa. Original: “[...] que Casalá fue un astro de três épocas de nuestro boxeo, comenzando en la época de oro del pugilismo oriental que comenzaría Allá por 1914 [...] luego pasó a la época de prata [...] pasando luego a su tercera época, la de los 30’s.

<sup>733</sup> Tradução nossa. Original: “[...] Juan Carlos Galindo [...] se despertó su interés observando las peleas clandestinas que se efectuaban en los altos de una finca de la calle Convención, donde un grupo de marineros se trezaban a muerte, y nada sabían de reglas ni minutos de intervalo”.

atraídos por negociantes, que os carregavam de bares ou *casas de mujeres*, próximo ao porto, para lutarem por dinheiro (MAZAITE, 2006, p. 253).<sup>734</sup>

O primeiro nome de destaque do pugilismo uruguaio foi Armando Usher, apelidado de *El flaco*, nascido em Montevideu em 1876. Sua família era de origem irlandesa, tendo aprendido o boxe em Buenos Aires. Entre o final do século XIX e começo do XX, havia dois lugares para se praticar boxe em Montevideu: a *Sociedad de Gimnasia L’Avenir* (1892) e *Asociación Cristiana de Jóvens* (1909). Para essas instituições, o pugilismo tinha “caráter ginástico e personal” (MAZAITE, 2006, p. 250).<sup>735</sup> Cremos que todas as academias listadas por César Mazaitte tenham sido criadas depois de 1912, quando Armando Usher tornou-se campeão sul-americano após vencer o chileno Carlos Day em Santiago (MAZAITE, 2006, p. 36).<sup>736</sup> Este fato pode ter acelerado o interesse pelo pugilismo em Montevideu. Assim como em Cuba, a *Y.M.C.A* possui papel importante na formação do boxe amador no Uruguai, divulgando os valores do amadorismo e da tríade da instituição: o cuidado com a Alma, Mente e Corpo.<sup>737</sup>

César Maizate elenca alguns lutadores que considera os responsáveis pela gênese do pugilismo uruguaio: Armando Usher, Angel Daniel Rodrigues, Juan Carlos Casalá, Federico Siepke e José Pepe Cantore (MAZAITE, 2006, p. 42).<sup>738</sup> Armando Usher perdeu seu título de campeão sul-americano em 1914, num combate de quinze *rounds* contra o chileno Manuel Sánchez. Contudo, continuou lutando até o ano de 1922, quando já estava erradicado na Argentina (Córdoba e Buenos Aires), trabalhando também como professor de boxe no *Jockey Club* e no *Internacional Boxing Club*. Foi treinador de César Brion, de Pedro Quartucci e Luís Angel Firpo (MAZAITE, 2006, p.

<sup>734</sup> Tradução nossa. Original: “En estos “altos de la calle Convención”, donde se daban como en bolsa, tan solo por placer y para aliviarse, ibam muchos marineros llevados por comisionistas que los captaban en los bares de camareras de la Rambla Portuaria y sus alrededores, y en las casas de mujeres de la calle Brecha y alrededores”.

<sup>735</sup> Tradução nossa. Original: “[...] puesto que aquel que se practicaba en la capital en el L’ Avenir, dudada en 1892, y en YMCA-Asociación Cristiana de Jóvenes – en la última década del siglo XIX”.

<sup>736</sup> Tradução nossa. Original: “En 1912 el uruguayo Armando Usher derrotó al chileno Carlos Day en la ciudad de Santiago de Chile, siendo considerado campeón sudamericano de esta categoría”.

<sup>737</sup> A *Asociación Cristiana de Jóvenes* foi fundada no Brasil em 1893 (com o nome de ACM), na Argentina em 1902, em Cuba em 1904, no Uruguai em 1909 e no Chile em 1912. Em Porto Alegre/RS, a ACM surgiu em 1901. A *Y.M.C.A* teve um importante papel na criação de esportes como o basquete, o vôlei e o futsal.

<sup>738</sup> Tradução nossa. Original: “[...] comenzando en la época de oro del pugilismo oriental [...] Ángel Daniel Rodríguez, Armando Usher, José Pepe Cantore, Julio Cezar Fernandez, Federico Siepke”.

37).<sup>739</sup> Com sua trajetória percebemos as importantes relações entre o pugilismo sul-americano e as pontes entre Chile, Argentina e Uruguai. Afinal, Armando Usher nasceu em Montevidéo, tornou-se campeão em Santiago e faleceu em Córdoba.

Os uruguaiois também tiveram seu Heriberto Rojas (Chile) ou seu Luís Angel Firpo (Argentina). Ángel Daniel Rodriguez (1891-1974) foi o grande nome do boxe uruguaio no início do século XX. Amigo de Carlos Gardel, convidado para filmes e para posar para retratos e pinturas, Rodriguez tornou-se popular a partir de 1916 quando foi campeão nacional e um ano depois campeão sul-americano, conquistando o campeonato das mãos do chileno William Day (MAZAITE, 2006, p. 59).<sup>740</sup> No ano de 1918 nocauteou o boxeador Luís Firpo no *Teatro Casino*, em Montevidéo. É verdade que Firpo fazia sua segunda luta como profissional enquanto Rodriguez possuía em seu cartel vinte e sete combates (e apenas duas derrotas, ambas para o norte-americano Jack Murray).

A trajetória de Ángel Daniel Rodriguez no pugilismo havia começado no início da década de 1910. De família humilde, Rodriguez trabalhou na *Cervecería Uruguaya* quando conheceu o francês Carlos Belou, considerado um dos primeiros professores de boxe no Uruguai. Carlos Belou era respeitado por ter sido aluno de Willie Gould em Buenos Aires (MAZAITE, 2006, p.164). A partir de 1911 teve aulas com Belou e foi assim que conheceu o boxe amador. Em 1913, Belou, Rodriguez e outros aficionados fundaram a *Academia Uruguaya de Boxeo*. Junto com a *Montevideu Boxing Club* e a *Sporting Club Uruguay*, foram os primeiros clubes de pugilismo no Uruguai. Foram essas academias que deram início a *Unión de Sociedades de Box del Uruguay*,<sup>741</sup>

---

<sup>739</sup> Tradução nossa. Original: “También enseñó en el Jockey Club, en el International Boxing Club [...] Usher también fue primer profesor de César Brion [...] Pedro Quartucci y al “casi campeón mundial” Luís Angel Firpo”.

<sup>740</sup> Tradução nossa. Original: “El 17 de setiembre de 1917, en Santiago de Chile, Ángel Daniel Rodríguez (Uruguay) derrota William Day por KO en el tercero round, obteniendo el título sudamericano”.

<sup>741</sup> A Federação Uruguaya de boxe é oficialmente de 15 de junho de 1925. Contudo, consideramos que a criação da *Unión de Sociedades de Box del Uruguay*, em 1915, um passo importante para a consolidação do boxe uruguaio. Afinal, entre os anos de 1916 e 1920 foram realizados diversos campeonatos nacionais (em diversas categorias de peso) e os próprios estatutos que deram corpo a futura Federação foram escritos em 1920.

fundada em 1915 e que futuramente tornou-se a Federação Uruguaia de Boxe (MAZAITE, 2006, p. 254).<sup>742</sup>

Pode-se dizer que após a criação das primeiras academias de boxe em Montevidéu, juntamente com o título de campeão sul americano de Armando Usher, em 1912, o pugilismo tornou-se mais popular ao ponto do campeão mundial de pesos pesados Jack Johnson visitar o Uruguai como parte de sua *tournée* pela América do Sul. Em junho de 1915, três dos melhores pugilistas uruguaios foram selecionados para enfrentar Johnson. No início daquele mesmo ano Jack Johnson havia passado por Buenos Aires e nocauteado todos os adversários. Agora enfrentaria Ángel Daniel Rodríguez<sup>743</sup>, José Contatore e Federico Siepke, todos da “época de ouro” do pugilismo uruguaio (MAZAITE, 2006, p. 73).<sup>744</sup> As lutas ocorreram no *Teatro Royal* e foram apenas em formato de exibição (três *rounds*), contudo, contribuíram para divulgar e fortalecer a prática do boxe em Montevidéu.

Talvez seja interessante pensar as lutas de Johnson em Cuba, Argentina e Uruguai de forma comparativa. Qual o impacto desses embates em cada território? O que ocorreu antes, durante e depois do campeão mundial dos pesos pesados – no imaginário popular, o homem mais forte do mundo – ter passado por esses países? É importante lembrar que em Cuba a luta de Johnson foi pelo título mundial. Naquele caso, a luta de Johnson trouxe um impacto financeiro muito significativo para os empresários e promotores (principalmente norte-americanos). Mas após Johnson deixar Cuba o boxe profissional sucumbiu, passando alguns anos depois por uma forte repressão. A luta entre Johnson-Willard foi um grande acontecimento em Cuba, mas não contribuiu para promover e legitimar a luta em si.

A visita de Jack Johnson à Argentina e ao Uruguai ocorreu em outra conjuntura. Em Cuba, pela proximidade com os Estados Unidos, o boxe já estava mais popularizado, com arenas para lutas construídas ainda em 1915. Na Argentina e no Uruguai, Johnson fez lutas de exibição que marcaram a uma nova geração de

---

<sup>742</sup> Tradução nossa. Original: “La Unión de Sociedades de Box de la Federación Deportiva Uruguay fue fundada el 8 de abril de 1915”.

<sup>743</sup> ANEXO 33 – Boxeador uruguaio Angel Daniel Rodriguez.

<sup>744</sup> Tradução nossa. Original: En la misma velada, Johnson realizo una exhibición más, de três rounds com nuestro campeón peso pesado Federico Siepke [...] Em 1915 visitó la ciudad de Montevidéu, y realizo en Teatro Royal, una exhiición de três rounds con nuestro Angel Daniel Rodriguez”.

boxeadores: meninos entre seus dez e quinze anos passaram a lutar boxe depois de assistir pessoalmente o campeão. É o caso de Alfredo Maresca, que nasceu em Montevideu em 1902. De acordo com César Mazaitte, Maresca “se entusiasmou com o boxe aos treze anos ao ter a chance de ver nada mais nada menos que o campeão mundial Jack Johnson, em suas exibições em 1915, no Uruguai” (MAZAITTE, 2006, p. 55).<sup>745</sup> A Argentina o efeito foi parecido: a aparição de Johnson permitiu uma abertura ao boxe que passava por repressão desde as últimas lutas de Willie Gould em Buenos Aires.

No mesmo ano que Johnson passou por Montevideu, surgiu em 8 de abril de 1915 a *Unión de Sociedades de Box del Uruguay*. De acordo com Mazaitte, a *Unión* aglutinou “aquelas academias e clubes empenhados em ensinar e promover o boxe como esporte e defesa pessoal, utilizando exclusivamente os punhos para atacar e braços para se defender” (MAZAITTE, 2006, p. 254).<sup>746</sup> Esta foi uma experiência única, considerando o espaço latino-americano que temos trabalhado. O Uruguai foi o primeiro país que criou uma espécie de comissão, com regras definidas e campeonatos organizados. No caso de Cuba isso ocorreu em 1921, no Chile em 1916 e na Argentina em 1924. Portanto, para os países aqui investigados vemos que entre 1915 e 1924 o boxe tornou-se legalizado, melhor regulado, contribuindo para sua própria consolidação. No caso do Brasil, a primeira comissão de pugilismo apareceu em 1925, no Rio de Janeiro. Contudo, como Federação Brasileira de Pugilismo apenas em 3 de agosto de 1935. Nesse sentido, nos parece importante ter feito o percurso da gênese do boxe na América Latina, pois nos permite compreender o pugilismo brasileiro num contexto mais amplo.

Outro nome importante do pugilismo uruguaio foi Juan Carlos Casalá. Apelidado de *El Brujo*, Casalá nasceu em 28 de dezembro de 1897 e conheceu o boxe ainda criança, quando trabalhava numa fábrica de sombrinhas, “através dos comentários

---

<sup>745</sup> Tradução nossa. Original: “Se entusiasmo con el boxeo a los trece años al tener la chance de ver nada menos que al campeón mundial de todos los pesos Jack Johnson, en sus exhibiciones en 1915”.

<sup>746</sup> Tradução nossa. Original: “aglutinando a aquellas academias y clubes empeñados en enseñar y promover el boxeo como deporte noble y arte de la defensa personal, utilizando exclusivamente los puños y brazos para defender”.

de clientes aficionados a este esporte” (MAZAITÉ, 2006, p. 41).<sup>747</sup> Começou a treinar com quinze anos e em 1916 ganhou seu primeiro torneio de boxe amador na *Asociación Cristiana de Jóvens*. Neste mesmo ano tornou-se profissional e mais tarde conquistou o título de campeão sul-americano de pesos leves. Casalá realizou mais de cento e trinta combates em vários países do mundo: Estados Unidos, Espanha, França, Inglaterra, Alemanha, Cuba Peru e Argentina. Sua trajetória foi muito parecida com outros boxeadores (Andrés Miguez, Jacinto Caballero, etc) que começaram no amadorismo e logo em seguida se tornaram profissionais.

Armando Usher e Angel Daniel Rodriguez fizeram parte da “época de ouro” do boxe uruguaio. Diferente de Usher que foi para Argentina, Rodriguez permaneceu em Montevideu e ajudou a consolidar o pugilismo fundando a *Academia Uruguaia de Boxeo*. Enquanto Angel Rodriguez foi treinado pelo francês Carlos Belou, no *Barrio Aguada*, Federico Siepke ensinava seu pupilo José Contatore no *Barrio Guruyú*. Federico Siepke, ao lado de Armando Usher, teve papel importante no surgimento do boxe uruguaio. Conforme César Maizate, Siepke “construiu no telhado de sua casa, na Rua Pérez Castellanos, um ringue de cordas, suportado por tensores que protegiam os boxeadores para não caírem na rua” (MAZAITÉ, 2006, p. 250).<sup>748</sup> O *Barrio Guruyú* ficava localizado na *Ciudad Vieja*, próximo do porto e do mercado público. Próximo da vida boêmia, Federico Siepke teve como seu aluno o poeta e cantor Juan Pedro López (1885-1945), que se vinculou ao pugilismo e a música. O precário ringue construído por Siepke talvez tenha sido uma tentativa que praticar o boxe fora dos clubes (*L’Avenir* e ACJ), já que nestes locais a luta era usada somente para fins ginásticos.

Logo após a criação *Unión de Sociedades de Box del Uruguay*, surgiram muitos campeonatos de boxe em Montevideu. Federico Siepke, por exemplo, foi o primeiro campeão nacional uruguaio de pesos pesados, título este que obteve em 1916. A *Unión de Sociedades de Box*, buscava “fomentar e difundir a prática do boxe na forma mais saudável e benéfica possível, de acordo com os melhores métodos técnicos e mais

---

<sup>747</sup> Tradução nossa. Original: “Desde niño trabajó en la sombrería Yriart y fue allí donde le entro el interés por el boxeo, através de comentarios de clientes aficionados a este esporte”.

<sup>748</sup> Tradução nossa. Original: “Federico Siepke construyó en la azotea de su domicilio, sito en la calle Pérez Castellanos entre Washington y 25 de mayo, las cuerdas del ring las soportaban unos tensores colocados en los pretilos, que boxeadores no cayeran a la calle”.

recomendáveis”.<sup>749</sup> Isso mostra que a sociedade valorizava a vertente amadora do pugilismo. Entre os diversos artigos de seu estatuto, havia alguns que deixavam claro seu objetivo:

[...] establece as seguintes condições para considerar uma pessoa aficionado ao boxe: a) que cultive esse exercício unicamente por prazer e por benefícios físicos,, morais e intelectuais que lhe pode proporcionar/; b) que não tenha competido por prêmios em dinheiro; c) que não tenha sido professor assalariado de algum esporte; d) que não tenha vendido nem empenhado seus prêmios; e) que não tenha competido como profissional; f) que não tenha recebido dinheiro ou bonificações por treinar ou praticar o boxe; g) que não tenha oferecido sua cooperação esportiva a fins comerciais (MAZAITE, 2006, p. 254).<sup>750</sup>

No início da década de 1910 a linha que separava o amadorismo do profissionalismo era muito tênue. Muitos lutadores chegavam a se envolver no boxe profissional no início de carreira. Contudo, segundo o estatuto não podiam lutar como amadores posteriormente. Exatamente por isso que em 1921 alguns artigos foram alterados, oportunizando “a reabilitação como amador de boxeadores que estavam atuando como profissionais [...] que não tenham lutado em mais de três pelepas por prêmios em dinheiro” (MAZAITE, 2006, p. 255).<sup>751</sup> Essa flexibilidade no estatuto permitiu que o boxe uruguaio se fortalecesse.

Nesta época o *Unión de Sociedades de Box del Uruguay*, junto com a *Federación Argentina de Box* e a *Federación de Box do Chile*, fundaram a *Confederación Sul Americana de Box*. A *Confederación* passou a organização campeonatos internacionais sendo que o primeiro ocorreu em Montevideú, em 1920. O segundo encontro aconteceu no Chile, em 1921, e apenas depois o evento foi sediado na Argentina, em 1923. No caso da Argentina, talvez tenha relação com o fato da proibição do boxe ter sido mantida até o ano de 1924. No que concerne ao Brasil, este

<sup>749</sup> O Estatuto da União de Sociedades de Boxe está disponível no site: <http://www.boxeouruguayo.com/ReglamentosYEstados/EstatutosFUB.htm> Acessado: 14 de novembro de 2017, às 09:36.

<sup>750</sup> Tradução nossa. Original: “establece las siguientes condiciones para considerar a una persona aficionada al box: a) que cultive esse ejercicio únicamente por placer y por los beneficios físicos, Morales e intelectuales que El pueda proporcionar; b) que no haya competido por prêmios em dinero; c) que no sea ni haya sido profesor asalariado de algún deporte; d) que no haya vendido ni empeñado sus premios; e) que no haya competido com profesionales; f) que no haya recibido dinero por concepto de bonificaciones o pago por pérdida de tiempo mientras se entrenaba o practicaba algum ejercicio de los no exceptuados; g) que no haya prestado su cooperación deportiva afines comerciales”.

<sup>751</sup> Tradução nossa. Original: “respecto a la rehabilitación como amateur de boeadores que ya estén actuando como profesionales [...] que no hayan intervenido en más de três peleas por prêmios em dinero”.

acolheu em 1932 o IX Campeonato Sul-Americano de Boxe, no Rio de Janeiro (MAZAITÉ, 2006, p. 255).<sup>752</sup>

Vamos agora nos dedicar a apresentar e analisar as fontes primárias que tratam do pugilismo uruguaio na imprensa brasileira. Localizamos dez registros dos anos de 1910, 1913, 1916, 1918 e 1919, nos jornais *O Imparcial* (RJ), *Correio Paulistano* (SP) e *A Federação* (RS). Trata-se de um período histórico interessante, pois abarca justamente a década de 1910, quando o pugilismo uruguaio inicia sua fase de constituição. O primeiro documento, de 18 de julho de 1910, diz o seguinte:

Uruguai. Censura à municipalidade. Montevideú, 17. Os jornais daqui, em seus números de hoje, censuram, com irritação ridícula, o ato da municipalidade desta capital proibindo a exibição de fitas cinematográficas do combate match de boxe entre Johnson e Jeffries, disputado nos Estados Unidos.<sup>753</sup>

Apesar da década de 1910 servir de referência para o surgimento das academias e da gênese da própria federação, é perceptível que os uruguaios já tinham gosto pelo boxe e desejavam, assim como milhares de pessoas ao redor do mundo, assistir *A Luta do Século*, entre Jack Johnson e James Jeffries. A censura por parte das autoridades municipais apenas acompanhou uma tendência mundial: não incentivar lutas profissionais de boxe, evitando tumultos e embates raciais. A fonte primária também indica que os jornalistas não viram com bons olhos a ação da municipalidade. Em todo caso, mesmo com a proibição da fita, sabemos que neste mesmo ano já ocorriam lutas de boxe. Foi em treze de outubro de 1910, que “o conhecido amador de boxe Federico Siepke aceitou em Montevideú o desafio lançado pelo campeão Lopez para realizar um match de boxe”.<sup>754</sup>

De acordo com César Mazaité, “Federico Siepke foi pioneiro do esporte dos punhos em Montevideú” (MAZAITÉ, 2006, p. 154).<sup>755</sup> Inclusive teve participação na fundação da academia *Montevideú Boxing Club*, uma das primeiras da capital. Suspeitamos, inclusive, que seja mais antiga do que a *Academia Uruguay de Box*, criada por Ángel Daniel Rodrigues. De acordo com o documento acima, o que nos

---

<sup>752</sup> Tradução nossa. Original: “Em 1932 em Latino-Americano de Rio de Janeiro”.

<sup>753</sup> Hemeroteca da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro. Jornal *Correio Paulistano*, 18 de julho de 1910.

<sup>754</sup> Hemeroteca da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro. Jornal *A Federação*, 13 de outubro de 1910.

<sup>755</sup> Tradução nossa. Original: “[...] fue considerado por muchos como uno de los mejores profesores de boxeo que tuvieron aquellos boxeadores pioneros del deporte em Uruguay”.



parece é que Armando Usher e Federico Siepke foram de fato, os precursores do boxe no Uruguai. Suas academias estavam localizadas em bairros diferentes, o que possivelmente tenha causado rixas e disputas entre eles. Lembrando que em 1916 os campeonatos nacionais foram organizados a partir das academias, por isso o nome *Unión de Sociedades de Box del Uruguay*.

Já em 1913, o jornal *A Federação* divulgou a notícia que em Montevideu “inaugurou-se oficialmente um grande ginásio, no campo dos *sports*, que a Comissão Nacional de Educação Física resolveu estabelecer para o público. Todos que desejarem podem praticar esgrima, ginástica artística, luta romana, jogos atléticos e boxe”.<sup>756</sup> Este registro mostra o boxe como um esporte, atrelado a questão do lazer, da saúde e da moral, e que foi o mais incentivado no Uruguai. A própria luta de Federico Siepke, ocorrida em 1910, foi qualidade de “conhecido amador de boxe”. Portanto, o ginásio construído em Montevideu fortaleceu ainda mais a prática do amadorismo, e podemos listá-lo como mais um lugar que oferecia tal vertente.

No ano de 1916, encontramos três notícias no mesmo jornal *A Federação*, que mostram a fama do boxe uruguaio, principalmente por sua organização e investimento na vertente amadora. Assim, em nove de setembro do corrente ano desembarcou em Porto Alegre a Missão Esportiva Uruguaia. Segundo o documento:

Juan Lagomarsino, estudante de engenharia química, campeão nacional por decreto do Poder Executivo, praticará: natação, remo, box, saltos, football e volleyball. Mateo Magarinos Pittaluga, taquígrafo junto ao Senado, footballer. Exibirá em exercícios de box, sendo considerado um dos melhores amadores deste esporte. Campeão de peso *middle wight*. Annibal Tejada, estudante de Escola de Comercio, exímio boxeur, remador e footballer. Bater-se-á com Mateo num match de *box* (5 rounds e 3 minutos cada um).<sup>757</sup>

A Missão Esportiva Uruguaia permaneceu em Porto Alegre por pelo menos duas semanas. Por este período apresentou várias práticas esportivas no Cine-Teatro Coliseu, local que, como já dissemos, incentivou a luta romana e o boxe em Porto Alegre. Os três esportistas eram amadores, Juan Lagomarsino (estudante de Engenharia Química), Mateo Pittaluga (Taquígrafo do Senado) e Annibal Tejada (estudante da Escola de Comércio). Portanto, eram jovens de classe média que desfrutavam de uma vida de

<sup>756</sup> Hemeroteca da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro. Jornal *A Federação*, 09 de abril de 1913.

<sup>757</sup> Hemeroteca da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro. Jornal *A Federação*, 13 de outubro de 1910.

*sportman*, praticando ginástica, natação, remo, vôlei e futebol. Lembrando que a *Asociación Cristiana de Jóvens*, fundada em 1909, foi quem criou alguns esportes de quadra como, futsal, basquetebol e o vôlei. Essas informações são interessantes para caracterizarmos o perfil do boxeador amador uruguaio.

Como já salientamos, o ano de 1916 foi importante para o boxe uruguaio, pois em seguida ocorreu o primeiro campeonato nacional de pugilismo amador. Assim, Juan Lagomarsino, Mateo Pittaluga e Annibal Tejada vieram de confrontos em seu país e puderam repartir com os porto-alegrenses sua experiência com o boxe. Alguns dias depois, Mateo Pittaluga e Annibal Tejada apresentaram no Cine-Teatro Coliseu “um match de box, cinco rounds e três minutos cada um”. Enquanto isso, Juan Lagomarsino desafiou “qualquer concorrente rio-grandense”. Os desafios de boxe em Porto Alegre já eram comuns desde 1912, como veremos no próximo capítulo. Contudo, os primeiros pugilistas a aceitarem tais desafios foram estrangeiros e poucos porto-alegrenses se envolveram neste tipo de duelo. Portanto, comparando com os casos de Cuba, Chile, Argentina e Uruguai, percebemos que os estrangeiros foram de fato responsáveis pelas primeiras demonstrações de boxe em terras latino-americanas.

Dois anos depois, em 1918, uma notícia do jornal carioca *O Imparcial* parece ter andado à contramão de todo o processo de consolidação do boxe uruguaio. Segundo o documento, “Toda a imprensa aplaude a aprovação de um projeto de lei [em Montevideú], proibindo os *matches* de boxe, as corridas de touros e as brigas de galos”.<sup>758</sup> É curioso que tal informação não esteja mapeada por César Jones Mazaitte (2006). Em seu livro não há referências sobre a proibição do pugilismo em Montevideú. Não sabemos se essa repressão foi efetiva, e caso tenha sido, também não sabemos por quanto tempo ela durou. De qualquer forma, observamos que em 1910 a imprensa censurou as autoridades locais por não permitir a exibição nos cinemas da luta de Johnson-Jeffries. Porém, alguns anos depois aplaudiu a repressão ao pugilismo juntamente com “as corridas de touro e brigas de galo”. Como já observamos para outros países, as touradas e rinhadas de galo foram associadas diversas vezes ao boxe profissional, devido a violência e brutalidade de tal prática.

---

<sup>758</sup> Hemeroteca da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro. Jornal *O Imparcial*: Diário Ilustrado do Rio de Janeiro, sábado, 20 de abril de 1918.

Finalmente, localizamos o pugilista norte-americano Jack Murray em Porto Alegre após ter feito sua *tournée* na Argentina e no Uruguai. Jack Murray foi um dos pugilistas que mais apareceu na documentação. Iremos explorar melhor sua trajetória em seguida. Por agora, vale dizer que Riqueldi Lise (2015) o encontra lutando no Rio de Janeiro e Marilita Rodrigues (2006) em Belo Horizonte. De acordo com o jornal *A Federação* do ano de 1919:

Acha-se nesta capital o jogador de box Jack Murray, norte-americano, que em abril 1914 se bateu na cidade de Montevideú com o campeão mundial Jack Johnson sendo vencido apenas por 13 rounds. [...] Murray traz atestados de altas autoridades de Montevideú e Argentina, trabalhará em um dos teatros desta capital devendo executar entre outras provas, uma demonstração de *punching-ball*. Murray está hospedado no Hotel Lagacho e desafia qualquer profissional ou amador que queira bater-se em *match de box*. O Sr. Murray fala o português, estava visitando a redação desta folha e entretendo-se por algum tempo com agradável palestra.<sup>759</sup>

O registro acima reforça algo que temos argumentado ao longo desta seção. O boxe espetáculo, apresentado em formato de exibição em teatros e circos, se mostrou muito importante para que países que desconheciam o boxe tivessem seu primeiro contato. Jack Murray foi um desses pugilistas que aproveitou o processo de modernização e urbanização vivido por vários países da América Latina para divulgar a prática que já era muito popularizada nos Estados Unidos. Com base em informações retiradas do site *Boxing's Official Record Keeper*, Murray realizou sua primeira luta no ano de 1904, em *Los Angeles, Califórnia*. Entre os anos de 1912 e 1914 enfrentou diversos lutadores no Rio de Janeiro, fazendo uma boa campanha.

A estratégia de Jack Murray de mostrar “atestados de altas autoridades de Montevideú e Argentina [Buenos Aires]” além de sua própria luta renhida contra o campeão mundial Jack Johnson, sugere uma tática de apresentar seu currículo e obter maior legitimidade como pugilista. Alguns documentos afirmam que Murray chegou a ser campeão sul-americano, tendo derrotado por nocaute o uruguaio Angel Daniel Rodrigues em 1914. As *tournées* de Murray entre Argentina, Uruguai e Brasil mostram mais uma vez aquilo que temos defendido nesta seção. É impossível analisar o pugilismo brasileiro a partir do próprio Brasil. O boxe foi um esporte itinerante,

---

<sup>759</sup> Hemeroteca da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro. Jornal *A Federação*, 9 de setembro de 1919.

transnacional. A partir da bibliografia especializada e das fontes primárias, notamos que campeões nacionais buscavam peijas foras de seus países. Obviamente esse processo os levava a disputar o Campeonato Sul-Americano de Boxe, ou até mesmo o Campeonato Mundial de Boxe, como no caso de Luís Angel Firpo.<sup>760</sup>

### **3.3 – “As contendias entre cariocas e paulistas fazem sempre grande barulho”: A constituição do pugilismo amador e profissional no Rio de Janeiro e São Paulo (Primeiras décadas do Século XX).<sup>761</sup>**

No início deste capítulo destacamos um trecho do livro *Escritores Revolucionários e Esportistas*, do literato modernista paulista de Paulo Menotti Del Picchia. Uma obra de memórias publicada em 1972, mas que relembra sua juventude, no início da década de 1920, quando o mesmo teve aulas de pugilismo. Esta década, como mostramos anteriormente, tornou o boxe muito popular, principalmente pelos grandes embates de Jack Dempsey contra George Carpentier (1921) e Jack Dempsey *versus* Luís Angel Firpo (1923). Ambas foram disputadas pelo título mundial dos pesos pesados. Este último confronto foi muito representativo para os latino-americanos – e especialmente para os argentinos – que puderam torcer por seu conterrâneo pela primeira vez.

O que queremos salientar é que a década de 1920 foi muito importante para o boxe brasileiro, principalmente pelos primeiros sinais de sua legalização, a partir de regulamentos e de uma federação mesmo em fase embrionária. Menotti Del Picchia não foi o único a procurar clubes de lutas naquele período. Em 1925, criou-se a primeira comissão de boxe no Rio de Janeiro. Igualmente, de forma geral os anos 1920 foram importantes para o boxe latino-americano. O fato de ter sido um argentino a disputar o título mais cobiçado do boxe profissional não foi mera coincidência. Como mostramos na seção anterior, países como Cuba, Chile, Argentina e Uruguai tiveram suas experiências com o pugilismo anteriormente, em meados e fins do século XIX. Por isso, no começo do século XX muitos desses países já possuíam clubes, academias e

---

<sup>760</sup>APÊNDICE 4 – Quadro comparativo sobre a constituição do boxe moderno na América Latina.

<sup>761</sup>Expressão utilizada pelo jornalista esportivo do *O Imparcial*, sobre o primeiro campeonato interestadual de boxe, no ano de 1923. Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. Periódicos, Jornal O Imparcial, Rio de Janeiro, 17 de novembro de 1923.

posteriormente até federações que regulavam o esporte. No Brasil, conforme sustentam Assmann, Carmona e Mazo o processo foi mais lento (ASSMANN, CARMONA & MAZO, 2014, p. 89).

Temos dois objetivos para essa última seção. O primeiro deles é analisar a bibliografia sobre o boxe brasileiro, a partir das referências que temos usado deste o início dessa tese. Queremos compreender a gênese de nosso pugilismo e buscar uma síntese que nos dê base para analisar, problematizar e relacionar com as fontes primárias. Falando nisso, nosso segundo objetivo é justamente este: cotejar os documentos da imprensa escrita, os jornais das cidades de Rio de Janeiro e São Paulo, e perceber o percurso inicial do boxe em terras brasileiras. O fato de optarmos por estudar primeiramente estas duas cidades, as mais populosas e também política e economicamente mais importantes, decorre de pistas que localizamos – tanto pela bibliografia como na imprensa – de que São Paulo e Rio de Janeiro tiveram papel fundamental na constituição e consolidação do boxe brasileiro.

\*\*\*

Nossa intensa procura por bibliografias nos fez localizar setenta e seis obras (acadêmicas e não acadêmicas) publicadas sobre o pugilismo no Brasil. São textos que vão do ano de 1924 a 2016. Nos primeiros dois capítulos, apresentamos algumas porcentagens sobre a história do boxe brasileiro e percebemos que tal assunto não foi contemplado por historiadores profissionais. A maioria dos escritos parte de uma história tradicional, preocupada mais em reproduzir o que já foi escrito, dando destaque aos grandes embates, os nomes dos lutadores e os resultados das pelejas. Nosso objetivo com este trabalho é justamente se apropriar do que já foi escrito, mas confrontar com a documentação existente e, por meio de análise e interpretação, disponibilizar um estudo que ao invés de reproduzir, possa construir o conhecimento, permitindo que objeto em tela possa avançar.

Dos setenta e seis textos encontrados, trinta e três deles (43%) fizeram alguma menção a história do pugilismo brasileiro. Contudo, livros como de Henrique Mateucci (1987), Carlos Alencar (1997), Eduardo Suplicy (2007), Bruno Freitas e Maurício Dehó (2014), dentre outros, abordaram a história do boxe em décadas posteriores ao recorte

feito para esta tese. Assim, em números reais, restaram vinte sete obras, ou 35% do total. Como já mencionamos, muitos pesquisadores optaram por não trabalhar com o início do século XX, possivelmente pela dificuldade de realizar investigações documentais. Além disso, apesar de termos mais de vinte textos que tratem de nosso objeto, sabemos que algumas obras foram mais reproduzidas, a exemplo de Henrique Mateucci (1988), Mário Feitosa, Nívea Leite e Amanda Lima (2006) e Silvia Vieira e Armando Freitas (2007).

É curioso que as primeiras obras escritas sobre o boxe no Brasil não tenham sido nas últimas décadas incorporadas pela bibliografia. Livros como de Taciano de Oliveira e Dirceu de Miranda Rosa (1924), Rodrigues Alves e Coutinho (1929), Tenório de Albuquerque (1939), Mário Ramos (1941) e Waldemar Zumbano (1951) são de extremo valor, pois alguns foram escritos no período em que o boxe brasileiro estava se constituindo. Victor de Melo e Rafael Fortes (2010), ao escreverem sobre o panorama da história do esporte no Brasil, destacam a importância de olharmos cada texto dentro de um contexto específico. Os autores categorizam a história do esporte em cinco fases, mostrando que cada período corresponde a uma geração de pesquisadores: 1) produção pioneira (virada do século XIX para o XX); 2) preocupação com a Educação Física (décadas de 1920 e 1930); 3) aumento da produção sobre o esporte (décadas de 1940 a 1980); 4) inspiração teórica marxista (década de 1980); 5) e, finalmente, o esporte como campo de conhecimento (MELO & FORTES, 2010, p. 18).

Vale dizer que para o boxe essas categorias não se mostraram compatíveis. É isso que queremos mostrar neste momento. A primeira fase, a chamada produção pioneira, tinha por objetivo “preservar a memória [...] escritos por antigos praticantes ou apaixonados pelo esporte que acompanharam de perto o desenvolvimento das modalidades” (MELO & FORTES, 2010, p. 18 e 19). No caso do boxe, vemos este tipo de trabalho somente na década de 1920. O livro escrito por Taciano de Oliveira e Dirceu Miranda Rosa (1924) teve como motivação a luta de Luís Angel Firpo contra Jess Willard:

A razão de ser deste livro, como é bem entender, está na falta de meios que afligia num centro adiantado de esportes como é o Brasil, todo aquele que procurasse, em vernáculo, quaisquer dados sobre o pugilismo, hoje tão difundido, entre nós. Foi por esse motivo que os autores de Pugilismo, desde o combate entre Firpo e Jess Willard, puseram mão a obra no desejo de

satisfazer a curiosidade dos entusiastas do boxe, hoje em número considerável em nosso país, em todos os seus detalhes técnicos e até mesmo sob o ponto de vista histórico (OLIVEIRA & MIRANDA ROSA, 1924, p. 3)

Até onde sabemos esta foi a primeira obra escrita sobre o pugilismo no Brasil. Os autores afirmam que faltava em nosso país um livro que trouxesse “quaisquer dados sobre o pugilismo”. Os mesmos foram impulsionados pela luta de Luís Firpo em 1923. Se o pugilismo chegou ao nosso país no início da década de 1910, vemos somente na década seguinte uma obra publicada sobre a temática. Esportes como o Turfe o Remo já possuíam seus próprios livros: 1893 e 1909, respectivamente (MELO & FORTES, 2010, p. 18). Outra obra neste formato de “produção pioneira” foi de Antônio Rodrigues Alves e R. A. Coutinho (1929). Enquanto o primeiro fora publicado em São Paulo (1924), este foi editado no Rio de Janeiro. Antônio era sobrinho do ex-presidente da República, Francisco Rodrigues Alves. Textos como de Henrique Mateucci fazem referência a sua pessoa como apaixonado pelo boxe e grande apoiador e divulgador de sua prática (MATEUCCI, 1988, p. 14). Na introdução de seu livro, podemos obter algumas pistas sobre suas motivações:

Ao apresentarmos o nosso despretensioso manual de boxe e cultura física, não tivemos absolutamente intenções de preencher lacunas. Queremos apenas induzir a prática do pugilismo e da cultura do corpo por meios práticos, em que o aspirante possa por si mesmo adquirir os conhecimentos necessários para a Nobre-Arte e ginástica, e sem necessitar de auxílio de professores, pois que os que podem ser considerados como verdadeiros conhecedores do *metiér* tem sido infelizmente bem raros entre nós. E assim concatenamos neste manual, todos os ensinamentos que são necessários para que qualquer indivíduo possa fazer uso dos punhos com eficiência e possuir físico perfeito. (RODRIGUES ALVES & COUTINHO, 1929, p. 15)

O livro que serviria de manual de boxe e cultura física tinha por objetivo divulgar o pugilismo numa cidade que já conhecia o jogo do soco desde o início do século XX. Mas, além disso, visava contribuir para a formação daqueles que já estavam envolvidos no boxe. Segundo os autores, “está bastante comprovado que a maioria dos pugilistas surgidos em nosso meio empregam técnica muito rudimentar [...] temos grande quantidade de boxistas, mas de qualidade sofrível” (RODRIGUES ALVES & COUTINHO, 1929, p. 27). Assim, o manual tinha por fim ensinar técnicas de treinamento, ginástica, além de posicionamento e golpes importantes para o boxe científico. Em seguida os mesmos autores afirmam que “o boxe praticado pelos boxistas ganhou em violência e permaneceu estacionado quanto a ciência”

(RODRIGUES ALVES & COUTINHO, 1929, p. 28). Portanto, trata-se de um livro que busca resgatar os preceitos do pugilismo defendidos pela Comissão de Boxe do Rio de Janeiro, criada em vinte e oito de dezembro de 1925. Em outras palavras, o boxe amador.

A obra de Tenório de Albuquerque trilha o mesmo caminho. Publicada dez anos depois, o autor fez parte da equipe que fundou a Comissão de Boxe do Rio de Janeiro. Seu contato com o boxe começou em 1914, “arbitrando combates, o que fiz até 1936, durante vinte e dois anos [...] em 1922 fui secretário da Comissão de Boxe dos Jogos Latino-Americanos” (ALBUQUERQUE, 1939, p. 8). Sua justificativa para ter escrito o livro *Pugilismo*, foi a seguinte:

A Cia. Brasil Editora incumbiu-me de escrever um livro sobre pugilismo. Vinte e tantos anos de atuação constante no jornalismo esportivo, sobretudo no boxe, talvez expliquem a escolha da Cia Brasil em incumbir-me de escrever este livro. Reuni algumas notas minhas, juntei outras de várias procedências, transcrevi uns recordes da “Guia Pugilística” de Buenos Aires, outros de livros franceses e norte-americanos. Não tive a preocupação de apresentar uma obra literária. [...] Aí fica o livro. É uma tentativa levada a efeito numa época em que, contristado, contemplo a decadência do pugilismo aqui, esporte viril, que desenvolve qualidades morais. (ALBUQUERQUE, 1939, p. 8).

Trata-se de uma obra escrita por meio de uma testemunha ocular. Seu texto possui inclusive diversas críticas à equipe diretiva da Federação Brasileira de Pugilismo (de 1939). Segundo Albuquerque, “essa situação de decadência é consequência da desorientação da Federação Brasileira de Pugilismo, que chegou a contar com mais de 300 amadores em atividade, aqui e agora, não tem nem 50.” (ALBUQUERQUE, 1939, p. 8). Tanto Taciano Oliveira e Dirceu Miranda Rosa (1924), como Rodrigues e Coutinho (1929) e Tenório Rodrigues (1939) mostraram certa preocupação com o boxe brasileiro, principalmente com o pouco investimento na vertente amadora.<sup>762</sup> Mas o mais importante foi que os três autores destacados acima fazem parte de uma geração de pesquisadores que viveram o início do século XX, mas que registram apenas informações a partir da década de 1920. Por que as experiências pugilísticas no Rio de

---

<sup>762</sup> Essa preocupação também foi evidente nas crônicas de Amaro Júnior, que afirmava que “em nosso país o pugilismo começou por onde deveria ter acabado: pelo profissionalismo” (AMARO JÚNIOR, 1950, p. 45). As crônicas de Amaro Júnior, no Almanaque Esportivo Rio-Grandense serão melhor exploradas no próximo capítulo. No momento apenas registramos que a questão “amadorismo” versus “profissionalismo” também estiveram presentes no pugilismo brasileiro. Suas relações de constante tensão e conflito já foram abordadas nos capítulos anteriores.



Janeiro e São Paulo no início de 1910 não foram consideradas? Essa é uma questão que queremos abordar com mais cuidado.

O livro de Mário Marques Ramos (1941) já faz parte de outra fase da produção do esporte no Brasil. Ramos era professor da Escola Superior de Educação Física do Rio Grande do Sul e foi contratado pela Editora do Globo para escrever livros sobre diversos esportes, entre eles, o boxe. Seu texto possui um “estudo histórico bem desenvolvido nos padrões de uma abordagem factual” (MELO & FORTES, 2010, p. 19). É um tipo de trabalho que incorpora características da história tradicional. Enquanto os livros anteriores se aproximam do relato memorialístico (testemunha ocular), Mário Ramos já dá destaque a história do boxe (mundial e brasileiro), escrevendo de forma linear os principais acontecimentos do pugilismo.

Finalmente, a obra de Waldemar Zumbano (1951) que, igualmente a Ramos, também se utilizou de uma história tradicional para construir sua narrativa. No entanto, Zumbano pode ser considerado também um aficionado. Irmão de Higino Zumbano e tio de Éder Jofre, Waldemar foi professor de boxe no início da década de 1930. Toda sua família foi envolvida com o pugilismo (ao todo vinte integrantes). Por estar mergulhado no assunto, Zumbano percebeu a escassez de livros sobre boxe e resolver escrever um “modesto trabalho que vai servir à causa de nosso esporte” (ZUMBANO, 1951, p. 3). Segundo o autor:

Há muitos anos já observei a falta de literatura técnico-instrutiva, escrita ou falada, de acordo com a capacidade de compreensão da juventude praticante, em sua grande maioria vinda das camadas pobres da nossa sociedade. Apesar de conhecer, naqueles tempos todos os elementos à execução de um trabalho nesse sentido, não me sentia capaz para tanto, pois o meu grau de conhecimento era muito precário. Não só por isso como também pelo tempo que sobrava depois de trabalhar 10 ou 12 horas, nas mais variadas profissões, seja como ajudante de soldador, seja como pintor, seja como jornalista ou ainda como puxador de uma carrocinha conduzia latas de balas de doce para serem despachadas na estação, e mais um tempinho para meu treinamento. [...] Por isso, nada mais justo levar ao conhecimento de todos os que militam, sob qualquer forma, no nosso pugilismo, os ensinamentos da experiência de uma vida dedicada a ele, por intermédio de um livro, onde procurarei, o mais claro possível, expor tudo que aprendi na existência de nosso boxe” (ZUMBANO, 1951, p. 3 e 4)

O relato sincero de Waldemar Zumbano mostra “a falta de literatura técnica-instrutiva”, contrastada com seu pouco tempo para escrever e paralelamente seu próprio precário conhecimento em relação a história do boxe. Assim como escreveram Taciano

de Oliveira e Dirceu Miranda Rosa (1924), cerca de vinte anos antes, a bibliografia sobre o pugilismo continuou diminuta nos anos posteriores. Essas informações nos permitem afirmar que diferente do que Victor de Melo e Rafael Fortes (2010) escreveram sobre o panorama histórico do esporte, o boxe não acompanhou este mesmo percurso. Nas décadas seguintes, os livros sobre boxe continuaram com uma estrutura muito semelhante: um pequeno resumo da história do pugilismo, lista de campeões mundiais, regulamentos, golpes, etc. Pode-se dizer que tanto a quarta fase (década de 1980) como a quinta fase (a partir dos anos 1990), quando o esporte torna-se campo de investigação, ambas não fizeram parte da historiografia do boxe no Brasil (MELO & FORTES, 2010, p. 20).

Portanto, o fato do pugilismo não ter se tornado ainda um objeto de conhecimento definido a ser investigado e analisado, nos coloca numa situação deveras desconfortável. Aliás, uma experiência que jamais havíamos vivenciado anteriormente. Como se escreve uma tese de doutorado quando seu objeto ainda não foi delimitado e constituído? Confessamos que nossa maior dificuldade foi justamente essa: conseguir caracterizar os limites de nosso objeto. Como mostramos na primeira parte deste trabalho, a bibliografia estrangeira nos permitiu compreender como o assunto tem sido abordado internacionalmente. A partir dessas leituras, entendemos que a história das lutas, do pugilismo em específico, parte de uma inter-relação entre três dimensões: as lutas tradicionais (duelos, conflitos pela honra, vingança, defesa da masculinidade, etc.), os esportes de combate (boxe enquanto prática esportiva, treinamento e ginástico) e o boxe profissional (com apostas, um negócio lucrativo). Assim, consideramos que nosso objeto só pode ser percebido no diálogo dessas dimensões, já que as lutas reguladas ou não, são fenômenos socialmente construídos.

\*\*\*

Diferente do que ocorreu em outros países da América Latina, nossa bibliografia até o momento não localizou com exatidão o período de surgimento do boxe no Brasil. Há muitas afirmações, contudo, sem comprovação documental. Henrique Nicolini, por exemplo, foi o primeiro autor a afirmar que “a chegada do boxe ao Brasil ocorreu no contexto do intenso movimento portuário, que trazia navios ingleses e norte-americanos [...] o boxe era desconhecido no Brasil antes do XX” (NICOLINI, 2001, p. 172). Já

Mário Feitosa, Nívea Leite e Amanda Lima (2006), que utilizaram Nicolini como referência declaram que “a capoeira já predominava quando o boxe surgiu no final do século XIX. Lutar era sempre associado à coisa de capoeiristas e, então, à marginalidade [...] as primeiras exibições de boxe foram feitos por marinheiros europeus” (FEITOSA, LEITE & LIMA, 2006, p. 889).

Assim como Feitosa, Leite e Lima (2006), Victor de Melo também considera que “as primeiras lutas de boxe do país foram realizadas anos finais do século XIX, normalmente em ringues de patinação e circos” (MELO, 2009, p. 83). Contudo, nenhum dos autores acima apresenta dados consistentes da prática do pugilismo no final do século XIX. Porém, no que tange o “intenso movimento portuário que trazia navios ingleses e norte-americanos”, proposto por Nicolini, parece verdadeiramente uma boa pista para compreender a chegada do boxe ao Brasil. Por isso, temos trabalhado com a ideia de que a difusão e recepção do pugilismo em terras latino-americanas ocorreu num contexto específico: a expansão da sociedade de consumo e a recessão do boxe nos Estados Unidos entre os anos de 1910 e 1915, tempo que Jack Johnson detinha o título de campeão mundial de pesos pesados

Portanto, mesmo que alguns autores afirmem que o pugilismo tenha chegado na virada dos séculos XIX e XX, consideramos que foram casos pontuais. Nenhum evento que tenha chamado atenção da imprensa. Semelhante ao que vimos em Cuba, Chile, Argentina e Uruguai: experiências limitadas a treinamentos em clubes e ginásios. No caso de Porto Alegre, o primeiro registro foi localizado em 1908, mesmo ano que Jack Johnson tornou-se campeão mundial de boxe profissional. Obviamente que teríamos interesse em conhecer melhor esses casos pontuais, pois na verdade não são fatos irrelevantes. No entanto, por agora podemos apenas declarar que o início de uma experiência mais concreta do pugilismo deu-se a partir de 1910, conforme os documentos nos permitem inferir.

Um fato muito destacado sobre a gênese do boxe brasileiro (e que a bibliografia tem reproduzido recorrentemente nas últimas décadas) se refere ao primeiro confronto de pugilismo, ocorrido em dezesseis de março de 1913, entre Luís Araripe Sucupira e um “ex-peso pena francês”. Henrique Mateucci considera essa “a primeira data conhecida do boxe brasileiro” (MATEUCCI, 1988, p. 11). A luta ocorreu no Campo da

Floresta, em São Paulo. Sucupira fazia “ginástica ali todas as manhãs e foi logo notado pelos visitantes [...] Suas exibições de ginástica e controle muscular provocaram aplausos” (MATEUCCI, 1988, p. 11). Foi então que um ex-boxeador lhe fez um desafio. Certo que iria vencer, Sucupira aceitou e foi para o ataque com “uma sequencia de golpes fortes, mas desordenados”. O ex-lutador francês “aproximou-se com jogo de cintura, atirou uma série de golpes duros no corpo e completou com um perfeito e potente direto de direita que derrubou oponente e fraturou-lhe o nariz” (MATEUCCI, 1988, p. 11).

O que nos chama a atenção foi a resposta de Luiz Sucupira ao final do combate: só agora entendi que a técnica é mais forte que a força (MATEUCCI, 1988, p. 11). Técnica e força. Duas características muito abordadas ao longo dessa tese, que por várias vezes representavam estilos de luta diferentes. No primeiro capítulo, mostramos que o boxe inglês (as *prize-fighting*) era baseado na força, na resistência aos golpes. Os lutadores permaneciam no “scratch”, uma marca no meio do “ringue”. Vencia quem derrubava primeiro, ou quem aguentava os golpes. Era o símbolo de masculinidade dos ingleses. Já os *sparring-match*, praticados por aristocratas como forma de exercício, baseava-se na ciência e na técnica. Alguns jornais associavam este estilo ao boxe francês.

Mas voltando ao relato registrado por Henrique Mateucci (1988), muitos autores reproduziram – até certo modo concordando – com a história há pouco narrada. Henrique Nicolini (2001), Feitosa, Leite e Lima (2006), Vieira e Freitas (2007), Santos (2009), Assmann, Carmosa e Mazo (2014) e Almeida (2016), todos estes pesquisadores repetiram a história relatada por Mateucci, muito próxima de uma narrativa memorialística. O curioso é que a “primeira data conhecida do boxe brasileiro”, de Mateucci, já havia sido contada por Waldemar Zumbano em 1951:

De acordo com o testemunho de um dos participantes do ocorrido, houve em São Paulo em 1911 – 12 ou 13 um acontecimento interessante sobre o boxe. Estava de passagem por São Paulo um campeão peso pena francês. Alguns curiosos, entre eles os irmãos Ribeiro do Valle, recém-vindos da Europa, aventaram a ideia de realizar lutas de Boxe na antiga Floresta (Campo de São Bento). Convidaram o campeão incógnito e o hoje Dr. Luiz Araripe Sucupira para enfrentá-lo. Foi escolhido o Dr. Sucupira pelo seu físico aprimorado e por ser ele o maior de todos atletas da ocasião. Dr. Sucupira pesava muito mais para o peso do pena gaulês, mas nunca tinha calçado um par de luvas. Foram convidados para assistirem a luta os elementos da Cia. Teatral de Tita Ruffo que na ocasião atuava em São Paulo. Após traçarem no chão um

quadrilátero, com pedaço de giz, teve início a refrega. Sucupira ataca com insistência o francês que bloqueia e esquiva sem golpear. O característico do combate foi assim até o quinto assalto quando o francês acerta um violento soco no nariz de Sucupira. Este, sangrando, enerva-se e abandona a luta. O francês desculpa-se e Sucupira nada quer saber, descalça as luvas e investe sobre o rival. Contido pelos assistentes, Sucupira acalma-se e abraça o francês terminando tudo em harmonia. (ZUMBANO, 1951, p. 22 e 23)

O livro de Waldemar Zumbano, *Boxe ao Alcance de Todos*, não foi citado na obra de Henrique Mateucci. Deve-se levar em conta que seu livro não possui referências bibliográficas. Mas sabemos que Henrique Mateucci era muito próximo dos irmãos Zumbano – Higino e Waldemar. O fato é que o relato de Zumbano (1951) possui alguns elementos interessantes e que não foram descritos por Mateucci. Por exemplo, a luta não ocorreu de forma involuntária. Os irmãos Ribeiro do Valle queriam ver como Luiz Sucupira (brasileiro) se sairia contra o ex-campeão peso pena (francês). Nos parece que a motivação da peleja foi uma disputa de nacionalidades. Outro elemento interessante é que “após traçarem no chão um quadrilátero, com pedaço de giz, teve início a refrega”. Todos estes elementos (conceitos de nação e arcaísmo) contribuíram para se construir com o tempo uma tradição inventada. Não que o evento não tenha ocorrido. O que queremos dizer é ele foi narrado e escrito de forma que ganhou status de tradição (HOBSBAWM, 2008, p. 9).<sup>763</sup>

Pensamos dessa forma porque os textos de Taciano de Oliveira e Dirceu Miranda Rosa (1924), Antônio Rodrigues Alves e Coutinho (1929), Tenório Albuquerque (1939) e Mário Ramos (1941), os primeiros escritos sobre o boxe no Brasil, em nenhum momento relataram tal combate de Sucupira e o peso pena francês. Aliás, todos consideram outros marcos de fundação para o pugilismo: a influência das lutas de Jack Dempsey contra George Carpentier (1921) e Luís Angel Firpo versus Jack Dempsey (1923); a criação da primeira academia de boxe no Brasil, *Brasil Boxing Club* (1923); e a fundação da Comissão de Boxe do Rio de Janeiro, em 1925. Temos aqui, portanto, uma questão interessante para refletir: os primeiros livros não consideraram as experiências com o boxe do início da década de 1910. Os autores viveram o início do século nas cidades de Rio de Janeiro e São Paulo, ou seja, não poderiam desconhecê-las.

---

<sup>763</sup> Segundo Hobsbawm, tradições inventadas são “práticas de natureza ritual ou simbólica, que visam inculcar certos valores e normas de comportamento através da repetição, o que implica automaticamente em uma continuidade em relação ao passado” (HOBSBAWM, 2008, p. 9).

Sugerimos que as experiências da década anterior não haviam sido muito positivas para estes aficionados que abertamente defendiam o boxe amador.

Boa parte da bibliografia a respeito do surgimento do boxe no Brasil se limita a escrever ou sobre a chegada de marinheiros ingleses e norte-americanos nos portos de Santos e Rio de Janeiro, ou sobre o enfrentamento de Sucupira e o ex-pugilista francês, em 1913. Autores como Feitosa, Leite e Lima (2006), apenas para dar um exemplo, tratam o pugilismo novamente somente no ano de 1919, quando o marinheiro carioca Goés Neto realizou várias exibições no Rio de Janeiro. Contudo, perguntamos: haveria o boxe desaparecido entre os anos de 1913 e 1919? Ou haveria o boxe deixado algum vestígio antes de 1913? A tese de Marilita Rodrigues (2006) e a dissertação de Riqueldi Lise (2014) fornecem informações que nos ajudam a preencher estas lacunas. Rodrigues aborda o enraizamento de vários esportes em Belo Horizonte (MG) e Lise analisa as lutas intermodalidades (boxe, luta romana, jiu-jitsu e capoeira) no Rio de Janeiro (RJ).

Riqueldi Lise encontrou notícias internacionais sobre pugilismo na imprensa carioca em 1910. De acordo com Lise, “a partir de 1910 é possível notar que alguns jornais cariocas publicavam com certa constância as lutas ocorridas tanto nos Estados Unidos quanto no continente europeu” (LISE, 2014, p. 49). Como no caso de Porto Alegre, o pugilismo tornou-se tema de importância após o combate entre Johnson e Jeffries em 1910. Seus desdobramentos acabaram de suscitar na imprensa debates em torno a proibição desse esporte violento. Mas a imprensa não era homogênea e boxe amador mostrava-se útil para saúde mental e física dos esportistas.

Assim, não demorou muito para que a capital da República passasse a investir em espetáculos de boxe. Em 1913, àqueles que apenas liam notícias sobre o pugilismo, ou mesmo assistiam fitas cinematográficas, passaram a vivenciar a experiência de assistir de perto um combate de boxe. Os lutadores desse período foram na sua maioria estrangeiros: ingleses, norte-americanos, franceses, etc. Contudo, já havia um *sportman* brasileiro envolvido nas lutas: José Floriano Peixoto. Conforme Lise, “a presença de José Floriano Peixoto nas disputas de boxe, nos primeiros anos da década de 10, foi um dos fatores que favoreceram a relativa popularização da modalidade no Rio de Janeiro” (LISE, 2014, p. 53).

De fato, jornais de Belo Horizonte, Rio de Janeiro, São Paulo e Porto Alegre já traziam notícias dos embates do lutador José Floriano Peixoto. A pergunta que fica é: se Peixoto foi o primeiro boxeador brasileiro, vencendo inclusive diversos estrangeiros, como seu nome se perdeu no tempo? Victor de Melo foi um dos poucos pesquisadores a citá-lo em seu texto. O autor afirma que “o grande nome nacional era mesmo o carioca José Floriano Peixoto, um dos primeiros do país a exibir um corpo forte e musculoso, algo que era motivo de estranhamento para alguns”. (MELO, 2009, p. 83). Igualmente, Marilita Rodrigues também o encontra desafiando lutadores estrangeiros em Belo Horizonte (RODRIGUES, 2006, p. 191). Porém, estes dois historiadores só mencionaram José Floriano Peixoto por seu contato com fontes primárias. Até porque ambos não pesquisam especificamente o boxe, mas o esporte em geral.

A dissertação de Riqueldi Lise é importante para nosso trabalho, porque se aproxima de nosso tema e também de nossos objetivos para essa tese. Queremos apresentar apenas algumas questões abordadas por Lise, contudo, iremos retomar ao seu trabalho mais a frente. No sentido de compreender a organização do boxe durante a década de 1910, Lise destaca que “as negociações referentes ao contrato da luta se deram na redação dos jornais” (LISE, 2014, p. 49). Como não havia comissão nem federação de boxe no Brasil, a gênese do pugilismo se organizava a partir da publicização das lutas pela imprensa. Este fato também foi comum para outras cidades, como São Paulo, Belo Horizonte e Porto Alegre. Outra questão abordada por Lise refere-se aos regulamentos. Ora. Sem uma instituição para cuidar do boxe no Brasil, as regras acabavam combinadas entre os lutadores e os empresários. Para Lise, “é possível notar que alguns itens do regulamento inglês eram negligenciados e algumas regras negociadas entre os envolvidos da disputa” (LISE, 2014, p. 48).

Riqueldi Lise também problematiza o motivo pelo qual pugilistas europeus e norte-americanos, mais experientes e de países mais modernos, teriam interesse em vir para o Brasil. O autor acredita que “tais lutadores já tivessem esgotado suas possibilidades de sucesso esportivo e ascensão social nos seus respectivos países, ou seja, provavelmente tratavam-se de lutadores de segunda linha ou em idade avançada” (LISE, 2014, p. 52). Neste caso, discordamos de tal afirmação. Como já temos mostrado ao longo dessa tese, a chegada da prática pugilística ao Brasil não foi um fenômeno isolado. Ocorreu em outros países da América Latina, dentro de uma conjuntura de

expansão da sociedade de consumo e da recessão do pugilismo norte-americano. Jack Murray, por exemplo, não era um lutador velho, nem de segunda linha, sendo indicado para realizar uma luta de exibição com Jack Johnson na Argentina.

Já sobre a popularidade do boxe no Rio de Janeiro ao longo da década de 1910, Riqueldi Lise afirma que vários fatores contribuíram para que o pugilismo se estabelecesse como espetáculo entre os cariocas. Conforme o autor, o apoio da imprensa na divulgação dos combates, a disponibilidade do Pavilhão Internacional para as pejejas (o principal estabelecimento voltado ao entretenimento do Rio de Janeiro, onde cabiam três mil pessoas), a expressiva presença de ingleses nas lutas, somado com a presença de José Floriano Peixoto, todos estes fatos em conjunto, contribuíram para que a permanência do pugilismo ao longo da década de 1910 (LISE, 2014, p. 52). Mesmo com a morte do boxeador norte-americano Bill Jackson, em combate com Jack Murray, no ano de 1912, a Nobre Arte manteve seu lugar entre os espaços de entretenimento e diversão do Rio de Janeiro (LISE, 2014, p. 58).

A capital da República também presenciou ao longo da década de 1910 diversos campeonatos de boxe, tanto amador como profissional. Portanto, o pugilismo não permaneceu apenas em exibições e apresentações em circos e teatros, mas com o apoio da imprensa e de empresários como Paschoal Segretto, dono do Pavilhão Internacional e grande nome do entretenimento carioca. A partir desse apoio, puderam-se organizar campeonatos com participação de lutadores de várias partes do mundo. Em onze de abril de 1914, por exemplo, ocorreu no Centro de Cultura Física um Campeonato de Boxe Amador de pesos leves. Naquele mesmo mês, o argentino Angel Daniel Rodriguez enfrentou e venceu o norte-americano Jack Murray numa partida de boxe profissional. Esta luta foi muito aguardada e também evidencia que o Rio de Janeiro já fazia parte da rota dos grandes pugilistas latino-americanos.

Waldemar Zumbano chegou a citar a visita de Jack Murray dois anos depois: no Rio de Janeiro, em 1916, um tal Jack Murray que devia lutar em Buenos Aires contra Jack Johnson, que ali se achava, ao aportar na nossa capital federal, realizou exibições (ZUMBANO, 1951, p. 23). É importante salientar que Oliveira e Miranda Rosa também destacaram a passagem de Jack Murray (OLIVEIRA & MIRANDA ROSA, 1924, p. 45). Isso alerta para a importância do pugilista norte-americano Jack Murray, que



realizou lutas no Rio de Janeiro entre os anos de 1913 e 1921. Alguns anos depois, em 1918, ocorreu o Campeonato Brasileiro de Boxe Amador, no Rio de Janeiro, no Teatro Fênix, organizado pelo amador Gustavo Senna. Esses campeonatos, ambos na variante amadora, apontam que o boxe, apesar de não possuir federação, encaminhava-se para tal.

As experiências do boxe no Rio de Janeiro, agora relatadas, não foram mencionadas ou abordadas por qualquer outra bibliografia. Apenas Marilita Rodrigues (2006) e Riqueldi Lise (2014) apontam para o surgimento daquilo que conceituamos como boxe espetáculo, um fenômeno propriamente latino-americano. Fazemos tal afirmação por comparar com a constituição do boxe moderno na Inglaterra e nos Estados Unidos. Nestes países, o pugilismo se formou em meio a guerras, na transição da sociedade militarizada para a regulada, nos conflitos entre aristocracia e burguesia, enfim, o boxe inglês se fortaleceu devido o apoio aristocrático e pelo contexto político da época. Sua perseguição sistemática só se deu em meados do século XIX, na Era Vitoriana, quando a Inglaterra fortaleceu seu aparelho judiciário e criou a política londrina. Ademais, a classe burguesa queria ver a Grã-Bretanha moderna, sem rinhas de galo ou lutas de boxe. Foi nessa época que o pugilismo passou a fazer parte da identidade da classe trabalhadora.

Nos Estados Unidos o boxe inglês também foi reelaborado. No Sul, os moradores da Virgínia, Tennessee, Missouri e Kentucky, possuíam suas próprias formas de lutas. *Rough-And-Tumble* era uma luta tradicional utilizada para resolver conflitos, recuperar a honra perdida ou por vingança. As *prize-fighting* inglesas (onde se usava somente as mãos) eram conhecidas por estes homens, contudo, foram reelaboradas a partir de seus próprios costumes e experiências. Nas colônias do Norte a *Rough-and-Tumble* também foi utilizada por homens como Bill Poole, um líder de gangue em Nova York. O boxe nos Estados Unidos tornou-se uma marca de superioridade racial, mas também de supremacia nacional a partir de John Sullivan. No final do século XIX os Estados Unidos tornaram-se o país do boxe profissional. Sua representatividade se dava tanto nos títulos mundiais ocupados por norte-americanos, como nos milhares de espectadores que assistiam as pelepas nos estados do Oeste como, Nevada, Califórnia e Montana.

Portanto, a forma como o pugilismo foi recebido pelos brasileiros – e latino-americanos em geral - nos parece se aproximar do conceito de boxe espetáculo. Assim, não compreendemos como este importante período (década de 1910) ficou invisibilizado dos primeiros livros de boxe publicados no Brasil. Afinal, tanto o pugilismo amador como o profissional pareciam encaminhar-se para um desfecho satisfatório. Estariam os autores considerando a história do boxe no Brasil somente quando este foi regulado? Em outras palavras, apenas quando passou a ser organizado por uma federação na década de 1920?<sup>764</sup> Se for por isso, nos colocamos contrário a este argumento, já que para entender o pugilismo nos Estados Unidos buscamos compreender as *Roug-And-Tumble*, uma luta tradicional que fazia parte da bagagem cultural dos norte-americanos e certamente foi resignificada com o advento das *prize-fighting* inglesas.

Ao tratar do final da década de 1910, Feitosa, Leite e Lima comentam sobre “Goés Neto um marinheiro carioca que havia feito várias viagens à Europa, onde havia aprendido a boxear, retornou neste ano ao Brasil e resolveu fazer várias exposições no Rio de Janeiro” (FEITOSA, LEITE & LIMA, 2006, p. 890). É curioso que o marinheiro carioca tenha aprendido a boxear apenas na Europa. Onde Góes Neto estava ao longo dos anos 1910? Concordamos que o pugilismo europeu vivia outra fase, sendo mais popularizado e estruturado. No entanto, os autores descartaram a possibilidade do mesmo ter aprendido a boxear através dos vários combates ocorridos no Rio de Janeiro ao longo da década supracitada.

Henrique Mateucci menciona que além de Goés Neto outros indivíduos contribuíram para a chegada do boxe como “outros marinheiros e mais alguns jovens da alta sociedade, que aprenderam boxe na Europa, passaram a praticá-lo e a difundi-lo no Brasil” (MATEUCCI, 1988, p. 13). Entretanto, a partir dessa bibliografia se conclui que o surgimento do pugilismo em nosso país só foi possível por conhecimentos e experiências no estrangeiro, não considerando que os primeiros pugilistas internacionais que estiveram no Brasil ao longo da década de 1910 também pudessem deixar sua

---

<sup>764</sup> Este argumento consideraria apenas o fim do processo de esportivização como objeto. Ou seja, somente quando a prática tornou-se esporte. Como fica evidente no trabalho de Norbert Elias e Eric Dunning (1992), o processo de esportivização é essencial pra compreender o percurso: do passatempo ao esporte.

contribuição. Mas para além das exposições do marinheiro Goés Neto, alguns autores afirmam que o sobrinho do ex-presidente Rodrigues Alves teve papel na divulgação e até na legalização do boxe nos anos 1920.

Mateucci (1988), Feitosa, Leite e Lima (2006), Souza (2006), Vieira e Freitas (2007) e Santos (2009), fazem referência a importância de Antônio Rodrigues Alves para o incentivo do boxe brasileiro na década de 1920. De acordo com Mateucci o sobrinho do ex-presidente “divulgou o [pugilismo] mais que pode em nosso país” (MATEUCCI, 1988, p. 13). Para Feitosa, Leite e Lima, Rodrigues Alves “facilitou a difusão do novo esporte [...] e a luta ganhou a áurea da “legalidade”, de esporte regulamentado” (FEITOSA, LEITE & LIMA, 2006, p. 890). Vieira e Freitas afirmam também que “o sobrinho do então presidente da República [...] influenciou o tio nas políticas voltadas para a modalidade, garantindo assim a difusão do boxe” (VIEIRA & ALVES, 2007, p. 19).

Contudo, parece que as obras acima descritas procuram um fato em especial para explicar o porque do pugilismo ter se estruturado na década de 1920. Colocam que Antônio Rodrigues Alves foi responsável pelo surgimento de academias e pela legalização do boxe, algo que na verdade questionamos. Não encontramos nenhum documento ou bibliografia que fornecesse detalhes desse apoio governamental. Cremos que este discurso foi produzido a partir da obra de Henrique Mateucci (1988), já que os livros anteriores não mencionam a influência de Rodrigues Alves (sobrinho) para o boxe brasileiro. Waldemar Zumbano o referencia, mas como pugilista, ao lado de Goés Neto, Euzébio Máximo e Jaime Santos (ZUMBANO, 1951, p. 23).

No livro de Rodrigues Alves e Coutinho, os mesmos dão destaque “ao grande propagador do boxe no Brasil: o Sr. J. Corrêa que desde 1922, vem se interessando pela definitiva implantação do viril desporto, no ambiente esportivo nacional” (RODRIGUES ALVES & COUTINHO, 1929, p. 23). Mais a frente os autores afirmam que Sr. J. Corrêa foi “homem empreendedor, esforçado [...] o *leader* dos *matches makers* brasileiros” (RODRIGUES ALVES & COUTINHO, 1929, p. 23). Dessa forma, J. Corrêa aparece como grande organizador de espetáculos de boxe profissional no início da década de 1920, no Rio de Janeiro e em São Paulo (RAMOS, 1941, p. 27). Tanto

Tenório Albuquerque (1939) como Mário Ramos (1941) não fazem referência a Antônio Rodrigues Alves.

A primeira academia de boxe do Rio de Janeiro, por exemplo, foi fundada como *Brasil Boxing Club*, em 1923 (RAMOS, 1941, p. 27). Sua fundação ocorreu após diversos combates entre pugilistas internacionais que ocorreram em 1922 no Coliseu Centenário. Lutas, essas, organizadas por J. Corrêa. É curioso que nem o primeiro clube de boxe do Rio de Janeiro e nem o empreendedor J. Corrêa foram contemplados em boa parte das referências apresentadas. O que na verdade comprova mais uma vez que estamos dispendo de bibliografias limitadas no que se refere a crítica historiográfica. Por isso, queremos trazer outros elementos para que possamos compreender o fenômeno pugilístico na década de 1920.

Um fato registrado por três autores e que parece ter tido sua importância na propagação do pugilismo no Brasil (ou pelo menos nas grandes cidades) foi *A Luta do Século* entre Dempsey-Carpentier, o primeiro combate a render um milhão de dólares e a ser transmitido pelo rádio. Tanto Oliveira & Miranda Rosa (1924), como Zumbano (1951) e Nicolini (2001) abordaram este fato. Para Nicolini, “em 1921 com a luta de Jack Dempsey e Carpentier um grupo de jovens tentou novamente introduzir o boxe em um clube” (NICOLINI, 2001, p. 173). Zumbano já dá mais detalhes a respeito, registrando que as exibições ocorreram no Clube Espéria, em São Paulo, o mesmo clube que em 1914 e 1915 tentou constituir um departamento de pugilismo (ZUMBANO, 1951, p. 53). Taciano de Oliveira e Dirceu Miranda Rosa também afirmam que após a luta entre Dempsey-Carpentier “os centros esportivos mais em evidência no Brasil, como São Paulo e Rio de Janeiro, se sentiram impressionados com o vulto considerável que vinha tomando, no mundo inteiro, a prática do pugilismo” (OLIVEIRA & MIRANDA ROSA, 1924, p. 44).

Lembramos também do impacto da luta entre Jack Johnson e James Jeffries em 1910. Na América Latina este combate chegou de forma paradoxal. Ao mesmo tempo que muitos promotores, pugilistas estrangeiros e até o próprio Johnson, passaram a considerar a América do Sul como um lugar viável para promover lutas de boxe, os desdobramentos do embate racial de 1910 trouxeram proibição a exibição de fitas cinematográficas de boxe, além de intensa crítica por parte da imprensa. Contudo, como

temos mostrado até aqui, este período tornou-se o marco para o surgimento das primeiras experiências do pugilismo no Brasil. A influência das lutas na sociedade de consumo podem ser percebidas no seguinte relato de Henrique Mateucci

Havia um episódio pitoresco, que dera origem ao interesse deles pelo boxe[da família Jofre]. Em 1926, três anos depois da célebre luta entre Angel Firpo e Jack Dempsey, Higino leu uma reportagem sobre o histórico acontecimento e reagiu como se o combate tivesse sido realizado na noite anterior...Pai! o senhor viu que os americanos fizeram com o Firpo? O velho Salvador Zumbano olhou por cima dos óculos e Higino leu para ele ouvir: com a arremetida de um touro selvagem, Firpo atirou o campeão por cima das cordas. Dempsey caiu tonto sobre a mesa dos jornalistas e ali teria ficado se pelo menos dez mãos e o próprio árbitro não o ajudassem a voltar ao tablado. Nem sequer ouviu contagem. Foi o mais esbulho da história do boxe. [...] E no entanto tratava-se apenas de uma reportagem retrospectiva, pois que o mesmo Dempsey acaba de perder o título mundial para Gene Tunney [...]E já no dia imediato os garotos conseguiram, ninguém sabe como, dois ou três pares de luvas. Higino como aprendiz de tapeceiro, não teve dificuldade em fabricar um saco de areia e a punching-ball. A academia foi instalada no quintal dos Zumbano e desde então, através de toda a vida, Dona Maria Zumbano não teve mais sossego. Para começar, ninguém batia na porta. Enxames de garotos e garotas invadiram a casa a qualquer hora do dia ou da noite, já de calções e tênis, prontos para os treinos. Com o tempo, até o velho Salvador entrou na brincadeira e de repente a população inteira da cidade pôs-se a sonhar com o título mundial (MATEUCCI, 1978, p. 35 e 36)

O excerto acima mostra com detalhes como a luta entre Jack Dempsey e Luís Angel Firpo influenciou o surgimento da prática do boxe em uma cidade do interior de São Paulo. Cremos que foi uma experiência compartilhada por outros jovens e outras cidades ao redor do Brasil. Por isso, destacamos a força e o impacto das lutas – e sua divulgação no cinema, nos jornais e no rádio – de forma que imaginamos que o mesmo tenha acontecido com a peleja de 1921. Por isso, este fato torna-se importante para a divulgação do boxe, entretanto, o mesmo nem sempre foi incorporado pela bibliografia aqui analisada. Aliás, é possível que o próprio empreendedor J. Corrêa tenha aproveitado o *boom* do pugilismo na imprensa e organizado combates de boxe no ano seguinte.

Portanto, cremos que as lutas de Jack Dempsey, campeão mundial de pesos pesados entre os anos de 1919 e 1926, tenham ajudado a popularizar o boxe no Brasil. No capítulo anterior mostramos como os empresários de Dempsey construíram sua imagem, a partir de elementos como masculinidade, nacionalidade, virilidade e ferocidade. Os nocautes de Dempsey no primeiro *round*, por exemplo, são apenas uma amostra disso. Não foi à toa que Dempsey tornou-se ator de cinema e casou com uma

*socialite*. Ele tornou-se um símbolo da sociedade de consumo da década de 1920. Foi dessa forma o boxe foi novamente adorado pelos norte-americanos. E foi assim que ele foi difundido com força no Brasil.

A partir de 1921, alguns clubes esportivos como o Espéria passaram a organizar departamentos de pugilismo (VIERA & FREITAS, 2007, p. 19). Contudo, o boxe profissional acabou tomando mais espaço neste início de década. De acordo com Waldemar Zumbano, “homens, tanto empresários como boxeadores [...] praticavam esse esporte, objetivando exclusivamente o lucro [...] a aventura e a excessiva ganância foram o início do nosso pugilismo” (ZUMBANO, 1951, p. 23). Diferente de países como Argentina e Uruguai, que buscaram o amadorismo para criar condições técnicas para seus lutadores, o Brasil preferiu as lutas premiadas. Não que isso tenha sido uma decisão homogênea entre os aficionados. Porém, na queda de braço entre amadorismo e profissionalismo na década de 1920, venceu o último. Quando na imprensa localizamos discursos de selvageria e civilização, como dois polos opostos, normalmente estes discursos estavam vinculados a um debate sobre profissionalismo *versus* amadorismo.

Taciano de Oliveira e Dirceu Miranda Rosa também destacaram o início do boxe profissional no Brasil. Para estes autores, a partir de 1922 ocorreram em São Paulo e no Rio de Janeiro, “contendas entre amadores e profissionais, com impulso notável, mas que confessemos, obedecia ainda exclusivamente o fito da renda pecuniária (OLIVEIRA & MIRANDA ROSA, 1924, p. 45). Para Mário Ramos, o mesmo ano de 1922 é referência para o início da organização do pugilismo em nosso país: só neste ano é que foi iniciada uma tenaz campanha para sua introdução no âmbito nacional, em grande parte devida a Tenório de Albuquerque e J. Corrêa” (RAMOS, 1941, p. 27). Assim, fica evidente que a luta de Dempsey-Carpentier deixou seus frutos. O ano de 1922 parece ter sido bem ativo para o boxe brasileiro. Mais uma vez o nome de J. Corrêa é associado a organização de combates e divulgador do pugilismo no Rio de Janeiro e São Paulo. Dessa vez, o futuro fundador da Comissão Carioca de Boxe, Tenório de Albuquerque, aparece como incentivador do pugilismo;

O ano seguinte foi um marco para a história do boxe brasileiro. Em vinte e seis de julho de 1923 foi fundada a Comissão de Boxe de São Paulo, futura Federação Paulista de Pugilismo. A união de vários clubes como Palestra Itália, Paulistano,

Sociedade Brasileira de Pugilismo e *São Paulo Boxing Club* permitiram a instituição da primeira comissão de pugilismo no Brasil (NICOLINI, 2001, p. 174). Neste mesmo ano foi criada no Rio de Janeiro a primeira academia de boxe: a *Brasil Boxing Club* (FEITOSA, LEITE & LIMA, 2006, p. 890). Neste momento, fica claro a nossa escolha em querer compreender como se organizou o boxe em São Paulo e Rio de Janeiro. Foram duas cidades muito expressivas nas lutas, tanto na criação de clubes como na busca da legalização do pugilismo. Lembrando que a primeira academia em Porto Alegre, a *Southern Boxing Club*, foi criada em 1926. E até onde sabemos não houve comissão de boxe em Porto Alegre, apenas a Federação Rio-Grandense de Pugilismo, de 1944.

Outro elemento que contribuiu para o surgimento do boxe no Brasil no início da década de 1920 foi a chegada de treinadores experientes do estrangeiro. De acordo com Éderson Santos, “até 1923 os treinadores eram improvisados. A situação mudou quando Batista Bertagnolli estabeleceu-se, em 1923, como organizador de lutas no *Club Espéria* em São Paulo” (SANTOS, 2009, p. 16). Feitosa, Leite e Lima complementam que “Batista Bertagnolli havia aprendido boxe na Europa [...] e com seus conhecimentos criou um controle de qualidade nas lutas realizadas todos os domingos naquele importante clube da cidade” (FEITOSA, LEITE & LIMA, 2006, p. 890). O “controle de qualidade nas lutas”, da parte de Bertagnolli, ajudou a minimizar o discurso de que no Brasil o boxe era violento, selvagem, ausente de ciência e técnica (OLIVEIRA & MIRANDA ROSA, 1924, p. 44).

Além de Bertagnolli, outro treinador vindo da Itália foi Celestino Caverzasio. De acordo com Tenório de Albuquerque, “quando o sr. Celestino Caverzasio veio para o Brasil já era um *manager* e um técnico de prestígio na Argentina e na Itália [...] em São Paulo instalou duas academias e chegou a ter mais de 100 pugilistas sob seu comando” (ALBUQUERQUE, 1939, p. 105). Os grandes nomes do boxe brasileiro das décadas de 1920 e 1930 foram treinados por Celestino Caverzasio: Ítalo Hugo, Antônio Rodrigues, Kid Pratt, Peter Johnson, Atílio Lofredo, Chico Sangiovani, dentre outros (ZUMBANO, 1951, p. 24). Para fechar o ano, foi produzido o primeiro curta metragem documental sobre boxe, com a preparação de dois lutadores para um combate que ocorreria em São Paulo. O curta metragem *Lage versus Scaglia*, é significativo porque sabemos da importância do cinema para a divulgação do boxe no Brasil. Neste caso, foi a primeira

vez, desde os primeiros filmes de pugilismo exibidos nos cinemas das grandes cidades brasileiras, em 1908, que a película foi produzida nacionalmente (MELO & VAZ, 2006, p. 150).

Em relação ao ano de 1924, o fato mais retratado pela bibliografia foi a luta entre José Benedito “Ditão” contra o campeão europeu, Ermínio Spalla.<sup>765</sup> Foi um combate muito divulgado pela imprensa e no dia da peleja cerca de vinte mil pessoas cercaram o ringue. Foi a luta mais rentável até aquele momento: cento e vinte contos de réis (MATEUCCI, 1988, p. 19). Mas o que tornou este combate tão significativo? Quais sentimentos estavam ali envolvidos? Qual o impacto dessa luta para a história do pugilismo brasileiro? José Benedito possuía vinte anos e era soldado da antiga Força Pública de São Paulo (MATEUCCI, 1988, p. 19). Começou seus treinamentos em 1922, orientado pelo italiano Adriano Delaunay, instrutor da *International Boxing Club* e da *Braz Boxing Club* (OLIVEIRA & MIRANDA ROSA, 1924, p. 48).

Benedito possuía muitas qualidades como pugilista. De acordo com Henrique Mateucci, “seu murro tinha força devastadora de um vendaval e o poder de impacto de uma banana de dinamite” (MATEUCCI, 1988, p. 19). Sua rapidez em aprender em golpes e esquivas, o fez estrear como lutador profissional em 1923, contra Laurindo Armando. O combate durou menos de um minuto e Benedito arrancou com uma vitória em cima de um veterano nos ringues. Sua segunda peleja foi contra “o tchecoslovaco Frank Rose, do Clube Palmeiras, na Ponte Grande, em São Paulo. Rose era ainda mais experiente que Laurindo Armando” (MATEUCCI, 1988, p. 19). Ditão venceu sua segunda luta, derrubando facilmente seu oponente que “caiu duro e começou a soltar sangue pela boca e ouvido” (MATEUCCI, 1988, p. 19). O terceiro combate foi contra o alemão Walter Tauwel, tendo ganhado novamente no primeiro *round*.

As três vitórias de José Benedito no primeiro assalto, renderam a imprensa a possibilidade de explorar uma possível luta contra um campeão mundial. O pugilismo brasileiro estava se consolidando e faltava um título como este para alavancar ainda mais o esporte. Naquele momento estava na Argentina o campeão europeu Ermínio Spalla, para uma luta contra o campeão sul-americano Luís Angel Firpo. Spalla possuía

---

<sup>765</sup> Todos estes autores dão destaque as consequências da luta entre Benedito dos Santos x Ermínio Spalla: ZUMBANO (1951), MATEUCCI (1988), FEITOSA, LEITE & VIEIRA (2006), VIEIRA & FREITAS (2007), SANTOS (2009).



em seu cartel quase quarenta combates (SANTOS, 2009, p 17). Contudo, os triunfos de Benedito nos ringues mexiam com o imaginário popular e principalmente com o patriotismo dos brasileiros. Ditão havia apenas três lutas, possuía muita força, porém, lhe faltava técnica. Assim, Spalla “bateu muito na linha da cintura e na cabeça. Demoliu aos poucos, sem jamais se descuidar. [...] Ditão caiu no assalto número nove de uma louca aventura” (MATEUCCI, 1988, p. 22). O imenso esforço de Benedito dos Santos para permanecer em pé durante o combate lhe custou um derrame cerebral.

A morte de um pugilista em ringues brasileiros já havia ocorrido no Rio de Janeiro em 1912, contudo, a vítima foi um boxeador estrangeiro. Nenhuma das referências bibliográficas utilizadas registrou tal fatalidade. Apenas no trato com os documentos da imprensa escrita, como jornais de São Paulo e Rio de Janeiro, ficamos sabendo desse fato. Por este motivo, logo em seguida iremos apresentar e analisar fontes primárias que possam nos dar mais características do pugilismo brasileiro na década de 1910. Contudo, vamos agora finalizar o caso de Benedito dos Santos. Quais foram consequências de sua derrota? Alguns autores como Feitosa, Leite e Lima relacionam tal perda com a proibição imediata das lutas profissionais em São Paulo (FEITOSA, LEITE & LIMA, 2006, p. 890). Portanto, entre onze de maio de 1924 e abril de 1925, o boxe permaneceu sendo praticado somente em academias e clubes, mas sem exposições públicas (MATEUCCI, 1988, p. 23).

Nas últimas páginas, temos buscado compreender o estado da arte da história do pugilismo no Brasil. Os trabalhos de Marilita Rodrigues (2006) e Riqueldi Lise (2014) dão destaque a um período praticamente invisibilizado até o momento: a década de 1910. Ao mesmo tempo, são únicos autores que apresentam referências bibliográficas, enquanto outros textos se baseiam em discursos memorialísticos. Este é um fato que precisamos dar maior atenção: a falta do uso de fontes primárias no que se refere a pesquisas sobre o ao boxe no Brasil, acaba por deixar muitas lacunas e diversas perguntas sem respostas. Por este motivo, queremos realizar no momento um exercício que possa nos ajudar aprofundar alguns elementos que foram abordados minimamente, ou que se quer foram mencionados. Utilizaremos os jornais *Correio Paulistano* (SP), *A Gazeta de São Paulo* (SP), *A Época* (RJ), *Correio da Manhã* (RJ) e *O Imparcial* (RJ), entre os anos de 1910 e 1924, tanto de São Paulo como do Rio de Janeiro, por meio da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro.

\*\*\*

As fontes primárias são a matéria prima do historiador. Apresentá-las é o primeiro passo. Em seguida é preciso interpretá-las, analisá-las e relacioná-las com as informações já obtidas pela historiografia. Nossa incursão entre a imprensa carioca e paulista busca possibilitar uma visão mais profunda e detalhada sobre os primeiros vestígios do pugilismo no Brasil. Por meio desses documentos percebemos que o boxe brasileiro foi mais antigo do que até agora as referências indicavam. Não estamos afirmando que o pugilismo se consolidou ou que tenha se popularizado no início dos anos 1900. Como sabemos, o percurso do boxe em nosso país passou por fases de altos e baixos, por motivos que já destacamos e outros que iremos apresentar a partir de agora. Contudo, antes queremos oferecer ao leitor algumas informações sobre o Rio de Janeiro do início do século XX.

Na primeira seção desse capítulo apresentamos uma breve trajetória de alguns esportes nas cidades de São Paulo e Rio de Janeiro. Lembramos que para o caso da capital federal, as duas experiências mais significativas foram o turfe e o remo (MELO, 2010, p. 20). Estas duas práticas foram destacadas por Victor de Melo por representarem mudanças no comportamento dos cariocas ao longo do século XIX e início do XX. O turfe preservava o *ethos* aristocrático e simbolizava o lazer dos latifundiários do café. Já o remo valorizava os exercícios físicos, a higiene e o cuidado com o corpo, e era praticado por jovens que haviam estudado na Europa. Um bom exemplo dessa transição foi o caso de José Floriano Peixoto, um verdadeiro *sportman* envolvido em atletismo, remo, luta romana e boxe. Possivelmente seu pai, o ex-presidente Marechal Floriano Peixoto, não era afeito a estas mesmas práticas.

As lutas de boxe no Rio de Janeiro não podem ser dissociadas do cenário mais amplo de transformações políticas, econômicas, sociais e culturais. A capital federal era “sede do governo, centro cultural, maior porto, maior cidade e cartão de visitas do país, atraindo tanto estrangeiros como nacionais” (SEVCENKO, 1998, p. 522). Possuía também a maior rede ferroviária nacional, era sede do Banco do Brasil e o terceiro porto mais importante da América, ficando atrás apenas de Nova York e Buenos Aires (SEVCENKO, 2003, p. 39).

Com essas condições, o Rio de Janeiro tornou-se espaço privilegiado de recepção e reelaboração de práticas modernas. Referimos-nos a uma variada gama de inovações que mudaram seu cenário social: largas e bem iluminadas avenidas, bonde elétrico, cinemas, teatros, etc. E juntamente com todas essas novidades veio a febre esportiva. Para Gilmar Mascarenhas de Jesus, “os esportes modernos adquiriram tal pujança na sociedade justamente por responderem prontamente a certas demandas historicamente determinadas” (MASCARENHAS, 1999, p. 18). Em outras palavras, a prática esportiva e o cuidado com o corpo faziam sentido no contexto de uma sociedade que queria esquecer de seu passado colonial português e se alinhar a cultura estrangeira (leia-se francesa, americana e/ou inglesa)

Nicolau Sevcenko alerta que as transformações econômicas e materiais, que foram fruto de sua inserção no mercado internacional, influenciaram o comportamento e a mente dos cariocas do início do século XX. E que num primeiro momento os novos recursos técnicos acabaram por desorientar, intimidar, perturbar, confundir, distorcer e alucinar a população (SEVCENKO, 1998, p. 516). Ou seja, não se conhecia essa “aceleração em escala sem precedentes do ritmo de vida da sociedade carioca” (SEVCENKO, 2003, p. 38). O autor elenca que o cinema alterou a sensibilidade da população, pois acelerava comicamente o movimento. De acordo com Sevcenko, “não poderia haver uma metáfora mais adequada para o pandemônio da modernidade que se abateu sobre o mundo” (SEVCENKO, 1998, p. 557).

O surgimento dos bondes elétricos e dos automóveis também resultou na mudança da dinâmica do espaço urbano e no cotidiano dos transeuntes. A velocidade era uma característica que vinha de mãos dadas com a modernidade. Conforme Nicolau Sevcenko, “esse espírito de quem sai à rua entre cauteloso e alarmado, imaginando que estará sempre na iminência de cortar o caminho para o necrotério, tornou-se uma espécie de segunda natureza do transeunte moderno” (SEVCENKO, 1998, p. 550). Portanto, é preciso pensar o entretenimento em circos, teatros, cinemas e a própria chegada dos esportes no início do século XX como elementos que surgem de um mesmo contexto. É a partir dessas breves reflexões que queremos compreender o gênese do pugilismo no Rio de Janeiro.

Além da inexistência de análise de fontes primárias na bibliografia sobre o boxe brasileiro, sentimos falta também de associar o pugilismo a demais lutas praticadas na época. Riqueldi Lise (2014) foi o único auto que tratou do fenômeno das lutas intermodalidades. Para Lise, o início dos esportes de combate foi precário e sem normatização, causando uma mistura entre os diferentes tipos de lutas. Ou seja, não havia profissionais dedicados somente ao boxe ou a luta romana. Os lutadores se apresentavam em diferentes modalidades, sem a preocupação de se dedicar a uma especificamente.

Observando as fontes primárias, percebemos que para entender a história do boxe é preciso relacioná-lo com as demais lutas do período: luta romana, capoeira e jiu-jitsu. Algo que nos interessa desvendar foi como o boxe foi reelaborado e incorporado pelas classes populares. Se o boxe estava na boca do povo, exibido em cinemas e apresentado em espetáculos ao vivo, cremos que com o tempo a prática tornou-se popularizada. Assim, como as tensões do cotidiano, os conflitos de rua, os ajustes de contas incorporaram técnicas ou mesmo o imaginário do pugilismo?

Feitas as perguntas acima, vamos agora demonstrar os documentos da imprensa carioca. Vamos começar com o primeiro registro sobre luta romana encontrado no jornal *Correio da Manhã*, do ano de 1901. Na coluna *Correio dos Teatros*, nos chamou atenção uma sessão cinematográfica com o seguinte conteúdo: o programa para hoje [...] 2º sessão – Meninos Vadios; Mala Misteriosa; O alquimista; De dois um; Danças Russas; Luta Romana entre mulheres.<sup>766</sup> É importante salientar que a luta greco-romana foi uma das modalidades esportivas presentes nos Jogos Olímpicos de Verão de 1896, na Grécia. Por isso, cremos os primeiros Jogos Olímpicos da Era Moderna tenham influenciado a produção de filmes para o cinema. O boxe só apareceu nas Olimpíadas em 1904, nos Estados Unidos.

Mas as lutas greco-romanas não permaneceram somente no cinema. Em agosto do mesmo ano de 1901, um fato foi narrado no jornal *Correio da Manhã* sobre um embate entre de *luta greco-romana* ocorrido nas ruas do Rio de Janeiro. Segundo o jornal,

---

<sup>766</sup> Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro. Jornal *Correio da Manhã*, 16 de julho de 1901.

Luta Romana... Armando Ferreira Monteiro e Barnabé de Deus das Neves, dois homens possantes e inclinados aos jogos olímpicos. Ontem à noite, na rua General Câmara, isto sem prévio aviso ao público, razão por que era pequeno, o número de assistentes. –**Canalha, Bandido!** – Tal qual como na Câmara – **foi o sinal dado pelo Armando para que tivesse começo a luta. Depois de ligeiras contrações dos músculos pegaram-se os rivais** sendo em pouco tempo derrotado Armando. Nesta ocasião, um dos assistentes, Etelvina Maria da Conceição, **interveio na contenda** e, como fosse um juiz não convidado para exercer aquelas funções, Armando a agrediu ferindo-a. Sendo já de três o número dos feridos, **a polícia não consentiu na continuação do divertimento**, prendendo os lutadores que foram levados à 3º Delegacia urbana onde diversos espectadores assinaram o flagrante. Etelvina, Armando e Barnabé que apresentavam ferimentos submeteram-se a exame de corpo de delito. **Os artistas foram muito felicitados e cumprimentados no xadrez.**<sup>767</sup> [grifos nossos]

Fica evidente que o cronista usou um tom satírico para narrar um conflito entre populares no centro do Rio de Janeiro. Por isso utilizamos acima a expressão em negrito. A luta greco-romana era muito considerada e elogiada por seus golpes. Segundo um jornalista do sul, “a luta romana permite em seu decurso certas combinações que revertem numa empolgante beleza de linhas, evocadora de grupos marmóreos talhados por um cinzel maravilhoso”.<sup>768</sup> Poderia a “empolgante belezas de linhas” fazer parte de um resolução de conflito entre dois homens comuns? Duas coisas nos interessam no excerto acima: primeiro, o uso da metáfora da luta greco-romana como forma de linguagem aos leitores do jornal; segundo, o cronista julgou que os “dois homens possantes e inclinados aos jogos olímpicos” não pudessem ter motivos ou bagagem cultural para disputar uma peleja que envolvia, pelo menos até onde podemos saber, a honra e o amor de uma mulher.

É interessante destacar que a notícia acima relatada é do ano de 1901. Portanto, no início dos anos 1900 já vemos uma luta no cenário moderno do Rio de Janeiro. Sem nunca esquecer que os diversos atores sociais experimentavam e viviam a modernidade de formas diferentes (SEVCENKO, 1998, p. 553). A luta greco-romana parece ter recebido maior apoio da imprensa e dos clubes esportivos nas primeiras duas décadas do século XX. Afinal, poderia ser contraditório que em uma cidade que almejava o progresso e a modernidade convivesse de forma harmoniosa com as lutas. O fato da luta greco-romana ser mais refinada e também um esporte olímpico, pode tê-la ajudado a se

---

<sup>767</sup> Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro. Jornal Correio da Manhã, 31 de agosto de 1901

<sup>768</sup> AJPCP, Jornal Correio do Povo, 19 de agosto de 1910.

inserir entre a febre esportiva carioca. Por isso, a metáfora da luta romana foi utilizada pelo cronista anônimo, pois era indispensável que os leitores entendessem a mensagem – neste caso uma mensagem irônica.

A segunda questão refere-se a recepção, reelaboração, ressignificação das camadas mais pobres as lutas que apareciam no cinema ou exibidas em teatros, que em contato com sua bagagem de vida gerava uma nova manifestação cultural. Como vimos no caso norte-americano, das *rough-and-tumble*, motivos “insignificantes” produziam enfrentamentos entre os colonos do sul. As expressões “Canalha” e “Bandido” foram o sinal para o começo da luta. Ou seja, uma discussão acalorada tornou-se uma luta corporal. As fontes são limitadas em dizer os sentimentos dos envolvidos na briga. Mas o que queremos destacar é que ninguém ficava imune as transformações ocorridas na virada do século. Os populares podiam não lutar de forma refinada, mas isso não significa que seu conflito foi insignificante. Talvez insignificante para o jornalista em questão, mas não para nós.

No final daquele ano de 1901 o povo carioca ainda assistiu um “grande desafio de luta romana entre duas senhoras, uma artista de um café concerto da Capital Federal e uma senhora mascarada”.<sup>769</sup> O espetáculo ocorreu no *Moulin Rouge* e naquela noite os espectadores ainda ouviriam uma orquestra, uma cançonetista e a banda da Brigada Policial. Como ocorreu com o boxe, inicialmente as lutas faziam parte de espetáculos de variedades e, por vezes, possuíam uma imagem exótica, nada parecido com o esporte em sua essência. Ao longo dos anos 1900 a luta greco-romana foi ganhando espaço e fazendo parte de clubes esportivos e academias de atletismo. O Centro de Cultura Física, por exemplo, organizou vários torneios de luta greco-romana no ano de 1909. Segundo o jornal *Correio da Manhã*, “continham entusiásticos os ensaios para o torneio de luta romana, a realizar-se este mês entre os diversos sócios”.<sup>770</sup>

O primeiro registro de boxe nos jornais do Rio de Janeiro foi do ano de 1908. Não foi uma notícia de luta internacional, nem de programação de cinematógrafo. Mais uma vez foi a metáfora do boxe foi utilizada para narrar o conflito entre dois indivíduos

---

<sup>769</sup> Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro. Jornal *Correio da Manhã*, 03 de dezembro de 1901.

<sup>770</sup> Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro. Jornal *Correio da Manhã*, 11 de maio de 1909.

Um desafio a soco – amor e pancadaria. Francisco Ramos Gomes é um meridional. Nas suas veias corre o sangue cálido dos trópicos. Sangue, não: lava. Ontem porque os seus ardores em ebulição lhe ateassem a alma um incêndio terrível, passando pela rua [...] parando à porta do nº 84. No 84 mora Caetana Joaquina da Conceição. **Gomes deitou labareda. Abriu a boca e lá vai frase. A Caetana, porém, que não estava para inflamações, julgou-se ofendida, desacatada na sua tranquilidade** [...] palavra daqui, palavra de acolá e de repente o braço da Caetana que se ergue ameaçador, formidável [...] Foi um sinal de combate. Gomes deu um passo atrás e, por sua vez, ergueu o seu braço direito numa atitude de defesa. Principiara a luta. **Era um match de boxe por dois campeões de muque.** Eram Corbetta e Fitzsimones, na arena do Olympia, em Londres, numa disputa trágica. **A multidão que adora os sports começou por juntar.** De toda parte vinha gente, gente de toda a espécie. Havia apostas... A Caetana era a grande favorita. **Estavam nessa luta homérica, os rostos congestionadas, os narizes feridos, os cabelos em desalinho,** quando Gomes que já se sentia meio vencido abandonou o jogo de pernas. Ahi os dois se atracaram. A multidão se acotovelava. **O boxe tinha degenerado em Jiu-Jitsu.** Mas, súbito mãos vigorosas separaram os dois *sportmens*. Não eram os juizes do jogo, **eram as mãos da polícia.**<sup>771</sup> [grifos nossos]

Novamente um conflito entre dois populares ganhou destaque no jornal. Mais uma vez escrito de forma zombeteira. Os dois personagens, Francisco e Caetana, iniciam suas desavenças com “inflamações”, com um bate boca que parou no meio da rua. A partir da metade do documento, a metáfora do boxe entra em cena. O cronista – quem sabe o mesmo de 1901? – utilizou os nomes dos campeões mundiais James Corbett e Bob Fitzsimmons para ironizar com os dois populares. É importante lembrar que na época o detentor do título era o canadense Tommy Burns, mas o autor da notícia utilizou dois grandes nomes do boxe de fins do século XIX. Logo que o conflito verbal tornou-se corporal “a multidão que adora os *sports* começou por juntar”. É difícil perceber até que ponto o cronista noticia ou reinventa a história. Contudo, o que importa foi que o escritor quis comunicar com seu texto. Os leitores compreenderam a notícia? Sabiam quem era Corbett e Fitzsimmons? Sabiam o que era boxe e o que era jiu-jitsu? Se os cariocas estavam familiarizados com tais expressões e com as práticas de lutas já é um indício importante para nossa pesquisa.

A presença da polícia nos dois casos trazidos acima – o da luta greco-romana e do boxe – releva algo importante para nosso trabalho: em algum momento da peleja, os policiais separavam os envolvidos e os levaram ao xadrez. Em outras palavras, interrompiam o combate. Historicamente, como mostramos ao longo desta tese, a

---

<sup>771</sup> Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro. Jornal Correio da Manhã, 07 de abril de 1908.

polícia se envolveu em *prize-fighting*, em *rough-and-tumble* ou em *bare-kuckle*. Portanto, nos questionamos o seguinte: como diferenciar um conflito do cotidiano, um acerto de contas, ou uma luta de boxe? O que percebemos nas notícias da imprensa foi uma associação das chamadas lutas esportivas – boxe amador e luta greco-romana – com as rugas entre populares. Estaria o jornalista fazendo tal associação como forma de crítica as lutas no Rio de Janeiro? Teriam todas as lutas a mesma raiz? Seriam ambas criminosas? Nosso argumento é que tal separação – entre boxe amador, profissional e lutas tradicionais – não é possível de ser realizado. Por isso, para nós importa mais ver elementos de cada uma delas reelaborados na cultura de lutas.

No mesmo ano de 1908 o boxe já aparece nos cinemas. De acordo com jornal *Correio da Manhã*, o Grande Cinematógrafo Parisiense apresentou na quinta parte do *matinée*, “sports modernos: cena extra cômica em que se desenrolam ante os olhos atônitos dos senhores espectadores, os seguintes passatempos: a dança, patinação, *steaple*, *chase*, *tobogan*, boxe, futebol e um balão dirigível”.<sup>772</sup> Este documento releva como o processo de esportivização estava em desenvolvimento no início do século XX. Nem todos os “*sports* modernos” citados no jornal tornaram-se de fato esportes regulados. A cena cômica de boxe descrita no documento mostra algo que iremos explorar melhor no próximo capítulo. Trata-se do poder da imagem, de como o cinema influenciava o comportamento e os gostos das pessoas da época. Assim, cremos que os cinematógrafos tiveram papel importante para a divulgação do boxe no início do século XX.

O primeiro registro que aponta para uma prática mais sistemática do pugilismo no Rio de Janeiro é do ano de 1909. Um ano antes da *Luta do Século*, entre Jack Johnson e James Jeffries. E bem anterior às datas indicadas por Henrique Mateucci (1998) e Riqueldi Lise (2014): 1913 e 1912, respectivamente. O ocorreu naquele abril de 1909 foi, nada mais, nada menos, do que um Campeonato Internacional de Boxe. De acordo com o jornal:

Começa amanhã no Concerto Avenida o grande campeonato de boxe. São estes os lutadores inscritos para o torneio do difícil sport: Jimney Brennan, inglês; Jack Niel, irlandês; Willie Adam, norte-americano; Buch Tompson,

---

<sup>772</sup> Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 9 de dezembro de 1908.



norte-americano; Ul Wolfe, alemão; Yed Wray, escocês; João A. Gomes português; José da Silva, brasileiro; Jean Berki, francês; e René Kuska, francês.<sup>773</sup>

Os responsáveis pelo espetáculo chamaram a atenção do público para um campeonato que congregava pugilistas de várias partes do mundo. Mas principalmente dos países mais expoentes: Grã-Bretanha, Estados Unidos e França. Com a data de início para seis de abril de 1909, o campeonato já estava sendo divulgado desde o início do ano: sabemos com bons fundamentos que este ano realizar-se-á importantes campeonatos: um de luta romana e outro de boxe. [...] Preparem-se, pois, os amadores destes *sports* para as noites de sensações.<sup>774</sup> Os pugilistas inscritos poderiam ser tanto residentes no Rio de Janeiro – o cartão postal do país – ou de lutadores itinerantes que estivessem de passagem pela cidade. O jornal do dia posterior ao evento revela informações importantes para a gênese do boxe na capital federal:

O CAMPEONATO INTERNACIONAL DE BOX, no Concerto Avenida – Pela primeira vez no Rio, os *sportman* desta cidade e o público em geral assistiram ontem à noite, na sala de espetáculos do Concerto-Avenida às emocionantes lutas de box, jogo por completo desconhecido entre nós e que, como era natural, despertou a mais intensa curiosidade e fez convergir para aquele teatro grande massa de público. Depois da apresentação dos disputantes do campeonato, teve início o mesmo, cabendo aos jogadores J. Brennan (inglês) e Jack Niel (irlandês) iniciarem a luta, que terminou pela vitória do primeiro, sob estrondosa salva de palmas. Em seguida a estes dos jogadores vieram para o quadrado Willie Adams (americano) e Yed Wroy (escocês), tendo sido esta luta muito mais aplaudida e interrompida, às vezes, pelo entusiasmo do público. Findo o tempo foi declarado empate, ficando para hoje à noite, o desempate. – O sr. Alberto Imbuzeiro, conhecido *sportman*, pediu-nos para declarar que deixa de disputar o campeonato de *box*, ontem iniciado, por ser o mesmo somente disputado por jogadores de profissão, o que absolutamente não lhe foi declarado na ocasião em que se inscreveu para disputá-lo.<sup>775</sup>

Fica evidente que até 1909 o boxe era desconhecido no Rio de Janeiro. Obviamente, o jornalista fez referência a experiências de espetáculos pugilísticos em espaços de entretenimento da cidade. Este documento mostra que os cariocas tiveram um evento importante de boxe antes de 1910. Portanto, *A Luta do Século* não foi responsável diretamente por trazer o pugilismo ao Brasil, mas certamente ajudou a popularizá-lo. Chama a atenção o primeiro confronto, entre um inglês e um irlandês.

<sup>773</sup> Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. Correio da Manhã, Rio de Janeiro, 5 de abril de 1909

<sup>774</sup> Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. Correio da Manhã, Rio de Janeiro, 2 de fevereiro de 1909.

<sup>775</sup> Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro. Jornal Correio da Manhã, Rio de Janeiro, 7 de abril de 1909.

Quais critérios foram obedecidos para a seleção de lutadores para os combates? Obviamente, era sabido que o boxe moderno havia surgido na Inglaterra, mas será que os conflitos étnicos entre ingleses e irlandeses também foram considerados?

O segundo embate da noite foi entre um norte-americano e um escocês, um desafio entre continentes. Esta luta precisou ser recomeçada no dia posterior. Este é um fato que coloca esta primeira experiência do boxe carioca no mundo do espetáculo e do entretenimento, já que este tipo de situação trazia mais espectadores para acompanhar o desfecho da peleja. No final do registro, o *sportman* Alberto Imbuzeiro apresentou sua desistência do campeonato por ser um amador e não um profissional. Este é um indício importante, pois as relações entre amadorismo e profissionalismo estiveram presentes desde o Campeonato Internacional de Boxe de 1909. Este campeonato foi recebido no Concerto Avenida, inaugurado em 1908 como “Concerto Avenida do Pavilhão Internacional”. Era de propriedade da Empresa Paschoal Segretto, que incentivou as lutas profissionais de pugilismo no Rio de Janeiro ao longo da década de 1910.<sup>776</sup>

No dia seguinte, oito de abril de 1909, nova nota a respeito do Campeonato Internacional de Boxe no jornal *Correio da Manhã*. Desta vez, inserido na coluna de *Sports*, sob a denominação *Box*. Nos jornais pesquisados em Porto Alegre, percebemos certa demora em anunciar eventos de pugilismo na parte esportiva. Cremos que isso ocorreu devido a própria constituição do boxe ser incipiente e para os porto-alegrenses não ser definido como esporte. Por isso, informações a respeito do pugilismo apareciam nas colunas *Teatros e Artistas* ou *Diversões e Reuniões*. No caso do Rio de Janeiro, nos chama atenção sua inserção tão precoce. Será que o boxe foi praticado de forma amadora no Rio de Janeiro antes de 1909? Vejamos o que diz o documento:

BOX , Campeonato – No conhecido centro de diversões da Avenida Central, o Pavilhão Internacional, realizar-se-á hoje à noite a primeira prova do campeonato de boxe. Este certame que bastante interesse vai despertar entre os nossos sportmen, será disputado pelos profissionais: Jimmy Brennan, inglês, 65 quilos; Jack Niel irlandês, 75 quilos; Buch Tompson, 69 quilos; Ul Wolfe, alemão, 70 quilos; Yed Wray, escocês, 69 quilos; João A. Gomes, português, 72 quilos; José da Silva, brasileiro, 70 quilos; Jean Berki, francês, 20 anos, 65 quilos e René Kuska, 22 anos, 67 quilos João Gomes e José da

---

<sup>776</sup> Informações obtidas no site “Teatros do Centro do Histórico do Rio de Janeiro”. Site: <http://www.ctac.gov.br/centrohistorico/TeatroXPeriodo.asp?cod=101&cdP=20> Acessado: 25 de novembro de 2017, às 10:25.

Silva são amadores, mas vão disputar as provas com os profissionais acima<sup>777</sup>.

Assim como o *sportman* Alberto Imbuzeiro, os pugilistas João Gomes e José da Silva também eram amadores. Possivelmente, praticavam o boxe em alguma das diversas associações e clubes do Rio de Janeiro. Sabemos da experiência de pelo menos um clube inglês de críquete, o *Rio Cricket and Athletic Association*, que possuía equipamentos de pugilismo em sua sede. O *Rio Cricket* foi fundado em 1897 com objetivo de divulgar esportes ingleses. Conforme Riqueldi Lise, o boxe era praticado de forma lúdica, tendo o primeiro vestígio de pugilismo sido encontrado em 1911 (LISE, 2014, p. 51). Imaginamos que o boxe tenha sido praticado antes de 1909 para que houvesse amadores inscritos no Campeonato Internacional de Boxe. Contudo, não temos documentos que possam comprovar isso no momento. Nos chama atenção também a presença do lutador brasileiro José da Silva, o que indica sinais de lutadores nacionais nos primórdios do boxe no Brasil.

Após o Campeonato Internacional de Boxe, ocorrido no Rio de Janeiro no ano de 1909, parece que o jogo do soco ganhou mais espaço na sociedade carioca. Não como espetáculos de pugilismo profissional, mas como boxe amador. Um importante divulgador do atletismo e das lutas na vertente amadora foi o Centro de Cultura Física. Sito à Rua das Marrecas, uma quadra dos Arcos da Lapa, e cercado por pensões e bordéis, o Centro de Cultura Física era de propriedade de Enéas Campello, considerado o “melhor e mais aparelhado centro de cultura física”.<sup>778</sup> Enéas Campello era português, instrutor de Educação Física do Colégio Militar do Rio de Janeiro (CAPINUSSÚ, 2006, p. 61). Mas ao lado de Campello, potencializando e incentivando a luta greco-romana e o boxe, estava José Floriano Peixoto<sup>779</sup> como sócio fundador do Centro de Cultura Física. Vejamos o documento:

ATLETISMO, Centro de Cultura Física. Os conhecidos *sportman* srs. José Floriano Peixoto e Enéas Campello, nomes altamente cotados nos centros de *sport* do Brasil, resolveram criar uma sociedade cujo fim capital fosse a

---

<sup>777</sup> Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro. Jornal Correio da Manhã, Rio de Janeiro, 8 de abril de 1909.

<sup>778</sup> Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. Jornal Correio da Manhã, Rio de Janeiro, 22 de maio de 1974.

<sup>779</sup> ANEXO 34 – Homenagem do jornal carioca A Época ao lutador José Floriano Peixoto, após vencer o norte-americano Jack Murray.

cultura física da nossa mocidade. Estudadas as bases resolveram fundar o Centro de Cultura Física, que se acha funcionamento desde o 1º do fluente, à rua das Marrecas nº 38, loja. O centro que se compromete a educar o físico do homem em quatro meses, conta a maioria dos moços das nossas sociedades náuticas e atléticas, elevando seu número a 200. As mensalidades são de 5\$ [cinco mil réis] e igual quantia de joias.<sup>780</sup>

José Floriano Peixoto e Enéas Campello eram conhecidos *sportmen* cariocas. Sobre José Floriano já comentamos anteriormente. Já Enéas Campello participava de clubes de natação e também praticava acrobacia e barra paralela.<sup>781</sup> Em ambas modalidades, era importante manter o corpo em forma. Recordamos neste momento, da *Sandow Magazine*, revista chilena dedicada ao esporte, priorizando o boxe, a musculação e o fisiculturismo. O alemão Eugene Sandow criou vários equipamentos que permitia o treinamento físico em casa. Seus métodos tornaram-se muito famosos, desde a fundação de seu *Institute of Physical Cultural*, em 1897. Portanto, cremos que esses elementos – e a própria associação com o boxe – também influenciaram a mocidade carioca, já que Peixoto e Campello se comprometiam “a educar o físico do homem em quatro meses”.

Entre os anos de 1909 e 1911, o Centro de Cultura Física teve importante papel na prática e divulgação da luta greco-romana e do boxe amador. É o que nos sugerem os seguintes documentos:

Sport – Atletismo. Centro de Cultura Física. Realizar-se-á à noite na sede social deste club, o festival constante de uma série de jogos esportivos, que o Centro desde cerca época vem apresentando mensalmente à sociedade carioca [...] nos exercícios em demanda da força e do embelezamento muscular [...] luta romana [...] barra física [...] acrobacia e grupos acrobatas [...] 8. Match de box, entre Antônio Cuhner e Jayme Stearet.<sup>782</sup>

Luta Romana. Desempate de Luta Romana, no Centro de Cultura Física, à rua das Marrecas nº 38, [...] Hoje mesmo, antes dessa prova, haverá um assalto de box, de 3 rounds, de 3 minutos, entre os sócios Jefferson, contra James Stewart.<sup>783</sup>

---

<sup>780</sup> Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. Jornal Correio da Manhã, Rio de Janeiro, 4 de fevereiro de 1909.

<sup>781</sup> Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. Jornal Correio da Manhã, Rio de Janeiro, 11 de dezembro de 1901 e 29 de agosto de 1909.

<sup>782</sup> Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. Jornal Correio da Manhã, Rio de Janeiro, 23 de janeiro de 1910.

<sup>783</sup> Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. Jornal Correio da Manhã, Rio de Janeiro, 24 de fevereiro de 1910.

Com estas notícias fica evidente que a luta greco-romana e o boxe eram praticados num mesmo espaço, o que explica porque alguns lutadores eram versados nas duas modalidades. Além de compreender o boxe moderno no universo das lutas, também é importante vê-lo próximo do “embelezamento muscular”, já que o pugilismo tinha por base exercícios físicos que contribuía para o cuidado da saúde e do corpo. Os próprios sócios, membros do Centro de Cultura Física, se enfrentavam no boxe amador obedecendo as Regras do Marquês de Queensberry, o fica claro com a afirmação que “haverá um assalto de box, de 3 rounds, de 3 minutos”. Portanto, o Centro de Cultura Física foi, de fato, um grande incentivador do boxe amador no Rio de Janeiro. E sua influência para o esporte foi perceptível ao longo da década de 1910.

Após o Campeonato Internacional de Boxe, não temos registros sobre novos espetáculos de pugilismo profissional. Não sabemos se as consequências do combate entre Johnson-Jeffries impediram, num primeiro momento, a organização de pelejas no Rio de Janeiro. O fato é que encontramos vestígios de novas lutas a partir de 1912. Nesse período, o boxe amador era praticado em clubes e academias da capital federal. Contudo, conforme os jornais *O Imparcial*, *A Época* e o *Correio da Manhã*, o boxe profissional voltou a cena privilegiando pugilistas mais reconhecidos mundialmente.

A partir do segundo semestre de 1912, os jornais *Correio da Manhã* e *A Época* passaram a divulgar o grande embate de boxe entre o norte-americano Jack Murray e o jamaicano Bill Jackson. Ambos já haviam se enfrentado em Londres, e diferente dos lutadores que participaram do Campeonato Internacional de Boxe, de 1909, eram pugilistas afamados com longa trajetória nos ringues. A luta ocorreu no dia quatro de outubro, no *Theatro Maison Moderne*, de propriedade da Empresa Paschoal Segretto. Paschoal Segretto, que era dono também do Pavilhão Internacional, local onde ocorreu o primeiro campeonato, aparece como um nome importante na organização de lutas profissionais de boxe ao longo dos anos 1910. O encontro entre Murray e Jackson possuía uma característica especial: tratava-se de um embate inter-racial, assim como o ocorrido em 1910, entre James Jeffries e Jack Johnson. Assim, Paschoal Segretto e a imprensa souberam explorar esta luta, principalmente evidenciando a etnia e a cor dos lutadores.

A luta que já estava sendo divulgada na imprensa há pelo menos duas semanas e anunciava o “Espetáculo Sensacional – Grande desafio de Box – 200 libras ao vencedor, entre o campeão norte-americano Jack Murray<sup>784</sup> e o terrível negro, campeão da Jamaica, Bill Jackson”.<sup>785</sup> Fica evidente o uso da cor e raça dos lutadores para fim de bilheteria. Nesse sentido, este registro torna-se importante para mostrar a recepção e reelaboração do boxe inglês e norte-americano em terras brasileiras. No formato de boxe espetáculo, os interesses passavam muito mais pelos recursos obtidos com a luta do que, de fato, com o esporte, com as regras ou com o saúde dos lutadores. Assim, na “queda de braço” entre o amadorismo e o profissionalismo, percebemos que no Rio de Janeiro os espetáculos de lutas premiadas possuíram maior investimento, interesse e destaque entre os cariocas.

A luta inter-racial organizada pela Empresa Paschoal Segretto figuraria nos jornais cariocas até pelo menos o final daquele mês de outubro de 1912. Não porque o embate entre Jack Murray e Bill Jackson tivesse se alongado em vários encontros, mas pelo falecimento do segundo na Santa Casa de Misericórdia do Rio de Janeiro. Seria a primeira morte de lutador de boxe em ringues brasileiros.

A luta começou e, ao primeiro embate dos lutadores, toda a gente pensou que a vitória seria do preto. Súbito, a um murro, mais violento, ele tombou e rolou sobre o tablado, até que o juiz, contando nos dedos [...] aclamou a vitória do branco. [...] o desgraçado preto recebia curativos na Caixa do Teatro e era em seguida removido para a Santa Casa de Misericórdia.<sup>786</sup>

A peleja ocorreu no dia quatro de outubro e o falecimento do afro-latino Bill Jackson se deu em vinte e seis de outubro de 1912. Segundo os médicos e peritos que o assistiram, Jackson faleceu de pneumonia, portanto, não diretamente dos golpes de Jack Murray. Mas como podemos ter certeza? Para o jornal *Correio da Manhã*, Jackson informou que já estava mal do fígado no dia do combate. Teria sido Bill Jackson obrigado a se apresentar? Em matéria do dia vinte e sete de outubro, o cronista esportivo relata que os espectadores viram a “inferioridade do corpo do preto”, o que mostra que sua saúde já estava debilitada. Para a polícia, Jackson informou que “por ocasião da luta

---

<sup>784</sup> ANEXO 35 – Notícia do jornal carioca A *Época*, sobre o embate entre Jack Murray e Bill Jackson.

<sup>785</sup> Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. Jornal *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 4 de outubro de 1912.

<sup>786</sup> Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. Jornal *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 27 de outubro de 1912.

estava mal e que quando caiu sentiu fortes dores no fígado”. Se a morte de Bill Jackson por participar de uma luta de boxe não podia ser diretamente provada, parte da imprensa não perdeu a oportunidade de se posicionar contra o jogo de boxe no Rio de Janeiro.

A crítica caiu muito mais sobre a polícia do que sobre a Empresa Pachcoal Segretto. Conforme Riqueldi Lise, o jornal *Correio da Manhã* possuía uma “linha editorial caracterizada pela consonância com os anseios da classe média carioca, em muitas situações posicionava a favor de medidas modernizadoras” (LISE, 2014, p. 56). Assim, os jornalistas protestaram abertamente contra a brutalidade do boxe em suas páginas, além de questionarem o trabalho da polícia nessas ações:

Quando o chefe de polícia o Dr. Alfredo Pinto não permitiu que espectadores dessa natureza fossem levados a efeito aqui no Rio, sua excelência, baseando-se no próprio regulamento policial, deu para trás nas pretensões dos empresários teatrais que incomodaram políticos, mas sem nenhum resultado. Veio a administração Leoni e eles voltaram a carga. Desta vez, ainda não foram felizes, pois nem todos os seus defeitos de polícia de amigos, o Sr. Leoni não permitiu a exibição desses bárbaros *sports*. O Mundo Civilizado já vai fazendo guerra a brutal luta de boxe e isso devia preocupar um pouco a atenção da polícia atual, que além de tudo, tem um chefe que se diz religioso. Mas o Sr. Távora não se importou e foi logo concedendo à empresa a permissão para que ela introduzisse aqui no Rio o bárbaro espetáculo da luta de boxe. [...] à polícia, quando ele foi removido para a Santa Casa, gravemente doente, julgou do seu dever abrir inquérito sobre o caso. Ouvia o lutador no hospital. [...] Seja como for, nem o resultado da autópsia, nem as suas próprias declarações, desmancham o efeito que a sua morte causou. Veio ela mostrar, mais uma vez, que a polícia do sr. Belisário [Távora] é uma polícia de amigos. [...] A polícia não devia consentir nessa luta. Ela é a única responsável pelo trágico desfecho do infeliz lutador.<sup>787</sup>

Este registro aponta para questões de suma importância: a exibição dos espetáculos de boxe envolvia um jogo de poder entre empresários (Paschoal Segretto), políticos e o chefe de polícia. Alfredo Pinto foi responsável pela polícia da capital federal durante o governo de Afonso Pena. Este, ao falecer em catorze de junho de 1909, foi substituído por Nilo Peçanha que indicou Leoni Ramos para o cargo de chefe de polícia<sup>788</sup>. Parece que tanto Alfredo Pinto como Leoni Ramos não cederam a pressão de políticos e empresários do entretenimento, pois não permitiram em sua gestão apresentações de pugilismo profissional. Isso mudou com a posse de Marechal Hermes

<sup>787</sup> Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. Jornal *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 27 de outubro de 1912.

<sup>788</sup> CPDOC da Fundação Getúlio Vargas. Verbete de Leoni Ramos. <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/carolino-de-leoni-ramos/> Acessado em 26 de novembro de 2017, às 01:28.

da Fonseca em 1910. Assim, entre 1910 e 1914, Belisário Távora foi chefe de polícia e permitiu apresentações de boxe profissional na capital federal.

No discurso do jornalista do *Correio da Manhã*, proibir o boxe era caso de polícia. Aliás, segundo o cronista havia regulamento policial que poderia ser utilizado para impedir os combates. Obviamente, não existia lei contra o boxe no Brasil, mas assim como na Inglaterra e Estados Unidos os pugilistas poderiam estar incurso em crimes de tentativa de homicídio, agressão ou ajuntamento. Mas isso não fica evidente no documento. Contudo, este argumento de que o boxe era caso de polícia, criminalizando a prática pugilística, foi recorrente também em jornais de São Paulo e Porto Alegre, como veremos adiante.

Outra questão importante se refere as consequências dessas primeiras exibições de boxe profissional no Rio de Janeiro. Ficou claro que o pugilismo atendia muito mais as expectativas comerciais dos empresários, do que a saúde do lutador. Mesmo sem condições de subir ao ringue (os próprios espectadores perceberam que Bill Jackson estava doente) nada foi feito por parte da Empresa Paschoal Segretto a fim de garantir a integridade física do lutador. Portanto, este caso pode ter marcado o surgimento do boxe no Brasil de forma negativa.

O falecimento do afro-latino Bill Jackson no Rio de Janeiro não chegou a proibir o boxe, como aconteceu em São Paulo ou outros países da América Latina. Em fevereiro de 1913 o Pavilhão Internacional, da Empresa Paschoal Segretto, promoveu “um emocionante *match* de boxe inglês em desafio entre Joseph Beerens (campeão belga) e José Floriano Peixoto (Amador brasileiro)”.<sup>789</sup> Em seguida, em maio de 1913 Paschoal Segretto ofereceu uma segunda edição do “Grande Campeonato de Boxe Inglês, às 20:45, combates entre Joe Leslie contra P. Jacksson; Adamos contra L. Condor”.<sup>790</sup> Este campeonato, diferente da primeira edição, ocorreu durante alguns meses, obtendo sempre destaque entre as diversas atrações oferecidas no Pavilhão Internacional.

No decurso do ano de 1913, a Empresa Paschoal Segretto organizou o “Grande Campeonato de Boxe Inglês” e o “Grande Campeonato de Luta Romana”. O jornal A

---

<sup>789</sup> Hemeroteca da Biblioteca Nacional. Jornal A *Época*, Rio de Janeiro, 13 de fevereiro de 1913.

<sup>790</sup> Hemeroteca da Biblioteca Nacional. Jornal A *Época*, Rio de Janeiro, 1º de maio de 1913.



*Época* aponta que “se inscreveram vários boxistas que se acham nesta capital e outros a chegar”.<sup>791</sup> Portanto, o Rio de Janeiro passou a fazer parte dos itinerários de lutadores que faziam suas exibições pela América Latina. Inclusive muitos deles, como o campeão belga Joseph Beerens e o campeão norte-americano, Jack Murray<sup>792</sup>, que também estiveram em Porto Alegre. Alguns jornais contrários ao boxe, como *A Federação*, noticiavam o boxe praticado no Rio de Janeiro da seguinte forma: Relata que o boxe já fez vítimas no Rio, e indica a violência deste esporte. Beerens tem treinado batendo-se com as mãos e a cabeça na parede. A polícia teve que ser chamada.<sup>793</sup> Informações a respeito da prática do boxe amador em clubes e associações, no entanto, não foram encontradas em jornais de Porto Alegre.

Em vários casos, observamos que os cronistas relatavam na imprensa que os espetáculos de boxe atraíam multidões e que os ingressos se esgotavam rapidamente. Como temos problematizado até aqui, quando o boxe inglês e norte-americano chegou ao Brasil, este foi reelaborado por seus aficionados que deram novo sentido a sua prática a partir de sua própria cultura de conflitos e desavenças no cotidiano. Como percebemos no texto de Nicolau Sevcenko, a modernidade transformou o cotidiano de muita gente, desde o vestuário, a maneira de caminhar pelas ruas, o uso dos transportes, a eletricidade. Por isso, pensamos que o boxe, como esporte e luta envolvente, poderia também exercer este fascínio. Vestígios assim foram encontrados no seguinte documento:

Dois **boxeurs** que se exibem em plena rua – Os caixeiros José Gomes de Carvalho e Jacintho Barbosa, ambos residentes à rua Affonso Pena, n° 33, quando aqui se realizou o último match de boxe, **foram dos mais apaixonados espectadores, tanto assim que não perderam um único match**. Daí o exercício em que a [?] se empenhavam, para adestrarem no selvagem sport. Os tempos passaram e eles, de amigos que eram, tornaram-se rancorosos inimigos. E ambos conceberam o mesmo plano: - **quando se encontrassem longe de casa dos patrões, medir-se-iam a socos, tal como os boxeurs da Maison Moderne**. Ontem, os dois haviam saído pela manhã, de casa dos patrões e encontraram-se depois de algum tempo. Entre eles houve **uma acalorada discussão**, e no meio do “dize tu, direi eu”, **Jacinto convidou o seu companheiro para a luta**. Carvalho, longe de negar-se aceitou o desafio, e daí a pouco os golpes mais complicados eram atirados. No segundo round, porém, Carvalho distraiu-se e **levou um formidável**

<sup>791</sup> Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. Jornal A *Época*, Rio de Janeiro, 02 de abril de 1913.

<sup>792</sup> ANEXO 36 – Foto dos lutadores Jack Murray e Armstrong, no Pavilhão Variedades, em Belo Horizonte, 1913. Agradecemos a colega Marilita Rodrigues por nos ceder a imagem.

<sup>793</sup> AHPAMV, Acervo de Jornais Revistas e Almanques, Jornal A *Federação*, 17 de maio de 1913.

**murro no nariz e ficou logo fora de combate. A polícia que não permite matches desta natureza no meio da rua**, prendeu os *boxeurs* e os levou à delegacia do 15º distrito. Barbosa foi recolhido ao xadrez e Carvalho foi para a assistência. Eis como finalizou o match.<sup>794</sup> [grifos nossos]

O relato acima foi publicado no Jornal *Correio da Manhã*, que abertamente criticava o boxe. Novamente, as informações se mesclam e o cronista descreve um conflito entre populares como se estivesse narrando uma luta de boxe. A questão que permanece é: em qual medida assistir as pelepas de boxe pode ter influenciado o combate entre Carvalho e Barbosa? Mesmo que ambos tenham lutado sem levar em conta o universo das lutas que vivia o Rio de Janeiro naqueles primeiros anos da década de 1910, podemos afirmar que o cronista, em último caso, queria passar uma mensagem: a permissão de lutas de boxe em formato de grandes espetáculos poderia favorecer ou intensificar o conflito entre populares. Portanto, podemos fazer duas leituras diferentes. E na verdade, ambas, nos ajudam a pensar o impacto do boxe no Rio de Janeiro – no território dos discursos na imprensa, ou no espaço dos acertos de contas.

No ano seguinte, em 1914, houve uma importante luta de boxe profissional entre Jack Murray e o campeão uruguaio, Angel Daniel Rodriguez. Segundo o jornal *Gazeta de Notícias*, o *match* teria “*rounds* ilimitados” e as luvas de combate seriam de quatro onças.<sup>795</sup> Os cariocas se acostumaram ao longo da década de 1910 a assistir grandes combates de pugilismo, principalmente entre lutadores estrangeiros. Chama nossa atenção que neste momento não havia boxeadores profissionais de nacionalidade brasileira, apenas amadores como José Floriano Peixoto e José da Silva. Mais uma vez refletimos a respeito da invisibilidade deste período na bibliografia anteriormente apresentada. Porém, considerando que os dois livros publicados na década de 1920, o de Taciano de Oliveira e Dirceu Miranda Rosa (1924) e Antônio Rodrigues Alves e Coutinho (1929), defendiam a Nobre Arte na vertente amadora, talvez estes combates não sido considerados. Contudo, essa é uma questão em aberta, principalmente pelo que falaremos no parágrafo a seguir.

---

<sup>794</sup> Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. Periódicos, Jornal *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 26 de fevereiro de 1913.

<sup>795</sup> Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. Jornal *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, 11 de abril de 1914.

No Rio de Janeiro, o boxe amador foi praticado paralelamente ao profissional ao longo da década de 1910. Enquanto no amadorismo, os *sportman* lutavam em clubes e associações, sendo de nacionalidade brasileira ou estrangeiros residentes, no profissionalismo a grande maioria era de lutadores que estavam de passagem pela capital federal. Como já afirmamos, o Centro de Cultura Física teve grande importância na divulgação do boxe amador. Em 1914, por exemplo, foi organizado um campeonato, conforme o jornal *O Imparcial*:

Boxing – Campeonato de box (peso leve) O campeonato de box (de peso leve), que será realizado no Centro de Cultura Física no próximo mês, terá o seguinte regulamento: 1º O campeonato será disputado com o mínimo de 5 concorrentes; 2º No primeiro dia de luta, os boxeadores jogam 5 rounds e no caso de empatarem, será decidido no dia seguinte, com rounds ilimitados e rouck-out; 3º O boxeador que faltar sem motivo justificado nos dias de luta, que lhe forem designados, perderá o ponto; 4º A vestimenta é calção e meias pretas, sapatos brancos, e uma facha designado a sua nacionalidade; 5º Os pesos são de 55kg até 65 kg, luvas de 6 onças, fornecidas pelo centro; 6º Os padrinhos serão escolhidos pelo boxeador no dia da luta, sendo o juiz servirá em todos os matches; 7º Os matches serão realizados três vezes por semana a começar de 15 de março em diante, dia em que serão encerradas as inscrições; 8º A inscrição é gratuita e qualquer pessoa, desde que seja apresentada por pessoa idônea; 9º Os prêmios serão os seguintes: um diploma de campeão do 1º semestre de 1914, que será considerado oficial e uma medalha de prata para o primeiro colocado. Pra o 2º será conferido uma medalha de bronze; 11º Durante o jogo, os clinches serão quebrados pelo juiz. Os golpes da cintura para baixo serão absolutamente proibidos. Em caso de serem repetidos 3 vezes seguidas, o boxeador perderá o ponto; 12º Pedese aos que quiserem disputá-lo que se inscrevam com urgência. Não deverão faltar ao campeonato.<sup>796</sup>

O campeonato de pesos leves já mostra preocupação em separar os lutadores por categorias de peso, o que nem sempre ocorria na modalidade profissional. O fato de o regulamento ser publicado com antecedência – e publicizado no jornal - mostra o zelo do Centro da Cultura Física em delimitar seu espaço. Contudo, a obediência as Regras de Marquês de Queensberry, conforme sugeriu Riqueldi Lise (2014), não foram totalmente respeitadas, principalmente no caso de empate, quando os assaltos eram ilimitados. Além disso, os *rounds* segundo a Marquês de Queensberry deveriam ser três e não cinco como mostra o documento. Chama nossa atenção o peso das luvas, seis onças, diferente do profissional, que eram quatro onças. As luvas menores possuíam

---

<sup>796</sup> Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. Periódicos, Jornal O Imparcial, Rio de Janeiro, 10 de fevereiro de 1914

maior impacto, o que machucava mais o corpo e o rosto dos lutadores. Demais instruções, como vestimenta, prêmios, e proibição do *clinch*, mostram que desde 1909, quando o Centro de Cultura Física foi fundado, o boxe amador carioca se mantinha em crescimento.

Por toda a década de 1910, vemos o pugilismo carioca se fortalecendo e ganhando cada vez mais espaço. Contudo, a década de 1920 foi, como a bibliografia específica nos sugeriu, um período de maior organização, expansão de academias, primeiras comissões e também os primeiros campeonatos interestaduais, entre paulistas e cariocas. Em 1923, por exemplo, o Centro de Cultura Física, fundado em 1909, já possuía nova nomenclatura: Centro Nacional de Cultura Física, o que indica que tornou-se uma academia modelo no que se refere a esportes de luta e musculação. Mas havia também um capital político envolvido, já que seu próprio ringue foi utilizado para o primeiro Campeonato do Rio de Janeiro, que resultou nas premiações e títulos para os melhores pugilistas. Segundo o documento:

Após a grandiosa disputa que se vai verificar amanhã, no Centro Nacional de Cultura Física, o nosso mundo esportivo poderá saber quais são os nossos campeões, nas categorias de pesos: mínimo, levíssimo, meio leve, leve e meio-médio. Esses cinco campeões que vão ser proclamados amanhã, são, sem dúvida, dignos dos títulos que irão alcançar e estarão prontos para qualquer eventualidade [...] Como esta é a primeira vez que se vai proceder à uma competição dessa natureza e, sem dúvida, de tão alta relevância para o nosso progresso do pugilístico, é de se esperar que a arena de boxe do Centro Nacional, tenha, amanhã, um movimento festivo.<sup>797</sup>

Conforme Henrique Mateucci, não havia campeões nacionais de boxe no início dos anos 1920 (MATEUCCI, 1988, p. 17). Em relação ao pugilismo profissional somente em 1926 houve uma votação, realizada por jornais do Rio de Janeiro, para saber quais eram os grandes campeões, por categorias de peso. Tratava-se de uma escolha popular, pois não houve campeonato. Contudo, no que se refere ao boxe amador, observamos que em 1923 o Rio de Janeiro foi precursor em testar forças entre seus pugilistas e tirar nomes que seriam sagrados campeões regionais. Este campeonato foi fundamental para que no mesmo ano ocorresse a primeira competição interestadual. Ainda sobre o Campeonato do Rio de Janeiro, cremos que uma observação seja

---

<sup>797</sup> Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. Periódicos, Jornal O Imparcial, Rio de Janeiro, 9 de novembro de 1923.

importante: a mesa do júri era composta por “cronistas de boxe de *O Imparcial* e do *Correio da Manhã*, e o norte-americano mister Byrnett”.<sup>798</sup> Portanto, vemos uma mútua cooperação entre a imprensa, os clubes e academias. Foi assim que o boxe no Rio de Janeiro se constituiu nas primeiras décadas do século XX.

Para finalizar, queremos apenas mencionar que no início da década de 1920 – e quem sabe influenciados pela luta de Dempsey-Carpentier – muitos clubes passaram a organizar departamentos de pugilismo em seus quadros. O Clube de Regatas do Flamengo, por exemplo, utilizou seu ringue para sediar o “Campeonato de Boxe entre amadores, organizado pela Liga Metropolitana”.<sup>799</sup> Nos primeiros dias do mês fevereiro de 1924, vários clubes como o Clube de Regatas Vasco da Gama, Progresso Futebol Clube, Andaray Atlético Clube, Fluminense Futebol Clube, Helênico Atlético Clube, entre outros, disputaram vários *matches* obedecendo a regulamento da própria Liga Metropolitana. Ou seja, as lutas duravam cinco rounds de dois minutos cada um, diferenciando das Regras do Marquês de Queensberry. Trata-se, mais uma vez, da recepção e reelaboração de regulamentos elaborados no Brasil e que em alguns momentos gerava atritos entre os lutadores estrangeiros, acostumados a outras regras.

\*\*\*

No início deste capítulo, mencionamos que as experiências pugilísticas no Rio de Janeiro e São Paulo foram diferenciadas. Nosso objetivo neste momento é caracterizar o caso paulista, buscando comparar com a recepção e reelaboração do pugilismo carioca. Quando tratamos na primeira seção o cenário esportivo em São Paulo, notamos que as ricas famílias Paes de Barros e os Silva Prado contribuíram para divulgação do esporte na cidade por meio de projetos pessoais de modernização. Até o final do século XIX, os paulistas conheciam o turfe, o remo, a natação, o ciclismo e o futebol. Estas experiências com o esporte e o lazer foram frutos do crescimento econômico de São Paulo, o que lhe garantiu sua rápida urbanização (FOLLIS, 2004, p. 27).

---

<sup>798</sup> Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. Periódicos, Jornal *O Imparcial*, Rio de Janeiro, 9 de novembro de 1923

<sup>799</sup> Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. Periódicos, Jornal *O Imparcial*, Rio de Janeiro, 02 de fevereiro de 1924.

Conforme Fransérgio Follis, o início da urbanização em São Paulo foi consequência da “transferência da residência dos fazendeiros do campo para a cidade” (FOLLIS, 2004, p. 28). Em outras palavras, os ricos latifundiários contribuíram trazendo riqueza e novas demandas de entretenimento para a cidade. Contudo, projetos de modernização no Brasil esbarravam em muitos problemas crônicos. No Rio de Janeiro, por exemplo, apenas com a reforma urbanística dos anos 1903 a 1906, a capital federal pode dar início ao seu processo de modernização, contudo, tendo que encarar problemas como epidemias, deficiência da malha urbana, falta de rede de esgoto, calçamento e iluminação (FOLLIS, 2004, p. 28).

Como ocorreu esse processo de modernização e urbanização em São Paulo? Os melhoramentos urbanos na capital supracitada começaram ainda na década de 1870, quando a mesma tornou-se “principal centro articulador técnico, financeiro e mercantil do café” (FOLLIS, 2004, p. 31). Já no final do século XIX, São Paulo possuía novas e belas ruas, luz elétrica, jardins, além do melhor sistema de água e esgotos do Brasil (FOLLIS, 2004, p. 31). A responsabilidade em administrar e escoar a produção do café fez de São Paulo uma cidade com laços econômicos e políticos importantes, principalmente com Rio de Janeiro, mas também com a Europa. Além de grandes fazendeiros, São Paulo possuía o maior número de profissionais liberais (juízes, advogados, médicos, professores, empregados públicos, etc) do Brasil. Estes, por seu nível cultural e social “consumiam” e geravam demanda pelo entretenimento paulistano (FAUSTO, 2006, p. 21).

As primeiras experiências com o pugilismo em São Paulo se deram no início do século XX, mas de forma muito esporádica. Em oito de agosto de 1900, por exemplo, o *Sport Club Internacional* “realizou uma festa esportiva ao seu primeiro ano de fundação. No programa da festa [...] corrida a pé, em bicicletas, exercícios de ginástica, esgrima e boxe”.<sup>800</sup> Como no caso do Rio de Janeiro, o boxe aparece próximo ao lúdico e cercado por outras formas de lazer. Nos anos seguintes apenas algumas notícias, da parte do serviço telégrafo, informavam sobre lutas no estrangeiro como a que ocorreu em Buenos Aires, e que dizia o seguinte: está determinado o dia 2 de maio próximo para

---

<sup>800</sup> Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. Periódicos, Jornal Correio Paulistano, São Paulo, 8 de agosto de 1910.

realizar-se nesta capital um *match* de boxe entre os atletas Greco e Rester. Presidirá a partida o barão de Marchi.<sup>801</sup>

O primeiro vestígio da prática do boxe amador entre os paulistas foi localizado no ano de 1906. Trata-se de nova comemoração festiva do *Sport Club Internacional*, desta vez “em benefício das famílias dos marinheiros, vítimas da catástrofe do Aquidaban”.<sup>802</sup> Este clube foi fundado em dezanove de agosto de 1899, por imigrantes alemães, franceses, italianos, portugueses e ingleses, todos residentes em São Paulo. Apesar de o esporte principal ser o futebol, a presença de várias nacionalidades (entre eles, inglesa) permitiu uma maior pluralidade nas atividades, entre elas, o boxe. No evento descrito acima, diferente de passatempos e do lazer, já aparecem esportes em processo de constituição. No programa, encontramos corridas de bicicletas, seção de força, luta romana, corrida a pé, ginástica e assaltos de esgrima e boxe. Neste registro foram citados alguns clubes e academias como *Club Athleten Vila Mariana* (seção de força e luta romana) e no caso dos boxeadores, descritos pela primeira vez como amadores, do próprio *Sport Club Internacional*.

A existência de clubes e academias que valorizavam os esportes de combate e a força física são elementos importantes que ajudaram a caracterizar entre os paulistas uma inclinação maior ao amadorismo do que ao profissionalismo. No Rio de Janeiro, encontramos o Centro de Cultura Física (1909) concentrando essas atividades, apesar de que desde o fim do século XIX, existiam clubes como *Rio Cricket and Athletic Association* (1897), que também oportunizavam a experiência com o boxe. De qualquer forma, as fontes indicam que São Paulo teve contato com o boxe amador antes que o Rio de Janeiro.

A frequência de notícias sobre o boxe internacional ou mesmo nacional só foi perceptível a partir do embate entre Jack Johnson e James Jeffries. O jornal *Correio Paulistano* manteve seus assinantes bem informados sobre o boxe nos Estados Unidos ao longo daquele ano. Porém, de 1900 a 1909 encontramos poucas informações sobre o pugilismo na imprensa paulista, o que nos permite concluir que suas as primeiras

---

<sup>801</sup> Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. Periódicos, Jornal Correio Paulistano, São Paulo, 24 de abril de 1903.

<sup>802</sup> Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. Periódicos, Jornal Correio Paulistano, São Paulo, 08 fevereiro de 1906.

experiências foram pontuais. Em sua maior parte, foram notícias internacionais de boxe, principalmente norte-americanas e francesas. Mas após 1910, os jornais paulistas passaram a dar mais destaque ao boxe, ao ponto de no final deste ano divulgarem uma película no cinema: *Bijou Theatre*, Campeão de Boxe, cena cômica do sr. Max Linder.<sup>803</sup>

No ano seguinte, encontramos pistas de exercícios de boxe no Exército. Num primeiro momento nos perguntávamos se, de fato, um esporte que poderia ser tão selvagem e violento, poderia fazer parte do treinamento dos soldados. Lembramos-nos dos batalhões de pugilistas na Guerra Civil Americana, mas havia todo um contexto específico. Foi então que percebemos que a recepção e a reelaboração do boxe no Brasil não se deu apenas pela influência do boxe inglês. Localizamos documentos que apontam para o boxe francês – ou savate – como preparação dos soldados. Vejamos no jornal *Correio Paulistano*:

No quartel da Luz, prestadas as necessárias continências, foram os visitantes recebidos pelo coronel Paulo Balagny, chefe da Missão Francesa; tenente coronel Batista da Luz, comandante geral interino da Força Pública, o seu estado maior; [...] Feitas as apresentações dirigiram-se todos para o pátio do quartel. Ali, sob o comando do tenente-coronel Pedro Albués [...] se achavam a companhia do 1º Batalhão, companhia escola, uma companhia do 3º batalhão e uma dos bombeiros [...] Tomava parte igualmente na formatura uma seção de metralhadoras. **A companhia do 1º batalhão e a companhia escola realizaram exercícios de ginásticas e desenvolvimento, esgrima, de baioneta e de boxe;** e todas as companhias manejo de armas por seções e conjunto.<sup>804</sup> [grifos nossos]

Neste documento, o boxe aparece ao lado da esgrima. Lembramos também que no *sparring-match* entre aristocratas na Inglaterra, o boxe e a esgrima foram praticados num mesmo local. Portanto, estas duas modalidades estavam vinculadas a formas de combate e arte marcial. O jovem lutador Benedito da Silva, que sofreu um derrame em 1924, devido uma luta contra o campeão europeu Ermínio Spalla, era soldado da Força Pública e ali conheceu o boxe. No Chile, Heriberto Rojas também descobriu o pugilismo na polícia. Portanto, parece que há uma estreita relação entre estes casos e a presença do boxe como forma de treinamento e preparo para os soldados.

---

<sup>803</sup> Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. Periódicos, Jornal Correio Paulistano, São Paulo, 05 de novembro de 1910.

<sup>804</sup> Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional, Periódicos, Jornal Correio Paulistano, São Paulo, 13 de agosto de 1911.



O cronista Manuel Viotti, ao escrever o texto *A polícia: o que ela é e o que deveria ser*, também destaca que o boxe inglês poderia ser útil para o policial. Conforme o jornal *Correio Paulistano*, “o *sport* mais convincente ao policial seria o das corridas [...] além desse, outros recomendam hoje como indispensáveis, uma mistura de boxe à inglesa com jiu-jitsu e savate, daria um excelente resultado”.<sup>805</sup> Aqui o uso de lutas não aparece como parte de um treinamento físico para melhorar o condicionamento do policial, mas como estratégia de subjugar o suspeito. Isso fica evidente ao afirmar que o “bastão é arma essencial ao policial moderno, instrumento maravilhoso que aniquila o adversário, derruba-o com a pancada bem aplicada, mas não o mata”. Apesar do posicionamento do jornalista Manuel Viotti, argumentamos que boxe francês, pelo maior uso de técnica, agilidade e velocidade tenha sido mais considerado e praticado entre os paulistas que faziam parte da Força Pública.

Até 1912, os paulistas experimentavam o pugilismo pelo serviço telégrafo dos jornais ou na tela do cinema. Aqueles que frequentavam clubes e academias poderiam também ter acesso ao boxe amador, enquanto soldados e policiais o praticavam como forma de treinamento. Tudo mudou quando o *Theatro Polytheama* fez a seguinte nota: amanhã pela primeira vez em São Paulo será disputado um *match* de boxe entre dois campeões mundiais.<sup>806</sup> Foi entre os anos 1912 e 1913 que São Paulo recebeu grandes espetáculos de boxe profissional em sua cidade. Como no Rio de Janeiro e Porto Alegre, estes pugilistas faziam parte de *tournee* individual ou eram empregados por grandes empresários como Paschoal Segretto. Dos cento e noventa seis registros sobre boxe localizados no Jornal *Correio Paulistano*, entre 1910 e 1920, oitenta e seis (43%) se deram em 1912 e 1913.

No jornal do dia seguinte, ficamos sabendo que um dos campeões mundiais a se apresentar no *Theatro Polytheama* foi o norte-americano Jack Murray. O oponente era William Donn, do qual não possuímos informação. Neste sentido, parece que Murray teve importante participação na divulgação do boxe profissional nas três cidades aqui analisadas: Rio de Janeiro, São Paulo e Porto Alegre. O resultado da luta entre Jack

---

<sup>805</sup> Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional, Periódicos, Jornal *Correio Paulistano*, São Paulo, 08 de dezembro de 1919

<sup>806</sup> Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional, Periódicos, Jornal *Correio Paulistano*, São Paulo, 1º de setembro de 1912

Murray e William Donn foi anunciada no jornal posteriormente. Contudo, o resultado dentro das cordas pouco importava, mas sim o impacto daquele curioso jogo do murro.

Muito concorrida a função de ontem neste teatro tão concorrida, que não havia uma só localidade vazia. [...] A *great attraction* foi o match de boxe que deu, não há duvida, um caráter de *soirée rouge* ao espetáculo, pois os dois campeões Jack Murray e William Donn esmurraram-se a valer, a ponto de ambos deitarem sangue pelo nariz. A luta travou-se de verdade em seis rounds, com luvas de combate de 6 rounds, num ringue de 24 pés quadrados durando cada round cerca de três minutos, com um minuto de intervalo. Não chegou a caber a vitória a nenhum dos campeões de sorte que o Fay dos juízes não foi ontem proferido.<sup>807</sup>

Esta foi uma das primeiras lutas de boxe profissional ocorridas em São Paulo. E foi, como disse o cronista, *a great attraction*. Imaginamos que os assaltos de pugilismo no *Theatro Polytheama* tenham feito muito sucesso, já que estiveram presentes no programa por todo mês de setembro. Alguns dias depois da luta entre Murray e Donn, apareceu um novo desafiante: o francês Mathieu Dicalce, pelo valor de cem libras.<sup>808</sup> Os desdobramentos deste encontro foram descritos com detalhes no seguinte documento:

Realizou-se o encontro entre o francês Mathieu Dicalce e o norte-americano Jack Murray como estava anunciado. A sala encheu-se por completo e grande era a curiosidade de todos os assistentes para ver a quem caberia a palma da vitória nesse match de boxe, para qual foi desafiado o norte-americano pelo francês. O encontro começou renhido e violento por parte de Jack Murray, que esmurrou seu rival logo no primeiro tempo. Daí em diante, Mathieu Dicalce só apanhou punhadas, sem conseguir enrijar o pulso para responder a tantas investidas. Até que, afinal, Jack Murray deu lhe um punhaço bem certo numa das mandíbulas, fazendo-o cair estatelado sem sentidos. E assim terminou o encontro entre Mathieu e Murray, a quem coube plena vitória. O público aplaudiu o vencedor, que além do mais, ganhou 100 libras esterlinas da aposta. Não podemos deixar de chamar a atenção da polícia para esses *matches* de boxe, pois o sr. Mathieu Dicalce ainda ontem tomou tão valente punhada de boxe nos queixos, que chegou a cair desacordado ao chão. Daí pode ser que pegue a moda no Polytheama e será bom que a polícia se inteire do fato. O caso é que o jogo do boxe em alguns países é expressamente proibido.<sup>809</sup>

Algumas questões importantes precisam ser destacadas. Fazia menos de uma semana que o boxe profissional havia chegado a capital paulista. A luta por apostas não era uma realidade em São Paulo, que até aquele momento conhecia apenas o boxe

---

<sup>807</sup> Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional, Periódicos, Jornal Correio Paulistano, São Paulo, 3 de setembro de 1912

<sup>808</sup> Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional, Periódicos, Jornal Correio Paulistano, São Paulo, 9 de setembro de 1912

<sup>809</sup> Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional, Periódicos, Jornal Correio Paulistano, São Paulo, 8 de setembro de 1912

amador. A violência do combate foi saudada pelo público, mas não passou despercebida aos olhos do cronista. A falta de uma organização ou federação de boxe no Brasil, fazia com que a imprensa levasse o caso constantemente para a polícia. Apesar de uma morte nos ringues ter ocorrido no Chile um ano antes, o jornalista apenas salientou que em alguns lugares o boxe era proibido. Outro elemento importante foi o não cumprimento das Regras do Marquês de Queensberry. Na luta entre Murray e Donn, por exemplo, o combate foi organizado em seis assaltos, sendo que o regulamento inglês apontava para apenas três *rounds*. O boxe espetáculo acabava por negligenciar as regras feitas pra proteção dos pugilistas, em detrimento de apostas e venda de bilheteria.

Mas a experiência com o boxe profissional em São Paulo não duraria muito. Em algum momento entre os meses de janeiro e junho de 1913, o boxe foi proibido por ordem de Rafael Sampaio Vidal, Secretário de Justiça e Segurança Pública de São Paulo.<sup>810</sup> É o que deixa claro o jornal *Correio Paulistano* de catorze de junho de 1913:

Skating Palace – Ilustríssimo sr. Redator. Deparando em vosso conceituado jornal de hoje com a publicação de um despacho do exmo. Sr. Dr. Secretário da Segurança Pública sobre uma “troupe” de “boxers” que pretendia fazer no Skating Palace um campeonato de boxe, e que alegava ter feito um contato para isso com a administração do Skating Palace, peço a v. exc. fazer público que nenhum contato houve, apenas este estabelecimento recebeu do sr. Harris, empresário, uma proposta de exibição e em seguida ouvindo o sr. Dr. Sampaio Vidal que não aprovou essa exibição em São Paulo, recusou a proposta. Sebastião Pereira, secretário geral.<sup>811</sup>

O *Skating Palace* foi mais um dos muitos lugares de entretenimento da capital paulista. Certamente, a *troupe* de pugilistas que desejava fazer o campeonato de boxe encontraria abrigo se não fosse o contexto de proibição. No ano anterior, localizamos pelo menos dez combates de boxe profissional em São Paulo. Porém, em 1913 os embates desapareceram, e restaram apenas as notícias internacionais. Imaginamos que o motivo para tal proibição tenha sido o falecimento do pugilista Bill Jackson, no Rio de Janeiro. O fato ocorreu no fim de outubro de 1912, mas na capital federal não houve nenhum tipo de proibição. As portas que estavam se fechando para o boxe em São

---

<sup>810</sup> Acervo da CPDOC da Fundação Getúlio Vargas. Verbetes biográfico: Rafael Sampaio Vidal. Site: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/vidal-rafael-sampaio/> Acessado em 28 de novembro de 2017, às 01:06.

<sup>811</sup> Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional, Periódicos, Jornal Correio Paulistano, São Paulo, 14 de junho de 1913.

Paulo, também influenciava a prática do pugilismo em outras cidades do estado, como vemos no excerto abaixo:

Sport Desumano. Campinas, 11. Por absoluta falta de espaço, deixamos de inserir uma carta de um cristão, perguntando se, dada a proibição de boxe em São Paulo, não seria o caso de ser proibido também em Campinas esse sport desumano. Achamos razoável a ponderação do nosso assinante e endereçamo-lo ao sr. delegado de polícia. 11 de outubro de 1913.<sup>812</sup>

Não sabemos se outras cidades também acompanharam a capital na proibição ao pugilismo. O que podemos afirmar é que não houve mais boxe profissional ao longo da década de 1910 em São Paulo. Houve, sim, solicitações para exhibições, assim como ocorreu na Argentina, mas que foram negadas como mostra o seguinte documento: Justiça de Segurança Pública - De Lamderto Cesar Andreini pedindo licença para uma demonstração pública de boxe – Indeferido.<sup>813</sup> Esta é uma característica do pugilismo paulista que se distancia dos casos de Rio de Janeiro e Porto Alegre. Não vemos leis de proibição ao boxe como ocorreu em São Paulo. Mas talvez tal proibição tenha sido um reflexo de sua escolha pelo boxe amador. Afinal, como veremos abaixo, alguns clubes criaram departamentos que favoreciam a prática do chamado pugilismo científico.

Estes acontecimentos descritos acima mostram porque o Rio de Janeiro possuía grande influência no boxe. Nos jornais *A Federação* e *Correio Povo*, por exemplo, em nenhum momento encontramos sinais da prática do boxe entre os paulistas, apenas entre os cariocas. Mesmo assim, localizamos informações valiosas sobre a recepção do pugilismo em São Paulo, o que apresentaremos neste momento. Algo que nos chamou a atenção desde o início foi o destaque para lutas ocorridas na França, além de diversas notícias sobre George Carpentier e também o uso do boxe francês no Exército. Mesmo com a proibição do boxe profissional em 1913, a festa do Quinze de Novembro foi comemorada da seguinte forma:

Esta é a festa organizada pela Força Pública, com o auxílio dos oficiais instrutores de ginástica e esgrima da missão francesa. Damos a seguinte interessante programa: [...] 6ª parte – Demonstração de boxe francês – Capitão Luiz Lematre (Missão Francesa) e capitão Adriano Delbos (Missão

---

<sup>812</sup> Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional, Periódicos, Jornal Correio Paulistano, São Paulo, 12 de outubro de 1913.

<sup>813</sup> Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional, Periódicos, Jornal Correio Paulistano, São Paulo, 05 de março de 1914.

Francesa); 7ª parte – Assalto de boxe – Paulo de Campos (monitor) e Raul Cotrim (monitor).<sup>814</sup>

Mais uma vez as demonstrações e assaltos de boxe aparecem como parte dos esportes praticados pela Força Pública de São Paulo, “composta por quatro batalhões de Infantaria, um corpo de cavalaria, um corpo de Bombeiros e uma guarda cívica da Capital” (FAUSTO, 2006, p. 270). Destacamos a participação da Missão Francesa na Instrução dos soldados que, para Bóris Fausto, “marcou o início do processo de profissionalização dos agentes policiais-militares paulistas” (FAUSTO, 2006, p. 271). Ao longo da década de 1910 as festas do Quinze de Novembro sempre tiveram apresentações de boxe francês. Neste sentido, pensamos o quanto a Missão Francesa influenciou o boxe paulista, propiciando aos soldados brasileiros uma ginástica educativa e ao mesmo tempo uma modalidade de auto-defesa.

Sobre a década de 1910, ainda queremos mencionar algumas importantes iniciativas que contribuíram para a divulgação do boxe amador. Em quinze de fevereiro de 1917 foi fundado o *Club Ginástico e Esgrima* “que cultivará a luta romana, o boxe, o futebol, enfim, tudo que possa interessar a cultura física”.<sup>815</sup> Alguns meses depois, a Associação Cristã de Moços ofereceu uma festa para seus sócios e familiares, onde os mestres e monitores da Força Pública apresentaram “um assalto de florete, um assalto de sabre, um assalto de espada e boxe francês”.<sup>816</sup> No mês seguinte o *America Football Club* abriu inscrições para torneios de “xadrez, ping-pong, boxe, damas, bilhar e outros jogos esportivos”.<sup>817</sup> E em 1919, foram fundados o Centro Ginástico Paulista, proporcionando “aos seus associados os seus esportes atléticos, principalmente a luta romana, boxe, etc”<sup>818</sup>; e o Club Atlético Nacional, oferecendo “exercícios esportivos e especialmente o atletismo, ginástica, luta, boxe, esgrima e futebol”.<sup>819</sup> É interessante

---

<sup>814</sup> Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional, Periódicos, Jornal Correio Paulistano, São Paulo, 12 de novembro de 1913.

<sup>815</sup> Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional, Periódicos, Jornal Correio Paulistano, São Paulo, 13 de fevereiro de 1917.

<sup>816</sup> Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional, Periódicos, Jornal Correio Paulistano, São Paulo, 22 de abril de 1917.

<sup>817</sup> Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional, Periódicos, Jornal Correio Paulistano, São Paulo, 30 de maio de 1917.

<sup>818</sup> Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional, Periódicos, Jornal Correio Paulistano, São Paulo, 16 de janeiro de 1919.

<sup>819</sup> Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional, Periódicos, Jornal Correio Paulistano, São Paulo, 01 de setembro de 1919.

notar que o boxe esteve sempre acompanhado de outras práticas esportivas, o que mostra que neste período não havia academias específicas de boxe, como é o caso da *Brasil Boxing Club*, criada no Rio de Janeiro em 1923.

A década de 1920 foi uma década importante tanto para o boxe carioca como para o paulista. Henrique Nicolini afirma que “em 1921 com a luta de Jack Dempsey e Carpentier um grupo de jovens tentou novamente introduzir boxe em um clube” (NICOLINI, 2001, p. 173). De fato, encontramos esse acontecimento exposto no jornal *Correio Paulistano*:

Box – Torneio de boxe no Club Espéria. Realizar-se-á hoje o esperado torneio de boxe entre o Club Espéria e as agremiações esportivas Associação Atlética São Paulo e Boxing Club Paulista. Os diversos assaltos que se efetuarão na sede do Club Espéria, fazendo parte do programa de festas daquele clube.<sup>820</sup>

A *Luta do Século*, entre Jack Dempsey e Georges Carpentier ocorreu em dois de julho de 1921, em Jersey City, Nova Jersey. Em outro momento, já vemos um torneio organizado pelo Club Espéria e que, para nossa surpresa, já apresenta outros dois clubes: *Associação Atlética São Paulo* e *Boxing Club Paulista*. Este, possivelmente criado no contexto da luta de um milhão de dólares. Este registro coloca São Paulo como a primeira cidade a fundar um clube especificamente de pugilismo, já que a *Brasil Boxing Club*, do Rio de Janeiro, foi criada em 1923 (RAMOS, 1941, p. 28). Conforme o jornal de vinte de agosto de 1921, “acaba de fundar-se nesta capital um novo club de atletismo para o cultivo do boxe o que começará a funcionar sob a denominação de Boxing Club Paulista”.<sup>821</sup> Segundo o documento, o treinador (instrutor efetivo) era Batista Bertagnoli, muito referenciado pela bibliografia (; MATEUCCI, 1988, p. 16; FEITOSA, LEITE & LIMA, 2006, p. 890; VIERA & FREITAS, 2007, p. 19). Em relação ao ano de 1921, é importante destacar que é partir deste momento que surge uma seção chamada *Box* no jornal *Correio Paulistano*.

---

<sup>820</sup> Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional, Periódicos, Jornal Correio Paulistano, São Paulo, 14 de novembro de 1921.

<sup>821</sup> Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional, Periódicos, Jornal Correio Paulistano, São Paulo, 20 de agosto de 1921.

No mesmo ano que um clube de boxe amador foi criado, o pugilista profissional Jack Murray retorna à São Paulo para desafiar o amador Antônio Esper.<sup>822</sup> De 1912 a 1921 não ocorream lutas premiadas em São Paulo. Portanto, somente a partir de um grande embate internacional de boxe, surgiu uma nova possibilidade para que Jack Murray se apresentasse a capital paulista. É neste contexto que Menotti Del Picchia, o intelectual e cronista do jornal *Correio Paulistano*, apresenta suas críticas ao boxe profissional:

A Epopéia dos Murros – Porque o sr. Dempsey quer quebrar a cara do sr. Carpentier e vice-versa, hoje, na liberal e cristã República dos Estados Unidos da América do Norte, o universo inteiro treme, palpita. [...] No século XIX somos ainda como a plebe de Nero, ou de Vespasiano, que atulhava o circo, onde os homens se [?] como reses num matadouro. [...] As apostas monumentais que se fazem – dinheiro jogado fora neste momento de aguda crise – são o maior insulto que a humanidade poderia escarrar na miséria que avassala o mundo. A cena da canibalesca selvageria [...] representa a falência dos sentimentos cristãos, conquistados em dezenove séculos de progresso e de sacrifício. [...] Não sou eu, em absoluto, contrário aos desportos. Mais do que ninguém lhe sinto a utilidade, a necessidade urgente do seu cultivo. O boxe, entretanto, é o mais selvagem dos exercícios. [...] Helios.<sup>823</sup>

O escritor Menotti Del Picchia assinava como *Helios* no jornal *Correio Paulistano*. Sua crônica social envolvia vários assuntos, mas não se furtava de tratar do boxe quando achava necessário. Sua posição sobre o boxe profissional fica evidente nos trechos selecionados de sua crônica *A Epopeia dos Murros*. A luta de um milhão de dólares não fazia sentido para Del Picchia, num contexto de pós-guerra e destruição vivido pelos países europeus. A violência e as apostas foram os elementos cruciais de sua crítica. Contudo, numa sociedade de consumo e de comunicação em massa a luta entre Dempsey e Carpentier teve um impacto muito grande na difusão do boxe na América Latina. Apesar das críticas de Menotti, a recepção do pugilismo pelos brasileiros foi evidente no início da década de 1920. Os escritos de Menotti também nos ajudam a pensar sua visão sobre o esporte, já que em outros relatos o autor afirma treinar e lutar boxe amador.

Para o ano de 1922, a primeira ação importante para o boxe paulista foi a fundação da *Internacional Boxing Club*. Com este, “que se propõe a cultivar o *sport* do

---

<sup>822</sup> Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional, Periódicos, Jornal Correio Paulistano, São Paulo, 01 de novembro de 1921.

<sup>823</sup> Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional, Periódicos, Jornal Correio Paulistano, São Paulo, 03 de julho de 1921.

boxe”, já existiam três clubes que especificamente praticavam o pugilismo em São Paulo.<sup>824</sup> Porém, os dois clubes mais expoentes e que logo passaram a competir foram o *Boxing Club Paulista* e o *Internacional Boxing Club*. Este era dirigido por Adriano Delaunay, e o primeiro por Batista Bertagnoli. Ambos foram treinadores que marcaram época, principalmente por possuírem experiência no exterior. A rixa entre as academias era tamanha que em junho de 1922, Delaunay e Bertagnoli se desafiaram para um enfrentamento público de boxe.

Este ano foi marcante para o boxe paulista porque as lutas começaram a ser autorizadas pelo prefeito de São Paulo. Os pugilistas Gumercindo Newton e Emílio Fagundes, por exemplo, solicitaram um despacho para realizar um embate no Teatro Avenida.<sup>825</sup> As lutas de boxe profissional que foram proibidas ou negadas no ano de 1913 agora encontravam uma nova oportunidade. O crescimento de aficionados pela Nobre Arte só aumentou ao longo daquele ano. Em setembro foi organizado um importante festival de luta romana e boxe no Parque Antártica. O evento foi oferecido pelo Palestra Itália e foi muito divulgado pela imprensa. Segundo o documento, “havia um serviço especial de bondes”, o que era fundamental para melhor movimentação do público.<sup>826</sup>

O ano de 1923 foi muito agitado na imprensa paulista, principalmente entre os cronistas esportivos. As diversas vitórias de Luís Angel Firpo nos Estados Unidos fortaleceram o boxe brasileiro, gerando um grande movimento de lutas durante todo o ano. A *Internacional Boxing Club*, juntamente com a *Boxing Club Paulista*, foram responsáveis pela maior parte de embates realizados na capital. Um aspecto importante foi a disputa pelos primeiros campeões paulistas de boxe. Henrique Mateucci afirma que não haviam campeões até 1926, o que incentivou os jornalistas esportivos a fazerem

---

<sup>824</sup> Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional, Periódicos, Jornal Correio Paulistano, São Paulo, 16 de maio de 1922.

<sup>825</sup> Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional, Periódicos, Jornal Correio Paulistano, São Paulo, 25 de maio de 1922.

<sup>826</sup> Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional, Periódicos, Jornal Correio Paulistano, São Paulo, 17 de setembro de 1922.



uma votação entre os aficionados (MATEUCCI, 1988, p. 15). Contudo, Sebastião Ferreira e Raul Fogal disputavam o título dos meio-leves já em 1923.<sup>827</sup>

O ano de 1924 é conhecido pela bibliografia como o fatídico ano da luta entre o campeão europeu, Ermínio Spalla, e o brasileiro Benedito dos Santos. No entanto, observando os jornais do *Correio Paulistano* deste ano, percebemos várias questões interessantes, que revelam algumas fragilidades internas da organização do boxe em São Paulo. E que nos ajudam a entender o caso de Benedito dos Santos de forma mais ampla. Por meio da matéria de oito de janeiro de 1924, ficamos sabendo que dois anos antes havia se constituído uma comissão de boxe em São Paulo. Por questões que o documento não dá margem à interpretação, esta comissão dissolveu-se, ficando o boxe sem cuidado até o início de 1924.

O jornalista que não se identifica, pontua que “o boxe por ser justamente um esporte ainda muito novo entre nós e praticado em sua maioria por elementos profissionais está a exigir uma regulamentação rigorosa”. Entendemos o título do seu artigo, *A moralização do pugilismo*, quando o mesmo passa a relatar episódios ocorridos em um combate profissional entre os lutadores Jess Pratt e Adriano Delaunay.

a) Retificar a decisão do árbitro, cuja atuação elogia, dando como vencedor do aludido encontro o pugilista Jess Pratt, visto ter ficado averiguado haver sido empregado em Delaunay, por um de seus segundos, estimulantes não permitidos pelo regulamento do boxe. b) Aprender para ulteriores exames, os seguintes objetos encontrados em poder dos segundos dos dois pugilistas; c) de Delaunay: uma esponja apresentando rasgões, com resíduos de vidro, restos de ampola, contendo substância estimulante, um vidro contendo Enthymol Smellings Salts com álcool 90. De Jess Pratt: dois vidros contendo um deles um amoníaco, outro adrenalina, vidros estes que não foram usados segundo ficou averiguado pelo árbitro.<sup>828</sup>

Portanto, era necessário uma comissão para acompanhar de perto os embates de boxe. O documento sugere que entre 1922 e 1924 não houve comissão e os regulamentos não foram obedecidos. O discurso de moralização, proferido pelo jornalista, mostra seu desejo de levar o boxe a sua legalidade e respeitabilidade. Como vimos no primeiro capítulo, as diversas regras escritas para os embates de *prize-fighter*

---

<sup>827</sup> Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional, Periódicos, Jornal Correio Paulistano, São Paulo, 17 de maio de 1923

<sup>828</sup> Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional, Periódicos, Jornal Correio Paulistano, São Paulo, 08 de janeiro de 1924.

deixavam claro vários golpes proibidos: puxar cabelo, arranhar, morder, etc. No caso brasileiro, o processo de constituição do boxe estava só começando. Por isso, ainda no mês de janeiro de 1924, se constituiu uma nova comissão de boxe, formada por “redatores esportivos da capital”. Foi entre estes redatores, e ocupando função importante na elaboração de regulamentos de boxe, que achamos Taciano de Oliveira, autor de *Pugilismo* (1924), juntamente com o coautor Dirceu de Miranda Rosa.

Foi neste contexto, quando o boxe brasileiro dava ainda seus primeiros passos, que ocorreu no Parque Antártica, sede do Palestra Itália, a luta entre Ermínio Spalla e Benedito dos Santos. Este combate foi muito aguardado e certamente foi o mais importante até aquele momento. A estrutura falava por si só: o local acolhia cinquenta mil pessoas; o policiamento contava com trezentos praças, sendo duzentos da infantaria e cem da cavalaria; todas as capitais sul-americanas receberiam informações sobre a peleja pelo rádio da Estação Bandeirantes; trens especiais vindos de Santos trariam os aficionados da região litorânea.<sup>829</sup> Enfim, tratava-se de uma estrutura jamais vista no que refere-se ao nosso pugilismo. E apesar de Benedito dos Santos, apelidado de “Ditão”, ser um lutador forte e de físico imponente, possuía apenas três lutas oficiais no cartel, tendo começado a treinar há apenas dois anos.

A cidade que em 1913 proibiu exhibições de boxe teria, onze anos depois, convidados especiais como o governador de São Paulo, Carlos Campos, e o prefeito da capital Firmino Pinto para assistir a peleja. Havia grande expectativa para a luta, principalmente pela rápida ascensão que o boxe brasileiro conseguiu nos últimos quatro anos. As lutas de Jack Dempsey *versus* Georges Carpentier, e Luís Angel Fipo contra Jack Dempsey, foram elementos centrais para o fortalecimento do boxe nacional e também do sonho em possuir seu próprio campeão mundial. No dia da luta, onze de maio de 1924, cerca de quinze mil pessoas compareceram ao evento. Não preencheram os exagerados cinquenta mil lugares, mas foi até aquele momento a maior assistência já vista no Brasil.

---

<sup>829</sup> Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional, Periódicos, Jornal Correio Paulistano, São Paulo, 12 de maio de 1924

Os aficionados consideravam a luta entre Spalla e Benedito<sup>830</sup> “um evento de notável importância” para o pugilismo brasileiro. Os mais otimistas acreditavam que finalmente o boxe “se consolidava como *sport* da atualidade”.<sup>831</sup> Contudo, os que conheciam a Nobre Arte sabiam, desde o início, que Benedito não tinha chance contra o campeão europeu. Portanto, de quem foi a ideia de realizar o combate? O fato é que a luta rendeu cento e vinte contos de réis, valor muito expressivo se considerarmos o recente retorno do pugilismo profissional em São Paulo. Os últimos momentos da luta foram registrados pelo jornal *Correio Paulistano* da seguinte maneira:

Na última fase da luta o campeão da Europa entrou resolutamente para o ringue e com diretos dados com violência conseguiu alcançar o adversário, castigando-o até o final da competição. Benedito cai a primeira vez para levantar-se logo depois, caindo em definitivo com o último golpe que lhe aplicou o campeão Spalla.<sup>832</sup>

O jornal do dia doze de maio de 1914, um dia depois da luta, não fez nenhuma menção de que Benedito saiu machucado ou mesmo que tivesse sido levado ao hospital. O cronista esportivo concluiu inclusive “que o pugilista nacional não é tão inferior ao adversário”. Foi apenas no dia posterior que o *Correio Paulistano* abriu sua página dizendo: o valoroso pugilista nacional está gravemente enfermo, recolhido ao hospital alemão.<sup>833</sup> Os boatos espalhados pela cidade finalmente se confirmaram: “Ditão” teve uma lesão cerebral do lado esquerdo da face. A partir daí, o boxe teria um ano difícil pela frente. No entanto, no imbróglio de discursos contra ou a favor ao boxe, abriu-se uma janela para compreendermos com mais profundidade como as autoridades policiais, o legislativo, os esportistas e os jornalistas se posicionaram diante de tal fato.

Menotti Del Picchia foi um dos primeiros intelectuais a atacar a luta premiada. Lembramos que no primeiro capítulo, já havia na Inglaterra indivíduos pró-boxe e anti-boxe. Deste último, congregavam religiosos, moralistas e puritanos. Do outro, aristocratas, membros do Exército e a classe trabalhadora. Por isso, a questão entre

---

<sup>830</sup> ANEXO 37 – Imagem dos lutadores Benedito dos Santos e Ermínio Spalla, no , *Jornal Correio Paulistano*, São Paulo, 11 de maio de 1924.

<sup>831</sup> Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional, Periódicos, *Jornal Correio Paulistano*, São Paulo, 13 de maio de 1924

<sup>832</sup> Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional, Periódicos, *Jornal Correio Paulistano*, São Paulo, 12 de maio de 1924.

<sup>833</sup> Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional, Periódicos, *Jornal Correio Paulistano*, São Paulo, 13 de maio de 1924.

defender ou atacar o pugilismo já se mostrava presente na imprensa esportiva inglesa do século XVIII. Extraímos parte de sua crônica, com as seguintes informações:

MORRA O BOXE – Viva o boxe! Amo todas as manifestações de força, as belas estátuas vivas dos atletas, a plástica harmonia dos músculos em movimento no esforço, tudo o que exprimo varonil beleza pujança hércula. Viva o boxe! A arte nobre do murro. [...] Mas essa arte de matar em público, entre aplausos e entre apostas, essa sanguinária ciência de expor um corpo nu e torturado a vista facinorosa de milhares de neo-bárbaros [...] dá-me uma íntima vergonha [...] pois há em cada um de nós um Caim latente. [...] Viva o boxe! Viva o boxe que é arte de adestrar os músculos e fortalecer os homens! Morra o boxe profissional que é a sagração do assassino, da agressão e do crime! – HELIOS.<sup>834</sup>

Menos de uma semana após a luta entre Benedito e Spalla, Del Picchia já proclamava “Morra o boxe”. Por fazer parte de uma classe média, e ser um intelectual moderno, afeiçoado aos esportes e aos exercícios físicos, Menotti defendeu o boxe amador, “a manifestação de força”, o “movimento do esforço”, mas condenou o “boxe profissional que é a sagração do assassino, da agressão e do crime”. As fortes palavras de Menotti Del Picchia ecoavam e ganharam força, mas não eram as únicas. A Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, por exemplo, foi uma das principais defensoras da proibição ao jogo de boxe. Durante aquele mês de maio, Del Picchia escreveu diversas crônicas seguidamente criticando o pugilismo profissional, afirmando ser este “uma ignóbil exploração comercial”.<sup>835</sup>

No entanto, a proibição não ocorreu de imediato. De treze de maio a trinta e um de dezembro de 1924 muitos debates ocorreram em torno da permissão ou proibição do pugilismo. Henrique Mateucci sugere que o prefeito Firmiano Pinto foi pressionado pelos jornais para acabar com o boxe (MATEUCCI, 1988, p. 23). Cremos que as crônicas de Menotti Del Picchia tenham de fato contribuído para argumentar a respeito da brutalidade e violência do pugilismo. Porém, observamos vários sujeitos participando deste processo. Por exemplo, em dezessete de junho o vereador Breno Muniz de Souza registrou uma moção contra o boxe na Câmara de Vereadores de São

---

<sup>834</sup> Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional, Periódicos, Jornal Correio Paulistano, São Paulo, 16 de maio de 1924.

<sup>835</sup> Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional, Periódicos, Jornal Correio Paulistano, São Paulo, 18 de maio de 1924.

Paulo.<sup>836</sup> A partir dessa ação, veremos os vereadores estudando o caso em questão, buscando informações de especialistas como esportistas e médicos. O resultado disso foi mais negativo do que positivo para o boxe profissional, já que no segundo semestre de 1924 surgiu uma verdadeira campanha contra o jogo do soco em São Paulo.

Mesmo que as discussões tenham se alongado até o final do ano, vemos o prefeito Firmino Pinto negando solicitações para apresentações de pugilismo no mês de setembro:

A PROIBIÇÃO DE UM TORNEIO DE PUGILISMO. O sr. Firmiano Pinto, prefeito municipal, proferiu o seguinte despacho na petição do sr. José Antônio Lago, que pedia autorização para exhibir-se em combates de pugilismo amanhã, nesta capital; Indeferido. A cidade de São Paulo, que proibiu as lutas, os jogos ou divertimentos públicos de animais açulados uns contra os outros, não pode permitir demonstrações pugilísticas. Demais, o nosso código considera crime: ofender fisicamente alguém produzindo-lhe dor ou alguma lesão no corpo, embora sem derramamento de sangue. (Artigo 303).<sup>837</sup>

No momento em que o prefeito de São Paulo respondeu ao cidadão José Antônio Lago, os debates sobre o pugilismo na Câmara de Vereadores não haviam terminado. Contudo, até possuir um veredito sobre o assunto, todas as solicitações para exibição de espetáculos de boxe foram indeferidas. É interessante notar que o Código Penal de 1890 foi apropriado como lei máxima para punir os lutadores. Em outras palavras, as autoridades não viam o boxe profissional como um esporte de combate ou mesmo uma luta regulada, mas semelhante a uma briga de rua. Neste caso, vemos como era complexa a linha que separava a prática de luta regulada das demais situações de conflito do cotidiano. “Os divertimentos de animais açulados”, como rinhadas de galo, foram trazidas como práticas semelhantes ao boxe, o que de fato se assemelha a outras situações aqui já analisadas. De maio a dezembro de 1924 não houve lutas de boxe profissional na capital paulista. Na verdade, só em vinte e oito de abril de 1925, com o

---

<sup>836</sup> Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional, Periódicos, Jornal Correio Paulistano, São Paulo, 17 de junho de 1924.

<sup>837</sup> Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional, Periódicos, Jornal Correio Paulistano, São Paulo, 05 de setembro de 1924

novo prefeito, Luciano Gualberto, foi que o boxe profissional foi novamente permitido.<sup>838</sup>

---

<sup>838</sup> ANEXO 38 – Lei ordinária n° 2860, de 28 de abril de 1925 / Autoriza a concessão de licenças para o jogo de “box”.

## **CAPÍTULO IV - ESPETÁCULOS E DESAFIOS PUGILÍSTICOS: OS**

### **PRIMÓRDIOS DO BOXE NO SUL DO BRASIL**

**(PORTO ALEGRE/RS, ANOS 1910 & 1920)**

Nenhum esporte tem lutado tanto para chegar ao lugar que lhe compete como o boxe. No Brasil inteiro do norte ao sul, a nobre arte há muitos anos é praticada sem uma base séria sofrendo contínuas baixas e ascensões no conceito público, não tendo ainda, ao que pese o trabalho de alguns abnegados, atingindo um ponto que lhe permitisse tomar é e então firmar-se com solidez. É que em nosso país o pugilismo começou por onde deveria ter acabado: pelo profissionalismo. E que profissionalismo. – Sem controle, as pilhadas, os tongos, se desenvolveram de tal maneira que o público dificilmente se convencia da sinceridade dos dois lutadores que, dentro do ringue, trocavam golpes sobre golpes procurando a vitória. **José Ferreira Amaro Júnior, em *Almanaque Esportivo do Rio Grande do Sul*, ano de 1950.**

José Ferreira Amaro Júnior (19??-1982) foi um importante cronista esportivo, que muito contribuiu para a divulgação do esporte no Rio Grande do Sul. Entre os anos de 1942 e 1958 foi responsável pela publicação do Almanaque Esportivo, uma espécie de coletânea que destacava os principais acontecimentos do esporte ocorridos durante o referente ano. Neste almanaque, entre as várias modalidades abordadas, encontramos o boxe. Amaro Júnior foi um grande incentivador do boxe amador e não deixou de manifestar seu desapontamento com a forma como o pugilismo surgiu no país. Obviamente, o autor se refere ao pugilismo profissional, a vertente de boxe que os porto-alegrenses tiveram seu primeiro contato. Como veremos mais a frente, apenas em 1917 a Associação Cristã de Moços criou um espaço destinado a lutas em sua instituição.

Este último capítulo tem como objetivo caracterizar e comparar a trajetória do boxe em Porto Alegre, inserido nas discussões que nos propomos na segunda parte desta tese, isto é, perceber como a capital gaúcha recebeu e reelaborou o pugilismo, levando em conta o contexto latino-americano (Cuba, Chile, Argentina e Uruguai) e brasileiro (Rio de Janeiro e São Paulo). Sabendo que o boxe espetáculo possuía características itinerantes, seria impossível compreender a passagem de vários lutadores

em Porto Alegre, sem realizar um movimento mais amplo. Dessa forma, um estudo que tinha inicialmente o fim de investigar a prática do pugilismo em Porto Alegre, se transformou em um estudo sobre ao percurso de constituição do boxe em várias capitais da América Latina. É verdade que apenas realizamos análise documental para os casos brasileiros. Contudo, a bibliografia latino-americana nos ajudou a notar certas diferenças, de modo que para o caso do amadorismo e profissionalismo, percebemos que o Brasil tomou rumos diferentes.

As fontes primárias que serão utilizadas são as seguintes: jornais, *A Federação e Correio do Povo*, e revistas, *Almanaque Esportivo Rio-Grandense* e a *Revista do Globo*. Em relação aos jornais, o período selecionado foi de 1908 a 1926, tempo este que consideramos fundamental para compreender o processo de mudanças entre o boxe espetáculo e os primeiros clubes amadores de pugilismo. Como mencionamos na introdução, a criação da Federação Rio Grandense de Pugilismo foi tardia, somente em 1944. Nos jornais supracitados, encontramos para *A Federação* cento e oitenta registros e para o *Correio do Povo*, cento e vinte documentos. Confessamos que estes números (que no total contabilizam trezentos) foram bastante surpreendentes, pois o boxe sempre foi um tema marginalizado pela história do esporte.

Quanto aos almanaques, selecionamos os anos de 1947, 1948, 1949, 1950 e 1957. Nosso critério foi mais em relação às informações contidas nos mesmos. Em alguns números, como o de 1950, de onde retiramos o excerto acima, Amaro Júnior traz preciosas informações sobre o surgimento do boxe em Porto Alegre, o que nos permite cruzar com outros documentos utilizados. Para a *Revista do Globo* também utilizamos o mesmo raciocínio, já que elegemos os períodos que possuem informações mais significativas para a gênese de nosso pugilismo. Foram eles: 1932, 1942, 1943, 1950 e 1955. O uso de dois jornais, aliás, com editoriais e políticas bem distintas, teve por fim comparar os discursos anti e pró-boxe, assim como vimos para os casos de São Paulo e Rio de Janeiro.

Analisando as fontes primárias, algumas características do boxe porto-alegrense nos chamaram a atenção. Não que estas tenham sido especificamente vivenciadas pelo povo do Sul. Há pontos em comum com outras capitais do Brasil, como São Paulo e Rio de Janeiro. Porém, referimos-nos aos meios de divulgação que tornaram o pugilismo



conhecido em Porto Alegre: o cinema, os circos, os desafios e as academias e clubes. Foi um longo processo até que o boxe pudesse se consolidar na cidade, o que ocorreu somente na virada das décadas de 1920 e 1930. Nosso estudo vai até o ano de 1926, quando jovens amadores fundaram a *Southern Boxing Club*, a primeira academia de pugilismo da cidade.

Este capítulo está dividido em três sessões. Primeiramente, iremos explorar a história de Porto Alegre, bem como os principais esportes praticados. A ideia é compreendermos como a cidade foi se transformando entre os séculos XIX e XX, permitindo que novas concepções e comportamentos alterassem os hábitos da população. A segunda seção é destinada a analisar como locais de entretenimento, como cinemas e circos, contribuíram para retratar a imagem do pugilismo entre os porto-alegrenses. Quando o boxe profissional tornou-se parte da cultura de massa norte-americana, muitos romances, filmes, peças teatrais ou mesmo números circenses se apropriaram do pugilismo como elemento comunicador e agregador.

E, finalmente, queremos compreender a importância dos desafios entre lutadores estrangeiros em Porto Alegre, como forma de vender e consumir o esporte em formato de espetáculo. Ao mesmo tempo em que o boxe profissional começava a fazer parte do cotidiano dos gaúchos, os amadores iniciaram um processo de valorização do pugilismo como um esporte ginástico de excelência. Assim, surgiram iniciativas como a Associação Cristã de Moços, a *Turnerbund*, Grêmio Gaúcho, *Southern Boxing Club*, entre outras.

\*\*\*

Antes de iniciarmos a primeira seção, é preciso delinear o que sabemos sobre o boxe em Porto Alegre/RS. As principais obras que trataram do pugilismo no Brasil, como Henrique Mateucci (1988), Mário Feitosa, Nívea Leite e Amanda Lima (2006) e Silvia Vieira e Armando Freitas (2007), não abordaram o boxe no Rio Grande do Sul. Mário Marques Ramos (1941), como professor da Escola de Educação Física do Rio Grande do Sul, tendo publicado seu livro pela Editora do Globo, em Porto Alegre, poderia ter tratado algo sobre nosso pugilismo. Livros mais antigos como Taciano Oliveira e Dirceu Miranda Rosa (1924), Antônio Rodrigues Alves e R. A. Coutinho

(1929), Tenório Albuquerque (1939) e Waldemar Zumbano (1951), mencionam apenas a Nobre Arte em São Paulo e Rio de Janeiro.

Isso nos coloca em uma situação difícil, mas também desafiadora. Por um lado, há poucos trabalhos que aprofundam a história do boxe na capital do Estado. Por outro, o pouco que fazemos, já deixa a impressão de que estamos avançando. Contamos, como referências bibliográficas, os trabalhos de Tirzah Souza (2012), Marcello Campos (2013) e Alice Assmann, Eduardo Carmona e Janice Mazo (2014). A partir desses textos poderemos verificar o estado da arte do boxe gaúcho, ao mesmo poder problematizar certas lacunas. O primeiro elemento a se destacar é que nenhum destes trabalhos aborda o início do século XX. Todos partem dos anos 1920 e 1930 para realizar sua pesquisa. De fato, se formos considerar o começo da estruturação do boxe brasileiro as datas acima estão corretas.

Contudo, ao longo dessa tese temos percebido a importância de acompanhar todo o processo de constituição do pugilismo. Autores como Oliveira & Miranda Rosa (1924), e Rodrigues Alves & Coutinho (1929), por exemplo, viveram o princípio do século XX, mas não mencionaram os lutadores estrangeiros dos anos 1910. O motivo parece ter sido a questão do profissionalismo, pois organizavam combates sem cuidado, de forma irresponsável, sem apoio médico ou comissão instituída. O que queremos argumentar é que as pessoas que viveram essa época foram impactadas pelos desafios pugilísticos. Os espetáculos estavam quase sempre lotados. Portanto, no imaginário popular algo ficou plantado. E isso pode ter atrapalhado ou ajudado as iniciativas de amadores na década seguinte.

O trabalho de Tirzah Souza (2012) é o primeiro texto acadêmico que versa a respeito da história do boxe em Porto Alegre. A autora afirma que os filmes exibidos no cinema poderiam ter apresentado o pugilismo pela primeira vez aos gaúchos (SOUZA, 2012, p. 18). Isso foi algo que pudemos verificar nas fontes primárias. Este indicativo de Souza foi fundamental para que nós problematizássemos algumas questões: quais filmes eram passados nos cinemas? Com qual frequência? Qual o impacto dos mesmos para o conhecimento e o imaginário a respeito do boxe? Souza também aponta que em 1915 já ocorriam espetáculos de lutadores estrangeiros (argentinos, chilenos e belgas) (SOUZA, 2012, p. 19). Com essa informação, buscamos saber em que lugares eles se

apresentavam, se havia intermediários (como empresários, jornalistas) que ajudavam na divulgação das lutas.

A autora também menciona dois lugares que possuíam departamentos de boxe: a Associação Cristã de Moços e *Turnen-Bund*, (SOUZA, 2012, p. 19 e 20). Ambos valorizavam a vertente amadora do pugilismo. Neste sentido, nos perguntamos sobre estes sujeitos que participavam das pelejas: seus nomes, nacionalidades, ocupações, etc. Em outras palavras, conhecer o perfil destes lutadores. Nas fontes primárias percebemos que ACM teve papel fundamental na organização de combates de boxe amador no final da década de 1910 e ao longo da década de 1920. Souza também expõe a fundação da *Southern Boxing Club*, por Armínio Purper, e um campeonato de lutas que houve no Cine-Teatro Carlos Gomes no ano de 1926. Para nós, a criação da academia, logo após o combate entre Jack Dempsey e Gene Tunney, foi um passo importante para a fase de consolidação do boxe gaúcho.

O livro de Marcello Campos (2013) resgata a trajetória de Orlando Johnson, amante da música e dos ringues, nascido em 1910, em Porto Alegre, no bairro Bom Fim (CAMPOS, 2013, p. 14). Campos centra-se em narrar a vida dupla de Johnson, entre os salões de baile e os estádios de boxe do centro da cidade. O ponto alto do trabalho é justamente mapear os locais que se davam as lutas e o cartel conhecido de Johnson. Sua primeira luta foi em 1927, no Salão Leopoldina, em Porto Alegre; e seu último confronto foi em 1939, no *Rink* da Feira de Amostras, também na capital (CAMPOS, 2013, p. 46 e 47). O trabalho de Campos nos suscita a pensar nos pugilistas nacionais, já que boa parte dos boxeadores daquela época eram estrangeiros.

Outra contribuição de Marcello Campos se refere aos locais de combate. Para o autor, as primeiras lutas de boxe ocorridas em Porto Alegre se davam em parques, circos e zoológicos, evidenciando a precariedade de sua gênese (CAMPOS, 2013, p. 31). Johnson, pelo que tudo indica, não teve uma trajetória bem sucedida no boxe (seu cartel possuía 10 lutas, com duas vitórias, três derrotas, um empate técnico, e quatro resultados desconhecidos), mas sua história nos brinda com informações relevantes que nos ajudam a entender um pouco mais a vida de um boxeador negro em Porto Alegre (CAMPOS, 2013, p. 46) O fato de ter incorporado o apelido Johnson, reelaborando para

si a imagem de Jack Johnson - e tudo que ele representava - mostra também o impacto do pugilismo para a identidade de Orlando Silva e de muitos outros.

Finalmente, Assmann, Carmona & Mazo (2014) comentam que “com a popularização dos meios de comunicação, como o cinema, houve maior divulgação do boxe no Brasil” (ASSMANN, CARMONA & MAZO, 2014, p. 90). De fato, os grandes confrontos entre James Jeffries VS Jack Johnson (1910), e Jack Dempsey contra Georges Carpentier (1921), emocionaram os aficionados, servindo inclusive de inspiração para a criação de academias e clubes de boxe. A indicação de espaços de lutas nas origens do pugilismo em Porto Alegre também é uma contribuição importante dos autores: Sociedade Leopoldina, Sport Club Ruy Barbosa, além da ACM, já referida anteriormente (ASSMANN, CARMONA & MAZO, 2014, p. 91).

Uma frase, em específico, nos serviu de motivação para querer conhecer com mais profundidade a história do pugilismo em Porto Alegre: Ainda não se sabe exatamente como o boxe chegou ao Rio Grande do Sul (SOUZA, 2012, p. 17). O anseio da autora é o nosso também. Dessa forma, o que buscamos neste capítulo é justamente compreender os vários elementos que constituíram a história desse esporte ainda tão desconhecido entre nós. Analisando as fontes primárias, e atentando para o debate historiográfico, buscaremos mostrar como as diversas manifestações, artísticas ou esportivas, colaboraram para este longo e difícil percurso do boxe profissional e amador em Porto Alegre. Olhado do presente para o passado, e fazendo este movimento por diversas vezes nesta tese, reconhecemos que o pugilismo ainda sofre de vários males: preconceito, falta de investimento, excesso de voluntarismo por parte federações, dentre outros.

#### **4.1 - Uma cidade em transformação: o processo de modernização e a prática esportiva em Porto Alegre (Séculos XIX e XX).**

Quem chega ao centro de Porto Alegre logo observa uma mescla de prédios antigos e modernos coexistindo no mesmo espaço, o que nos remete a diferentes projetos políticos que marcaram a trajetória da cidade do século XIX aos dias atuais. O Mercado Público e o Chalé da Praça XV, no Largo Glênio Perez, e os antigos prédios públicos da Praça da Alfândega, são exemplos de imponência e vestígios de um tempo

em que Porto Alegre vivia de progresso, modernização e urbanização. Tudo isso foi possível, é claro, devido sua economia em constante crescimento. Os fatos estudados nesta tese precisam ser vistos neste contexto. A excitação pelas lutas, por exemplo, podem nos dar indícios que o progresso e a modernidade desejada pela elite nem sempre tinham respostas positivas por parte da população.

Pois bem, vamos nos apropriar de alguns elementos que constituem a história da capital gaúcha. Os fatos que envolvem a cidade de Porto Alegre são a prova de que a história é imprevisível. Por mais que os historiadores busquem construir seu trabalho apostando numa narrativa logicamente racional e coerente, os homens e mulheres no tempo, de quem Marc Bloch afirma ser nosso objeto de pesquisa, acabam traçando rumos para suas vidas que são, por vezes, muito diferentes dos que consideramos prováveis (BLOCH, 2001, p. 52).

Quem vivia no século XVIII dificilmente acreditaria que a Freguesia do Porto dos Casais, antigo Porto dos Dornelles, povoado simples e pacato, tornar-se-ia a capital do continente de São Pedro. Porém, foi justamente isso que aconteceu. Desde a fundação de Rio Grande, em 1737, o continente teve duas capitais. Devido às disputas territoriais entre Portugal e Espanha, a cidade rio-grandina foi invadida pelos castelhanos em 1763. Daí, a Câmara e a capital foram transferidas para Viamão, “segunda povoação mais populosa e desenvolvida daquele tempo” (COMISSOLI, 2008, P. 42).

Os motivos para esta transferência foram inúmeros. Para Sérgio da Costa Franco, o responsável por esta mudança foi o governador José Marcelino de Figueiredo, de quem diz ter mudado a capital “de forma arbitrária, um ato necessariamente pessoal, político e militar” (FRANCO, 2000, p. 14). É possível que o governador José Marcelino quisesse trocar de residência e apostar na então Freguesia do Porto dos Casais por considerá-la mais arejada. No entanto, há de se considerar que seu ato se deu num contexto de guerra, e que a nova capital trazia, sim, uma excelente posição estratégica, além de boa condição portuária que facilitava o comércio e a comunicação.

Nesta conjuntura, a Freguesia do Porto dos Casais passou a ser chamada, a partir de 1773, de Madre de Deus de Porto Alegre. E sua história, caros leitores, nunca mais seria a mesma. O pequeno “arraial de casas de palha habitadas por casais da Ilha”, que

era precária antes de se tornar capital, passa por um processo lento, mas importante de transformações (FRANCO, 2000, p. 11). O núcleo urbano passou a ser organizado, com o surgimento de três ruas principais na península (Rua da Graça, hoje Rua da Praia; Rua do Cotovelo, hoje Rua Riachuelo e Rua do Hospital, hoje Av. Duque de Caxias), e com dois caminhos que ligavam Porto Alegre a Viamão. Tratavam-se da Estrada do Mato Grosso (Avenida Bento Gonçalves) e o Caminho do Meio (Av. Protásio Alves) (MONTEIRO, 2012, p. 13).

O desenho do espaço urbano, realizado por Alexandre Montanha, a mando do governador José Marcelino de Figueiredo, foi acompanhado de construções importantes, como a do Palácio do Governo, em 1784, a Casa da Junta, em 1790, e a Cadeia Pública, em 1795. A população de Porto Alegre nesta época (1780) ainda era diminuta, cerca de 1.500 almas. Estes moradores, parte açorianos, se somavam com aqueles que vieram da Colônia de Sacramento, invadida e retomada pelos espanhóis (PESAVENTO, 2004, p. 202).

É evidente que após a transferência da capital de Viamão para Porto Alegre, além das primeiras mudanças urbanísticas e da construção de prédios públicos, a população tenha aumentado. Em 1808, por exemplo, quando Porto Alegre torna-se Vila a população era de 6.035 habitantes. Neste mesmo ano o número de comerciantes que residiam na capital havia superado os de Rio Grande (FRANCO, 2000, p. 28). Não demorou muito para Porto Alegre conquistasse o título de cidade. Este fato ocorreu em 1822. Nesta época o porto da capital já ligava o interior e o litoral com outras capitânicas e o estrangeiro. A construção da Alfândega ocorreu em consequência disso. (MONTEIRO, 2012, p. 16).

O comércio e a economia porto-alegrense se fortaleceram com a chegada dos imigrantes alemães em 1824. Pela via fluvial se compravam e vendiam mercadorias que abasteciam a capital, além de outras cidades e províncias do Império. No velho Largo do Paraíso, atual Praça XV de Novembro, se construiu o primeiro mercado da cidade, na tentativa de formalizar e institucionalizar o ponto que já era comumente utilizado pelas quitandeiras e vendedores de peixe. Este primeiro mercado durou cerca de vinte e cinco anos e devido ter se tornado “foco de imundícies e imoralidade” foi colocado abaixo (FRANCO, 2000, p. 115).

Durante o século XIX, alguns viajantes europeus aportaram em Porto Alegre e registraram suas impressões sobre o lugar. Saint-Hilaire assinalou a “cidade-paisagem, com suas casas caiadas de branco, de telhas avermelhadas, espécie de presépio à beira do Guaíba, onde a natureza sobrepuja as obras humanas”. Nicolau Dreys elogiou a “cidade bela, suntuosa e promissora, abastecida de todos os misteres da vida”. E Arsène Isabelle chamou Porto Alegre de “linda cidade, com seus tetos róseos, pouco levantados e salientes, coroando casas brancas ou amarelas de uma arquitetura simples e graciosa”. (PESAVENTO, 2004, p. 191).

No entanto, a simples e graciosa Porto Alegre, nas palavras do viajante Arsène Isabelle, que esteve viajando pelo Brasil entre 1830 e 1835, era ainda pouco estruturada. Não havia calçamento nas ruas, nem iluminação pública, tão pouco esgoto canalizado e água tratada. Nas ruas principais moravam comerciantes e aristocratas da época. Mas nos becos e ruelas, viviam os mais pobres: marinheiros, lavadeiras, carregadores e libertos. A necessidade de disciplinar e vigiar o espaço urbano se deu com o Código de Posturas criado em 1829. (MONTEIRO, 2012, p.14 e 21).

Algumas mudanças importantes ocorreram a partir da segunda metade do século XIX. Primeiramente, o tão esperado término das obras do Teatro São Pedro, em 1858, espaço de sociabilidade da elite porto-alegrense. Em 1865, funda-se a Hidráulica Porto –Alegrense, “que passou a fornecer água a domicílio para as elites endinheiradas e nos chafarizes públicos para a população”. Alguns anos depois, em 1874, implanta-se a primeira linha férrea, ligando Porto Alegre a São Leopoldo (MONTEIRO, 2012, p. 22).

Um acontecimento importante e que influenciou o crescimento da cidade foi a primeira linha de bondes de tração animal, inaugurada no mesmo ano da linha férrea. Este serviço atendia os moradores que viviam nos arraiais, regiões fora da península central. Os primeiros arraiais foram o Menino Deus, a Cidade Baixa, Partenon, São João e Navegantes. Estes dois últimos, bairros operários. E não parou por aí. Em 1876 deu-se início a coleta de lixo, em 1878 ao serviço de saneamento, e em 1886 o serviço telefônico (MONTEIRO, 2012, p.26).

Estes serviços acima citados fazem parte deste processo de crescimento e modernização da cidade. É importante salientar que a população de Porto Alegre era de aproximadamente 32 mil habitantes em 1872. Em poucos anos, em 1890, a população

chegou a 52 mil pessoas, um aumento de 63%! (FRANCO, 2000, p. 59). Isso ocorreu principalmente devido a chegada de imigrantes europeus, mas também pelo porto que movimentava os negócios, pela faculdade implantada na capital e pelo crescimento vegetativo da própria cidade (BAKOS, 1996, p. 21).

Todas estas transformações não são exclusivas da capital Porto Alegre e do Rio Grande do Sul. Como se percebeu, o cenário brasileiro foi se alterando ao longo do século XIX. A exportação do café permitiu a internalização do capital e o investimento do estado no mercado interno, na urbanização e indústria, além de construções de estradas e criação de bancos (PESAVENTO, 1989, p. 63). O regime monárquico não resistia à pressão econômica, pois era um modelo político antiquado, insustentável. Assim, com a queda da monarquia, por motivos de mudanças estruturais na política e na economia de nosso país, surge a República, proclamada em 1889.

A continuidade das transformações já ocorridas na segunda metade do século XIX em Porto Alegre, precisa ser entendida no contexto da política do Partido Republicano Rio-Grandense, nos nomes de Júlio de Castilhos e Borges de Medeiros. O PRR se colocou em oposição ao sistema monárquico, escravista, baseado em favores e privilégios, e buscou o alargamento social de sua base política. Ou seja, incluiu em seu governo os setores médios urbanos (comerciantes e industriais), os colonos da região serrana e os latifundiários do litoral do estado. Trouxe como teoria social o positivismo, defendendo a ordem o progresso como valores e princípios que trariam o desenvolvimento do Rio Grande do Sul (PESAVENTO, 1989, p. 64).

O PRR conseguiu permanecer no poder por quase quarenta anos. Borges de Medeiros foi presidente do estado por vinte e três anos. O intendente José Montauray ficou em seu cargo por mais tempo, vinte e sete anos. Este continuísmo, nas palavras de Margaret Bakos, foi uma especificidade regional e local (BAKOS, 1996, p. 46 e 47). Nenhum outro estado ou cidade do Brasil teve tão poucos governantes em tanto tempo. Mas por que isso ocorreu? A ideologia castilhista era autoritária, conservadora, mas ao mesmo tempo progressista no desenvolvimento econômico e na ordem social. O Exército, a Brigada Militar e as Guardas Municipais faziam o serviço de vigiar e punir qualquer atitude desviante da moral e dos bons costumes.



Os jornais da época, alguns deles como *A Federação*, órgão de imprensa do PRR, constantemente retratavam os problemas sociais da cidade e como, na visão da imprensa, poderiam ser solucionados. Um dos problemas sociais era a presença de “meninos que vagavam pelas ruas, ao lado de prostitutas, vagabundos e mendigos, tratados como ameaça à moralidade, à saúde, à segurança e aos projetos de civilização da população gaúcha” (VARGAS, 2004, p. 251). O PRR buscava construir um projeto político moralizante que visava “colocar para debaixo do tapete” os problemas sociais, limpar e urbanizar a cidade ao modo burguês.

Havia intensa repressão da polícia em becos e vielas, atrás de sujeitos que não se enquadrassem no novo projeto de cidade. Sujeitos estes que, segundo eles, estavam “no ócio absoluto, na vagabundagem e na malandragem”. Cortiços eram colocados abaixo em nome da urbanização e da limpeza da urbe (VARGAS, 2004, p. 260). Nota-se que uma das estratégias do PRR se manter no poder por tanto tempo, foi obter o apoio das forças militares e do exército. Obviamente, que ao seu lado também estavam os comerciantes e industriais, que compartilhavam da ideia da ordem natural das coisas. Ou seja, cada um tem sua posição predestinada na sociedade (PESAVENTO, 1989, p. 62).

As primeiras fábricas instaladas em Porto Alegre surgiram ao longo da Rua Voluntários da Pátria, em direção a Zona Norte da cidade, e resultaram nos bairros operários Navegantes e São João. Estas fábricas, muitas de propriedades de alemães, provaram a consolidação da cidade e da chegada do capitalismo. Com as novas condições de trabalho da indústria, surgem associações e sindicatos representantes dos operários. Aparecem em Porto Alegre ideias socialistas e anarquistas que defendiam “liberdade de imprensa e reunião, o direito ao voto feminino, a redução de jornada de trabalho para oito horas e a fiscalização das condições de trabalho” (PETERSEN & SCHMIDT, 2004, p. 221).

A primeira greve geral ocorreu em 1906 e mobilizou entre dois e cinco mil trabalhadores. A negociação foi feita entre o socialista Francisco Xavier da Costa e Alberto Bins, futuro intendente de Porto Alegre. Os operários buscavam a diminuição da carga horária de trabalho para oito horas, no entanto, ao findar da negociação a jornada diminuiu para nove horas. (PETERSEN & SCHMIDT, 2004, p. 215).

Por mais que o projeto do PRR se demonstrasse coeso, forte e implacável para oposição, ele possuía alguns entraves. O primeiro deles se refere ao endividamento do município. Os vários melhoramentos realizados na cidade não foram realizados apenas com as rendas ordinárias do município. O primeiro empréstimo feito no estrangeiro deu-se em 1909, no valor de 600 mil libras, amortizados em trinta e cinco anos. O empréstimo foi realizado com *Frederick J. Benson e Cia*, de Londres. O dinheiro foi necessário para comprar materiais e maquinários para modernizar a cidade. Este foi somente uma das dívidas contraída no estrangeiro. Mais três ocorreriam, em 1922, 1926 e 1928 (BAKOS, 1996, p. 89).

Porto Alegre, nos primeiros anos do século XX, poderia se considerar moderna. Era uma das poucas cidades do país que tinham mais de cem mil habitantes. Possuía inúmeras fábricas, indústrias, bancos, casas de comércio, faculdade, um porto que mantinha relações comerciais com outras localidades, um mercado pomposo, eletricidade, água encanada, bondes, enfim, uma série de elementos importantes para uma capital. Mas para Eduardo Kersting, “a sociedade urbana brasileira tinha uma ideia incipiente de modernização” (KERSTING, 1998, p. 14). Havia o sonho de modernidade, baseado em modelos europeus, como em Paris e Londres, distantes da realidade brasileira. O Brasil por ser periferia em relação à Europa. E Porto Alegre, por ser periferia da periferia, nutria sonhos de ser moderna.

Para Eduardo Kersting, “O sonho em Porto Alegre era o desejo de transformação urbana a partir de um modelo de modernização externo a essa sociedade, mas que se rearticula pelas suas necessidades e lógicas internas” (KERSTING, 1998, P. 41). Isso significa que os problemas sociais enfrentados pela capital rio-grandense não eram iguais, nem parecidos, com os problemas das capitais europeias. Porto Alegre teria que dar conta de seus problemas estruturais crônicos. A modernidade era um sonho, um discurso, da elite porto-alegrense, mas que nunca era vista – nem entendida – pelos pobres da cidade.

E para essa sonhada modernidade ser implantada em Porto Alegre, por exemplo, a exclusão foi necessária e indispensável. Para buscar uma visão de civilização e progresso, foi preciso “instrumentos legais e práticas coercitivas para isolar e controlar as classes perigosas” (KERSTING, 1998, p.15). E quem eram as classes perigosas?

Todos aqueles que não eram enquadrados na modernidade proposta pela elite, àqueles que por serem pobres, ou negros, ou desempregados, vagavam pelas ruas e eram, em consequência, alvo da vigilância e repressão da polícia.

Parece ser mais coerente dizer que Porto Alegre buscou elementos do modernismo, mas que em sua essência não era uma cidade moderna. Muito menos se levarmos em conta que este processo de modernização, urbanização e embelezamento da cidade ocorreu só em seu centro administrativo e governamental. A trajetória histórica que fizemos sobre a cidade de Porto Alegre nos ajuda entender as especificidades do lugar que foi palco das primeiras lutas de boxe, nosso objeto de pesquisa. Sabendo agora do projeto político do PRR, de sua visão autoritária, conservadora e repressiva poderemos entender porque o boxe não era uma prática bem vista pelas autoridades e, principalmente, pela polícia.

Porto Alegre foi organizada por distritos. Cada distrito possuía características específicas, entre elas, o perfil e padrão de seus moradores. No quarto distrito, por exemplo, moravam os operários. No segundo, até certo tempo, os ex-escravos e imigrantes pobres. Já o primeiro distrito era o centro governamental da cidade e do estado, e possuía ruas consideradas atrativas por seus entretenimentos. Seu grande símbolo era a Rua da Praia, a via pública mais velha da cidade (SANHUDO, 1975, p. 248). Para este trabalho, consideramos o primeiro distrito como nosso lócus de análise. Por quê? Porque no centro de Porto Alegre estavam os cinemas, teatros, clubes, enfim, vários espaços de sociabilidade e diversão.

Para Sandra Pesavento, “a rua surge no cenário urbano como uma identidade própria, que será lentamente construída, a partir do século 19” (PESAVENTO, 1992, p. 9). Assim, observamos que a Rua da Praia (oficialmente, Rua dos Andradas), foi se construindo no final do século XIX para o XX.<sup>839</sup> Do estilo colonial português ao modelo parisiense de construção. O perímetro que abarcava o primeiro distrito foi racionalizado e organizado numa perspectiva de modernidade. Devia ser um espaço limpo, arejado e belo. Para Silvio Corrêa, a Rua da Praia foi a melhor expressão da *Belle Époque*. Nela havia cafés, livrarias, alfaiataria, relojoarias, sendo por sua vez o

---

<sup>839</sup> ANEXO 39 – Rua dos Andradas.

lócus de civilidade (CORRÊA, 1994, p. 33). Neste conjunto de transformações e novidades vieram a valorização e cuidado com o corpo e a prática de esportes.

\*\*\*

As inúmeras transformações ocorridas em Porto Alegre na virada do século XIX para o XX e que foram evidenciadas anteriormente, nos ajudam a compreender o surgimento das práticas esportivas na capital. Este processo não foi isolado, pois nesta mesma época cidades como Rio de Janeiro, São Paulo, Curitiba, Florianópolis, Salvador, entre outras, também vivenciaram experiências semelhantes (MELO, 2010, p. 15).

No caso de Porto Alegre os imigrantes alemães (teuto-brasileiros) tiveram importante participação na divulgação do esporte. É verdade que posteriormente os imigrantes portugueses (luso-brasileiros) e italianos (ítalo-brasileiros) também deram sua contribuição. Segundo Mazo e Pereira, é fundamental entender a gênese do esporte em Porto Alegre através da criação das associações (MAZO & PEREIRA, 2013, p. 15).

Estas associações eram espaços de sociabilidade e também de fortalecimento da identidade de seus sócios. No caso dos teuto-brasileiros sua primeira associação foi fundada em 1867, chamada de *Deutscher Turnverein* (Sociedade Alemã de Ginástica), hoje conhecida como SOGIPA. Lá se dedicavam a ginástica (turnen), a corrida e a esgrima (MAZO & PEREIRA, 2013, p. 16) Os teuto-brasileiros também fundaram um clube de tênis, o primeiro do Brasil, em 1896. Era chamado de *Tennis Club Walhala*, mas conhecido popularmente como “Clube de Tênis dos Alemães” (MAZO, 2003, p. 104).

O ciclismo também surgiu em Porto Alegre pela influência dos teuto-brasileiros. Em 1886 já se organizava o primeiro clube, o *Bycycle Club*, com objetivos lúdicos. Já o primeiro clube destinado à prática do ciclismo foi a União Velocipédica de Amadores, em 1895 (MORAES, 2014, p. 20). A trajetória do ciclismo começou com passeios pelos arredores da cidade. Com a chegada de bicicletas importadas, construiu-se o primeiro velódromo, em 1898, no mesmo local que o Prado Independência. Nota-se que as bicicletas causavam tamanha atração que em apenas um ano já existiam duas associações de ciclismo (GOELLNER & MAZO, 2010, p. 181 e 182).

Outro esporte trazido pelos alemães foi o remo. Segundo Carolina Silva, “a cidade de Porto Alegre foi uma das pioneiras no país a implantar o remo como prática esportiva” (SILVA, 2011, p. 44). O primeiro clube foi o *Ruder-Club*, em 1888, e o *Ruder-Verein* Germânia em 1892 (MAZO & PEREIRA, 2013, p. 16). O Rio Guaíba, antes utilizado por pescadores e embarcações comerciais, passou a ter novo sentido para os esportistas, principalmente os amantes do remo e da natação. Sem dúvida os teuto-brasileiros mudaram o cenário esportivo em Porto Alegre. Além, é claro, de sua significativa influência na política e na economia porto-alegrense (MONTEIRO, 2012, p. 37).

Outra experiência esportiva que marcou a história de Porto Alegre foram as corridas de cavalo, ou também chamadas de Turfe. Não poderiam ser consideradas associações esportivas, a exemplo dos alemães, pois, conforme Mazo e Pereira assemelhavam-se mais a associações mercantis, em virtude de sua dependência nas apostas. (MAZO & PEREIRA, 2013, p. 18) O Turfe foi uma prática, em grande parte, luso-brasileira. Era o espaço de encontro e de sociabilidades dos mesmos. Segundo Goelner e Mazo, os prados eram lugares onde “homens e mulheres compareciam para ver e serem vistos. Desfilavam com elegância, faziam apostas, rompiam com a rotina, preocupavam-se com os ditames da moda” (GOELNER & MAZO, 2010, p. 179) A primeira corrida de cavalo com o formato circular/elíptico ocorreu em 1872, no Campo da Várzea. Alguns anos depois, em 1877, construiu-se o primeiro hipódromo da cidade, o Prado Porto-Alegrense, ou chamado de Boa Vista (PEREIRA, 2012, p. 56 e 61).

Na década de 1890, Porto Alegre já possuía quatro prados em funcionamento: além do Prado Porto-Alegrense (1877), entre os bairros Partenon e Santana, havia o Prado Rio-Grandense (1881), no arraial Menino Deus, o Prado Navegantes (1891), no bairro operário Navegantes e, por fim, o Prado Independência (1894), no Moinhos de Vento (PEREIRA, 2012, p. 62). O Prado Independência tornou-se posteriormente a Sociedade Protetora do Turfe, onde políticos como Borges de Medeiros, Carlos Barbosa e José Montauray possuíam cavalos e faziam suas apostas (FRANCO, 2000, p.64). Os quatro prados citados acima contribuíram para o crescimento e consolidação dos bairros, já que na virada do século XIX para o XX o centro era o foco da modernização e urbanização da cidade.

Um dos esportes que mais cresceu ao longo do século XX foi o futebol. Começou primeiramente na cidade portuária de Rio Grande, com o *Sport Club Rio Grande*, fundado em 1900, atualmente o clube mais antigo do país em funcionamento. Este clube foi convidado para se apresentar em 1903 em Porto Alegre, onde o futebol estava se iniciando. Poucos dias depois desta apresentação, sócios de um clube de ciclismo resolveram fundar o primeiro clube de futebol da capital: o *Fuss-Ball Club Porto Alegre*. No mesmo dia, mas no turno da noite, foi fundado por vinte jovens comerciantes o *Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense* (SOARES, 2014, p. 43).

Em 1909 foi fundado o *Sport Club Internacional*. Considera-se que neste ano o futebol começa a se consolidar, pois surgem inúmeros novos clubes. No dia de sua fundação o Internacional ganhou grande destaque na imprensa. Segundo Ricardo Soares, “podemos dizer que a partir deste momento que o *foot-ball* foi reconhecido como principal esporte de Porto Alegre” (SOARES, 2014, p.70). Muitos outros clubes foram criados a partir de então, tanto na capital, como no interior. Inclusive sua prática adentrou fábricas e indústrias, sendo um esporte adotado por operários (STÉDILE, 2011).

Ginástica. Ciclismo. Remo. Tênis. Turfe. Futebol. São estes alguns dos esportes de mais destaque na virada do século XIX para o XX. Antes de passarmos para a próxima seção, queremos compartilhar um exercício de investigação em fontes primárias em busca justamente dos esportes mais praticados em Porto Alegre. Como já afirmamos anteriormente, queremos entender o lugar do boxe nos demais esportes da cidade. Apesar de suas informações serem diminutas, em relação a outras práticas esportivas, cremos que sua história merece, igualmente, ser estudada.

Buscamos no jornal *Correio do Povo* informações sobre a prática esportiva em Porto Alegre. O *Correio do Povo* foi fundado em 1895 pelo empresário Caldas Júnior e diferia, em muito, dos jornais de sua época, a exemplo do *A Federação*, órgão do Partido Republicano Rio-Grandense. Enquanto outros jornais defendiam abertamente sua posição política, o *Correio do Povo* era independente, utilizava o padrão norte-americano, ou seja, “a notícia pela notícia” (GALVANI, 1994).

Pois questões de viabilidade, optamos por analisar jornais de dois períodos distintos: 1911 e 1920. Estes dois anos nos permitiram verificar se o esporte em questão

continuou aparecendo na imprensa, mesmo passados quase dez anos. Coletamos informações de duzentos e dois jornais, dos meses de julho a outubro, dos anos de 1911 e 1920. Nosso objetivo com esta pequena amostra foi: a) perceber o quanto o esporte fazia parte do cotidiano do porto-alegrense; b) quais esportes apareciam frequentemente nas notas esportivas; c) vestígios do surgimento do boxe.

Na análise dos jornais, percebemos que as notas esportivas apareciam de forma sistemática – ou seja, praticamente todos os dias. As notas ocupavam, normalmente, a última parte do jornal. Em poucos casos apareciam na capa. Foi o caso de uma corrida de cavalos organizada pela Sociedade Protetora do Turf que ocorreu num domingo, com a presença de autoridades. Notamos também que o tamanho da fonte das notas esportivas foi mudando. No início eram pequenas em letras minúsculas. E, mais tarde, em letras maiores e garrafais. Passadas essas impressões, vamos aos números.

Dos cento e um jornais pesquisados em 1911, 76% deles possuíam notas esportivas. Isso significa tanto que os leitores tinham interesse em saber sobre esporte, como o intenso número de eventos esportivos que ocorriam na cidade. Estes dados continuaram no ano de 1920, com um pequeno acréscimo: 78% dos jornais tinham notícias sobre esporte. Em outras palavras, a coluna esportiva no início do século XX estava muito bem consolidada.

Em relação aos esportes mais encontrados nos jornais, foram o futebol, o turfe, o remo e jogo de Bola. Dos cento e um jornais analisados de 1911, setenta e sete deles possuíam informações sobre partidas de futebol, como se vê a seguir:

FOOT-BALL: Em sessão realizada há dias, ficou resolvido cobrar-se no match de domingo próximo, 1\$ pela entrada de cada pessoa no ground dos Moinhos de Vento. Segundo telegrama recebido sabe-se que, por todo o mês de outubro próximo, o Sport Club Pelotas virá a Capital. Aqui, jogará <maches> com o Grêmio Foot-Ball, Fuss-Ball e S.C. Internacional.<sup>840</sup>

As notícias sobre futebol nem sempre eram locais ou regionais. E alguns casos, eram comentários sobre disputas mundiais ou mesmo nacionais. No caso exibido acima, percebe-se a informação que no mês de outubro o time de Pelotas iria enfrentar vários times porto-alegrenses no antigo campo do Moinhos de Vento. Na década de 1920, o

---

<sup>840</sup> MCSJHC, Jornal Correio do Povo, 12 de fevereiro de 1911.

futebol continuou sendo a sensação e o principal esporte de Porto Alegre: 76% das notas esportivas continham informações sobre o futebol. Estes vestígios documentais dialogam com a pesquisa historiográfica, que segundo Ricardo Soares, comprovava o sucesso do futebol (SOARES, 2014, p.69)

Em segundo lugar, como esporte mais presente nas notas esportivas, ficou o turfe. Mais antigo que o futebol, há registros de corrida de cavalos no Rio de Janeiro em 1847 (MELO, 2001, p. 31). Na proximidade de Porto Alegre, antes da construção dos hipódromos, já havia indícios destas corridas, tipo cancha reta, em 1852 (PEREIRA, 2012, p. 52). O turfe era um esporte para a alta sociedade. Diversos políticos se faziam presentes e apostavam nas corridas. Em uma das festas organizadas pela Sociedade Protetora do Turfe, em homenagem ao governador Carlos Barbosa, ficam algumas evidências documentais de quão finos e requintados eram estes encontros:

As várias dependências do Prado estavam tomadas; o elegante pavilhão se achava cheio de como nunca o vimos; na pelouse o trânsito se tornou impossível tal a extraordinária quantidade de carruagens e automóveis com famílias. Encantador, simplesmente, belo aspecto das arquibancadas, acomodando o que de distinto possui a sociedade porto-alegrense. As variadas cores de finíssimas toilettes trajadas pelo que mais chic e elegante possui a elite desta capital, davam a festa um realce inexcelsível, parecendo nos acharmos em luxuoso salão de recepção.<sup>841</sup>

Dos cento e um jornais analisados em 1911, setenta e quatro deles possuíam informações acerca do turfe ou hipismo. Este número vai decair em 1920, quando 55 jornais dos 101 localizados registrarão algum acontecimento vinculado ao turfe. Ester Liberato Pereira já havia indicado que o auge do turfe havia sido a década de 1890, e que posteriormente ocorreu um período de declínio, principalmente devido o surgimento de novos esportes – como o futebol – e outros espaços de diversão e sociabilidade – como os cinemas (PEREIRA, 2012, p.130).

Em terceiro lugar ficou o jogo de bola. Sobre este esporte inicialmente não havia ficado claro sua caracterização. Para alguns poderia ser o futebol de salão, para outros jogos de bocha. Desconfiamos que se trate de um esporte conhecido no começo do século XX, como jogo da bola de madeira, com elementos semelhantes ao boliche. O

---

<sup>841</sup> MCSJHC, Jornal Correio do Povo, 16 de junho de 1911.



primeiro de bolão foi organizado pelos teuto-brasileiros em 1896 (MAZO, 2003, p.88 e 112) Sobre o jogo de bola a nota esportiva diz o seguinte:

JOGO DE BOLA – Com a boa concorrência o Club 14 de Abril realizou ante-ontem na cancha da sociedade Leopoldina, um torneio que esteve bastante animado. No mesmo local, o Club Pimpão dará, hoje o seu torneio semanal.<sup>842</sup>

Encontramos setenta evidências de jogo de bola em 1911. Janice Mazo, ao tratar do primeiro grupo de bolão em Porto Alegre, afirma que seus sócios eram da Sociedade Leopoldina. A nota esportiva descrita acima confirma a hipótese de que o jogo de bola poderia ser também conhecido como bolão (MAZO, 2003, p. 112). O número diminuiu um pouco em 1920, 67 registros.

Em quarto lugar ficou o remo, chamado também de *Rowing*. Em 1911 localizamos 52 notas esportivas sobre o remo e em 1920 este número aumentou para 65. Mesmo não sendo um aumento significativo, já que com declínio do turfe, esportes como remo ganharam espaço.

ROWING – Sabemos que um grupo de remadores, pertencentes a diversas associações náuticas vão dirigir um ofício ao conselho superior da Federação de Remo, perguntando se, em novembro próximo haverá as costumadas regatas.<sup>843</sup>

Vários clubes de remo já existiam em 1910. Tanto de teuto-brasileiros, como de luso e ítalo-brasileiros (MAZO & PEREIRA, 2013, p. 20). Entre eles, o Clube de Regatas (1888), o C.R Guaíba (1892), o Tamandaré (1903), o Almirante Barroso (1905), culminando com a própria Federação Aquática do Rio Grande do Sul, em 1911. Enfim, estes foram os esportes mais expressivos encontrados nos anos de 1911 e 1920. Outras práticas esportivas foram também encontradas como: tamborim, ginástica, patinação, corrida, luta-romana, tiro ao alvo, xadrez, golfe, esgrima e, inclusive, o boxe. Se formos comparar o futebol, o remo e jogo de bola com o boxe, de fato os registros são diminutos.

Porém, isso não inviabiliza a pesquisa, pois não consideramos que a quantidade de notas esportivas tenha relação com a importância do tema a ser investigado. O

---

<sup>842</sup> MCSJHC, Jornal Correio do Povo, 16 de junho de 1911.

<sup>843</sup> MCSJHC, Jornal Correio do Povo, 16 de junho de 1911.

trabalho do historiador é justamente este: como um artista de mosaico, une peças fragmentadas, busca relações, associa fatos, liga documentos aparentemente desconexos. Mas é a partir dos registros localizamos nos jornais *A Federação* e *Correio do Povo* que queremos caracterizar a gênese do boxe em Porto Alegre.

#### **4.2 - Do picadeiro às salas de cinema: influência e contribuição dos filmes e das *tournées* dos circos para os primórdios do boxe em Porto Alegre**

As transformações políticas e econômicas ocorridas em Porto Alegre afetaram diretamente sua organicidade, alterando os costumes e influenciando o cotidiano dos moradores. As diversas práticas esportivas que chegaram à cidade, como a ginástica dos alemães e o futebol dos ingleses, evidenciam que Porto Alegre estava acompanhando as mudanças sucedidas no mundo. Uma das novidades, fruto da revolução industrial e científica foi o cinematógrafo criado pelos irmãos Lumière em Paris/França em 1895. É verdade que outros inventores criaram anteriormente aparelhos semelhantes ao cinematógrafo, mas nenhum com a qualidade visual deste último.

Ao nos apropriarmos da bibliografia sobre o boxe no Rio Grande do Sul, mesmo que escassa, encontramos nos trabalhos de Tirzah Souza (2012) e de Alice Asmann, Eduardo Carmosa e Janice Mazo (2014), informações que indicam relação entre o surgimento do pugilismo em Porto Alegre e as fitas cinematográficas vistas pelos porto-alegrenses. Surgiu daí a necessidade de estudar mais a fundo como se deu este contato.

Para isso, estabelecemos algumas perguntas: como chegou o cinema em Porto Alegre? Quais foram as principais salas de cinemas inauguradas no início do século XX? Quais filmes com a temática do pugilismo foram exibidos? Qual a recepção e a influência desses filmes para o início da prática do boxe na cidade? Queremos testar a hipótese apresentada por Tirza Souza (2012) e Alice Asmann, Eduardo Carmona e Janice Mazo (2014) e entender a importância do cinema na propagação do pugilismo na cidade de Porto Alegre. Para isso, iremos usar como fontes primárias as “notas esportivas” e de “Teatros e Diversões”, contidas no jornal *A Federação*, e como base bibliográfica os textos de Fábio Steyer (1998 e 2001), Susana Gastal (1998), Olavo Neto (2001), Rene Goellner (2000), Victor de Melo e Alexandre Vaz (2006), Vera Bungarten (2013) e Celina Augusto (2014).

\*\*\*

É importante mapearmos as questões já trazidas por autores que se debruçaram neste tema. Neste momento, o que nos interessa é identificar o que se sabe – e como se chegou a estes dados – sobre a relação entre cinema e boxe. Segundo Tirzah Souza, “pode ser que o primeiro contato dos gaúchos com o boxe tenha sido através de noticiários filmados exibidos nos cinemas que relatavam as disputas dos títulos mundiais” (SOUZA, 2012, p.17 e 18). Tirzah Souza não afirmou com certeza, mas colocou em questão a possibilidade de que “o primeiro contato dos gaúchos com o boxe tenha sido através de notícias exibidos nos cinemas”.

Em complemento às ideias de Tirzah Souza (2012), Asmann, Carmona e Mazo (2014), registram que “a grande repercussão do título mundial conquistado por Jack Johnson em 1908 foi abafada pelo preconceito, quando há a proibição de filmes ou noticiários de boxe nos cinemas norte-americanos” (ASMANN, CARMONA E MAZO, 2014, p. 90). Estes últimos pesquisadores mostram a importância da *Luta do Século* entre Jack Johnson (negro) e o James Jeffries (branco). Em pleno embate racial nos Estados Unidos, essa luta não foi apenas um simples combate de boxe, mas representava a tentativa de provar a supremacia branca sobre a raça negra.

Tanto Souza (2012) como Asmann, Carmosa e Mazo (2014) obtiveram estas informações por meio do site da Federação Rio-Grandense de Pugilismo (atualizado a última vez em 2004). Neste site, que possui ricas informações sobre a história do boxe gaúcho, há um resumo construído a partir de artigos dos jornais *Correio do Povo*, *Diário de Notícias*, *Folha da Tarde* e *Zero Hora*. O resumo que consta no site também se diz referenciado pela coluna do professor Jorge Aveline, entusiasta e amante do boxe e também do judô. Jorge Aveline escreveu por muitos anos uma coluna intitulada “Ringue 12”. Aveline também era empresário e fez parte da presidência da Federação Rio-Grandense de Pugilismo. Segundo o site da Federação Rio-Grandense de Pugilismo,

Provavelmente, o primeiro contato dos gaúchos com lutas de boxe foi a partir dos noticiários filmados que se costumava exibir nos cinemas da época, os quais frequentemente traziam os principais lances das disputas de títulos mundiais. Logo, sem nenhuma orientação, alguns jovens passaram a imitar o que viam nesses filmes e isso levou-os a criar clubes de luta, como eram chamadas as academias na época.(Site Federação Rio-Grandense de Pugilismo, 2004)

Assim, o que a bibliografia especializada e o site da federação nos indicam é que “provavelmente” os cinemas tiveram papel na propagação do boxe e, com isso, influenciado futuramente o surgimento dos primeiros lutadores locais. Portanto, nossa proposta é testar a hipótese apresentada e investigar mais a fundo a história dos cinemas de Porto Alegre, as salas onde foram exibidos os filmes sobre boxe e como os moradores foram sensibilizados por este esporte.

Vamos agora falar um pouco desta invenção curiosa e atraente que é o cinema. É impossível desvinculá-la de seu tempo histórico, da Segunda Revolução Industrial. Na segunda metade do século XIX muitos inventores criaram equipamentos que buscavam exibir imagens em movimento. Entre estes inventos estão o Teatro Óptico, o Panorama e o Cinematógrafo de Lumière. Este último merece destaque, pois possuía melhor qualidade de imagem e não trepidava (STEYER, 2001, p. 35).

A velocidade, elemento de percepção da modernidade, fez com que em pouco tempo equipamentos projetores de Cinema chegassem ao Brasil. Em oito de julho de 1896, na Rua do Ouvidor n° 57, no Rio de Janeiro, ocorreu a primeira sessão de cinema do país. Todos ficavam assombrados e admirados com a invenção e o cinema passou a disputar espaço com outras atrações como o teatro, as corridas de cavalo, o *foot* (caminhadas) e os circos (STEYER, 2001, p. 43).

Alguns meses depois do cinema chegar a capital do país, foi a vez de Porto Alegre. Ocorreu na Rua da Praia n° 230 (hoje Rua dos Andradas). Foi exibido um pequeno vídeo com demonstrações de equitação militar, que para nós pode parecer simples, mas para época a imagem em movimento, mesmo que de certa maneira ilusória, foi de grande atração. Da primeira apresentação, em 1896 até 1908, com a criação da primeira sala de exibição, o cinema ainda não havia conquistado o lugar entre os diversos tipos de entretenimento dos porto-alegrenses. Alguns jornais inclusive faziam campanhas contra os cinemas, visto que por parte da elite o cinema era uma “atividade menor”, “popular”, e que não poderia ser comparado ao luxo e requinte dos teatros. É importante salientar que os preços dos bilhetes do cinema eram praticamente a metade do valor dos ingressos do teatro (OLAVO NETO, 2001, p.74).

Este momento inicial da história do cinema em Porto Alegre é detalhado por Olavo Neto da seguinte forma:

Até 1907/1908, o cinema era então apresentado como atração exótica, curiosa, em salões pouco adaptados, eventualmente em teatros. Carecia-se assim de locais especificamente construídos para esta atividade, dotados de poltronas confortáveis, energia elétrica para projetor, ventiladores para os meses de verão, proporcionados somente com a implementação da energia elétrica na cidade, que ocorreu em 1907 (OLAVO NETO, 2001, p. 79).

Um elemento fundamental para o surgimento das salas de cinema foi a implantação da energia elétrica na cidade. Em 1908 foram criadas duas usinas elétricas. Uma delas situada à rua Voluntários da Pátria com a Rua Coronel Vicente. E a outra localizada na mesma rua, chamada de Usina Companhia Força e Luz. Esta segunda mais preocupada com o uso de energia para os bondes, mas também concedia energia às indústrias e posteriormente aos clientes particulares (FRANCO, 2006, p. 148). Muitas salas de cinema utilizavam geradores, outras com o passar do tempo, utilizavam a energia de uma das três companhias elétricas da cidade.

A partir de 1908, portanto, surgem vários cinemas no centro de Porto Alegre. Localizados principalmente na Rua da Praia, mas também na General Câmara e na Voluntários da Pátria. Os cinemas chegaram, inclusive, nos bairros operários, São João e Navegantes, além do Bom Fim e da Cidade Baixa. É neste contexto que o cinema ganha espaço e torna-se o entretenimento predileto da população. Segundo Fábio Steyer, o cinema era “uma diversão para todos os bolsos” (STEYER, 2001, p. 58).

Suzana Gastal aponta que o cinema também atraía sociabilidades e que este foi um ingrediente que ajudou sua propagação. Segundo Gastal,

O cinema [...] torna-se uma forma de comunicação e de diversão fundamental aquela sociedade, um dos polos da vida social porto-alegrense. As pessoas buscavam a Rua da Praia como centro de reunião, e os cinemas eram um dos pontos de conagração, junto com os cafés e as confeitarias, parcerias indispensáveis no antes ou no depois do assistir ao *film*, para conversar e comentar o que fora visto na tela. (GASTAL, 1998, p.135)

Ir ao cinema envolvia, portanto, o ver e ser visto, compartilhar ideias, tomar café, ler jornais, falar de política, trocar informações, enfim, todo um complexo e amplo espaço de sociabilidade que nos fazer entender porque haviam cerca de quinze salas de cinema na década de 1910 (STEYER, 2001, P. 66). Agora que sabemos como o cinema chegou a Porto Alegre, mesmo com alguns entraves para sua propagação, vamos analisar o surgimento das primeiras salas de cinema, ao mesmo tempo identificar os

filmes de boxe que foram exibidos e, finalmente, refletir sobre a linguagem cinematográfica, a questão da estética, da percepção, que faz o poder da imagem envolver, atrair, influenciar os atentos espectadores.

O primeiro cinema em formato de sala fixa da cidade foi o Recreio Ideal, inaugurado em vinte de maio de 1908.<sup>844</sup> Estava localizado na Rua da Praia, número 321. Acomodava 135 pessoas e possuía sessões diárias às 15hs, 16hs, 18:30 e 23hs. O Recreio Ideal era uma casa pequena, não tinha orquestra de músicos, mas havia um pianista, pois sendo o cinema mudo, era importante a existência de um acompanhamento musical (OLAVO NETO, 2001, p.82).

O valor do ingresso era entre 500\$ (segunda classe) e 1\$000 (primeira classe). Seu primeiro proprietário foi Francisco Damasceno Ferreira, dono de vários cinemas da capital e do interior (Caxias do Sul, Santa Maria, Pelotas e Rio Grande). O Recreio Ideal foi vendido alguns meses depois de sua inauguração a Hirtz e Cia. Segundo Gastal, “não havia aparelhagem tão moderna e engenhosa como a do Recreio Ideal” (GASTAL, 1998, p. 133). Um dos filmes exibidos foi “Miúdo, campeão de boxe”. Infelizmente, a única coisa que sabemos é que se trata de uma cena cômica.

No dia de sua apresentação, em vinte e dois de julho de 1914, a programação do dia consistiu em vários pequenos filmes: *Santarella, drama em duas partes; Polícia sem calças, comédia em duas partes; Miúdo, campeão de boxe, cômica; Aquário de água do céu, científica.*<sup>845</sup> Percebe-se que os filmes possuíam categorias diferentes, o que era comum dentro de um programa de variedades. A escolha pelo diretor em fazer um filme cômico sobre boxe tem relação com o imaginário do público. Os *machs* de boxe já eram muitos conhecidos na Europa e nos Estados Unidos. Mesmo ainda sendo incipiente no Brasil, uma comédia sobre pugilismo era garantia certa de bilheteria.

Outro cinema também inaugurado em 1908 foi o Cinema Variedades. Estava situado na Rua da Praia 343, próximo ao Recreio Ideal, ao lado do Café América. Era o mais confortável dos cinemas da época. Só neste ano foram estreados cinco cinemas, todos muito próximos, na mesma Rua da Praia. Segundo Olavo Neto, “o Cinema Variedades estava localizado numa das esquinas mais valorizadas do centro da cidade”

---

<sup>844</sup> ANEXO 40 – Mapeamento dos cinemas, teatros e clubes que divulgavam o boxe.

<sup>845</sup> AHMV, Periódicos, Jornal A Federação, 22 de julho de 1914.

(OLAVO NETO, 2001, p.122). Possuía 1.500 poltronas, três plateias, duas séries de balcões e camarotes. O Cinema Variedades pode ser considerado a primeira sala construída especialmente para esta atividade. (OLAVO NETO, 2001, p. 83).

Sobre a arquitetura do Variedades, Olavo Neto o caracteriza como palácio de esquina, “edificação de grande porte, situada em esquina de quarteirão. Utilizava elementos tipo-morfológicos tomados emprestados dos grandes teatros: pórticos, base, rústica, piano nobile, coroamento por frontões (OLAVO NETO, 2001, p. 270). Mas o Cinema Variedades não durou muito tempo. Foi fechado em 1913, virando uma casa comercial.

Pelo tempo que durou (1908-1913), o Variedades exibiu nove apresentações cinematográficas de boxe em momentos diferentes. Em nossas pesquisas no jornal *A Federação*, foi o cinema mais representativo. Em 31 de agosto de 1910, exibiu diversos filmes, entre eles, “*Partida de Box*”, “*Nicette e Mythis*”, “*Trabalhos para a exposição de Turim de 1911, e o drama “Porta Cerrada”*”.<sup>846</sup> O primeiro filme, “*Partida de Box*”, trata-se de cenas de treinamento do boxeador negro Jack Johnson. É importante lembrar que um ano antes houve a *Luta do Século*”, entre Johnson e Jeffries, e apesar de muitos países proibirem sua exibição, não foi o caso de Porto Alegre.

Não encontramos informações sobre “*Nicette e Mythis*”, mas achamos notícias sobre os “*Trabalhos para a exposição de Turim de 1911*”. Foi uma exposição universal que ocorreu meses antes na cidade de Turim, Itália, e tinha por objetivo o intercâmbio de invenções e o desenvolvimento e crescimento dos países envolvidos na exposição. A programação daquela noite de trinta e um de agosto de 1910 terminou com o drama “*Porta Cerrada*”. O vídeo “*Partida de Box*” continuou em cartaz no Cinema Variedades no dia seguinte. Neste jornal, sabe-se mais detalhes:

Partida de box, que tanto apaixonou os americanos é o primeiro filme do programa. O crioulo Jack Jonhson é apresentado ao público como uma musculatura de aço, fenomenal, aguentando sobre o peito o peso de três homens de pé, fazendo outras provas de resistência.<sup>847</sup>

---

<sup>846</sup> AHMV, Periódicos, Jornal A Federação, 31 de agosto de 1910.

<sup>847</sup> AHMV, Periódicos, Jornal A Federação, 01 de setembro de 1910

O boxe nos Estados Unidos se desenvolveu rapidamente entre a Guerra Civil Americana (1861-1865) e a Primeira Guerra Mundial (1914-1918). O sentimento nacionalista, juntamente com a afirmação da virilidade e da superioridade do homem branco, foram elementos que passaram a ser disputados nos ringues. Campeões como John Sullivan e James Jeffries se recusavam a lutar contra negros. Em 1908 Jack Johnson enfrentou o canadense Tommy Burns e tornou-se campeão mundial dos pesos pesados. (GRAHAM, 2008, p. 101).

Tommy Burns era branco e canadense. Jack Johnson, negro, norte-americano. No entanto, seus conterrâneos não se solidarizaram com sua vitória. Muito pelo contrário, “o público lançou uma campanha para convencer James Jeffries a voltar ao boxe com o objetivo de vencer Jack Johnson e recuperar o título para a raça branca” (GRAHAM, 2008, p.102). Esta foi, então, *A Luta do Século*. Num contexto de racismo científico, era uma luta eminentemente racial. Johnson venceu Jeffries no 15º assalto e calou o mundo. Manteve o título até o ano de 1915 enfrentando muita resistência e preconceito.

No mesmo ano de 1910, o Cinema Variedades brindou o público com o mais um filme de pugilismo: foi exibido Tontolini, *scena cômica*.<sup>848</sup> Tontolini era um dos personagens do artista circense Ferdinand Guillaume, o primeiro grande artista do período de ouro do cinema mudo italiano. Segundo Celina Augusto, “o sucesso das personagens cômicas se deveu também a relação existente entre elas e a realidade do público” (AUGUSTO, 2014, p. 33). Além disso, nos primórdios do cinema e das primeiras películas, o boxe era retratado

em uma dinâmica de comicidade, algo que vai percorrer toda história da relação desse esporte com o cinema. Normalmente trata-se de retratar ficcionalmente um lutador inferior, que adota um estilo confuso e, ainda assim, depois de receber vários golpes do pugilista mais forte acaba por vencer. (MELO & VAZ, 2006, p. 147)

Nos anos posteriores, 1911, 1912 e até 1913, ano do fechamento do Cinema Variedades, foram exibidos filmes naturais com a temática do boxe. Eram descritos como “Grande campeonato de box”. Imaginamos tratar-se da grande luta entre Johnson

---

<sup>848</sup> AHMV, Periódicos, Jornal A Federação, 22 de novembro de 1910.



e Jeffries, pois foi um embate histórico. Segundo o Jornal *A Federação* de 06 de julho de 1910,

Noticiam de Nova York terem-se dado sangrentas desordens por causa do resultado do match de box entre campeões Johnsen e Jeffries. Houve 14 mortes e cento e tantos feridos. Num conflito travado entre brancos e negros, foi enforcado um negro num lampião de rua".<sup>849</sup>

A derrota da dita supremacia branca abalou muita gente. Como um homem negro, visto de forma boçal e primitiva, poderia vencer um branco sagaz e civilizado? Os ânimos estavam tão acirrados que no Jornal *A Federação* de 07 de julho de 1910 afirmou que "Noticiam de Nova York que o governo proibiu a exibição de fitas cinematográficas reproduzindo cenas do campeonato de box, para evitar novos conflitos."<sup>850</sup>

Um ano depois da inauguração do Recreio Ideal e do Cinema Variedades, surgiu em março de 1909 o Smart-Salão. Segundo Steyer, foi "inaugurado com toda pompa, numa sessão fechada para a imprensa e convidados, possuía orquestra própria e até um restaurante" (STEYER, 2001, p. 68). O Smart-Salão era localizado na Rua da Praia, esquina com a Rua Payssandu, esquina da Rua Caldas Júnior. Ficava no térreo do Grande Hotel, em frente a Praça da Alfândega (GASTAL, 1998, p. 133). Estava situado também no "centro da urbanidade de uma população que se pretendia europeia, culta e civilizada" (OLAVO NETO, 2001, p. 86).

Em 1911 foi apresentado neste cinema o filme cômico "Isidoro, campeão de boxe". Na programação constavam também "A filha do sineiro (film de arte dramática)", "Construção e lançamento de um palácio no Oceano, o Vapor Olímpic (natural)", e "Romance no tempo do domínio espanhol na Califórnia (drama)"<sup>851</sup>. Percebe-se mais uma vez a diversidade destes pequenos filmes, possivelmente para agradar um maior número de espectadores. Um elemento interessante é a presença, mais uma vez, da "scena cômica", o que reforça a ideia de diversão e entretenimento, juntamente com o tema do pugilismo, que envolvia o imaginário das pessoas da época.

---

<sup>849</sup> AHMV, Periódicos, Jornal *A Federação*, 06 de julho de 1910.

<sup>850</sup> AHMV, Periódicos, Jornal *A Federação*, 07 de julho de 1910.

<sup>851</sup> AHMV, Periódicos, Jornal *A Federação*, 07 de janeiro de 1911.

Em 1910 surgiu o Cine-Teatro Coliseu.<sup>852</sup> Estava localizado na Rua Voluntários da Pátria, esquina com a Rua Pinto Bandeira. Neste mesmo lugar, havia no começo do século XX o *Theatro Politheama*. Era um teatro de grande porte, comportava 1.410 pessoas. O início do Coliseu não teve tanta pompa. Era um grande barracão que comportava um bom número de espectadores, mas sem muito conforto. Em 1915 foi construído o edifício definitivo. Assim como o Cinema Variedades, o Coliseu possuía uma arquitetura chamada “Palácio de esquina, edificação de grande porte, situada na esquina do quarteirão”. A fachada do Coliseu era austera e majestosa, com elementos neo-clássicos. A sala tinha a capacidade para 3.000 pessoas, possuindo camarotes térreos e superiores (OLAVO NETO, 2001, p. 88).

Nos anos de 1913 e 1914 o Coliseu exibiu dois filmes sobre boxe. Um intitulado apenas “*matches* de boxe (cômica)” e outro “Robinet Bouxeur, filme cômico”<sup>853</sup>. Sobre o primeiro não temos muitos dados, já que nem personagens ou atores são descritos. Diferente do cômico “Robinet Boxeur”, pois há mais informações. Marcel Fabre era um ator espanhol que criou o personagem Robinet. Assim como o francês Ferdinand Guillaume, Marcel Fabre foi artista circense (acrobata e também palhaço). Seu personagem Robinet foi interpretado em diversos papéis. Fez sucesso na Itália e em 1915 imigrou para os Estados Unidos (AUGUSTO, 2014, p. 32).

O “Robinet Boxeur” foi um pequeno filme, com cerca de cinco minutos, que mostra o personagem principal preparando-se para uma luta. Robinet, sem nenhuma habilidade, se atrapalha com os equipamentos e cria grande confusão. Mas no fim acaba por descobrir uma força colossal e se considera preparado para lutar após uma semana de treinamento. É um dos poucos filmes que tivemos acesso na internet.<sup>854</sup> O gênero comediante recorrentes nestes curtas será tratado no final deste ponto, quando analisarmos a linguagem, a percepção e a estética dos filmes cinematográficos.

Depois dos cinemas Recreio Ideal, Variedades, Smart-Salão e Coliseu, surge em novembro de 1912 o Cinema Avenida. Era situado na Rua da Ladeira, atual Rua General Câmara, entre a Rua da Praia e a Rua Sete de Setembro. Era uma sala grande com capacidade para 2.000 mil pessoas. Foi considerada luxuosa pela imprensa da

---

<sup>852</sup> ANEXO 41 – Cine-Teatro Coliseu.

<sup>853</sup> AHMV, Periódicos, Jornal A Federação, 07 de janeiro de 1914.

<sup>854</sup> <https://www.youtube.com/watch?v=PvrSO8cz-3I> / Acessado em 21/04/2018, às 19:58.

época. Estava muito bem localizado ao lado da Confeitaria Colombo. Seu proprietário foi Francisco Damasceno Ferreira, dono de outros cinemas da cidade. Os valores dos ingressos eram iguais aos do Recreio Ideal: 1\$000 para primeira classe, 500\$ para a segunda (OLAVO NETO, 2001, p. 95). O Cinema Avenida fechou em 1916. Era comum que os cinemas trocassem de nome e de dono ao passar dos anos (STEYER, 2001, p. 66). O Avenida exibiu também, no ano de 1913, o filme “Robinet, Boxeur”. Ocorreu apenas alguns dias após sua apresentação no Cinema Coliseu.

O próximo cinema foi o Força & Luz, aberto em 1912, localizado na Av. Eduardo, atual Av. Presidente Roosevelt, entre os bairros Navegantes e São Geraldo. Foi o primeiro cinema que saiu da região central e foi inaugurado em bairro operário (STEYER, 2001, p.70). Já havia neste período o bonde “São João”, e juntamente com o cinema e “as inúmeras lojas comerciais se tornou um local muito ativo” (FRANCO, 2006, p. 330). O Força & Luz era um cinema mais popular. Seus ingressos variavam entre 300\$ (segunda classe) e 500\$ (primeira classe).

Dois filmes sobre boxe foram exibidos neste cinema. O primeiro, em oito de abril de 1914, foi o “Robinet, boxeur”, já apresentado nos cinemas Coliseu e Avenida.<sup>855</sup> Era comum que os filmes, muitos deles vindos do exterior, ou comprados no Rio de Janeiro, fossem exibidos pelos vários cinemas da cidade. E o segundo filme foi o “Como se forma um campeão de boxe”, possivelmente o famoso curta de Charles Chaplin, “The Champion” ou “Campeão de Boxe”. No filme, Chaplin decide tentar a sorte em uma luta de boxe, primeiramente como *sparring* de um lutador profissional. Com uma ferradura em uma das luvas – para dar sorte, obviamente – ele nocauteia o adversário, o que permite disputar uma luta profissional. Após seu treinamento, um personagem fazendo o papel de trapaceiro tenta suborná-lo com dinheiro para que ele perdesse a luta. Mesmo assim, a sorte estava ao seu lado e com um soco direto derrubou o oponente.<sup>856</sup>

Este mesmo filme foi exibido também no Cinema Íris, situado na Rua da Praia, nº 230, próximo a Rua Uruguai.<sup>857</sup> Segundo um jornal da época, era o “salão predileto

---

<sup>855</sup> AHMV, Periódicos, Jornal A Federação, 19 de novembro de 1913.

<sup>856</sup> Sobre isso, ver o seguinte livro: CARLOS, Cássio Starling. Campeão de boxe e outros 6 curtas. São Paulo: Folha de São Paulo, 2012.

<sup>857</sup> AHMV, Periódicos, Jornal A Federação, 14 de janeiro de 1915.

da elite porto-alegrense” (OLAVO NETO, 2001, p. 103). Neste mesmo endereço foi inaugurado o Cinema Selecta. Em 1916 foi exibido outro filme do artista circence Ferdinand Guillaume, desta vez, com o seu personagem mais célebre, Polidor, na comédia “Polidor e o Boxe”.

Posteriormente, este filme de Guillaume foi exibido no Cine-Teatro Apollo, inaugurado em primeiro de abril de 1914.<sup>858</sup> Localizado na Av. Independência nº 18, próximo à Santa Casa, era um teatro grandioso e imponente. Assim como o Coliseu (1910) e o Guarany (1913), o Apollo era chamado de cinemas-palácio. Segundo Steyer, “no seu primeiro mês de funcionamento, o Apollo teve mais de 31 mil espectadores, um número significativo para a época” (STEYER, 2001, p. 71). Sua sala possuía capacidade para dois mil presentes, tendo plateia e mezanino. Contava com um ótimo projetor que “abolia qualquer trepidação da imagem” (OLAVO NETO, 2001, p. 108). Segundo Gastal, era um dos maiores cinemas do Brasil (GASTAL, 1998, p.140).

Além do filme italiano “Polidor e Boxe”, o Cinema Teatro Apollo exibiu em 1921 a fita com as imagens da luta entre os boxeadores Georges Carpentier (francês) e Jack Dempsey (norte-americano).<sup>859</sup> Esta luta foi muito esperada e noticiada em jornais de todo mundo. Foi também a primeira luta transmitida pelo rádio. Ao redor do ringue havia cerca de 80 mil aficionados pelo combate. Quando chegaram as fitas com as cenas da disputa os cinemas ficaram lotados. A luta era simbólica, pois era um confronto entre o campeão europeu *versus* o campeão americano. O embate foi vencido por Dempsey no quarto assalto.

Saindo um pouco da região central, construiu-se o Cinema Colombo, localizado na Av. Cristóvão Colombo, nº 190. Era o primeiro cinema do arrabalde Floresta. Sua arquitetura consistia num “palácio de meio de quadra, com características semelhantes ao palácio de esquina. Com fachada simétrica e aberturas laterais como saída das sessões. A sala comportava plateia e duas séries de balcões e camarotes” (OLAVO NETO, 2001, p. 270). Em 1918 foi exibido o filme cômico de Charles Chaplin, “Carlitos, campeão de boxe”.

---

<sup>858</sup> AHMV, Periódicos, Jornal A Federação, 01 de abril de 1914.

<sup>859</sup> AHMV, Periódicos, Jornal A Federação, 13 de dezembro de 1921.

O Cinema Teatro Guarany foi inaugurado em 30 de novembro de 1913. Estava localizado na Rua da Praia, nº 305, na frente da Praça da Alfândega, polo de movimentação da cidade. Possuía novecentos e cinquenta e oito lugares, tendo plateia, camarote no primeiro andar, balcões e galerias no segundo e a geral no terceiro nível (OLAVO NETO, 2001, 97). Em relação a arquitetura era um “palácio de meia de quadra”, assim como os cinemas Coliseu e Apollo. O filme apresentado foi a “fita da luta de Carpentier e Dempsey”, ocorrida em 1921.<sup>860</sup> O Guarany foi um dos cinemas mais longínquos da cidade, permanecendo em funcionamento até a década de 1970.

\*\*\*

O que sabíamos sobre a história do boxe em Porto Alegre era que, provavelmente, as fitas cinematográficas trouxeram as primeiras informações sobre o pugilismo na cidade. Foi a hipótese que testamos aqui. As fitas com cenas dos campeonatos mundiais, juntamente com as comédias italianas ou americanas, oportunizaram maior contato com a prática esportiva em questão. Buscamos aqui avançar na história do pugilismo, apresentando os cinemas e as fitas que eram exibidas. Certamente, o jornal *A Federação* trouxe pistas sobre isso, mas de forma alguma a questão está concluída. Outros jornais podem trazer novas informações, tanto sobre cinemas como os filmes exibidos.

Até 1908 as salas de cinema não possuíam espaço adequado. O problema da energia elétrica só foi resolvido em 1907 e, a partir daí, as salas cinematográficas passaram a crescer em número. No centro da efervescência social e cultural estavam o Recreio Ideal, o Cinema Variedades, o Smart-Salão, o Cinema Avenida, o Cinema Íris, Cinema Selecta e o Cine Teatro Guarany. O Cinema Apollo na frente da Santa Casa, e o Cine Teatro Coliseu, na Rua Voluntários, ainda estavam situados no centro da cidade, mas em posições menos privilegiadas.

O Cinema Força e Luz, no bairro operário Navegantes/São João, e o Cinema Colombo, na Av. Cristóvão Colombo, estavam mais afastados, demonstrando que o cinema era uma diversão acessível para todas as classes sociais. Comprovamos, de fato,

---

<sup>860</sup> AHMV, Periódicos, Jornal *A Federação*, 12 de dezembro de 1921.

pela análise documental, que os porto-alegrenses tiveram acesso ao pugilismo de forma mais concreta e imagética pelas fitas cinematográficas exibidas nos cinemas a pouco mencionados. Percebemos que o cinema era, sim, uma diversão que atingia toda a sociedade, e que até mesmo foi aos poucos desbancando o teatro. Vários outros fatores popularizam o cinema: as sessões mais curtas (principalmente em relação às peças teatrais), os valores dos ingressos mais populares, a existência de bondes que permitiam o transporte e movimentação dos passageiros, dentre outros.

Sobre as fitas exibidas podemos dizer que elas eram divididas em duas categorias: primeiro, os *matches* de boxe (naturais), disputas de campeonatos mundiais, ou treinamentos de lutadores. Eram fitas que comunicavam e informavam os porto-alegrenses sobre este esporte tão famoso na Europa e nos Estados Unidos. Sem falar que as lutas eram desafios emocionantes que mexiam com o imaginário do público. A segunda categoria foi das comédias ou *scenas cômicas*. Como vimos no caso de Ferdinand Guillaume (Tontolini), Marcel Fabre (Robinet) e Charles Spencer Chaplin (Charlie Chaplin), os atores criaram personagens cômicos usando o cenário do treinamento e de luta do boxe. Esta era também uma maneira de divulgar o esporte, levando em conta que até os primeiros anos do século XX não se tinha contato com a Nobre Arte.

Assim sendo, reconhecer os cinemas e os filmes envolvidos com o pugilismo é, sim, uma etapa importante para a compreensão da história do boxe em Porto Alegre. No entanto, algumas dúvidas ainda permanecem. Como os espectadores se apropriaram do material cinematográfico? Que tipo de linguagem o cinema utilizava para transmitir sentimentos e emoções? Para isso, vamos refletir a partir dos conceitos apresentados por Vera Bungarter (2013) de linguagem, percepção e estética.

A modernidade trouxe novos significados para a vida das sociedades ocidentais. O *modus vivendi* do sujeito moderno, segundo Victor de Melo e Alexandre Vaz incluía o “desafio, movimento, a exposição corporal, a velocidade, a busca pelo prazer e da excitação, a crença na ciência e no progresso” (MELO & VAZ, 2006, p. 143). O boxe, portanto, observado pelas lentes cinematográficas registrava certos elementos que eram desejados, e de certa forma “consumidos” por seus admiradores. As primeiras películas de boxe foram feitas pelos norte-americanos no fim do século XIX. O objetivo naquele

momento era gravar o movimento, a velocidade, como uma experiência científica. Como as lutas de boxe “gozavam de grande popularidade, entre imigrantes e membros da classe trabalhadora, já era bastante filmado” (MELO & VAZ, 2006, p. 147).

A prática do pugilismo teve uma relação intrínseca com a classe trabalhadora porque “possuíam poucas oportunidades de trabalho, moravam em cortiços, suportavam mais facilmente a dor, o sofrimento” (MELO & VAZ, 2006, p. 154). Sendo o cinema um entretenimento barato e viável, muitos trabalhadores assistiam as fitas e relacionavam os enredos às suas próprias vidas, buscando alento e esperança de um dia ascender socialmente. Afinal, “o boxe, em sua versão cinematográfica, seria uma metáfora de uma sociedade eivada de falcatruas, problemas, conflitos desencadeados pela ambição, remontando ao enfrentamento entre o bem e o mal” (MELO & VAZ, 2006, p. 152).

O cinema, desta forma, inaugurou uma nova linguagem. Diferente da literatura ou do teatro, o cinema representava imagens que, como por um espelho, refletiam conceitos de mundo, sentimentos, desejos, do próprio público (STEYER, 2001, p. 29). Pode-se dizer que a expansão do cinema por todo o mundo ocorreu por sua simples comunicação de signos, num universo de poucas escolas e milhares de analfabetos. Segundo Steyer, “as figuras cinematográficas falam em uma linguagem facilmente compreensível e, portanto, universal” (STEYER, 2001, p. 181)

O cinema também envolvia o espectador emocionalmente, quer pelo enredo, quer pelos personagens centrais dos filmes. Alguns jornalistas criticavam o cinema por ser “nocivo, pois as plateias batiam palmas para cenas de espancamento de índios por *comboys*, além instigar a imoralidade e a quebra dos bons costumes” (STEYER, 2001, p. 218). É perceptível que as fitas cinematográficas exerciam influência e podiam alterar modos de comportamento da sociedade. Nos cinemas de Porto Alegre havia um inspetor responsável por acompanhar as sessões, fiscalizando e até multando em caso de exibição de filmes violentos ou imorais (STEYER, 2001, p. 226).

E aqui chegamos ao nosso objetivo específico: compreender o poder da imagem. Segundo Vera Bungarten, “a imagem cinematográfica possui grande poder de persuasão e de manipulação, de emoções e afetos” (BUNGARTEN, 2013, p. 15). Ou seja, o cinema como uma nova linguagem e de certa forma fruto da modernidade, das

invenções e da ciência, tem este poder de transmitir ideias e mexer com as emoções da plateia. Sempre, é claro, portando uma mensagem determinada, que não é apenas coordenada pelo roteirista ou pelo diretor, mas passa por todo o coletivo que trabalha no filme.

Porém, uma película cinematográfica não é somente uma produção individual e coletiva com uma mensagem a ser transmitida. O espectador também transforma o que recebe e reflete sobre si. Segundo Bungarten, “o espectador pode receber esta imagem segundo a sua ótica particular, como simples apreensão de uma situação dada, como agente desencadeador de um sentimento ou emoção, ou como dado para uma narrativa proposta” (BUNGARTEN, 2013, p. 31). Não se pode esquecer toda a complexa rede de elementos e relações da produção cinematográfica. O filme possui uma função social e cultural, igualmente, é um instrumento de concretização de ideologias, além de expressão de arte e veículos de sensações e emoções (BUNGARTEN, 2013, p. 34). Tudo isso deve ser levado em conta quando for realizada a análise de um filme.

Como falamos anteriormente, a tese de Vera Bungarten é importante para compreendermos três conceitos que servem de chave de interpretação para analisar mais a fundo como um filme é criado e como ele é apreendido pelo seu público. No nosso caso, queremos entender como as fitas de boxe exibidas nos cinemas de Porto Alegre contribuíram para a divulgação deste esporte. Os três conceitos são: linguagem, percepção e estética. O conceito de linguagem cinematográfica refere-se ao processo de montagem das cenas e a mudança do ponto de vista das câmeras. O enquadramento, a composição, a angulação, são signos que constituem o discurso cinematográfico. Como cada espectador possui um olhar e uma atenção diferente, há uma “complexa rede de interações, abrangendo entendimento, sensação, emoção, identificação” (BUNGARTEN, 2013, p. 39).

O segundo conceito, o de percepção, relaciona-se com a invenção da sala de cinema e o olhar do espectador. Este local pode se tornar mágico, se entendermos que a sala desloca-nos da realidade e nos brinda com diversas representações do imaginário – do filme e de nossa mente. Bungarten nos diz que a sala de cinema “apresenta aspectos sensoriais e emocionais que envolvem a totalidade do dispositivo: sala escura, projetor, feixe de luz, tela, imagens em movimento, cumplicidade com os outros espectadores”



(BUNDARTEN, 2013, p. 40). Portanto, o cinema nos permite experienciar uma fusão de sentidos que envolvem o visual, o sonoro e o tátil.

O último conceito, de estética, é o mais abstrato e abrange preocupações dos produtores com a beleza visual do filme. A beleza pode ser até relativa, mas o objetivo é seduzir o espectador para que ele se envolva com a película, perca-se no tempo e vivencie apenas aquele momento. Segundo Bundarten, “exige-se um estado especial de espírito, uma concentração sintética nas qualidades afetivas ou estéticas da obra, excluindo todo tipo de perturbação” (BUNDARTEN, 2013, P. 53). Este estado especial de espírito também pode ser interpretado como uma suspensão, em que as preocupações ou pensamentos desviantes são excluídos em prol da percepção da estética do filme.

Em suma, o que buscamos com esta breve reflexão conceitual sobre o poder da imagem foi mostrar que o cinema, por possuir uma linguagem específica, tem vários elementos que o caracterizam e que devem ser levados em conta. Por exemplo, um roteiro inicial nunca vai tornar-se o filme, pois até sua finalização existem diversas relações complexas, como as interpretações dos personagens, a maturação da história, o trabalho das câmeras, etc. Mesmo depois de gravado, quando o filme chega aos cinemas, ele será ainda interpretado de diversas formas, devido o espaço construído para tal fim: a sala escura, a não percepção do tempo, a suspensão etc.

\*\*\*

A história do pugilismo gaúcho passa também por suas propagações nos picadeiros circenses. Para além das fitas cinematográficas, o boxe também foi utilizado como parte da programação de circos que estavam de passagem por Porto Alegre. Esta tese tem investigado diversas pistas para entender o processo de constituição do boxe moderno e sua difusão e recepção na América Latina. Assim, fazemos os seguintes questionamentos: quais foram os circos que chegaram a Porto Alegre? De que forma os circos representavam o boxe em suas programações? E de que maneira o público reelaborava essas imagens? Estas são algumas perguntas que queremos responder neste momento.

O conceito de “circo moderno” surgiu no final do século XVIII na populosa Londres, Inglaterra. Artistas que se apresentavam em feiras como malabaristas e equilibristas somavam seus números com exibições equestres (SILVA, 2007, p.35).

Com o passar do tempo, os espetáculos ampliaram sua programação e passaram a encenar teatro de mímica. As mímicas são a gênese das representações cômicas, tanto no teatro, como no cinema. Segundo Ermínia Silva, “os temas eram escolhidos das mais variadas fontes, tomando situações ou pessoas locais como alvo, a fim de suscitar o riso, demonstrando que a paródia era a base de inspiração, arremedando personagens típicos ou célebres” (SILVA, 2007, p. 43).

Neste contexto surgiram os primeiros palhaços (*clowns*). Seus números ocorriam no intervalo das demais apresentações, permitindo que os acrobatas, ginastas, entre outros artistas, pudessem descansar e respirar um pouco. Com o passar do tempo seu papel no circo foi aumentando. O palhaço não era apenas um comediante cômico, pois possuía desenvoltura de um ginasta. Segundo Silva, “o *clown* não demorou a descer do cavalo e juntar ao seu repertório de costumes e gracejos grosseiros, bofetadas e pontapés, utilizando toda a agilidade acrobática para saltos e cabriolas” (SILVA, 2007, p. 47). Seu objetivo era causar o riso e para isso levava em conta a cultura popular local.

No século XIX muitas companhias circenses saíram da Europa e viajaram para a América. As guerras, perseguições e proibições de se apresentarem em praças públicas motivaram sua saída. No entanto, segundo Ermínia Silva as famílias de artistas já estavam acostumados a se movimentar, pois fazia parte de sua trajetória histórica enquanto grupo, de sua identidade. Afinal, os artistas circenses apresentavam seus números inicialmente nas ruas, e nada mais inseguro ou instável do que depender deste espaço para sobreviver (SILVA, 2007, p. 53). Das ruas para os recintos fechados, o circo foi se desenvolvendo e se fortalecendo como entretenimento e diversão. Segundo Lara Rocho, “ao longo do século XIX companhias de circo europeias já se estabeleciam e faziam um percurso em cidades como Rio de Janeiro, São Paulo e Porto Alegre” (ROCHO, 2011, p. 14). É interessante notar que mesmo sendo Porto Alegre uma cidade menor, fazia parte da rota das principais companhias circenses da Europa.

A primeira visita de um circo ao Brasil ocorreu em 1834, na cidade de São João Del Rey, Minas Gerais. Foi um circo italiano, de propriedade da família Chiarini. De acordo com Rocho, “eram artistas que possuíam forte tradição circense, pois apresentavam seus espetáculos em feiras desde o século XVI” (ROCHO, 2011, p. 19) Em Porto Alegre a experiência circense começou em 1854 com dois circos que

permaneceram na cidade por três meses, entre o Largo das Carretas e a Rua da Ponte (atual Rua Riachuelo). Alguns anos depois, em 1857, a Companhia de Alexandre Lowade construiu um “barracão para cavalinhos” e fez diversas apresentações equestres. O barracão recebeu o nome de “O Grande Circo Olímpico” e os espetáculos ocorreram entre maio e julho. Entre os artistas, havia equilibristas, acrobatas e malabaristas (ROCHO, 2011, p. 22).

Apesar das companhias circenses terem essa tradição da circulação e do movimento, possuindo inclusive rotas de apresentações na Europa e na América, o empresário Albano Pereira resolveu construir, em 1875, um grande pavilhão na praça Conde d’Eu (atual Praça da Alfândega). Albano, português, e sua esposa Juanita, espanhola, já tinham experiência e trabalhado em vários circos. Em 13 de agosto de 1875 foi inaugurado o Circo Universal, que acomodava cerca de duas mil pessoas. Funcionou até o ano de 1878, pois mesmo com o alvará vencido, as autoridades foram convenientes, já que não havia muitos espaços para lazer e diversão na cidade (ROCHO, 2011, p. 32).

Este rápido olhar sobre os primeiros circos que se apresentaram em Porto Alegre, nos indica que a população já estava acostumada com os espaços de lazer e diversão. Fizemos este retrospecto porque entre os dados encontrados nos jornais *A Federação* e *Correio do Povo*, localizamos algumas apresentações de exercício ou cômicas de boxe realizadas nos circos que estiveram de passagem pela capital. O primeiro registro foi no jornal de 28 de dezembro de 1910: *Companhia de renome Frank-Brown. Agradaram muito os cães amestrados e a partida de box pelos clowns.*<sup>861</sup>

Frank-Brown não era somente o nome da companhia. Era um dos artistas circenses mais prestigiados que passaram pelo Brasil. Frank Brown nasceu em Brighton, Inglaterra, em 1858. Teve uma infância vivida em circos, pois seu pai era palhaço. Estudou na *Holborn Amphyteatre* de Londres, tornando-se um excelente equestre, acrobata e *clown*. Apresentava “chistes, paródias, bufonarias, com roupa ricamente bordada e cara branca” (SILVA, 2007, p. 361). Brown realizou espetáculos no Teatro Imperial D. Pedro II e no Teatro São Pedro de Alcântara, ambos no Rio de

---

<sup>861</sup> AHMV, Periódicos, Jornal A Federação, 28 de dezembro de 1910.

Janeiro, e no *Theatro Polyteama*, em São Paulo. Sem falar das *troupes* para Argentina e os Estados Unidos.

Frank-Brown esteve em Porto Alegre em 1889 quando encenou a pantomima *Hamlet*, no Teatro Variedades de Albano Pereira, antigo proprietário do Circo Universal. Cinco anos depois, em 1894, Frank-Brown apresentou a pantomima *Os saltadores da Calábria*, ainda em Porto Alegre. Segundo Ermina Silva, “no Brasil Frank-Brown realizou várias outras turnês até pelo menos 1907” (SILVA, 2007, p.158). A autora se refere a pantomima *Cendrillon*, representada em três atos e doze quadros, contendo a participação de cem crianças. Este espetáculo ocorreu no Rio de Janeiro. Entretanto, o jornal *A Federação* aponta que Frank-Brown apresentou-se em Porto Alegre em 1910.

A forma como o boxe foi representado no espetáculo de *Frank-Brown*, indica que o pugilismo ainda era visto de forma incipiente pelos porto-alegrenses. No Rio de Janeiro, por exemplo, que era a capital federal o boxe era praticamente desconhecido em 1909. O que dizer, então, de Porto Alegre. Havia, sim, algumas fitas cinematográficas que exibiam o boxe, mas como vimos anteriormente, de forma cômica. Isso foi também foi retratado no embate feito pelos palhaços. A partida de boxe pelos *clowns*, ao mesmo tempo tratava o pugilismo apenas como uma diversão, mas também revelava que os espectadores estavam por dentro do imaginário desse esporte.

No ano de 1911, o Cine-Teatro Coliseu recebeu a Companhia Ginástica Chilena.<sup>862</sup> Tratava-se de uma *troupe* bem diversificada, entre acrobatas, equilibristas e saltadores. Mas o que nos chama atenção foi a presença de atletas de luta romana e boxeadores: Joseph Beerens, Santiago Jacquier, Júlio e Enzo Jacquier. Estes dois últimos foram considerados boxeadores acadêmicos, isto é, amadores. O documento revela que estes lutadores faziam parte da *tournee* Atlântico. Possivelmente, não eram membros efetivos do circo, mas devido o interesse pelas lutas em geral, foram contratados para realizar diversas viagens pela América Latina. Aqui, neste caso, o pugilismo apresentado ao público não foi do estilo cômico, mas se mantinha a função de mostrá-lo como uma prática exótica. A *troupe* permaneceu pelo menos duas semanas em Porto Alegre.

---

<sup>862</sup> AJPCP, Correio do Povo, 15 de maio de 1911.

Mas o Circo de *Frank-Browm* não foi o único a armar sua lona em Porto Alegre. Alguns meses depois, o Circo Queirolo desembarcou na capital. O Circo dos Irmãos Queirolo possuía longa tradição nos picadeiros desde 1850. Apresentaram-se na Argentina, Uruguai, Espanha, França, norte da África e nos Estados Unidos. Seus números mais famosos eram “A ponte humana” e “Estátuas de mármore”, onde mostravam sua grande desenvoltura como trapezistas e equilibristas (ANDRIOLI, 2007, p. 16). Os irmãos Queirolo (eram seis: Ricardo, Alcides, José Carlos, Julian, Otelo e Francisco) foram acolhidos no Teatro Eldorado, onde permaneceram entre os meses de outubro e novembro.<sup>863</sup>

O que chama nossa atenção foi a presença de dois boxeadores norte-americanos: Young Corbett e Terry Mc Govern.<sup>864</sup> Young Corbett (1880-1927) foi campeão mundial de boxe dos pesos pena, durante os anos de 1902 e 1903. Um campeão mundial em Porto Alegre? Pois bem, há indícios de que foi o próprio pugilista e não um impostor. Primeiro, Young Corbett se aposentou das lutas em 1910 e o Circo passou pela capital em 1911. Muitos boxeadores terminavam sua carreira na pobreza e talvez este tenha sido seu caso. Em segundo lugar, os irmãos Queirolo estiveram nos Estados Unidos antes de chegar ao Brasil (ANDRIOLI, 2007, p. 16). Seu companheiro de lutas, Terry Mc Govern (1880-1918) também foi outro campeão mundial, mas dos pesos galos, entre os anos 1899 e 1900. Mc Govern se aposentou em 1908 e também seria possível que fizesse parte de uma *tournée*, o que já mostramos ser muito comum.

A questão que colocamos é a seguinte: poderia a imprensa porto-alegrense não ter sabido da presença de dois campeões mundiais na cidade? É possível. No ano de 1911 o boxe não era tão conhecido. Apenas em 1912 chegaram lutadores para realizar desafios de luta romana e boxe. Inicialmente, pensamos que poderiam ser impostores. Porém, montando as peças a presença de Corbett e Mc Govern poderia, sim, ser possível. Lembrando que o primeiro a realizar uma *tournée* de boxe foi o judeu Daniel Mendonza, na Inglaterra do século XIX. Quando os pugilistas britânicos começaram a sofrer perseguição, muitos foram para os Estados Unidos justamente para se apresentar em cidades que desconheciam o boxe.

---

<sup>863</sup> ANEXO 42 – Cine-Teatro Eldorado.

<sup>864</sup> AJPCP, Jornal Correio do Povo, 04 de novembro de 1911.

No ano de 1912, novamente um espetáculo artístico se apresentou em Porto Alegre, agora no Coliseu. Segundo o jornal *A Federação* de dez de junho de 1912 vimos o seguinte:

TEATROS E DIVERSÕES - Companhia de Anões: No Coliseu realizou-se, sábado, o espetáculo da companhia de anões, dirigida pela artista Rossi. Os anões e pygmeus de ambos os sexos, que compõem o elenco exibiram os seus trabalhos, constantes de canções, duetos cômicos, exercícios de box, agradando ao numeroso público que afluíu ao teatro. Domingo houve matinée e espectáculo à noite com o mesmo sucesso de bilheteria e aplausos.<sup>865</sup>

Os “exercícios de boxe” realizados pelos anões e pigmeus, se aproximam da experiência da companhia de Frank-Brown, que possuía palhaços boxeadores. O boxe já estava muito popularizado na Europa e nos Estados Unidos. Ou seja, para estes países era fácil compreender um filme, um livro ou espetáculo artístico de pugilismo. Mas no Brasil, como vimos nos casos de Rio de Janeiro e São Paulo, o boxe era praticamente desconhecido. Qual o impacto dessas apresentações? Creemos que elas podem ter contribuído para formar uma ideia de prática exótica. Contudo, também ajudaram a popularizar o boxe, mas neste caso não como um esporte, mas como parte de um espetáculo pago.

Porém, não podemos generalizar. Dos cinco casos trazidos aqui, três deles são semelhantes a seguinte nota do jornal *A Federação*, de vinte e um de agosto de 1917: *CIRCO SHIPP & FELTUS. Junto com a troupe, o ex-campeão de box, peso médio, Mr. Collins*<sup>866</sup>. O caso do Mr. Collins se une aos boxeadores amadores (Enzo e Júlio Jacquier) e aos ex-campeões mundiais do Circo Queirolo. Percebe-se que os números apresentados foram em formato de *matches*, como combates que por obrigação teriam que ter um vencedor e um perdedor. Isso significa que, ao contrário do que imaginávamos no início, o boxe nos picadeiros circenses teve sua contribuição, assim como os cinemas, para a divulgação do pugilismo em Porto Alegre.

---

<sup>865</sup> AHMV, Periódicos, Jornal *A Federação*, 10 de junho de 1912.

<sup>866</sup> AHMV, Periódicos, Jornal *A Federação*, 22 de julho de 1917.

### **4.3 – Entre profissionais e amadores: do boxe espetáculo aos primeiros clubes de pugilismo em Porto Alegre/RS (1912-1926)**

O conflito entre o amadorismo e profissionalismo nasceu bem antes das Regras do Marquês de Queensberry, em 1865, ou da própria Associação Britânica de Boxe Amador, de 1880 (BODDY, 2008, p. 95).<sup>867</sup> Na Inglaterra do século XVIII, essas tensões já existiam. A *prize-fighting* era um tipo de luta e o *sparring match* era outro. Este era semelhante a um exercício de autodefesa, com a possibilidade de usar luvas. As primeiras, com as mãos nuas, tinham como protagonistas homens simples, trabalhadores braçais, que recebiam investimentos de aristocratas que gostavam de apostas. Portanto, uma cultura de quase dois séculos de lutas premiadas não acabaria, assim, tão rapidamente. O último lutador de mãos nuas, John Sullivan, viveu até 1918. E nos Estados Unidos somente a partir de 1890 as novas regras passariam a valer. Em outras palavras, quando o boxe chegou ao Brasil, o processo em tornar o pugilismo um esporte ainda era muito recente.

Argumentamos que os problemas entre as vertentes profissional e amadora chegaram também à América Latina e que cada país, estado ou cidade teve que fazer sua escolha. Obviamente, isso não foi resolvido tão facilmente. Porém, podemos refletir o motivo pelo qual a Argentina conquistou sua primeira medalha olímpica em 1924 e o porquê do Brasil tê-la conseguido somente em 1968. No caso do Rio de Janeiro, por exemplo, o profissionalismo resistiu até mesmo quando faleceu um lutador. Em São Paulo, só a notícia de tal acontecimento fez com que a capital proibisse o boxe ao longo de 1913. Em Cuba o boxe foi proibido em Havana, mas não no interior. O mesmo ocorreu em Buenos Aires. Isso mostra que leis nacionais de restrição foram exceção. Os paulistas desautorizaram o pugilismo duas vezes. Os cariocas e os gaúchos, não. Por quê?

Nesta última seção, queremos analisar as experiências pugilísticas em Porto Alegre, levando em conta nossas reflexões feitas ao longo desta tese. A forma como o profissionalismo se manifestou na capital foi por meio de desafios, principalmente entre boxeadores estrangeiros. Enquanto o pugilismo se manteve em apresentações em teatros

---

<sup>867</sup> Tradução nossa. Original: “In 1880, the British Amateur Boxing Association was founded with the motto, ‘Box, don’t fight’, and with this in mind, social and religious reformers encouraged the setting up of boxing clubs in working-class areas”.

da cidade, ele se caracterizou como boxe profissional, ou como temos chamado, de boxe espetáculo. A partir de iniciativas como a da Associação Cristã de Moços, o amadorismo foi ganhando espaço. As duas modalidades de certa forma concorreram e se constituíram ao mesmo tempo. Somadas a estas, os acertos de contas e conflitos do cotidiano foram se reelaborando a partir do novo contexto que se formava. Nosso objetivo é compreender este longo e conflituoso período.

A primeira experiência que os porto-alegrenses tiveram com o boxe ocorreu em 1909, quando “o professor Vitor Field [apresentou] o interessante boxe inglês, tão apreciado na África Inglesa”.<sup>868</sup> O fato curioso ocorreu no Teatro Coliseu, um espaço que foi se construindo, ao longo dos anos 1910, como referência para atletas de luta romana e de boxe. Tanto no Rio de Janeiro como em São Paulo, a luta romana já recebia destaque desde o início do século. Nos registros da imprensa encontramos mais notícias de luta romana do que de boxe, principalmente entre 1909 e 1910. O interessante é que muitos atletas de luta romana também praticavam o boxe. Assim, é necessário compreender as lutas numa perspectiva mais ampla, a partir do conceito de intermodalidades, proposto por Riqueldi Lise (2014), até porque inicialmente tudo era novidade e os combatentes eram tecnicamente precários. Isso fica evidente no seguinte documento:

ELDORADO - Nesse elegante teatro, tivemos dois espetáculos concorridos em as noites de sábado e domingo. Os principais artistas e principalmente os Guillot receram muitos aplausos. O clou do programa era a luta romana, entre Mario Ansonia, um dos dois festejados atletas que tem exibido no Eldorado, e o amador Ricciardi, empregado em uma fábrica de cerveja desta capital. No sábado, o torneio ficou indeciso e ante-ontem, Mário venceu Ricciardi, após quatro minutos de combate. O resultado era de se prever, pois Ricciardi embora musculoso e forte, nada conhece da luta romana, senão no gênero, o que há de mais amador.<sup>869</sup>

José Ricciardi foi um daqueles atletas de luta romana que posteriormente preferiu calçar as luvas de boxe. Com ocupação braçal, “empregado em uma fábrica de cerveja”, Ricciardi poderia ser “musculoso e forte”, mas isso não significava que conhecia os meandros do combate, nem lhe garantia a vitória. Em outro registro,

---

<sup>868</sup> AJPCP, Correio do Povo, 1º de maio de 1909.

<sup>869</sup> AJPCP, Correio do Povo, 26 de janeiro de 1909



ficamos sabendo que a “bolsa” era de 500\$.<sup>870</sup> Esta foi só uma de muitas lutas romanas que ocorreram em teatros como Coliseu e Eldorado. Contudo, somente em abril de 1911, um atleta se autodenominou “cultor de luta romana, boxe e força atlética”.<sup>871</sup> Cremos que após a luta entre Jack Johnson e James Jeffries, o boxe tenha se popularizado e atletas que antes preferiam a luta romana, observaram que os espectadores também se interessavam pelo boxe.

Entre 1909 e 1911 os jornais mencionavam muitas notícias internacionais sobre boxe. As nações que mais informavam a respeito da Nobre Arte foram Estados Unidos, França, Inglaterra e Argentina. Países, estes, que já tinham uma longa história com o boxe. Apesar do Rio de Janeiro ter sediado pelo menos três campeonatos de boxe nos anos 1910, e São Paulo ter proibido o pugilismo, nenhuma dessas informações chegaram aos jornais *A Federação* e *Correio do Povo*. Na verdade, sobre o Rio de Janeiro há algumas notas esportivas, mas que em sua maioria abordam a luta romana. Em relação a São Paulo, de fato, nenhum dado, nem mesmo dos serviços telégrafos, informava o real estado do pugilismo paulista. De certa forma, o trabalho itinerante dos lutadores estrangeiros foi o que permitiu um primeiro contato com o chamado boxe inglês.

O lutador que nos referimos anteriormente, “cultor de luta romana, boxe e força atlética”, era conhecido como Joseph Beerens, de nacionalidade belga e que residiu alguns anos no Chile, onde possuía uma escola de pugilismo. A característica itinerante de Beerens fica evidente no seguinte documento:

Escreve-nos o lutador belga Joseph Beerens chegado, há poucos dias, de Pelotas: Sr. Redator – Suplico-lhe a amabilidade de publicar o desafio abaixo: Desafio os abaixo nomeados para uma luta romana, no teatro Coliseu, desta cidade, sob a condição de dar 20 libras estrelinas a quem dentre eles me vencer. São estes os lutadores que desafio: Emils Schuppans, com 101 quilos, campeão americano; José Ricciardi, com 105 quilos, campeão italiano; Franz Keller, com 78 quilos, campeão alemão; Frank Jones, com 88 quilos, campeão inglês; Também desafio o Sr. S. Nathan, americano, para um campeonato de boxe, visto ter sido ele o vencedor do último torneio realizado no Rio. Se houver outras pessoas que desejem lutar comigo aceitarei prontamente. Os srs que aceitarem o meu desafio poderão

---

<sup>870</sup> AJPCP, Correio do Povo, 22 de janeiro de 1909.

<sup>871</sup> AJPCP, Correio do Povo, 09 de julho de 1911.

encontrar-me no Hotel Aliança, em frente ao Teatro Coliseu. Ficando-vos agradecido sou vosso adm e crd. – Joseph Beerens.<sup>872</sup>

Com essa carta publicada no jornal *Correio do Povo*, podemos destacar alguns elementos importantes para a organização do boxe profissional dos anos 1910. Em primeiro lugar, Beerens utilizou o serviço do jornal para publicizar seu desafio. Assim, na ausência de comissões e federações que pudessem organizar campeonatos, a imprensa funcionava como instituição mediadora. Em segundo, Beerens mencionou os nomes daqueles lutadores com quem desejava se enfrentar. De acordo com François Guillet, “o duelo é a prova da verdade: ele manifesta aos olhos de todos e, antes de tudo, aos olhos do próprio combatente, que ele possui essas qualidades [coragem, sangue-frio e autocontrole] e revela se dessa maneira é homem de honra, é homem de verdade”. (GUILLET, 2012, p. 97).

Em alguns casos os lutadores citados no jornal não aceitavam desafio. Os motivos nem sempre foram explicados. Porém, para François Guillet, “recusar um duelo equivale a expor-se à suspeita de frouxidão e arriscar-se, assim, a ver negada a sua qualidade de homem” (GUILLET, 2012, p. 102). Como estes lutadores se dedicavam ao atletismo e exercícios de força, cremos que a virilidade era um conceito importante para eles. Porém, no caso do desafio de Beerens a Nathan, o mesmo foi ao escritório do jornal “declarar que aceita o desafio lançado pelo campeão Joseph Beerens [...] cabendo ao vencedor cinquenta libras”.<sup>873</sup> Percebe-se que há uma espécie de ritual, mostrando a importância de não deixar o desafio sem resposta, principalmente diante da imprensa e da população.

Nos dois combates apresentados, ambos deixaram evidentes os valores que estariam em jogo caso houvesse vencedor. Este é um elemento importante para as lutas profissionais. Aliás, justamente por este motivo que cronistas, como Menotti Del Picchia e Amaro Júnior, criticavam sua essência. Vejamos um exemplo:

Por parte do público que afluíu ao Eldorado havia ansiedade em conhecer o resultado da luta romana, iniciada, sábado entre José Porro e José Ricciardi, que deixaram indecisa. Depois de lutarem cerca de 15 minutos, Ricciardi conseguiu encostar ao solo uma das espáduas. E foi quanto bastou para que Ricciardi se julgasse vencedor e suspendesse a luta, debaixo de protestos do

---

<sup>872</sup> AJPCP, *Correio do Povo*, 12 de julho de 1911.

<sup>873</sup> AJPCP, *Correio do Povo*, 15 de julho de 1911.

seu competidor, do júri do torneio e da quase totalidade do público que assistia ao espetáculo. [...] O público prorompeu em uma vozeria infernal: Ricciardi recebeu grande assuada. Porro veio à cena dizer que não fora vencido. O juiz fez idêntica declaração. Ricciardi indignado com as vaias, fazia gestos furibundos ao público que o pateava, afirmando haver derrotado o seu competir, e por último, alguns populares, exaltados, arremessaram uma cadeia sobre o suposto vencedor e improvisa do lutador romano. Enfim, o torneio de ante-ontem não passou de uma grossa palhaçada: nem um dos contendores conhece luta romana, principalmente Ricciardi, cuja ignorância, a tal respeito, se pateou, desde os primeiros golpes. O público, no final de contas, é que foi logrado [...]. Não passou, como se vê, de um rídico e grosseiro arremendo de luta romana o torneio tão pomposamente anunciado entre Porro e Ricciardi. A empresa Eldorado, a vista da obstinação de Porro em perseguir na luta, e atendendo a que esta não ultimada, deixou de conferir a qualquer dos contendores a medalha de ouro destinada ao vencedor.<sup>874</sup>

O conflito entre José Porro e José Ricciardi era ainda mais antigo do que sugere o documento acima. Segundo Porro, “tive ocasião de ouvir, em uma roda de amigos, que o Sr. Ricciardi, conhecido amador de luta romana, escarnecia do meu físico, que parecia ser fraco e dizendo que não lutaria comigo, mesmo tendo me desafiado particularmente”.<sup>875</sup> Devido essa crítica aberta a sua pessoa, Porro tratou de escrever para o jornal desafiando José Ricciardi publicamente. Dois dias depois, José Ricciardi respondeu positivamente. Fica nítido que a luta teve motivações para além do combate em si. Para François Guillet, “o duelo corresponde à preocupação [...] com a preservação do lugar do indivíduo e de seu livre arbítrio em mundo moderno submetido ao domínio do capitalismo e ameaçado pelo anonimato” (GUILLET, 2012, p. 115). Mas sobre o embate, os espectadores se sentiram logrados, pois pagaram para assistir uma luta que ambos contendores não conheciam. Além disso, José Porro queria responder a provocação, o insulto e resgatar sua honra. Todos estes elementos estavam em disputa naquele momento.

Isto nos permite entrar em outra dimensão, a das lutas tradicionais. Em Porto Alegre o boxe não foi praticado somente em circos, teatros ou mesmo assistido em cinemas. Assim como vimos para o Rio de Janeiro e para São Paulo, os populares reelaboravam o boxe espetáculo, transformando-o para sua realidade, como formas de resolver contendas. Encontramos nos jornais *A Federação* e *Correio do Povo*, diversos casos de pugilatos, palavra que nos chamou a atenção por sua origem com as lutas da Antiguidade. O dicionário de Henrique Brunswick, por exemplo, conceitua pugilato

---

<sup>874</sup> AJPCP, Correio do Povo, 21 de dezembro de 1909.

<sup>875</sup> AJPCP, Correio do Povo, 12 de setembro de 1909.

como “briga à punhadas”<sup>876</sup>, e em outra versão, de Cândido Figueiredo, se traduziria como “ato de lutar com os punhos” e “discussão acalorada”.<sup>877</sup> Ora, são expressões muitas vezes utilizadas pelos jornalistas de época para nomear o boxe. Seria o pugilato uma versão popular de boxear, de resolver os conflitos do cotidiano? Vamos ver alguns exemplos:

**Pugilato:** Ontem, às 4:30 horas da tarde, à rua General Andrade Neves, por questão de dívida, os árabes Joaquim Moisés e Antônio Agge travaram-se de razões, chegando a vias de fato. Os contendores esmurraram-se a valer, em meio de uma roda de curiosos. Depois da luta, ambos estiveram no 1º posto explicando o fato ao inspetor do dia.<sup>878</sup>

Brincadeira de más consequências: Há dias, Dante Rassolino, de 18 anos de idade, quando brincava com um seu irmão, em casa de seus pais, à Rua General Neto, n. 48, **recebeu deste um forte murro na região lombal direta-**, machucando-a. Ontem, o Dr. Falk praticou, em um quarto da Santa Casa, uma intervenção cirúrgica em Russolino, extraíndo-lhe do lugar machucado, grande quantidade de pus. O paciente achava-se, ontem, à noite, em boas condições.<sup>879</sup>

O primeiro pugilato ocorreu entre dois patrícios, que “se esmurraram-se a valer em meio de uma roda de curiosos”, devido uma dívida não paga. O fato ocorreu na Rua General Andrade Neves e foi testemunhada por vários populares curiosos. Em alguns pugilatos se utilizavam pistolas ou bengalas. Talvez como referência a classe social a quem pertencia. No caso dos árabes, a luta corporal se deu a murros, possivelmente aplicando golpes no rosto do adversário. De acordo com François Guillet, “o ataque à integridade física da pessoa, em particular a cabeça, sede o ego, é irremediável, quer ela seja real – a bofetada – ou simulada, ela requer imperativamente uma reparação” (GUILLET, 2012, p. 132). É interessante que Menotti Del Picchia em algum momento afirmou que gostava do boxe por seu sentido utilitário. Portanto, estariam as academias e clubes de boxe das primeiras décadas do século XX contribuindo para que os indivíduos soubessem defender sua honra?

Lembramos neste momento de uma frase que dizia que o século XX, era o século do boxe. A luta de “brincadeira” entre os dois irmãos pode ter sido apenas um

---

<sup>876</sup> BRUNSWICK, Henrique. Novo dicionário ilustrado da Língua Portuguesa. 3ª edição, s/dt. Lisboa: Empresa literária Fluminense: pg. 947 – Pugilato: “Briga às punhadas”

<sup>877</sup> FIGUEIREDO, Cândido. Novo dicionário da Língua Portuguesa. Volume II. 11ª edição. Lisboa, 1951. (consta que este dicionário é de 1899, sendo segunda edição de 1913): Pugilato: ato de lutar com os punhos. Figurativo: discussão acalorada

<sup>878</sup> AJPCP, Correio do Povo, 11 d junho de 1909.

<sup>879</sup> AJPCP, Correio do Povo, 23 de setembro de 1910.

acidente. Mas preferimos pensar pequenos indícios podem revelar questões mais complexas. O caso acima não foi um pugilato, pois não ocorreu numa via pública, mas se deu em casa, no espaço privado da família. O ano de 1910 foi expressivo no número de filmes de boxe passados no cinema, além de artigos e notícias internacionais nos jornais. Sugerimos que a brincadeira entre irmãos possa ter sido uma simulação de uma luta, uma tentativa de reproduzir o que foi visto no cinema – lembrando que as entradas eram muito acessíveis. Segundo Assmann, Carmona e Mazo, “os filmes provavelmente despertaram o interesse nos jovens, que passaram a imitar os lutadores a fim de praticar o boxe, mesmo sem orientação” (ASMANN, CARMONA & MAZO, 2014, p. 90).

Enquanto os pugilatos, muitos deles ocorridos na Rua da Praia, simbolizavam uma reelaboração de um esporte de combate que estava chegando ao país, o processo de constituição do boxe também se dava na tensão entre o amadorismo e o profissionalismo. A partir deste caso poderemos explorar elementos que dificultaram a consolidação do boxe profissional em Porto Alegre e, em seguida, delinear algumas características do boxe amador.

Recebemos a seguinte carta: Porto Alegre, 13 de dezembro de 1922. Ilustríssimo redator. Prezado senhor. Tendo chegado mais uma vez ao meu conhecimento que o jornal Neue Deutsche Zeitung cuja leitura não cultivo, havia anunciado um match de boxe entre o signatário e o boxeur alemão Blank, à realizar-se no Circo Palace, no dia 13 do corrente, venho por intermédio desse conceituado jornal avisar ao público que dito anúncio foi feito sem a minha autorização ou ciência, não passando portanto de uma vulgar exploração para obrigar-me a lutar com aquele senhor e assim ganhar dinheiro para ele. Como já tive ocasião de dizer em carta publicada no Correio do Povo, o regulamento da Associação dos Amadores de Boxe não permite que um amador jogue em público com um profissional desde que do encontro resulte lucro para qualquer das partes, o que também é terminantemente proibido pelas leis da instituição que tenho honra de servir. Entretanto, para que aquele senhor Blanck se não ponha por ai à assoalhar que eu tenha recusado o match por medo dele, venho por avisá-lo que estarei amanhã 14 do corrente às 20:30, precisas, na Associação Cristã de Moços, pronto para dar-lhe qualquer satisfação, em um match leal. Declaro desde já que se por acaso o dito senhor Blank não der o gosto de comparecer para cumprir o seu desafio que já aceitei, fica provado o que já anteriormente disse, isto é, que os desafios parte dele tinha em mira, unicamente fazer do nobre sport que cultivo, um meio fácil de ganhar a vida. Antecipando os meus melhores agradecimentos pela publicação desta aproveitada oportunidade para firmar-se com estima e apreço. L. Andrews.<sup>880</sup>

---

<sup>880</sup> AJPCP, Correio do Povo, 14 de dezembro de 1922.

O que vemos acima é o conflito explícito entre as duas modalidades de boxe conhecidas. Andrews acusa Blank de marcar sem seu consentimento uma luta no dia treze de dezembro, no *Grand Circo Palace*, localizado no Campo da Redenção. O fato é que Andrews era amador, treinava na Associação Cristã de Moços, enquanto Blank era um pugilista profissional itinerante. O fato de Andrews comentar a respeito de um regulamento da Associação dos Amadores de Boxe, revela que no ano de 1922 já havia pelo menos rigor e respeito as regras. Mas também aponta que já no início da década de 1920, enquanto São Paulo e Rio de Janeiro criavam suas comissões, em Porto Alegre as distinções entre as duas modalidades não estavam tão nítidas. Lembramos neste momento do excerto inicial deste capítulo, nas palavras de Amaro Júnior:

É que em nosso país o pugilismo começou por onde deveria ter acabado: pelo profissionalismo. Sem controle, as pilhadas, os tongos, se desenvolveram de tal maneira que o público dificilmente se convencia da sinceridade dos dois lutadores que, dentro do ringue, trocavam golpes sobre golpes procurando a vitória. No Brasil, o boxe seria – como é na Argentina e no Chile, por exemplo – uma força dentro do grupo de esportes praticados se tivesse tido no seu início no amadorismo puro, cem por cento, com a organização de clubes especializados.<sup>881</sup>

As lutas profissionais de boxe realizadas em Porto Alegre nas primeiras décadas do século XX, respondiam ao ganho financeiro. Nos jornais, poucas vezes encontramos informações a respeito de regras que seriam obedecidas no *match*. Sem uma comissão ou federação a organização dos combates foi feita a esmo. Profissionais lutavam com amadores e amadores com profissionais. A pesagem não existia. E a violência de alguns desses encontros, como no caso de Bill Jackson no Rio de Janeiro, marcaram como um período para ser esquecido. Talvez por isso alguns autores não considerem tal fase. No entanto, ainda cremos que este período merece ser analisado e reconstruído, por fazer parte do processo de constituição do boxe moderno em Porto Alegre. Daremos destaque a partir de agora para as experiências do pugilismo amador.

Amaro Júnior declara no excerto acima que Argentina e Chile eram bons exemplos de como o boxe se desenvolveu. Isso porque os clubes e academias de pugilismo nestes países foram mais precoces. No Chile, as lutas oficiais começaram em 1903, mas John Budinich já possuía uma academia desde o fim do século XIX. Na

---

<sup>881</sup> Almanaque Esportivo do Rio Grande do Sul. Ano de 1950. P. 26

Argentina, lembramos das duas academias: *Buenos Aires Boxing Club* (1908) e *Internacional Boxing Club* (1913). Em Porto Alegre, o primeiro sinal de amadorismo foi com a fundação de uma Escola de Boxe e Luta Romana. Conforme o jornal A Federação

Box-Luta Romana: realizou-se ante ontem a inauguração oficial de uma sociedade, ou melhor, de uma escola de boxe e luta romana, a cargo do conhecido lutador e boxeur Aloys Fiala. O nome de Aloys Fiala é bastante conhecido entre os sportmen. A sociedade que a principio contava com um pequeno número de sócios, hoje, porém compoem-se de inúmeros amadores que se dedicam a este esporte. Os treinos realizaram as terças e sextas , à 20hs, a Rua dos Andradas 868. A sua diretoria recentemente empossada é a seguinte: Presidente Aloys Fiala, Vice, Carlos Forsterling, 1º secretário Otmar Faber, 2º secretário, Max Sprengmann. Tesoureiro Henrique Fay, 1 guarda esporte Adolfo Powoner. Segundo guarda esporte Emilio Schilleper. Instrutor Henrique Fiala. Para os treinos são convidados os amadores deste esporte.<sup>882</sup>

O ano de 1914 foi importante, pois foi o primeiro sinal de autonomia dos atletas porto-alegrenses em querer organizar um espaço para lutas que fosse orientado pelo amadorismo. Enquanto o pugilismo profissional estivesse sendo apresentado em circos e teatros, os próprios gaúchos não conseguiriam organizá-lo como um esporte. Não localizamos outros documentos sobre essa escola e nem sabemos por quanto tempo ela existiu. Talvez a morte de Bill Jackson no Rio de Janeiro e a proibição do boxe em São Paulo, tenham contribuído para que os amadores organizassem sua própria instituição. Além disso, neste ano poucos lutadores estrangeiros estiveram na cidade propondo seus desafios, o que possivelmente tenha criado o desejo de continuar participando do esporte.

Depois da Escola de Boxe e Luta-Romana, a Associação Cristã de Moços foi a próxima instituição a criar departamento de pugilismo, no ano de 1917. Seu papel foi fundamental na propagação do esporte e do boxe amador no Brasil e, especificamente, em Porto Alegre. De acordo com a Revista do Globo:

Foi a ACM que introduziu o pugilismo amador a mocidade brasileira. [...] No Rio Grande do Sul coube a ACM a implantação do Box Amador. Na sede da entidade do triângulo vermelho, na rua dos Andradas, onde hoje se instalam as Lojas Americanas, e mais tarde na Rua do Rosário , junto ao atual Cine Carlos Gomes, muitas lutas renhidas foram realizadas e muitos moços que

---

<sup>882</sup> Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro. Jornal A Federação, 10 de março de 1914.

atualmente são pacatos e honestos cidadãos , ali se treinaram pelo simples prazer de lutar. Eram os lutadores de grandes bigodes e pernas cobertas até o tornozelo.<sup>883</sup>

A atuação da Associação Cristã de Moços já foi levantada pela bibliografia anteriormente. Vários países latino-americanos receberam em fins do XIX e começo XX uma sede da *Y.M.C.A.* Contudo, como mostramos para o caso de Cuba, a ACM era uma missão cristã que possuía objetivos definidos, principalmente em formar jovens saudáveis, atléticos e protestantes. Além disso, participar de um clube no início do século não era para qualquer um. Havia requisitos para ser sócio. Para além da Revista do Globo, localizamos vestígios no jornal *A Federação* de encontros pugilísticos na sede da Andradas.

Associação Cristã de Moços - Realizar-se-á hoje às 20hs na sede da ACM uma noite de esportes que constará de vários jogos esportivos como box, luta romana, etc. São cordialmente convidados todos os sócios. Só para homens.<sup>884</sup>

Assim como a Escola de Boxe e Luta Romana, a ACM foi mais um espaço “externo” aos espetáculos pugilísticos profissionais. Era a oportunidade de praticar um esporte amador, com fins ginásticos e educativos. Mas principalmente, como falamos a pouco, começar a construir uma nova história do boxe em Porto Alegre. Na década de 1920 outros lugares praticavam o boxe amador, é verdade que junto com profissionais, mas mesmo assim era um passo importante, permanecer com tal diferenciação. No seguinte documento vemos *matches* de pugilismo no Grêmio Football Porto-Alegrense

Boxe – Os encontros de amanhã. Amanhã, no campo do Grêmio Football Porto-Alegrense, à rua Mostardeiro, os amantes do boxe terão ensejo de apreciar três bons encontros dos quais um entre profissionais. Os encontros começarão às 15hs e meia, precisamente, havendo muito entusiasmo. A festa é dedicada a Associação Cristã de Moços, à Liga Náutica RioGrandense e à Federação Rio-Grandense dos Desportos. Os matches são os seguintes: 1º match, Karl Jungweiss, amador 65 quilos, alemão (de Porto Alegre), versus Juvenal A. Assis, amador, 61 quilos, de São Leopoldo. 2º match – Delmar Tavares de Melo, 72 quilos, brasileiro (de São Leopoldo), versus Alfredo Purper, 72 quilos, brasileiro (de Porto Alegre, sócio da ACM), 5 rounds luvas de 8 onças; 3º match – o sensacional encontro entre os profissionais e antigos rivais Jorge Schmidt, 73 quilos, alemão (de Porto Alegre), versus Gerhardt Blanck, 75 quilos, alemão (de São Leopoldo), 10 rounds, luvas de 6 onças. Atuarão com juiz o sr. R. Milgram, como cronometrista, Walter Greatzchel e Franz Treu, para marcar os pontos os srs Karl Black, Eurico Cidade e

---

<sup>883</sup> AHPAMV, Revista do Globo, nº 323, julho de 1942.

<sup>884</sup> AHPAMV, Jornal A Federação, 06 de julho de 1918.



Frederick Charles Jardolp, como médico o dr. Bruno Künne. Entradas, pavilhão 3\$000. Arquibancadas, 2\$000, menores 1\$000. Em caso de mau tempo ficará transferido para o dia 18 de novembro. Bondes: I e F.<sup>885</sup>

Neste ano de 1923, o boxe espetáculo ainda estava presente em cine-teatros da capital. Até onde sabemos, os desafios continuaram ao longo da década de 1920. Mas o mais importante é que o boxe praticado por estrangeiros em espaços de entretenimento do centro da cidade, passou aos poucos a se tornar mais porto-alegrense, mais brasileiro. Entre os amadores se vê tanto porto-alegrenses como leopoldenses. Destaque também para os alemães ou seus descendentes. O clube mais representado foi a ACM, talvez por ser a primeira instituição a criar um departamento de pugilismo. Outros espaços externos foram o Jardim Zoológico.<sup>886</sup> Segundo *A Federação*, em catorze de fevereiro de 1922, houve “ao ar livre um sensacional *match* de box inglês. 6 rounds de 3 minutos, cada um 1 minuto de descanso. Mil reis o ingresso”.<sup>887</sup>

Um passo importante para o boxe amador foi fundação da *Southern Boxing Club*, em 1926. Infelizmente não temos muitos dados sobre o clube. Sabemos, pela *Revista do Globo*, que Armínio Purper<sup>888</sup> esteve à frente da primeira academia voltada ao boxe de Porto Alegre.<sup>889</sup> Segundo Amaro Júnior, “na época era considerada uma das academias de boxe mais completas da América Latina”.<sup>890</sup> As primeiras reuniões da *Southern Boxing Club* ocorreram na Sociedade Leopoldina (Dr. Flores)<sup>891</sup>, no Cine-Teatro Carlos Gomes, e principalmente em sua sede na Rua Cristóvão Colombo. Segundo Amaro Júnior o clube chegou a organizar “um campeonato porto-alegrense de boxe, que teve enorme interesse”.<sup>892</sup> Fazendo uma pesquisa quase etnográfica, consegui contato com o filho de Armínio Purper, que gentilmente me passou imagens que estão anexadas a este trabalho. Entre elas, uma medalha que seu pai conquistou no dito campeonato citadino do ano de 1926.<sup>893</sup>

---

<sup>885</sup> Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional, Periódicos, Jornal A Federação, Porto Alegre, 10 de novembro de 1923.

<sup>886</sup> ANEXO 43 – Jardim Zoológico.

<sup>887</sup> AHPAMV, Periódicos, Jornal A Federação, Porto Alegre, 14 de fevereiro de 1922.

<sup>888</sup> ANEXO 44 - Foto de Armínio Purper, fundador da *Southern Boxing Club*.

<sup>889</sup> AHPAMV, Periódicos, Revista do Globo, nº 323, julho de 1942.

<sup>890</sup> Amaro Júnior, Almanaque Esportivo do Rio Grande do Sul, ano 1950.

<sup>891</sup> ANEXO 45 – Sociedade Leopoldina

<sup>892</sup> Amaro Júnior, Almanaque Esportivo do Rio Grande do Sul, ano 1950.

<sup>893</sup> ANEXO 46 – Medalha do campeonato citadino de boxe, 1926.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta tese teve por objetivo estudar o processo de constituição do boxe moderno na Inglaterra e nos Estados Unidos, entre os séculos XVIII e XX e, posteriormente, perceber como a América Latina recebeu e reelaborou o pugilismo a partir do contexto de uma modernidade híbrida. Inicialmente, nosso objetivo foi estudar a constituição do boxe em Porto Alegre/RS, no entanto, devido a bibliografia sobre o pugilismo no Brasil ser muito escassa, passamos a ter contato com textos acadêmicos ingleses e norte-americanos.

Como mostramos no primeiro capítulo, a produção brasileira ainda está em um estágio muito embrionário, por isso fomos direcionados a compreender como o boxe se desenvolveu na Inglaterra e nos Estados Unidos. Este percurso, mesmo não constando no projeto inicial, foi fundamental para entendermos certas características do pugilismo britânico e norte-americano. Por exemplo, a expressão boxe tem sido utilizada erroneamente para diversos períodos da história, como sinônimo de pugilato ou pancrácio. No entanto, o boxe surgiu apenas na segunda metade do século XIX, na Inglaterra, com as Regras do Marquês de Queensberry. Até aquele período, o que existia eram as *prize-fighting* e os *sparring-match*. cremos que o que gerou o boxe moderno foi o resultado da tensão entre essas duas modalidades, já que na Era Vitoriana as lutas premiadas foram perseguidas e a burguesia conseguiu instituir seu projeto de tornar a prática amadora.

Nos Estados Unidos o pugilismo teve um percurso próprio. As *prize-fighting* ingleses foram nomeadas de *bare-knuckle*. Se os primeiros vestígios na Inglaterra foram de fins do século XVII, na América o jogo do soco chegou no início do século XIX. Contudo, as *bare-knuckle* não eram praticadas em todas Treze Colônias. No Sul, os homens possuíam outras formas de resolver seus conflitos. Eles conheciam *bare-knuckle fighting*, mas dependendo do motivo da rixa a luta utilizada era a *rough-and-tumble*, ou *eye-gouging*. O embate não tinha regras e a luta só terminava quando um dos contendores conseguia arrancar o olho do adversário. Apesar de brutal, percebemos na ausência de instituições de justiça, os homens encontravam formas próprias para defender sua honra.

Em meados do século XIX, devido a perseguição à pugilistas na Grã-Bretanha, muitos deles imigram para os Estados Unidos, trazendo em sua bagagem cultural suas formas de combate. Na década de 1840 surgiu o primeiro campeonato nacional de *bare-knuckle fighting*, no entanto, os principais vencedores foram ingleses ou irlandeses. Somente com o embate entre John Heenan e Tom Hyer, em 1860, o pugilismo se populariza ao ponto de ser o principal lazer dos soldados na Guerra Civil Americana. Muitos lutadores se alistaram como voluntários, após a imprensa exaltar sua coragem, força e masculinidade. Contudo, o estilo de vida dos pugilistas, pertencentes a classe trabalhadora de Nova York, não condizia com as noções de hierarquia, lealdade e respeito impostos pelo Exército.

O primeiro grande nome das *bare-knuckle fighting* foi John Sullivan, considerado até os dias de hoje como o único campeão em duas modalidades (*bare-knuckle* e boxe profissional com luvas). Sua imagem como lutador representava noções de nacionalismo, masculinidade e superioridade da raça-branca. Em outras palavras, ele simbolizava o verdadeiro homem norte-americano. Neste tempo, os Estados Unidos tornaram-se referência mundial no boxe. As Regras do Marquês de Queensberry passam a ser consideradas e inicia a etapa do boxe profissional com luvas. É neste momento que assistir lutas de boxe e apostar em lutadores preferidos torna-se parte da cultura e da essência do norte-americano moderno. Os dois pugilistas mais significativos do início do século XX foram Jack Johnson e Jack Dempsey.

Analisamos a trajetória desses lutadores e percebemos que seus principais confrontos (contra Jeffries, em 1910; e contra Carpentier, em 1921) estavam mergulhados em debates mais amplos da sociedade estadunidense. No caso de Johnson, sua luta contra Jeffries foi o estopim para uma grande perseguição à população negra. Ao vencer um branco no esporte mais popular dos americanos, era como se o nocaute acertasse em cheio o racismo científico. Em relação a Dempsey, a luta representava a América contra a Europa, a força contra a técnica. A vitória de Dempsey não foi somente nos ringues, mas fora deles também, já que seu triunfo fortaleceu a identidade dos norte-americanos. As lutas de Jack Johnson e Jack Dempsey, portanto, são bons exemplos para destacar a importância que o pugilismo teve no início do século XX. A popularidade do boxe também chegou à América Latina, e países como Cuba, Chile, Argentina, Uruguai e Brasil reelaboraram essas experiências.

Na segunda parte do trabalho investigamos a recepção do boxe na América Latina e sua reelaboração por parte dos moradores das capitais Havana, Santiago, Buenos Aires, Montevideu, São Paulo, Rio de Janeiro e Porto Alegre. Nos países que foram ex-colônias da Espanha, percebemos que o pugilismo chegou antes, inicialmente de forma pontual e em seguida, no começo do século XX, com mais regularidade. Cuba teve maior influência dos Estados Unidos, e por isso o destaque foi para o pugilismo profissional. Mesmo assim, instituições protestantes como a *Y.M.C.A* contribuíram para que a classe média e alta tivessem a experiência com o amadorismo. A primeira academia foi erguida em 1910 e em 1920 surgiu o Comitê de Boxe de Havana, buscando legalizar o pugilismo.

O Chile teve papel fundamental no início do pugilismo cubano, principalmente pela atuação de Juan Budinich na criação da primeira academia do país. As academias e as lutas oficiais mais antigas da América do Sul se deram no Chile. A Federação Chilena de Boxe, criada em 1916, regulou pela primeira vez o boxe na América Latina. A Argentina foi o país que mais se destacou em competições internacionais, tendo sua primeira academia em 1908 e sua federação em 1920. Mesmo com a proibição durante longos anos, os argentinos foram os primeiros a ganhar uma medalha nos Jogos Olímpicos, em 1924. O Uruguai, assim como Argentina e o Chile, iniciou a prática do pugilismo quase na mesma época. A União de Sociedades de Boxe do Uruguai foi fundada em 1915 e a Federação Uruguaia de Boxe, em 1925. Estes três países, sem exceção, contribuíram na divulgação do pugilismo brasileiro.

No Brasil, o pugilismo chegou nas cidades de São Paulo e Rio de Janeiro, inicialmente em formato de lazer. Com a vinda de circos e companhias artísticas apareceram os primeiros boxeadores que usavam a estratégia do desafio para chamar público e também o adversário. No entanto, em São Paulo as autoridades foram pressionadas pela imprensa a proibir o pugilismo em duas situações diferentes: 1913 e 1924. No Rio de Janeiro, o boxe profissional teve mais receptividade, principalmente pelo apoio dos empresários, alguns políticos e do chefe de polícia. Apesar de percursos diferentes, São Paulo e Rio de Janeiro foram as duas cidades onde o boxe se consolidou mais facilmente, no início da década de 1920.

Porto Alegre também experimentou o boxe espetáculo, por meio de apresentações artísticas, fitas cinematográficas ou mesmo os desafios. Entre 1909 e 1911 os porto-alegrenses tiveram acesso a vários filmes de boxe nos cinemas da cidade. De vez em quando, apareciam também artistas circenses trazendo números de pugilismo em sua programação. Apenas em 1912 vieram os lutadores de boxe profissional, que assim como em SP e RJ, utilizavam a estratégia do desafio. Percebemos que noções de honra, justiça e respeito eram fundamentais para aquela sociedade. O desafio era um duelo simulado que, por vezes, ultrapassava os fins do espetáculo, atingindo questões pessoais. Neste sentido, cremos que a presença do boxe em Porto Alegre, por meio de suas várias linguagens de comunicação, foi reelaborado a partir dos indivíduos, que no seu cotidiano não deixavam uma provocação impune, um desafio sem resposta, a fim de valorizar sua reputação.

Em fins da década de 1910, os porto-alegrenses passaram a organizar outros espaços para o pugilismo em sua cidade. Era o início da variante amadora, que se constituiu de forma concomitante ao profissionalismo dos espetáculos. A Associação Cristã de Moços teve um importante papel no incentivo da prática amadora. Além da ACM, o boxe foi praticado também *Turnen-Bund*, no *Sport Club Cruzeiro*, no *Grêmio Almirante Tamandaré* e na *Academia Sportiva Porto-Alegrense*. Além de clubes e academias, o Jardim Zoológico abriu, mais de uma vez, seu ambiente para sediar lutas de boxe. Em 1926, após maior divulgação do pugilismo em Porto Alegre, foi instituída a primeira academia especificamente de boxe: a *Southern Boxing Club*. Na virada da década de 1920 para 1930, o pugilismo já estava se consolidando.

Ao longo desse trabalho percebemos que o processo de constituição do boxe moderno foi muito complexo. Destacamos que ele se formou a partir da inter-relação entre as lutas tradicionais, as *prize-fighting/bare-nuckle fighting* e o *sparring-match*. A luta com as mãos foi disputada por várias classes sociais, que o viam com fins diferentes. Não há apenas uma história do boxe. Ele foi constituído por várias relações. No que se refere a recepção e reelaboração do pugilismo na América Latina, observamos que num contexto de modernidade híbrida, era impossível a estas nações experimentassem o boxe inglês ou norte-americano da forma com eram praticados e assistidos em seus países de origem. Por isso, o boxe espetáculo, modelado pelo entretenimento e pelo consumo, foi responsável por sua divulgação em cidades como

São Paulo, Rio de Janeiro e Porto Alegre. Devido sua característica espetacularizada, o boxe profissional se arraigou primeiro do que o amador no Brasil. Dessa forma, o profissionalismo foi muito valorizado, inclusive por donos de casas de espetáculos, por políticos e parte da imprensa.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, Christina D. A história de Benny “Kid” Paret: boxeadores cubanos, a Revolução Cubana e a mídia dos EUA, 1959-1962. In: **Revista Recorde**, Rio de Janeiro, volume 8, nº 2, dezembro de 2015

AGUILERA, Gene. **Mexican American Boxing in Los Angeles**. South Carolina/USA: Arcadia Publishing, 2014.

ALBUQUERQUE, Tenório. **Pugilismo: boxe, jiu-jitsu, cacth-as-catch-can**. Cia Brasil Edotiral: Rio de Janeiro, 1939.

ALENCAR, Carlos. **Maguila: a saga de um cabra macho campeão**. São Paulo: Editora Marco Markovitch, 1997.

ALFONSO, Marcos. **Tres Rounds com Alcides Sagarra**. Habana: Editorial Cientifico-Técnica, 2009.

ALMEIDA, William Douglas de. Boxe: os atletas e a “luta” olimpismo x profissionalismo. In: **Revista Vozes, Pretérito e Devir**. Dossiê Temático: História dos esportes. Ano III, Vol. V, nº1 (2016).

ALVES, A. Rodrigues; COUTINHO, R. A. A. **O boxe sem mestre e cultura física para todos**. Rio de Janeiro, 1929.

ANDERSON, Perry. **Linhagens do Estado Absolutista**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.

ANDERSON, Jack. Pugilistic Prosecutions: Prize Fighting and Courts in Nineteenth Century Britan. In: **The Sports Historian**. Nº 21, november, 2001.

ANDERSON, Jack. **The legality of boxing – a punch drunk Love?** Routledge Taylor & Franci’s Group / Birkbeck University of London, 2007.

ANDRIOLI, Luiz. **O circo e a cidade: histórias do grupo circense Queirolo em Curitiba**. Edição do Autor, 2007.

ARAVENA, Hugo González. Resignificacion de La violência en lós escenarios Del boxeo: estúdio de caso em La ciudad de Castro. In: **III Encuentro ALESDE Congreso LatinoAmericano de Estudios Socioculturais Del Desporto**. Concepción: Chile, 2012.

ARCHETTI, Eduardo. Boxeo, lós puños de la nacion. In: **El potrero, La pista y El ring. Las Patrias Del Desporte Argentino**. Fondo de Cultura Econômica da Argentina, 2001.

ARCHETTI, Eduardo. El deporte em Argentina (1914-1983). In: **Trabajo e Sociedad** – indagaciones sobre El empléo, La cultura y las prácticas políticas en sociedades segmentadas. N° 7, Vol. VI, junho-septiembre de 2005, Santiago Del Estero, Argentina.

ASSEF, Liane Chipollino. **Memórias boêmias: histórias de uma cidade de fronteira**. Dissertação de Mestrado em História da Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2006.

ASSMANN, Alice Beatriz; CARMONA, Eduardo Klein & MAZO, Janice Zarpellon. Para além dos ringues: vestígios da história do boxe Sul-Rio-Grandense (1920-1960). In: **Revista Eletrônica da Escola de Educação Física e Desportos da UFRJ – Revista Arquivos em Movimento**. Rio de Janeiro, 2014.

AUGUSTO, Celina Vivian Lima. **O gênero cinematográfico commedia all italiana: uma proposta de estudo**. Dissertação de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Língua, Literatura e Cultura Italianas do Departamento de Letras Modernas da USP; São Paulo, 2014.

BAKOS, Margaret. **Porto Alegre e seus intendentés**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1996.

BARRADAS, Rafael. **ABC do Pugilismo**. Lisboa: Edições VIC, 1944.

BARROS, José D' Assunção. A História Social: seus significados e seus caminhos. In: **LPH – Revista de História da UFOP**, n° 15, 2005.

BARROS, José D' Assunção. **O projeto de pesquisa em História: da escolha do tema ao quadro teórico**. Petrópolis/RJ: Editora Vozes, 2013.

BELLO, Joaquin Edwards. **Andando por Madrid y otras páginas**. Santiago: Editorial Andres Bello, 1969.

BERKOWITZ, Michael. Jewish Fighters in Britain in Historical Context: Repugnance, Requiem, Reconsideration. In: **Sport in History**, vol. 31, n° 4, 2011.

BERMAN, Marshall. **Tudo que é solido desmancha no ar – a aventura da modernidade**. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.

BLOCH, Marc. **Apologia da História ou o ofício de historiador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2001.

BODDY, Kasia. **Boxing, a cultural history**. London: Reaktion Books Ltda, 2008.

BODDY, Kasia. ‘Under Queensberry Rules, so to speak: some versionsof a metaphor. . In: **Sport in History**, vol. 31, n° 4, 2011.

BOURDIEU, Pierre. “Como é possível ser esportivo? ” In: BOURDIEU, Pierre. **Questões de Sociologia**. Rio de Janeiro, Marco Zero, 1983.



BRAILFORD, Dennis. *Morals and Maulers: the Ethics of Early Pugilism*. In: **Jornal of Sport History**, Vol.12, No.2, Summer 1985.

BRAUDEL, Fernand. **Escritos sobre a História**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1978.

BRAUDEL, Fernand. Sobre uma concepção de História Social. In: BRAUDEL, Fernand. **Escritos sobre a História**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1978.

BUNGARTEN, Vera. **A imagem cinematográfica: convergências entre Design e Cinema**. Tese de Doutorado do Programa de Pós-Graduação em Design do Departamento de Artes e Desing da PUC-Rio. Rio de Janeiro, 2013.

BURKE, Peter. **História e teoria social**. São Paulo: Editora da UNESP, 2002.

BURKE, Peter. PALLARES-BURKE, Maria Lúcia Garia. **Os ingleses**. São Paulo: Contexto, 2016.

CAMARGOS, Márcia. **Entre a vanguarda e a tradição: os artistas brasileiros na Europa (1912-1930)**. São Paulo: Alameda Editorial, 2011.

CAMPOS, Marcello. **Johnson, o boxeur-cantor**. Porto Alegre: Edição Independente / Fumproart, 2013.

CANCLINI, Néstor García. **Culturas Híbridas – estratégias para entrar e sair da modernidade**. México: Editorial Grijalbo 1990.

CASTRO, Hebe. História Social. In: CARDOSO, Ciro Flamarion & VAINFAS, Ronaldo. **Domínios da História: ensaios de teoria e metodologia**. Rio de Janeiro: Enselvier, 2011.

CARATTI, Jônatas Marques. “Calçando as luvas”: primeiros comentários sobre a formação do boxe gaúcho (Porto Alegre, 1920). In: **Revista Latino-Americana de História**, v.1, p.508-524, 2012.

CARATTI, Jônatas Marques. A participação de pugilistas negros no boxe gaúcho (Porto Alegre, primeira metade do século XX). In: **XI Encontro Estadual de História: história, memória e patrimônio**. ANPUH/FURG, Anais eletrônicos, p. 515-524, 2012.

CARATTI, Jônatas Marques. “Quando o boxe era caso de polícia”: espetáculo, violência e repressão em tempos do surgimento do pugilismo em Porto Alegre/RS (1908-1922). In: **Revista Vozes, Pretérito e Devir**. Dossiê Temático: História dos esportes. Ano III, Vol. V, nº1 (2016).

CARDOSO, Ciro Flamarion. BRIGNOLI, Héctor Pérez. A História Social: os sentidos da história social. In: CARDOSO, Ciro Flamarion. BRIGNOLI, Héctor Pérez. **Os métodos da História: introdução aos problemas, métodos e técnicas da história demográfica, econômica e social**. Rio de Janeiro, Edições Graal, 2002.

CARDOSO, Ciro Flamarion. **Uma introdução à História**. São Paulo: Editora Brasileira, 1981

CARDOSO, Ciro Flamarion. BRIGNOLI, Héctor Pérez. **Os métodos da História: introdução aos problemas, métodos e técnicas da história demográfica, econômica e social**. Rio de Janeiro, Edições Graal, 2002.

CARDOSO, Ciro Flamarion. VAINFAS, Ronaldo. **Domínio da História: ensaios de teoria e metodologia**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2011.

CARDOSO, Berta Leni. SAMPAIO, Tânia Mara Vieira. SANTOS, Doraia Silva dos. Dimensões socioculturais do boxe: percepção e trajetória de mulheres atletas. In: **Revista Movimento da Escola de Educação Física da UFRGS**. Porto Alegre, volume 21, n.1, março de 2015.

CAREY, Ian. **When boxing was, like, ridiculously racist**. Canada: EBookit.com Edition, 2013.

CARLOS, Cássio Starling e GUIMARÃES, Pedro Maciel. **Campeão de boxe e outros 6 curtas**. São Paulo: Folha de São Paulo, 2012.

CARR, Edward Hallet. **Que é história?** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982 (3ª edição)

CARRASCO, Héctor Alárcon. **Heriberto Rojas, primer peso pesado del boxeo nacional**. 2012. Site: <http://chilecronicas.com/2012/05/heriberto-rojas-primer-peso-pesado-del-box-nacional.html> Acessado: 1º de dezembro de 2017, às 10:17.

CHALHOUB, Sidney. **Trabalho, Lar e Botequim: o cotidiano dos trabalhadores no Rio de Janeiro da Belle Époque**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2011.

COMÍSSOLI, Adriano. **“Os homens bons” e a Câmara Municipal de Porto Alegre (1767-1808)**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2008.

CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE PUGILISMO. **Boxe, regras oficiais**. Rio de Janeiro: Grupo Palestra Edições, 1987

COZZONE, Chris. **Boxing in New Mexico, 1868-1940**. Editora MCFarland & Company, Inc., Publishers Jefferson, North Carolina, and London, 2013.

DABÈNE, Olivier. **América Latina no século XX**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2003.

DAMO, Arlei. Senso de jogo. In: **Esporte e Sociedade**, nº 1, 2006.

DEL PICCHIA, Paulo Menotti del. **A Longa Viagem - Segunda etapa da Revolução Modernista e Revolução de 1930**. São Paulo: Editora Martins, 1972.

DILLENBURG, Sérgio Roberto. **Quatro publicações marcantes no jornalismo rio-grandense**. Porto Alegre: Editora Amistad, 1996.

DOMINGUEZ, Jesús. **Boxeo cubano: em juegos deportivos centroamericanos y Del caribe**. Habana/Cuba: Ministerio De Cultura, Editorial Científico Técnica, 1985.

DOMÍNGUES, Jesus. LLANO, José Luís. **La preparación básica de lós boxeadores. Ciudad de La Habana**: Editorial Científico técnico, 1987.

D' ALBUQUERQUE, A. Tenório. **Pugilismo – Boxe, jiu-jitsu, luta-livre e catch-as-catch-can**. Rio de Janeiro: Cia Brasil Editora, 1939.

DOYLE, Arthur Conan. **Soco na cara** (original em inglês, **Rodney Stone**). Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015

DUARTE, LuizAntônio Farias. **Imprensa e poder no Brasil – 1901-1915: estudo da construção da personagem Pinheiro Machado nos jornais**. Dissertação de mestrado do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação da UFRGS. Porto Alegre: 2007.

ELIAS, Norbert. DUNNING, Eric. **Em busca da excitação**. Lisboa: Editora Difel, 1992.

FARIA, A. Latorre. **Boxe ao alcance de todos**. São Paulo: Editora Ediouro, 1960.

FARIA, Cristina Pedroza de. **Corpos no ringue: encontros de discursos e práticas, representações e imagens na experiência de participação em um “projeto Antropologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro, 2005.

FAUSTO, Bóris. **História Geral da Civilização Brasileira**. Tomo III – O Brasil Republicano. Sociedades e instituições (1889-1930). Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.

FRANZINI, Fábio. A futura paixão nacional: chega o futebol. In: PRIORE, Mary del e MELO, Victor Andrade de. **História do esporte no Brasil: do Império aos dias atuais**. São Paulo: Editora da UNESP, 2009.

FEITOSA, Mário; LEITE, Nívea & LIMA, Amanda. Boxe. In: DA COSTA, LAMARTINE (ORG.) **Atlas do esporte no Brasil**. Rio de Janeiro: CONFEF, 2006.

FEBVRE, Lucien. **Combates pela História**. Lisboa: Editorial Presença, 1985.

FERREIRA, Fernando. **O boxe negação do desporto**. Lisboa: Prelo Beta, 1970

FERNÁNDEZ, Felipe Martínez. Fuerza, vigor y consumo: El caso de Eugene Sandow em Santiago, Chile, 1900-1930. In: **11° Congresso Argentino y 6° Latinoamericano de Educación Física y Ciencias**. Buenos Aires, Argentina, 2015.

FEU, Francisco Rodríguez. **El boxeo: como deporte y profesion**. Barcelona: Editorial Hispano Europea, 1987.

FILHO, Pedro Pio de Azevedo. **Ringues de Gênero: representações sobre a feminilidade entre praticantes de boxe.** Dissertação de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal Fluminense. Niterói, 2011.

FLORES JÚNIOR, José Elias. **A luta além dos ringues: a emocionante trajetória de Muhammad Ali.** Porto Alegre: Editora Sagra Luzzatto, 2001.

FOREMAN, George. **Sem nunca jogar a toalha: uma história de sucesso, boxe e espiritualidade.** Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2007.

FRANCO, Sérgio da Costa. **Gente e espaços de Porto Alegre.** Porto Alegre: Editora da Universidade, 2000.

FRANCO, Sérgio da Costa. **Porto Alegre: guia histórico.** Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2006.

FREITAS, Bruno; DEHÓ, Maurício. **Em 12 rounds: histórias do boxe no Brasil, de Jofre à Popó, dos Zumbano à Tyson.** Rio de Janeiro: Via Escrita, 2014.

FRIDMAN, Daniel. SHENIN, David. Toros salvajes, extranjeros descartados y campeones insolentes: Estados Unidos y la construcción cultural de los boxeadores argentinos. In: **Apuntes de investigación / Oficios y prácticas.**, 2008.

FOLLIS, Fransérgio. **Modernização urbana na Belle Époque paulista.** São Paulo: Editora da UNESP, 2004.

FULTON, John. "What your worth? " The development of Capital in British Boxing. **European Journal for Sport and Society**, 2011, 8(3), 193-218.

GALVANI, Walter. **Um século de poder: os bastidores da Caldas Júnior.** Porto Alegre: Mercado Aberto, 1994.

GASTAL, Suzana. Salas de cinema: cenário de uma história porto-alegrense. **Revista FAMECOS**, Porto Alegre, n° 9, dezembro de 1998

GEEMS, Gerald R. The politics of boxing: resistance, religion and working class assimilation. **International Sport Journal**. Winter 2004.

GEEMS, Gerald R. **Boxing: a concise History of the Sweet Science.** United Kingdom: Rowman & Littlefield, 2014.

GALVANI, Walter. **Um século de poder – os bastidores da Caldas Júnior.** Porto Alegre: Mercado Aberto, 1994.

GOELLNER, Silvana. MAZO, Janice. Esporte, cidade e modernidade: Porto Alegre. In: MELO, Victor Andrade de (org). **Os sports e as cidades brasileiras: transição dos séculos XIX e XX.** Rio de Janeiro: Apicuri, 2010.

GONZÁLEZ, Armando García e PELÁEZ, Raquel Álvarez. **En busca de la raza perfecta: eugenesia e higiene en Cuba (1898-1958)**. Spain: Consejo Superior de Investigaciones Científicas, 1999.

GORN, Elliot J. Gouge and Bite, Pull Hair and Scratch: the social significance of fighting in the Southern Backcountry. In: **The American Historical Review**, Vol. 90, n° 1985.

GORN, Elliot J. **The manly art: bare-knuckle prize-fighting in America**. New York: Cornell University Press, 1986.

GOTT, Richard. **Cuba – uma nova história**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2006.

GRAHAM, Jéssica. Joe Louis contra Max Schmeling e a nova ideologia da democracia racial nos Estados Unidos. In: **Revista Tempo**, vol. 13, n° 25. Niterói, 2008.

GUIAMET, Javier. El trompeador Firpo: el boxeo dentro del imaginário del socialismo argentino en los años veinte. In: **VIII Jornadas de Sociologia** de la UNPL, 2014.

GUILLET, François. O duelo e a defesa da honra viril. In: CORBIN, Alain. **História da Virilidade: 2. O triunfo da virilidade, o século XIX**. Petrópolis/RJ: Vozes, 2013.

GUIMARÃES, Alberto Passos. **As classes perigosas: banditismo urbano e rural**. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 2008.

HERRERA, Hernán Adasme. Boxeo, Trabajo y Disciplina: La promoción u práctica Del boxeo en El Teniente (1916-1940). In: **XIV Jornadas Interschuelas/Departamentos de História. Departamento de História de La Facultad de Filosofía y Letras**. Universidad Nacional de Cuyo, Argentina, Mendoza, 2013.

HOBSBAWM, Eric. **Sobre História**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

HOBSBAWM, Eric. Da história social à história da sociedade. In: HOBSBAWM, Eric. **Sobre História**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

HOBSBAWM, Eric. **A Era das Revoluções**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2003.

HOBSBAWM, Eric. RANGER, Terence. **A invenção das tradições**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2008.

HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de. MELO, Victor Andrade de. **O esporte na imprensa e a imprensa esportiva no Brasil**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2012.

INGEN, Cathy Van. “Perceber o que enquadra o nosso olhar”: procurando histórias sobre lutadoras negras nos primórdios do boxe. In: **Recorde - Revista de História do Esporte**. Rio de Janeiro. Vol. 9, n.2, 2016.

JESUS, Gilmar Mascarenhas de. Construindo a Cidade Moderna: a introdução dos Esportes na Vida Urbana do Rio de Janeiro. In: **Revista Estudos Históricos**, nº 23, 1999.

JESUS, Gilmar Mascarenhas de. **A bola nas redes e o enredo do lugar: uma geografia do futebol e seu advento no Rio Grande do Sul**. Tese de doutorado pelo Programa de Pós-Graduação em Geografia. Universidade de São Paulo. São Paulo, 2001.

JIMÉNEZ, Bernardo Guerrero. Cuerpo, frontera y nación: La invención Del norte grande através de los deportes. In: **III Encuentro ALESDE Congreso Latinoamericano de Estudios Socioculturais Del Desporto**. Concepción: Chile, 2012.

JOHNES, Martin & TAYLOR, Matheew. Boxing in History. In: **Sport in History**, vol. 31, nº 4, 2011.

KARNAL, Leandro. **História dos Estados Unidos: das origens ao século XXI**. São Paulo: Editora Contexto, 2007.

KENT, Graeme. **Boxing's strangest fights: incredible but true encounters from over 250 years of boxing history**. United Kingdom: Pórtico Edited, 2015.

KERSTING, Eduardo Henrique de Oliveira. **Negros e a modernidade urbana em Porto Alegre: a Colônia Africana (1890-1920)**. Dissertação de mestrado do Programa de Pós-Graduação em História da UFRGS. Porto Alegre, 1998.

KIM, Jeonguk. **Boxing the boundaries: prize fighting, masculinities, and shifting social and cultural boundaries in the United State, 1882-1913**. Program in American Studies and Graduate Faculty of the University of Kansas, 2010.

KOHAN, Martín. **Segundos fora**. São Paulo: Cia das Letras, 2012.

LE GOFF, Jacques. NORA, Pierre. **História: novos problemas**. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1976.

LE GOFF, Jacques. **História & Memória**. São Paulo: Editora da Unicamp, 2013.

LETELIER, Alex Ovalle. El Ring em papel: La prensa especializada como fuente para El estudio historiográfico de box y su difusión em Chile (1917). In: SERRANO, Ana Díaz. UNDURRAGA, Carolina González. Formas de hacer historia hoy. América Latina: fuentes, conceptos y perspectivas de análisis. **Nuevo Mundos, Mundos Nuevos**, 2015.

LINDELL, Lindy. **Metro Detroit Boxing**. Chicago/USA: Arcadia Publishing, 2001.

LISE, Riqueldi Straub. **Entre direitos, ceintures avant, chaves de braço e rabos de arraia: os primórdios dos combates intermodalidades na cidade do Rio de Janeiro (1909-1929)**. Dissertação de mestrado. UFPR, 2014.

LONDON, Jack. **Por um bife e outras histórias de boxeadores**. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 2006.

LONDON, Jack. **Nocaute: cinco histórias de boxe**. São Paulo: Benvirá, 2013.

LUCA, Tânia R. de. Fontes impressas: história dos nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, C. (org) **Fontes históricas**. 2 Ed. São Paulo: Contexto, 2005. P.111-153.

MAILER, Norman. **A luta: a história da maior luta de boxe do século XX: Muhammad Ali versus George Foreman**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

MALCOLMSON, Robert W. Popular Culture and Social Change. In: **The Journal of Popular Culture**, 1971.

MALCOLMSON, Robert W. Sports in society: a historical perspective. In: **The International Journal of the History of Sport**, 1984.

MARIANTE NETO, Flávio Py. **Da academia de boxe ao boxe de academia: um estudo etnográfico**. Dissertação de mestrado do Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano. Porto Alegre, 2010<sup>a</sup>.

MARIANTE NETO, Flávio Py. MIRANDA, Carlos Fabre. MYSKIW, Mauro. STIGGER, Marco Paulo. Muhammad Ali, um outsider na sociedade americana? In: **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Florianópolis, v.32, n.2-4, p.105-122, dez de 2010b.

MARIANTE NETO, Flávio Py. MYSKIW, Mauro. STIGGER, Marco Paulo. Entre a academia de boxe e o boxe da academia: um estudo etnográfico. In: **Revista Movimento**, Porto Alegre, v.18, n.01, p.103-123, jan/mar de 2012.

MARTÍN, Enrique. **Narices chatas**. Buenos Aires: Editorial Dunken, 2006.

MARTINS, Carlos; ALTMANN, Helena. Características do Esporte Moderno segundo Elias e Dunning. In: **X Simpósio Internacional Processo Civilizador**. Campinas: São Paulo, 2007.

MATTOS, Hebe. História Social. In: CARDOSO, Ciro F. ; VAINFAS, Ronaldo. **Domínios da história: ensaios de teoria e metodologia**. Rio de Janeiro: Campus, 2011.

MATTEUCCI, Henrique. **O galo de ouro: a história de Eder Jofre**. São Paulo: Editora Somma, 1979.

MATTEUCCI, Henrique. **Eu já beijei a lona (novela autobiográfica e contos de boxe)**. 1957, Ed. Fulgor, 1º e 2º edições. 1987, Ed. Nacional, 3º edição.

MATTEUCCI, Henrique. **Boxe – Mitos e História**. São Paulo: Hemus, 1988.

MAZAITE, César Jones. **História Del boxeo uruguaio**. Montevideu: Edição do autor, 2006.

MAZO, Janice. **A emergência e a expansão do associativismo desportivo em Porto Alegre – Brasil (1867-1945): Espaço de Representações da Identidade Cultural Teuto-Brasileira**. Tese de Doutorado da Faculdade de Ciências do Desporto e de Educação Física da Universidade do Porto. Porto, 2003.

MAZO, Janice. PEREIRA, Ester. Primórdios do esporte no Rio Grande do Sul: os imigrantes e o associativismo esportivo. In: GOELLNER, Silvana e VON MÜLLER, Johanna. **Memórias do esporte e do lazer no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: FUNDERGS, 2013.

MAUCH, Cláudia. **Dizendo-se autoridade: polícia e policiais em Porto Alegre (1896-1929)**. Tese de doutorado do Programa de Pós-Graduação em História da UFRGS. Porto Alegre, 2011.

MELO, Victor de Andrade. **História da educação física e do esporte no Brasil: panorama e perspectivas**. São Paulo: IBRASA, 1999.

MELO, Victor Andrade de. **Cidade Sportiva: primórdios do esporte no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

MELO, Victor Andrade de. VAZ, Alexandre Fernandez. Cinema, Corpo e Boxe: suas relações e a construção da masculinidade. **Revista Art-Cultura**, Uberlândia, v.8, nº12, p. 139-160, jan-jun, 2006.

MELO, Victor Andrade de. Rocky Balboa 6: o último suspiro do velho herói norte-americano? In: **Recorde: Revista de História do Esporte**, vol.1, n.1, junho de 2008.

MELO, Victor Andrade de. Corpos, bicicletas e automóveis: outros esportes na transição dos séculos XIX e XX. In: PRIORE, Mary del e MELO, Victor Andrade de. **História do esporte no Brasil: do Império aos dias atuais**. São Paulo: Editora da UNESP, 2009.

MELO, Victor Andrade de. **Esporte e Lazer: conceitos**. Rio de Janeiro: Editora Apicuri, 2010.

MELO, Victor Andrade de; FORTES, Rafael. História do Esporte: Panorama e Perspectivas. In: **Revista Fronteiras**, Dourados, MS, v. 12, nº 22, p.11-35, 2010.

MELO, Victor Andrade de (org). **Os sports e as cidades brasileiras: transição dos séculos XIX e XX**. Rio de Janeiro: Apicuri, 2010a.



MELO, Victor Andrade de. O boxe como metáfora da nação: Belarmino (Fernando Lopes, Portugal, 1964). In: **Revista Antropolítica**, Niterói, n.31, p.73-93, 2. sem. de 2011.

MENDONÇA, Paulo. **Cassius Clay: o boxe como arte e promoção pessoal**. Rio de Janeiro: Editora Três, 1975.

MEYER, Raymond. GIRARD, Claude. **El boxeo**. Madri: Publicaciones del Comité Olímpico Español, 1966.

MICALI JÚNIOR, Paulo Sérgio. Estudo historiográfico acerca da prática esportiva do boxe em Londrina. In: **Anais do VII Congresso Internacional de História**, Maringá/Paraná, 2015.

MICALI JÚNIOR, Paulo Sérgio. **Norte Arte Londrinense: considerações sobre o boxe em Londrina (1975-2014)**. Trabalho de Conclusão de Curso do Departamento de História da Universidade Estadual de Londrina, 2014.

MICALI JÚNIOR, Paulo Sérgio. Escrever também é um esporte de contato: acerca da imprensa londrinense e o pugilismo. In: **XXIII Encontro Estadual de História da ANPUH-SP**, 2016.

MONTAGNER, Paulo Cesar; RODRIGUES, E. F. . Esporte-espetáculo e sociedade: estudos preliminares sobre a influência no âmbito escolar. *Conexões* (UNICAMP) (Cessou em 2000. Cont. ISSN 1983-9030 **Conexões** (Campinas. Online)), Campinas - SP, v. 1, n.1, p. 55-69, 2006.

MONTEIRO, Charles. **Breve história de Porto Alegre**. Porto Alegre: Letra & Vida, 2012.

MONTEIRO, Fabrício Pinto. Transformações técnicas das lutas sob uma óptica da História Social: o boxe inglês entre os séculos XVIII e XIX. In: **Temporalidades – Revista de História**, Edição 24, v. 9, n° 2, maio-agosto, 2017.

MONTOITO, Rafael. GARNICA, Antônio Vicente. Lewis Carrol, a educação e o ensino de geometria na Inglaterra Vitoriana. In: **História da Educação**. Volume 19. N° 45, 2015.

MORAES, Rodrigo Dreessig. **O ciclismo nos clubes do Rio Grande do Sul (no longo século XIX)**. Dissertação de mestrado do Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano da Escola de Educação Física da UFRGS. Porto Alegre, 2012.

NASCIMENTO, Mara Regina. TORRESINI, Elizabeth. **Modernidade e urbanização no Brasil**. Porto Alegre: Edipucrs, 1998.

NETO, Olavo Amaro da Silveira. **Cinemas de rua em Porto Alegre: do Recreio Ideal (1908) ao Açores (1974)**. Dissertação de mestrado do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura da UFRGS. Porto Alegre, 2001.

NICOLINI, Henrique. **Tietê – O Rio do Esporte**. São Paulo: Phorte Editora, 2001.

NOGUEIRA, Ernani. **Pugilismo: regras, técnicas e campeonatos**. São Paulo: Editora Brasipal, 1954.

NONIN, Arthur Casa Nova. **Construindo Ali: análise da personagem Muhammad Ali em “O Rei do Mundo”, de David Remnick**. Trabalho de Conclusão do curso de Jornalismo da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2014.

NORA, Pierre. **História: novos problemas**. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1976.

OATES, Joyce Carol. **O Boxe**. Lisboa: Edições 70, 1987.

OBI, T. J. Desch. A defesa dançada de Bill Richmond. In: **Recorte – Revista de História do Esporte**. Rio de Janeiro. Volume 4, número 2, dezembro de 2011.

OGG, Tom. **Boxing Clever**. Institute for the Study of Civil Society, London, 2012.

OLIVEIRA, Taciano de. MIRANDA ROSA, Dirceu de. **Pugilismo**. São Paulo: Imprensa Metódica, 1924.

PACHECO, Ferdie. **The 12 greatest rounds of boxing: the untold stories**. Canadá: Total Sports Publishing, 2000.

PEREIRA, Ester Liberato. **As práticas equestres em Porto Alegre: percorrendo o processo de esportivização**. Dissertação de mestrado do Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano da Escola de Educação Física da UFRGS. Porto Alegre: 2012.

PESAVENTO, Sandra. **Emergência dos subalternos: trabalho livre e a ordem burguesa**. 1º Ed. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 1989.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **O espetáculo da rua**. Porto Alegre: Editora da Universidade, 1992.

PESAVENTO, Sandra. A construção de uma Porto Alegre imaginária – uma cidade entre memória e história. In: GRIJÓ, Luiz Alberto. KUHN, Fábio. GUAZZELLI, César. NEUMANN, Eduardo. **Capítulos de História do Rio Grande do Sul**. Editora da Universidade/UFRGS, 2004.

PETERSEN, Sílvia. SCHMIDT, Benito. O movimento operário no Rio Grande do Sul: militantes, instituições e lutas (das origens a 1920). In: GRIJÓ, Luiz Alberto. KUHN, Fábio. GUAZZELLI, César. NEUMANN, Eduardo. **Capítulos de História do Rio Grande do Sul**. Editora da Universidade/UFRGS, 2004.

PIO FILHO, Pedro. **Ringues de Gênero: representações sobre a feminilidade entre praticantes de boxe.** Dissertação de mestrado do Programa Pós-Graduação em Antropologia. Universidade Federal Fluminense. Rio de Janeiro, 2011.

PRIORE, Mary de. MELO, Victor Andrade de. **História do esporte no Brasil: do Império aos dias atuais.** São Paulo: Editora Unesp, 2009.

PROST, Antoine. **Doze lições sobre a História.** Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2015.

PROST, Antoine. A história social/ Verdade e função social da História. PROST, Antoine. **Doze lições sobre a História.** Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2015.

QUEIROZ, Juvenal. **No mundo do boxe.** São Paulo, Editora do autor, 1989

RAMOS, Mário Marques. **Boxe.** Coleção Esportiva Globo. Porto Alegre: Edição da Livraria do Globo, 1941. .

REEJHSINGHANI, Anju Nandlal. **For Blood for Glory: a history of Cuban Boxing, 1898-1962.** Doctor of Philosophy, University of Texas Austin, 2009.

REMEDI, José Martinho Rodrigues. **Palavras de Honra: um estudo acerca da honrabilidade na sociedade sul-rio-grandense do século XIX, a partir dos romances de Caldre e Fião.** Tese de Doutorado pelo PPG em História da Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2011.

REMNICK, David. **O Rei do Mundo.** São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

RIVAS, Ramon Patrick. **História, Esporte e Cinema: o boxe e a Guerra Fria no filme “Rocky IV” (1985).** Trabalho de conclusão de curso da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2015.

RODRIGUES, Marilita Aparecida Arantes. **Constituição e enraizamento do esporte na cidade: uma prática moderna de lazer na cultura urbana de Belo Horizonte (1894-1920).** Tese de Doutorado do Programa de Pós-Graduação em História na Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2006.

RODRIGUEZ, Robert G. **The Regulation Boxing – a history and comparative analysis of policies among American States.** McFarland & Company, Inc, Publishers Jefferson, North Carolina and London, 2009

ROCHO, Lara. **Para além do picadeiro... o circo universal e o uso dos espaços urbanos pela arte circense em Porto Alegre no século XIX.** Trabalho de Conclusão de Curso do Departamento de História da UFRGS. Porto Alegre, 2011

ROSS, Gregory M. **Boxing the Union Blue: a Social History of American Boxing in the Union States Durin the Late Antebellum and Civil War Years.** Doctor of Philosophy, University of Western Ontario, Canadá, 2014.

RUDÉ, George. **A Multidão na História – estudo dos movimentos populares na França e na Inglaterra, 1730-1848**. Rio de Janeiro: Editora Campus, 1991.

SANHUDO, Ary Veiga. **Porto Alegre: crônicas da minha cidade**. Porto Alegre: Editora Movimento, 1975.

SANT'ANNA, Denise Bernuzzi de. Entre o corpo e a técnica: antigas e novas concepções. In: **Revista Motrivivência de Educação Física, Esporte e Lazer**. Nº 15, Florianópolis/SC, UFSC, 2000.

SANTOS, Éderson Silveira dos. **A nobre arte no Rio Grande do Sul: uma análise do boxe profissional no Estado**. Trabalho de Conclusão de Curso em História, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, campus Uruguai. Uruguai, 2009.

SANTOS, Jorge Artur. **Os intelectuais e as críticas às práticas esportivas no Brasil (1890-1947)**. Dissertação de mestrado. Universidade de São Paulo. São Paulo, 2000.

SANTOS, Elisabete Magalhães. PINHEIRO, Mona Lisa Noronha. Billy Elliot: das luvas de boxe às sapatilhas de balé, uma análise sociológica. In: **Revista Ensaios: Extensões – Dossiê Pierre Bourdieu**. Nº 5, volume 2, 2º semestre de 2011.

SARMENTO, Wagner. **Popó: Com as próprias mãos**. São Paulo: Panda Books, 2013.

SCHAAP, Jeremy. **Homem Cinderela: James J. Braddock, Max Baer e a maior reviravolta da história do boxe**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2007.

SEVCENKO, Nicolau. A capital irradiante: técnica, ritmos e ritos no Rio. In: SEVCENKO, Nicolau (org.) **História da Vida privada no Brasil. República: da Belle Époque à Era do Rádio**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

SEVCENKO, Nicolau. **Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

SHARENOW, Robert. **O clube de boxe de Berlim**. Rio de Janeiro: Rocco Jovens Leitores, 2013.

SHAW, Bernard. **O famoso ídolo**. Lisboa: Editorial Minerva, 1945.

SHEARD, Kenneth. Aspects of boxing in the western 'civilizing process'. **International Review for the Sociology of Sport**. 32/1 (1997), p. 31-57.

SILVA, Kim Torales da. FREITAS, Débora Duarte. Rounds de uma memória esportiva: parte da história do boxe no município de Rio Grande/RS. In: **Revista Didática Sistêmica**, v.16, n.1, 2014, Edição especial, p.92-106.

SILVA, Erminia. **Circo-teatro: Benjamin de Oliveira e a teatralidade circense no Brasil**. São Paulo: Altana, 2007

SILVA, Carolina Fernandes da. **O remo e a história de Porto Alegre, Rio Grande do Sul: mosaico de identidades culturais ao longo do século XIX.** Dissertação de mestrado do Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano da Escola de Educação Física da UFRGS. Porto Alegre, 2011.

SILVA, Bruna Bárbara Proença Oliveira; CAVICHIOLO, Fernando Renato; CAPRARO, André Mendes. Adesão e permanência de mulheres no boxe em Curitiba-PR. In: **Revista Motrivivência de Educação Física, Esporte e Lazer**, volume 27, n° 45, setembro de 2015.

SOUZA, Guilherme Sant'Anna de. **Preparação física para boxeadores.** Trabalho de Conclusão do Curso de Educação Física da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. PUCRS, Porto Alegre, 2006.

SOUZA, Márcio Humberto Lima de; ASSUMPCÃO, Luís Otávio Teles. A identidade nacional e os atletas brasileiros: Éder Jofre e seu lugar na memória. **Educação Física em Revista** (Brasília), v. 01, p.1-2, 2007.

SOUZA, Natália Pereira de. **Qual é o gênero das lutas? Um estudo de caso sobre o boxe olímpico.** Trabalho de Conclusão do Curso de Licenciatura em Educação Física. UNESP, Rio Claro/SP, 2010.

SOUZA, Tirezah Berni. **A organização da prática do boxe no Rio Grande do Sul (décadas de 1920 a 1960).** Trabalho de Conclusão do Curso de Educação Física (ESEF) da UFRGS. Porto Alegre, 2012.

SOLTERMANN, Lucas. **História do boxe como esporte moderno.** Trabalho de conclusão do curso de Educação Física da UNESP. Rio Claro, SP. 2009

SOARES, Ricardo Santos. **O foot-ball de todos: uma história social do futebol em Porto Alegre, 1903-1918.** Dissertação de mestrado do Programa de Pós-Graduação em História da PUCRS. Porto Alegre, 2014.

SOARES, Fernanda Epaminondas. **As classes subalternas de Londres no século XIX: miseráveis, operários, criminosos e prostitutas.** Link: [http://www.historia.uff.br/nec/sites/default/files/As\\_classes\\_subalternas\\_de\\_londres.pdf](http://www.historia.uff.br/nec/sites/default/files/As_classes_subalternas_de_londres.pdf). Sem data.

STAUDOCHAR, Paul D (edited). **Classic Boxing Stories.** New York/USA: Skyhorse Publishing, 2013.

STECANELA, Nilda. CHIARADIA, Bianca. Do boxe ao ballet: os percursos de Billy Elliot. In: **Anais do 1º Seminário Diálogos sobre Gênero e Educação: observando percursos, socializando aprendizagens.** Bento Gonçalves, dezembro de 2012.

STEWART, Alex. The Boxer's Pugilistic-Present: ethnographic notes towards a cultural history of Amateur and Professional Boxing in England. In: **Sport in History**, vol. 31, n° 4, 2011.

STÉDILE, Miguel Enrique Almeida. **Da Fábrica à Várzea: clubes de futebol operário em Porto Alegre**. Dissertação de mestrado do Programa de Pós-Graduação em História da UFRGS. Porto Alegre, 2011.

STEYER, Fábio Augusto. **O cinema em Porto Alegre (1886-1920)**. Porto Alegre, 1998.

STEYER, Fábio Augusto. **Cinema, imprensa e sociedade em Porto Alegre (1886-1930)**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001.

STIGGER, Marco Paulo. **Educação Física, Esporte e Diversidade**. Campinas: Autores Associados, 2011.

SUPLICY, Eduardo Matarazzo. **Um notável aprendizado: a busca da verdade e da justiça do boxe ao Senado**. São Paulo: Futura, 2007.

THOMSPSON, Edward. **Costumes em comum: estudos sobre a cultura popular tradicional**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

THE AMERICAN COMPANY. **The classic guide to boxing**. United Kingdom: Amberley Publishing Edition, 2015.

TORCATO, Carlos Eduardo Martins. **A repressão oficial ao jogo do bicho: uma história dos jogos de azar em Porto Alegre (1885-1917)**. Dissertação de mestrado do Programa de Pós-Graduação em História da UFRGS. Porto Alegre, 2011.

UNANIAN, Ricardo Ubiratan Saeki. SILVA, Luiz Fernando Caetano. **Aprendendo boxe, norte arte: equipamentos, técnicas, tipos de treinos**. São Paulo: Lince Gráfica e Editora, 2006.

UNGAR, Ruti. **The boxing discourse in Late Georgian England, 1780-1820: A study in Civic Humanism, Gender, Class and Race**. Doctor in Philosophiae, University of Berlin, 2010.

UNGAR, Ruti. The construction of the body politic and the politics of the body: boxing as battle ground for conservatives and Radicals in Late George England. . In: **Sport in History**, vol. 31, n° 4, 2011.

VALSERRA, Fabrício. **Pugilismo, técnica y regulamentación del boxeo**. Barcelona: Editorial Juventud, 1945.

VANPLEW, Wray. Playing with the Rules: influences on the development of regulation in Sport. In: **The Internacional Journal of the History of Sport**, vol. 24, n° 7, 2007.

VANPLEW, Wray. História do esporte no cenário internacional: uma visão geral. In: **Revista Tempo**, volume 19, n° 34, jan-jun, 2013.

VARGAS, Anderson Z. Porto Alegre, início do século XX: imprensa, ânsia de civilização e menores de rua. In: GRIJÓ, Luiz Alberto. KUHN, Fábio. GUAZZELLI, César. NEUMANN, Eduardo. **Capítulos de História do Rio Grande do Sul**. Editora da Universidade/UFRGS, 2004

VIGARELLO, Georges e HOLT, Richard. Ginastas e esportistas no século XIX. In: CORBIN, Alain. **História do Corpo: 2. Da Revolução à Grande Guerra**. Petrópolis/RJ: Vozes, 2008.

VIEIRA, Silvia & FREITAS, Armando. **O que é boxe? História, regras e curiosidades**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2007.

VAZ, Alexandre Fernandez. A nobre arte do soco. **Revista de História da Biblioteca Nacional**. Rio de Janeiro, 2007.

WACQUANT, Loïc. **Corpo e Alma: notas etnográficas de um aprendiz de boxe**. Relume Dumará: Rio de Janeiro, 2002.

WACQUANT, Loïc. A fleshpeddler at work: Power, pain, and profit in the prizefighting economy. In: **Theory and Society** 27, p. 1-42, 1998.

WACQUANT, Loïc. Homines in Extremis: What Fighting Scholars Teach Us About Habitus. In: **Body and Society**, 00(0) 1-15, 2013.

WACQUANT, Loïc. Jack London Etnólogo Amateur Del Pugilismo. In: **Astrolabio**, Nueva Época, Número 9, 2012.

WACQUANT, Loïc. The Prizefighter's Three Bodies. In: **Etinos, Journal of Anthropology**, volume 63:3, 1998.

WACQUANT, Loïc. The pugilistic Point of View: How boxers think and feel about their trade. In: **Theory and Society**, volume 24, n°4 (Aug., 1995), 489-535.

WACQUANT, Loïc. Pugs at Work: Bodily Capital and Bodily Labour Among Professional boxers. In: **Body and Society**, Vol. 1, n°1, 2011, pp. 65-93.

WACQUANT, Loïc. Sacrifice. In: EARLY, Gerald (editor). **Body Language: writers on Sport**. United States of America: Graywolf Forum, 1998.

WALLE, John. Real Life in the London Magazine: Pugilism and Literature in the 1820's. In: **Sport in History**, vol. 31, n° 4, 2011.

WOOD, Ellen. **A origem do capitalismo**. Rio de Janeiro: Jorze Zahar Editor, 2001.

WOODWARD, Kath. The culture of boxing: sensation and affect. . In: **Sport in History**, vol. 31, n° 4, 2011.

WOODWART, E. L. **Uma História da Inglaterra**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1964.

WELSHMAN, John. Boxing and the historians. In: **Journal of History of Sport**, Vol. 14, n° 1 (April 1997), pp. 195-203. London: Frank Class, 1997.

WIGLE, Chadrick. **Skill's Book, a reference guide for boxing beginners**. Canadá: Smashword Edition, 2012.

ZANETTI, Luigi Chaves. **Boxe moderno e o processo civilizador**. Trabalho de Conclusão do Curso de História da Universidade Federal de São João Del Rei. São João Del Rei/MG, 2014.

ZUMBANO, Waldemar. **O boxe ao alcance de todos**. São Paulo: Editora Brasilense Ltda, 1951.



## GLOSSÁRIO

**Bare-Knuckle** – Luta com mãos nuas.

**Backer:** Pessoa que aposta a favor de um jogador. Protetor. Partidário.

**Corner:** Canto do recinto dos combates.

**Eye-Gouging** – Arrancador de Olhos

**Fancys** – Aristocratas amadores, praticantes de esgrima.

**Fighting:** Pugilista, batalhador.

**Fist-Fight** – Momento em que o lutador consegue tirar o sangue do adversário, pela primeira vez no combate.

**Fist:** O punho.

**Gloves:** Luvas de boxe.

**Knock-Down** ou K.O: Queda no solo provocada por um soco, que dura 10 segundos ou mais.

**Heavy-Weight:** Peso pesado. Na Inglaterra e nos Estados Unidos o limite inferior é 97kg.

**Heavyweight Championship of America:** Campeão americano dos peso-pesados.

**Manager:** Representante. Encarregado de negócios do pugilista. Dirigente, procurador.

**No-contest:** Combate anulado.

**Prize-Fighting** – Luta Premiada.

**Rough-And-Tumble** – Luta Desordenada, sem regras.

**Ring:** Ringue, Tablado. Recinto dos combates.

**Round:** Assalto, turno.

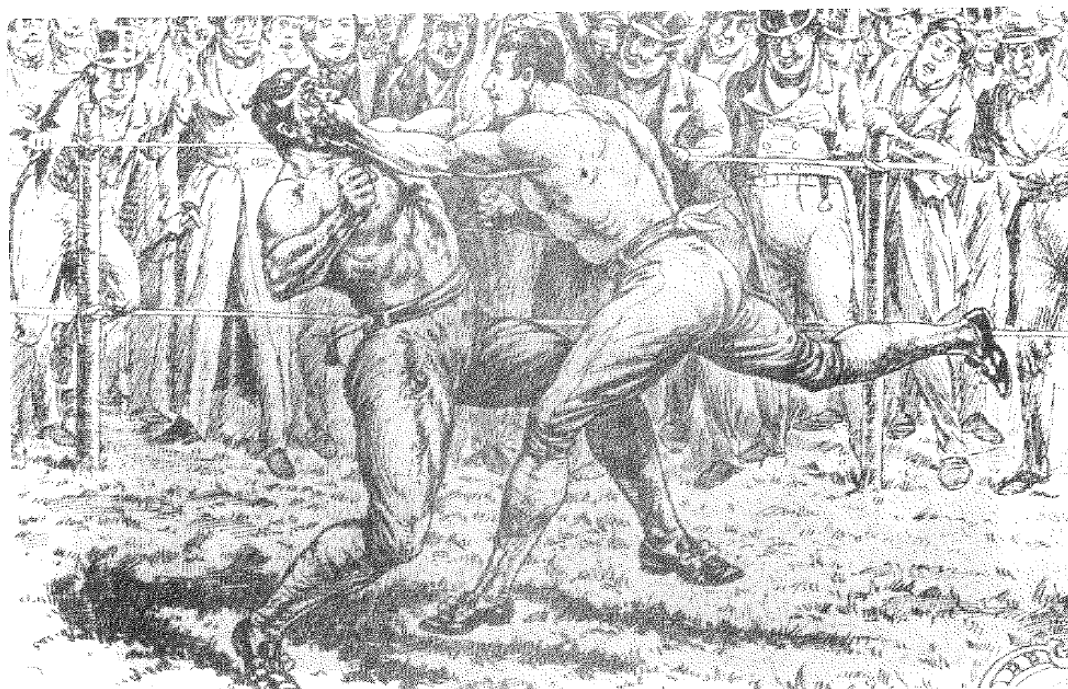
**Second:** Segundo, auxiliar. Os lutadores são considerados os primeiros ou principais elementos da luta, e seus auxiliares – técnico, preparador físico e qualquer outro membro de sua equipe de apoio – são tomados como segundos elementos da luta. Assim, por exemplo, a clássica expressão “segundos fora” é um comando para que os auxiliares dos lutadores se retirem imediatamente do ringue, para a luta começar

**Sparring-Match** – Luta com luvas como exercício físico.

**Score:** Número de pontos de um jogador após o assalto ou no fim do combate.

**Time Keeper:** Cronometrista.

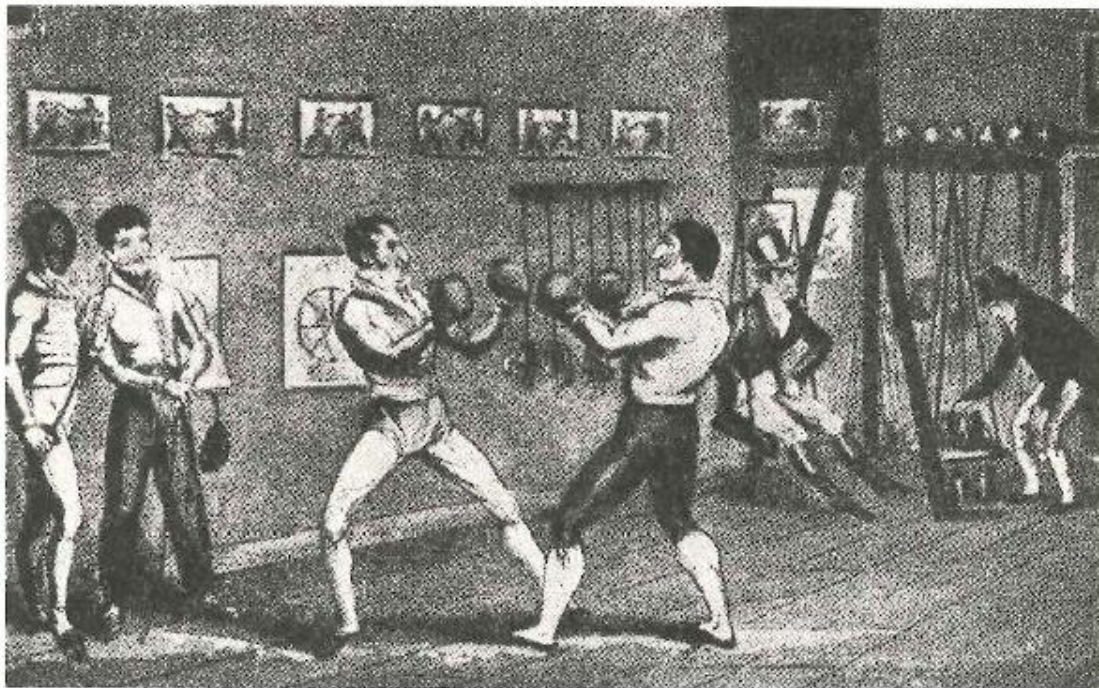
## **ANEXOS**

**ANEXO 1 – PRIZEFIGHTING**

Abril, 1807 – Tom Cribb x Jim Belcher.

**Figura 1 – Anexo 1 – *Prizefighting***

**Fonte:** QUEIROZ, Juvenal. **No mundo do boxe.** São Paulo, Editora do autor, 1989. p.

**ANEXO 2 – SPARRING MATCH**

**Figura 2 - Anexo 2 - Sparring match**

**Fonte:** FERREIRA, Fernando. **O boxe negação do desporto.** Lisboa: Prelo Beta, 1970.  
p. 33

**ANEXO 3 – FEIRA DE SOUTWARK****Figura 3 - Anexo 3 – Feira de *Southwark***

**Fonte:** Metropolitan Museu of Art. New York/EUA.

**Link:** <https://www.metmuseum.org/art/collection/search/400729>

## ANEXO 4 – ARENA DE FIGG

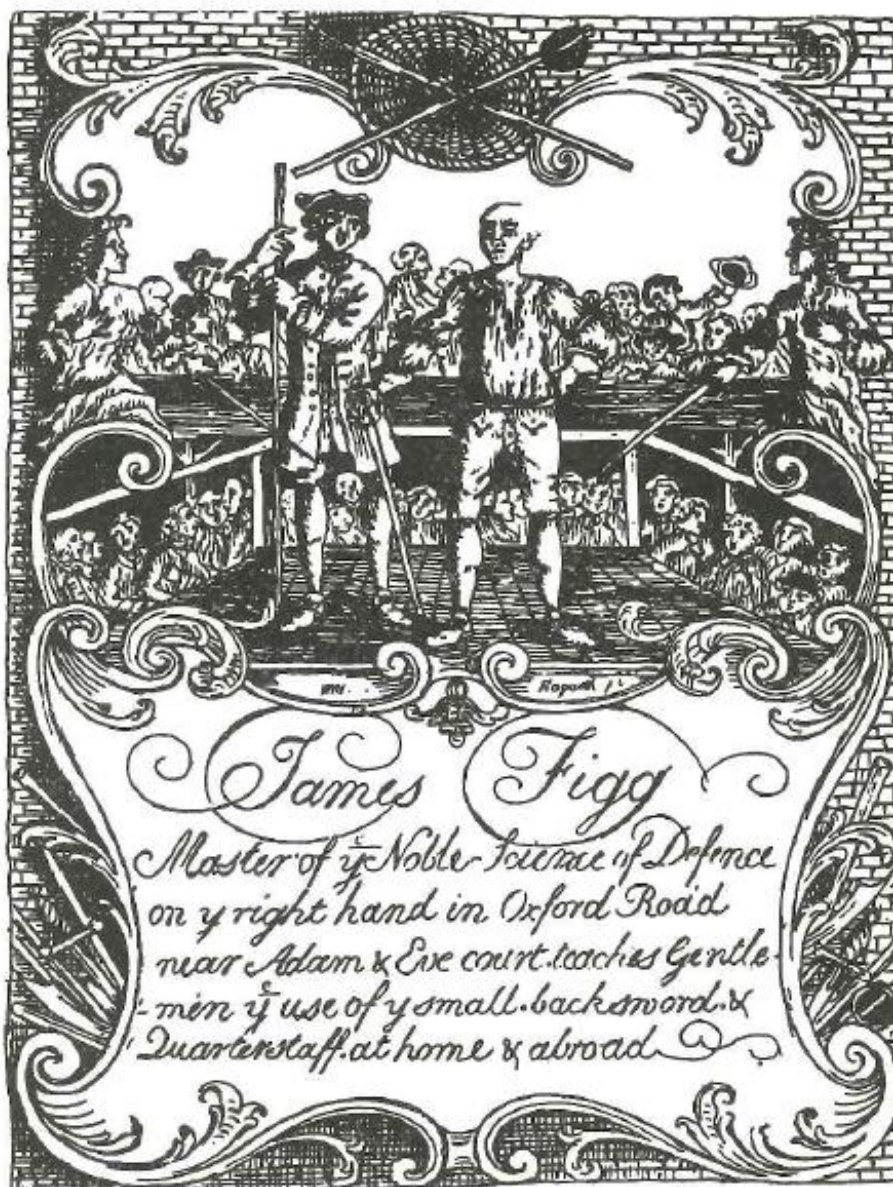


Figura 4 - Anexo 4 – Arena de Figg

Fonte: FERREIRA, Fernando. *O boxe negação do desporto*. Lisboa: Prelo Beta, 1970. p. 30

**ANEXO 5 – REGRAS DE *BROUGHTON*****REGRAS DE *BROUGHTON* (1743)****PARA SEREM OBSERVADOS EM TODAS AS BATALHAS NO RINGUE**

I. Em um espaço quadrado de um pátio de calcário, no meio do ringue; e cada vez que um dos oponentes cair, ou for jogado para fora das cordas do ringue, cada segundo deve trazer seu homem para dentro do quadrado, ringue, e colocá-lo no lado oposto ao outro, e até que estejam exatamente em suas marcações, não é lícito que comecem a lutar um contra o outro.

II. A fim de evitar quaisquer disputas, o tempo que um homem fica no chão após uma queda, se o respectivo segundo não trazer seu homem para o seu lado, dentro de meio minuto, ele será considerado um homem abatido (vencido).

III. Em toda batalha principais, não pode haver ninguém no meio do ringue, exceto os principais e os segundos, a regra da notoriedade deve ser observada em batalhas finais, exceto que, nesse último, o Sr. Broughton pode estar no ringue para manter o decoro, e para afirmar aos cavalheiros que dirijam-se aos seus lugares, contanto que ele não interfira na batalha, e que nunca simule infringir essas regras para ser imediatamente retirado da casa. Antes de ser permitido, todo corpo deve sair do ringue, assim que os campeões são despedidos.

IV. Nenhum campeão deve ser considerado espancado, a não ser que ele não chegue a linha no tempo limite, ou que o seu próprio segundo o declare espancado. A nenhum segundo é permitido questionar o adversário de seu homem com quaisquer perguntas, ou aconselhá-lo a desistir.

V. Em batalhas finais, o vencedor fica com dois terços do dinheiro dado, que será dividido publicamente no ringue, não obstante quaisquer acordos particulares em contrário.



VI. Para impedir disputas, em cada batalha, os principais, ao entrar no ringue, devem escolher entre os cavalheiros presentes dois árbitros, que decidem em absoluto todas as disputas que possam surgir sobre a batalha, e se os dois árbitros não puderem concordar, os árbitros escolherão um terceiro, que deve definir.

VII. Ninguém deve bater em seu adversário quando ele está caído, ou agarrá-lo pelas pernas, ou pelas costas, ou qualquer parte abaixo da cintura (um homem de joelhos é considerado um homem que está caído).

Assim acordado pelos cavalheiros no Anfiteatro Broughton,

Rua Tottenham Court

16 de Agosto de 1743

**Fonte:** NOGUEIRA, Ernani. Pugilismo: regras, técnicas e campeonatos. São Paulo: Editora Brasipal Ltda., 1954. Pg. 136

## ANEXO 6 – AS REGRAS DO RINGUE PREMIADO DE LONDRES

### As Regras do Ringue Premiado em Londres (1838)

#### **Regra 1**

O ringue deve ser feito em um gramado, e deve ter a medida de 1,21m por 6,09m, formado por oito postes e cordas, as cordas devem estender-se em linhas duplas, a linha superior deve estar a 1,21m do chão, a linha inferior deve estar a 0,60m do chão. No centro do ringue uma marcação deve ser feita, sendo denominado como o início, e em seus dois cantos opostos, que serão escolhidos posteriormente, os espaços ficam fechados por outras marcações suficientemente grandes para a recepção dos segundos e dos porta-garrafas, intitulando-se "os cantos".

#### **Regra 2**

Cada homem tem de ser atendido ao ringue por um segundo e um porta-garrafa, o primeiro fornecendo uma esponja, e o último com uma garrafa de água. Os combatentes, ao apertar as mãos, voltam-se para seus respectivos segundos, os quais irão lançar a sorte para a escolha de posição, então, o vencedor deve escolher seu canto de acordo com o estado do vento ou do sol, e conduzir seu homem para ele, o perdedor fica com o canto oposto.

#### **Regra 3**

A cada homem deve ser fornecido com um lenço com a mesma cor de sua vestimenta, e os segundos devem proceder entrelaçando estes lenços na extremidade superior de um dos postes centrais. Esses lenços são chamados de "as cores", e o vencedor da batalha, em sua conclusão, terá direito à sua posse, como um troféu da vitória.

#### **Regra 4**

Dois árbitros serão então escolhidos pelos segundos para assistir ao progresso da batalha, e tomar exceção a qualquer violação das regras a seguir indicadas. Um juiz será escolhido pelos árbitros, a quem serão submetidas todas as disputas, e que a decisão deste juiz, seja ela qual for, será definitiva e estritamente vinculativa para todas as partes, quer em relação à questão em disputa quer à questão da luta. Os árbitros devem ser providos de um relógio, com o propósito de chamar o tempo, em que eles

mutuamente concordam que este dever deve ser devolvido, a chamada de tempo desse árbitro deve ser atendida, e nenhuma outra pessoa deve interferir no tempo de chamada. O juiz deve reter todas as opiniões até que seja apelado pelos árbitros, e os árbitros deve respeitar estritamente sua decisão sem discussões.

### **Regra 5**

Nos homens que estão sendo despidos, será o dever dos segundos examinarem seus sapatos e calções, e se alguma objeção surgir ou quanto a inserção de ponteiros impróprios no primeiro ou substâncias, neste último caso, apelarão a seus árbitros, que, com a concordância do juiz, direcionaram, se houver, que qualquer alteração seja feita.

### **Regra 6**

O momento em que ambos os competidores estiverem prontos, cada um será conduzido para o lado da marcação próximo ao seu canto previamente escolhido, os segundos devem ficar de um lado, e os homens do outro, tendo dado o aperto de mão inicial, os segundos voltarão imediatamente aos seus cantos, e permanecerão dentro das marcas prescritas até que o round acabe, sem qualquer pretexto de se aproximar de seus lutadores durante o round, sob pena de perder a luta.

### **Regra 7**

Na conclusão do round, quando um ou ambos os homens estiverem na lona, os segundos e os porta-garrafas devem avançar e carregar ou conduzir seu lutador para o seu canto, lá lhe oferecerá a assistência necessária, e a nenhuma pessoa será permitido interferir nesse dever.

### **Regra 8**

Ao expirar os trinta segundos (a menos que seja acordado de outra maneira) o árbitro nomeado gritar "tempo", sobre o qual cada homem se levantará do joelho de seu porta-garrafa e caminhará para seu próprio lado da marcação sem ajuda, os segundos e os porta-garrafas devem permanecer nos seus cantos, e se qualquer um dos homens que falhar em estar na sua marcação dentro do prazo de oito segundos, será considerado como tendo perdido a luta.

**Regra 9**

Em nenhuma circunstância será permitido que qualquer pessoa entre no ringue durante a luta, ou até que ele tenha sido concluída, e que, no caso de tal prática injusta, ou no caso de as cordas e postes serem agitados ou removidos, estará no poder dos árbitros e juiz conceder a vitória ao homem que em sua opinião honesta terá a melhor argumentação .

**Regra 10**

Os segundos e os porta-garrafas não interferirão, aconselharão ou direcionarão o adversário do seu lutador e abster-se-ão de todas as expressões ofensivas ou irritantes, em todos os aspectos, comportando-se com ordem e decoro, e se limitarão ao cuidado diligente e cuidadoso de seus deveres para com seus lutadores.

**Regra 11**

Ao carregarem os seus homens, se os segundos ou os porta-garrafas ferirem intencionalmente o antagonista de seus lutadores, este será considerado como tendo perdido o direito à luta, por decisão dos árbitros ou do juiz.

**Regra 12**

Será considerado "luta justa", porém se qualquer um dos homens voluntariamente se derrubar sem receber um golpe, será considerado como que tendo perdido a luta, mas esta regra não se aplicará a um homem que de uma desviar para longe de seu oponente para evitar a punição.

**Regra 13**

Golpes de cabeça serão considerados sujos, e a parte que recorre a esta prática será considerada como tendo perdido a luta.

**Regra 14**

Um golpe desferido quando um homem é jogado no gramado, será considerado falta. Um homem com um joelho e uma mão no chão, ou com ambos os joelhos na terra, será considerado abatido, e um golpe dado em qualquer uma dessas posições será

considerado falta, desde sempre, que, quando em tal posição, o homem no gramado não deve se golpear ou tentar se golpear.

### **Regra 15**

Um golpe desferido abaixo da cintura será considerado sujo, e se, em um fechamento, agarrar um lutador abaixo da cintura, pela coxa ou de outra maneira, será considerado sujo.

### **Regra 16**

Todas as tentativas de infligir dano por corte, ou rasgar a carne com os dedos ou unhas, ou mordendo será considerada falta.

### **Regra 17**

Chute, ou cair deliberadamente sobre um lutador com os joelhos ou de outra forma quando o oponente estiver caído, será considerado falta.

### **Regra 18**

Todas as apostas serão pagas como o dinheiro da luta depois da premiação.

### **Regra 19**

Nenhuma pessoa, com qualquer pretensão, será permitido aproximar-se mais do ringue do que 3,04m, com exceção dos árbitros e juiz, e das pessoas nomeadas para tomar conta da água ou outro refresco para os combatentes, que tomarão seus assentos perto dos cantos selecionados pelos segundos.

### **Regra 20**

A devida notificação será dada pelo stakeholder (homem que guarda o dinheiro das apostas) do dia e lugar onde o dinheiro de batalha deve ser acertado, e que seja exonerado de toda a responsabilidade em obedecer à direção dos árbitros e do juiz, e todas as partes devem ser estritamente vinculadas por estas regras, e que no futuro todos os artigos de acordo para um disputa sejam introduzidos com uma adesão estrita e voluntária a letra e espírito destas regras, sem reserva ou equívoco.

**Regra 21**

Em caso de interferência magistral, caberá aos árbitros e ao juiz nomear a hora e o local da próxima reunião, se possível no mesmo dia.

**Regra 22**

Se o evento não for decidido no dia nomeado, todas as apostas serão consideradas nulas, a menos que declaradas novamente por acordo mútuo: mas que o dinheiro de batalha permanecerá nas mãos do stakeholder até que seja ganha ou perdida por um Luta, a menos que cada parte concorde em retirar sua participação.

**Regra 23**

Que todas as lutas sejam o mais próximas possível, em conformidade com as regras precedentes.

**Fonte:** KIM, Jeonguk. **Boxing the boundaries: Prize Fighting, Masculinities, and Shifting Social and Cultural Boundaries in the United State, 1882-1913.** Doctor of Philosophy. University of Kansas, 2010.

**ANEXO 7 – REGRAS DO MARQUÊS DE *QUEENSBERRY***

- 1 Todas as lutas deverão acontecer em um ringue de luta apropriado.
- 2 A luta deverá ter um número de assaltos pré-determinados antes de seu início e um árbitro deverá ser escolhido para mediar o combate.
- 3 Cada assalto deverá ter 3 minutos de duração, com um intervalo de descanso de 1 minuto entre eles.
- 4 Caso um pugilista seja derrubado, será aberto uma contagem de 10 segundos, para que ele possa se reerguer, sem nenhum auxílio de outra pessoa. Enquanto isso, o outro pugilista deverá aguardar em seu canto, até que seu adversário esteja novamente de pé e apto a continuar o combate. Caso o pugilista caído não consiga se levantar dentro dos 10 segundos, caberá ao árbitro encerrar a luta e dar a vitória ao pugilista que aplicou o nocaute.
- 5 Um pugilista apoiado nas cordas, sem conseguir se defender dos golpes de seu adversário, deverá ser considerado sem condições de prosseguir no combate.
- 6 Não será permitida a entrada de pessoas estranhas no interior do ringue, durante o andamento da luta.
- 7 Caso seja necessário interromper a luta por motivos alheios ao combate, caberá ao árbitro indicar um novo local e data para se realizar o restante da luta, a menos que ambos os pugilistas concordem com um resultado de empate.
- 8 Os pugilistas deverão usar luvas de boxe, novas e de boa qualidade.
- 9 Caso um dos pugilistas fique sem sua luva, seja porque ela foi danificada, seja porque ela saiu de sua mão, o combate deverá ser interrompido pelo árbitro, que somente deverá reiniciar a luta após averiguar a devida resolução do problema.
- 10 Um pugilista de joelhos é considerado um pugilista caído, não podendo mais ser golpeado pelo outro.
- 11 As sapatilhas não podem possuir bicos metálicos ou objetos que possam ferir o adversário.
- 12 Terminada a luta, caso um pugilista deixe o ringue sem a autorização do árbitro, antes do anúncio oficial do resultado, ele será desqualificado.

## ANEXO 8 – REGRAS COMPARATIVAS

ASSUNTOS / TEMAS/ PALAVRAS-CHAVE	REGRAS DE BROUGHTON (1743) <u>7 ARTIGOS</u>	REGRAS RINGUE DE LONDRES (1838) <u>23 ARTIGOS</u>	REGRAS DO MARQUÊS DE QUEENSBERRY (1865) <u>12 ARTIGOS</u>
<p><b>INFORMAÇÕES AUTOR, ANO E LOCAL DA CRIAÇÃO DAS REGRAS</b></p>	<p>Jack Broughton – Estas regras foram resolvidas por diversos senhores no Broughton Amphitheatre, Tottenham Court Road, 16 de agosto de 1743.</p>	<p>Foram escritas pela British Pugilists Protective (Associação de Proteção dos Pugilistas Britânicos). Sugere-se que instituições como o <i>Far Play Club</i> (Clube do Jogo Limpo), criado em 1828, também tenha influenciado em sua regulamentação.</p>	<p>A <i>Pugilists Benevolent Association</i> (Associação Benevolente dos Pugilistas) adotou em 1866 uma série de regras parcialmente concebidas pelo boxeador peso-leve, Arthur Chambers, mas publicado ano seguinte sob a aprovação de do VIII Marquês de Queensberry, John Douglas.</p>
<p><b>RINGUE LUGAR DA LUTA MEDIDAS MARCAÇÕES “SCRATCH”</b></p>	<p><b>Artigo I</b> – Em um espaço quadrado de um pátio de calcário, no meio do ringue; e cada vez que um dos oponentes cair, ou for jogado para fora das cordas do ringue, cada segundo deve trazer seu homem para dentro do quadrado do ringue, e colocá-lo no lado oposto ao outro, até que estejam exatamente em suas marcações., não é lícito começarem a lutar um contra o outro. “Que uma área quadrada seja pintada no palco</p>	<p><b>Regra I</b> – O ringue deve ser feito em um gramado, e deve ter a medida de 1 metro e 21 cm, por 6 metros e 90 cm, formado por oito postes e cordas, as cordas devem estender-se em linhas duplas, a linha superior deve estar a 1 metro e 21 cm do chão, a linha inferior deve estar a 60 cm do chão. No centro do ringue uma marcação deve ser feita, sendo denominada como o início (scratch), e em seus dois cantos opostos, que serão escolhidos posteriormente, os espaços ficam fechados por outras marcações suficientemente grandes para a recepção dos segundos e dos porta-garrafas, intitulado os cantos</p>	<p><b>Regra I</b> – Todas as lutas deverão acontecer em um ringue de luta apropriado. “Os matches não devem passar do boxe regular como se a prática hoje e se desenvolve num ringue de 24 pés de lado (7 metros e 30 cm) ou de dimensão que supere um pouco esta”.</p>



ASSUNTOS / TEMAS/ PALAVRAS-CHAVE	REGRAS DE BROUGHTON (1743) <u>7 ARTIGOS</u>	REGRAS RINGUE DE LONDRES (1838) <u>23 ARTIGOS</u>	REGRAS DO MARQUÊS DE QUEENSBERRY (1865) <u>12 ARTIGOS</u>
<p><b>DENTRO DO RINGUE LUTADORES SEGUNDOS PORTA-GARRAFAS JUÍZES ÁRBITROS COSTUMES REGULADOS</b></p>	<p><b>Artigo III</b> – Em todas as batalhas principais, não pode haver ninguém no meio do ringue, exceto os lutadores e os segundos. Na batalha final, segundo a regra da notoriedade, poderá contar com a presença do Sr. Broughton no ringue, para manter o decoro, e para afirmar aos cavalheiros que dirijam-se aos seus lugares, contando que ele não interfira na batalha.</p>	<p><b>Regra II</b> – Cada homem tem de ser atendido ao ringue por um segundo e um porta-garrafa, o primeiro fornecendo uma esponja, e o último com uma garrafa de água. Os combatentes, ao apertar as mãos, voltam-se para seus respectivos segundos, os quais irão lançar sorte para a escolha de posição, então o vencedor deve escolher seu canto de acordo com o estado do vento ou do sol, e conduzir seu homem para ele, o perdedor fica com o canto oposto.</p> <p><b>Regra VI</b> – O momento em que ambos os competidores estiverem prontos, cada um será conduzido para o lado da marcação próximo ao seu canto previamente escolhido, os segundos devem ficar de um lado, e os homens do outro, tendo dado o aperto de mão inicial, os segundos voltarão imediatamente aos seus cantos, e permanecerão dentro das marcas prescritas até que o round acabe, sem qualquer pretexto de se aproximar de seus lutadores durante o round, sob pena de perder a luta.</p> <p><b>Regra X</b> – Os segundos e porta-garrafas não interferirão, aconselharão ou direcionarão o adversário do seu lutar e abster-se-ão de todas as expressões ofensivas ou irritantes, em todos os aspectos, comportando-se com ordem e decoro, e se limitarão ao cuidado diligente e cuidadoso de seus deveres para com seus lutadores.</p> <p><b>Regra XI</b> – Ao carregarem os seus homens, se os segundos ou porta-garrafas ferirem intencionalmente o antagonista de seus lutadores, este será considerado como tendo perdido o direito à luta, por decisão dos árbitros ou do juiz.</p> <p><b>Regra IX</b> – Em nenhuma circunstância será permitido qualquer pessoa entre no ringue durante a luta, ou até que ela tenha sido concluída e que, no caso de tal prática injusta, ou no caso de as cordas e postes serem agitados ou removidos, estará no poder dos árbitros e juiz conceder a vitória ao homem que em sua opinião honesta terá a melhor argumentação.</p> <p><b>Regra XIX</b> – Nenhuma pessoa, com qualquer pretensão, será permitido aproximar-se mais do ringue do que 3 metros e 40 cm, com exceção dos árbitros e juiz, e das pessoas nomeadas para tomar conta da água ou outro refresco para os combatentes, que tomarão seus assentos perto dos cantos selecionados pelos segundos.</p>	<p><b>Regra VI</b> – Não será permitida a entrada de pessoas estranhas no interior do ringue, durante o andamento da luta. [Está implícita a permanência no ringue somente dos dois lutadores e do árbitro].</p>

ASSUNTOS / TEMAS/ PALAVRAS-CHAVE	REGRAS DE BROUGHTON (1743) <u>7 ARTIGOS</u>	REGRAS RINGUE DE LONDRES (1838) <u>23 ARTIGOS</u>	REGRAS DO MARQUÊS DE QUEENSBERRY (1865) <u>12 ARTIGOS</u>
EXAMINAR OS LUTADORES ANTES DO COMBATE ROUPAS SAPATOS/SAPATILHAS CALÇÕES	-	<b>Regra V</b> – Nos homens que estão sendo despidos, será o dever dos segundos examinarem seus sapatos e calções, e se alguma objeção surgir ou quanto a inserção de ponteiros impróprios no primeiro ou substâncias, neste último caso, apelarão a seus árbitros, que com a concordância do juiz, direcionaram, se houver, que qualquer alteração seja feita.	<b>Regra XI</b> – As sapatilhas não podem possuir bicos metálicos ou objetos que possam ferir o adversário.
TEMPO DE DURAÇÃO DA LUTA ROUNDS	-	-	<b>Regra II</b> – A luta deverá ter um número de assaltos pré-definidos antes de seu início e um árbitro deverá ser escolhido para mediar o combate. Cada assalto deverá ter 3 minutos de duração, com um intervalo de descanso de 1 minuto entre eles.
VESTIMENTA	-	<b>Regra III</b> – A cada homem deve ser fornecido com um lenço com a mesma cor de sua vestimenta, e os segundos devem proceder entrelaçando estes lenços na extremidade superior de um dos postes centrais. Estes lenços são chamados de “as cores”, e o vencedor da batalha, em sua conclusão, terá direito à sua posse, como um troféu da vitória.	-

ASSUNTOS / TEMAS/ PALAVRAS-CHAVE	REGRAS DE BROUGHTON (1743) <u>7 ARTIGOS</u>	REGRAS RINGUE DE LONDRES (1838) <u>23 ARTIGOS</u>	REGRAS DO MARQUÊS DE QUEENSBERRY (1865) <u>12 ARTIGOS</u>
<p style="text-align: center;"><b>INTEGRIDADE FÍSICA GOLPES SUJOS E PROIBIDOS</b></p>	<p><b>Artigo VII</b> – Ninguém deve bater em seu adversário quando ele está caído, ou agarrá-lo pelas pernas, ou pelas costas, ou qualquer parte abaixo da cintura (um homem de joelhos é considerado um homem caído).</p>	<p><b>Regra XII</b> – Será considerado “luta justa”, porém se qualquer um dos homens voluntariamente se derrubar sem receber um golpe, será considerado como que tendo perdido a luta, mas esta regra não se aplicará a um homem que de uma desviar para longe de seu oponente para evitar a punição.</p> <p><b>Regra XIII</b> – Golpes de cabeça serão considerados sujos, e a parte que recorre a esta prática considerada como tendo perdido a luta.</p> <p><b>Regra XIV</b> – Um golpe desferido quando um homem é jogado no gramado, será considerado falta. Um homem com um joelho e uma mão no chão, ou com ambos os joelhos na terra, será considerado abatido, e um golpe dado em qualquer uma dessas posições será considerado falta, desde sempre, que, quando tal posição, o homem no gramado não deve golpear ou tentar se golpear.</p> <p><b>Regra XV</b> – Um golpe desferido abaixo da cintura será considerado sujo e, se, em fechamento, agarrar um lutador abaixo da cintura, pela coxa ou de outra maneira, será considerado sujo.</p> <p><b>Regra XVI</b> – Todas as tentativas de infligir dano por corte, ou rasgar a carne com os dedos ou unhas, ou mordendo será considerada falta.</p> <p><b>Regra XVII</b> – Chute ou cair deliberadamente sobre um lutador com os joelhos, ou de outra forma quando o oponente estiver caído, será considerado falta.</p>	<p><b>Regra V</b> – Um pugilista apoiado nas cordas, sem conseguir se defender dos golpes de seu adversário, deverá ser considerado sem condições de prosseguir no combate.</p> <p><b>Regra X</b> – Um pugilista de joelhos é considerado caído, não podendo mais ser golpeado pelo outro.</p> <p><i>[Com as Regras de Queensberry, o soco tornou-se a única maneira de atacar o oponente, em oposição as regras anteriores, que permitiam chutes e o lançamento de um adversário ao solo. ANDERSON, 2001, p. 43]</i></p>

ASSUNTOS / TEMAS/ PALAVRAS-CHAVE	REGRAS DE BROUGHTON (1743) <u>7 ARTIGOS</u>	REGRAS RINGUE DE LONDRES (1838) <u>23 ARTIGOS</u>	REGRAS DO MARQUÊS DE QUEENSBERRY (1865) <u>12 ARTIGOS</u>
<b>INTERRUPÇÃO DA LUTA</b>	-	<b>Regra XXI</b> – Em caso de interferência magistral, caberá aos árbitros e ao juiz nomear a hora e o local da próxima reunião, se possível no mesmo dia	<b>Regra VII</b> – Caso seja necessário interromper a luta por motivos alheios ao combate, caberá ao árbitro indicar um novo local e data para se realizar o restante da luta, a menos que ambos pugilistas concordem com um resultado de empate.
<b>DEFINIÇÃO DO RESULTADO TEMPO PARA O LUTADOR SE REERGUER ASSISTÊNCIA DOS SEGUNDOS</b>	<p><b>Artigo II</b> – O homem que fica no chão após uma queda, se o respectivo segundo não trouxer seu homem para o seu lado, dentro de 30 segundos, ele será considerado um homem abatido (Vencido).</p> <p><b>Artigo IV</b> – Nenhum campeão deve ser considerado derrotado, a não ser que ele não chegue a linha no tempo limite, ou que o seu próprio segundo o declare derrotado. A nenhum segundo é permitido questionar o adversário de seu homem com quaisquer perguntas, ou aconselhá-lo a desistir.</p>	<p><b>Regra VII</b> – Na conclusão do round, quando um ou ambos os homens estiverem na lona, os segundos e os porta-garrafas devem avançar e carregar ou conduzir seu lutador para o seu canto, lá lhe oferecerá a assistência necessária, e a nenhuma pessoa será permitido interferir nesse dever.</p> <p><b>Regra VIII</b> – Ao expirar os trinta segundos o árbitro nomeado gritar “tempo, sobre o qual cada homem se levantará do joelho de seu porta-garrafa e caminhará para seu próprio lado da marcação sem ajuda, [...] e se qualquer um dos homens falhar em estar na sua marcação dentro do prazo de oito segundos, será considerado como tendo perdido a luta.</p>	<p><b>Regra IV</b> – Caso um pugilista seja derrubado, será aberto uma contagem de 10 segundos, para que ele possa se reerguer, sem nenhum auxílio de outra pessoa. Enquanto isso, o outro pugilista deverá aguardar no seu canto, até que o adversário esteja de pé para e apto para a continuar o combate. Caso o pugilista caído não consiga se levantar dentro dos 10 segundos, caberá ao árbitro encerrar a luta e dar a vitória ao pugilista que aplicou o nocaute.</p> <p><b>Regra XII</b> – Terminada a luta, caso um pugilista deixe o ringue sem a autorização do árbitro, antes do anúncio oficial do resultado, ele será desqualificado.</p>

ASSUNTOS / TEMAS/ PALAVRAS-CHAVE	REGRAS DE BROUGHTON (1743) <u>7 ARTIGOS</u>	REGRAS RINGUE DE LONDRES (1838) <u>23 ARTIGOS</u>	REGRAS DO MARQUÊS DE QUEENSBERRY (1865) <u>12 ARTIGOS</u>
<b>DISCORDÂNCIA DE RESULTADO PARTICIPAÇÃO DE ÁRBITROS E JUÍZES</b>	<b>Artigo VI</b> – Para impedir disputas, em cada batalha, os principais, ao entrar no ringue, devem escolher entre os cavalheiros presentes dois árbitros, que decidem em absoluto todas as disputas que possam surgir sobre a batalha, e se os dois árbitros não puderem concordar, os árbitros escolherão um terceiro, que deve definir	<b>Regra IV</b> – Dois árbitros serão então escolhidos pelos segundos para assistir ao progresso da batalha, e tomar exceção a qualquer violação das regras a seguir indicadas. Um juiz será escolhido pelos árbitros, a quem serão submetidas todas as disputas, e que a decisão deste juiz, seja ela qual for, será definitiva e estritamente vinculativa para todas as partes, quer em relação à questão em disputa quer à questão da luta. Os árbitros devem ser providos de um relógio, com o propósito de chamar o tempo, em que eles mutuamente concordam que este deve ser devolvido, a chamada de tempo desse árbitro deve ser atendida, e nenhuma outra pessoa deve interferir no tempo de chamada. O juiz deve reter todas as opiniões até que seja apelado pelos árbitros, e os árbitros deve respeitar estritamente sua decisão sem discussões	-
<b>APOSTAS ENTREGA DO DINHEIRO</b>	<b>Artigo V</b> – Em batalhas finais, o vencedor fica com dois terços do dinheiro dado, que será dividido publicamente no ringue, não obstante quaisquer acordos particulares em contrário.	<b>Regra XVIII</b> – Todas as apostas serão pagas com o dinheiro da luta depois da premiação. <b>Regra XX</b> – A devida notificação será dada pelo <i>stakeholder</i> (homem que guarda o dinheiro das apostas) do dia e lugar onde o dinheiro da batalha deve ser acertado, e que seja exonerado de toda a responsabilidade em obedecer à direção dos árbitros e do juiz. <b>Regra XXII</b> – Se o evento não for decidido no dia nomeado, todas as apostas serão consideradas nulas, a menos que declaradas novamente por acordo mútuo: mas que o dinheiro da batalha permanecerá nas mãos do <i>stakeholder</i> até que seja ganha ou perdida por uma luta, a menos que cada parte concorde em retirar sua participação.	-

## ANEXO 9 – MAPA ATUAL DA INGLATERRA

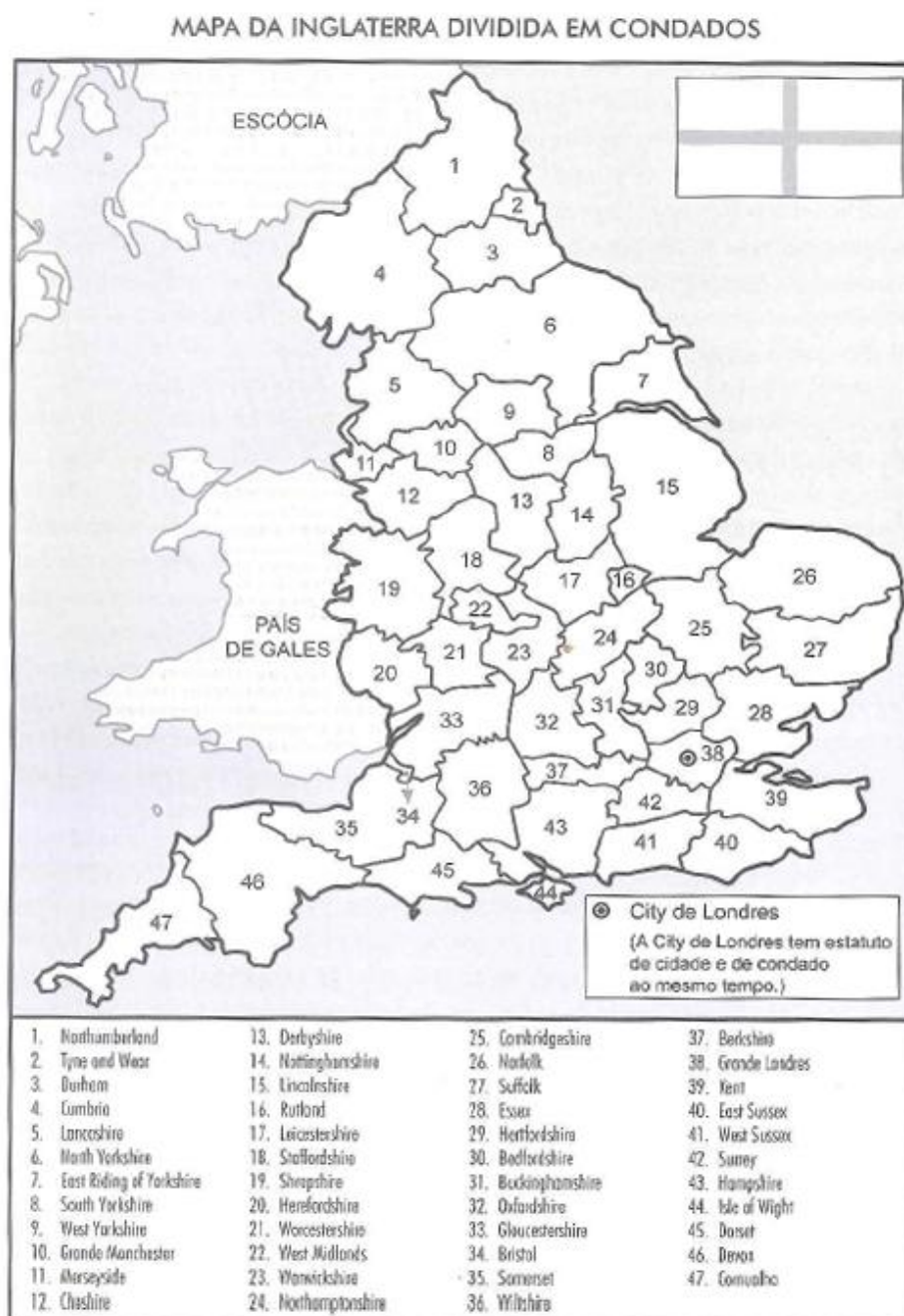


Figura 5 - Anexo 9 - Mapa atual da Inglaterra

Fonte: BURKE & PALLARES-BURKE. *Os ingleses*. São Paulo: Contexto, 2016. p. 52.

## ANEXO 10 – MAPA DA INGLATERRA (1800)

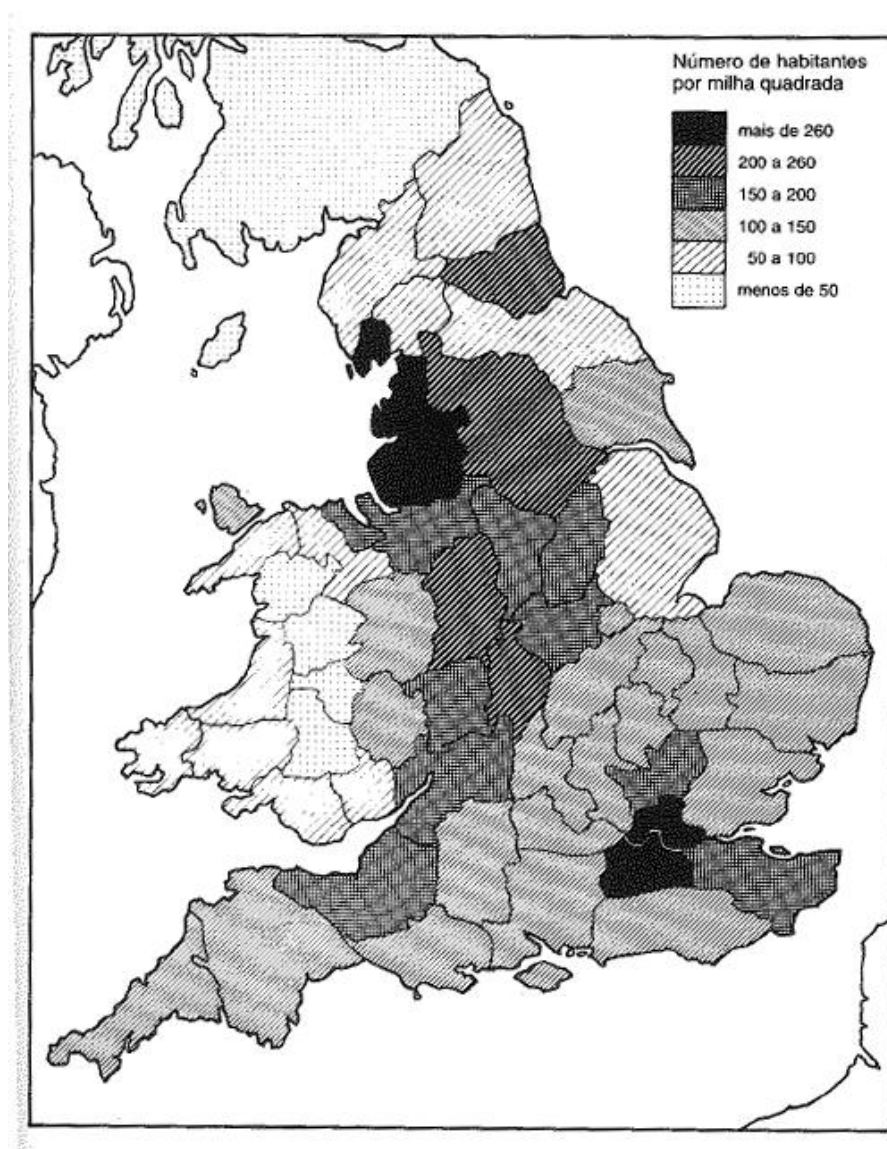


Figura 6 - Anexo 10 – Mapa da Inglaterra 1800

Fonte: BRAUDEL, Fernand. **Civilização material, economia e capitalismo: séculos XV-XVIII**. São Paulo: Martins Fontes, 2009. P. 533

### ANEXO 11 – MAPA DA INGLATERRA (CONDADOS EM DESTAQUE)

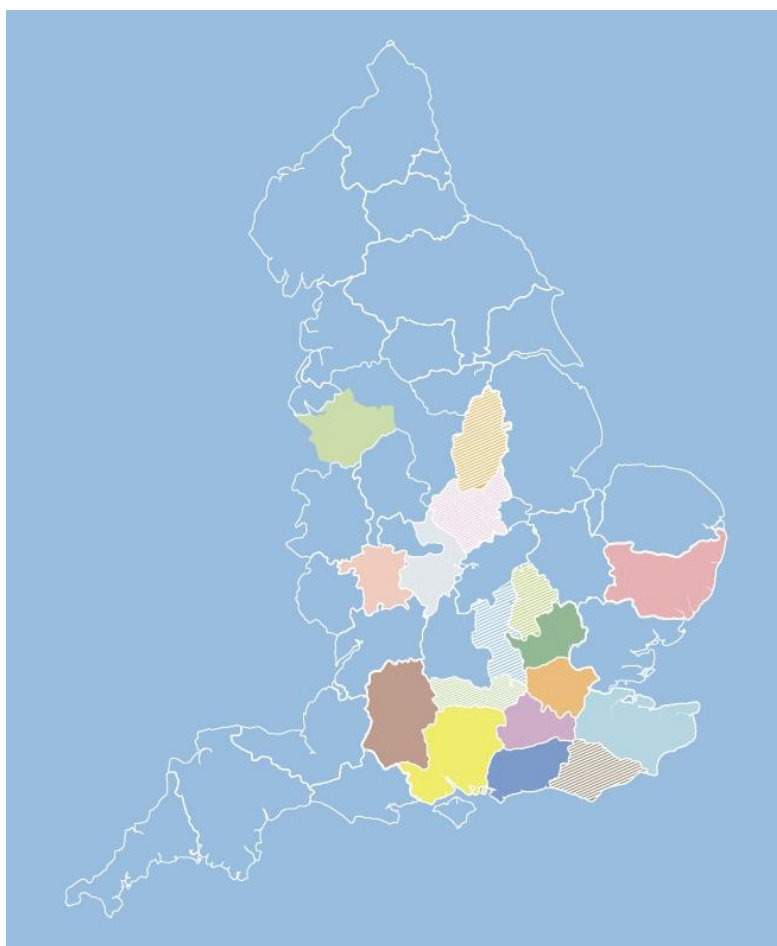


Figura 7 – Anexo 11 - Mapa da Inglaterra - Colorido



## ANEXO 12 – A BOXING WE WILL GO (BOXE, NÓS IREMOS)<sup>894\*</sup>

Come move the song, and stir the glass, (Venha mexa a música, e mexa o copo,)  
 For why should we be sad; (Por que deveríamos estar tristes;)  
 Let's drink to some free-hearted lass, (Vamos beber a uma moça de coração livre,)  
 And Cribb, the boxing lad, (E Cribb, o rapaz de boxe,)  
 And a boxing we will go, will go, will go (E um boxe nós iremos, iremos, iremos)

Italians stab their friends behind, (Italianos apunham seus amigos por trás,)  
 In darkest shades of night; (Nos tons mais sombrios da noite;)  
 But Britons they are bold and kind, (Mas os britânicos são corajosos e bondosos,)  
 And box their friends by light. (E lutam boxe com seus amigos na luz.)

The sons of France their pistols use, (Os filhos da França usam suas pistolas,)  
 Pop, pop and they have done: (Pop, pop e eles fizeram:)  
 But Britons with their hands will bruise, (Mas os britânicos com suas mãos ferirão,)  
 And scorn away to run. (E botar o desprezo pra correr.)

Throw pistols, poniards, swords, aside, (Jogue pistolas, poniços, espadas, de lado,)  
 And all such deadly tools; (E todas essas ferramentas mortais;)  
 Let boxing be the Briton's pride, (Deixe o boxe ser o orgulho do britânico,)  
 The science of their schools (A ciência de suas escolas!)

Since boxing is a manly game (Já que boxe é um jogo viril)  
 And Britons' recreation (E recreação dos britânicos)  
 By boxing we will raise our fame; (Pelo boxe vamos aumentar a nossa fama;)  
 'Bove any other nation. (Sobre qualquer outra nação.)

Mendoza, Gulley, Molineaux, (Mendoza, Gulley, Molineaux,)  
 Each Nature's weapon wield; (Cada arma da Natureza maneja;)  
 Who each at Boney would stand true, (Quem cada um em Boney seria verdadeiro,)  
 And never to him yield. (E nunca para ele rendimento.)

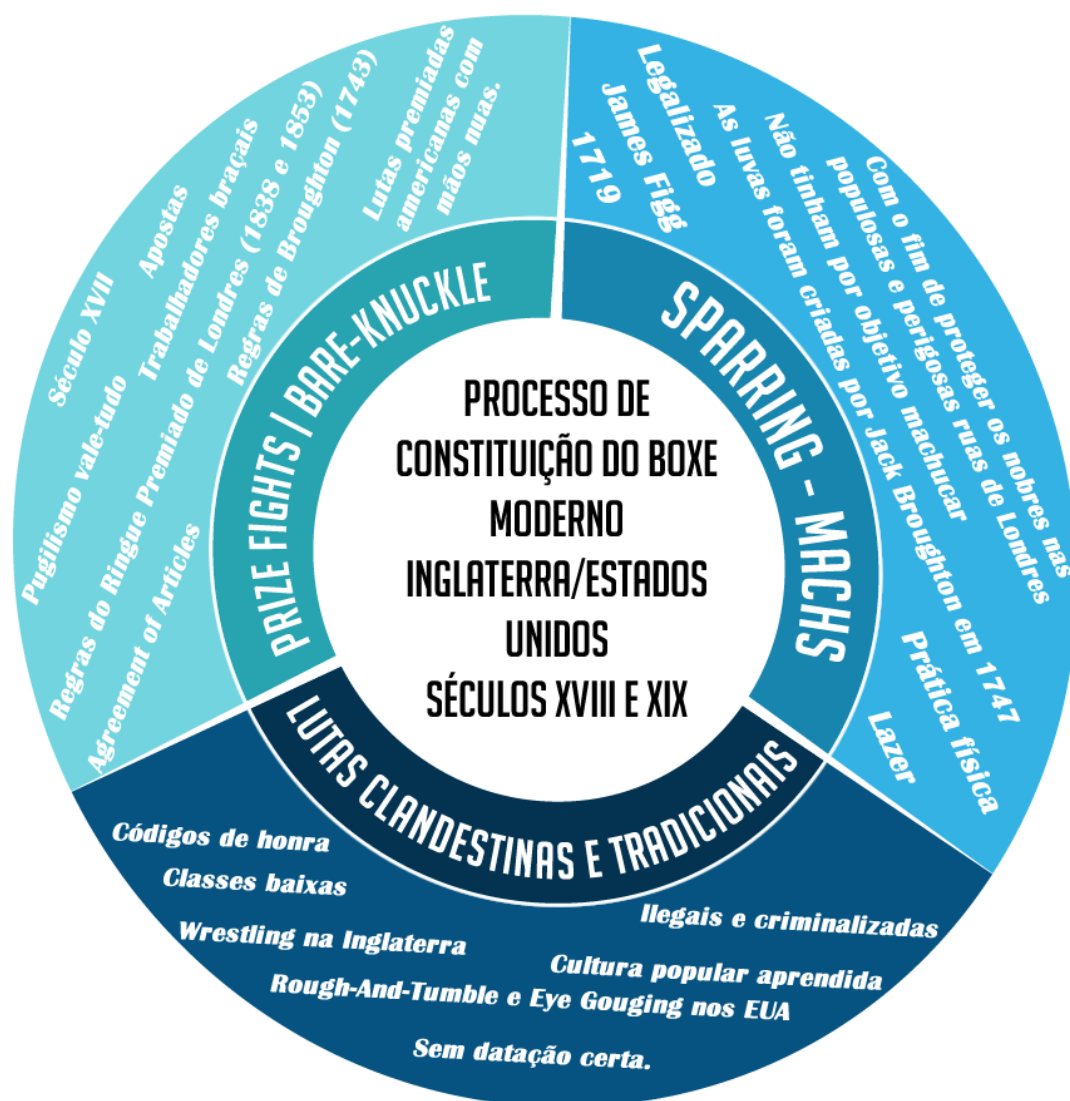
We've many more would like to floor (Temos muitos mais gostaria de andar)  
 The little upstart king; (O pequeno rei adiantado;)  
 And soon for mercy make him roar (E logo por misericórdia o fazem rugir)  
 Within a spacious ring. (Dentro de um ringue espaçoso.)

A fig for Boney – let's have done (Uma ninharia para Boney – temos feito)  
 With that ungracious name; (Com esse nome desagradável;)  
 We'll drink and pass our days in fun, (Vamos beber e passar os nossos dias nos divertindo,)  
 And box to raise our fame. (E o boxe elevará nossa fama.)

---

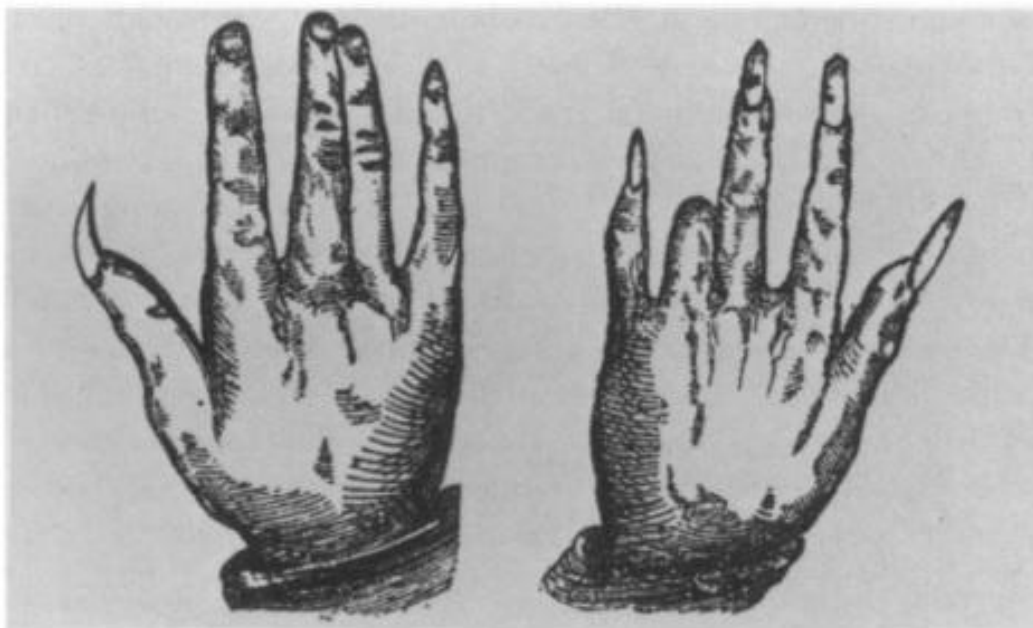
<sup>894\*</sup> *A Boxing We Will Go* é uma canção que circulou por toda a Inglaterra durante a Guerra da Península (1807-14), quando as tropas britânicas estavam lutando desesperadamente contra as forças de Napoleão na Península Ibérica. Esta canção está presente no livro do jornalista britânico Pierce Egan, **Boxiana; or sketches of ancient and modern pugilism** (1830). Tradução nossa. Não se sabe quem é seu autor, nem a data de sua produção.

**ANEXO 13 – PROCESSO DE CONSTITUIÇÃO DO BOXE MODERNO  
INGLATERRA – ESTADOS UNIDOS (SÉCULOS XVIII E XIX)**



**Figura 8 - Anexo 13 - Processo de esportivização do boxe moderno, Inglaterra/Estados Unidos (Séculos XVIII, XIX e XX).**

**Fonte:** elaborado pelo autor.

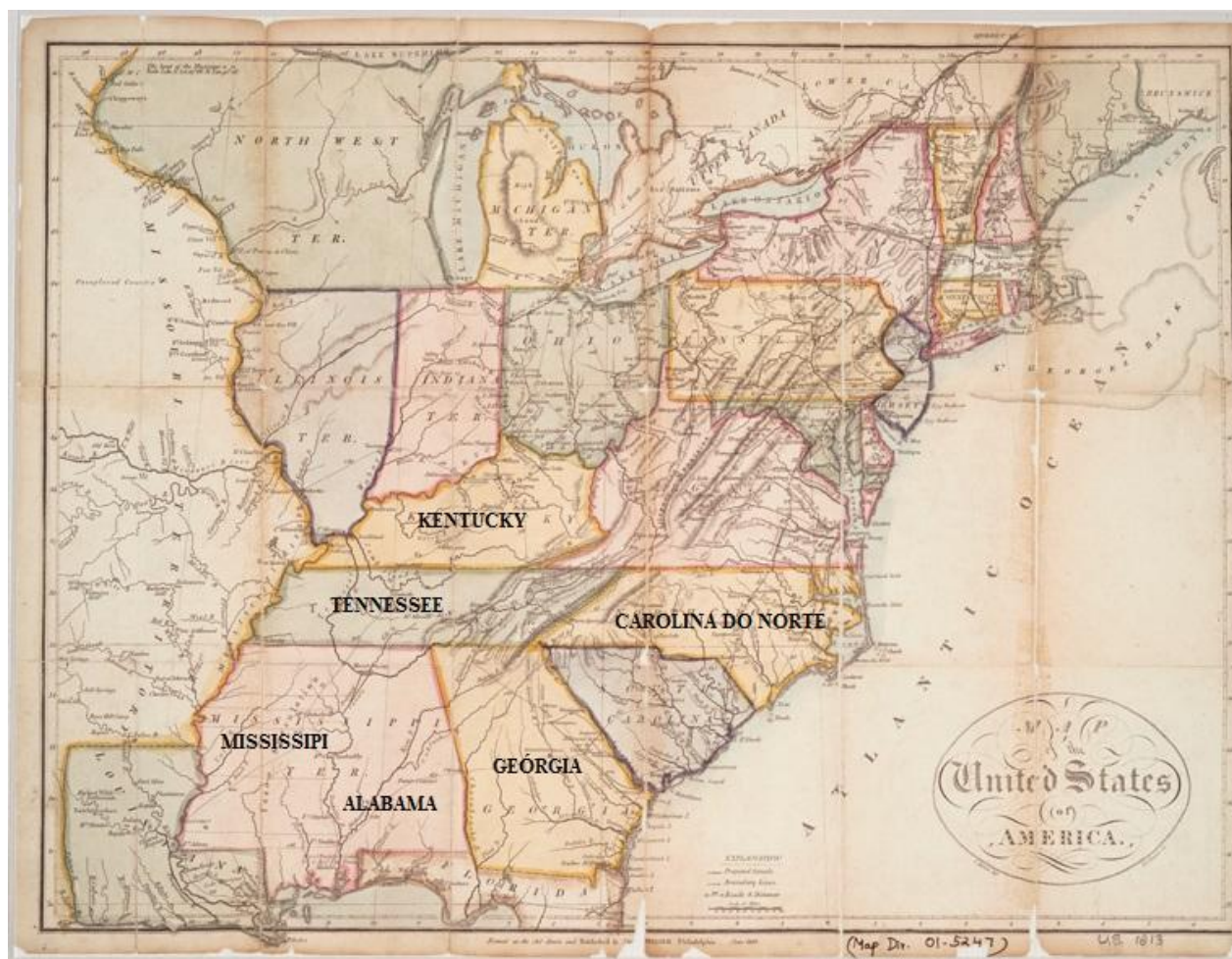
**ANEXO 14 - MÃOS DE UM LUTADOR DE *EYE-GOUGING***

The "Hands of Celebrated Gougers." Drawings reproduced from Richard M. Dorson, *Davy Crockett: American Comic Legend* (New York, 1939), 42.

Figura 9 - Anexo 14 – Mãos de um Lutador de *Eye-Gouging*

**Fonte:** GORN, Elliott J. "Gouge and Bite, Pull Hair and Scratch": The Social Significance of Fighting in the Southern Backcountry. In: **The American Historical Review**, Volume 90, n° 1 (Feb, 1985). Pp. 18-43

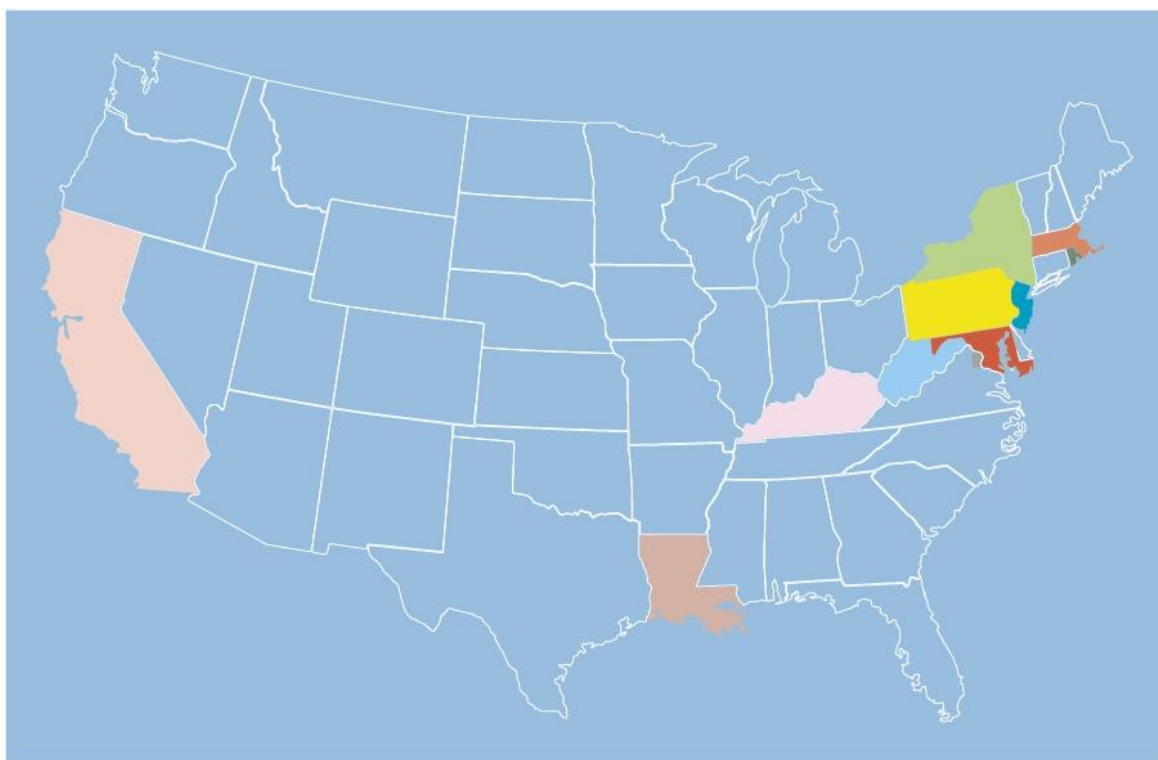
**ANEXO 15 – ROUGH-AND-TUMBLE NO SUL DOS ESTADOS UNIDOS  
(INÍCIO DO SÉCULO XIX)**



**Figura 10 - Anexo 15 – *Rough-and-Tumble* No Sul dos Estados Unidos (Início do Século XIX)**

**Fonte:** The New York Public Library (Digital Collections) **Artist:** John Melish.  
**Date:** 1806-1813. **Place:** Filadélfia **Link:** <https://digitalcollections.nypl.org/items/510d47da-ee6e-a3d9-e040-e00a18064a99>

**ANEXO 16 - MAPA DAS LUTAS ENTRE 1820 – 1860 (DESTAQUE PARA OS ESTADOS DO NORTE)**



**Figura 11 - Anexo 16 – Mapa das Lutas entre 1820 – 1860 (Destaque para os Estados do Norte)**

**ANEXO 17 – CAPA DO LIVRO FISTIANA (1849)**

**Figura 12 - Anexo 17 - Capa do Livro Flistiana (1849)**

**Fonte:** Autor Anônimo. **The American Flistiana: Prize-Fighting in the United States.**  
New York: H. Johnson, 1849.

## ANEXO 18 - ARTICLES OF AGREEMENT / ARTIGOS DE ACORDO

Em 7 de agosto de 1848, na Ford's Tavern, amigos dos combatentes rubricaram um documento formal detalhando os termos da partida: ARTIGOS DE ACORDO celebrados no dia sétimo dia de agosto de 1848, entre James Sullivan e Thomas Hyer. O dito James Sullivan concorda em lutar contra o referido Thomas Hyer uma luta justa, em meia hora, em um ringue cercado de cordas, de vinte e quatro pés, de acordo com as novas regras, como convocadas na *Fistiana* para 1848, pelas quais as regras dizem que Sullivan e Hyer concordam mutuamente que a luta será para a soma de cinco mil dólares um lado. A referida luta terá lugar dentro de os estados da Virgínia ou de Maryland, ou algum outro lugar, se as partes puderem concordar mutuamente sobre esse outro lugar. / - Em 7 de agosto de 1848, na Ford's Tavern, amigos dos combatentes rubricaram um documento formal detalhando os termos da partida. (GORN, 1986, p. 87)<sup>895</sup>

**Fonte:** GORN, Elliot. **The Manly Art – Bare-Knuckle Prize Fighting in America.** New York: Cornell University Press, 1986.

Os seguintes artigos de acordo entre Cleary e Manning foram assinados ontem: Nós, abaixo assinados, Tom Cleary, de São Francisco, e Billy Manning, Los Angeles, concordamos em encontrar e lutar até um final , com luvas de pele, para uma bolsa de U\$ 500. A luta acontecerá dentro de duas semanas, com as cinquenta milhas de Los Angeles. O vencedor ganhará U\$ 300 e o perdedor da luta U\$ 200. Nenhum dinheiro a ser pago para o outro partido, a menos que um comitê de três, a ser selecionado pela referência do público, decidirá que a luta é uma luta boa, justa e genuína. Assinado na presença de J. J. Donovan. Billy Manning. Tom Cleary. Los Angeles, 24 de maio de 1887 (CALLIS & JOHNSON, 2009, p. 6).<sup>896</sup>

**Fonte:** CALLIS, Tracy and JOHNSON, Chuck. **Boxing in the Los Angeles Area, 1880-2005.** Victória, DC, Canadá: Trafford Publishing. 2009.

---

<sup>895</sup> Tradução nossa. Original: *ARTICLES OF AGREEMENT* entered into this seventh day of August, 1848, between James Sullivan and Thomas Hyer. ...The said James Sullivan agrees to fight the said Thomas Hyer a fair stand up fight, half minute time, in a twenty-four feet roped ring, according to the new rules as laid cown in the *Fistiana* for 1848, by which rules the said Sullivan and Hyer hereby mutually agree to be bound. . . The said fight shall be for the sum of Five Thousand Dollars a side. The said fight shall take place within the states of Virginia or Maryland, or some other place, if the parties can mutually agree upon such other place.

<sup>896</sup> Tradução nossa. Original: The following articles of agreement between Cleary and Manning were signed yesterdayWe the undersigned Tom Cleary, of San Francisco, and Billy Manning, of Los Angeles, hereby agree to meet and fight to a finish, with skin gloves, for a purse of U\$ 500. The fight to take place within two weeks, withian fifty Miles os Los Angeles. The winner to take U\$ 300 and the loser, U\$200. No Money, to be paid to elther party unless a committee of three, to be selected by the referee from the audience, Will decide that the fight is a good, square and genuine fight. Signed in presence of J. J. Donovan. Billy Manning. Tom Cleary.: Los Angeles, May 24, 1887.

ANEXO 19 – CARTAZ DE DIVULGAÇÃO DA LUTA ENTRE POOLE X  
MORRISSEY (1854)

**"ROUGH & TUMBLE,"**  
OR THE AMOS STREET FIGHT,  
BETWEEN  
**POOLE & MORRISSEY.**

AIR—*I'll Throw Myself Away.*

Come "Boys" draw nigh and listen to this my little ditty,  
About a "muss" we lately had, in this great Empire City,  
'Twas on a Thursday morning, when—the sun was shining bright,  
That the "Fancy" lads to Amos Street, went up to see the fight.

CHORUS—Oh! Billy Poole, Oh! Billy Poole, you are a tip top scholar.  
For by the rule of Hyer's school, you made the champion "holler."

'Twas the hour of seven o'clock, and Poole was on the ground,  
When Morrissey hastened to the spot, and swore he was "around,"  
The "Boys" all eager for the fun, stood by in mild array,  
To watch the "Western Champion" meet the "hero of the day."

The crowd was hushed, and all was still, not e'en the birds did sing,  
While Poole and Morrissey ready "peeled," stood forth within the ring  
Oh! 'twas a glorious sight to see these bruisers, strong and bold,  
Eyeing askance each other's moves, both eager to take hold.

A step—a rush—and Morrissey tried to give a dangerous blow;  
But, quick as thought Poole dodged and caught poor Morrissey "down  
With almost superhuman strength. Poole made a mighty bound, [below"  
And with terrific energy dashed Morrissey to the ground.

With deadly grasp upon his throat, Poole gouged, did bite, and "chaw"  
Until the face of Morrissey was left entirely raw.  
He there was fixed as if a vice did hold him to the spot,  
Without a chance to move himself, and friends they knew him not.

He tried once more to raise himself, but found it all in vain,  
For kicks and blows fell thick and fast—just like a shower of rain.  
He felt convinced Poole was a man made of the "best of stuff,"  
And thus convinced, he cried aloud—"Hold, Bill, I've got enough!"

'Twas said that Morrissey had to fight with Poole and all his "crowd;"  
But by the "Pugilistic Rules," such things are not allowed;  
But if, by chance, he did get struck by any more than one,  
It must have been, we really think, ENTIRELY IN FUN.

So now the battle's at an end, and both the men bound over,  
We hope, for twelve months and a day, to live in pence—and clover.  
But should the "war" break out again, and the "boys be called to fight,"  
We hope the'll all "act on the square," and "do the thing that's right."

*Andrews' Printer, 88 Chatham St., N. Y., Dealer in Songs,  
Games, etc., wholesale and retail.*

Figura 13 – Anexo 19 – Cartaz de divulgação da luta entre POOLE x MORRISSEY (1854)

Fonte: "Rough & tumble," or The Amos Street fight, between Poole & Morrissey. Air: I'll throw myself away. Andrews, Printer, 38 Chatham Street, N. Y. Monographic. Online Text. Retrieved from the Library of Congress, <https://www.loc.gov/item/amss.sb40467a/>. (Accessed July 25, 2017.)



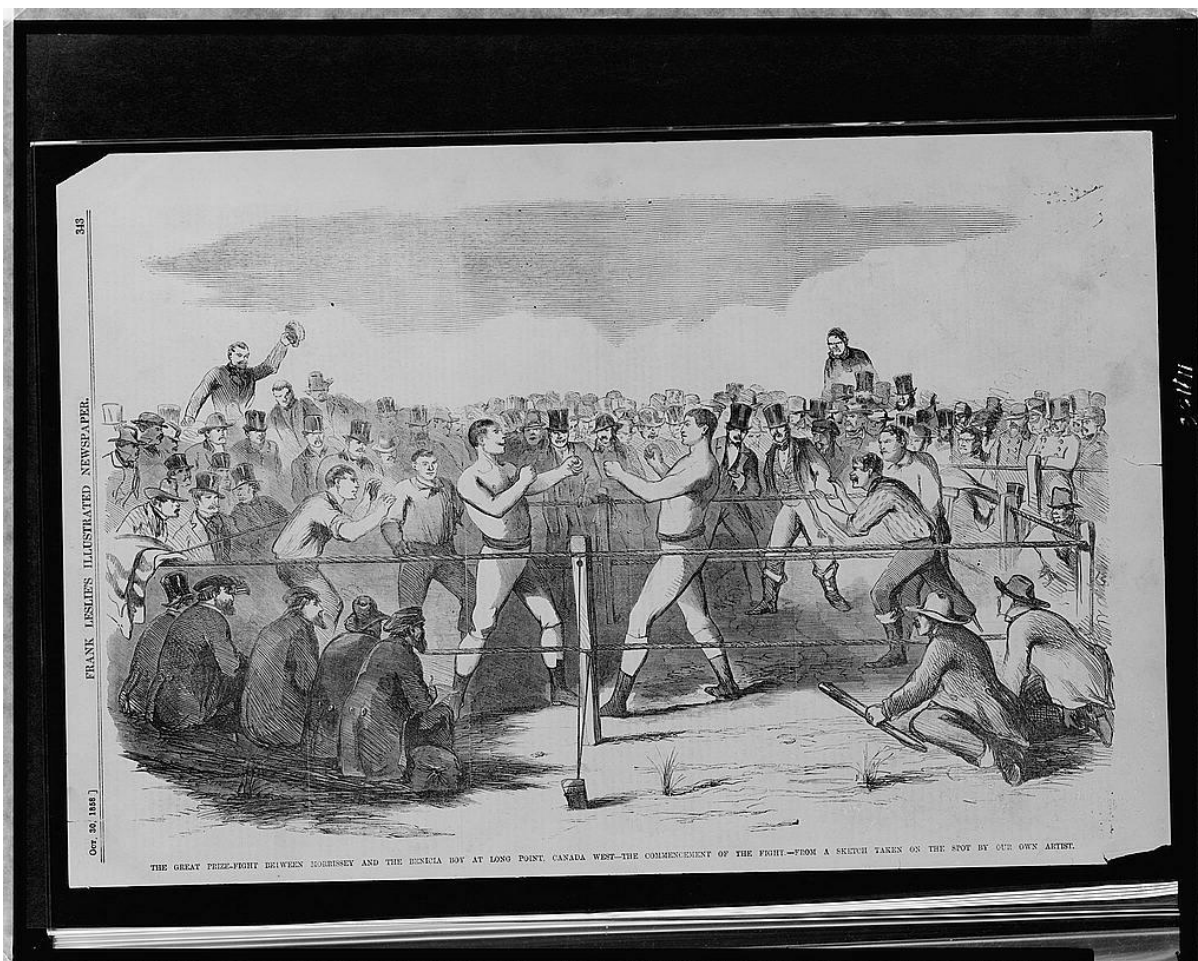
**ANEXO 20 - MAPEAMENTO DE LUTAS DE BARE-KNUCKLE NOS ESTADOS UNIDOS (1824-1892)**

	1820-1830	1830-1840	1840-1850	1850-1860	1860-1870	1870-1880	1880-1890	Total
Nova York (N)	3	2	5	11	11	35	68	135
Massachusetts (N)	-	-	1	5	2	6	32	46
Illinois (Meio Oeste)	-	-	-	-	3	3	18	24
Califórnia (Oeste)	-	-	-	1	-	2	14	17
Missouri (Sul)	-	-	-	-	6	3	8	17
Ohio (Meio Oeste)	-	-	-	-	2	1	12	15
Nova Jersey (N)	1	1	-	-	3	-	7	12
Pensilvânia (N)	-	-	2	-	-	-	11	13
Montana (Oeste)	-	-	-	-	-	-	12	12
Maryland (Sul)	-	1	2	-	2	2	4	11
Lousiana (Sul)	-	1	-	-	1	-	8	10
Kentucky (Sul)	-	-	-	1	-	4	3	8
Wisconsin (Meio Oeste)	-	-	-	-	1	-	3	4
Washington (Oeste)	-	-	-	-	-	-	5	5
Iowa (Meio Oeste)	-	-	-	-	-	1	4	5
Colorado (Oeste)	-	-	-	-	-	-	3	3
Oregon (Oeste)	-	-	-	-	-	-	3	3
Mississippi (Sul)	-	-	-	-	-	2	2	4
Texas (Sul)	-	-	-	-	-	-	4	4
Tennessee (Sul)	-	-	-	-	-	-	8	8
Utah (Oeste)	-	-	-	-	-	-	3	3
Arkansas (Sul)	-	-	-	-	-	-	3	3
Minnesota (Meio Oeste)	-	-	-	-	-	-	4	4
Indiana (Meio Oeste)	-	-	-	-	-	-	2	2
Carolina N. (Sul)	-	-	-	-	-	2	-	2
Arizona (Oeste)	-	-	-	-	-	-	1	1
West Virginia (Sul)	-	-	1	-	-	-	2	3
Rhode Island (N)	-	1	-	-	-	-	-	1
Washington DC (N)	-	-	-	1	-	1	-	2
Michigan (Meio Oeste)	-	-	-	-	-	-	1	1
Geórgia (Sul)	-	-	-	-	-	-	1	1
Connecticut (N)	-	-	-	-	-	-	1	1

Figura 14 - Anexo 20 – Mapeamento de Lutas de *Bare-Knuckle* nos Estados Unidos (1824-1892)

Fonte: Site Cyber Boxing Zone ([www.cyberboxingzone.com](http://www.cyberboxingzone.com)) Acesso: 24.03.2018, às 19:34.

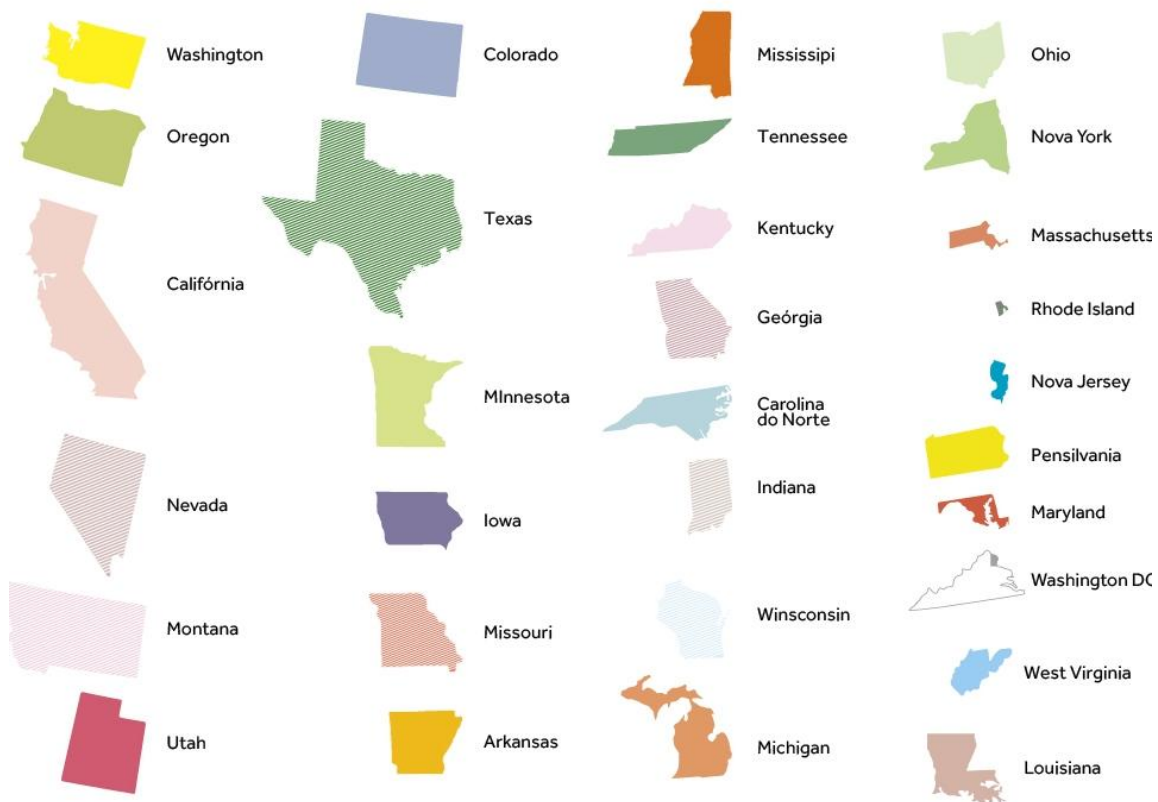
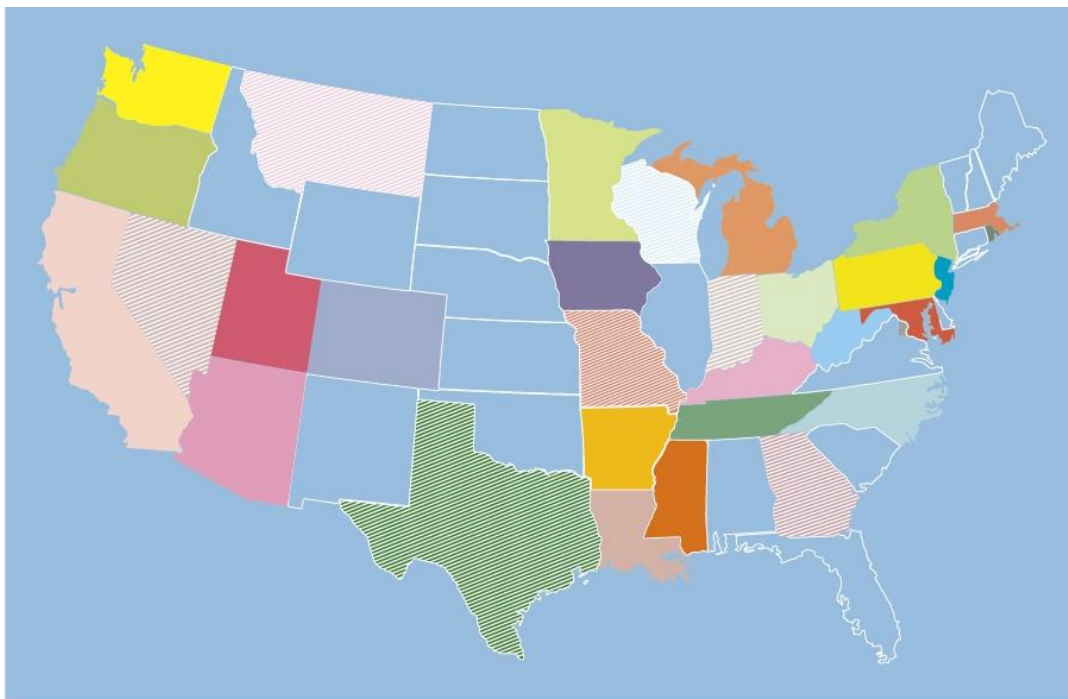
ANEXO 21 – LUTA ENTRE JOHN HEENAN *VERSUS* JOHN MORRISSON /  
*LONG POINT, CANADÁ (1858)*



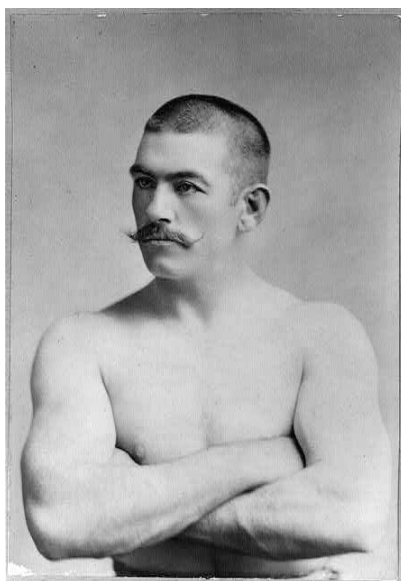
**Figura 15 - Anexo 21 – Luta entre John Heenan x Jhon Morrisson / Long Point, Canadá (1858)**

**Fonte:** *The great prize-fight between Morrissey and the Benicia Boy at Long Point, Canada West - the commencement of the fight / from a sketch taken on the spot by our own artist.* Long Point Norfolk Ontario, 1858. Photograph. Retrieved from the **Library of Congress**, <https://www.loc.gov/item/98500131/>. (Accessed July 25, 2017.)

**ANEXO 22 – MAPA DOS ESTADOS UNIDOS COM DESTAQUE PARA *BARE-KNUCLE* ENTRE 1860 – 1890**

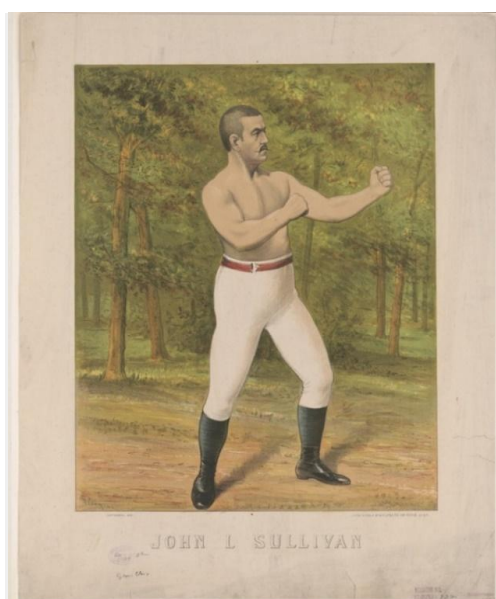


**Figura 16 - Anexo 22 – Mapa dos Estados Unidos com destaque para *bare-knucle* entre 1860-1890**

**ANEXO 23 – JOHN SULLIVAN EM DOIS MOMENTOS (1882 E 1887)**

**Figura 17 - Anexo 23 - John Sullivan em dois momentos (1882)**

**Fonte:** *John Lawrence Sullivan, 1858 to 1918.*, ca. 1882. Photograph. Retrieved from the Library of Congress, <https://www.loc.gov/item/2002706365/>. (Accessed July 25, 2017.)



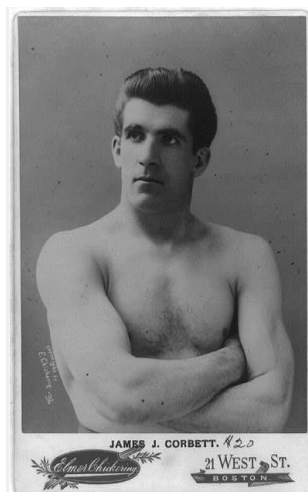
**Figura 18 - Anexo 23 - John Sullivan em dois momentos (1887)**

**Fonte:** *John L. Sullivan.*, ca. 1887. Nov. 3. Photograph. Retrieved from the Library of Congress, <https://www.loc.gov/item/2003673070/>. (Accessed July 25, 2017.)

**ANEXO 24 – JAMES CORBETT EM DOIS MOMENTOS (1893 e 1894)**

**Figura 19 - Anexo 24 – James Corbett em dois momentos (1893)**

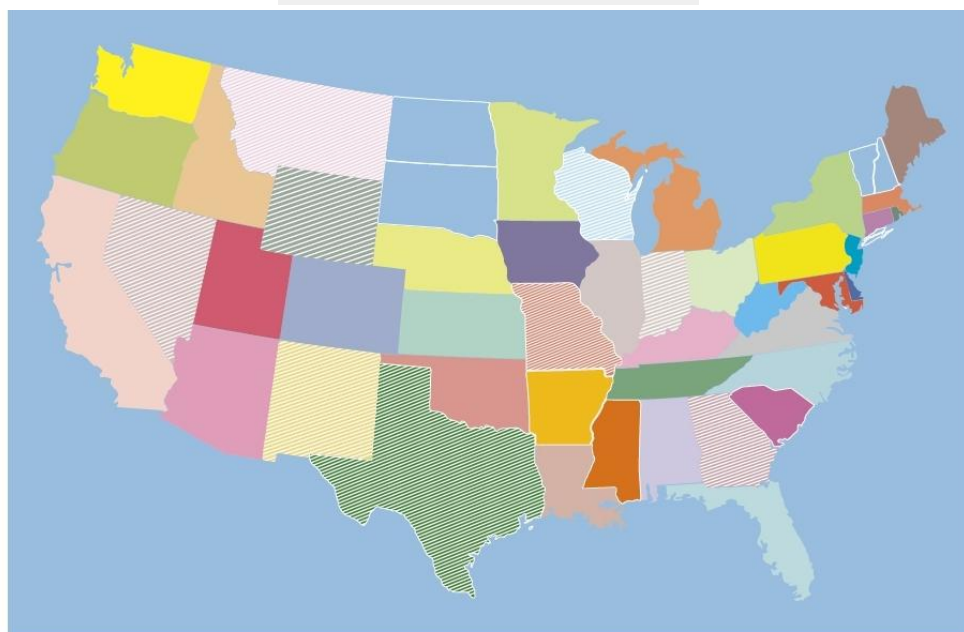
**Fonte:** Morrison, W. M, photographer. *James John Corbett, 1866 to 1933.*, ca. 1893. Photograph. Retrieved from the Library of Congress, <https://www.loc.gov/item/2003663433/>. (Accessed July 25, 2017.)



**Figura 20 - Anexo 24 – James Corbett em dois momentos (1894)**

**Fonte:** [*James John Corbett, half-length portrait, standing, facing left*]., ca. 1894. Photograph. Retrieved from the Library of Congress, <https://www.loc.gov/item/96523837/>. (Accessed July 25, 2017.)

**ANEXO 25 – MAPA DOS ESTADOS UNIDOS COM DESTAQUE PARA AS LUTAS DE BOXE 1892 - 1926**

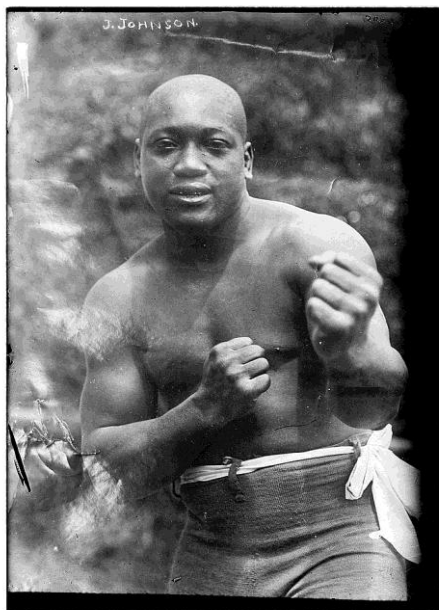


**Figura 21 – Anexo 25 - Mapa dos Estados Unidos com Destaque para as Lutas de Boxe 1892 - 1926**

**ANEXO 26 - MAPEAMENTO DOS LOCAIS DE LUTAS DOS NOVE  
CAMPEÕES DE BOXE PROFISSIONAL (1892-1926)**

Nome do estado	1892-1900	1900-1910	1910-1920	1920-1930	Total
Califórnia (O)	64	203	28	15	<b>310</b>
Nova York (N)	107	33	17	23	<b>180</b>
Nevada (O)	163	1	13	-	<b>177</b>
Pensilvânia (N)	80	45	11	4	<b>140</b>
Nova Jersey (N)	95	15	13	13	<b>136</b>
Ohio (MO)	23	4	37	2	<b>66</b>
Ilinóis (MO)	35	10	4	5	<b>49</b>
Massachussets (N)	12	31	-	5	<b>48</b>
Montana (O)	11	14	2	21	<b>48</b>
Texas (S)	21	12	2	7	<b>42</b>
Utah (O)	7	4	18	-	<b>29</b>
Kentucky (S)	3	24	-	1	<b>28</b>
Colorado (O)	10	2	9	4	<b>25</b>
Louisiana (S)	15	2	1	3	<b>21</b>
Tennessee (S)	3	3	1	13	<b>20</b>
Michigan (M)	-	17	1	2	<b>20</b>
Okahoma (S)	-	-	17	2	<b>19</b>
Indiana (MO)	3	8	7	-	<b>18</b>
Florida (S)	16	-	-	1	<b>17</b>
Washington (O)	-	11	-	5	<b>16</b>
Kansas (MO)	2	2	1	8	<b>13</b>
Mississipi (S)	12	-	-	-	<b>12</b>
Winconsin (MO)	1	3	4	3	<b>11</b>
Maryland (S)	3	4	-	-	<b>7</b>
Arkansas (S)	3	4	-	-	<b>7</b>
Maine (N)	2	2	-	2	<b>6</b>
Oregon (O)	-	-	1	4	<b>5</b>
Minessota (MO)	1	-	3	-	<b>4</b>
Arizona (O)	-	4	-	-	<b>4</b>
Geórgia (S)	1	-	2	-	<b>3</b>
Idaho (O)	-	2	1	-	<b>3</b>
Washington DC (N)	2	-	1	-	<b>3</b>
Rhode Island (N)	3	-	-	-	<b>3</b>
Delaware (N)	2	-	-	-	<b>2</b>
Alabama (S)	2	-	-	-	<b>2</b>
Nebraska (MO)	1	1	-	-	<b>2</b>
West Virgínia (S)	1	1	-	-	<b>2</b>
Virgínia (S)	-	1	-	1	<b>2</b>
Missouri (S)	-	-	1	1	<b>2</b>
Wyoming (O)	-	1	-	-	<b>1</b>
Novo México (O)	-	-	1	-	<b>1</b>
Carolina do Sul (S)	1	-	-	-	<b>1</b>
<b>Total</b>	<b>633</b>	<b>462</b>	<b>200</b>	<b>145</b>	<b>1.440</b>

Fonte: Site Cyber Boxing Zone ([www.cyberboxingzone.com](http://www.cyberboxingzone.com)) Acesso: 24.03.2018, às 19:34.

**ANEXO 27 – JACK JOHNSON (1900 E 1909)****Figura 22 – Anexo 27 – Jack Johnson (1900)**

**Fonte:** Bain News Service, Publisher. *Jack Johnson..*, [No Date Recorded on Caption Card] Photograph. Retrieved from the Library of Congress, <https://www.loc.gov/item/ggb2004008094/>. (Accessed July 25, 2017.) (1900)

**Figura 23 - Anexo 27 - Jack Johnson (1909)**

**Fonte:** *Jack Johnson..*, ca. 1909. Photograph. Retrieved from the Library of Congress, <https://www.loc.gov/item/2003663429/>. (Accessed July 25, 2017.)



**ANEXO 28 – JACK DEMPSEY EM DOIS MOMENTOS (1921 e 1925)**

**Figura 24 - Anexo 28 – Jack Dempsey (1921)**






**Fonte:** [Boyle's Thirty Acres, Jersey City, N.J.: Jack Dempsey posing in ring in boxing position]., ca. 1921. Photograph. Retrieved from the Library of Congress, <https://www.loc.gov/item/2002718085/>. (Accessed July 25, 2017.)



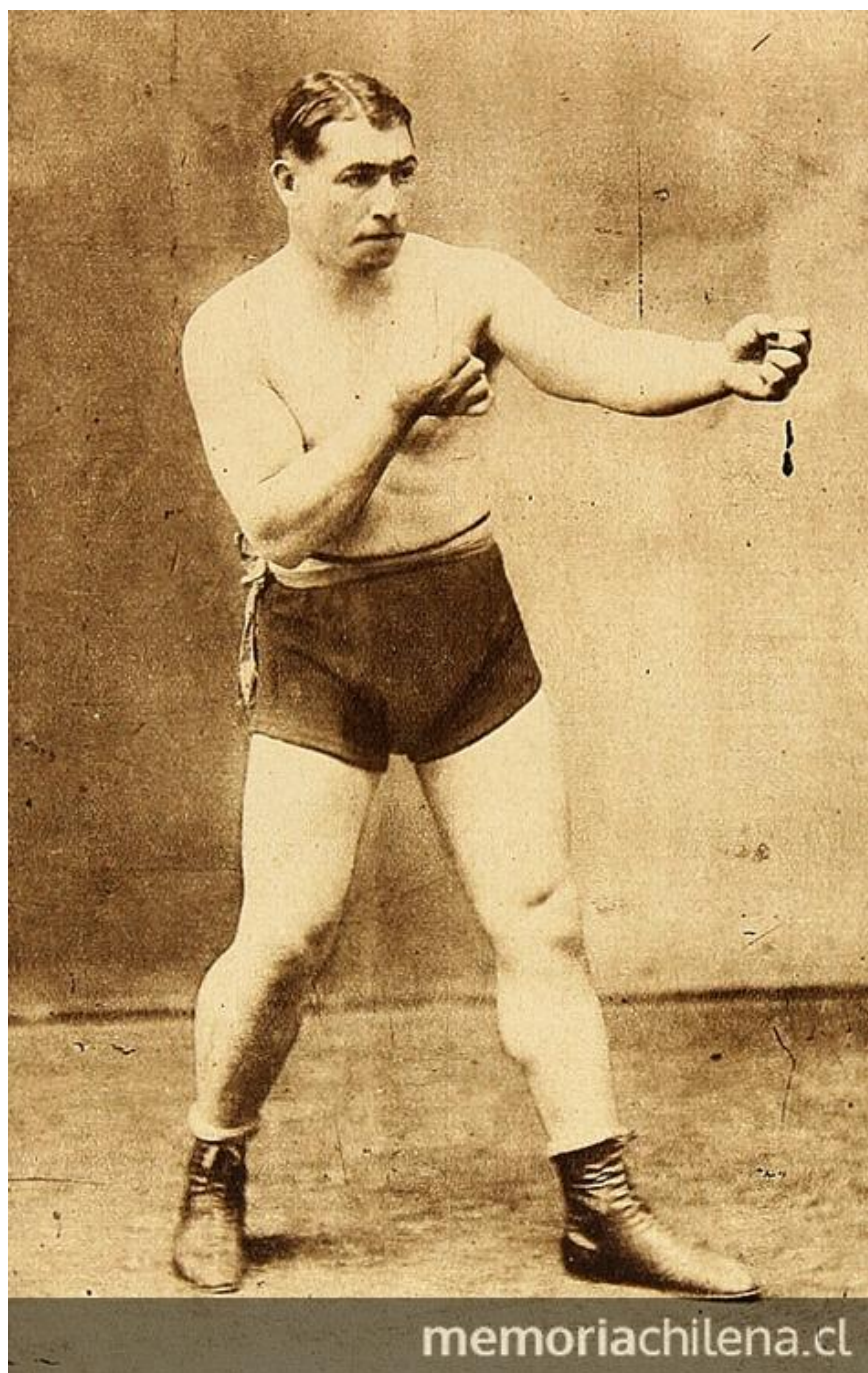
**Figura 25 - Anexo 28 – Jack Dempsey (1925)**

**Fonte:** Summerville, H. L, photographer. *Gus Wilson, Jack Dempsey, Ray Newman, San Antonio, Tex., Sept. 25, 1925.* San Antonio Texas, ca. 1925. Photograph. Retrieved from the Library of Congress, <https://www.loc.gov/item/2013646089/>. (Accessed July 25, 2017.)

**ANEXO 29 – MAPA DA AMÉRICA LATINA**

-  Cuba / Havana
-  Chile / Santiago
-  Argentina / Buenos Aires
-  Uruguai / Montevideú
-  Brasil / São Paulo, Rio de Janeiro e Porto Alegre

**Figura 26 – Anexo 29 - Mapa da América Latina**

**ANEXO 30 – BOXEADOR CHILENO HERIBERTO ROJAS**

**Figura 27 - Anexo 30 – Boxeador Chileno Heriberto Rojas**

**Fonte:** Los Sports. Santiago: Rev. Zig-Zag, 1923-1931. 8 v., nº 234, (2 sep. 1927), p. 3

**Link:** Biblioteca Nacional de Chile - <http://www.memoriachilena.cl/602/w3-article-124502.html/> Acessado em 16.11.2017, às 01:11.

## ANEXO 31 – PERIÓDICO CHILENO ‘EL RING’ (1917)

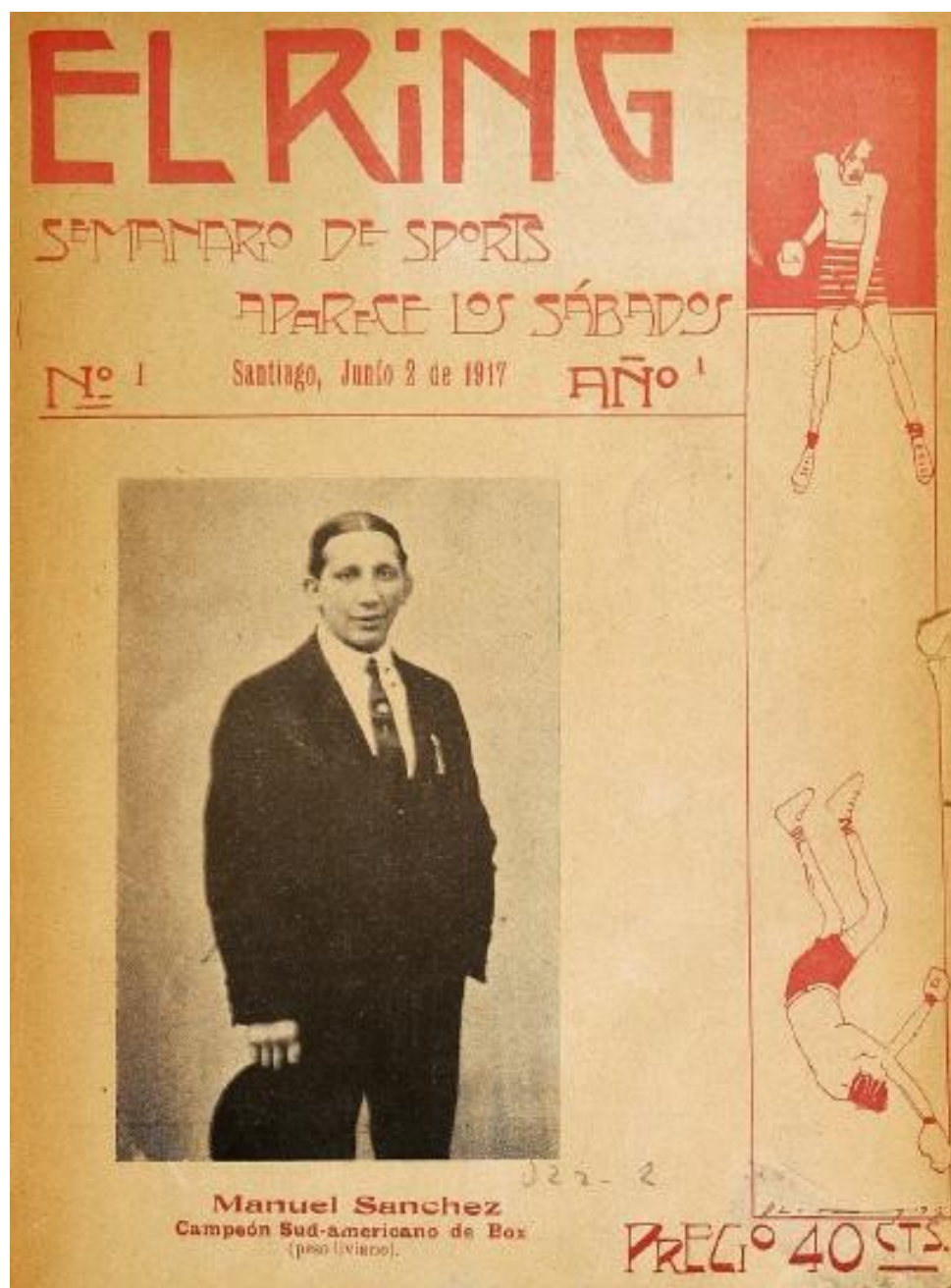
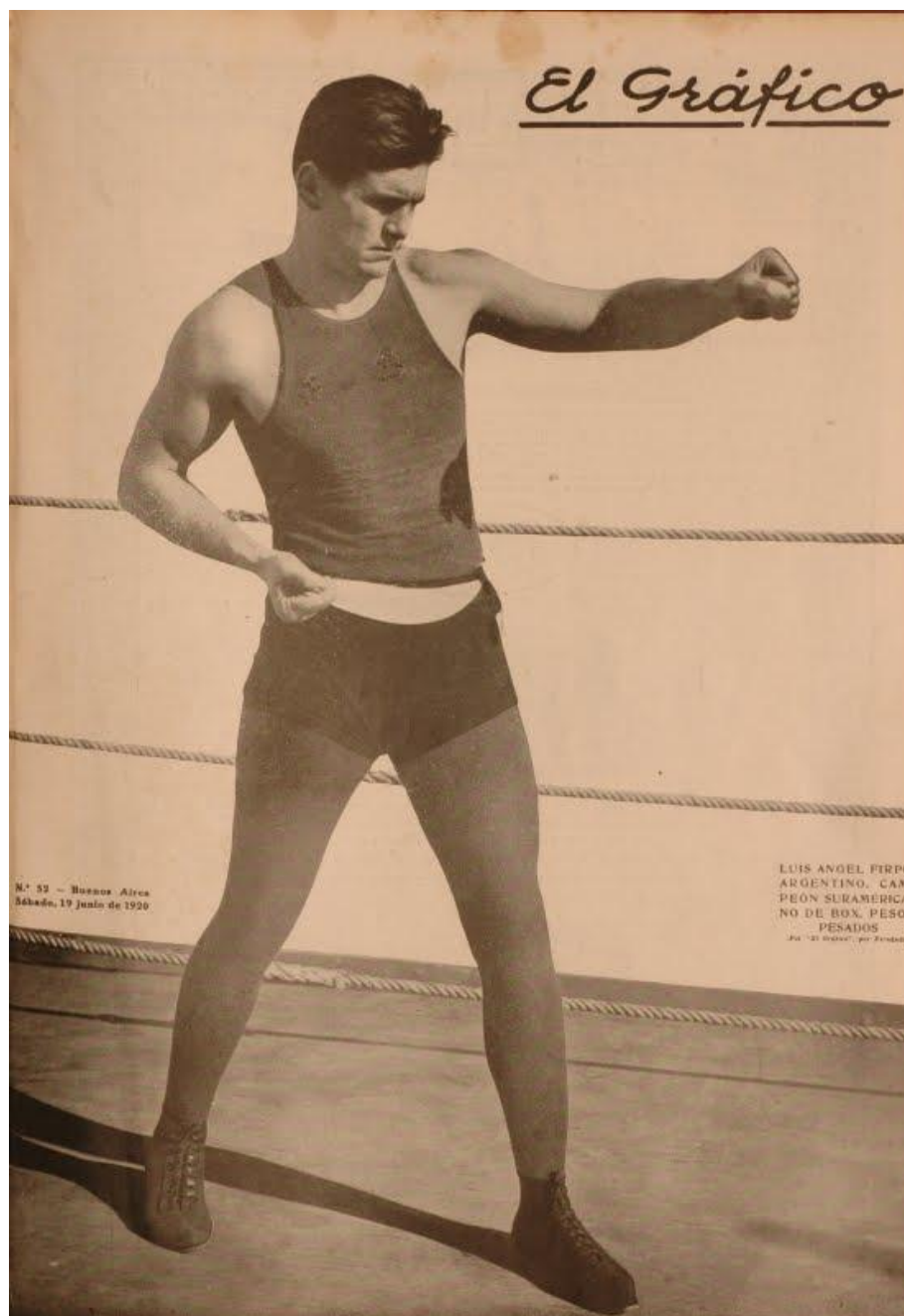


Figura 28 - Anexo 31 - Periódico Chileno “El Ring” (1917)

**Fonte:** Biblioteca Nacional de Chile - Semanário de Sport's ‘El Ring’. Nº 1, Ano 1. Santiago, 2 de junho de 1917.

**Link:** <http://www.memoriachilena.cl/archivos2/pdfs/MC0059307.pdf> / Acessado: 16.11 2017, às 13:08.

**ANEXO 32 – BOXEADOR ARGENTINO LUÍS ÁNGEL FIRPO**

**Figura 29 - Anexo 32- Boxeador Argentino Luís Ángel Firpo**

**Fonte:** Revista El Gráfico. N° 52, Buenos Aires. Sábado, 19 de junho de 1910

**Link:** <http://revistas-el-grafico.blogspot.com.br/2011/03/boxeo-luis-angel-firpo-19-de-junio-de.html> / Acessado: 16.11.2017, às 11:05

## ANEXO 33 – BOXEADOR URUGUAIO ÁNGEL DANIEL RODRIGUEZ

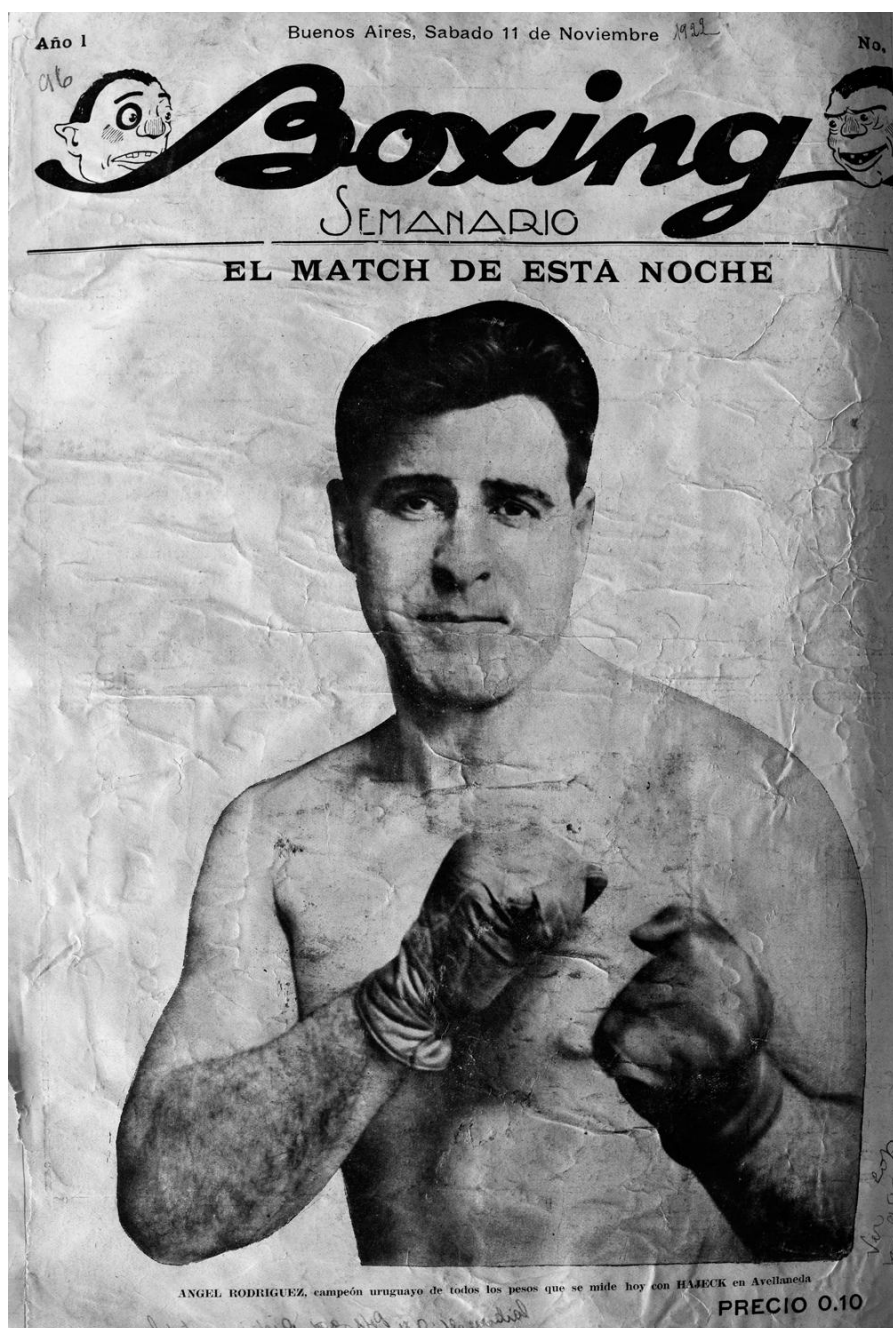


Figura 30 - Anexo 33 – Boxeador Uruguaio Ángel Daniel Rodriguez

**Fonte:** Boxing Semanário. Ano 1. Buenos Aires, sábado, 11 de novembro de 1922.

**Link:** <http://bolsosencatalunya.com/boxeo-angel-daniel-rodriguez-angelito/angel-daniel-rodriguez-angelito-campeon-sudamericano-de-box-17/> Acessado em 16.11.2017, às 11:11

ANEXO 34 – JOSÉ FLORIANO PEIXOTO, CAMPEÃO DE BOXE E LUTA  
GRECO-ROMANA

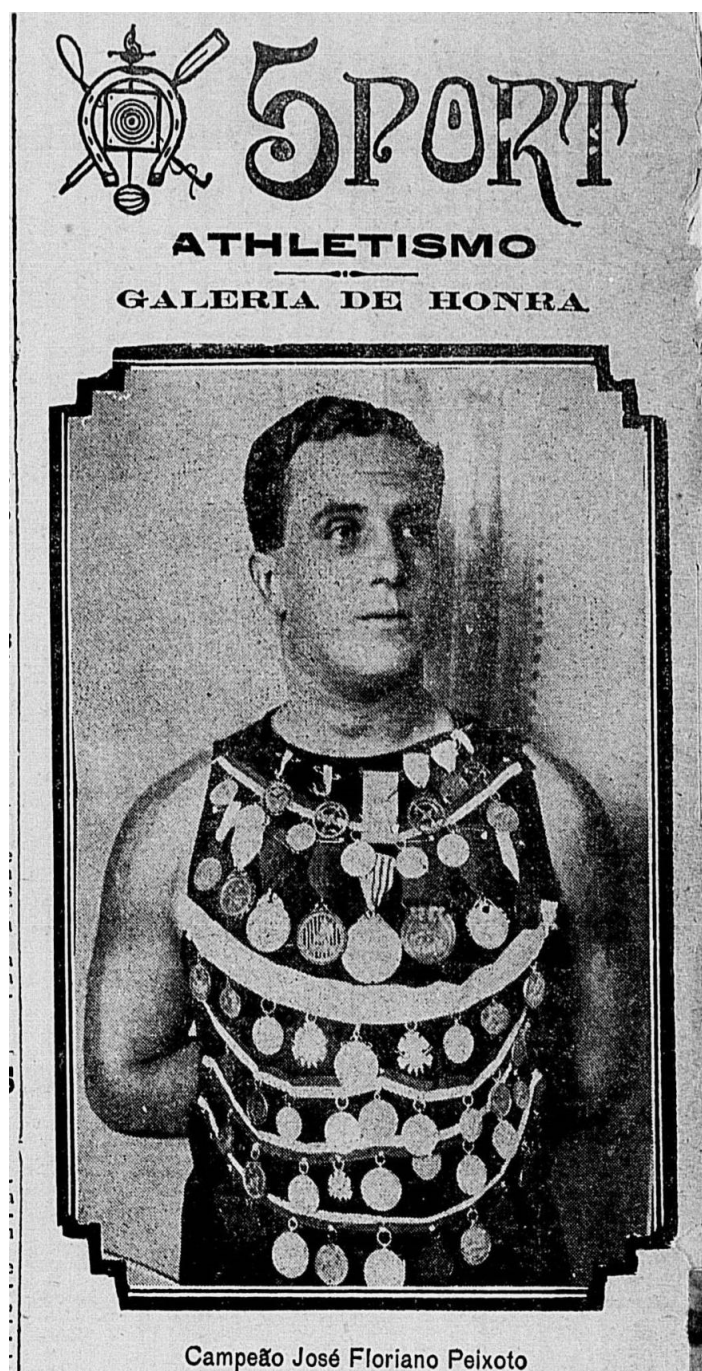


Figura 31 - Anexo 34 – José Floriano Peixoto, Campão de Boxe e Luta Romana

Fonte: Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. Periódicos, Jornal A Época, Rio de Janeiro, 3 de abril de 1913.

ANEXO 35 – JACK MURRAY *VERSUS* BILL JACKSON

**THEATRO MAISON MODERNE**

—••—  
**Empresa Paschoal Segreto**  
—••—

**BREVEMENTE**  
Grande desafio  
**DE “BOX”**  
Entre os campeões mundiais

**JACK MURRAY**  
Americano, 90 kilos  
E

**BILL JACKSON**  
Campeão da Jamaica, com 93 kilos  
—••—

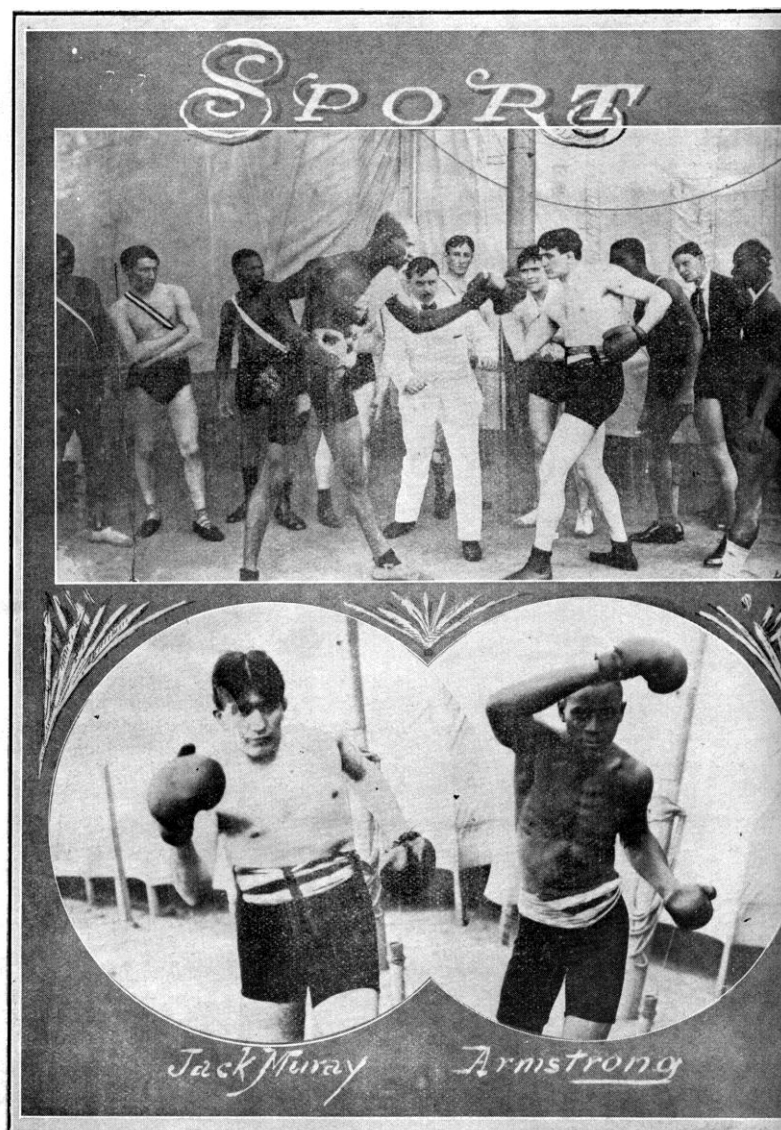
**Pela primeira vez  
no Brazil, o novo e  
emocionante “sport”**

Figura 32 - Anexo 35 – Jack Murray x Bill Jackson

**Fonte:** Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. Periódicos, Jornal A Época, Rio de Janeiro, 25 de setembro de 1912.



## ANEXO 36 – JACK MURRAY VERSUS ARMSTRONG



A *troupe* de *sportmen* que disputaram recentemente o grande campeonato *box* no Pavilhão Variedades

Figura 33 - Anexo 36 – Jack Murray x Armstrong

**Fonte:** RODRIGUES, Marilita. A constituição e enraizamento do esporte na cidade – uma prática moderna de lazer na cultura urbana de Belo Horizonte (1894-1920). Tese de Doutorado em História da Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2006. Imagem: Revista Vita, Coleção Linhares, julho de 1913, p. 34. Imagem cedida pela autora.

**ANEXO 37 – HERMINÍO SPALLA VERSUS BENEDITO DOS SANTOS****Figura 34 - Anexo 35 - Spalla****Figura 35 - Anexo 37 - Benedito**

**Fonte:** Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. Periódicos, Jornal Correio Paulistano, São Paulo, 11 de maio de 1924.

**ANEXO 38 – LEI ORDINÁRIA Nº 2860, DE 28 DE ABRIL DE 1925.****AUTORIZA A CONCESSÃO DE LICENÇAS PARA O JOGO DE BOX.**

O Dr. Luciano Gualberto, Vice-Prefeito do Município de São Paulo, em exercido, Faço saber que a Camara, em sessão de 20 de dezembro de 1924, decretou e eu, nos termos da Resolução nº 351, de hoje, promulgo a seguinte Lei:

**Art. 1º** - Fica o Prefeito autorizado a conceder licenças para as competições publicas do sport denominado "box" mediante prévio regulamento que será expedido de accôrdo com a Commissão que actualmente dirige aquelle sport nesta capital.

**Art. 2º** - Nenhum jogo publico de "box" será permittido sem que as suas condições tenham sido approvadas pelo Prefeito, de accôrdo com as informações da referida Commissão e pagos os respectivos emolumentos de alvará de licença.

Parágrafo Único. No caso de ser extincta, em qualquer tempo, a Commissão de "Box" de São Paulo, fica o Prefeito autorizado a organizar uma nova Commissão para substituil-a.

**Art. 3º** Revogam-se as disposições em contrario.

O Director Geral da Prefeitura a faça publicar.

Prefeitura do Município de São Paulo, 28 de abril de 1925, 372º da fundação de São Paulo.

O Vice-Prefeito, em exercicio, L. Gualberto.

O Director Geral, Luiz Tavares.

**Fonte:** <https://leismunicipais.com.br/a/sp/s/sao-paulo/lei-ordinaria/1925/286/2860/lei-ordinaria-n-2860-1925-autoriza-a-concessao-de-licencas-para-o-jogo-de-box> Acesso: 14.08.2017, às 06:19.

**ANEXO 39 – RUA DOS ANDRADAS**

**Figura 36 - Anexo 39 - Rua dos Andradas**

**Fonte:** Museu de Porto Alegre Joaquim Felizardo. Acervo Fotográfico.

**ANEXO 40 – MAPEAMENTO DE CINEMAS, TEATROS E CLUBES QUE DIVULGAVAM O BOXE  
(PLANTA DE PORTO ALEGRE, 1914)**

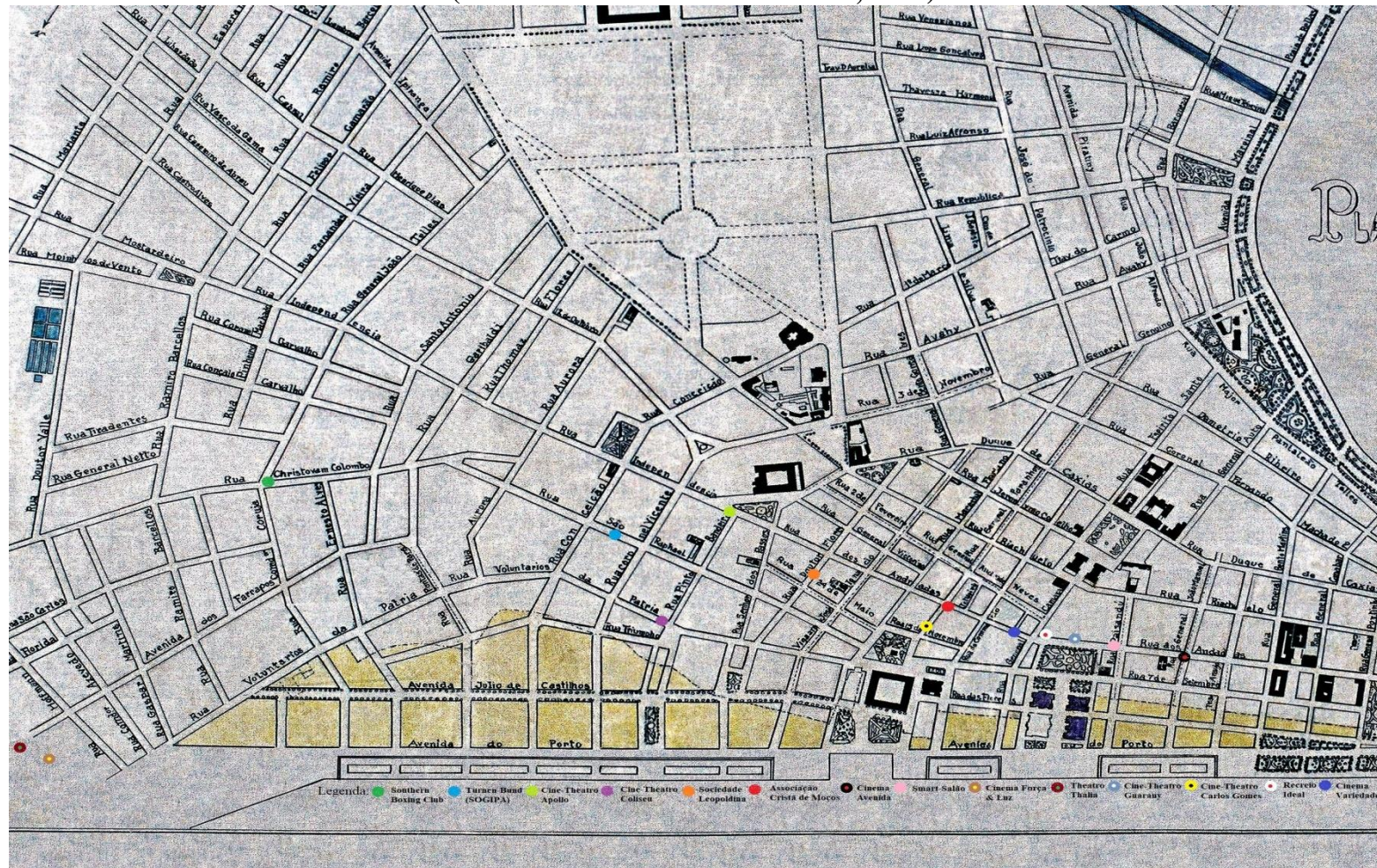


Figura 37 - Anexo 40 - Mapeamento de cinemas, teatros e clubes que divulgavam o boxe.

Fonte: IHRGS. Plano Geral de Melhorias. Projeto de 1914. Preservação do Acervo Cartográfico do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul.

**ANEXO 41 – CINE-TEATRO COLISEU**

**Figura 38 - Anexo 41 - Cine-Teatro Coliseu**

**Fonte:** Museu de Porto Alegre Joaquim Felizardo. Acervo Fotográfico.

**ANEXO 42 – CINE-TEATRO ELDORADO (FOTO DE 1909)**

**Figura 39 - Anexo 42 - Cine-Teatro Eldorado**

**Fonte:** Museu de Porto Alegre Joaquim Felizardo. Acervo Fotográfico.

**ANEXO 43 – JARDIM ZOOLOGICO**

**Figura 40 - Anexo 43 - Jardim Zoológico**

**Fonte:** Museu de Porto Alegre Joaquim Felizardo. Acervo Fotográfico.



**ANEXO 44 – ARMÍNIO PURPER**

**Figura 41 - Anexo 44 - Armínio Purper**

**Fonte:** Acervo pessoal da família Purper. A utilização da imagem foi autorizada pelo filho.

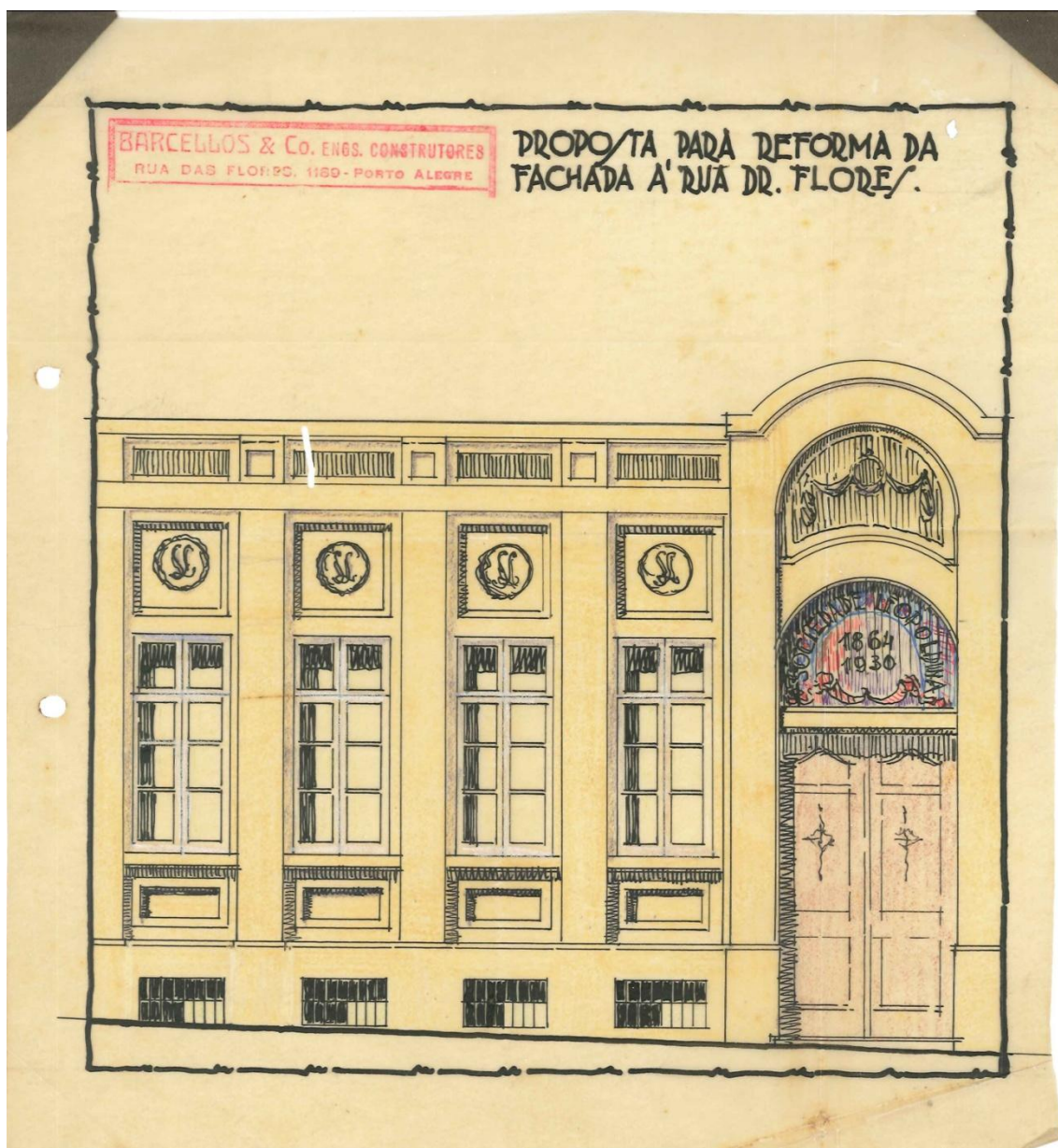
**ANEXO 45 – FACHADA DA ANTIGA SEDE DA SOCIEDADE LEOPOLDINA**

Figura 42 - Anexo 45 - Fachada da antiga sede da Sociedade Leopoldina.

Fonte: Memorial da Associação Leopoldina Juvenil.

**ANEXO 46 – MEDALHA DO CAMPEONATO DE BOXE DE 1926****Figura 43 - Anexo 46 - Medalha do campeonato de Boxe de 1926****Figura 44 - Anexo 46 - Medalha do campeonato de Boxe de 1926 [2]**

**Fonte:** Acervo pessoal da família Purper. A utilização da imagem foi autorizada pelo filho.

## **APÊNDICES**

**APÊNDICE 1 - INFORMAÇÕES DE PRIZE-FIGHTING INGLESES (1719 – 1870)**

<b>Nome</b>	<b>Apelido</b>	<b>Data e local de nascimento e óbito</b>	<b>Data que se tornou campeão e lutador que venceu</b>	<b>Cartel</b>	<b>Patrocinador</b>	<b>Observações</b>
<b>James Figg</b>	First Champion (Primeiro campeão)	1695 (Oxfordshire) / 1734 (London)	1719. Reivindicou o título de campeão da Inglaterra.	9	Duque de Peterborough	Campeão de 1719-1730. Renunciou o título em 1730.
<b>Tom Pipes</b>	The Claimant (O Reclamante)	1702 (Lugar desconhecido) / Data e local de óbito desconhecido.	1730. Reivindicou o título de campeão da Inglaterra após a aposentadoria de Figg.	5	-	O lutador Bill Greeting contestou seu título.
<b>George Taylor</b>	The Barber (O barbeiro)	1716 (Lugar desconhecido) / 1758 (Londres)	1734. Reivindicou o título após a morte de James Figg	5	Frederico, Príncipe de Gales.	Campeão de 1734-1736. Tornou-se dono do Anfiteatro Figg.
<b>Jack Broughton</b>	The Father of Boxing (O pai do boxe)	1704 (Cirencester) / 1789 (London)	1736. Venceu George Taylor.	15	William, Duque de Cumberland	Campeão de 1736-1750
<b>Jack Slack</b>	The Norfolk Butcher (O açougueiro do condado de Norfolk)	1721 (Norfolk) / 1768 (London)	1750. Venceu Jack Broughton.	12	William, Duque de Cumberland.	Campeão de 1750-1760.
<b>William Stevens</b>	The Nailer ( O pregador)	1736 (Staffordshire) / 1781 ou 1794 (London)	1760. Venceu Jack Slack em 27 minutos, em Londres.	6	Duque de York	Campeão de 1760-1761
<b>George Meggs</b>	The Collier (O minerador)	1735 (Bristol) / Data e local desconhecido	1761. Venceu William Stevens, em Londres, em 17 minutos.	6	Jack Slack	Campeão de 1761-1761
<b>George Millsom</b>	The Baker (O padeiro)	1740 (Bath) / Data e local desconhecido.	1762. Venceu George Meggs em Wiltshire	4	-	Campeão de 1762-1764
<b>Tom Juchau</b>	The Pavior (O pavimentador)	1740 (Local desconhecido) / Data	1764. Venceu George Millsom.	3	Duque de Richmond	Campeão de 1764-1766 “Black Period”

		e local desconhecido.				
<b>William Bill Darts</b>	The Dyer (O tintureiro)	1741 (Londres) / 1781 (Local desconhecido)	1766. Venceu Tom Juchau.	7	Duque de Richmond	Campeão de 1766-1771
<b>Peter Corcoran</b>	The "Irish Champion" (O campeão irlandês)	1740 (Kildare, Irlanda) / 1784 (Local desconhecido)	Venceu William Darts em 1771. O primeiro irlandês a ganhar um campeonato na Inglaterra	7	Coronel Dennis O'Kelly	Campeão de 1771-1776
<b>Harry Sellars</b>	The West Countryman (O compatriota)	1753 (Bristol) / Local e data desconhecidos.	1776. Venceu Peter Corcoran	7	Jack Slack	Campeão de 1776-1779
<b>Jack Fearn</b>	Duggan Fearn	1754 (Irlanda) / Local e data desconhecidos.	1779. Venceu Harry Sellars.	1	-	Campeão de 1779-1783. Deixou o título vago.
<b>Thomas Jackling</b>	Tom Johnson	1750 (Yorkshire) / 1797 (Irlanda)	1783. Venceu Jack Jarvis.	11	Bullock, Duque de Surrey	Campeão de 1783-1790
<b>Benjamin Brain</b>	Big Ben Brain	1753 (Bristol) / 1794 (Londres)	1790. Venceu Tom Johnson.	10	Duque de Hamilton	Campeão de 1790-1791. Morreu. Deixou o título vago.
<b>Daniel Mendonza</b>	The Jewish Champion (O campeão judeu)	1764 (Londres) / 1836 (Londres)	1794. Venceu William Hooper.	32	Sir Thomas Aprece, Mr. Elwood.	Tornou-se campeão dos pesos leves em 1883. Campeão do peso intermediário, em 1884. Campeão dos médios em 1788. E campeão de todos pesos da Inglaterra em 1794. Campeão de 1794-1795.
<b>Gentleman John Jackson</b>	The Emperor of pugilism (O imperador do puguilismo)	1769 (Londres) / 1845 (Londres)	1795. Venceu Daniel Mendonza.	3	Coronel Harvey Aston	Campeão de 1795-1796. Se retirou para abrir uma escola de boxe.
<b>Thomas Owen</b>	The Fighting Oilman (O lutador produtor de Petróleo)	1769 (Portsea, Inglaterra) / 1843 (Londres)	1796. Venceu William Hooper.	8	-	Campeão de 1796-1797
<b>Jack Bartholomew</b>	Barty	1763 (Middlesex,) / 1803 (Westminter)	1797. Venceu Will Wood.	5	Lord Camelford	Campeão de 1797-1800
<b>Jem Belcher</b>	Napoleon of the Ring	1781 (Bristol) / 1811	1800. Venceu Jack	19	John Cullington,	Campeão dos pesos médios e

	(O Napoleão dos ringues)	(Londres)	Bartholomew.		Fletcher Reid	1799. Campeão da Inglaterra de 1800-1805
<b>Henry “Hen” Pearce</b>	The Game Chicken (O belo e rápido pugilista)	1777 (Bristol) / 1809 (Londres)	1805. Venceu Jem Belcher.	10	Captain Halliday, Coronel Henry Mellish	Reivindicou o título em 1804, mas tornou-se campeão de 1805-1807
<b>John Gully</b>	The Potter (O ceramista)	1783 (Gloucester, Bristol) / 1863 (Durham)	1807. Venceu Henry Pearce.	8	Fletcher Reid, Capitão Barclay	Campeão de 1807-1808. Retirou-se invicto. Tornou-se proprietário e apostador em corrida de cavalos. Tornou-se membro do parlamento inglês em 1832.
<b>Thomas “Tom” Cribb</b>	The Black Diadmond (O diamante negro)	1781 (Gloucestershire) / Londres (1848)	1809. Venceu Jem Belcher.	24	-	Campeão de 1809-1822. Foi o primeiro a ganhar um cinturão, de pele de leão. Renunciou o título em 1822.
<b>Thomas “Tom Spring” Winter</b>	The Light Tapper (Golpes suaves)	1795 (Herefordshire) / 1851 (Holborn)	1822. Se denominou campeão após a renúncia de Cribb. 1823. Venceu Bill Neat.	17	Laurence Sant, Mr. Elliot.	Campeão de 1822-1824. Se retirou dos ringues em 1824.
<b>Tom Cannon</b>	The Great Gun of Windsor (O grande atirador de Windsor)	1790 (Eton) / 1858 (Londres)	1824. Venceu John Hudson.	6	Escudeiro Pea Green Hayne.	Campeão de 1824-1825.
<b>Jem Ward</b>	The Black Diamond (O diamante negro)	1800 / 1884	1825. Venceu Tom Cannon.	22	Sir Bellingham Graham, Mr. Hayne	Campeão de 1825-1832. Retirou-se dos ringues.
<b>James Burke</b>	The Deaf Un (O surdo)	1809 (Londres) / 1845 (Londres)	1833. Venceu Simon Byrne.	24	Joe Parish, Marquês de Waterford (nos EUA); Bill Fuller, James Caldwell, William Brandram (Inglaterra)	Campeão de 1833-1839. Foi um dos primeiros pugilistas ingleses a visitar e lutar nos EUA.
<b>William</b>	Bold Bendido (O	1811 (Nottingham) /	1839. William	22	Mr. Jephson, Joe	Campeão de 1839-1840

<b>Thompson</b>	corajoso Bendigo)	1880 (Beeston)	Thompson venceu James Burke.		Whitaker	
<b>Ben Caunt</b>	The Torkard Giant (O gigante de Torkard)	1815 (Torkard) / 1861 (Londres)	1840. Ben Caunt venceu William Thompson.	11	Jack Risdale, Ben Butler	Campeão de 1840-1841
<b>Nicholas Ward</b>	Nick Ward	1811 (Londres) / 1850 (Londres)	1841. Venceu Ben Caunt.	7	Mr. Munro, Mr. Coleman, Jem Ward (seu irmão, campeão em 1825)	Campeão em 1841.
<b>Ben Caunt</b>	The Torkard Giant (O gigante de Torkard)	1811 (Londres) / 1850 (Londres)	1841. Venceu Nicholas Ward.	11	Jack Risdale, Ben Butler	Campeão de 1841-1845
<b>William Thompson</b>	Bold Bendido (O corajoso Bendigo)	1811 (Nottingham) / 1880 (Beeston)	1839. William Thompson venceu James Burke.	22	Mr. Jephson, Joe Whitaker	Campeão de 1845-1850. Retirou-se dos ringues em 1850.
<b>William Perry</b>	The Tipton Slasher (O lenhador de Tipton)	1819 (Tipton) / 1881 (Wolverhampton)	1850. Venceu Harry Broome	17	Jem Ward e Owen Swift	Campeão de 1850-1851.
<b>Henry Alfred Broome</b>	Unknow (O desconhecido)	1826 (Birmingham) / 1865 (Portsmouth)	1851. Venceu William Perry.	11	John Broome e Levi Eckersley	Campeão dos pesos leves, em 1843. Campeão da Inglaterra de 1851-1856. Retirou-se dos ringues.
<b>Tom Paddock</b>	The Redditch Needlepointer (O pontuador de	1824 (Redditch) / 1863	1856. Venceu Henry Broome.	19	Johnny Broome e Alec Keene.	Campeão de 1856-1858.
<b>Tom Sayers</b>	The Brighton Boy (O garoto de Brighton)	1826 (Brighton, Sussex) / 1865 (Londres)	1858. Venceu Tom Paddock	21	John Gideon e Sr. Edward Kent	Campeão dos pesos médios em 1853. Campeão da Inglaterra de 1858-1860. Retirou-se dos ringues.
<b>Sam Hurst</b>	The Staleybridge Infant (sem tradução)	1832 (Yorkshire) / 1882 (Lancashire)	1860. Venceu Tom Paddock.	2	Mr. Woolley e Mr. Hyde	Campeão da Inglaterra de 1860-1861
<b>Jem Mace</b>	Gypsy (O cigano, o viajante)	1831 (Norfolk) ; 1910 (Liverpool)	1861. Venceu Sam Hurst.	Mais de 150 lutas, a	-	Campeão dos peso médios em 1858. Campeão da Inglaterra de 1861-1862. Começou seu <i>tour</i>



				maioria de exibição (3 rounds)		pela América em 1869.
<b>Tom King</b>	The Fighting Sailor (O marinheiro lutador)	1835 (Londres) / 1888 (Londres)	1862. Venceu Jem Mace.	10	Jem Ward	Campeão de 1862-1863. Retirou-se dos ringues em 1863.
<b>Joe Wormald</b>	-	1841 (Londres) / 1871 (Quebec, Canadá)	1864. Venceu George Iles.	8	-	Campeão em 1865. Foi para a América em 1868.
<b>Jem Mace</b>	Gypsy (O cigano, o viajante)	1831 (Norfolk) ; 1910 (Liverpool)	1866. Venceu Joe Goss.	Mais de 150 lutas, a maioria de exibição (3 rounds)	-	Campeão dos pesos médios em 1858. Campeão da Inglaterra de 1861-1862, e de 1866-1870. Começou seu <i>tour</i> pela América em 1869.

**APÊNDICE 2 - INFORMAÇÕES DOS LUTADORES DE *BARE-KNUCKLE* (1841 – 1889)**

<b>Nome</b>	<b>Apelido</b>	<b>Data e local de nascimento e óbito</b>	<b>Data que se tornou campeão e lutador que venceu</b>	<b>Cartel</b>	<b>Patrocinador</b>	<b>Observações</b>
<b>Tom Hyer</b>	-	1819 (Nova York) /1864 (Nova York)	É considerado o primeiro campeão norte-americano. Venceu em 1841 Mc Chester.	4	-	Campeão de 1841-1851. Deixou os ringues em 1851.
<b>Frank Murray</b>	Yankee Sullivan	1811 (Irlanda) / 1856 (Califórnia)	Intitulou-se campeão norte-americano com a saída de Hyer dos ringues.	15	-	Campeão de 1851-1853.
<b>John Morrissey</b>	Old Smoke (Velha fumaça)	1831 (Irlanda) / 1878 (Nova York)	Venceu Yankee Sullivan em 1853.	6	-	Campeão de 1853-1858.
<b>John Heenan</b>	Benecia Boy (garoto propaganda da Fábrica de Tabaco Benecia)	1835 (Nova York) / 1873 (Nova Uork)	Intitulou-se campeão norte-americano com a saída dos ringues de John Morrissey.	10	-	Campeão em 1860, com título de Campeão Americano e Campeão da Inglaterra. Permaneceu até 1863, depois deixou os ringues.
<b>Joseph Henry Coburn</b>	Joe Coburn	1835 (Irlanda) / 1890 (Nova York)	Intitulou-se campeão norte-americano com saída dos ringues de John Heenan. Venceu Mike Mc Coole em 1863	49 (A maioria de exposição. 3 rounds)	-	Campeão de 1863-1865. Deixou os ringues em 1865.
<b>Jim Elliot</b>	-	1838 (Irlanda) / 1883 (Chicago)	Intitulou-se campeão norte-americano com a saída dos ringues de Joseph Coburn. Venceu Bill Davis em 1867.		-	Campeão de 1865-1869. Deixou os ringues por estar preso por assalto a mão armada na Penitenciária da Filadélfia.

<b>Tom Allen</b>	-	1839 (Inglaterra) / 1903 (Missouri/EUA)	Venceu Bill Davis em 1869.	37	-	Campeão inglês dos pesos médios em 1865. Campeão americano de 1869-1870.
<b>Jem Mace</b>	Gypsy (O cigano, o viajante)	1831 (Norfolk) ; 1910 (Liverpool)	Venceu Tom Allen em 1870.	Mais de 150 lutas, a maioria de exibição (3 rounds)	-	Campeão americano de 1870-1971. Retirou-se dos ringues profissionais para fazer suas exibições pela América.
<b>Tom Allen</b>	-	1839 (Inglaterra) / 1903 (Missouri/EUA)	Venceu Mike Mc Coole em 1873.	37	-	Campeão americano de 1873-1876. Em 1877 voltou para a Inglaterra, onde disputou várias pelepas.
<b>Joe Goss</b>	-	1837 (Inglaterra) / 1885 (Boston/EUA)	Intitulou-se campeão americano após a saída de Tom Allen, em 1876.	50. A maioria de exibição (3 rounds)	-	Campeão inglês dos pesos médios em 1863. Imigrou para os Estados Unidos em 1867. Fez muitas lutas de exposição com Jem Mace. Campeão americano de 1876-1880.
<b>Patrick Ryan</b>	Paddy Ryan	1853 (Irlanda) / 1900 (Nova York)	Venceu Joe Goss, em 1880, no West Virgínia.	47. A maioria de exibição (3 rounds)	-	Campeão americano de 1880-1882
<b>John Sullivan</b>	Boston Strong Boy (O garoto forte de Boston)	1858 (Boston) / 1918 (Massachusetts)	Venceu Patrick Ryan em 1882, em sua primeira defesa do título.	289 lutas. A maioria de exibição (3 rounds).	Billy Madden, Al Smith, Frank Moran, Pat Sheedy, Harry Phillips, Charles Parson Davies, Ed Holske, Jimmy Wakely, Frank Hall, Arthur Lumley, William Muldoon.	Começou a lutar em 1877 e parou em 1909. Lutou nos EUA, Canadá, Irlanda, Inglaterra, País de Gales. Campeão de 1882 a 1889.

**APÊNDICE 3 - INFORMações DOS BOXEADORES PROFISSIONAIS NORTE-AMERICANOS (COM LUVAS) REGRAS  
MARQUÊS DE QUEENSBERRY (1892-1926)**

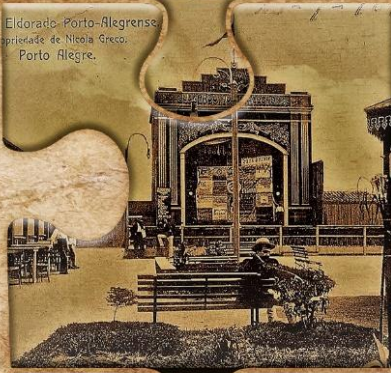
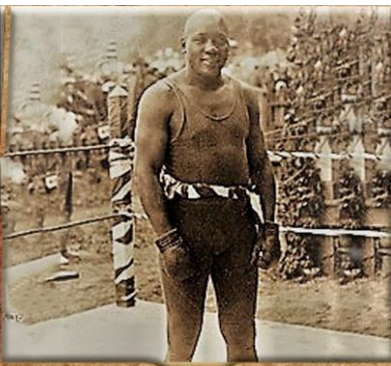
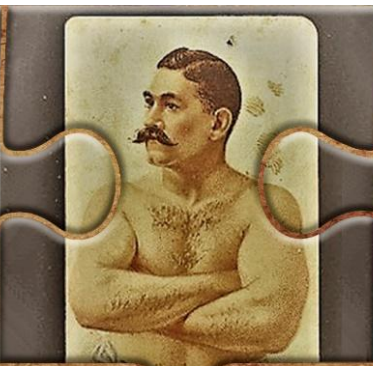
<b>Nome</b>	<b>Apelido</b>	<b>Data e local de nascimento e óbito</b>	<b>Data que se tornou campeão e lutador que venceu</b>	<b>Cartel</b>	<b>Patrocinador</b>	<b>Observações</b>
<b>John Sullivan</b>	Boston Strong Boy (O garoto forte de Boston)	1858 (Boston) / 1918 (Massachusetts)	Entre 1882 e 1892 foi campeão mundial de pugilismo. Lutou com mãos nuas até 1889, mas já lutava com luvas desde 1885. Perdeu seu título para James Corbett.	42 lutas oficiais. Mais de 240 de exibição (3 <i>rounds</i> ).	Billy Madden, Al Smith, Frank Moran, Pat Sheedy, Harry Phillips, Charles Parson Davies, Ed Holske, Jimmy Wakely, Frank Hall, Arthur Lumley, William Muldoon.	Começou a lutar em 1877 e parou em 1909. Lutou nos EUA, Canadá, Irlanda, Inglaterra, País de Gales. Campeão de 1885 a 1892.
<b>James Corbett</b>	Gentleman Jim	1866 (Califórnia) / 1933 (Nova York)	Venceu John Sullivan em 7 de setembro de 1892.	24 lutas oficiais. Mais de 200 de exibição (3 <i>rounds</i> ).	Charles Stenzel, Charles Parson Davies, William Brady, George Considine, James Mc Devitt.	Começou a lutar no boxe amador em 1884. No profissional, em 1889. Foi campeão de 1892 a 1897.
<b>Robert James Fitzsimmons</b>	Bob Fitzsimmons	1863 (Cornwall, Inglaterra) / 1917 (Chicago/EUA)	Venceu James Corbett em 17 de março de 1897.	103 lutas oficiais. Mais de 200 de exibição (3 <i>rounds</i> ).	Charles Glori, Martin Julian e Jimmy Carroll.	Começou a lutar em 1872, com 9 anos. No ano de 1882 foi campeão em três categorias: leve, intermediário e médio, da Nova Zelândia. Em 1890 foi

						campeão de pesos médios da Austrália. Um ano depois, campeão mundial de pesos médios. Foi campeão mundial dos pesados de 1897-1899.
<b>Marvin Hart</b>	The Fighting Kentuckian (O lutador do Kentucky)	1876 (Kentucky, EUA) / 1931 (Kentucky, EUA)	James Jeffries retirou-se dos ringues, então Hart disputou e venceu a peleja contra Jack Root, em 1905.	48 lutas oficiais.	Tommy Ryan, H. C. Dickins, John McKee	Começou a lutar em 1899. Campeão mundial dos pesos pesados entre 1905 e 1906.
<b>Tommy Burns</b>	The little Giant of Hanover (O pequeno gigante de Hanover)	1881(Vancouver, Canadá) / 1955 (Vancouver, Canadá)	Venceu Marvin Hart em 1906, quando este defendeu seu cinturão pela primeira vez.	62 lutas oficiais.	-	Começou a lutar em 1900. Em 1902 foi campeão dos pesos médios de Michigan. Em 1905 foi campeão dos pesos médios da Costa Pacífica. Campeão mundial dos pesados entre 1906 e 1908.
<b>Jack Johnson</b>	The Galveston Giant (O gigante de Galveston)	1878 (Texas/EUA) / 1946 (Carolina do Norte/EUA)	Venceu Tommy Burns em 1908, na Austrália.	123 lutas oficiais.	Morris Hart, Jonny Connors, Alec McLean, Sam Fitzpatrick, Abe Arends, George Little, Tom Flanagan, Sig Hart.	Começou a lutar em 1894. Em 1903 tornou-se campeão mundial negro dos pesos pesados. Foi campeão mundial entre 1908 e 1915. Sua última luta, em formato de exibição, foi em 1945, quando tinha 67 anos.
<b>Jess Willard</b>	The Pottwatomie Giant (O gigante de Pottwatomie, Kansas)	1881 (Kansas/EUA) / 1968 (Califórnia, EUA)	Venceu Jack Johnson em Havana, Cuba, em 1915.	29 lutas oficiais	J. D. Brock, A. W. Phillips e Tom Jones	Começou a lutar em 1910. Foi campeão mundial dos pesos pesados de 1915 a 1919. Perdeu seu cinturão em sua segunda defesa.
<b>Jack Dempsey</b>	The Manassa	1895	Venceu Jess Willard em	83 lutas	Andy Malloy, A. J.	Começou a lutar em 1914. Só

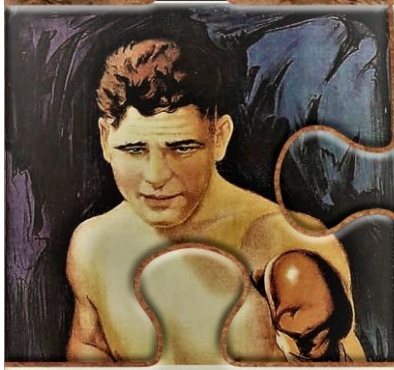
	Mauler ( O musculoso de Manassa, Colorado)	(Colorado/EUA) / 1983 (Nova York/EUA)	Toledo, Ohio/EUA, em 4 de julho de 1919. Nesta peleja, Dempsey nocauteou Willard sete vezes só no primeiro round.	oficiais.	Aurback, Frank Price, Jack Doc Kearns.	no ano de 1918, venceu 14 lutas e perdeu somente uma. Foi campeão mundial dos pesos pesados entre 1919 e 1926.
--	--	---------------------------------------	---	-----------	--	--

**APÊNDICE 4 - QUADRO COMPARATIVO SOBRE A CONSTITUIÇÃO DO BOXE MODERNO NA AMÉRICA LATINA**

<b>NOME DO PAÍS</b>	<b>PRIMEIROS VESTÍGIOS</b>	<b>PRIMEIRA LUTA OFICIAL</b>	<b>PRIMEIROS CLUBES DE BOXE NO PAÍS</b>	<b>FEDERAÇÃO E LEGALIZAÇÃO</b>	<b>PRIMEIRA MORTE</b>	<b>PROIBIÇÃO E REPRESSÃO</b>	<b>PRIMEIRA MEDALHA OLÍMPICA</b>
<b>CUBA</b>	1843 – Escola de boxe em Santiago de Cuba.  1886 – Instrutor de boxe no Clube Ginástico.	1892 – entre dois esportistas estadunidenses.	1904 – Y.M.C.A  1910 – Chegada de John Budinich e Jack Connel  1915 – Primeiros estádios de boxe profissional.  1918 – Ring Cuba	1920 – Comitê de Boxe de Havans  1921 – Comissão de Boxe e Luta Livre	1918 – José Marroquin	1899-1902  1910-1915  1918-1920	1968 – Enrique Requeiferos e Rolando Garbey
<b>CHILE</b>	1880 – em Valparaíso	1900 – Joe Darly contra Frank Jones	1897 – Academia de boxe de Juan Budinich	1916 – Federação Chilena de Boxe	1911 – Adolfo Morales	-	1956 – Claudio Barrientos, Ramón Tapia, e Carlos Lucas
<b>ARGENTINA</b>	1864 – Cox abriu um ginásio de boxe	1903 – Paddy Mc Carthy contra Abeldaro Robassio	1908 – Boxing Club Buenos Aires  1913 – Internacional Boxing Club	1920 – Federação Argentina de Boxe	-	1903-1924  Exceção para exibição em 1908-1910 e 1915.	1924 – Alfredo Porzio.
<b>URUGUAI</b>	1847 – Espetáculos de boxe realizados pelo Sr. Turner	1876 – Gumboath Lewis contra John Smith	1892 – Sociedade d Ginástica L’Avenir  1909 – Associação Cristiana de Jovens  1913 – Academia Uruguaia de Boxe	1915 – União de Sociedades de Boxe do Uruguai  1925 – Federação Uruguaia de Boxe	1924 – Germinal Corney morreu em treinamento  1929 – Mauro Galusso morreu de K.O	-	1964 – Washington Rodriguez



**Match de box**  
 PARIS, 25 — Realizou-se, hon-  
 tem, nesta capital, um *match* de  
 box entre os profissionais Marcel  
 Thomas e Badoud.  
 O combate devia terminar ao 15º  
 round, mas Thomas abandonou a  
 luta á/ *brise*, por não poder  
 aguentar os golpes formidáveis do  
 adversário.



**Notas sportivas**  
**Luta romana e box**  
 Um grupo de "sportsmen" enviou  
 ao campeão arabe Leão Beduino  
 Abdul Assa, actualmente em Bue-  
 nos Aires, uma carta, convidando-o  
 a vir a esta capital, jogar varios  
 "matschs" de box e luta romana com  
 o campeão belga Joseph Beerens.  
 As condições dos torneios serão as  
 usadas em todos os campeonatos.

